

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MARIA CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA ALVES

AFRANIO MARCILIANO DE FREITAS AZEVEDO: NARRATIVAS  
DE VIDA, DE PROFISSÃO E DE POLÍTICA

Uberlândia, MG  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO

MARIA CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA ALVES

AFRANIO MARCILIANO DE FREITAS AZEVEDO: NARRATIVAS  
DE VIDA, DE PROFISSÃO E DE POLÍTICA

*Versão corrigida*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos

Uberlândia, MG  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

A474a      Alves, Maria Cristina Santos de Oliveira, 1968-  
2021      Afranio Marciliano de Freitas Azevedo [recurso eletrônico] :  
narrativas de vida, de profissão e de política / Maria Cristina Santos de  
Oliveira Alves. - 2021.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5009>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Santos, Sônia Maria dos, 1960-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Educação. III. Título.

---

CDU: 37

André Carlos Francisco  
Bibliotecário – CRB-6/2047



### ATA DE DEFESA- PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação					
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 16/2021/290, PPGED				
Data:	Dezesseis de agosto de dois mil e vinte e um	Horário de início:	[18:00]	Horário de encerramento:	[22:30]
Matrícula do Discente:	11713EDU025				
Nome do Discente:	MARIA CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA ALVES				
Título do Trabalho:	"AFRANIO MARCILIANO DE FREITAS AZEVEDO: Narrativas de Vida, de profissão de Política."				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"História e perspectivas da formação de professores da educação básica"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Regina Celi Frechiani Bitte - UFES; Vilmar José Borges - UFES; Armindo Quillici Neto - UFU; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU e Sônia Maria dos Santos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando o trabalho o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sônia Maria dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Última da arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após o cumprimento de todos os demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Betaniade OliveiraLaterzaRibeiro, Professor(a)do Magistério Superior**, em 23/08/2021, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §1º, do [Decretonº8.539,de8deoutubrode2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Armindo Quillici Neto, Professor(a)do Magistério Superior**, em 23/08/2021, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §1º, do [Decretonº8.539,de8deoutubrode2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Vilmar JoséBorges, Usuário Externo**, em 23/08/2021, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §1º, do [Decretonº8.539,de8deoutubrode2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **ReginaCeli Frechiani Bitte, Usuário Externo**, em 23/08/2021, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §1º, do [Decretonº8.539,de8deoutubrode2015.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria dos Santos, Usuário Externo**, em 24/08/2021, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, §1º, do [Decretonº8.539,de8deoutubrode2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2981434** e o código **CRCA1E147D6**.

## MOMENTO DE AGRADECER

*Se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.*

WALTER BENJAMIN

Chegou o momento de encerrar parte de um ciclo da minha história, é preciso agradecer segundo as normas da ABNT e as minhas também. Vamos lá! Muitas pessoas fizeram parte desta caminhada diretamente ou indiretamente seja por um sorriso, uma palavra, oração, lanche, música, atividades físicas, almoço, enfim marcaram sua presença neste momento para que a caminhada fosse mais leve, mesmo assim estou convicta de que alguns nomes podem não estar registrados no papel, para estes peço perdão, pois a memória às vezes nos trai e desencadeia o esquecimento, vocês são muitos, por este motivo peço que entendam e sintam-se abraçadas (os) por tudo que fizeram por mim até o momento.

Agradeço a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo pela presença infinita em minha vida, antes de minha concepção já tinham sonhado comigo, me desenhado e planejado cada momento, acredito que tudo que vivi até hoje passou pelos sonhos e aprovação do Senhor. Quando me peguei fraca sem forças para continuar senti seu abraço forte me envolvendo, sua presença nos momentos de medo, sua orientação ao ler a Bíblia e ouvir canções de louvor, quando pensei em desistir o Senhor me mostrou o caminho a ser trilhado, muitas vezes me amparou pelas mãos de meus pais, filhos, irmãos, amigos e as vezes por desconhecido. O Senhor me ensinou a ser perseverante e enfrentar situações que sem a sua presença não enfrentaria. Aprendi que “Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal”. (Mateus 6:34). Ao Senhor minha eterna Gratidão.

Agradeço minha mãe Valda por estar sempre ao meu lado, na torcida silenciosa nas orações que faz com muito Amor e Fé, minha parceira de todas as horas, socorro imediato nas aflições. Meu pai Lázaro que consegue estar presente, mesmo ausente por meio de sua sabedoria e bom conselho. Gratidão por viverem comigo este momento. Amo muito vocês.

Aos meu príncipe Diego e minhas princesas Daniella e Dara como vocês são especiais, preciosos para mim, vocês me incentivam a buscar os meus sonhos, me vejo e me realizo em cada um de vocês, o amor que vocês tem para comigo me dá forças, me ergue e me faz prosseguir. Quando vocês falam: “Levanta Cris esta acabando você é ótima!”, “Não vou ler, somente quando acabar, pois sei que você vai conseguir”, “ Você é a melhor mamãe, vai ser minha doutora.” “Fala coroa. O que esta precisando” “Você esta fazendo o seu melhor”, “calma, vai dar tudo certo, talvez se você fizer novamente vai ficar melhor” e por ai vai. Cada encontro de família, cada sorriso, abraço que vocês me deram me fez forte. Sem falar nos filhos que a vida me presenteou batizado por genro e nora, Maitê (Maitezinha), Francisco (Fran) e Gustavo (Guga) vocês são preciosos para mim, cada um com o seu jeito ímpar de ser contribuíram com minha história. “Acaba com isto logo não aguento mais” Os domingos em família sempre me deram forças para continuar, as lives do Gustavo e Diego, churrasco do meu amor, a alegria de todos reunidos. Não tem preço. Muita Gratidão a todos vocês meus filhos.

Ao meu amor Pedro Alberto Alves Costa, juntos construímos um livro com muitas páginas e grandes histórias esta é mais uma. A você meu amor o meu muito obrigada! Obrigada, por todas as vezes que parou tudo para escutar atentamente a leitura que eu fazia da vida de Afranio Azevedo, por assistir documentários da ditadura comigo, por realizar leituras para depois compreender o que eu estava escrevendo, por ir ao Arquivo público Municipal para otimizar o meu tempo, obrigada pelo café após o almoço, obrigada por fazer deste momento algo mais leve e doce, obrigada pelas canções que tocou para mim para que eu pudesse mudar o foco e pelas cervejas geladas. Sou grata por fazer parte da minha vida e estar sempre ao meu lado.

Agradeço a Valéria (Valzinha), mais que irmã, minha amiga, parceira, companheira de longas conversas, sempre torcendo pelo meu sucesso. “Vida me surpreenda”. Thaís e Alfredo filhos do meu coração, obrigada pela presença constante em minha vida. A Nathalia que com seu jeitinho meigo de ser, me proporcionou

grandes diálogos a cerca da evolução do ser humano. Ao meu irmão Wanderlon pela torcida constante e muitas orações. A minha cunhada Maria Lidiomar, minhas sobrinhas Samara, Isabela e Ana Luiza obrigada por fazerem parte de minha vida.

As minhas amigas mais que irmãs, Maria Helena, Valdecina (Valda) e Maria Aparecida (Cidinha) e Maria de Fátima (Fatinha) pelos ensinamentos, conselhos, troca de experiência, sempre ao meu lado, torcendo por mim, vocês são pessoas especiais em minha vida.

Hoje, grande amiga e professora Dra Thais Cristina obrigada por nossas longas conversas até chegar a Monte Carmelo na época do RENAFOR, pelos planejamentos e troca de experiências, pelos sonhos e conquistas, pelos longos diálogos construídos a respeito da História e Historiografia da Educação.

Minha amiga professora Dra Vânia Aparecida M. Bernardes dos bancos da Pedagogia do ABRACEC para uma longa amizade. Vaninha, obrigada por tudo que você fez e faz por mim, você é uma pessoa que merece meu respeito sempre, você é exemplo de conquista, de perseverança, de luta, você é uma pessoa que acreditou em seus sonhos e foi em busca. Você é um exemplo a ser seguido. Gratidão!

A professora Doutora Eliana Dias, para além da correção dos textos da dissertação, da tese e das aulas de nossa língua materna para o ingresso e permanência na Pós, sua presença foi fundamental em minha caminhada acadêmica, grandes diálogos e ensinamentos para a vida.

A Roberta Ferreira, Kellen Marçal, Heloisa, Rejane, Luciana e Walkiria vocês são muitos especiais, obrigada por tudo que vocês fizeram por mim ao longo desta caminhada, pelas negociações, compreensão, por me ouvirem, me acolherem, vocês são profissionais excelentes, mas mais do que isto, vocês são minhas amigas guardadas para sempre em meu coração.

A todas (os) as (os) minhas/ meus amigas (as) da Escola Municipal Inspetora France Abadia Machado Santana, vocês são muito especiais agradeço cada um de vocês pela compreensão, apoio, pelas orações, pela presença em minha vida, por me ouvirem muitas vezes sem compreender nada kkkk por se preocuparem comigo, por cuidarem de mim. Muitas vezes me perguntaram: “Agora você para de estudar, chega né!” Obrigada!

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFU) James e Ali por atenderam sempre minhas solicitações, com muito respeito, dedicação e profissionalismo.

Aos professores das disciplinas cursadas Prof<sup>o</sup> Dr. Selmo Haroldo rezende, Prof<sup>o</sup> Dr Carlos Henrique Carvalho, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Romana Isabel Brázio Valente Pinho, Prof<sup>a</sup> Dra Sônia Maria dos Santos, muito obrigada pelos ensinamentos, por me apresentarem grandes teóricos e discussões enriquecedores em nossas aulas.

Aos colegas do doutorado que muito contribuíram para minha formação: Fernanda, Ana Cristina, Tamiris, Gabriela, Maria Helena Cicci, Ruth, Maria Juliana, Ludmila, Marisa Marra, Monalisa, Juliano, Kellen, Geracilda, Vanessa Lepick, Welbert, Euclides, Júlio, Kleyver, Carlos Boiago, Jaqueline Calixto, Bhya Duarte, Graziela Moura, Mayara, saudades de nossas aulas. Gratidão.

Ao grupo AS SECRETAS nele partilhamos alegrias e tristezas, objetivos após doutorado, rimos bastante e também trocamos angústias, momentos de bloqueio e assuntos de nossas vidas, meninas vocês são especiais. Para além do doutorado. Grandes momentos vividos. Fernanda, Tamires e Ana Cristina. Obrigada amigas.

Ao prof<sup>o</sup> Dr. Welbert Feitosa pela amizade, pelas leituras atentas e grandes orientações. Você contribuiu muito com meu trabalho.

A Kellen Cristina, Ruth, Juliano Guerra, muito obrigada pelas vezes que pedi Socorro e vocês sempre atentos se prontificaram a me ouvir e mostrar uma luz. Valeu!

Agradeço aos meu amigos orientandos da Prof<sup>a</sup> Dra Sônia, que fazem parte do grupo “História da Alfabetização: Lugares de Formação, Cartilhas e Modos de Fazer” pelas nossas trocas de conhecimento, por abrirem suas pesquisas para que pudéssemos contribuir e aprender com as mesmas, obrigada a todos vocês: Fabiane, Fernanda, Jack, Júlio, Kleyver, Regina Bittes, Dalva, Norma, Marizete e Patricia. Quero agradecer em especial a Prof<sup>a</sup> Dra Regina que foi incumbida de me acompanhar juntamente com a prof<sup>a</sup> Sônia, à você gratidão por suas leituras sempre atentas cuidadosas, por suas inserções e sugestões, pelas horas de reuniões sempre com muito zelo e atenção.

A minha querida Professora Dra Sônia Maria dos Santos, que em 2001 me aceitou como membro de seu grupo de estudos em Alfabetização na UFU e desde então nunca mais parei, participei de alguns projetos coordenados por ela, fui convidada para ser aluna ouvinte da disciplina de História Oral que ela ministrava, nesta aula soube do

falecimento do Dr. Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, naquele momento não dei atenção, mas ficou adormecida em mim aquela notícia, em 2016 fiz o processo para o doutorado com a intenção de pesquisar a vida do Secretario Municipal de Uberlândia Afranio Azevedo. E hoje anos depois defendo a minha tese sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Sônia, que faz parte da minha vida deste a década de oitenta, muitas histórias temos para contar a respeito da educação de Uberlândia e de nossa vida. A você “Soninha” obrigada pela confiança, por acreditar em mim e me propiciar momentos ricos de leitura e conhecimento sobre a História Oral, a arte da narrativa e da escuta atenta, desenvolver esta pesquisa foi muito importante para mim e para a educação municipal de Uberlândia. Gratidão.

Grata às professoras doutoras Marilia Vilela e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro pela leitura atenta e as considerações ao texto que levei para Banca de Qualificação, assim como aos membros da Banca de Defesa, a saber, Prof<sup>a</sup> Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, à Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Celi Frechiani Bitte, ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Armino Quillici e ao Prof<sup>o</sup> Dr. Vilmar José Borges, pelas contribuições .

Agradeço a todos os meus entrevistados que gentilmente cederam suas narrativas para que eu pudesse dialogar com as mesmas. Muito obrigada por confiarem a mim a vida, o trabalho, o amor que vocês tiveram e tem por Afranio Marciliano de Freitas Azevedo. Gratidão à Martha de Freitas Azevedo Pannunzio, Francisco Humberto de Freitas Azevedo, Eliane Huguene Santos, Sérgio Chaves, Pedro Divino Rosa (Popó), Aparecida Jesuína Nogueira, Guilherme Oliveira Saramago e Célia Maria do nascimento Tavares.

Agradeço aos colegas funcionários do Arquivo Público Municipal: Paulo, José Carlos, Carla, Marta por todas as vezes que estive presente neste local a atenção que vocês dedicaram a mim, o carinho que vocês realizam o trabalho de vocês e o cuidado que tem com as fontes.

Agradeço a diretora do CEMEPE Divina Lúcia da Silva, pela atenção e coleta de materiais para auxiliar na pesquisa, a inspetora Luiza da Secretaria Municipal de Educação, a Secretaria de Comunicação pela cedência das fotos, a Etiene da Cartografia por enviar vários BDIs quantas vezes foi solicitado.

Agradeço o Alain pela atenção que sempre me recebeu e a todos os funcionários da Secretaria Municipal de Educação que estiveram conectados a esta pesquisa direta ou indiretamente.

Quero agradecer todos os meus amigos que participam da minha vida e da da minha família (não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém especial), que torna nossos encontros mais alegres e divertidos, momentos estes que podemos sorrir cantar, agradecer ou simplesmente ficarmos pertos e em silêncio perceber que somos amigos.

Por fim, agradeço a Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, pelos anos em que atuou como Secretário Municipal de Educação de Uberlândia, deixando uma curiosa história para ser escrita.

*Dedico esta pesquisa a todos os professores da Educação Básica de todas as regiões de nosso país, que apesar da jornada dupla de trabalho em busca de sua sobrevivência, acredita que é na Educação que conseguiremos um país justo, humano e democrático.*

## RESUMO

Esta tese apresenta uma pesquisa desenvolvida em torno da história de vida de Afranio Azevedo, destacando algumas fases, sobretudo a de secretário de Educação. O objeto de estudo teve como foco a vida de um cirurgião plástico renomado pela prática médica, um militante político convicto e um desconhecido na política de Uberlândia, MG, sua cidade natal e onde se interessou pela Secretaria Municipal de Educação, na qual permaneceu por dezesseis anos. Desse argumento, foram derivados questionamentos sobre circunstâncias sociais e políticas em que Afranio Azevedo se tornou secretário de Educação, agentes públicos e arranjos influentes na escolha de seu nome, interesses e motivações, atributos intelectuais e educacionais que sustentaram a atuação como secretário. A pesquisa objetivou *ampliar* a compreensão das relações entre vida–família–política, sobretudo a lógica e influência política da família Freitas Azevedo, tendo em vista avanços e retrocessos nas ações do secretário de Educação. A pesquisa foi desenvolvida na linha de pesquisa “história e historiografia da educação” e conjuga a lógica documental com a empírica, a nova história cultural com a história oral. As fontes incluíram jornais, iconografia, documentos como estatutos e relatos orais, dentre outros. Os resultados ratificam a posição de Afranio Azevedo como um médico afeito ao trabalho intelectual presumível na gestão da área de educação. Esse interesse dual se relaciona com o seio familiar, em que o pai era político do partido comunista com força para se eleger deputado estadual em Goiás, assim como um homem convicto do papel da escola e da família a formação da prole. Política e educação eram presentes no cotidiano de Afranio Azevedo. Após residir mais de vinte anos no Rio de Janeiro, ele retornou para Uberlândia, em 1988. Inseriu-se na política local, de modo a assumir a secretaria de Educação mesmo não sendo pedagogo ou educador e não ter vinculação político-partidária necessária com o grupo político eleito. A indicação de seu nome foi feita por seu irmão, Chico Humberto, que se tornou vice-prefeito.

**Palavras-chave:** História de vida. Cirurgião plástico. Educação pública e política. Secretário de Educação. Uberlândia.

## ABSTRACT

This thesis presents a research developed around the life history of Afranio Azevedo, highlighting some phases, especially that of him as secretary of education. The subject matter focused on the life of a plastic surgeon renowned for his medical practice, a staunch political activist but unknown in the politics of Uberlândia, MG, his hometown and where he became interested in the department of education, ahead of which he remained for sixteen years. From this argument, questions were derived on social and political circumstances in which Afranio Azevedo became secretary of Education, on public agents, and on influential arrangements in the choice of his name, on interests and motivations, on intellectual and educational attributes sustaininh his performance as secretary. The research aimed to broaden the understanding of relationships between life, family, and politics, especially the logic and political influence of the Freitas Azevedo family, in view of advances and setbacks in the department of Education actions. The research was developed in the research line “history and historiography of education” and combines document souces with empirical ones, new cultural history with oral history. Sources included newspapers, iconography, statutes, and oral accounts, among others. Results confirm the position of Afranio Azevedo held as a physician with a fall for the intellectual work ones presumes in the education area management. Politics and education were present in the daily life of Afranio Azevedo. Such dual interest relates to his family — to his father: a man borne in Minas Gerais state and a communist party politician strong enough to be become congressman in another state; above all, a man selfassured of the school and family role in the education of sons and daughters. After living more than twenty years in Rio de Janeiro, Afranio Azevedo he returned to Uberlândia in 1988. He got involver with local politics, so as to take the poiution do secretary of Education, even though he had no pedagogic and no teaching training as well no necessary political bonds with the newly elected political group. The indication of his name was due to his brother, Chico Humberto, condution as Uberlândia’s vice mayor.

**Keywords:** Life history. Plastic surgeon. Public and political education. Secretary of Education. Uberlândia.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA	28
1.1 <b>História cultural como aporte teórico-conceitual</b>	28
1.2 <b>História oral como metodologia da pesquisa</b>	31
1.3 <b>Entrevistados da pesquisa</b>	36
1.4 <b>A biografia como método</b>	41
1.5 <b>Entrevistas na história oral</b>	45
1.6 <b>Importância do jornal impresso para pesquisa</b>	47
1.6.1 <i>Jornais pesquisados</i>	50
2 PANORAMA DE PESQUISAS: TESES E DISSERTAÇÕES	56
3 ENTRE A POLITIZAÇÃO E A PRISÃO: ITINERÁRIOS DE VIDA DE AFRANIO AZEVEDO	67
3.1 <b>Linhagem da família Freitas e Azevedo</b>	67
3.2 <b>O estudante de Medicina na cidade Rio de Janeiro</b>	81
3.3 <b>Cirurgia plástica e prisão: o caso do guerrilheiro Carlos Lamarca</b>	89
4 A MATURIDADE NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	100
4.1 <b>Afranio Azevedo e o cenário nacional e municipal da educação</b>	100
4.2 <b>Ideiais de Anísio Teixeira no discurso educacional em Uberlândia</b>	110
4.2.1 <i>Anísio Teixeira: origens, influências e ascensão</i>	111
4.2.2 <i>O pensamento de Anísio Teixeira na voz de Afranio Azevedo</i>	114
4.3 <b>O contexto educacional</b>	116
4.4 <b>A gestão de Afranio Azevedo na secretaria de Educação, 1989—96</b>	127
4.5 <b>Novo prefeito, mesmo secretário de Educação, 1993 a 1996</b>	151
4.6 <b>Retorno de Afranio Azevedo à secretaria de Educação, 2005—8</b>	161
4.7 <b>Novo mandato de Afranio Azevedo como secretário, 2009—12</b>	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	184

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se concentra na história de vida de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico atuante e renomado nascido em Uberlândia, MG, que conseguiu se manter como secretário Municipal de Educação por quatro mandatos, dentre outras facetas de sua trajetória histórica, inclusive de relevância na história do Brasil da segunda metade do século XX. A decisão de estudar tal personagem emanou de questões suscitadas durante o curso de mestrado e que escaparam ao escopo daquela pesquisa.

Com efeito, no mestrado tive a oportunidade de compreender o processo pelo qual a rede escolar de Uberlândia passava. No fim da década de 1980, começo da de 90, os professores se reuniam para efetivar estudos de teóricos renomados na área da educação. Essas leituras auxiliavam e subsidiavam a prática pedagógica e nos constituíam como professores alfabetizadores. Nossa prática pedagógica foi guiada por estudiosos como Emília Ferreiro, Jean Piaget, Celestin Freinet, Constanci Kami e outros. Importa destacar que uma pesquisa que muito me chamou a atenção foi a de Ferreiro (1986), que deslocou o foco de sua investigação para como o sujeito aprende, e não para como se ensina.

O crescimento e desenvolvimento da cidade se traduziram em aumento gradual da procura por vagas no município. A secretaria de Educação se expandia com o número de alunos e, logo, de professores. No ano de 1991, eram 570 professores, em 1995 esse número chegou a quase 201 mil, número relevante considerando o tempo (ALVES, 2007). Dado o aumento no quantitativo de docentes, foi se tornando difícil o encontro de todos para a chamada reciclagem. Os professores da rede escolar municipal eram incentivados a lerem os mesmos autores do campo da educação, por isso, de uma forma ou de outra, as diretrizes eram comuns, mais ou menos compartilhadas.

Nesse meio-tempo, houve um processo de mudança no cenário político uberlandense: saía a proposta da Democracia Participativa para retorno de um grupo político de orientação mais econômica, e menos social na lógica de governo. À frente do grupo estava o ex-prefeito Virgílio Galassi, cuja campanha de retorno ao poder público local foi vitoriosa. Ao mesmo tempo, havia retornado à sua cidade natal o médico Afranio Azevedo, que se mudou para o Rio de Janeiro a fim de estudar Medicina na

então Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e por lá permaneceu, atuando como cirurgião plástico.

De volta a Uberlândia, entrou na equipe subjacente à campanha vitoriosa de Galassi. Como membro do grupo que se alçou ao poder, o médico foi indicado para ser secretário Municipal de Saúde, como era presumível. Ele recusou o convite, mas expôs seu interesse em assumir a pasta de Educação; embora se possa ver aí certa incoerência, sua vontade foi feita. Afranio Azevedo ficou à frente da secretaria por quatro mandatos e sob a batuta de prefeitos distintos, mas com a mesma orientação política (de direita). O secretário, diferentemente, vinha de orientação contrária, desde o berço. Apesar das diferenças, houve interesses suficientemente em comum para gerar diálogos e mediações para que ele levasse a cabo seu projeto de educação para o município.

Do processo delineado com esses fatos, participei diretamente como agente educacional cuja vida profissional foi afetada diretamente pelas mudanças introduzidas na educação por Afranio Azevedo como secretário. Como membro do corpo docente municipal desde 1987, pude acompanhar de perto a transição de governo e perspectivas para a escola pública municipal. Nesse momento, minha familiaridade com o secretário e meu conhecimento de sua pessoa eram superficiais. Com a pesquisa do mestrado, houve certo aprofundamento do eu que sabia; mas nada que revelasse a complexidade de sua história.

Em todo caso, certa inquietação resistia em minhas reflexões: a permanência de um médico como secretário de Educação por tanto tempo. Inquietavam-me as motivações e as razões que levaram um médico-cirurgião plástico bem-sucedido a mergulhar no universo da educação pública municipal, face tão complexa e problemática da sociedade. É como se ele se interessasse não pelo poder público, mas pelo poder público para agir na educação; do contrário, poderia ter se tornado secretário de Saúde. Interessei-me em saber mais dessa personalidade da educação a fim de entender que atributos lhe deram credibilidade para assumir a pasta de Educação e que pensamento educacional subjaceu à convicção e sua ação tão longa como secretário; entender de onde vieram as concepções, as orientações, as diretrizes e as ideias educacionais e pedagógicas presumíveis na gestão de um secretário de Educação.

Mesmo que Afranio Azevedo não tivesse sido secretário Municipal de Educação por dezesseis anos, merecia — e merece — ter sua vida estudada mais a fundo, pois

revelam numerosas facetas. Viagens internacionais, medicina e militância política (ou seja, cirurgia em guerrilheiro), prisão, exílio (individual e introspectivo)... tudo aponta uma personalidade intrigante e complexa. Sua trajetória de vida oferece lastro para abordagens que considerem suas relações com a família, com sociedade, com a política, com a cultura, com a medicina e, é claro, com a educação. No contexto da pesquisa subjacente a esta tese, a vertente a que mais me referi primariamente foi a educacional conjugada com a política.

Com efeito, o contexto do objeto de estudo desta tese permeia o período de governo militar imposto em 1964, de lutas e reivindicações por direitos civis e por informações sobre o paradeiro de parentes, amigos e colegas. Não por acaso, Afranio Azevedo vivenciou fatos afins àqueles tempos, junto com seus familiares. O pai se assumia publicamente como comunista e espírita, a tal ponto que viabilizou a viagem, dos filhos para a então União Soviética. A viagem resultou na publicação de um livro de relatos missivistas e de cartões-postais sobre acontecimentos vividos. Em Afranio Azevedo, a ida à Europa antecipou seu despertar para a música, o esporte, a medicina (cirúrgico-plástica), a prisão e a administração municipal de educação, dentre outras facetas. Dada a família detentora de posses, ele teve infância abastada e adolescência privilegiada, a ponto de se graduar em Medicina na cidade do Rio de Janeiro. Em sua formação pessoal, educacional, cultural e política, pôde contar com um ambiente familiar em que o pai educou sua prole para que todos não só tivessem direitos iguais, mas ainda desenvolvessem um senso forte de igualdade de direitos como diretriz de vida.

Esta tese apresenta uma pesquisa desenvolvida em torno da história de vida de Afranio Azevedo, destacando algumas fases, sobretudo a de secretário de Educação. O objeto de estudo tem como argumento central o fato de um cirurgião plástico renomado pela prática médica e por publicações internacionais, mas desconhecido no meio político local, interessar-se pela Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia para aí permanecer por dezesseis anos; isto é, como secretário, ele teve fôlego e articulação políticas para atravessar mandatos de prefeitos diferentes, embora do mesmo grupo político partidário (cujas orientações políticas se coadunava pouco com a de um simpatizante do comunismo). Dito de outro modo, após voltar do Rio de Janeiro, ele se envolve com a política propriamente dita.

Desse argumento foram derivados questionamentos que delineiam o problema da pesquisa apresentada nesta tese. Nesse sentido, visto que seria mais coerente para um médico se tornar secretário de Saúde, em que circunstâncias sociais e políticas Afranio Azevedo se alçou à condição de secretário Municipal de Educação de Uberlândia? Que agentes públicos e que arranjos políticos influíram na escolha de seu nome? Que interesses e motivações subjazeram a tal escolha? Que atributos intelectuais e que ideais educacionais podem ter sustentado não só sua atuação como secretário de Educação, mas ainda sua indicação? Que cenário educacional ele encontrou no município? Que resultados o secretário apresentou como resultado das ações da secretaria com ele à frente?

A projeção de respostas para essas questões levou a situar a pesquisa aqui descrita como construção de conhecimento histórico que objetivou, em plano geral de investigação, ampliar a compreensão das relações entre educação pública e política no município de Uberlândia; sobretudo, a lógica e os arranjos político-partidários envolvidos na escolha do secretário de Educação. Tal objetivo geral pressupõe que a escolha do nome para o cargo de secretário municipal tende a seguir critérios mais de filiação e articulação partidária, e menos de conhecimento e experiência na área e de competência profissional-administrativa, por exemplo. A consecução de tal objetivo se projeta no estudo da vida de Afranio Azevedo com foco, sobretudo, em sua entrada na administração municipal escolar.

Alcançar esse objetivo geral exigiu parti-lo em objetivos específicos como forma de ajudar estruturar e guiar as ações de pesquisa tendo em vista a compreensão sistemática do problema da pesquisa e a especulação de seus questionamentos. Tais objetivos são:

- delinear o cenário político em que Afranio Azevedo assumiu a secretaria de Educação tendo em vista suas posições políticas e as posições do grupo partidário com que se envolveu como secretário de governo municipal, assim como agentes e arranjos políticos subjacentes à escolha de seu nome;
- apresentar uma compreensão sistemática da vida Afranio Azevedo que retrate suas relações com a educação, em especial a formação familiar, escolar e profissional, o envolvimento com agentes, ações e movimentos

educacionais, assim como sua formação intelectual tendo em vista suas experiências de vida;

- compor um panorama da educação em Uberlândia que seja parâmetro à apreensão do que foi feito após Afranio Azevedo assumir a secretaria de Educação;
- caracterizar ações da secretaria de Educação após Afranio Azevedo assumi-la tendo em vista o horizonte de ação, as diretrizes, os esforços encetados, os projetos concretizados, os feitos alcançados, a aprovação dos resultados, dentre outros elementos caracterizadores das contribuições do secretário; além de dificuldades e percalços, entaves e empecilhos, tensões e embates, dentre outros pontos.

Desenvolver sistematicamente esses objetivos em função dos requisitos estruturantes da pesquisa (problema e questionamentos) exigiu uma investigação que conjugasse a lógica documental e a empírica no que se refere a selecionar, levantar e produzir fontes para desenvolvê-la. Tal conjugação exigiu um referencial metodológico-conceitual duplo. Em parte, a pesquisa se valeu dos postulados da nova história, que oferece instrumentos para adentrar o cotidiano, abordar personagens anônimos e explorar microtemas, dentre outros desdobramentos coerentes com as intenções de pesquisa. Como declara Vainfas (1993, p. 274),

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas, nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

Também foi possível colocar em evidência a vida de Afranio Azevedo em seu cotidiano por meio de entrevistas com pessoas que participaram da vida dele na Secretaria Municipal de Educação e fora dela. Foi possível conhecer mais *o irmão e a personalidade*, cuja vida é permeada de momentos significativos da história do Brasil da segunda metade do século XX em diante. Essa possibilidade aponta, então, o outro referencial metodológico-conceitual em que a pesquisa se sustentou. Trata-se da metodologia da história oral, fundamental para compor a tese. Isso porque as fontes

documentais e iconográficas não bastariam para adentrar a história de Afranio Azevedo. Assim, recorrer à memória de quem viveu o período histórico aqui estudado em diálogo com outros registros do passado dele permitiu produzir esta tese sobre a trajetória de um médico que foi secretário de Educação.

Com efeito, ao definir o objeto de estudo e o tratamento a ser dado à personagem em foco, foi necessário pensar em como familiares, amigos e colegas de trabalho poderiam contribuir para este estudo. Assim, foi possível ir de detalhes da intimidade familiar como o nome de preferência a eventos de impacto psicológico e social como a tortura. Nesse sentido, quando perguntados, os familiares disseram que ele gostava de ser chamado como Afranio Azevedo; a irmã relatou que ele ficaria feliz de ser chamado como tal, por ser o sobrenome de seu pai, com que ele se identificava muito. Com essa indicação, optei por me referir a ele como tal após uma primeira menção do nome completo. Cada entrevistado contribuiu, mesmo que com valores, crenças e histórias diferentes, o que marcou a constituição da família Freitas e Azevedo. Como disse viúva de Afranio Azevedo, a família Freitas é conhecida como uma das mais tradicionais de Uberlândia, MG. Dentre médicos e advogados, muitos entraram para a história do município como posses influentes na política e de orientação política distinta. Por exemplo, ao pai do personagem em estudo se atribui adjetivos como pessoa comunicativa e popularesca, comunista e combativo das desigualdades, alguém com uma maneira de ser e viver em família e sociedade diferentes de outros familiares.

O período histórico recortado pela pesquisa encerra os momentos em que Afranio Azevedo foi secretário Municipal de Educação de Uberlândia. Como se manteve por três mandatos, o recorte vai de 1989 a 2012. O ponto de partida coincide com certos marcos históricos: resquícios do governo militar rondando a busca por eleições diretas para presidente, o processo de redemocratização e a Constituição Federal, de 1988, em que se viu a municipalização da educação. Dentre outros artigos que asseguram a educação na então nova Carta Magna, o artigo 205 prescreveu a educação como “direito de todos” e como “dever do Estado e da família”; e que deveria ser “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade” em prol do desenvolvimento pessoal, do preparo para exercer a cidadania e da “qualificação para o trabalho”.

É claro, estabelecer duas datas como limite temporal não isenta a pesquisa de retroceder e avançar em relação aos dois limites. Nesse sentido, foi preciso recuar aos anos 1950–70 para recompor elementos importantes para a análise pretendida no recorte histórico 1989–2012. Isso porque nesse período ocorre o processo de formação de Afranio Azevedo entre infância e vida adulta; formação essa que iria reverberar em muitas de suas atitudes e seus gestos como secretário de Educação. Igualmente, o recorte abrange a parte inicial de minha carreira como professora; ou seja, minha atuação docente inicial no município foi contemporânea da ação de Afranio Azevedo como secretário de Educação. Assim, no processo de escrita da tese, vários “flashes” da minha vida passaram pela minha mente, o que fatalmente me levou a revisitar meu passado tendo em vista o contexto da pesquisa; levou-me às questões que me instigaram a propor a pesquisa de doutorado aqui apresentada. Por isso, exponho minha trajetória como professora que me levou à de pesquisadora e à minha condição não só de autora observadora de um processo pretérito e alheio à minha; também de partícipe cuja subjetividade estava carregada de impressões sobre Afranio Azevedo como secretário e suas ações para a educação município quando a pesquisa se iniciou. Na escrita da tese, pude revisitar meu passado com a lupa do presente e rever lugares escolares por onde passei e pessoas que passaram pela minha vida escolar: a escola Afonso Arinos, onde estudei; os amigos de escola; os professores; o cheiro do lanche; a diretora. Foram lembranças de um passado que insiste em não se perder na memória e no tempo porque atravessa meu presente. Por isso mesmo dá saudades.

De fato, minha história como professora está inserida, em parte, neste estudo. Após anos de dedicação à minha formação docente, busco compreender minha trajetória como professora que sou. Como diz Alves (2007, p. 42) ao rememorar sua história, é possível ressignificar o presente com outro olhar.

[...] deparei-me com um movimento de retorno a diversas lembranças adormecidas, que tinham ficado para trás em um tempo que considerava muito distante. Rememorar essas lembranças com a vivência acumulada até o momento presente leva-me, ao mesmo tempo, a re-significações de alguns aspectos de minha vida. Ao rememorar, temos possibilidade de reinventar nossa história e de compreendermos a nós mesmos nesse percurso: revemos nossas escolhas e nossas ações pretéritas.

E com essa perspectiva que exponho elementos de minha biografia como partícipe (indireto) da pesquisa. Parto do perfil social dos meus pais. Assim como a maioria dos brasileiros, minha mãe e meu pai são pessoas trabalhadoras vindas do meio rural. Ele cursou o Ensino Primário (até a 4ª série), que lhe permitiu assumir a profissão de eletricitista e propiciar condições de sobrevivência à família. Como ele costuma dizer: “Aprendi a ler, escrever e as quatro operações, aprendi o ofício de eletricitista observando, sendo empregado dos outros. Foi no cabo do alicate”. Já minha mãe, depois de casada, cuidou do lar, como a maioria das brasileiras de sua geração. Ainda assim, criou condições e reuniu forças para retornar à escola e concluir a 8ª série do antigo ginásio, no município de Paranaiguara, GO. Esse contexto se refere aos anos 1970. No século XXI e residindo em Uberlândia, ela se matriculou no Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos; mas a idade avançada, a distância casa–escola, o alunado adolescente e adulto, o turno da noite, tudo impôs dificuldades que a fizeram parar o curso no período das avaliações do segundo ano. Essa atitude de minha mãe dimensiona — hoje vejo com mais clareza — o exemplo que meus pais deram. Para meus pais, nossa formação humana, religiosa, afetiva e, sobretudo, escolar sempre foi prioridade. Não mediram finanças na hora de comprar livros (de obras literárias a enciclopédias), todos os materiais escolares solicitados; tampouco mediram esforços: minha mãe sempre fez questão de cuidar — e, assim, ensinar-nos a cuidar — de nossos materiais escolares. Essa atitude é parte pequena do acompanhamento cuidadoso, de perto, íntimo e estimulante de nossa relação com os estudos e com a escola, para que fosse positiva e afetiva.

Nasci em 1968, em Paranaiguara,<sup>1</sup> interior de Goiás, e de onde meus pais se mudaram para Uberlândia. Tenho dois irmãos mais velhos, cuja iniciação na vida escolar foi aos 7 anos de idade, e uma irmã mais nova; como não havia escola para criança abaixo da idade escolar, não pude estudar em escola. Por consequência, ficava em casa chorando e sonhando com o grande dia de ir para a escola com eles. Esse dia chegou. Minha mãe, solidária, conseguiu que eu assistisse a aulas como ouvinte, mas não nos dias de avaliação; a ressalva foi motivo de chacota para meus irmãos.

---

<sup>1</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Paranaiguara é uma cidade cuja estimativa populacional para o ano de 2019 era pouco maior que dez mil habitantes. A densidade demográfica é de 7,9 habitantes por quilômetro quadrado no município. São Simão e Cachoeira Alta são vizinhos, assim como Quirinópolis.

Por volta dos 5 anos e meio de idade, eu já decodificava o alfabeto, lia parágrafos e escrevia os primeiros períodos. Havia um ambiente escolar em casa, seja com os cuidados e as conversas de minha mãe, seja nas práticas escolares dos meus irmãos. Afora gestos, atitudes e práticas — que vejo como mais importante —, havia os materiais: livros, cadernos e folhas em branco, lápis variados e canetas. A uma criança, curiosa de nascença, esse ambiente é instigante; ao menos foi para mim. Sempre fui muito curiosa e demonstrei interesse pelas práticas de leitura e escrita, pela poesia e pela música. Eu gostava de tentar escrever e ler o escrito em voz alta para minha mãe avaliar como eu estava.

No ano de 1974, aos 6 anos, fui matriculada na primeira série primária. Íamos para escola caminhando, sorrindo, felizes da vida. A escola se chamava Escola Estadual Presidente Costa e Silva. Cursei a primeira e segunda séries primárias. Ao final de 1975, minha família mudou-se para Uberlândia,<sup>2</sup> MG, pois minha irmã mais velha ia cursar a quinta série e meus pais queriam que estudássemos em um centro maior, com mais oportunidades.

Em Uberlândia, meus pais não conseguiram nos matricular em escola pública. Então, estudamos por um ano em escola particular, o Instituto Rio Branco. À época, eu já tinha a 2ª série primária completa. Mas a escola era onerosa para meus pais. No ano seguinte, mudamo-nos de casa e de escola. Quatro filhos — eu e mais três — foram para a Escola Estadual Afonso Arinos; minha irmã foi estudar no Colégio Estadual Bueno Brandão.

Fiquei na escola Afonso Arinos até concluir a 8ª série. A instituição era rígida, disciplinada, limpa, cheia de regras; eu não entendia muito por quê. Afinal, éramos crianças. Lembro-me que levantava o dedo mais que todos para fazer perguntas e não podia; ou seja, eu queria saber além, mas não podia. Quando a diretora entrava na sala, todos se levantavam em sinal de respeito. Uma vez por semana, reuníamos-nos na quadra para cantar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira e outros, em posição formal, rígida, com distância de um braço do colega; se houvesse indisciplina, ficávamos ali por muito tempo.

---

<sup>2</sup> Em 2010, a cidade de Uberlândia tinha população, de acordo com o censo, superior a 600 mil pessoas. Fica na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Tem quatro distritos: Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama. O município é servido por cinco rodovias federais de importância, o que faz da cidade passagem para grandes centros urbanos e consumidores como São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília.

Aos 13 anos de idade conclui a 8ª série. O passo seguinte foi procurar uma escola que tivesse colegial,<sup>3</sup> mas era preciso fazer o exame de seleção. Minha mãe me inscreveu em duas escolas: a Escola Estadual de Uberlândia e a Escola Estadual Messias Pedreiro; fui aprovada para esta. Era muito bom estudar nessa escola, mas estranhei bastante. Era grande, com muitos alunos e várias disciplinas e professores. Era diferente da Afonso Arinos. Como meu irmão foi reprovado, cursei o 1º Colegial com ele. Foi difícil! Afinal, eu tinha 14 anos de idade, e meus colegas eram mais velhos. Eu não conseguia acompanhar. Após reunião da minha mãe com a equipe da escola, chegaram à conclusão de que eu iria repetir o ano. Então, desisti no quarto bimestre.

No ano seguinte, fiz o exame de seleção para ingressar na Escola Estadual de Uberlândia. Fui aprovada. Embora essa escola fosse pública, as vagas pareciam ser destinadas à elite, dada a localização dela central e a arquitetura clássica imponente. Encontrei dificuldades. As pessoas eram muito ligadas à posição social da família; na verdade, valíamos pela história da família na cidade, pelo sobrenome, pelas posses, pela empresa e/ou a formação dos pais, pela cor da pele. Eu não concordava com aquela lógica. Eu me sentia excluída e encontrei dificuldades na disciplina de Biologia. Embora tenha me dedicado muito aos estudos, não foi suficiente, acabei sendo reprovada. À época, tínhamos a opção de cursar o 2º ano do Colegial e fazer dependência da disciplina de reprovação, só em Biologia. Acabei optando por deixar o colegial e cursar o Magistério no Instituto Rio Branco.

Eu cursei o Magistério no período da manhã. Os colegas do noturno não se identificavam com os do diurno, pois diziam que o período da manhã era para os ricos. O corpo docente era compromissado. Ministrava aulas com domínio de conhecimento e responsabilidade. O curso tinha o objetivo de nos ensinar a dar aulas para alunos de 1ª a 4ª série, e eu levava muito a sério, pois queria ser uma “excelente” professora. No período da tarde, confeccionava material didático, realizava leituras e monitorava na escola Afonso Arinos. Era um curso prático. Ao completar 18 anos, eu já havia concluído o Magistério.

No ano de 1987, eu ingressei na rede escolar municipal de Uberlândia como professora. Lembro-me que recebi um telegrama da Secretaria Municipal de Educação

---

<sup>3</sup> Ensino Colegial corresponde ao primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio de acordo com o Artigo 35 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

me convidando para participar de uma seleção, pois estavam contratando professores para o magistério infantil. A vaga disponível era para cobrir uma licença. Fiz o processo, fui aprovada e iniciei meu trabalho. Não tive dificuldades no início da carreira, pois fui bem acolhida, os professores eram parceiros, socializavam-se e discutiam práticas. Quando terminou o contrato, a supervisora educacional conseguiu que eu ficasse até o fim do ano, mas em outra escola municipal, a do bairro Alvorada. Foi uma experiência difícil, mas de aprendizado. Consigo me lembrar de quase todas as situações que vivi naquela escola, algumas não boas, como em toda carreira.

No fim do ano, achei que seria dispensada, pois havia acabado o contrato. Não fui. Retornei para a equipe em que havia me iniciado, no bairro Santa Mônica. Senti-me em casa e aí atuei por um ano. Como as escolas da rede eram então em casas alugadas, não havia concursos e sempre mudávamos de escola. No ano seguinte, fui para outra escola, até que em 1991 consegui entrar no corpo docente da escola do bairro Tubalina. De início, era uma casa alugada que adaptada; depois foi construída a sede da escola, onde atuei como professora efetiva até 2007.

Após a Constituição Federal de 1988, a rede escolar municipal começou a se organizar em razão de exigências da lei. Houve organização do quadro de funcionários, concursos para efetivar profissionais, planos de carreira e outras reivindicações. No ano de 1991, fui aprovada no concurso para professora de Pré a 4ª série.

Ao mesmo tempo em que trabalhava como professora, constituí família e passei a cuidar da formação. No ano de 1988, formei-me em Pedagogia, na Associação Brasil Central de Educação e Cultura (Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia). Depois, parei por um ano, por causa da maternidade. Retornei em fevereiro de 1991, para continuar a graduação e concluir, em dezembro de 1991, o curso Magistério das Matérias Pedagógicas, na mesma instituição. Posteriormente, realizei meu primeiro curso de especialização, na Universidade Federal de Uberlândia, na área de Psicopedagogia. Foi concluído em 1993.

Durante minha trajetória docente, pude expandir experiências profissionais, vivenciar e aprimorar meus saberes, atuando na Pré-escola, em creche para crianças de 0 a 3 anos de idade, Ensino Fundamental (1ª—4ª série), escolas particulares, curso de especialização no ensino superior, professora Formadora e Tutora em educação a distância e professora do atendimento educacional especializado. Durante esse tempo de

atuação na rede escolar município de Uberlândia, acompanhei e compreendi seu crescimento como docente.

Após 33 anos de magistério, comecei minhas pesquisas acadêmicas, para compreender problemas da educação e, talvez, contribuir para melhorá-la. Em 2004, ingressei no mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolvi pesquisa sobre ensino, avaliação e formação de professores. O objetivo foi estudar a construção das memórias de professoras alfabetizadoras da cidade de Uberlândia, por meio de suas narrativas e sobre o período 1990–5. O resultado da pesquisa revelou que a rede escolar do município de Uberlândia teve crescimento acelerado, o que dificultou o trabalho de quem coordenava os trabalhos naqueles períodos. Portanto, não houve garantia de formação que abrangesse todos os professores. Outro aspecto importante e conclusivo foi à influência das listas bibliográficas obrigatórias dos concursos públicos. Faziam parte do processo de formação dos professores nos cursos de reciclagem.<sup>4</sup>

Em 2011, concluí minha especialização em Educação Especial — Formação Continuada de Professores para o Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal do Ceará. Em 2016, concluí mais uma especialização, em Educação Empreendedora, pela Universidade Federal de São João Del Rei. Ainda participei de seleção para ingresso no doutorado da Universidade Federal de Uberlândia. Em 2017, matriculei-me como aluna regular do doutorado, cujo desenvolvimento se traduz, em parte, nesta tese. Delinear minha formação é uma forma de reforçar a importância de nos pedagogos percorremos a trajetória da pesquisa sistemática porque, em última análise, a produção de conhecimentos esta na base da concepção atual de docência: mediar e orientar a produção de conhecimentos escolares.

Feitas essas considerações introdutórias, convém apresentar a estrutura da tese resultante da sistematização do cruzamento das fontes com o conhecimento histórico prévio e a fundamentação teórico-conceitual. O trabalho contém quatro capítulos, mais considerações finais. O capítulo 1 expõe os procedimentos metodológico-conceituais subjacente à pesquisa, cuja base vem da nova história e da história oral. O capítulo 2

---

<sup>4</sup> O termo reciclagem foi usado na década de 1980 para se referir à formação de professores. Candau (1996, p. 141) apresenta a perspectiva clássica cujos projetos têm como foco a reciclagem dos professores, que, “como o próprio nome indica, ‘reciclar’ significa ‘refazer o ciclo’, e voltar a atualizar a formação recebida”.

apresenta resultados do levantamento de teses e dissertações que se valeram da metodologia da história oral, em especial as histórias de vida, e pesquisas de outras áreas afins à educação que utilizam tal metodologia. O capítulo 3 discorre sobre a família de Afranio Azevedo e certos feitos como a viagem para a então União Soviética, assim como sobre Afranio Azevedo em alguns momentos de sua vida: como aluno de Medicina no Rio de Janeiro, participante do movimento estudantil e membro da equipe de cirurgia plástica do professor Ivo Pitanguy, além do caso Lamarca, dentre outros temas. O capítulo 4 sistematiza o percurso que Afranio Azevedo percorreu na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia nas gestões dos períodos 1989–96 e 2005–12. As considerações finais procuram alinhar os pontos estruturantes da pesquisa.

Enfim, acredito que este estudo — desenvolvido na linha de pesquisa “história e historiografia da educação” — apresenta um objeto de estudo ainda não explorado pela academia. Não encontrei pesquisas sobre algum secretário municipal de Educação que fosse médico e tivesse atuado por quatro mandatos de prefeitos distintos nem pesquisas sobre uma Secretaria Municipal de Educação administrada pelo mesmo secretário. Considero que a pesquisa aqui descrita pode apontar perspectivas de exploração de temas só apresentados aqui; ou seja, sobre personagens que permeiam a história da educação de Uberlândia.

## 1 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Nesta parte, apresento tanto os procedimentos metodológicos de coleta e categorização dos dados quanto os colaboradores da pesquisa. Também exponho procedimentos de pesquisa em jornais e apresento fundamentos de história cultural, história oral, estudos biográficos subjacentes ao estudo, além de descrever passos adotados para fazer entrevistas e análises.

### 1.1 História cultural como aporte teórico-conceitual

No ano de 1929, com a publicação da revista *Annales*, ergueu-se uma bandeira contra a dominação da escola positivista na pesquisa história e proclamou-se uma tendência nos estudos históricos na França. Segundo os fundadores da *Annales*, Lucien Febvre e Marc Bloch, aquela escola seria pobre por focar só nos feitos de grandes homens e em seus jogos de poder, por exemplo. Para os dois historiadores, o ser humano é muito complexo, e a história positivista não permitiria compreender a sociedade como realmente é. Ao menos não sem o risco de se fazer uma descrição limitada dos eventos históricos. O propósito da revista aponta outras possibilidades de pesquisa, de fontes, e aproxima a história de outras ciências sociais.

Com efeito, Lima e Santos (2018) ressaltam que a história não deve ser o registro da sequência de acontecimentos que parte apenas de documentos concebidos desde o início como escrita (manuscritos, datiloscritos, impressos etc.); antes, deve recorrer, também, a documentos não escritos e a outras ciências, abordando todos os aspectos da atividade humana. Assim, a leitura das ideias de Lima e Santos (2018) abriu horizontes. Para que a pesquisa não ficasse limitada a sua documentação-base, foram utilizados relatos orais como fonte histórica. Foram obtidos mediante entrevista com colaboradores da pesquisa, importantes para construir a trajetória de Afranio Azevedo na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, MG.

Para adentrarmos o âmbito da história cultural, recorreremos a Burke (2005), que esclarece que a história cultural não é recente. Na Alemanha, já era praticada com o nome de *Kulturgeschichte* (literalmente, história da civilização) desde o século XVIII. Antes, havia histórias da literatura, da filosofia, da química e de outros campos que poderiam ser situados como *parte* da cultura, e não como *toda* a cultura; ou seja, a

história da literatura alemã não seria a história da cultura alemã — como se infere da leitura de Burke (2005). Esse autor afirma que o estudo da história pode ser dividido em quatro tipos: história clássica, história social da arte, história da cultura popular, nova história cultural. O último é a base deste estudo e parte do interesse pelo que não era pensado como detentor de histórias notáveis; por exemplo, a infância, a morte, o trabalho docente, o silêncio e até a fala, dentre outros objetos. Para Burke (1992, p. 11), “[...] o que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’ sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço”. A vida cotidiana passa a ter seu significado cultural; ou seja, segundo esse mesmo autor, “[...] a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana”. Com efeito, para tentar entender como um médico-cirurgião plástico de renome assumiu uma secretaria de educação de uma cidade do porte de Uberlândia por dezesseis anos, procurei trabalhar com uma literatura historiográfica com ênfase na perspectiva local; contudo, em alguns momentos me reporteí a fontes jornalísticas de outros estados ligados à trajetória de Afranio Azevedo. Meu interesse é o de abordar a dimensão histórica da atuação dele como secretário Municipal de Educação, o que não descarta os registros de aspectos de sua vida pessoal.

Não conheci Afranio Azevedo pessoalmente; apenas pude vê-lo nos momentos em que nos reuníamos. No início de cada ano, ele se fazia presente para dar as boas-vindas a professores e professoras, assim como em congressos, abertura de eventos promovidos pelo Centro Municipal de Estudos e Projetos da Secretaria Municipal de Educação, nos quais pude participar e onde pude ter a percepção de sua importância para a cidade de Uberlândia e a educação municipal. A abordagem desse personagem foi possível, ainda, graças à perspectiva da nova história cultural, ou seja da micro-história, tal qual se lê em Levi (1992, p. 136):

Como prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita ambiguidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida.

Nessa perspectiva, preocupa-se com tudo que se encontre mais próximo do movimento humano, como arquétipo de ação, dos que, por séculos e séculos, foram retidos pelo esquecimento. A micro-história tem a sua especificidade: “[...] refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos” (LEVI, 1992, p. 136). Nessa baila, o investigador pode localizar informações até então despercebidas. Assim, o espaço da pesquisa aqui descrita é, em particular, Uberlândia, numa dinâmica histórica, política, social e cultural. A tal cidade, Afranio Azevedo retornou, singrando caminhos diversos: sua intensa atividade profissional médica, sua atuação como secretário de Educação e outros aspectos de sua vida e trajetória profissional.

Segundo Levi (1992, p. 139), “[...] o princípio unificador de toda pesquisa Micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados [...]”; o que não aconteceria numa abordagem tradicional. A micro-história arquiteta fatos importantes que, de outro modo, estariam ainda entorpecidos, à espera de interpretação e inclusão no discurso cultural. Para tanto, agarra-se às particularidades do homem (situações, ações, cotidiano etc.), visando alcançar uma concepção macro do significado do mundo real.

Com efeito, foi nesse sentido que se considerou a escrita de parte da vida de Afranio Azevedo, médico-cirurgião plástico que atuou como secretário Municipal de Educação por dezesseis anos, cabe frisar. Nesse sentido, com a redução da escala de observação, atentamos aos detalhes para abordar aspectos vivenciados por ele e por sujeitos ligados direta ou indiretamente às histórias de sua vida, de modo a recolocá-los em evidência histórica. Tais sujeitos foram interpelados em função deste estudo por meio da metodologia da história oral, ou seja, foram entrevistados de modo a contribuir para compor um quadro compreensivo da vida Afranio Azevedo nos moldes delineados antes.

## 1.2 História oral como metodologia da pesquisa

A história oral é “[...] tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história” (THOMPSON, 1992, p. 45 ou seja, é a prática de verbalizar o vivido, de oralizar o experienciado. Contudo, seu uso nem sempre foi aceito como recurso da pesquisa acadêmica, sobretudo no âmbito da história. Convém fazer alguns esclarecimentos.

Segundo Ferreira e Amado (1998, p. 12),

A denominação “história oral” é ambígua, pois adjetiva a história, e não as fontes — estas, sim, orais. A designação foi criada numa época em que as incipientes pesquisas históricas com fontes orais eram alvo de críticas ácidas do mundo acadêmico, que se recusava a considerá-las objetos dignos de atenção e, principalmente, a conceder-lhes status institucional. No embate que se seguiu, pela demarcação e aceitação do novo campo de estudos, o adjetivo “oral”, colado ao substantivo “história”, foi sendo divulgado e reforçado pelos próprios praticantes da nova metodologia, desejosos de realçar-lhe a singularidade, diferenciando-a das outras metodologias em uso, ao mesmo tempo em que lhe afirmavam o caráter histórico. Hoje, a designação “história oral” tornou-se de tal forma difundida e aceita — o “atestado visível da identidade de seu portador”, a que se refere Bourdieu, a propósito de nomes, neste volume — que nos pareceu secundário reabrir a disputa em torno dela; outras questões, mais substanciais para o momento, permanecem ainda mergulhadas em confusão.

A história oral é construída por meio de relatos orais de gente que presenciou acontecimentos ou tomaram conhecimento de determinados fatos. Ao serem indagadas sobre determinados acontecimentos, locais, pessoas, instituições e sobre diferentes assuntos, os entrevistados tendem a reativar suas memórias e a relatar sobre o tema a ser investigado. Não por acaso, este estudo compreende quatro anos de buscas e descobertas de fatos advindos desses testemunhos para a construção de uma história singular.

Além disso, Ferreira e Amado (1998, p. 14–5) definem as peculiaridades dessa metodologia da seguinte forma:

[...] o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória; isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou

processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos; na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito e objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação; a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas — porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos —, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano; a história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas; na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes, conforme o demonstram alguns dos textos deste livro; o fato de a história oral ser largamente praticada fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e construir sua própria memória, tem gerado tensões, pois as perspectivas, os objetivos e os modos de trabalho de acadêmicos e não acadêmicos podem diferir muito; essa pluralidade (uma das marcas da história oral em todo o mundo), quando aceita, pode gerar um rico diálogo, raramente presente em outras áreas da história; a narrativa, a forma de construção e organização do discurso (aí compreendidos tanto o estilo, na acepção de Peter Gay, quanto aquilo que Paul Veyne chamou de “trama” e Hayden White de “urdidura do enredo”) são valorizadas pelo historiador, pois, como lembrou Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas; isso tudo chama atenção ao caráter ficcional das narrativas históricas, seja as dos entrevistados, seja as do entrevistador, o que pode acarretar mudanças de perspectivas revolucionárias para o trabalho histórico.

A narrativa é a força vital da história oral; através do relato oral o pesquisador procura indícios e sinais para compor sua pesquisa. Junto a outros recursos discursivos e interpretativos, a narrativa pode ser harmônica ou eclética, por exemplo, com tramas de um enredo envolvente. A memória, ao ser instigada, expõe informações que servem de guia e transmissão da herança cultural de geração para geração. Como diz Souza (2006, p. 135),

[...] o recurso à história oral requer, a exemplo de outros recursos, um esforço de tratamento e de cruzamento com outros dados. Dados do contexto sóciohistórico e, sempre que possível, da própria trajetória dos entrevistados, são elementos que contribuem para dar confiabilidade à narrativa e dar-lhe consciência. Importante, também, cercar-se de informações que possibilitem explorar a consciência ou inconsciência dos relatos, a coerência interna, as omissões, os silêncios.

Por meio dessa prática metodológica, foi possível acessar as memórias dos entrevistados da pesquisa, bem como outros aspectos de sua oralidade como sensações e humores, na reconstrução dos momentos da história de Afranio Azevedo como secretário Municipal de Educação.

Desse modo, a história oral, de acordo com Thompson (1992), mostra que a realidade é complexa e multifacetada, dando base para que os entrevistados recriem a multiplicidade de seus pontos de vista. Essa análise implica compreender como os sujeitos históricos (aqui, familiares, companheiros de trabalhos, profissionais da educação) que viveram o período focado e estão em exercício, ou não, percebem e rememoram o trabalho de Afranio Azevedo à frente da Secretaria Municipal de Educação.

Essa escolha metodológica pode ser compreendida como a mais apropriada para evidenciar vozes silenciadas no devir político diacrônico e responder a questões como estas: como ocorreram as mudanças na Educação desse período e como afetaram, ou não, a vida dos sujeitos dentro e fora do âmbito escolar? Quais foram as contribuições de Afranio Azevedo? Mais, ao perceber a ampliação das políticas governamentais para a educação, também posso perceber, como personagem viva da época e professora, outras vicissitudes não tão inteligíveis, das quais a investigação pôde fazer interpretações e delinear possíveis respostas. Trabalhar somente com jornais, atas e outros documentos seria suficiente para explorar a problemática deste estudo, por isso recorri à história oral. Considero que, por meio dos relatos de quem vivenciou o período em foco, pude constituir ainda mais o quadro de pesquisa com fontes documentais que surgiram no decorrer do processo de lidar com os colaboradores.

Uma das funções metodológicas da história oral é armazenar os conhecimentos desses sujeitos por meio da transcrição e preservação de relatos e da construção de saberes entre quem pesquisa e quem ouve e conta sua história. “A História Oral tem a função de registrar as experiências humanas, pois se constrói em torno das pessoas, de

modo que, tanto o pesquisador, quanto o narrador, constrói sabedoria ao ouvir e ao narrar às histórias” (SANTOS; LIMA, 2018, p. 83). Costa (2001, p. 73) alerta que o relato tem de ser apreendido “[...] como construção do narrador e do ouvinte e, ainda, como expressão singular do momento de produção “[...] [pois] na construção da narrativa, narrador e ouvinte compartilham memórias, as quais permitem o outrora configurar-se como presente”. Assim, é na reinterpretação do outrora que narrador e ouvinte, pesquisador e entrevistado, tecem os fios da trajetória de Afranio Azevedo como secretário de Educação; como memórias compartilhadas.

Os sujeitos convidados a contarem suas histórias trazem, em suas memórias, passagens com as quais se “[...] reinterpreta[m] os fatos narrados e, nesse processo de reinterpretação, traços do conto original permanecem enquanto outros são recriados” (COSTA, 2001, p. 82). No caso deste estudo, os entrevistados contribuíram ativamente para o desenvolvimento das questões relativas à educação no município. Nesse sentido, reconstruir a história aqui dita — a qual muitos vivenciaram mas desconhecem, muitas vezes, a totalidade de como foi construída — é dar visibilidade ao fazer anônimo dos relatos orais de pessoas comuns e partilhar esse conhecimento engendrado coletivamente, revelando experiências, episódios, concepções não encontráveis nos documentos oficiais; o que pode contribuir para a compreensão do passado (THOMPSON, 2002).

O uso da história oral como metodologia aumentou no Brasil a partir dos anos 1970. De acordo com Santos e Araújo (2007, p. 194):

A produção científica pioneira nesta modalidade foi a do Centro de Pesquisas e Documentações — CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, a partir dos anos 1970. Mas é preciso marcar que só no início dos anos 1990 a História Oral conseguiu ser expressiva nos meios acadêmicos. Nesse sentido, foi significativo o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisadores da Associação Brasileira de História Oral — ABHO — da USP.

Alberti (2010, p. 158) afirma que o uso da história oral nas ciências humanas, sem dúvida, foi um avanço porque tornou possível o registro de histórias de grupos que, dificilmente, seriam estudados. No entanto, não foi tarefa fácil, porque demandou mudanças nessas ciências, as quais, com o passar das estações, deixaram de pensar na história como única ou como uma “cédula nacional”, para passarem a reconhecê-la

como “[...] múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade”. Nesse sentido, “Alguns anos se passaram até que as potencialidades do novo método fossem aceitas e incorporadas às práticas acadêmicas”.

A importância da memória está subjacente à metodologia da história oral, ou seja, ao processo de propor aos sujeitos a retomada do (seu) passado, mesmo que recente. A memória armazena fatos, momentos e situações vivenciadas cuja expressão oral pode superar a escrita, por esta, às vezes, não valorizar aspectos relevantes e/ou, por outro lado, por favorecer um pensamento que se pressupõe hegemônico. Os historiadores, memorialistas e arquivistas, ao armazenarem documentos, objetos, fotografias, jornais e lembranças de sujeitos sociais e produções humanas, contribuem para reavivar as memórias e trazer à tona situações que não poderiam ser evocadas espontaneamente.

A memória é compreendida, então, como trabalho, tal como Bosi (1995) a define. O processo de lembrar exige daquele que recorda um refazer, exige uma reconstrução do passado, do vivido, numa relação com o presente. Ainda segundo Bosi (1995, p. 47), nos espaços de memórias pode-se encontrar um legado cultural de uma comunidade, de instituições, de famílias deixadas por pessoas etc. Em suas palavras,

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Por essa perspectiva, a memória demanda uma reelaboração do presente para que possa ser evocada e assumida. A lembrança é tomada como situação de reflexão, de novas formulações sobre o narrado, possibilitando, a quem fala, uma oportunidade de refletir sobre si e sobre seu passado. Neste caso, de reconstrução da trajetória de Afranio Azevedo como secretário Municipal de Educação, como as memórias dos entrevistados puderam ajudar a construir parte deste relato escrito, convém conhecê-los mais.

### 1.3 Entrevistados da pesquisa

Os participantes deste estudo — com seu testemunho por meio de relatos orais — são pessoas que conviveram com Afranio Azevedo em família, no trabalho ou como amigos. A escolha desses colaboradores se justificou, de início, pelo conhecimento restrito que eu tinha da história da Secretaria Municipal de Educação — de pessoas que fizeram parte da história mesmo antes de Afranio Azevedo ser o secretário. Algumas já tinham sido citadas em outras fontes, tais como os jornais; outras foram sugeridas pelos próprios entrevistados, os quais já participavam da investigação. Foram selecionadas sete que, de forma voluntária, concederam as entrevistas. Apresento a seguir, um a um.

*Pedro Divino Rosa.* Após eu ler uma entrevista que ele fez com Afranio Azevedo para o jornal *on-line Gazeta do Triângulo*. A entrevista foi realizada no Espaço Armazém Literário, para o qual liguei e onde consegui o contato de Pedro Divino Rosa, jornalista responsável pelo projeto “Toda sexta” do Espaço Armazém Literário à época. Segundo Pedro Rosa, Afranio Azevedo não gostava de ceder entrevistas. O primeiro contato que tive com o entrevistado foi via telefone, em 27 de maio de 2019. A entrevista aconteceu em 4 de junho, em seu escritório de advocacia, na cidade de Uberlândia. Além de jornalista, Pedro Rosa é funcionário público e era amigo de Afranio Azevedo.

Eu já conhecia a segunda pessoa a ser entrevistada, Célia Maria do Nascimento Tavares, pois foi supervisora da escola onde trabalhei na década de 1980. Era conhecida, também, por vários outros profissionais da rede de educação. Entrei em contato com ela via telefone, em junho de 2019, expliquei o motivo da ligação e agendamos a entrevista. A primeira foi desmarcada por ela; depois remarcamos a data. A entrevista aconteceu em sua residência, no dia 26 de junho de 2019, no período noturno.

Célia Tavares ingressou na rede municipal de educação como professora da Educação Infantil, em 1985, após concluir a faculdade (licenciatura) de Pedagogia. Depois, passou a atuar como supervisora pedagógica, mediante processo interno. Como, naquela época, o supervisor pedagógico tinha a função de diretor, Célia Tavares passou a ser responsável pelas escolas dos bairros Santa Mônica, Saraiva e Lagoinha, além de ser pedagoga e secretária.

Quando Afranio Azevedo assumiu a secretaria de Educação, em 1989, Célia Tavares, após ser indicada por colegas pedagogos, tornou-se diretora de uma escola maior — a do bairro Luizote de Freitas —, com a proposta de criar a primeira unidade de Educação Infantil (faixa etária 0—6 anos). Quando Afranio Azevedo esteve à frente da secretaria, ela foi convidada a organizar o projeto educacional do primeiro módulo de Educação Infantil, no bairro Luizote de Freitas; depois foi diretora do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE). Nesse período, foi incumbida de organizar a proposta de elaboração da Escola Municipal de Educação Infantil Maria Pacheco, “Que foi criada com a intenção de atender os filhos dos funcionários do Centro Administrativo, então atendimento de 0 a 6 anos” (TAVARES, 2020).

Essas ações aconteceram entre 1989 e 1992, com Afranio Azevedo como secretário. Após esse período, Célia Tavares retornou ao cargo de supervisora pedagógica, permanecendo até 2005; quando Afranio Azevedo voltou a ser secretário de Educação, na gestão do prefeito Odelmo Leão (2005), ele a convidou para ser sua assessora e responsável pela Educação Infantil até 2012.

A entrevista com Célia Maria Tavares ficou inconclusa por problemas de ordem pessoal; por isso combinamos continuar a conversa em outro momento. Após um período, tentei entrar em contato algumas vezes, enviando-lhe mensagens eletrônicas. Porém, sem sucesso. Consegui, enfim, entrar em contato por telefone, após longo período. Depois de nos falarmos, encaminhei a transcrição da parte da entrevista que realizamos via e-mail.

O engenheiro Sérgio Chaves foi o terceiro entrevistado e já estava inserido na lista inicial. Deparei-me com seu nome em notícias de jornal, e consegui seu contato com a Célia Tavares, que me informou quando a entrevistei. O primeiro contato foi por telefone; conversamos sobre a pesquisa e a possibilidade da entrevista. Ele se dispôs a participar. Sérgio Chaves é graduado em Engenharia Civil, amigo de Afranio Azevedo e de toda a família. Os dois estudaram juntos desde o primário e se separaram quando este último foi morar no Rio de Janeiro, para cursar a faculdade de Medicina e aquele foi para São Paulo, cursar Engenharia. A entrevista aconteceu em sua residência, na tarde de 16 de julho de 2019. Sérgio Chaves foi convidado por Afranio Azevedo para ser seu

assessor e acompanhar os projetos de construção das escolas durante seu mandato como secretário de Educação.

*Aparecida Jesuína Nogueira.* A entrevistada Aparecida Jesuína Nogueira, gentilmente, cedeu sua entrevista na área de lazer do prédio onde reside, por ser um ambiente tranquilo, sem fluxo de pessoas. Ela é graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Uberlândia, e tem especialização em Filosofia. Ingressou na educação municipal no ano de 1984, por meio de contratação no governo do prefeito Zaire Rezende, quando foram abertas muitas escolas de Educação Infantil, as quais funcionavam em casas alugadas e demandavam um corpo docente maior. Após o ingresso de Afranio Azevedo na Secretaria Municipal de Educação em 1989, aconteceu, em 1990, o primeiro concurso. Desde então, ela atua como pedagoga. Antes, havia sido professora da Educação de Jovens e Adultos.

*Eliane Huguiney Santos.* Localizei a viúva de Afranio Azevedo, Eliane Huguiney Santos, pelas mídias sociais. Eu havia lido nos jornais que seu nome era Eliane Santos; então, fiz uma busca na base de dados da rede virtual Facebook. Encontrei várias páginas com o mesmo nome e percebi que, em algumas, era necessário ser aceito como “amigo” para acessar e ver fotografias. Enfim, localizei Eliane Huguiney Santos; ao ver as imagens, identifiquei Afranio Azevedo em uma delas. O passo seguinte foi encontrar sua conta na rede Instagram; enviei-lhe mensagem me apresentando e pedindo a colaboração na pesquisa; dei-lhe meu número de telefone e pedi o dela. Ela me respondeu no mesmo dia (17 de setembro de 2019), à noite, dizendo que seria um prazer colaborar. Após agendarmos algumas vezes, conseguimos fazer a entrevista na manhã do dia 7 de outubro, em sua residência.

*Francisco Humberto de Freitas Azevedo.* Irmão caçula de Afranio Azevedo, pude encontrá-lo após achar o número de telefone do seu consultório médico por meio do *website* de pesquisa Google. Na primeira ligação, fiz uma sondagem e me certifiquei de que era ele mesmo; cheguei a perguntar o valor da consulta e possíveis datas para agendamento. Na segunda ligação, identifiquei-me como pesquisadora, e a secretária, gentilmente, informou-me o número particular de Francisco Humberto Azevedo, além de indicar o período noturno como o mais conveniente para ligar. Às 19h53 de 20 de janeiro de 2020, enviei-lhe uma mensagem, apresentando-me e explicando o motivo do contato. No dia 22 de janeiro, às 6h05, ele me respondeu. Parabenizou-me pela

iniciativa da pesquisa e se colocou à disposição para contribuir. Falamos-nos mais uma vez para agendarmos a entrevista, que aconteceu na manhã do sábado 15 de fevereiro de 2020, no escritório de minha orientadora.

*Martha de Freitas Azevedo Pannunzio.* Escritora renomada, por seu livro *O veludinho*, dentre outros, Martha Pannunzio é a irmã mais velha de Afranio Azevedo. No dia da entrevista com Eliane Santos, cunhada dela, consegui seu contato. Na primeira ligação, ela fez questionamentos sobre minha pesquisa: “Por que você escolheu o Afrânio? O que você quer saber dele? O que vai escrever?”. Respondi à medida que ela me indagava. Ela fez um desabafo durante nossas conversas ao telefone, pois ninguém havia dado a Afranio Azevedo homenagem alguma, nem nome de praça, escola ou de rua. Relatou que estava muito feliz com a realização do meu trabalho e que contribuiria “com muito prazer”. Falar com Martha Pannunzio nem sempre foi fácil; ela mora na fazenda, e muitas vezes o sinal da linha telefônica falhava. Dada essa dificuldade, a entrevista se estendeu do fim de 2019 ao início de 2020. Houve outros contratemplos, como a incompatibilidade de horários graças ao término do ano letivo e a compromissos que ela tinha com seus projetos. Além disso, no início de 2020, em razão de uma queda, ela teve de se submeter a uma cirurgia; depois, com a quarentena por causa da pandemia de covid-19, não foi possível nos encontrarmos. Entre idas e vindas, conseguimos nos organizar e agendar a entrevista para 1º de março de 2020, em sua residência, na cidade de Uberlândia, com todo o cuidado necessário que o período de pandemia exigia. O tempo da conversa foi longo, pois ela preferiu fazer toda a entrevista em um único dia.

*Guilherme Saramago de Oliveira.* Atuou na Secretaria Municipal de Educação ante da chegada de Afranio Azevedo. Quando este a assume, dentre os vários profissionais que atuavam na secretaria ele foi convidado para ser assessor do secretário. A janela da Escola Criança Feliz era voltada ao passeio da avenida Rio Branco, e Afranio Azevedo, ao passar pelo passeio, ouviu o professor Guilherme proferindo uma aula. Ficou encantado e o convidou para ser seu assessor pedagógico. Não foi fácil marcar a entrevista com o professor, pois sua agenda é bem cheia. Foram precisos vários e-mails e ligações até que conseguisse um horário (11/9/2019) na sala da Diretoria de Ensino na Universidade Federal de Uberlândia, onde ele trabalha. Não foi possível concluir a entrevista em um único encontro. Continuamos a entrevista no dia

4/3/2020, no mesmo local, e precisamos de mais alguns encontros, não ocorridos. Guilherme Oliveira, ao ler a transcrição de sua entrevista, não autorizou a publicação. É direito do entrevistado autorizar ou não. Dada a pandemia, optamos por considerar sua entrevista com as respostas redigidas pelo próprio entrevistado.

A maioria das entrevistas foi feita na residência dos informantes, exceto a do jornalista Pedro Divino Rosa, que reservou uma brecha em sua agenda para me receber em seu escritório de advocacia (precisei de três encontros com ele para concluir a entrevista) e de Guilherme Saramago Oliveira, com quem conversei em sua sala na Universidade Federal de Uberlândia. Com o intuito de estimular as recordações dos entrevistados, levei para os encontros arquivos de entrevistas que Afranio Azevedo cedeu aos jornais, além de cadernos de estudos e imagens. Esses objetos — “muletas da memória” (VON SIMSON, 1998) — fazem parte do acervo da investigação.

O recurso de “muletas da memória” foi empregado, também, por Guedes-Pinto (2002). No uso de materiais impressos para ativar a memória e gerar recordações em sua pesquisa com professoras, mostrou-se uma ferramenta adequada à proposta das entrevistas.

Este recurso auxilia na ativação da memória das pessoas entrevistadas a partir do uso e manipulação de objetos que possam ser portadores de lembranças e recordações antigas. Tal recurso passou a ser utilizado durante os encontros nos quais elas deveriam ser as narradoras de suas histórias (GUEDES-PINTO, 2002, p. 123).

Quando manuseados, esses objetos auxiliavam na recordação, das quais vinham à tona momentos vivenciados. Pannunzio (2020), ao entrar em contato com a reportagem publicada em uma revista, ficou furiosa, pois “[...] fizeram uma reportagem com ele todo... Na cerca do curral, na fazenda [isso] não tem nada a ver [com ele] [...] era muita conversa [à toa]... nada a ver [com ele]...”. O texto “O grande mentiroso”, de Amado (1995, p. 132), apresenta atributos da memória que, relacionados com fatos vivenciados ou não, passam a compor um cenário:

[...] é sua capacidade de associar vivências individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias... Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que os outros viveram [...].

Por isso a importância desses objetos de recordação; nessas situações, fica evidente a importância das “muletas da memória” como auxílio ao processo rememorativo.

#### 1.4 A biografia como método

As pesquisas biográficas e autobiográficas em história surgem com a micro-história como perspectivas que trazem sujeitos comuns — seu cotidiano — com um novo olhar para contextos diferentes, privilegiando as subjetividades segundo recordações, histórias de vida, testemunhos e relatos desses sujeitos. Para Levi (2006, p. 176), “[...] às vezes as biografias são usadas especificamente para esclarecer o contexto”. Nesse sentido, para registrar a trajetória de Afranio Azevedo como secretário de Educação, foi necessário ouvir pessoas que, com ele, conviveram, não só no ambiente da educação; também em outras atividades ao longo de sua vida. Para tanto, a memória coletiva esteve presente como matriz narrativa, pois trouxe, ao tempo presente, elementos da memória de cada indivíduo, alguns até “adormecidos”. Foi possível compreender e reescrever o passado; diria Halbwachs (1990, p. 81), foi possível “[...] lançar uma ponte entre passado e o presente e restabelecer essa continuidade interrompida”.

Como diz Le Goff (2003, p. 471), “[...] a memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e futuro”. Esse sentido pôde ser compreendido com as entrevistas dos personagens de Uberlândia que conviveram com Afranio Azevedo. Foi possível restituir um tempo registrado na história de vida de cada um. Dosse (2009) alerta o historiador-biógrafo quanto a querer escrever *todos* os fatos colhidos do biografado: trazer tudo à luz é, ao mesmo tempo, a ambição que o guia para a escrita ou a aporia que o reprova ao fracasso.

O autor da narrativa sobre o biografado tem a liberdade no uso do tempo. A linearidade cronológica pode ser rompida conforme os significados dados aos relatos pelo biógrafo. Nas lições de Dosse (2009, p. 67),

[...] o tratamento da temporalidade permite incontáveis contínuo do nascimento à morte da personagem biografada, e as liberdades do autor com o uso do tempo. O empenho em dar mais eficácia ao relato pode conduzir ao rompimento da linearidade cronológica e à adoção das múltiplas vozes narrativas que participam dos vários registros de temporalidade. O mais das vezes, o biógrafo procura alternar capítulos

de tonalidade diacrônica com capítulos de tonalidade temática. Resulta daí um relato misto que procura reencontrar duas coerências de temporalidades diferentes, a da lógica própria à sucessão dos eventos e a que emana da unidade da pessoa resgatada pelo biógrafo. A narração biográfica não é, pois, como salienta Madelénat, homogênea. É, bem ao contrário, uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros. Nisso, lembra a escrita da história e do romance.

O tratamento dado ao quadro cronológico na escrita da história de vida de Afranio Azevedo não seguiu a lógica cronológica linear, do nascimento à morte, do início ao fim de sua atuação como secretário de Educação. Sobre esse aspecto, recorde-se o que Bourdieu (2006) chama de ilusão biográfica ao retratar a questão utópica da completude. Sousa (2009, p. 25), ao pesquisar sobre a história de vida da normalista Nevinha Santos, corrobora essa ideia ao discorrer que

Era impossível reter a totalidade de uma vida com uma ordem cronológico-linear. Mas era possível narrar diversos momentos, abandonando a lógica começo, meio e fim. Assim, a dimensão da vida da professora Normalista se torna multifacetada. [...] estranhar os momentos de sua vida narrados e curiosidades pitorescas da sua vida, das pessoas e dos lugares em que viveu, no entanto a descrição era necessária para a compreensão de sua história de vida.

De Souza e Lopes (2012, p. 31—2) esclarecem que

[...] inúmeras biografias privilegiaram uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a formação, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte. Mas isso não implica que a biografia deva, necessariamente, apoiar-se em uma trama cronológica.

Não foi o intuito desta tese abraçar a totalidade da essência humana de Afranio Azevedo seguindo o rigor de uma narração cronológica e linear. Afinal, como na afirmativa de Pinheiro (2018, p. 60), “Abraçar o conjunto biográfico de uma vida é um desafio que muitos têm se aventurado a fazer, mesmo sabendo que o horizonte humano comporta uma multiplicidade de ações cotidianas que se revelam em diferentes contextos da sociedade”. Narra-se sobre a vida do outro, resgatando trajetos individuais e particularidades, inserida em seus respectivos contextos, segundo os quais o presente dialoga com o passado.

Afranio Azevedo não se limita ao seu eu; isto é, ele faz parte de uma rede de sociabilidade. A história coletiva se apresenta nessa rede e proporciona uma variedade de acontecimentos que constroem uma trama entre ela e seu contexto social. De acordo com Levi (2006, p. 176), é preciso

[...] interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais. [...] uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. Essa perspectiva deu ótimos resultados, tendo-se em geral conseguido manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo.

A compreensão do contexto social do biografado faz com que se compreenda sua trajetória, pois sua vida se passa nos acontecimentos que compõem seu cotidiano. O historiador biógrafo precisa ter o máximo de informações de seu biografado, e a escrita biográfica deve envolver, com entusiasmo, todos os documentos que lhe vêm à mão. Sobre a intimidade entre biógrafo e biografado, Almeida (2014, p. 229) diz:

O biógrafo conhece, também, todas as faces de seu biografado, por que reuniu todos os testemunhos dos que o conheceram e julgaram. A partir desses testemunhos diferentes, o historiador é capaz de montar um retrato o mais próximo da realidade do seu objeto.

Toda a história do biografado interessa ao biógrafo: misérias, defeitos, ganhos, derrotas; e não somente as qualidades e os *grandes* feitos. O biógrafo deve se interessar por todos os enredos que envolvem seu biografado, e este enredo deve ser apresentado pelo biógrafo de uma maneira real. Pinheiro (2018, p. 61) afirma que esses enredos derivam “[...] de um passado agora cristalizado na memória daqueles que presenciaram as vivências e experiências e isso, por si só, impossibilita o registro em sua totalidade”; e descreve como é o texto do gênero biográfico:

O gênero biográfico é tipo textual que se constrói a partir de uma base real e imaginativa em torno do sujeito biografado. A tensão entre o vivido e o imaginado promove o surgimento de um texto que se realiza como histórico e ficcional, sem se negar sua autenticidade, através da força imposta pela documentação e das vozes que elaboram o sujeito narrado.

Almeida (2014, p. 295), ao tratar da biografia literária, escreve: “[...] o autor não se fixa apenas na documentação, mas pode deixar a imaginação fluir recorrendo constantemente à ficção, tornando sem dúvida sua narração mais interessante para o leitor, porém mais afastada da realidade”. Neste estudo, entre imaginação e realidade, a biografia de Afranio Azevedo foi tomando forma. Nessa constituição do biografado, o biógrafo deve saber manter o “justo meio-termo”, como assinala Dosse (2009, p. 15); para isso, precisa analisar, em minúcia, as fontes que tem em mãos e, assim, restaurar momentos marcantes que pontuaram o universo humano.

O biógrafo procura ver sua escrita com os olhos do biografado; e se pode dizer que a intuição é um instrumento valioso para filtrar o que é real e o que é imaginário, para compor um relato completo, estruturado, coerente, sem gretas, da vida de seu biografado. Para Dosse (2009, p. 21), o biógrafo “[...] não se acha, de modo algum, muito distante da postura do cientista. Sua ambição é recriar, graças ao relato, o movimento de uma vida”; as lacunas que a memória e os documentos não conseguiram suprir são escritas nessa dança da vida.

Registrar tudo que envolve uma vida é impossível — momentos de lazer, trabalho, vida doméstica etc. É preciso que o biógrafo faça escolhas

[...] na massa de documentos que tem a disposição; mas não se abarrotará com o inútil. Também aí deverá, como o artista, dar mostras de discernimento e valorizar os fatos significativos que às vezes parecem elementos marginais: “Os menores detalhes são, frequentemente, os mais interessantes (DOSSE, 2009, p. 56).

Seguindo essa perspectiva, vislumbrei a trajetória de Afranio Azevedo pela janela de sua atuação como secretário Municipal de Educação. Mesmo após sua morte, ele se encontra, “[...] sem o saber, sob a luz dos holofotes” (DOSSE, 2009, p.67). A vida do biografado recebe olhares, elogios e/ou críticas das testemunhas de sua existência.

A escrita biográfica contribui para que a história de uma época, de um povo, possa ser fonte para a produção de conhecimento (histórico); mas não como única. No caso deste estudo, os jornais foram fontes primordiais para traçar partes da vida de Afranio Azevedo, um médico que assumiu a Secretaria da Educação do município de Uberlândia; ou seja, contribuíram para compor um conhecimento de sua trajetória.

## 1.5 Entrevistas na história oral

A história oral — cabe lembrar — foi adotada como metodologia da pesquisa, e as entrevistas foram tomadas como fonte de captação do passado, assim como o foram documentos escritos, imagens e outros tipos de registros do pretérito recortado pela pesquisa. Antes das entrevistas, busquei conhecer a vida de Afranio Azevedo e das pessoas que seriam entrevistadas com a consciência de que “[...] ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o tema não significa passar a saber tudo a seu respeito” (ALBERTI, 2004, p. 32). Conhecer o objeto da pesquisa tornou possível produzir um roteiro que trouxesse fluidez, confiança, tranquilidade e segurança no momento da entrevista, para obter relatos memoriais sem pressionar o entrevistado a se recordar. Esse roteiro serviu como orientação e pôde ser reformulado no momento das entrevistas.

Em um primeiro momento, quando o entrevistado se depara com a pergunta, reconstrói o período vivido mentalmente para, depois, responder ao que lhe foi perguntado. Fiquei atenta às respostas e tomei o cuidado para não fazer inferências desnecessárias nem induzi-lo de alguma forma a modificar seu pensamento por se sentir coagido ou constrangido.

Para realizar as entrevistas, foi preciso elaborar um roteiro cronológico e geral dos acontecimentos do período investigado e de acordo com os objetivos da pesquisa. Como os entrevistados eram familiares, amigos e colegas de trabalho, foi preciso acrescentar questões ao roteiro geral para abranger particularidades de cada segmento. Alberti (2004, p. 84) esclarece que o fato de o roteiro geral ser comum não quer dizer que será tratado de forma igual em todas as entrevistas nem que terá peso igual em todos os casos; ao contrário, “[...] a preocupação [...] permite justamente que se comparem versões diferentes sobre o mesmo assunto, dadas pelas posições também diferentes que os entrevistados ocupavam e ocupam em relação ao tema”.

Após reunir nomes de possíveis entrevistados, o passo seguinte foi entrar em contato cada pessoa via mensagem eletrônicas. Assim, apresentei-me, expliquei o porquê do contato e solicitei um horário para que pudéssemos conversar; com alguns, entrei em contato por ligação telefônica até eu conseguir convencer o entrevistado a participar da pesquisa (foram várias as ligações); com outros, o contato foi por *e-mail* ou mensagem em conta da mídia social Instagram, neste caso, por não ter o contato de uma entrevistada. Ao final, todas as pessoas com quem entrei em contato aceitaram

fazer parte da pesquisa. Nos contatos por telefone, fui questionada por quase todos sobre por que fazer uma pesquisa de doutorado acerca de Afranio Azevedo, além de perguntarem se eram as pessoas certas para tal objetivo. Nesses diálogos, conversamos sobre a dinâmica das entrevistas: gravar, transcrever e submeter a transcrição à leitura para confirmação do aceite antes da publicação na tese. Seria possível concordar ou não com o que disseram na entrevista. Mesmo no momento da conversa, caso fosse seu desejo, seria permitido não gravar alguma fala, como acordado em termos legais. Também foi esclarecido que cada entrevista passaria a ser fonte da pesquisa, assim como cada entrevistado seria autor de seu relato.

Meihsy (2005) e Alberti (2004) sugerem o uso do caderno de campo, o qual funciona como espécie de diário de pesquisador. Pus nele minhas impressões sobre todo o processo de entrevistas — antes, durante e depois; sobre os entrevistados e as interlocuções, as entrelinhas e as sutilezas, as inquietações e as hipóteses, dentre outros pontos. Meihsy (2005, p. 187) afirma que o “[...] caderno de campo deve ser íntimo e o acesso a ele exclusivo de quem dirige as entrevistas”. O caderno de campo é importante para acompanharmos as entrevistas e possíveis reflexões da pesquisa.

Como dito, a maioria entrevistas foi na residência dos entrevistados, exceto as de Francisco Humberto e Pedro Rosa. O horário e o local foram escolhidos pelos entrevistados. No momento da entrevista, voltei toda minha atenção para à pessoa entrevistada, pois aquele momento era único, e eu precisava prestar atenção a todos os detalhes. Houve momentos de emoção, com pedido de pausa na gravação; houve período de silêncio e pausas reflexivas. Em outros instantes, parecia que alguns revisitavam momentos de sua história de vida e os traziam para o agora, como se fosse possível modificá-los com a experiência atual. Depois de contarem dada situação, diziam: “Você não publica isto, não!”. Mas a relação de confiança estava construída ao falarem sobre certas situações, e a conversa pôde fluir.

É curiosa a forma como os entrevistados aguardavam ansiosos pelo momento da entrevista: era quase como criança aguardando o domingo para comer pizza ou pipoca após a missa. Prepararam o ambiente para me esperar como pesquisadora, por exemplo, com lanche e suco. Foi construído um laço cuidadoso e carinhoso. A conversa fluiu, como fluiria se fosse entre amigas sentadas na sala de estar. Em alguns momentos, vinha certa tristeza. Após uma pausa, respirávamos fundo e continuávamos.

Alguns entrevistados pediram o roteiro antes da entrevista para se prepararem, outros tiveram acesso a ele no momento do nosso encontro; e todos estavam com ele em mãos no momento da entrevista. É interessante como vai se formando um vínculo “[...] de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvida durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito” (BOSI, 1995, p. 37–8). Ao final das entrevistas, eu pedia que assinassem a carta de cessão para uso como fonte de informação.

Alberti (2004) sugere que o entrevistador inicie a gravação de áudio com a data, o nome do entrevistado, o nome do entrevistador, o local das entrevistas e outros dados que o entrevistador considerar relevante; e assim tentei proceder. Iniciei as entrevistas me apresentando e pedindo ao entrevistado que se apresentasse também, dizendo nome, data de nascimento e o tipo de vínculo com Afranio Azevedo. Concluídas as entrevistas, iniciei as transcrições, primeiramente conforme foi narrado, depois encaminhando para uma revisora deixar o texto transcrito pontuado, mas com cuidado de não descaracterizar as marcas da fala do entrevistado. Feito isso, encaminhei a transcrição via e-mail para que os entrevistados pudessem ler e dar seu parecer.

Para conhecer o que havia de publicação sobre Afranio Azevedo, fiz pesquisas em documentos catalogados no Arquivo Público de Uberlândia, tais como jornais do período em estudo. Também observei o modo como foram escritas as reportagens. No item a seguir, discorro sobre os jornais pesquisados, fontes importantes para a escrita desta tese, e de outros documentos, tais como fotografias, atas de reuniões e revistas.

## **1.6 Importância do jornal impresso para pesquisa**

O uso do jornal como fonte de pesquisa foi inserido na historiografia aos poucos. O jornal exerce papel individual na história, pois atua, ao mesmo tempo, no domínio privado e no público. É um documento que apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa aos historiadores. É uma fonte valiosa para a produção de conhecimentos históricos; de acordo com Capelato (1988, p. 13), é um “Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos”. Vários foram os questionamentos aos usos

no jornal na pesquisa histórica, dentre os quais, “[...] sua falta de objetividade” (LUCA, 2010, p. 116).

Contudo, no fim da década de 1960, foi possível verificar que

[...] a produção de vários pesquisadores, formados segundo padrões de excelência acadêmica e que ocupavam lugar de destaque no meio universitário [...] não dispensava a ida aos jornais, seja para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade (LUCA, 2010, p. 117).

A partir de então, a imprensa escrita se tornou importante para a investigação histórica, inclusive sobre o próprio jornal como objeto de análise. Nesse contexto, é possível citar a contribuição de Capelato e Prado (1980) ao justificarem a escolha pelo jornal como objeto de estudo, qual seja: o entendimento de que a imprensa não é apenas um simples “veículo de informações” imparcial e neutro; antes, é “[...] um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, sendo um transmissor do pensamento da classe dominante (LUCA, 2010, p. 118).

Também o estudo da história política faz uso da imprensa, pois esta cotidianamente registra “[...] cada lance dos embates na arena de poder”; conforme Luca (2010, p. 129),

[...] não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada [...] “O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspirados na renovação da abordagem do político.

Essa questão é relevante por ser o período pesquisado para este estudo a época de transição de um regime de censura à imprensa para a redemocratização. No tempo do governo militar, os historiadores tinham receio de usar os meios jornalísticos como fonte, embora tenham sido feitos trabalhos consagrados que a empregaram. Segundo Luca (2010), até a década de 1970, eram raros trabalhos que tinham como fonte de pesquisa jornais e revistas. A autora conta, por exemplo, que ela tinha o interesse em escrever sobre a história da imprensa, mas relutava por conta do perigo de perseguição

do censor. Para Capelato (1988, p. 21), existia certo pavor em usar os jornais como fonte:

Até a primeira metade do século [XX] os historiadores brasileiros assumiram duas posturas distintas em relação ao documento jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade.

Ao se verificar a perspectiva do uso da imprensa como fonte, até meados do século XX os pesquisadores negavam a pluralidade e diversidade dos jornais, com interpretações generalizadas e dicotômicas, carentes de análises críticas do documento. Contudo, o uso dos jornais como fonte passa a ser resignificado ao longo dos anos. Vale ressaltar que, desde a aparição da escola dos *Annales*, ocorrem mudanças expressivas na percepção do que é considerado fonte documental. Nessa percepção, outros documentos passam a ganhar status de fonte histórica, tais como dados estatísticos e iconografia, material estudantil como cadernos e livros, atas e diários escolares, livros de época (coleções)... É extensa a tipologia. Tais documentos — até então desconsiderados como o eram os jornais — passam a ser usados pelo historiador.

As primeiras gerações dos *Annales* trazem, como novidade, uma nova concepção do que é fonte histórica. Com o fortalecimento da nova história cultural, a historiografia brasileira passa por modificações em sua relação com o jornal como fonte. Segundo Mattos (1998, p. 99),

[...] os historiadores incluíram em suas pautas de pesquisas um sem número de novas fontes e já se acostumaram a tratar das “falsificações” e das “mentiras” com outro olhar, incorporando as teorias do social que remetem à ideologia e as teorias do ser psíquico que reportam ao inconsciente, tais preocupações podem parecer obsoletas. Mas, não se pode esquecer que a história se faz com fontes e que a natureza diversificada das fontes impõe uma nova variedade de métodos de análise que incorporam muitas das técnicas tradicionais e lançaram outras tantas novas.

Com esse novo olhar, o jornal passa não só a ser questionado, mas ainda a não ser mais visto com desconfiança depreciativa. Capelato (1988, p. 13) ressalta que a imprensa escrita foi “[...] reconhecido como um material de pesquisa valioso para o estudo de uma época”. Com efeito, os jornais têm uma contribuição grande na formação

de opiniões; por meio das reportagens, consegue expressar projetos políticos e ideológicos. Na sociedade, procuram disseminar seus interesses, fazendo com que aparentem ser os interesses gerais de uma nação. A imprensa, por registrar e comentar determinados acontecimentos, também está inserida na história; tem força política e colabora para formar a opinião pública. Por esses motivos, algumas vezes é vigiada e contida por governos autoritários.

Assim, os jornais selecionados para compor o *corpus* documental deste estudo o foram na condição de fontes de informação histórica, ou seja, permitem compreender facetas da sociedade, seja tradições e práticas, hábitos e costumes, gestos e atitudes, discursos e ideias, fatos e interpretações, usos do texto e da imagem, dentre outras questões. Por meio dos jornais, foi possível acompanhar a trajetória de Afranio Azevedo como secretário da Educação. Para compreender sua trajetória, foi necessário revisitar anos anteriores ao recorte temporal; assim, seria possível conhecer mudanças educacionais e políticas as quais antecederam o período em estudo. O município de Uberlândia, nesse contexto macro, vivenciou mudanças no governo local e, conseqüentemente, na educação municipal.

Duas indagações principais surgiram em relação à imprensa local: como a Educação Infantil e o Ensino Fundamental foram organizados no período de transição democrática, haja vista que estávamos saindo de um período de governo militar autoritário e retomando o regime democrático? Como os entrevistados, os documentos oficiais e a imprensa local apresentaram esses fatos? A seguir, exponho considerações sobre a contribuição da imprensa à investigação quanto a ajudar a entender as mudanças na educação municipal à época de Afranio Azevedo.

### 1.6.1 *Jornais pesquisados*

No dia 18 de abril de 2018, iniciei a pesquisa no Arquivo Público.<sup>5</sup> Ao chegar ao local, apresentei-me e mostrei a carteirinha de identificação discente e o comprovante de matrícula na Universidade Federal de Uberlândia como doutoranda e pesquisadora do programa de pós-graduação na linha de pesquisa “história e historiografia da

---

<sup>5</sup> Arquivo Público de Uberlândia foi criado em 1986 e tem, como objetivo, armazenar e preservar a documentação produzida pela prefeitura e Câmara Municipal de Uberlândia. Mantém, sob sua guarda, documentos iconográficos e cartográficos, jornais e outros, passíveis de serem fontes para construir conhecimentos sobre a memória e história da cidade. O arquivo se localiza na rua Ceará, n. 3015, bairro Brasil.

educação”. Expliquei o teor de minha pesquisa e fui levada à sala onde são feitas as fotografias dos jornais. Após as apresentações necessárias, iniciei a pesquisa, respeitando horários de funcionamento.

O primeiro contato foi com informações sobre os jornais: números, ano de publicação e nome. Numa pesquisa prévia, notei que nos inventários do arquivo há catalogados os jornais a seguir.

- *A Tribuna* — edições de 7/9/1919 a 27/12/1942
- *O Repórter* — edições de 12/11/1933 a 29/10/1963
- *Correio de Uberlândia* — edições de 7/1/1939 a 1º/7/2016
- *Primeira Hora* — edições de 31/8/1981 a 31/12/1981; 1º/10/1982 a 31/12/1982 (mais de uma coleção)
- *Triângulo* — edições de 9/11/1985 a 23/11/2000
- *A Notícia* — edições de 3/1/1986 a 29/12/1989; 25/7/1989 a 7/3/1990 (mais de uma coleção)
- *Gazeta Mercantil* — edições de 1º/8/2000 a 29/9/2000
- *Gazeta de Uberlândia* — edições de *Jornal do Luizote* — 1º/8/2003 a 11/1/2011
- *Cidade de Uberlândia* — edições de 21/9/2007 a 29/8/2008

Foram analisados exemplares do *Correio de Uberlândia* que abrangem o período de gestão de Afranio Azevedo; do *Triângulo* que compreendem a década de 1990; da *Gazeta de Uberlândia* que envolvem a primeira década do 2010; e do *Cidade de Uberlândia* do período em que jornal *Gazeta de Uberlândia* não circulou mais. O *Correio de Uberlândia* foi fundado em 7 de fevereiro de 1938 e circulou até 31 de dezembro de 2016. Os grupos sociais que estavam no poder eram representados por esse jornal, que cooperou de maneira significativa para a construção do imaginário social e político do município de Uberlândia (ARAÚJO, 2007). Empresários e políticos ligados ao partido União Democrática Nacional eram cotistas do *Correio de Uberlândia* desde a década de 1940. Dentre eles, sobressaem os nomes Alexandrino Garcia, João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Valdir Melgaço Barbosa. Este último assumiu a direção do periódico em 1952, atuando nas décadas de 1950 e 1960 (FERNANDES, 2008). O partido foi formado

em 1945 por oligarquias de direção econômica liberal que faziam oposição a Getúlio Vargas e deu o tom da posição política do *Correio de Uberlândia*. Em Minas Gerais, o partido teve influência e era representado por dirigentes e políticos da região, tais como Afonso e Virgílio Arinos de Melo Franco (FERNANDES, 2008). De acordo com Fernandes (2008), na década de 1950, Agenor Garcia, irmão de Alexandrino Garcia, e ambos ligados ao partido, comprou o periódico, que permaneceu sob o domínio dessa família até 1971; depois, foi vendido para Sergio Martinelli e ficou sob sua guarda até 1986. Nesse ano, o jornal retornou à família Garcia, ou seja, passa a ser da empres Algar.

O *Triângulo* foi fundado na cidade de Araguari, em 1928, e veio para Uberlândia em 1956. Há exemplares de 9/11/1985 a 23/11/2000. De acordo com Fernandes (2008, p. 29),

O Triângulo de propriedade de Renato de Freitas, dono da Gráfica do Triângulo LTDA, que foi prefeito de Uberlândia de 1967 a 1970 e de 1973 a 1976 pelo Partido Social Democrata — PSD, e Rafael Marino Neto, vereador de 1956 a 1960 — fechado em 2000 devido a ações trabalhistas movidas contra o jornal.

Como pode ser observado, o *Correio de Uberlândia* é o único jornal que cobre todo o período da pesquisa, os demais pararam suas atividades no período histórico enfocado neste estudo. Fernandes (2008) discorre sobre a preservação desses jornais e da quantidade de exemplares existentes no Arquivo Público de Uberlândia: “[...] os jornais preservados nesta cidade são o *Correio de Uberlândia*, *A Tribuna* e *O Triângulo*, sendo que destes últimos há apenas alguns exemplares; em contrapartida o *Correio de Uberlândia* possui sua coleção completa” (FERNANDES, 2008, p. 141). A periodicidade desses jornais era diária. Alguns exemplares da década de 1980 tinham as letras um pouco desbotadas, outros foram enviados para restauração; mas, de modo geral, estavam bem conservados e legíveis.

De acordo com um funcionário do arquivo, os jornais são organizados sem critério específico; mas cada livro contendo exemplares tem um número que inclui mês e ano de capa; alguns são organizados por mês, outros o são por bimestres ou trimestres.

Analisei e fotografei as reportagens afins ao recorte da pesquisa; porém, em certos casos, foi preciso visitar jornais anteriores para compreender o percurso histórico. Os exemplares são organizados em encadernações; em geral, cada livro

corresponde a um trimestre. Do *Correio de Uberlândia*, há edições de todo o período do estudo, 1989—96, 2005—12; de *O Triângulo* há edições dos anos 1989—96, primeira e segunda gestão de Afranio Azevedo na secretaria de Educação; e da *Gazeta de Uberlândia — Jornal do Luizote*, há edições dos anos 2006—11, em parte referente às terceira e quarta gestões de Afranio Azevedo. Os exemplares dos jornais *Gazeta de Uberlândia — Jornal do Luizote*, do período de agosto de 2007 a junho de 2010, não foram encontrados no acervo do arquivo. Diante disso, o período foi retratado somente por meio do jornal *Cidade de Uberlândia*, que circulou de 21 de setembro de 2007 a 29 de agosto de 2008.

As notícias referentes aos anos 2011—2 foram localizadas no jornal *Correio de Uberlândia* e não foi encontrado no arquivo outro periódico desse período. Foram fotografadas as reportagens do período dos mandatos dos seguintes prefeitos: Virgílio Galassi, 1989 e 1992; Paulo Ferolla, 1993—6, e Odelmo Leão, 2005—12, os quais tiveram, como secretário de Educação, Afranio Azevedo

As análises feitas por meio dessas fontes impressas nos permitiram investigar o modo como se estruturou o ensino municipal de Uberlândia, em especial o de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e Educação Infantil, após o término do governo militar e a retomada da democracia.

No período em que peregrinei pelo Arquivo Público, procurei garimpar as fontes possíveis que se referiam a Afranio Azevedo: reportagens, fotografias, atas de reuniões, documentos por ele assinados, plantas de escolas construídas no período de seu mandato; também me vali de livros e fotografias aos quais tive acesso por intermédio dos entrevistados. Com efeito, Paul Ricoeur (2007, p. 189) sugere uma definição ao que pode se tornar documento: “[...] tudo que pode ser interrogado pelo historiador com a ideia de nele encontrar uma informação sobre o passado”. O autor sugere que o arquivo tem certa autoridade sobre o pesquisador quando, de certa forma, impõe-se na maneira de manusear os documentos, na forma de conservar e organizar “cicatrizes” do passado, no que deve ou não ser preservado, na organização e elaboração das regras para o acesso, nos prazos de consulta. O pesquisador precisa compreender as dinâmicas que envolvem o arquivo público e o privado, ao longo do processo de produção do conhecimento histórico. No caso da

investigação sobre Afranio Azevedo, os registros se encontram em locais variados e em formas distintas de conservação e classificação.

Em seus estudos, Nunes (2016, p. 9) afirma: “[...] refletir sobre as formas de se vivenciar a modernização, essa é a indagação de fundo que permeia todo o trabalho, acompanhada por meio do Jornal *Norte de Goyaz* e do significativo personagem Francisco Ayres da Silva”. O personagem de seu estudo é o fundador do periódico *Norte de Goyaz*, um médico formado no Rio de Janeiro e político participativo dos debates sobre a cidade e seu projeto de modernização. Nunes (2016) diz que os registros de seu biografado estão armazenados em arquivos distintos, sob maneiras diversas de classificação e conservação, o que igualmente corrobora os caminhos de pesquisa da presente tese sobre a trajetória de Afranio Azevedo.

Na visão de Ricouer (2007), os documentos arquivados não sabem a quem se dirigir, passam por pessoas que os manipulam com veemência e por outras as quais não lhes dão a mínima atenção; ficam à espera das pessoas; de pesquisadores que dialoguem com eles. Para o autor, o

[...] documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, [...] além disso, o documento que dorme nos arquivos é não somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que os puseram no mundo; estão submetidos aos cuidados de quem tem competência para interrogá-los (RICOUER, 2007, p. 179).

Os jornais pesquisados foram fontes de conhecimento e análise, serviram como fio condutor na escrita da trajetória de Afranio Azevedo como secretário de Educação. Sem a popularização da internet, os jornais foram um dos principais veículos de comunicação à época e hoje são fontes históricas preciosas para reflexão e diálogo do passado com o tempo presente.

Entretanto, no processo de procurar fontes, foi preciso fazer buscas *on-line*, por teses de doutorado e dissertações de mestrado relacionadas com a temática em estudo. Seria o tipo de estudo denominado estado do conhecimento (também estado da arte), ou seja, é a pesquisa bibliográfica a fim de mapear e conhecer o que já foi perscrutado sobre dado assunto, bem como o ano de publicação, autores, objetivos, metodologias e outros aspectos. Soares (1989, p. 3) ao refletir sobre o estado do conhecimento da alfabetização no Brasil, no período de 1954 a 1986, afirma:

[...] estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses.

Diante do exposto, evidencia-se que é preciso conhecer o que já foi produzido a fim de contribuir para outras análises sobre assuntos pouco perscrutados; caminho comum trilhado por muitos pesquisadores como opção metodológica no levantamento e na avaliação do conhecimento produzido sobre dado tema. Nessa perspectiva, apresento a seguir o panorama de estudos afins ao tema desta tese produzidos até então.

## 2 PANORAMA DE PESQUISA: TESES E DISSERTAÇÕES

Neste capítulo, à luz da metodologia da história oral, trago teses e dissertações que me permitiram visualizar um panorama de pesquisas sobre pessoas comuns que contribuíram para o desenvolvimento da educação municipal. Como não foi possível localizar médicos que assumiram secretarias de Educação por um período longo, também considerei pesquisas que retratassem outras que assumiram tal secretaria no período aqui em estudo. Embora de forma resumida, foi feito um panorama de teses e dissertações para mostrar a importância dessas pessoas tendo como pano de fundo a importância da história oral como metodologia.

Foi possível encontrar produções no acervo de teses e dissertações da base de dados *on-line* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologias (que desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações/BDBTD). Ambas centralizam e organizam a disponibilidade de estudos dos programas de pós-graduação do Brasil.

A base *on-line* da CAPES permite encontrar trabalhos por autor, título e palavras-chave. Sobre a base da BDBTD, segundo Santos (2015), abriga “metadados (autor, palavras-chave, título etc.)”, assim também os arquivos, que “[...] permanecem armazenados nas bases de suas instituições de origem”. Com isso, após refletir sobre os descritores (palavras-chave) mais relevantes, defini os seguintes: “história oral” AND educação, “história de vida” AND educação, “História Oral” e “História de vida” (usei aspas para destacar a palavra-chave que foi utilizada na busca).

Iniciei a pesquisa na base de dados da CAPES, com o descritor “história de vida” AND educação. Depois marquei a opção ciências humanas como filtro no campo “grande área do conhecimento”. Para área de concentração, marquei educação e história quando disponibilizada.

Priorizei instituições de Minas Gerais por ser onde nasceu Afranio Azevedo. Para a análise e escolha dos trabalhos, atentei-me ao título, ao resumo e às palavras-chave. Vale ressaltar que alguns trabalhos feitos em instituições mineiras retratam a história de vida de pessoas de outros estados, mas foram relevantes para este estudo. Em alguns casos, busquei no corpo do texto dos trabalhos palavras relacionadas com a

pesquisa, pois nem sempre os critérios iniciais de procura eram suficientes. A seguir, fiz a busca na base de dados CAPES, com o descritor “história de vida” AND educação, “história oral” e “história de vida”; para todos os assuntos, apliquei o mesmo filtro. Na plataforma da BDBTD, usei os mesmos descritores e encontrei trabalhos comuns às outras e outros não. Iniciei a abertura dos arquivos baixados me atentando àqueles resultantes da busca com o descritor aplicado; as demais dissertações e teses, embora fossem relevantes para a área da educação, não atendiam à busca em seus resumos ou suas palavras-chave; por isso, não foram usadas.

Embora os estudos fossem de instituições acadêmicas diferentes, priorizei teses e dissertações de Minas Gerais que fizeram o uso da metodologia da história oral — história de vida —, bem como ferramentas de memória, entrevistas, concomitantes a outras fontes documentais. Observei que os pesquisadores procuraram temáticas e abordagens diferentes para se apropriarem da história oral. Alguns estudam o período de instalação e funcionamento de laboratórios de informática; outros, sobre leitura de professores, além de memórias de professores e alunos, formação docente, formação do coordenador pedagógico, gestão feminina, dentre outros temas e outras áreas que não a educação.

Nessa etapa, o objetivo foi encontrar e analisar estudos que usaram a história oral — a história de vida — por meio de entrevistas, em especial de 1989 a 2012. Mas selecionei teses e dissertações que antecederam ou avançaram esse período, pois foram necessárias ao aprimoramento de leituras e contribuíram para o conhecimento de outras realidades do objeto deste estudo.

Uma das primeiras referências que me vieram às mãos usando o descritor “história oral” AND educação nas bases dados *on-line* CAPES e BDBTD foi a dissertação de mestrado em Educação de Andrade (2008), defendida na Universidade Federal de Minas Gerais e intitulada *A presença feminina na “Escolinha do Parque”: trajetórias de vida de ex-alunas de Guignard*. A autora investigou a trajetória de vida de três mulheres que nas décadas de 1940 e 1950, frequentaram as aulas da escola de pintura ministradas pelo artista e professor fluminense Alberto da Veiga Guignard. Apesar de o recorte temporal desse trabalho ser distante do desta tese, foi interessante perceber o modo como a autora usou a história oral priorizando o relato falado de vida e a construção de relatos — como passagens sobre socialização familiar e escolar e de

espaços de vida das mulheres artistas; a análise de narrativas comuns entre elas e de outras distintas ajudou a encontrar elementos de compreensão de por que as três mulheres se tornaram artistas plásticas e professoras de arte.

Em sua tese de doutorado — *Memórias de professores: convocações do presente* —, Cunha (2010, p. 23) usou a metodologia da história oral por meio de entrevistas com quinze professores do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte; além de fazer entrevista coletiva gravada com quatro professores e a escrita narrativa de uma docente. O intuito foi “[...] analisar as lembranças de atuais professores/as sobre suas vidas nas escolas onde foram crianças, adolescentes e jovens alunos e alunas [...]”; o pressuposto era que, “guardadas em suas memórias”, as recordações se apresentassem como algo que permeasse “suas formas de ser e exercer a docência”. Também almejou saber como a recordação estava presente na atuação profissional na atualidade, tanto quanto sua resignificação. A pesquisa procurou abranger o que tais rememorações representam e sua acuidade nos conhecimentos desses professores no presente, considerando que o hoje os convida a atualizar e resignificar a memória. O período analisado foram os anos 1950—90, quando as relações docentes e discentes eram atravessadas por crenças, valores, expectativas e necessidades distintos, assim como as práticas pedagógicas eram diferentes. A tese de Cunha trouxe contribuições muito úteis a este estudo.

Ao ler o título da dissertação de Paiva (2016), *Entre as memórias do Campo das Vertentes: uma história da formação de professores de Matemática da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI) no período de 1987 a 2001*, fiquei curiosa por se tratar do mesmo período de atuação de Afranio Azevedo em dois mandatos como secretário Municipal de Educação (1989–96). Destaca-se a relevância que o pesquisador destina ao uso da metodologia da história oral na área da matemática. Foram entrevistados nove pessoas envolvidas no curso de Ciências da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei. O objetivo do trabalho foi elaborar uma versão histórica da formação de professores de Matemática nessa instituição no período 1987–2001.

Oliveira (2017) defendeu a dissertação de mestrado *Propostas curriculares de Educação Física de Minas Gerais (1970–2004): presença e participação da professora Eustáquia Salvadora de Sousa* no Programa de Educação de Pontifícia Universidade

Católica de Minas Gerais. Cabe observar que nem o título nem as palavras-chave aludem à história oral; mas o resumo tais pressupostos metodológicos além da pesquisa documental. Foi entrevistada a professora de Educação Física Eustáquia, que participou da produção de todas as propostas curriculares da disciplina de 1970 até 2004. Conhecer a história de vida dessa professora foi importante para compreender sua trajetória profissional como educadora e gestora, os contextos socioeducativos em que as propostas foram elaboradas, seus objetivos e suas finalidades. Tal estudo corrobora esta tese por ter em comum o uso dos pressupostos metodológicos da história oral e história de vida.

Pereira (2016) dissertou sobre *Ser bacharel e professor formador de professores: narrativas, formação e identidade*. Seu objetivo de pesquisa foi compreender aspectos da trajetória formativa e do processo de constituição da identidade de professores bacharéis atuantes em licenciaturas. O autor distribuiu questionários para 49 professores; destes, 28 responderam, do que se constatou que só cinco destes últimos possuíam bacharelado. De abordagem qualitativa, a pesquisa seguiu pressupostos da história oral temática. Uma vez entrevistados os cinco professores, suas entrevistas foram transcritas e textualizadas. Os relatos apresentados permitiram sistematizar um conjunto de conhecimentos produzidos ao longo da pesquisa. O referencial teórico se alinhou nas discussões sobre ensino superior e especificidades e conhecimentos mobilizados na docência. A pesquisa corroborou este estudo ao ampliar leituras inseridas no campo metodológico da história oral.

Para compor o panorama com o descritor “história oral” AND educação, garimpei esses cinco trabalhos supracitados e comentados, além de outros encontrados na base de teses e dissertações. Com o descritor “história de vida” AND educação, apareceram vários trabalhos; apliquei os mesmos filtros e segui os mesmos critérios para elencá-los, nessa ordem: título, resumo, palavras-chave e instituições mineiras. Com essa palavra-chave, encontrei a dissertação de Silva (2007), *Mulheres negras em movimento(s): trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte — MG*, defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O título deixa evidente o objetivo da pesquisa, que foi compreender as trajetórias de vida e a política de mulheres negras militantes em

organizações políticas em prol da superação de desigualdades raciais e de gênero, bem como analisar sentidos e significados de ser mulher negra nesse processo.

Para alcançar o objetivo proposto, Silva (2007) entrevistou seis mulheres residentes em Belo Horizonte, com base em suas trajetórias de vida, social, pessoal e profissional, para caracterizar seus perfis de militância atuante na perspectiva da etnia e do gênero. Para os propósitos da investigação, a história de vida se apresentou como mais adequada, pois o sujeito produz o próprio conhecimento a partir de seu discurso sobre uma situação concreta de sua vida; aproximar-se de um momento específico da trajetória de vida dessas mulheres no presente é, então, retomar elementos de seu passado. Para tanto, Silva usou a análise de documentos, a observação de campo e a entrevista semiestruturada como elementos metodológicos privilegiados. Sua dissertação dialoga com o presente estudo no trabalho com pessoas que contribuíram para o campo educacional.

No ano de 2009, Vaccarini defendeu sua dissertação de mestrado, *Quem vivenciou o que? Memórias e histórias de infância em Rio Novo*. Por meio do relato oral de professoras aposentadas da cidade de Rio Novo, Zona da Mata mineira, a pesquisa objetivou investigar os elementos vivenciados na Educação Infantil de cada uma. A autora teve contato com pesquisadoras interessadas em rememorar e narrar suas trajetórias e, com elas, fez uma reflexão sobre seus processos nos aspectos educacional, escolar, familiar e de suas experiências como docentes do nível primário. Para registrar esses momentos, a pesquisadora usou a filmagem como estratégia. As palavras-chave que levaram a este estudo incluem história oral e história de vida.

A dissertação de Barbosa (2017), *Ser professor na ditadura militar brasileira (1964–1985): histórias, experiências e narrativas docentes de Mariana, MG*, contribuiu para este trabalho ao abordar um período histórico importante que antecedeu o tempo aqui abordado. Com o objetivo de “[...] compreender questões que permeiam a profissão docente [...] por meio das narrativas dos professores entrevistados [...]” e considerando a “vida individual, profissional e social destes educadores”, Barbosa (2017, p. 26) contou com a colaboração de três sujeitos sociais que se dispuseram a partilhar seus conhecimentos sobre o ambiente sociopolítico de sua prática docente. A pesquisadora almejou valorizar o ofício da categoria, bem como a história de vida das pessoas entrevistadas.

Em 2012, Souza defendeu sua dissertação, *Arquivos da história e histórias de vida: diálogos com a educação popular*, na Universidade de Uberaba. Seu objetivo foi “[...] resgatar a história da escravidão em Uberaba [...]”, mediante a consulta à memória documental e a memória oral para fazer um “[...] diálogo com alguns pilares da Educação Popular [...]” que permitisse refletir sobre “[...] novas práticas pedagógico-escolares ou não, que tenham sentido e significado com relação ao que se aprende a quem aprende e com quem aprende” (SOUZA, 2012, p. 82). O autor se valeu da metodologia da história de vida e documental, em três etapas: busca por documentos no Arquivo Público de Uberaba; entrevista com Maria Luiza, moradora da cidade e neta de escravos; e análise e organização dos dados levantados em eixos temáticos de acordo com o conteúdo. O relato de Maria Luiza contribuiu para as leituras feitas em função desta tese.

A dissertação *Ofício de ser professor de licenciatura a partir das narrativas de histórias de vida*, de Gontijo (2018), apresenta como “experiências pessoais e educacionais” de professores de licenciatura “influenciam em sua prática docente”; para fazê-lo, a pesquisadora usou pressupostos teórico-metodológicos da história oral de vida. Primeiramente, para a coleta e análise de material empírico, fez-se uso de questionários; depois, entrevistas estruturadas com os sujeitos que fizeram parte de sua pesquisa. Ao final, uma de suas considerações foi: “[...] as narrativas de histórias de vida possibilitam uma reflexão sobre a prática docente extremamente pedagógica, pois nelas estão inscritas as suas concepções de ser e estar professor” (GONTIJO, 2018, p. 15).

Usei mais dois descritores para buscas nas bases *on-line*: “história de vida” e “história oral”. Os filtros aplicados foram os mesmos já citados. É interessante como as buscas com o descritor “história de vida” ou “história oral” não diferem das dos descritores “história de vida” AND educação” e “história oral” AND educação”, citados antes. Os trabalhos encontrados são quase os mesmos, pois suas palavras-chave ou seu resumo trazem as expressões história de vida, história oral, narrativas; alguns pesquisadores usam uma de cada vez, outros juntam duas, por exemplo: “história oral e história de vida”.

Nas buscas na base virtual da CAPES e da BDBTD, encontrei — com os descritores “história oral” e “história de vida” — várias dissertações e teses de pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia da linha de pesquisa “história e historiografia da educação”, em que minha pesquisa esta inserida. A seguir, apresento alguns desses estudos.

O primeiro trabalho, *Modos de leitura de alfabetizadoras: história, memória e representação*, do pesquisador Araújo (2005, p. 19), tem como método investigativo a história oral temática, “[...] pois ela nos permitiu registrar várias faces da relação que as alfabetizadoras tiveram com a leitura, que não seriam reveladas por meio de outros instrumentos”. Ele entrevistou cinco professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental de escolas do meio rural e do meio urbano, a fim de compreender suas histórias como leitoras, bem como seu trabalho com a leitura em sala de aula.

Outra contribuição é a dissertação de mestrado de Leão (2005), *História e representações sociais: o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz” — CEMEPE — na visão dos educadores da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia (1991–2000)*, do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisadora almejou

Construir a memória histórica do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz” — CEMEPE de Uberlândia, descrevendo e contextualizando criticamente as idéias pedagógicas, associadas às políticas de qualificação docente em serviço, instituídas no período 1991—2000 (LEÃO, 2005, p. 14).

O período elencado para tal pesquisa abrange parte do meu recorte; ela menciona fragmentos de suas entrevistadas a Afranio Azevedo como secretário Municipal de Educação e seu interesse em desenvolver uma educação de qualidade em Uberlândia, investindo na formação docente e efetivando projetos no CEMEPE.

A dissertação *Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade*, de Carvalho (2007), retrata a trajetórias da educadora expressa no título. Numa análise de intenção socio-histórica, ela descortina escolhas e ações no campo educacional. À luz da história oral, a pesquisadora analisou e escreveu sobre a vida de Ilar Garotti e suas contribuições nos campos educacional e religioso. O objetivo da pesquisa foi investigar, em meio às interfaces do cotidiano, aspectos simbólicos e singulares que pudessem revelar a

história de vida da professora, bem como suas contribuições para o processo educacional de Uberlândia.

A dissertação de Medeiros (2013) fez uma *Análise das políticas de inclusão digital da rede pública municipal de ensino de Uberlândia no período de 1999–2012*. O objetivo foi descrever e analisar as políticas de inclusão digital formuladas e implementadas na rede escolar pública de Uberlândia. Essa dissertação abrange oito anos do recorte temporal da pesquisa subjacente a esta tese. Nos anexos da dissertação, encontrei a instrução normativa SME 6/2010, que estabelece normas de funcionamento dos laboratórios de informática nas escolas da rede municipal, assinada pelo então secretário de Educação, Afranio Azevedo, em 7 de dezembro de 2010.

Do ano de 2013, encontrei outra dissertação que usa pressupostos da história oral, a de Lepick, intitulada *Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro — 1963 a 1973*. Seu objetivo foi “[...] realizar uma investigação sobre os modos de alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no período de 1963 a 1973”. Foram entrevistadas quatro alfabetizadoras que atuaram por cinco anos na mesma função e a primeira diretora do grupo escolar. A história oral temática e documental estão presentes em seus pressupostos metodológicos, pois possibilitou retomar modos de ensinar e rememorar experiências em sala de aula. A história oral permite não só revelar detalhes não captados por registros documentais, mas ainda valorizar experiências, o que muitas vezes não é possível com outras metodologias.

Outra dissertação importante para compor este quadro é a de Romero (2016), *Política de incentivo à leitura no governo Zaire Rezende 1983–1988*. Nela, a expressão história oral consta em seu resumo, mas não em suas palavras-chave. Romero (2016) entrevistou cinco pessoas que trabalharam tanto na Secretaria Municipal de Cultura como na Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira, no período do primeiro mandato do governo Zaire Rezende (1983–8). O objetivo de sua pesquisa foi “[...] mapear as propostas chamadas de Políticas culturais do governo de Zaire Rezende realizadas no período de 1983–1988 na cidade de Uberlândia/MG”. Vale ressaltar que, assim como Afranio de Freitas, a formação do ex-prefeito Zaire Rezende é em medicina.

Em sua tese de doutorado *Garimpeiro de memórias: práticas educativas de Ozildo Albano — Piauí (1952–1989)*, Pinheiro (2018, p. 35) diz que recorreu à metodologia da história oral para “[...] investigar as práticas de Ozildo Albano no Piauí, entre os anos de 1952 a 1989”. Ressalta que esse método “[...] se vincula aos procedimentos de entrevistas com indivíduos que viveram os acontecimentos”.

Outra tese de destaque é a de Souza, defendida em 2009. O objetivo da pesquisadora foi “[...] investigar o ser e o fazer-se professora no Piauí no século XX, por meio da história de vida da professora normalista Nevinha dos Santos, que escreveu suas memórias em cadernos de anotações e as publicou em forma de artigos no *Jornal Meio Norte*, de Teresina-PI” (SOUSA, 2009, p. 39) A nova história é o referencial principal de análise teórico-metodológico, por possibilitar conhecimentos do cotidiano concentrando atenções nas percepções de história de vida, história oral e memória. A tese de Sousa tem relevância para a profissão docente por compartilhar a experiência de uma professora.

Nessa empreitada de busca por teses e dissertações, foi possível localizar algumas que retratam Afranio Azevedo como secretário de Educação. Fiz uma busca nas bases *on-line* já citadas usando descritores como “educação AND secretário AND história oral”, assim como “história oral” e “secretário municipal”. A seguir, descrevo o resultado com esses marcadores.

Uma das primeiras referências que me chegaram às mãos foi a tese de Dutra (2016), defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo com foco nas relações filosofia–educação. O trabalho *Memórias de educadores sobre a gestão de Paulo Freire na Secretária Municipal de Educação de São Paulo* expõe reflexões acerca da figura de Freire; aspectos das relações no interior das escolas e da memória docente, relacionados com as condições de trabalho. Ele usa a metodologia da história oral por meio de entrevistas com dez professores que atuaram no período em que Freire foi secretário de Educação. Aborda, também, temas como a relação dos professores e o governo, o funcionamento dos conselhos de escola e a participação da comunidade na escola. A pesquisa reflete, também, sobre impactos de políticas públicas na população segundo a visão dos professores. Dutra trouxe pontos importantes da gestão de Paulo Freire, tais como a luta pela construção de uma escola popular e democrática, a criação do estatuto do magistério municipal, que assegurava direitos aos professores, a criação

dos ciclos nas escolas de Ensino Fundamental e o restabelecimento dos conselhos escolares. Freire desempenhou papel de gestor público no campo da educação e se projetou a ponto de ir participar da equipe do Ministério da Educação durante o governo João Goulart, em que pretendia promover o programa de alfabetização de adultos.

Outra referência que encontrei foi a tese de Pranto (2018), *Os acampamentos da campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as relações dialógicas com a comunidade local*. Embora o recorte temporal seja anterior ao deste trabalho, tal estudo é relevante porque retrata uma campanha de alfabetização da prefeitura de Natal, RN, para erradicar o analfabetismo no município. A pesquisadora analisa as relações dialógicas entre as comunidades locais dos bairros Rocas e Quintas e os acampamentos escolares da campanha. Ela faz uso da memória e da história oral como fontes históricas para pensar na história da educação do Rio Grande do Norte, bem como do cruzamento com outras fontes como fotografias da campanha, notícias de jornais que circulavam na época, gráficos e tabelas. Traz um dado relevante: também usou como fonte livros publicados pelo secretário Municipal de Educação, então Moacyr Goés. O estudo abrange o período 1960–4.

Defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de “educação: história, política, sociedade”, a dissertação de Souza (2018), *Resistência e desistência: os conflitos na experiência de Paulo Freire como secretário Municipal de Educação de São Paulo (1989–1991)*, retrata a atuação de Freire na gestão educacional paulistana no governo da prefeita Luiza Erundina. O recorte temporal que a pesquisadora faz é o mesmo de parte do recorte desta tese. A pesquisadora investigou motivações possíveis para a desistência de Freire do cargo e o que sua experiência representou em seu percurso como intelectual da educação.

Na tese *A experiência educacional da administração popular em Porto Alegre/RS (1989–2004) na perspectiva de seus secretários municipais de Educação* (defendida na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa “formação política e práticas em educação”), Gonçalves (2013) apresentou seu estudo da experiência de gestão de processos e políticas educacionais desenvolvidas pela chamada administração popular de Porto Alegre, ao longo de quatro mandatos, tendo em vista a perspectiva de seus secretários municipais de Educação (e num período que se alinha no recorte histórico deste estudo).

Para tanto, a autora os entrevistou a fim de investigar a experiência de compor governos de administração pública com participação da população em geral; ou seja, com o intuito de avaliar um modelo de gestão da chamada Democracia Participativa: protagonismo popular na tomada de decisões e no controle social. Em quatro capítulos, a autora discute cidadania, democracia, Estado, Democracia Participativa e participação segundo concepções teóricas e políticas diversas, bem como seus significados e outros temas na articulação entre educação, democracia e cidadania.

Após os levantamentos de dados em bases virtuais, pesquisei no *website* de busca Google com o descritor “Carlos Lamarca”. Isso porque, segundo reportagem do G1 (FLEURY, 2014, *on-line*), Afranio Azevedo “[...] foi procurado pelo médico ginecologista Almir Ferreira, militante da esquerda, para realizar uma cirurgia plástica em um guerrilheiro cujo rosto estava estampado em todos os jornais do país. Era Carlos Lamarca”. Com efeito, encontrei estudos sobre Lamarca que destacam Afranio Azevedo como cirurgião que modificou o rosto do guerrilheiro. A dissertação de Martins (2007), *Diálogos entre passado e presente: Calabar, o elogio da traição (1973) — de Chico Buarque a Ruy Guerra*, defendida no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. O autor usa a peça de teatro *Calabar — o elogio da traição* para tratar não apenas da história do teatro, mas ainda da história do país. Nesse contexto, faz uma correlação entre *Calabar* e o guerrilheiro Lamarca.

Outro trabalho de destaque foi a monografia de Anjos Filho (1999), *Lamarca: mito e história*, defendida em 1999, no então Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia. O autor, assim como Martins (2007), não faz uso da história oral nem menciona Afranio Azevedo como secretário de Educação; mas o apresentam como o cirurgião que operou Carlos Lamarca, em 1969. Patriota (1999) publicou um artigo importante para este estudo: “Afranio Marciliano de Freitas: o cirurgião de Carlos Lamarca narra suas experiências durante a ditadura militar”. Mas não foi possível encontrá-lo *on-line*. Então, entrei em contato com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fiz uma solicitação para me enviarem tal artigo. Até o momento da defesa desta tese, não tive resposta.

### 3 ENTRE A POLITIZAÇÃO E A PRISÃO: ITINERÁRIOS DE VIDA

Perscrutar aspectos da vida de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo e escrever parte de sua história exigiu recorrer a familiares, amigos e colegas cujas memórias teriam relevância para esta reconstituição histórica. As ações que envolvem a trajetória de vida dele transitam pela política, medicina e educação. Em ações importantes para a área da saúde e a formação educacional da população, Afranio Azevedo deixou sua marca na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, MG. Com o escopo de perceber e analisar seus passos, propus-me a recompor parte do passado vivido por ele. Suas ações me levaram a transitar por espaços variados e a visitar fontes diversas, que auxiliaram na construção deste estudo, bem como da história da educação de Uberlândia.

Nesse caminho, Afranio Azevedo foi deixando pistas e marcas que permitiram construir este estudo. Para compor seu perfil biográfico, tive de olhar por lentes variadas para um passado vivenciado e datado. Além de fatos, datas, locais, filiação e episódios que compuseram a vida Afranio Azevedo, tive de me atentar a obras de cunho biográfico que poderiam permitir apreender formas de compor esta história da vida dele. Estar atenta a acontecimentos aglutinados à memória deixada poderia me levar, por certo, a entender sua trajetória de vida e sua atuação no período em que foi secretário de Educação de Uberlândia.

#### 3.1 Linhagem da família Freitas e Azevedo

Afranio Azevedo era filho de Afrânio Francisco Azevedo e de Joaquina de Freitas. Para registrar a história da linhagem familiar, foi preciso que os participantes deste estudo evocassem suas memórias; muitas vezes, percorrendo momentos difíceis de serem rememorados, mas cuja recordação foi atravessada pelo respeito, carinho e desejo de colaborar com a pesquisa. O primeiro familiar a residir em Uberlândia foi Moisés de Freitas Silveira, bisavô de Afranio Azevedo. Tinha cinco filhos, nascidos em Uberaba; um deles era Olympio de Freitas Costa, pai de Joaquina Freitas.

Santos (2020), em entrevista, mencionou seu apreço pela família Freitas: “[...] era muito conhecida em Uberlândia, como é até hoje; uma família muito grande”. Com efeito, o status da família se expressava em número de pessoas e na posição social

ocupada na sociedade. A entrevistada relatou que a família “[...] foi sempre muito mais conhecida na cidade por causa dos antepassados [...]”, ou seja, pelo investimento no comércio e na pecuária, pelo ingresso em universidades; numa palavra, a família carregava uma história de grandes homens e grandes feitos na história do município. Ao contrário, a família Azevedo, segundo Santos (2020), “[...] era uma família menor, uma família que veio de fora, o pai do senhor Afrânio Francisco veio de fora, foi buscar a mulher dele em Uberaba [...]”. Como se infere, a constituição das famílias foi diferente.

A família Freitas pode ser vista como uma das poucas famílias de Uberlândia que faziam parte da elite. De acordo com Freitas (1985, p. 152),

As elites brasileiras têm sido tradicionalmente compostas por indivíduos brancos, católicos, provenientes das famílias cujas origens remontam ao patriciado rural; como regra geral, seus integrantes freqüentaram colégios particulares, mas concluíram seus estudos superiores em universidades públicas. São detentores de diplomas de curso superior, com predominância dos bacharéis em direito, engenheiros, médicos e militares.

Como se pode ler, a família Freitas pode ser situada no que corresponde à elite de Uberlândia, pois tem tais características. Chegaram a Uberlândia e logo se inseriram no meio social, profissional e acadêmico, dentre outros. A família Azevedo era de origem humilde e passou por dificuldades econômicas até poder construir seu patrimônio. Talvez esta seja a razão por que Afrânio Azevedo não apareça em relatos memorialistas. De acordo com Wagner (2013, p. 233), ele não se coadunava com os ideais da elite.

A figura política e social de Afrânio de Azevedo é significativa e se torna um diferencial, pois em uma cidade com características conservadoras das elites que se conjugavam e ainda fazem conchavos para manter o poder, o fazendeiro Afrânio seguiu um caminho diferente e pragmático, norteado pelas ideologias comunistas e princípios espiritualistas que o fizeram distanciar-se das práticas sociais da época e o fizeram patrocinar a educação de pessoas carentes e a distribuir terras gratuitamente, mas sem perder de vista os negócios e o lucro com as transações econômicas. Assim podemos entender porque os memorialistas tradicionais pouco o mencionam ou nem escrevem ou falam de Afrânio Azevedo.

Com efeito, fica claro que Afranio Azevedo escolheu um caminho diferente das pessoas que tinham posses e queriam permanecer no poder. Ele escolhe ajudar o próximo com oportunidades como o acesso à educação gratuita com pretensões de ser de qualidade elevada. Ainda segundo Wagner (2013, p. 233), Afranio Azevedo é pouco citado, pois, na contramão de políticos materialistas, ele recebeu “influência na construção da educação básica e superior de Uberaba”.

A trajetória de Afranio Azevedo se iniciou, a rigor, em de junho de 1939, mês e ano de seu nascimento, em Uberlândia. Naquele ano, a cidade teve estimados os números de sua população, segundo Fleury (1939, p.14) em texto publicado no jornal *O Triângulo*.

Pelo arrolamento predial de 1937 acrescido das construções licenciadas em 1938 o número de prédios na cidade subia a 3.386 em 31 de Dezembro desseanno. Pela densidade predial de 1920 (recenseamento) 4,88 por predio, a população seria de 16.523 habitantes. Calculada a população urbana das vilas de S. Maria e Martinópolis encontraremos para o município. População urbana 17.333, Rural 25.217 perfazendo um total 42.550. \*De 1931 a 1938 foram registrados nos 3cartorios do registro civil do município: Nascimentos, 6.882; coeficiente, 25.3'1.. Obitos, 3.859; coeficiente, 13.01. No religioso: Batisados, 10.252; coeficiente, 34.71.. Saldo vegetativo: pelo civil, 3.023; pelo religioso, 6.393. População média no período, 36.854 Crescimento da população de 1930 a 1938: Total, 37.111.; vegetativo, 20.62, imigratorio, 16.49. O coeficiente de nascimentos na cidade foi no período de 1928 a 1937 de 29.61. e na zona rural 377. O calculo da população foi feito tomando por base a taxa de nascimentos encontrada no censo de 1920, no periodo de 3 anos, do movimento religioso. Feito pelo registro civil o aumento da população seria em alguns distritos negativo.

Como se pode ler, a estimativa populacional era de 42.550 habitantes, somando a população de Santa Maria e a de Martinópolis. A população rural era maior que a urbana. Além disso, cabe dizer que o município ascendia em seu crescimento industrial e comercial. Criadores de gado — fazendeiros e invernistas — almejavam construir um frigorífico local, pois consideraram “[...] Uberlândia o reduto de gado do Triângulo Mineiro sem contar que outros comercios podem surgir a partir deste como fabricas de adubos, botões, pentes, de sabão e sabonete, investimento em grandes cortumes” (TEIXEIRA, 1970, p. 14). Outras formas de comércio e serviços surgiram na época de nascimento de Afranio Azevedo, a exemplo das salas de cinemas como o Cine Teatro Uberlândia, cuja proposta era de acomodar 2,5 mil pessoas com o conforto

de poltronas modernas, assim com o Mercado Municipal, cuja construção foi autorizada em 1923. Mas o prédio foi inaugurado só em dezembro de 1945. O mercado, segundo Alves e Filho (2011, p. 244), trouxe alguns benefícios para o município e a região:

Considerado como um melhoramento necessário à distribuição de alimentos na cidade de Uberlândia, as vantagens do Mercado Municipal eram destacadas. Dentre os principais benefícios estavam a garantia dos preceitos higiênicos na comercialização de hortifrutigranjeiros, assegurada pela facilidade de execução de uma fiscalização mais efetiva, visto que os comerciantes encontram-se aglomerados e a possibilidade de maior diversidade de produtos a disposição dos consumidores, o que estimularia um consumo maior.

De acordo com essa passagem, o mercado melhoraria a parte financeira do município por meio da arrecadação de impostos e do controle de produtos a serem negociados e dos preços das mercadorias. Uberlândia vivia um crescimento comercial, industrial e populacional. Seus governantes, desde a fundação, sempre almejavam o crescimento da cidade e se empenharam em tal projeto.

Os anos 1930 são pertinentes aqui porque encerram o período em que a família Freitas e Azevedo se inicia, com união de Afranio Francisco Azevedo e Joantina Freitas, em 1934. Ela nasceu em 19 de agosto de 1914, em Uberlândia. Filha de família dona de posses, ela pôde estudar no internato Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba, MG, onde se formou normalista, aos 18 anos de idade. No período de estudo, segundo Pannunzio (2020), Joantina Freitas desenhou mapas no setor de geografia do colégio junto às freiras. Por meio de instruções encaminhadas pelo Vaticano, ela ajudava a fazer mapas físicos e políticos da Europa. Após o matrimônio, não só continuou na cartografia, como ainda ministrou aulas de Geografia, Álgebra e Matemática por um ano, no mesmo colégio. Ao se formar normalista, retornou para sua cidade natal, onde conheceu Afranio Francisco Azevedo.

Afranio Francisco Azevedo nasceu em 7 de setembro de 1910, em Uberaba. Filho de pais humildes, família modesta e trabalhadora, estudou no Colégio Diocesano. Após o falecimento da mãe — causado por uma epidemia de tifo —, foi preciso deixar o colégio para ajudar o pai no sustento da casa. Passados dois anos do falecimento dela, o pai morreu, e Afranio Francisco, órfão total aos 16 anos de idade, passa a ser arrimo de família. Tinha um irmão mais velho, de 19 anos, que era tuberculoso e trabalhava em

casa, tocando uma barbearia; não conseguiu se formar academicamente e, não demorou muito, veio a óbito.

Nessa época, Afranio Azevedo era entregador de marmitas, mas isso não era suficiente para o sustento de todos. Pannunzio (2020), em entrevista, relata:

Meu pai tinha um vizinho que era telegrafista da Mogiana em Uberaba, [que lhe] disse: “Se você soubesse telegrafia, eu ia te indicar para partir o horário comigo. Telegrafia, cada jeito que bater, é uma letra”. [Afranio Francisco] “Mas é bom?”. “É muito bom, mas não é para qualquer um. Mas, assim, você consegue, ao menos ser espertinho. Se conseguisse aprender, seria bom”. Imediatamente, ele [se] plantou do lado do telégrafo da Mogiana, aprendeu todas aquelas coisas, mas não tinha idade o suficiente para fazer o exame em Ribeirão Preto [SP], para ser aprovado ou não para trabalhar na Mogiana e, aí, nunca se soube se foi alguém que instruiu. Ele foi em uma cidade vizinha, se registrou [com] dois anos mais velho, ninguém perguntou nada. Ele falou: “Meu pai morreu, tá aqui, e a gente ficou sem registro, meu nome é tal, eu nasci em tal...”, e ele ficou com duas certidões de nascimento diferentes. Ele falava: “A única coisa feia que eu fiz na minha vida, mas eu precisei, tinham sete abaixo de mim que precisava”. E ele foi telégrafo da Mogiana, e sendo telégrafo ele começou a estudar francês, abriu uma escola de contabilidade em Uberaba, aí ele foi ser contador, e foi estudando, assim. Papai ficou tão observador, ele tinha um português perfeito, mas ele gostava de ler dicionário. [...] Aí, nesse serviço de telegrafista, ele começou o curso de direito, mas era uma coisa longe, não dava, era difícil demais. Mas ele fazia uma petição e entregava para o advogado dele só para protocolar no fórum. Ele era bastante antenado.

O relato de Pannunzio (2020) apresenta o esforço de Afranio Francisco para aprender a ser bem-sucedido materialmente. Após trabalhar como telegrafista, ele fez um concurso do Banco do Brasil de Uberaba, conforme relata Azevedo (2020): “[...] primeiro Banco Hipotecário, depois Banco do Brasil. É interessante que ele funcionário do Banco do Brasil foi destacado na agência número 9 em Uberaba para abrir a agência em Uberlândia e, aí, ele veio para fazer o cadastro dos moradores de Uberlândia e abrir a agência de número 91 [...] em Uberlândia”.

Sobre essa passagem da vida de Afranio Francisco, Pannunzio (2020) declarou que ele

[...] foi gerente do Banco do Brasil aqui em Uberlândia, a primeira agência que abriu aqui. O banco trouxe os funcionários todos, e ele foi o primeiro gerente, ele tinha a tarefa de visitar os fazendeiros, os boiadeiros, os coronéis, todos, para ver se tira o dinheiro debaixo do colchão e põe no banco. Imagina!? Meu avô tinha só gado, nunca trabalhou com dinheiro, não! Não tinha. Abriu à toa essa loja aí. [Dizia ele] “Dinheiro, eu não tenho, só tem vaca, que já pariu ou vai parir. Serve? Vai pôr no banco? Não. É dinheiro. Dinheiro eu não tenho. Mas tem crédito. Crédito? Que moeda é essa?”. Então, para abrir a primeira agência de banco em São Pedro de Uberabinha [antigo nome de Uberlândia], foi um esforço louco; convencer aquele pessoal a negociar a troca de dinheiro, “não vai trocar vaca a troco de bezerro? Eu te dou uma vaca, e você me dá dois bezerras”. Não. Não é escambo mais, não! Eu te vendo vaca, pego o dinheiro, compro bezerro de outro e pago em dinheiro, esse salto comercial foi o Banco do Brasil que fez. Sempre teve no Brasil inteiro na década de [19]40, então ele que veio fazer isso aqui.

A ação do Banco do Brasil não fluíu como o esperado. Afranio Francisco lutava para não deixar os fazendeiros irem embora de Uberlândia com uma imagem ruim do trabalho da agência. Nessa mesma época, ele foi convidado para um jantar na residência do irmão de Joanhina de Freitas, que, depois, tornou-se seu cunhado. Joanhina de Freitas, já normalista e recém-chegada a Uberlândia a pedido do irmão, foi ajudar a cuidar da cunhada, que tinha acabado de dar à luz. Eis o que disse Pannunzio (2020) sobre esse acontecimento: “Ó, você vai lá porque a Clarinda está de resguardo, e eu quero oferecer um jantar para esse povo do Banco do Brasil hoje. Eles não podem ir embora com essa impressão horrorosa aqui de Uberlândia”. Segundo a entrevistada, foi nesse jantar que Afranio Francisco conheceu Joanhina de Freitas: “[...] nessa leva de moderno, vem o meu pai, que era um pé de china [chinelo], não tinha nada, mas [tinha] uma cabeça boa e, ali, ele conheceu a minha mãe, e ela ficou maravilhada, porque ele não falava de boi nem de bezerro, nem de vaca parida” (PANNUNZIO, 2020).

Quando Joanhina de Freitas decidiu se casar, a família estranhou, pois parecia não ter nada em comum com o noivo, segundo Pannunzio (2020). Ela teve uma formação diferente: com os princípios da Igreja Católica; bordava e pintava. Já Afrânio Francisco era espírita kardecista. Os irmãos dela diziam: “[...] era um pé de china e tinha quatro defeitos: maçom, espírita, comunista e pobre [risos]”.

A pesquisa de Fonseca (2012) corrobora a fala dos participantes deste estudo ao narrar parte da trajetória de Afrânio Francisco, o que nos ajudou a compreender aspectos da vida do filho Afranio Azevedo. Segundo esse autor, Afranio Francisco,

[...] Aos 16 anos, trabalhou como professor na zona rural, no distrito de Veríssimo, e mais tarde foi funcionário subalterno do Banco do Comércio e da Indústria de Minas Gerais, em Uberlândia. No entanto, ele retornou a Uberaba e, sem condições de cursar o ginásio, decidiu fazer o curso de perito-contador na Escola de Comércio José Bonifácio e se tornou um habilidoso datilógrafo. Com isso, passou a ser funcionário do Banco do Brasil, até que, em 1936, foi transferido para Uberlândia para participar da instalação da primeira agência daquele banco na cidade. Na cidade vizinha, Azevedo se associou ao fazendeiro Argemiro Lopes e juntos fundaram, no início da década de 1940, a Casa Bancária Lopes & Azevedo — que depois passou a se chamar Freitas & Azevedo, devido à sociedade com Olympio de Freitas, seu sogro. Contudo, em 1945, o banco encerraria as atividades, e Afrânio Azevedo passaria a se dedicar à agricultura e à pecuária em Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Afrânio Azevedo era, naquele ano de 1941, proprietário da Fazenda Velha de Cima, conhecida pela excelência de seu gado (*O Triângulo*, 11.5.1941, p. 6). O pecuarista foi também maçom irmanado à Loja Estrela Uberabense (“Extracto da acta...”, 1943) e seguidor da doutrina espírita kardecista. Em 1946, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB), concorreria a um mandato na Câmara Federal e, no ano seguinte, se elegeu deputado estadual na Assembleia Constituinte de Goiás. [...] Esse experimentado banqueiro-fazendeiro-maçom-espírita-comunista, diretor da Cia. Pecuária Canadá e criador de prodigiosos touros vencedores de certames agropecuários (*Lavoura e Comércio*, 10.7.1944, p. 6) era possuidor de fortuna invejável naqueles anos 1940. No entanto, vez ou outra, ele costumava mencionar o seu passado repleto de dificuldades financeiras (FONSECA, 2012, p.76; 77).

Joaninha de Freitas teve “[...] quatro gestações e cinco filhos, sendo a primeira gestação José Olympio, a segunda Mário Augusto, gêmeo com a Martha, a terceira gestação, Afranio Azevedo e a quarta, Francisco Humberto” (AZEVEDO, 2015). Fonseca (2012) relata que o “[...] fazendeiro teve seis filhos: José Olympio, Mário Augusto, Martha, Afranio Marciliano, Francisco Humberto e Marcos [...]”; mas Pannunzio (2020) preferiu não comentar (FIG. 1).

FIGURA 1. Família Freitas e Azevedo antes do nascimento do caçula, Francisco Humberto



Em primeiro plano, da esq. p/ dir., a prole: Martha Pannunzio, Afranio Azevedo, Mário Augusto e José Olympio; em segundo plano, os pais: Afranio Francisco e Joaninha de Freitas.

FONTE: acervo de Martha Pannunzio

Azevedo (2020) relata como era a realidade de sua casa quando Joaninha de Freitas dava à luz. Para cada um dos filhos que nascia, havia uma babá que cuidava das crianças, pois a mãe não conseguia cuidar de todos sozinha. “Eu me lembro que ele teve uma ama seca, naquele tempo usava-se uma babá para cada filho e a dele tinha o nome da mamãe Joaninha e a outra era Joana. Era uma preta velha que ele adorava, adorava”. No decorrer de nossa entrevista, foi possível perceber que constituíam uma família de classe média, porém era modesta; o patriarca foi trabalhador de valores religiosos,

educacionais e políticos. Eis o que disse Pannunzio (2020) quando rememorou a infância e falou de sua ama de leite: “[...] eu mamei leite no peito de uma mãe negra. Minha mãe não dava leite, eu tive uma mãe preta, eu a adorava, adorava... Eu chamava ela de mãe também. E minha mãe via isso com toda naturalidade”.

A família de Afranio Francisco e Joaninha de Freitas sempre foi de muitos valores. Era preocupada com a formação dos filhos e das pessoas de maneira geral. Priorizou a leitura, a escrita e a formação universitária; todos se formaram. A educação dos pais foi humanista. Os valores humanistas podem ser percebidos quando Pannunzio (2020) disse que o pai não concordava que seus filhos tivessem uma boa cama enquanto outras crianças não tinham; tinham bons professores, mas outras crianças não; viajavam sempre, alimentavam-se bem, porém o incomodava o fato de essas condições não serem desfrutadas por toda a população.

Essas questões sempre fizeram parte das conversas familiares. Pannunzio (2020) recordou um momento de sua infância em que seu pai disponibilizou uma biblioteca com obras da literatura brasileira, tais como as de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, além de livros de contos de fadas, dentre outros. Alguns autores eram comunistas e frequentavam a sua casa. Lá, faziam rodas de conversa para discutirem as leituras. Como os primos não tinham o mesmo acesso a livros, os filhos de Afrânio Francisco tinham de emprestá-los a eles, como se lê no relato de Pannunzio (2020):

A gente tinha conta na livraria, íamos lá, comprávamos livro, a gente tinha uma biblioteca enorme, todo mundo lia e rodava o livro em casa mesmo. Então, quando chegava livro, era dois amigos de um, três do outro, todos mais ou menos da mesma idade, tinha amigos de um, amigos de outro, éramos muito jovens. A gente lia muito, parecia que éramos meio chatos, pois tínhamos uma cultura diferenciada. [...] Não, nossa bagagem de leitura foi toda assim, nós e a livraria Bazar Mazaropiiioio, que [era como se] chamava. A gente lia o que a gente queria lá. A gente tinha até carimbo de biblioteca, “irmãos Freitas Azevedo” nessa biblioteca, bonitinho demais, né? Aí, quem carimbava dava seu autógrafo, o Zé Olympio, Afranio, Mário Augusto... Era uma coisa linda, por isso que a gente fica com essa casa cheia de livro! [...] eu era a única menina que tinha uma biblioteca, na minha família ninguém tinha, então as primas iam lá pra ler, meu pai falava: “Larga de ciúme! Empresta pro seu primo! Deixa ele levar, depois ele trás”. Aí, tinha uma prima minha que levava, rabiscava, eu reclamava pra mãe, e ela falava: “Mas ela desenhou, que lindo que está o seu livro agora!”

Pelos relatos de Pannunzio e Azevedo, pude concluir que a criação que receberam foi de respeito pelo outro, de partilha. Relatam que tiveram uma infância muito feliz na casa da avó Augusta e do avô Olympio — na rua Tiradentes (FIG. 2), com fartura e convivência com muita gente.

FIGURA 2. Antiga residência de Olympio de Freitas Costa, bairro fundinho, Uberlândia, MG



Casarão em Uberlândia, MG, onde Afranio Azevedo, seus irmãos e seus primos passaram a infância. O casarão foi adquirido por Olympio de Freitas Costa na década de 1920. Herdado pelos filhos, foi vendido em 1961. Carvalho Neto (2017), em seu trabalho de conclusão de curso de Arquitetura, Urbanismo e Design, apresentou um projeto de restaurar o casarão, localizado rua Tiradentes esquina com Vigário Dantas, bairro Fundinho.

FONTE: Carvalho Neto (2017, p. 09)

Azevedo (2020) recordou que, no casarão, moravam “[...] papai, mamãe com cinco filhos, tia Mariinha e tio Célio, com mais cinco filhos, do lado de cá, quatro homens e uma mulher, do lado de lá, quatro mulheres e um homem”. Seu avô, Olympio de Freitas, tinha conduta severa, grave e era respeitado por todos; as regras da casa eram impostas por ele. Disse que o avô “[...] almoçava primeiro sempre a mesma comida:

arroz, batata, feijão pagão, tomate madura, carne de panela e mandioca cozida”; ele acordava muito cedo para tirar leite, e a casa seguia o curso normal que se iniciava às 5h e ia até tarde da noite. Também Pannunzio (2020) recorda de momentos da infância na casa da avó Augusta:

[...] a família Freitas era muito grande, era um tempo em que todos da família estavam criando menino, era uma ninhada de primo! E a gente morava na rua Tiradentes esquina com a Vigário Dantas, tem até hoje o casarão amarelo lá, um sobrado, muito derrubado, muito quebrado, mas era uma coisa suntuosa. Então, ali, na Tiradentes, morava um tio, outra tia... a outra tia fez a casa da minha avó aqui, aqui morava um outro tio, uma outra tia, outra tia, um outro primo... então a gente chamava “Zacarias!”, gritava daqui, ele de lá falava “tô indo!” [risos] no grito! Porque era tudo ali assim... mas era bom demais, não lembro da gente brigar, a gente brincava no porão, falava: “Seu avô tá chegando”, meu avô vinha gigante, com a espora passando, a gente morria de medo dele, minha avó falava: “Corre que seu avô tá chegando!”, corria pra casa, coração acelerava! A gente morria de medo, ele nunca fez nada com a gente, mas ele era tão grande, tão... Aquela espora, né? O barulho da espora... eu nunca conversei com meu avô, estou escrevendo a história dele, mas assim...

Vários fatos aconteceram no casarão da rua Tiradentes, como a formação inicial de Afranio Azevedo e seus irmãos. Estes e seus primos tinham uma professora que ia à casa da avó Augusta dar aulas para eles. Todos foram alfabetizados na sala grande da residência. Pannunzio (2020) relatou que teve acesso à escola formal só aos 10 anos de idade:

A não ser o primário, que eu nem sabia que existia grupo escolar... nunca vi grupo escolar, estudava na sala da casa da minha avó, tinha um monte de primo, um monte de irmão. D. Iraci, que dava descobrimento do Brasil pra um, não sei o quê pra outro, não sei o quê... Na casa da minha avó, na casa da vovó! Tinha uma sala enorme, e a gente tinha essa aula lá. E era só primo, ia nascendo menino, ia chegando ao ponto de 8 anos e ia incorporando. Não era nada, tinha o que, dez meninos, quinze meninos? Mas era uma sala, mas não tinha carteira, eu não tinha ideia do que era uma escola... nunca vi. Na minha casa tinha um quadro-negro, mas no quintal, né?, pra gente brincar, quadro-negro e tal. Nesse período, era comum as crianças que possuíam um poder aquisitivo melhor serem alfabetizadas em casa, privilégio de poucos.

A professora Iraci trabalhava no Colégio Brasil Central; após o expediente neste, ia para a casa de Augusta ensinar a meninada. Sousa (2009, p. 67), ao escrever sobre a história de vida de Nevinha Santos, sugere que as aulas em domicílio nessa época serviam para complementar a renda das professoras, por um lado; por outro, as famílias se sentiam mais seguras com a alfabetização das crianças no ambiente domiciliar. Azevedo (2020) endossa essa compreensão quando relata que sua alfabetização foi na casa da avó Augusta, com a professora Iraci.

Os relatos sobre a alfabetização de Afranio Azevedo, seus irmãos e primos, bem como de um filho de amigo muito próximo da família, demonstram que a família optou pela educação doméstica mesmo em um período que já existia ensino escolar. Vasconcelos (2007, p. 38) corrobora Pannunzio (2020) ao dizer que “[...] a educação se dava na casa, principalmente em se tratando de fazendas distantes, as salas de lições, muitas vezes, possuíam a organização e decoração de um espaço físico doméstico para a leitura, ensinamentos e o armazenamento de livros e manuscritos”.

Convém aqui o que disse Carvalho Neto (2017, p. 41): “Em meados da década de 1950, o primeiro dos quartos foi transformado em sala de aula para os netos e sobrinhos do casal de proprietários”. Diante dos relatos e estudos sobre o assunto, é possível afirmar que Afranio Azevedo e seus irmãos tiveram uma formação elitizada, que acontecia no aconchego da sala da casa da avó Augusta. Somente interagiam com as pessoas que eram permitidas pela família. Além disso, a professora Iraci ministrava os conteúdos de acordo com o desenvolvimento de cada aluno, como frisou Pannunzio (2020). Vasconcelos (2007, p. 34) endossa essa visão:

[...] quando se trata de educação doméstica, podemos afirmar que não havia homogeneidade nos métodos de ensino, pois cada professor, cada preceptor tinha a sua escolha particular, o seu próprio método, o qual, por vezes, era criado pelo mesmo e anunciado para ser avaliado pelos pais.

É provável que os conteúdos ensinados girassem em torno da leitura de clássicos, operações matemáticas, gramática, exercícios de memorização, declamações de poemas, arguições com avaliação no fim do dia, memorização dos conteúdos etc. Pressupõe-se que as aulas da casa da avó Augusta tivessem rigor no ensino e aprendizado, pois o pai de Afranio Azevedo dava muito valor à educação da prole.

Afranio Azevedo e Chico Humberto tiveram acesso à escola regular em Goiânia, quando o pai deles se mudou para a capital de Goiás por questões políticas (AZEVEDO, 2020). Lá, a formação de Afranio Azevedo continuou em escolas públicas, ou seja, no que é a atual Escola Estadual de Goiânia; após retornar para Uberlândia, já estava prestes a fazer o vestibular. “Durante um tempo papai foi deputado estadual em Goiânia na época do Pedro Ludovico o papai por conta disso nos mudamos para Goiânia, moramos lá entre o período de 1953 e 1959”.

Chaves (2019) recordou a infância e adolescência passada com Afranio Azevedo em Uberlândia como estudantes.

Afranio e eu somos, fomos... posso dizer que somos, né?, amigos/irmãos. Desde o início de juventude, colegas no Colégio Estadual de Uberlândia, depois na quarta série do ginásio, e depois eu fui pra São Paulo, fiquei um ano em São Paulo, voltei, fomos colegas no segundo científico e, em 1957, nós voltamos a São Paulo, pra fazer o terceiro científico. Fomos colegas outra vez, no terceiro [ano do curso] científico à noite.

Para ingressar no curso de Medicina, no Rio de Janeiro, segundo Naves (2020, *on-line*) Afranio Azevedo “Frequentou o curso Brigadeiro, em São Paulo, na época o melhor do Brasil na preparação para o vestibular [...]”, sendo aprovado no Rio de Janeiro. Desse fato Azevedo (2020) discorda; como disse, “[...] o vestibular naquele tempo não tinha cursinho, então você fazia o terceiro científico puxado, e aqui em Uberlândia era excelente, e ele foi direto e passou na Nacional de Medicina. Ele e o Mário Augusto”.

O irmão de Joaquina de Freitas, Josias, foi o primeiro a fazer faculdade de Medicina no Rio de Janeiro; depois, tornou-se cirurgião e professor universitário. Não por acaso, influenciou a formação dos sobrinhos. Era solteiro e sem filhos; se sentia responsável por direcioná-los ao mesmo ofício. Era considerado o mentor da família.

Nas férias de julho, Josias de Freitas vinha do Rio de Janeiro com sua equipe de médicos novatos para atender pessoas que sofriam “de papo” (bócio), como se sabe, uma doença resultante da falta de iodo no sal. Hospedavam-se na casa da avó Augusta. As pessoas ficavam sabendo da chegada pelo anúncio no rádio (PANNUNZIO, 2020). Carvalho Neto (2017, p. 41), em seu estudo arquitetônico sobre o casarão, comenta: “No cômodo maior, que ficava na esquina das ruas Tiradentes e Vigário Dantas, se

hospedavam os médicos da equipe de um dos filhos, Josias de Freitas, que morava no Rio de Janeiro, mas vinha para Uberlândia de tempos em tempos a trabalho”. Dentre os alunos dele, estava Ivo Pitanguy, que viria a se tornar um cirurgião plástico de projeção enorme.

De acordo com Azevedo (2020), Martha Pannunzio queria cursar Medicina; mas o tio Josias não permitiu. Martha Pannunzio (2020), porém, conta outra versão do fato: “Eu até falei em uma época: ‘Ah, quero ser médica’; mas não me esforcei na química e na física, não. Eu queria contar história”. Mesmo se tratando de uma escolha dela, concorda que poucas mulheres eram médicas e diz por quê:

[...] a família não aprovava, não! Outras primas mais velhas do que eu tiveram uma barreira. Opa! Poucas mulheres eram médicas naquele tempo e todas renunciavam a um mundo de coisas para ser médica. [...] Em Uberlândia, eu me lembro de... só da... [pessoa que] foi estudar medicina, foi da turma do Zé, mas também a gente falava: “Zé, ela é feia né?” A gente namorava todos, ela não namorava ninguém (PANNUNZIO, 2020).

Também Naves (2020, *on-line*), em artigo sobre a trajetória de Afranio Azevedo, afirmou que o irmão mais velho proibiu a irmã. Como se lê,

Os quatro irmãos homens fizeram Medicina, e a única mulher, gêmea de Mário Augusto, Martha, foi proibida pelo irmão mais velho de fazer o curso médico por considerá-la uma atividade masculina. Martha estudou Letras na Universidade Mackenzie, em São Paulo, e se destacou como escritora.

No período em que Martha Pannunzio e seus irmãos mais velhos escolheram (ou foram incentivados) a fazerem curso superior, o curso de Medicina tinha um alunado formado basicamente por homens; mesmo se a mulher tivesse interesse, teria que abrir mão de muitas funções para estudar, como disse ela. Ávila (2014, p. 143) endossa o dito da irmã de Afranio Azevedo: “Seguindo uma tendência mundial, até a década de 1960 a medicina no Brasil era exercida majoritariamente por homens”. A questão de gênero era mais acentuada naquela época em algumas profissões, em particular na área de medicina.

Com efeito, José Olympio foi o primeiro a se formar médico, no Rio de Janeiro; já atuante, foi um dos idealizadores e fundadores do curso de Medicina de Uberlândia, na década de 1960. Também Mário Augusto cursou Medicina no Rio de Janeiro, onde se especializou em Angiologia, e atuou na Universidade Federal de Uberlândia; Afranio Azevedo seguiu a trilha dos irmãos de tal modo que, uma vez formado, especializou-se em Cirurgia Plástica tal qual o irmão Augusto. O caçula, Francisco Humberto, cursou Medicina em Uberlândia, como aluno da primeira turma do curso idealizado pelo irmão mais velho.

Dito isso, tais apontamentos sobre a família Freitas e Azevedo, sobretudo a educação escolar da prole, ajuda a reconstruir o ambiente em que Afranio Azevedo foi se formando, pessoal e intelectualmente, até obter o diploma de médico na capital federal.

### **3.2 O estudante de Medicina na cidade Rio de Janeiro**

Da família Azevedo e Freitas, o patriarca foi importante para o Partido Comunista no Brasil: dedicou tempo e dinheiro ao partido; preocupava-se com causas humanistas, como a reforma agrária. Sua prole teve o melhor da escola do período, pois a educação era primordial na cultura da família. Ao relatar momentos marcantes da vida de Afranio Azevedo e de sua família, Pannunzio disse da oportunidade de viajar para a Rússia. O Partido Comunista pediu a seu pai que custeasse uma passagem para um camponês ligado ao partido em Goiás e para um operário da construção civil de Belo Horizonte. De acordo com ela, seu pai chegou em casa e anunciou:

“Olha! Vai ter uma festa em Moscou, primeira vez que a Rússia vai abrir as portas pra receber estrangeiro, é uma festa para comunistas no mundo, então o Brasil vai levar trezentas pessoas”. Eu fiquei maravilhada! Eu só conhecia cinco comunistas, então trezentos... [risos] O avião era pequeno. Acho que o avião carregava setenta passageiros, então vários aviões iam ser fretados pra deixar os brasileiros em Zurique [Suíça]. De lá, a gente acabava de chegar. Mas tinha que chegar com documento clandestino, porque o Brasil não tinha relação diplomática com a Rússia, então você desaparecia na Suíça e você acaba de chegar com passaporte do governo russo. Você era convidado, hóspede da Rússia (PANNUNZIO, 2020).

Essa proposta de Afranio Francisco rendeu uma longa conversa com os filhos. José Olympio, o mais velho, desejava que o pai fizesse essa viagem com a mãe; porém, Afrânio Francisco foi categórico: disse que não iria em hipótese alguma, pois seu objetivo era custear a viagem para os quatro filhos e os dois trabalhadores. E assim o fez.

O relato de Pannunzio (2020) ecoa em Tôrres (2019), cujo estudo de tese de doutorado trata de brasileiros que foram à União Soviética no período da Guerra Fria (1951—63). No Brasil, há muitas publicações sobre o pós-Segunda Guerra Mundial, em particular nos anos 1951—63, quando os irmãos Freitas e Azevedo fizeram a viagem.

Os quatro jovens faziam parte de uma delegação de mais de 300 brasileiros, que, juntamente com delegações de outros países, apresentaram os costumes e a cultura de seus povos em um desfile no Estádio Lênin, realizado no dia 28 de julho de 1957. O pai, Afrânio Freitas Azevedo, político vinculado ao PCB, latifundiário de Minas Gerais e admirador do socialismo, foi o responsável pelo financiamento da viagem dos filhos até a fronteira com a Tchecoslováquia. A partir de lá, as despesas de viagem ficaram a cargo do governo soviético (TÔRRES, 2019, p. 369).

Afranio Francisco combinou com os filhos que descrevessem em um livro o período de estada no festival. A viagem, segundo Pannunzio (2020), durou cerca de “[...] cinco meses vagabundando! Alugamos carro, rodamos... Na Europa, isso é bobagem, né? Você sai de manhã da Espanha, de tarde você tá jantando em outro lugar, você sai da França, de repente você já está no sul da Itália”. Durante a viagem, o meio de comunicação mais prático era a carta. Escreviam para os pais, amigos e familiares, relatando acontecimentos e o estilo de vida que observavam.

Retornaram ao Brasil em novembro de 1957. Na semana em que chegaram, Martha Pannunzio conheceu um rapaz e começou a namorar. Ele tinha por volta de 30 e poucos anos de idade e era sócio de uma empresa. Após um ano de namoro, ela “queria ter um marido”; mas Afrânio Francisco disse “não”, pois tinha investido muito dinheiro e cobrava a produção do livro de relato da viagem — como haviam combinado. Pannunzio (2020) contou que o pai investiu valor elevado na viagem: “Depois que eu soube que ele investiu três fazendas nisso, mas ele nem estava incomodando com isso, depois vocês vão escrever um livro”. Como ela queria se casar, mas o pai não autorizou, então seguiu a vida, com os irmãos.

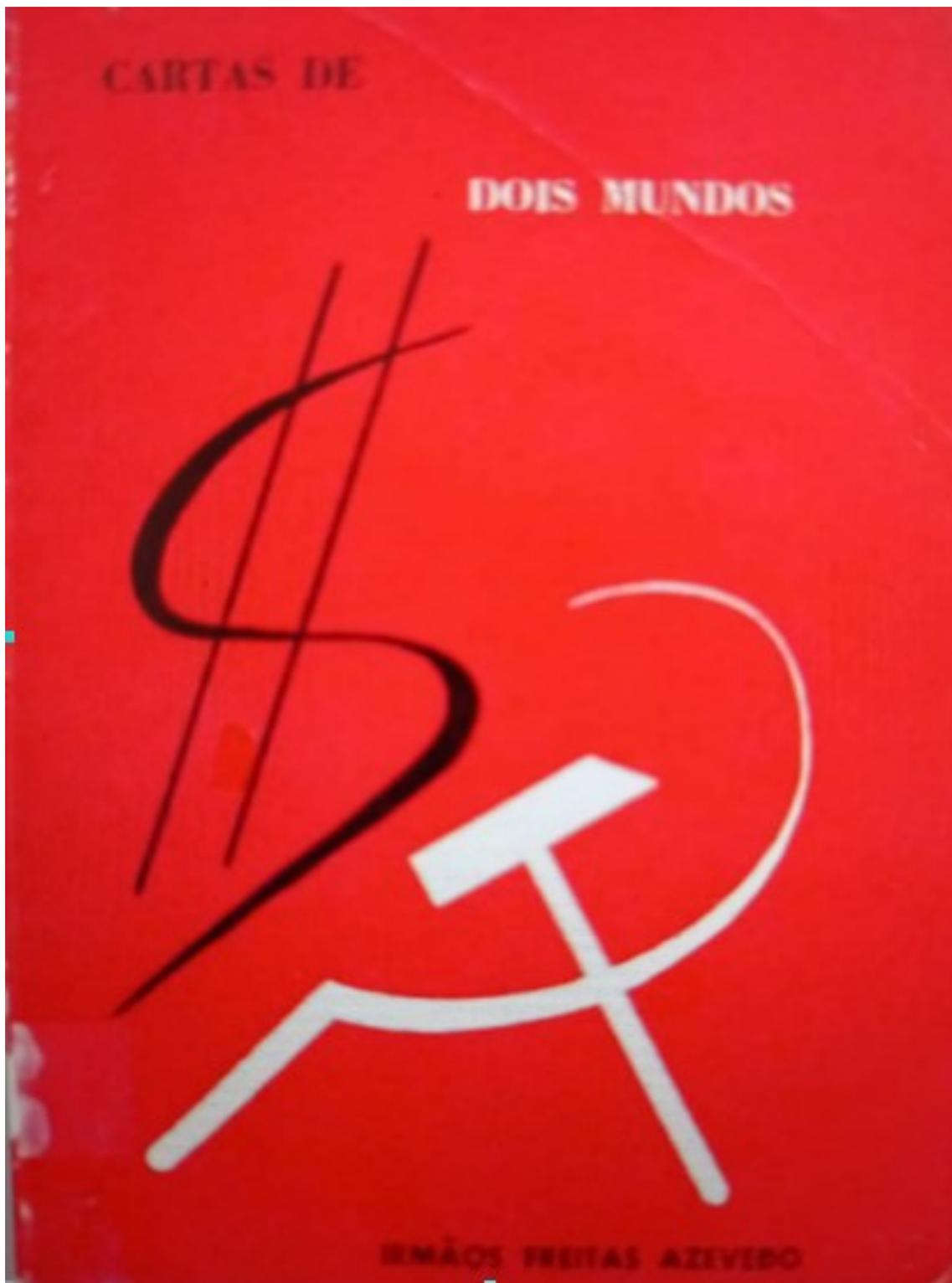
Afranio Azevedo, José Olympio e Mário Augusto retornaram para o Rio de Janeiro; Martha Pannunzio foi para a Faculdade de Letras. Enquanto isso, cuidou de reunir as cartas envidas da então União Soviética. Segundo ela, foi uma “maratona”.

Menina, eu saí louca, catando as cartas que eu tinha escrito pra avó, pra tio, pra amigo, fui a Goiânia, em Uberaba... “Gente, me dá o cartão que eu mandei pra vocês, me deixa ver o que eu falei de lá!”. Porque a gente se reunia... “Que você tem de lembrança de Paris?” [...] Então, cada um tinha visto de um jeito. [Mas] Nosso livro não acontecia. Meu pai, um dia, falou assim, “Para com isso! Só tem um planeta Terra! Vocês viajaram no mesmo lugar dentro do mesmo carro, não é possível que vocês não tenham um depoimento pra me entregar disso daí!”. Aí, eu falei, “Olha, vou usar as cartas! Tinha muita carta falando do mundo comunista e do mundo capitalista. Que a gente viajou pra Rússia e depois foi pra...”. Mas as cartas são pra lá de Bagdá de bobagem! Só o Zé Olympio, que sempre foi mais calmo, mais poeta — ele escreve bonito! Eu sou um samba do crioulo doido, porque eu tinha escrito mais lá, sempre gostei de escrever, [...] tinha mais cartas minhas... Mas aí meu pai ficou tão empolgado, ele fez um prefácio de trinta páginas! Aí, o Karl Marx e o Alan Kardec [...] ele ficou muito feliz que os filhos dele, que ele criou assim, pra cumprir essa missão! (PANNUNZIO, 2020).

Com as cartas em mão, a tarefa era compor o texto do livro para ser editado e impresso. Tôres (2019, p. 370) faz uma descrição do trajeto dos irmãos com base no livro:

O relato é composto por 27 cartas escritas por Martha, 12 cartas por José Olympio, 12 cartas de Afrânio, e 5 cartas de Mário Augusto. Ele segue a ordem cronológica das datas de envio das cartas, embora muitas delas apareçam sem datas — todas, porém, são assinadas. As cartas indicam o caminho percorrido pelos irmãos desde a saída do Brasil, no dia 14 de julho de 1957, passando por uma rápida estadia em Praga, até chegarem a Moscou, em 27 de julho de 1957, onde permaneceram até meados de agosto. Depois, seguiram para Leningrado, de onde enviaram a última carta da URSS no dia 20 de agosto, para então partirem por um tour pela Europa, passando por diversas cidades, dentre as quais, Estocolmo, Hamburgo, Amsterdã, Paris, Londres, Glasgow, Gênova, Roma, Veneza, Madrid e Lisboa.

FIGURA 3. *Carta de dois mundos*, livro contendo relato de viagem dos irmãos Freitas e Azevedo pela União Soviética e outros países europeus



*Carta de dois mundos*, com prefácio redigido de Afranio Francisco, apresenta um compilado de cartas escritas pelos irmãos Freitas e Azevedo a familiares e amigos quando estiveram na Europa para o VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e Amizade.

FONTE: acervo de Martha de Freitas Azevedo Pannunzio

Foi ímpar na vida dos irmãos Freitas e Azevedo a experiência de viver ao vivo e em cores aquilo que sabiam só de ouvir falar, de ver ou de ler. Martha Pannunzio retornou da viagem com outra visão de Stalin, pois desconhecia atrocidades que ele havia cometido. Outro ponto importante foi anunciado por José Olympio, que retornou com uma imagem tão negativa da União Soviética, que se desligou do comunismo e não falou mais sobre o assunto (TÔRRES, 2019). Após o retorno, cada irmão seguiu sua vida sem nenhum tipo de militância nesse sentido.

Segundo Pannunzio (2020), Afranio Azevedo, quando criança, teve a oportunidade de acompanhar, por meses, a rotina de um hospital em razão de um atropelamento sofrido por ela e pelos irmãos. Ela e José Olympio ficaram muito feridos, Afranio Azevedo e Mário Augusto não tiveram fraturas. Eis como relatou a experiência:

E eu acho que esse acidente, também, dirigiu muito a opção deles pela medicina, sabe?! Porque, lá [no hospital], eles empurravam a cadeira de roda de doente, tinha criança esperando pra não sei o quê, [diziam:] “Não, agora mesmo você vai ficar boa, nós vamos jogar bola lá no quintal”. Então, eles viveram a vida do hospital um ano, né?! Eram os irmãos que estavam lá, eu estava mal e tal, mas eles estavam circulando lá, pela cozinha e tudo. O hospital foi muito generoso com a gente. Tinha uma enfermeira, uma velhinha, ela falava assim: “Será que o travesseiro chora se a gente der uma injeção nele?”. [Eu dizia:] “Por que, travesseiro chora?”. “Eu acho que chora porque menino chora quando toma injeção, não é? Vamos ver se o travesseiro chora? Vamos ver se dói no travesseiro? Você que vai dar!”. Fanoca [Afranio Azevedo] era o rei de dar injeção no travesseiro! “Meu travesseiro não chora, ele é homem!” [risos]. Então, quando ele ia tomar injeção ou a gente ia tomar injeção, ele falava: “Martha, você é homem, você não chora!”. “Ah é? Mas eu não sou homem!”. “Mas você não chora!”. Então, a medicina entrou na nossa vida por via daquele acidente, daquele um ano de permanência lá dentro (PANNUNZIO, 2020).

A fala de Pannunzio (2020) revela outros indícios do interesse de Afranio Azevedo e irmãos pela medicina. Segundo ela, quando crianças, cuidavam de animais feridos em sua casa, brincavam de fazer experiências científicas e liam. Em março de 1960, o nome de Afranio Azevedo foi publicado como candidato aprovado para a Faculdade Nacional de Medicina (CORREIO DA MANHÃ, 1960).

Afranio Azevedo passou a residir na cidade do Rio de Janeiro com os irmãos José Olympio, Mário Augusto e com o tio Josias; os irmãos já moravam lá. Conforme entrevista de Afranio Azevedo ao *Correio de Uberlândia* (2011) em 10 de abril de 2011:

Do tio, Josias de Freitas, cirurgião uberlandense que fez escola no Rio de Janeiro, em meados do século passado, e que é homenageado com o nome da UAI Roosevelt, ele herdou a paixão pela medicina. “Ele foi menino para lá estudar e ficou a vida toda. Morei com ele quase seis anos, em Botafogo. A casa e o consultório eram lá (FERNANDES, 2017, *on-line*).

As afirmações sobre a moradia no Rio de Janeiro e o amor pelo curso podem ser confirmadas por Chaves (2019) ao dizer que “Ele vai pro Rio de Janeiro por conta do tio do Josias, que já era professor, um grande cirurgião, e [quando] ele foi já estava lá o José Olympio, o irmão dele, o Mário Augusto eu acho que também já tinha ido”.

Segundo Naves (2020, *on-line*), eles “[...] moravam em apartamento na rua Correa Dutra, no Flamengo, perto do Largo do Machado”.

Após começar a faculdade de Medicina, em 1960, Afranio Azevedo ingressou na União Nacional dos Estudantes, da qual passou a fazer parte quando morava em Uberlândia (Mário Augusto, seu irmão, era o vice-presidente). Além disso, ele conheceu a filha de Carlos Prestes, Anita Leocádia, que o convidou para participar do Partido Comunista. Como se sabe, ele já trazia consigo ideias comunistas emanadas da formação em casa, ou seja, do pai, que até recebia Prestes em sua casa. Homem pró-reforma agrária, Afrânio Francisco doou terras para pessoas menos favorecidas e chegou a ser exilado, no Chile, por conta de suas convicções. Segundo Jales (2020),

[...] filiou-se ao Partido Comunista logo após a sua fundação, tornou-se um dos financiadores do PC e se aproximou do líder comunista Luiz Carlos Prestes, que hospedava em sua casa e por um tempo custeou as despesas de manutenção do dirigente partidário. Quando se mudou para Goiânia elegeu-se Deputado Estadual, participou da Assembleia Constituinte e, com o cancelamento, pelo Tribunal Superior Eleitoral, do registro do Partido Comunista, pela Lei nº 211, de 1948, teve seu mandato extinto.

Outro pesquisador que corrobora esse fato é Fonseca (2012, p. 77); como disse, “Em 1946, filiado ao Partido Comunista (PC), concorreria a um mandato na Câmara Federal e, no ano seguinte, se elegeria deputado estadual na Assembleia Constituinte de Goiás”. Conforme Pannunzio (2020), o pai se filiou ao partido porque “[...] sempre foi comunista. Após a ditadura de Getúlio Vargas, em 1945, o PC, que era ilegal, após a realização de uma assembleia constituinte, ele passa a ser legalizado”. Afranio Francisco era proprietário de terras na região de Goiás e investia dinheiro no partido. Como afirma Pannunzio (2020): “[...] ele fundou o PC em Goiás e gastou o dinheiro dele todo com política e espiritismo. Estava tudo certo”.

Após a legalização do Partido Comunista em Goiás, este precisava de um candidato. Como não havia um, Afrânio Azevedo convidou um médico amigo, e eles se candidataram. Conforme Pannunzio (2020),

[...] ele se candidatou porque tinha que ter um candidato, tinha um médico que era amigo dele e morava em Goiânia e [que] disse: “Pode contar comigo, mas eu não vou gastar, não. Só para preencher, para tapar o buraco, tá?”. “Então, o que eu vou ser?”. “Você vai ser candidato também”. O máximo que eles conseguiram foi dois: meu pai e o doutor Paulo Alves de candidato. Então, o dr. Paulo não foi eleito, mas o voto dele serviu para o meu pai ser eleito deputado.

Eis, então, como Afranio Francisco se tornou deputado estadual em Goiânia e se mudou, com a família, para essa capital. No ambiente familiar-político que essa atuação parlamentar estabeleceu, Afranio Azevedo foi observando as ações paternas e edificando sua história, carregada de ensinamentos, sobretudo, de doutrina religiosa, como a necessidade de pensar no próximo e a busca pela igualdade. Com efeito, em entrevista aos pesquisadores Patriota, Gomes e Menezes (1999) em 1988, Afranio Azevedo contou que as questões políticas em sua vida foram despertadas no âmbito familiar. Como ele disse, seu pai “[...] desenvolveu uma maneira peculiar de exercer a política”, segundo a transcrição de Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 84).

Ainda em 1988, ele concedeu entrevista a Rodrigues (1988), repórter do jornal *Manchete*, do Rio de Janeiro. Essa entrevista trata das supostas três prisões de Afranio Azevedo após ingressar na faculdade de Medicina. Como disse o jornalista, “Terminada a universidade, havia computado três prisões, uma em defesa de Cuba, quando houve a

invasão de Guantânamo. Coisa sem consequência” (RODRIGUES, 1988, p. 100). O jornalista não deixa claro o período e os motivos de todas as prisões, mas discorre sobre a prisão ocorrida em razão da cirurgia plástica que ele realizou em Carlos Lamarca, então guerrilheiro. Azevedo (2020) desconhece as outras duas prisões que o jornalista Rodrigues (1988) anuncia e afirma que se trata de “Mentira. Ele nunca foi preso. [...] Só pela [cirurgia] do Lamarca”.

Outros dois textos de jornal relatam as prisões. Um, publicado no canal jornalístico *on-line* *GI Triângulo Mineiro* e intitulado “Colaborei com a sociedade”, que foi frase dita por Afranio Azevedo, preso na ditadura. O documento apresenta o professor aposentado José Lucindo Pinheiro, o radialista Márcio Alvarenga e Afrânio Azevedo, os quais expuseram recordações do regime de governo militar que se impôs em 1964. Afranio recordou, na ocasião da entrevista, que “foi preso por cinco vezes” no período estudantil e relata que foi submetido a maus tratos: “Comer uma lavagem que todos os outros presos comeram. Isso eu não reclamei, eu praticamente não comia e emagreci. Quando sai de lá, eu estava um cadáver” (FLEURY, 2014, *on-line*)

Em abril de 2011, Fernandes entrevistou Afranio Azevedo, e este disse que ele e seus colegas militantes fizeram “[...] um trabalho político contra a ditadura militar muito importante naquela época brigando contra a ditadura militar. Eu fui preso seis vezes. A última por causa da cirurgia do Lamarca”. Esses excertos reafirmam a militância de Afranio Azevedo quando estudou medicina no Rio de Janeiro. Seus familiares relataram ter conhecimento da prisão pelo motivo do envolvimento com Lamarca, mas não puderam confirmar (ou preferiram omitir por razões pessoais) as outras prisões. Conforme Azevedo (2020),

Olha, eu não estava nesse período no Rio, mas em 59 eu estava. Não me lembro dele ter sido preso, não teve essa prisão de Cuba. Não teve isso. Ele foi preso por conta da cirurgia do Carlos Lamarca, ficou 53 dias na solitária, inclusive. Fora dele, acho que isso é fantasia do articulista, pra poder dar valor né, “olha o militante!”, nada disso!

A obra *Direito à memória e à verdade: histórias de meninas e meninos marcados pela ditadura* (BRASIL, 2009, p. 34) dá pistas para entender tais testemunhos da família de Afranio Azevedo: “As famílias dos ex-presos e perseguidos políticos têm muita dificuldade de falar sobre o que aconteceu. Sentem-se incapazes de perguntar

sobre a tortura e os diversos tipos de sofrimento pelos quais seus familiares passaram”. Por força de inquéritos militares, Afranio Francisco foi exilado. Embora as acusações tenham sido retiradas depois de seu exílio, ele ficou sob proteção da embaixada como exilado (PANNUNZIO, 2020). Seu irmão relata que foi preso por causa das manifestações de rua, das lutas pela reforma universitária e por promover agitação; mas mesmo assim manteve seus ideais, a ponto de se filiar ao Partido Comunista. Afranio Azevedo saiu do partido por discordar de ações como usar o slogan *Nós estamos no poder*; ele e seus colegas militantes da Medicina não concordavam com tais atitudes e se desligaram do partido.

No ano de 1965, já formado, Afranio Azevedo foi fazer o curso de especialização em Cirurgia Plástica com Ivo Pitanguy, o ex-aluno de seu tio que já era um cirurgião plástico de renome e com quem ele passou a trabalhar. Ele se afastou da política e começou a participar de congressos e outros eventos da área. Passou a ficar conhecido e respeitado profissionalmente. Como o próprio Afranio Azevedo disse em entrevista a Masson (2014), sua carreira de cirurgião plástico foi catapultada por um fato de consequências complexas para ele; como disse, “Fiquei famoso com o caso e ganhei muito dinheiro operando desde artistas da Bossa Nova até mulheres e familiares de generais e militares”.

### **3.3 Cirurgia plástica e prisão: o caso do guerrilheiro Carlos Lamarca**

Após atuar alguns anos como cirurgião-plástico, Afranio Azevedo foi procurado pelo ex-colega de faculdade e ex-militante estudantil Jacques Naum. Queriam que ele realizasse uma intervenção cirúrgica em um líder guerrilheiro, que não podia ser identificado; o máximo a ser dito era que tal pessoa fazia parte da organização Vanguarda Popular Revolucionária. O amigo o escolheu por ser o único cirurgião plástico ex-militante de partido de esquerda, por isso de confiança, que ele conhecia. Afranio Azevedo aceitou a causa. Como disse depois em entrevista a Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 87), “[...] chegara o momento de dar a minha colaboração, pois que havia de melhor na juventude estava se sacrificando”.

Conforme Rodrigues (1988), Afranio Azevedo aceitou realizar a cirurgia sem se preocupar em saber quem era o guerrilheiro e acreditou estar contribuindo para acabar com a ditadura militar; porém, estava ciente de possíveis represálias. Antes da cirurgia, agendou um horário para que Naum levasse Lamarca para conversar em dia e hora marcados. Naum assim o fez e levou consigo, também, o médico Almir Dutton Ferreira (RODRIGUES, 1988). Nesse encontro, Afranio Azevedo conversou com Carlos Lamarca por quase duas horas sobre sua vida, as mudanças que a cirurgia acarretaria e seu aprendizado político. Ele observou que o paciente era uma pessoa “[...] magra, cansada, abatida. Alguém que comia e dormia mal. Uma fisionomia macilenta, magra, chupada e uma cabeça maravilhosa”; Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 88) e perguntou sobre a guerrilha, cuja resposta, na transcrição de Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 88), foi:

É uma reação à repressão. Nós chegamos num momento em que eu e inúmeros companheiros achamos que é preciso reagir, senão o que há de melhor nesse país vai ser exterminado, vai ser liquidado. Todas as manifestações que já houve nesse país foram cercadas, foram banidas. Só restou o caminho da guerrilha! Não tem outro!

Em entrevista a Rodrigues (1988), Afranio Azevedo contou das mudanças que foram propostas para a cirurgia no rosto de Carlos Lamarca.

O que você mudou no rosto de Carlos Lamarca? O que nós propusemos e executamos foi uma rinoplastia — ele tinha um nariz adunco, muito parecido com o do PSDB, nariz de tucano; uma cirurgia de correção do sulco nasogeniano e a ressecção de duas rugas glabellares muito pronunciadas, entre as sobrancelhas acima da implantação do nariz. Nós achávamos que se mudássemos um pouco essas feições, numa cirurgia perfeitamente legal, ele ia se tornar outra figura. E realmente isso aconteceu (AZEVEDO, 1988, *on-line*).

Na consulta médica, Afranio Azevedo explicou o procedimento a ser feito e pediu exames, pois a cirurgia exigia anestesia geral. Reticente a princípio, o paciente concordou e ficou satisfeito com o resultado. Passados alguns dias, os exames foram entregues ao cirurgião pelo médico Almir Dutton. Com efeito, para fazer a cirurgia, Afranio Azevedo convidou dois colegas de sua confiança para auxiliá-lo, um assistente, o cearense Amauri Luzardo Santiago de Almeida, seu amigo e companheiro de cirurgia havia mais de quinze anos, e o anestesista Luís Alves; somente eles presenciaram a

cirurgia. A ficha de Lamarca, preenchida no hospital, foi feita com o nome e a profissão fictícios: era de “Paulo Cesar de Castro”, cuja profissão era a de “cabeleireiro”, conforme informa Riquieri (2014, *on-line*):

A época, cirurgia plástica era coisa de mulher ou de gay, e Lamarca, um machão convicto, resistiu muito à ideia, mas acabou convencendo-se, sendo treinado pela militante Sônia Lafoz, a imitar trejeitos femininos, travestindo no cabeleireiro Paulo César de Castro. Segundo ela, no dia da internação para a plástica na clínica São João de Deus em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, Lamarca vestiu até uma cueca vermelha, coisa inapropriada aos homens da época, não sendo reconhecido por ninguém do hospital.

O procedimento foi realizado no mês de julho de 1969, entre 8h e 10h. Em entrevista cedida a Fernandes (2017, p. 55), Afranio Azevedo se referiu aos antecedentes da cirurgia: “No dia da cirurgia, levantei cedo e segui de carro para a clínica Cirúrgica São João de Deus em Santa Teresa, um hospital onde operava com frequência”. Esse hospital pertencia a padres portugueses. No momento da cirurgia, no quarto onde Lamarca ficaria para se recuperar, aguardavam por ele de oito a dez homens, dentre os quais, o segurança particular, Wellington Moreira Diniz (RODRIGUES, 1988). De acordo com a entrevista que Afranio Azevedo concedeu a Rodrigues (1988), o médico Almir Dutton sequestrou Lamarca do hospital por questões de segurança. O excerto abaixo confirma esta ação. Como se lê em texto da revista *Manchete* (1988, *on-line*),

Almir responde: “Deixa que a gente mesmo tira, por questões de segurança. “Então eu lhe recomendei: “Amanhã você tira o tampão e, se sangrar além do normal, faça uma aplicação de água geladíssima que o sangue pára. Nas cicatrizes dos sulcos faciais que nós retiramos, coloque mertiolato incolor ou álcool. Os olhos, a face em volta do nariz, o lábio e a bochecha vão inchar. Mas não se preocupe porque a partir do terceiro dia começam a desinchar. “O gesso do nariz seria retirado após o nono dia de operação, com aplicações de éter e benzina: “Nesse período eu gostaria que o paciente viesse aqui”, pedi-lhe. “Passados 8-10 dias, o Almir levou o operado ao consultório em Botafogo. Certifiquei-me de que a cirurgia não tinha problemas, estava muito bem”.

O paciente acreditava que o médico Afranio Azevedo sabia quem ele era; mas não. Agradeceu o procedimento realizado, disse que ficou satisfeito, que a operação foi importante para a organização e foi embora. Afranio Azevedo saiu do hospital com o colega Almir; o primeiro indagou: “Agora você vai me dizer uma coisa, Almir! Afinal, quem eu operei?”. Almir, perplexo com a pergunta, disse: “Peraí, Afranio! Então você entra num negócio desses e não sabe quem operou?”. Antes de Almir se despedir, revelou a identidade do guerrilheiro: “Você operou Lamarca”. Afranio Azevedo ficou muito engrandecido (RODRIGUES, 1988).

Contudo, Santos (2020), que conviveu por muitos anos com Afranio Azevedo, afirma que ele sabia quem era o seu paciente, mesmo que tenha afirmado o contrário. Disse Santos (2020):

Bom, o que eu sei eu vou voltar a te dizer. Eu sei tudo o que ele me falou, que um belo dia ele estava no hospital e chegou uma pessoa lá que era da base política dele e falou para ele, chegou no consultório dele: “Você vai operar uma pessoa aqui?”. “Mas cadê a pessoa?”. “Não, a pessoa não pode vir, a pessoa só vem no dia!”. “Não, mas eu não faço isso, tenho que fazer exame, eu tenho que ver a pessoa, como é que eu vou fazer uma cirurgia se eu não conheço a pessoa e não sei quem é? Não, então você tem que me contar quem é a pessoa!”. “Não, não posso contar porque, se eu contar, você não vai operar”. Eu sei que ele conversou muito com esse fulano que era do partido, aí o fulano falou: “Isso tem que morrer conosco. Olha, é o Lamarca. O Lamarca precisa fugir, o Lamarca vai morrer, ele precisa fugir, precisa ir embora”. “Tá bom”. Então, ele ligou no determinado hospital em que ele trabalhava, que era no hospital de freiras, e marcou a cirurgia nesse hospital e falou para ele: “No dia tal, às tantas horas da noite, você leva esta pessoa lá, para essa pessoa ser operada”. Botou o nome de uma determinada pessoa, inventaram o nome, profissão cabeleireiro; chegou o dia, ele estava no hospital. Foi a primeira vez que ele viu o Lamarca pessoalmente [...] Operou o Lamarca, falou: “Agora, vai para o quarto, vai ficar lá”. Quando ele entrou no quarto para ver e dar medicação e, né?, conversar com a pessoa que o tinha levado, ele escutou um barulho dentro do guarda-roupa. A história é muito antiga porque a época era guarda-roupa que tinha nos hospitais, não armário, e aí ele abriu a porta e viu que era a companheira do Lamarca na época e falou para ela: “Fulana, pode sair daí, eu sei que você está aí, pode sair”. Abriu a porta e tirou de lá e [disse:] “Ele vai ficar aqui dois dias, ele tem que parar lá, depois tem que voltar... Ele não vai fazer nada!”. Esse companheiro falou: “Ele não vai fazer nada, ele vai sair daqui agora e depois nós mesmo tiramos!”. “Mais não pode, isso vai ficar tudo defeituoso, vai ficar muito feio!”. “Não tem importância, ele já é feio mesmo”

Em entrevista a Pedro Rosa, em 1º de maio de 2014, Afranio Azevedo (2014, *on-line*) explicou quem foi Carlos Lamarca:

Lamarca era capitão do exército brasileiro, que inconformado com os rumos do país após o golpe de 1964, desertou em 1969, entrando na luta armada, como um dos comandantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organização de extrema-esquerda que combatia o regime. Como atirador de elite do exército, realizou assaltos a bancos para financiar a resistência ao regime, montou um foco guerrilheiro na região do Vale do Ribeira, sul do estado de São Paulo e liderou o grupo que sequestrou o embaixador suíço Giovanni Bucher no Rio de Janeiro, em 1970, em troca da libertação de 70 presos políticos. Exponente da esquerda brasileira, foi condenado pelo regime militar como traidor e desertor e considerado seu principal inimigo..

À época, Afranio Azevedo e seus colegas inventaram um enredo comum caso fossem interrogados sobre Lamarca. Sobre isso, eis sua fala — transcrita em Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 90): “[...] eu fui procurado para operar um cabeleireiro. Isso, em minha profissão, é absolutamente normal. E daria cobertura tanto a mim quanto à própria organização, já que eu nada sabia”.

Após um ano, porém, Afranio Azevedo, levando a vida normalmente até então, foi procurado em casa pela polícia, de madrugada, para dar informações sobre um paciente seu: Paulo César de Castro, um cabeleireiro. Ele lhes pediu que o procurassem no final da manhã, pois estava com dor de cabeça e muito cansado. Assim foi feito. Afranio Azevedo não relatou nada a sua esposa, mas passou a noite em claro. Pela manhã, foi para ao hospital onde trabalhava e, e comentou o ocorrido com os colegas que o auxiliaram na cirurgia de Lamarca, os médicos Almir e Luís. Contou, também, para seu irmão Mário Augusto, para não se preocupar, caso lhe acontecesse *algo*, pois tinha como se defender.

O DOI-CODI estava fechando o cerco. No fim da manhã, cinco homens foram até o hospital onde Afranio Azevedo realizava uma cirurgia. Nesse momento, ele não tinha conhecimento de que o guarda-costas de Lamarca tinha sido preso e torturado por policiais com o objetivo de saber o nome do médico que o atendeu. Afranio Azevedo descreveu o momento em que esteve com os policiais e assistiu à tortura infligida sobre Wellington Diniz:

Reafirmei que Paulo César de Castro havia me procurado por conta própria. Eles, por sua vez, retrucaram. Mostraram conhecer minhas atividades políticas à época do movimento estudantil. Em resposta ao que eu dizia, trouxeram para a sala ao lado o guarda-costas Wellington. Submeteram-no a uma sessão de tortura. Foi uma seqüência interminável de sofrimento. O rapaz sangrava por todos os lados. Estava com as mãos completamente inchadas de tanta palmatória. À medida que o tempo passava, expunham-no a uma intensidade maior de violência, para me obrigar a dizer o que sabia. A certa altura, o próprio Wellington me pediu que revelasse o nome do médico. Mais uma vez, disse que não sabia do que ele falava. Se houvesse algo, que era de meu desconhecimento, que ele mesmo contasse aos policiais (PATRIOTA; GOMES; MENEZES, 1999, p. 93).

Passado um tempo, prenderam Almir Dutton, no hospital Bonsucesso. Também sofreu torturas físicas e emocionais, até que não aguentou mais. Após nove dias sendo seviciado, confirmou que Afranio Azevedo havia feito a cirurgia: “[...] ele operou, mas não sabia quem era. Tinha prestado um favor” (PATRIOTA; GOMES; MENEZES, 1999, p. 94). Como punição, os três médicos envolvidos foram presos. Santos (2020), ao relatar o que conhecia dessa história, afirma que a tortura sofrida por Afranio Azevedo foi ter a cabeça raspada e desconforto na dormida. Disse a entrevistada, “[...] a primeira coisa que eles fizeram com ele foi raspar a cabeça dele, quer dizer a única humilhação que ele passou foi esta, não teve tortura, não teve pressão, nós sabemos, mas ele dormiu no chão de cimento só tinha água e pão”.

Pannunzio (2020) discorda dessa versão. Alega que quem denunciou o irmão foi o professor, cirurgião e amigo dele Ivo Pitanguy. Este, porém, dizia desconhecer a situação. Contou que quem poderia realizar a cirurgia com eficiência, como ele próprio, era Afranio Azevedo. Diz Pannunzio (2020):

O Pitanguy que dedou o Fanoca [Afranio Azevedo], quando o Lamarca foi tirar foto pro passaporte. Fazia poucos dias que ele tinha sido operado. Ele estava com o rosto muito roxo ainda, muito hematoma. A foto pra passaporte tirava... Pra passaporte mesmo né, e ele pediu urgência naquela foto, o fotógrafo falou: “Não, eu tenho um serviço aqui, só amanhã ou depois, não sei”. “Mas faz...” insistiu, ofereceu pra pagar o dobro. Mas foi tudo bem, ele fez e guardou uma foto... Ele foi na Polícia Federal e falou: “Ó, peguei um serviço ontem, não sei se ele brigou, se apanhou, se tá fugindo de algum acidente, sei lá o que aconteceu, ele tá com a cara machucada, pediu pressa numa foto, ofereceu pra pagar o dobro, eu cobre o dobro, tirei a foto, guardei a foto pra vocês, depois vocês vejam se não é algum inquérito”. [...] A polícia, naquele tempo, estava procurando gente loucamente. A polícia não identificando quem era aquela pessoa foi

atrás da sumária autoridade. A polícia pediu uma apreciação do Ivo Pitanguy, mas na hora, né? O Pitanguy falou: “Olha, não sei quem é essa pessoa, nunca vi esse cara, mas isso aqui é plástica, fez plástica um dia desses, mas eu sei quem operou essa pessoa. Sabe por que que eu sei? Porque é um assistente meu novinho, recém-formado, cheirando coelho, mas é bom até, mas corta com uma mão de fada...” [...] E ele disse: “Sabe por que que eu sei? Por causa desse nervo que a gente tem aqui, que faz esse sulco, que chama Risório de Santorini”, falou o nome... “nós vamos pra Austrália daqui dois meses, eu vou levando as minhas teses, de assistente meu só [...] é o doutor Afranio!”. Pegaram ele na cirurgia, na sala de cirurgia, operando, operando alguém lá, Mário Augusto, lá, o Josias, tal, tio Josias não estava lá, não!. Pegou ele na sala de cirurgia, cirurgia de pobre, esses hospitais públicos, né? “Aconteceu um acidente horrível com o seu Josias, [...] seu tio Josias tá na beira da morte, tá ruim e quer falar com você”... Ele saiu com a roupa espirrada de sangue, tirou as luvas, tirou a máscara, o avental e foi embora com essa pessoa. Quando o carro saiu, parte do hospital, eles algemaram: “Não, não tem tio Josias não! Te pegamos caboclo”. Aí ele passou não sei quanto tempo preso, né? Foi muito tempo... E no dia que ele saiu, pra prisão domiciliar, saiu num pátio, imagina, um pátio enorme, parece até maior por causa da hora. Ele tinha ficado muito tempo sem sol, num calabouço até incomunicável, aí ele viu o solão danado, ele não conseguiu nem olhar, nem enxergar, aquele pátio acidentado brilhando... Ele escoltado, um soldado falou: “Doutor, tá escutando o foguetório?”. “Mais ou menos”. “Apura o ouvido, presta atenção”... Dava pra ouvir o foguetório, mas era longe... “Não quer saber o que foi não?”. “Que dia que é hoje?”. “Uai, você não sabe que dia que é hoje não, doutor?”... Ele riscou com a unha na parede, foi riscando, riscando, aí ele passava a mão já dava muito tempo, muito tempo... aí ele disse “nós estamos em outubro?” não, nós estamos em julho, sei lá... “Não sabe que é esse foguetório, não? Arrisca! É uma coisa que você queria demais! Você vai morrer de alegria!”... Aí ele falou: “O Partido Comunista triunfou?” Voltou pra jaula na hora! [risos]... Era o Brasil que tinha sido campeão da copa do mundo! Era pleno julho! (PANNUNZIO, 2020).

Afranio Azevedo tinha consciência das consequências de seu ato, que resultou na sua prisão por quase dois meses e meio. Em sua concepção, tinha prestado um serviço contra a ditadura ao modificar a fisionomia de um guerrilheiro, mesmo se, diz ele, “[...] falavam que eu havia cometido um crime contra a Segurança Nacional”, como se lê em Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 94). Ao buscar em sua memória os momentos de sua história, relata que foi preso no dia “6 de abril de 1970”, quando foi levado ao DOI-CODI, na rua Barão de Mesquita; “às 14 h do dia 18 de junho de 1970, fui finalmente solto [...]Na saída do DOI-CODI, o capitão João Câmara Gomes Carneiro disse: ‘Esqueça tudo o que você viu aqui. Será bom para você e bom para

nós””. Havia sido informado que responderia ao processo em liberdade, como se lê em Fernandes (2017, p. 55).

Em entrevista a Rodrigues (1988, p. 97), Afranio Azevedo contou sobre o tratamento que recebeu e as torturas que presenciou na prisão.

Ao final do primeiro dia de prisão, havia recebido mil ameaças. O então comandante da Polícia do Exército, Coronel José Ney Fernandes Antunes — que usava botinas apertadas até o joelho e trazia uma varinha à mão — disse que iria trazer minha mulher ao DOI-CODI. Eu o desafiei, queria saber se era corajoso o suficiente para prender a filha do General Aldo Souza Pinto. Meu sogro havia sido promovido no Exército, era homem de respeito e confiança junto às forças no poder”, prossegue Afrânio. “Vou arranjar um jeito de seus dedinhos nunca mais operarem. Vou quebrar cada um deles”, ameaçou o coronel. O instinto de sobrevivência o levou a mostrar as mãos e novamente desafiar: “Se o senhor é homem, faça isso agora. “Diante dos subordinados, o oficial em silêncio saiu de cena. A rebeldia lhe custou caro. Afrânio foi, na época, o único preso político que teve a cabeça raspada naquele pavilhão, além de receber a incumbência de lavar o chão do DOI-CODI.

Como genro de general, ele não teve vantagem ou privilégio. Foi tratado como outros presos políticos; dormiu no chão até o décimo sétimo dia de prisão, quando um guarda solidário lhe entregou um colchão sujo de sangue — ele saberia depois que pertenceu ao preso Mário Alves, morto pelos policiais; Afranio Azevedo relatou que podia sentir o cheiro do sangue no lençol.

Pannunzio (2020) reafirmou que o irmão sofreu torturas; e mais: que o sogro, general influente, não fez nada para ajudá-lo. Azevedo (2020) confirma os dizeres de Pannunzio (2020) ao declarar que o sogro não intercedeu em nada: “[...] Aldo Souza Pinto, o nome do general sogro dele, [...] tinha servido no canal de Suez. Muito respeitado na época, não moveu uma palha para liberá-lo. Mas ele respondeu a todos os inquéritos, a todas as coisas. Ele não corria de nada” (AZEVEDO, 2020).

Além de sofrimento, Afranio Azevedo teve a dor de não poder conviver com as filhas Aglar e Isabella, pois sua primeira esposa, Izabel Dauzacker, não permitia e descrevia a elas a imagem de um pai marginal e preso. Um desses nomes diverge entre o que aparece em reportagem e entrevista. Eis o que disse Azevedo (2020): “Ele só teve as duas filhas do primeiro casamento, a Isabella, mais velha, acho que as duas estão morando em Florianópolis [SC], e a Gaia”. Sua esposa não conversava com ele, quase

não ia às visitas na prisão, não se manifestou a favor dele em momento algum. Já seus irmãos eram parceiros e solidários, o que lhe dava confiança para acreditar no que fez como algo coerente com suas convicções (RODRIGUES, 1988).

Pannunzio (2020), ao narrar sobre a cunhada, entristeceu-se, pois, nas poucas vezes em que ela foi visitá-lo na prisão, Afranio Azevedo sofria algum tipo de flagelo. Ela não assumia uma postura política; mesmo sendo estudante, não se posicionava — os dois costumavam almoçar no mesmo restaurante popular. Afranio Azevedo chegou a se referir a ela como “traíra”. Quando criança, seu pai fora amigo de Graciliano Ramos, e, na prisão, um livro deste o ancorou. Afranio Azevedo leu e releu *Memórias do cárcere*, o que o ajudou a suportar a condição de preso político, como disse: “Revivi um pedaço das memórias dele lá na prisão. Talvez isso tenha me dado forças para resistir”, conforme a transcrição de Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 98).

Santos (2020) afirma que a Bíblia foi o primeiro livro que Afranio Azevedo leu na prisão, embora fosse ateu. “[...] tinha uma pessoa que gostava muito dele, um dos policiais gostava muito dele e levou a primeira coisa que ele leu dentro da prisão, que ele devorou, foi a Bíblia”.

Quando Afranio Azevedo saiu da prisão, só queria poder ver as filhas e estar com elas. A essa altura, seu casamento estava fragilizado e, em pouco tempo, ele e a esposa se separaram. Seu estado emocional e sua vida profissional precisavam de atenção e cuidado. Segundo Pannunzio (2020), seus dedos perderam as forças, as digitais se desgastaram por causa das torturas. Demorou alguns anos para ele se recuperar.

[...] quando o Fanoca saiu da cadeia e pôde trabalhar, levou quatro anos pelejando. Ele perdeu a mobilidade, ele teve todas as digitais cortadas, unha arrancada [...] Então o retorno dele pra vida profissional foi muito lento, foi muito doloroso, foi [preciso] muita fisioterapia. Tio Josias refez o gordinho de cada dedo [...] Foi muito difícil! [...] Era um excelente cirurgião plástico, mas custou muito (PANNUNZIO, 2020).

O relato de Pannunzio (2020) ecoa entrevista da revista *Manchete* (1988, *online*) que destaca esta fala Afranio Azevedo, reproduzindo o que teria ouvido: “‘Vou arranjar um jeito de seus dedinhos nunca mais operarem. Vou quebrar cada um deles’, ouviu Afrânio de um coronel da PE [polícia do Exército]”. Sobre sua vida pós-prisão,

Afranio Azevedo relatou — conforme a transcrição de Patriota, Gomes e Menezes (1999, p. 96) — o seguinte:

A partir daí, procurei reconstruir a minha vida. Meu casamento não resistiu a tudo isso. Tive de me refazer emocional e profissionalmente. Em pouco tempo, a minha clínica se tornou uma das três maiores do Rio de Janeiro. Passei dez anos ganhando dinheiro. Evidentemente, tinha competência profissional, mas fiquei todo esse tempo usufruindo das glórias de ter sido o cirurgião de Lamarca.

Em entrevista a Rodrigues (1988, p. 99), Afranio Azevedo contou como foi liberto das acusações (sobre a cirurgia plástica em Lamarca) com a contribuição de Ivo Pitanguy:

No dia 6 de junho de 1972, o promotor da 1ª: Auditoria da Marinha denunciou, como incurso no Artigo 43 (Decreto-Lei 898/69) da Lei de Segurança Nacional, o médico Afrânio Marciliano Freitas Azevedo. Em 27 de setembro de 1973, o cirurgião plástico Ivo Pitanguy depôs como testemunha arrolada pelo próprio juízo, perante o Conselho Permanente da 1ª: Auditoria da Marinha. “Foi um dos meus melhores alunos e assistentes, nunca me causou o menor problema,” atestou Pitanguy. “O seu relato favoreceu-me muito.” reconhece Afrânio.

Afranio Azevedo, na entrevista a Patriota, Gomes e Menezes (1999), disse da participação de seu professor, Ivo Pitanguy, em seu julgamento. Num primeiro momento, o professor foi convocado como testemunha de acusação, em outro passou a ser testemunha de defesa. Em suas palavras, conforme a transcrição dos autores:

Durante o meu julgamento, a justiça militar convocou o Prof. Ivo Pitanguy como testemunha de acusação. Nessa condição durante duas horas e meia, ele fez a minha defesa. Não só disse que eu havia sido um de seus mais brilhantes assistentes como fez questão de afirmar que, se estivesse no meu lugar, teria tido comportamento semelhante. Para Pitanguy, os médicos em geral, e o cirurgião plástico particularmente, não devem exercer o papel de alcagüete da polícia, pois não existe nenhuma legislação que obrigue o médico a identificar o paciente. É segredo profissional e todo mundo tem direito de procurar o médico. Por este motivo, a sua atitude seria a mesma que a minha. Em virtude disso, fiquei sem testemunha de acusação. Não havia crime a ser julgado. Respondi ao processo e fui absolvido por unanimidade, por improcedência de denúncia e por insuficiência de provas.

Pitanguy (2014, p. 38) em sua autobiografia, *Viver vale a pena*, relata o caso de seu ex-aluno Afranio Azevedo durante o governo militar:

Durante o governo militar no Brasil, um ex-aluno passou por situação semelhante: Afrânio de Azevedo, cirurgião plástico, operou o capitão Carlos Lamarca, que se tornou um dos líderes da oposição à ditadura. Por isso, meu colega foi preso e julgado em um tribunal militar. Alegou inocência dizendo que o paciente se apresentara com outro nome, o que era verdade. Fui chamado para depor e justifiquei sua atitude dizendo que, diante de uma deformidade, quando solicitado a corrigi-la, o médico tem o dever de restaurar a harmonia do paciente. Afrânio foi inocentado e seguiu carreira, assumindo vários cargos públicos ao longo da vida.

Afranio Azevedo, seguindo os passos de Ivo Pitanguy, aos 33 anos já era membro do Colégio Internacional de Cirurgiões. Após 19 anos da cirurgia plástica de Lamarca, “[...] a partir de 1972 ele se torna uma máquina de ganhar dinheiro, chegando a realizar 70 cirurgias plásticas por mês” (RODRIGUES, 1988, p. 42). Ironicamente, seu público era composto por parentes e esposas de coronéis e generais.

Após quase duas décadas morando no Rio de Janeiro, Afranio Azevedo voltou para a sua cidade natal, no ano de 1988. Segundo Boente (2015), retorna para participar da campanha política do então candidato a prefeito Paulo Ferolla e, depois, de Virgílio Galassi, convém lembrar. Nesse período, atuou como cirurgião plástico — em consultório na rua Francisco Sales, bairro Martins — e na política local. Esse seu ingresso na política local — e sua ascensão à secretaria Municipal de Educação de Uberlândia — é o objeto central do capítulo a seguir.

## 4 A MATURIDADE NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

### 4.1 Afranio Azevedo e o cenário nacional e municipal da educação

Afranio Azevedo entrou na política de Uberlândia após aceitar o convite de seu vizinho e amigo de infância Paulo Ferolla para fazer a campanha eleitoral do então candidato a prefeito Virgílio Galassi. A amizade nutrida pelos vizinhos se estendia a seus pais, que foram amigos também, numa relação muito sólida. Em entrevista dada ao *Correio de Uberlândia*, Afranio Azevedo (FERNANDES, 2017) disse que fez não só a campanha do amigo, como ainda a de Galassi — embora os marqueteiros dissessem o contrário, segundo Afranio Azevedo. Atento às mudanças na realidade uberlandense, Galassi contratou uma equipe para conduzir sua campanha, vitoriosa nas urnas. De fato, em entrevista dada ao *Correio de Uberlândia* (FERNANDES, 2017, *on-line*), ele relatou que foi mentor da campanha, mas que não teria levado o bônus pelo sucesso. Em suas palavras,

Dei orientações para o pessoal que estava fazendo o marketing da campanha (para a Prefeitura de Uberlândia em 1989). [...] O último governo de Virgílio e o primeiro do Paulo, eu fiz o programa de governo. [...] Foram governos magníficos para a cidade. A cidade teve uma explosão de desenvolvimento, de competência. Dentro do governo, eu cobrei, com o aprendizado que tive, com sabedoria, cada coisa que tínhamos colocado no programa de governo. E aconteceu. Aí, eles se tornaram hegemônicos, mas nunca deixaram de me consultar. Foram importantes nas sucessões. Os dois mesmos não perderam as eleições mais. Acho que foram homens fundamentais para a cidade.

Político com experiência em administração municipal — chegou a seu terceiro mandato —, Virgílio Galassi ressignificou seu discurso para ser eleito: passou a defender a democracia e dizer que a mudança de suas ideias fazia parte das transições políticas. Ele foi prefeito no período 1989—92 e convidou Afranio Azevedo para ser secretário de Saúde, dada sua formação; mas ele recusou o convite. Seu interesse era na secretaria de Educação, como disse (FERNANDES 2017, *on-line*):

Eu cheguei aqui para fazer a campanha do Paulo Ferolla e depois a do Virgílio (Galassi). Eles me convidaram para ser secretário de saúde. Eu disse para eles, de saúde pública, eu não entendo quase nada, mas de educação, se vocês quiserem, eu aceito, porque eu fiz o programa de governo de ambos na campanha eleitoral.

Como se lê, Afranio Azevedo deixa claro seu desejo: estar à frente da secretaria de Educação. De fato, impõe-se uma contradição: embora fosse médico, não se via com competência para administrar a saúde pública; por outro lado, embora não fosse formado em áreas da educação (pedagogia, ou em uma licenciatura), via-se com competência para cuidar da educação pública. E é provável que fosse pouco plausível a possibilidade de inversão de papéis e posições; exceto, é claro, no caso de um professor de medicina. Se for acertada a hipótese de que seu interesse pela educação tenha bastado para lhe dar confiança ao exercício do cargo de secretário de Educação, também poderia ser o caso de tal interesse ter sido influenciado pela proximidade de Anísio Teixeira, que Afranio Azevedo conheceu por intermédio do filho dele, com quem fez a graduação em Medicina. Afranio Azevedo passou a admirar o intelectual da educação ligado ao movimento escola nova; e a ele se referia como “O pai da educação na América Latina”. Assim, tinha um objetivo: “[...] Afranio voltou para casa, com uma missão bem definida: aplicar em Uberlândia os fundamentos da Escola Nova, do mestre educador Anísio Teixeira” (CHAVES, 2019).

Com efeito, essas relações entre Afranio Azevedo e Anísio Teixeira permearam a fala de entrevistados. Um exemplo está nas palavras de Chaves (2019):

O Anísio Teixeira tinha um filho que era colega deles, então o Afranio ia muito à casa do Anísio Teixeira. E o Afranio se encantou com o Anísio Teixeira... Eu não o conhecia. Pra dizer a verdade, eu pouco conversei com o Afranio sobre o Anísio Teixeira. O pouco que eu sei é ele se encantou com o Anísio Teixeira. O Anísio Teixeira era uma cabeça assim... Fora do comum, sobre educação e tudo. E o relacionamento veio através de um filho do Anísio Teixeira, [é] que foram colegas. Eu não sei se colega de escola, ou amigos, ou de, de, das unidades estudantis, de representação, ou do partido... Isso aí eu não me lembro direito, eu sei que eles foram amigos, e colegas em alguma coisa também.

Outro exemplo está nas palavras de Nogueira (2019):

[...] quando ele fazia os encontros com a gente, e na maioria dos encontros que ele ia, nas falas dele, ele falava muito do Anísio, toda vez que o doutor Afranio reunia, ele citava muito o Anísio, que era bem a convivência, ideais muito parecidos, de democracia, de escola laica, de escola para todos, então era muito parecido, então eu acho que, de certa forma, quem estava mais próximo das coordenações pegou mais isso. Muitas vezes, pode ser que a grande maioria não tenha percebido que às vezes tinha esses encontros grandes. Não estou lembrando muito, mas ele sempre falava do Anísio.

Além desses exemplos, há Pedro Rosa (2019, p. 78), que afirmou: “O Afranio, ele era um discípulo de Anísio Teixeira, ele fazia questão de valorizar esse legado do Anísio Teixeira”. De fato, na entrevista ao *Correio de Uberlândia*, ele reafirmou que, nas reuniões que faziam na casa de Anísio Teixeira, este nos “[...] pedia para se sentar [...] e nos escutar e nos dava conselhos extraordinários sobre o futuro do país. E o futuro passava inquestionavelmente pela educação” (FERNANDES, 2017, p. 55). Chaves (2019) salientam que Afranio Azevedo tinha apreço especial por Anísio Teixeira.

Essas alusões levaram à procura por pistas e sinais dos ideais de Anísio Teixeira no pensamento subjacente à Secretaria Municipal de Educação, em Uberlândia. Ao revisitar momentos pretéritos da educação de Uberlândia, pude notar que, após o governo de Renato de Freitas e o de Virgílio Galassi, o candidato do Partido Municipalista Democrático Brasileiro (PMDB) Zaire Rezende assumiu a prefeitura, com a proposta de exercer a democracia com participação popular decisória. Apesar de enfrentar um poder político adverso, que perdurava havia anos, esse governo conseguiu promover mudanças, em especial na Educação Infantil, ao reorganizar a Secretaria Municipal de Educação em divisões que valorizaram formações específicas. Como se lê no *Correio de Uberlândia* (1988, 15 abr., p. 9),

[...] a Secretaria Municipal de Educação fundamentou sua política educacional em princípios que norteiam uma prática democrática e transformadora. Em primeiro lugar, a estrutura funcional da secretaria foi reformulada, valorizando a habilitação específica para as funções inerentes aos cargos, estimulando-se o trabalho em equipe e oferecendo oportunidade de capacitação e aprimoramento profissional. A Secretaria de Educação passou a contar com quatro divisões: Pré-escolar, Educação de Jovens e Adultos, Ensino do 1º grau e Apoio ao Educando.

Apesar das condições físicas não serem adequadas ao funcionamento de muitas escolas, houve adaptações nos prédios escolares; na verdade, houve adaptação de casas alugadas para fim educacional. Atendiam crianças em idade de frequentar creches<sup>6</sup> e Educação Infantil. Nesse universo, atuava uma equipe de coordenadores e professores.

---

<sup>6</sup> As creches não tinham a conotação de educação presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN (lei 9.394/96) Eram onde as mães trabalhadoras deixavam filhos e filhas enquanto trabalhaam fora de casa; não objetivo de alfabetizar ou preparar para a alfabetização. Nota-se, então, a creche com instituição de assistência social que agia na ausência da família.

O prefeito Zaire Rezende, que governou de 1983 a 1988, adotou o o *slogan* da Democracia Participativa. Sobre isso, cabe aqui o que disse Romero (2016, p. 59):

Como o Brasil havia acabado de sair da ditadura militar e as pessoas viviam com receio de tudo, a população ansiava que na gestão democrática do governo Zaire Rezende pudesse no seu slogan de “Democracia Participativa” ter a oportunidade para falar sobre suas necessidades para que elas fossem atendidas. O PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) chegou ao poder justamente por ter dado a oportunidade para que os menos favorecidos (a população que morava mais afastada da cidade) pudessem ter suas expectativas ouvidas.

Uma parte expressiva da população de Uberlândia (aquela com condições materiais limitadas) tinha recordações do silêncio dos governantes perante suas necessidades básicas, cuja expressão não teria sido ouvida a contento por governantes anteriores; não ao menos como perspectiva progressista (ou seja, bandeira política) tal qual o que passou a ser realidade no governo Zaire Rezende. Em 1988, houve eleições para o mandato 1989—92; o prefeito não se candidatou pelo seu partido; quem se candidato foi Luiz Alberto Rodrigues, também do PMDB. A disputa foi acirrada; muitos pleitearam a prefeitura. Como informou o jornal *Correio de Uberlândia* (1988, 15 abr.), além de Luiz Alberto Rodrigues, havia Niza Ribeiro da Luz, Túlio Gomes Franco, Siomar Rodrigues de Souza e Ruan Drumond. Ao todo, eram sete candidatos, com experiência política considerável, mas de formações profissionais diferentes.

Nessas eleições, foi derrotada a proposta de Democracia Participativa (Zaire Rezende e equipe). Voltou ao poder municipal o grupo conservador representado pelo prefeito Virgílio Galassi e equipe; mas, dessa vez, ele voltou com um discurso de continuidade dos trabalhos iniciados na gestão anterior. Como diz Jesus (2002), por quinze anos a cidade foi governada por “[...] apenas duas pessoas: Renato de Freitas e Virgílio Galassi. Embora esses governantes fizessem parte de grupos diferentes, em nada se diferenciavam em termos de concepção administrativa e de projeto”. É como se a proposta do candidato Zaire Rezende tivesse sido um bálsamo a um povo cansado de não ser ouvido. O governo de Galassi não podia fugir ao ideal de democracia como o de

participação popular, pois o povo havia se conscientizado da necessidade de ser ouvido e de seus direitos de cidadania.

A mudança pode ser entendida assim:

Virgílio entrou na disputa apresentando as mesmas concepções de administrar a cidade sob a égide do desenvolvimento. Não obstante, desta vez a proposta de desenvolvimento vinha acompanhada de proposições que também apontavam ações para atendimento às questões sociais como: educação, saúde pública, segurança pública, cultura, transportes, turismo, esporte e lazer, valorização do funcionalismo público, distritos, meio rural e ecologia. Junto à proposta de governo foi distribuído um questionário solicitando à população que marcasse um “X” sobre as ações que considerassem mais necessárias para melhorar os problemas referentes a tudo que fazia parte da proposta de programa de governo acima referidos (JESUS, 1999, p. 29).

Segundo Jesus (2002), a atitude do candidato eleito em relação a sua política conservadora mudou, pois passou a dar mais atenção aos problemas sociais, começou a aceitar a participação da população nas decisões políticas. Mas os ideais e as manifestações de imponência, grandiosidade e visibilidade se mantiveram, em forma de obras como o prédio da administração municipal e da Câmara do Vereadores, além de avenidas e viadutos, dentre outros. A mudança de atitude em relação a condições sociais e de vida como educação e saúde não modificou o que o governo Galassi pensava da Democracia Participativa. No dizer de Jesus (2002, p. 41),

Mas a mudança de postura mais significativa da nova administração Virgílio Galassi foi o contato com os movimentos sociais. É certo que os motivos dessa aproximação não se colocam em contraposição à sua fala (desconsideração da democracia participativa), mas à necessidade de criar uma imagem de governo com ares mais democráticos. Tal postura foi importante para quebrar a resistência dos integrantes dos movimentos sociais, por outro, estreitar uma maior aproximação entre ambos. Essa proximidade amenizou a oposição, e mais, significou uma adaptação ao novo momento histórico que não tolerava mais posturas ditatoriais e autoritárias.

As mudanças no discurso do então candidato Virgílio Galassi e de seus colaboradores, de acordo com Jesus (2002), resultaram em vitória: “[...] em um universo de 143.240 eleitores, Virgílio saiu vitorioso com 50% dos votos [...]”. Mesmo com o discurso de tom popularesco na campanha, em momento algum Galassi deixou de priorizar o aspecto econômico do desenvolvimento a despeito de políticas sociais. No

governo Zaire Rezende, houve mudanças significativas nas áreas da saúde, educação e em outras, mas a população ainda se sentia insegura quanto à falta de qualidade de vida; e voltou a escolher o governo Galassi, como no passado (JESUS, 2002). O *Correio de Uberlândia* (1988, 20 nov., p. 6) anunciou a vitória nestes termos:

Há exatamente seis anos, o candidato a prefeito do PMDB Zaire Rezende, elegeu-se surpreendentemente, deixando para trás os favoritos Renato de Freitas, do seu partido e Alceu Santos, do PDS. O lema da sua campanha foi “A hora da virada”. Ao tomar pose, recebeu o governo das mãos do então prefeito, Virgílio Galassi. Seis anos depois, Galassi voltou a ter seu nome consagrado pelos eleitores que lhe deram uma boa vantagem de votos em relação ao candidato do PMDB, Luiz Alberto Rodrigues. Galassi venceu desde a primeira urna até a última, com raras exceções. Foi a revirada imposta pelos eleitores que votaram contra o PMDB no movimento de rejeição ao Partido do Governo. Virgílio Galassi prometeu que fará um governo voltado para o desenvolvimento e pretende construir, nos quatro anos do seu governo, dez mil casas para trabalhadores. O seu programa fala ainda da construção do Sabiazinho “Nova Praça de Esportes” e da cidade da Criança para desenvolver o esporte e lazer.

Em seus mandatos, Virgílio Galassi havia governado com foco no desenvolvimento econômico sem priorizar necessidades básicas da população. Ao retomar o poder, após seis anos, ele governou com a consciência de que a população iria cobrá-lo por melhorias sociais.

[...] [O] retorno do senhor Virgílio Galassi e do seu grupo político ao poder, a partir de 1989, foi diferente em relação às gestões anteriores. As entidades populares, especialmente as associações de moradores, não foram ignoradas como anteriormente, e ocorreu até uma aproximação (JESUS, 2002, p. 8).

O *Correio de Uberlândia* publicou reportagens que permitem encontrar informações sobre esse período, além de outras afins à atuação de Afranio Azevedo na gestão municipal. É possível identificar que o prefeito eleito publicizou a escolha de secretários, dentre os quais, Afranio Freitas Azevedo — em primeiro lugar, como membro da equipe de transição, depois, como secretário de Saúde. Eis o que disse o jornal:

O futuro secretariado de Virgílio Galassi já começa a ser desenhado. É só analisar os nomes que compõem o Grupo de Transição já nomeado por ele: o empresário Rubens Spirandelli, o empresário Sérgio Ribeiro (genro do prefeito eleito); o fazendeiro Paulo Ferola da Silva, o fiscal do Estado Badue Morum Bernardino e o médico Afranio de Freitas

Azevedo. Entre eles estão, com certeza, alguns secretários e uma simples análise no quadro poderá apontar o seguinte. Bádue Morum Bernardino, secretário de Administração, controlando nessa Secretaria a Procuradoria Jurídica; Sérgio Ribeiro, Chefe do Gabinete Prefeito, Afranio de Freitas Azevedo, Secretário da saúde, Rubens Spirandelli, secretário de Indústria e Comércio. Paulo Ferola da Silva é o homem talhado para ajudar Virgílio em qualquer cargo. Isto equivale a dizer que ele será uma regra três para qualquer emergência (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1988b, 4 dez., p. 2).

Em outras reportagens, o nome de Afranio Azevedo e outros possíveis secretários foram mencionados, porém sem indicação de secretaria. Em entrevista do dia 18 de dezembro, o prefeito eleito anunciou seu plano de governo e falou das coligações feitas, das pessoas que o auxiliaram a alcançar a vitória; dentre estas, reaparece o nome de Afranio Azevedo, para compor a equipe de transição.

FIGURA 4. Virgílio Galassi, prefeito eleito no pleito de 1988 em Uberlândia, MG

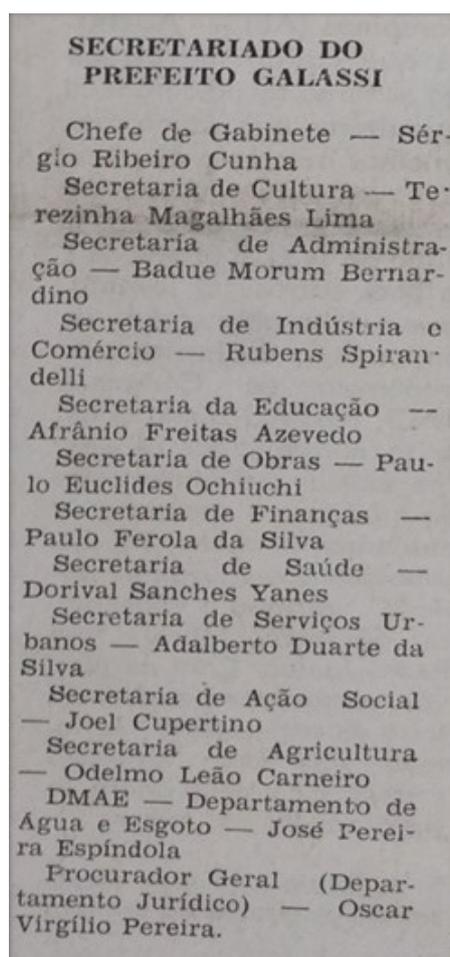


Para construir esse secretariado, Sr. Virgílio Galassi foi claro: “Eu tenho de administrar uma coligação política baseada em três partidos, cada um deles com deputados federais e com vereadores eleitos e mais dois partidos que não elegeram vereadores (PDS, PFL, PDT, PL e PTB). Todos eles colaboraram para a vitória do nosso movimento. Então vamos fazer justiça, fazendo com que cada um deles fique representado no governo. Assim sendo, Tenho que acertar entre esses partidos a participação de cada um deles na administração. É daí que vai sair o secretariado camisa 10”. Sobre a importância do secretariado do governo de Coligação, Galassi lembrou que “a partir de agora ninguém poderá mais governar o município sozinho. Por isto tenho que contar com homens e mulheres capazes de levar adiante o nosso programa de governo”. E adiantou já quatro nomes já escolhidos: “Olha, eu nomeei uma transição da qual constam quatro nomes: Paulo Ferola da Silva, Rubens Spirandelli, Afranio Azevedo e Bádue Morum Bernardino. São homens dinâmicos inteligentes e capazes. Vocês podem jogar [dirigindo-se aos repórteres].

FONTE: Correio de Uberlândia (1988, 25 dez., p. 3)

De acordo com o prefeito, aqueles que iriam ajudar na transição de governo seriam pessoas com capacidades acima de tudo, a exemplo de Afranio Azevedo. Mas até então seu nome não aparecia como secretário de Educação. Isso ocorreu em texto que o *Correio de Uberlândia* publicou em 30 de dezembro de 1988, indicando nomes e respectivas secretarias e demais órgãos de governo (FIG. 5)

FIGURA 5. Composição do governo de Virgílio Galassi, prefeito eleito em Uberlândia no pleito de 1988



A julgar pela hierarquização na ordem de disposição de nomes e instituições, parece coerente pensar que importavam menos as secretarias, e mais os nomes dos titulares. É como se a ordem tivesse seguido o grau de participação na campanha do prefeito eleito. Os primeiros nomes seriam, então, de agentes que estiveram mais próximos de Virgílio Galassi, como Afranio Azevedo; é provável que, se este tivesse aceitado a pasta da Saúde, seu nome constaria em quinto lugar do mesmo jeito na ordem disposta. Como a secretaria de Administração e o Gabinete do prefeito têm função central ao lado do administrador, cabe pensar que os nomes indicados tiveram participação maior do que a do secretário de Educação no processo da eleição e que hierarquicamente vêm abaixo do prefeito. Mas, se a hierarquização fosse por importância, então seria cabível pensar que educação e saúde tenderiam a vir antes da cultura como condições sine qua non para o desenvolvimento da cultura e das práticas culturais.

FONTE: *Correio de Uberlândia* (1988, 30 dez. p. 3)

De fato, o prefeito eleito havia cogitado Afranio Azevedo como secretário de Saúde, mas esta informação mudou. Francisco Humberto de Freitas Azevedo (Chico Humberto), então vice-prefeito eleito e irmão mais novo de Afranio Azevedo esclarece como Afranio de Azevedo chegou à Secretaria Municipal de Educação.

[...] [É] Que ele se notabilizou... Veja bem! Apesar de ter sido um excelente cirurgião plástico, maravilhosos como médico, como irmão, como pai [...] ele se notabilizou mesmo, se revelou [mesmo] foi em uma outra coisa... Não tem nada a ver com a profissão dele... Foi quando ele pôde ter a condição de exercer a secretaria [...] Eu levei ele, porque eu era vice do Virgílio, entendeu? Então, eu exigi na minha cota: eram três secretarias [para] nomeação. Então, eu exigi que fosse meu irmão. É nepotismo, não sei o quê. Ele só virou secretário porque eu era deputado federal [...] Homero chamou o Virgílio e a mim e falou: “Ó, vocês se juntam, e eu tô aqui para apoiá-los. Mas eu não vou disputar nada. O Virgílio tem mais chance que você, Chico, ele entra na cabeça [de] chave e você entra como vice dele. “Mas eu vou perder meu mandato de deputado por causa de uma vice?”. “Não. Nós vamos passar uma lei e, passando, se conseguirmos aprovar, [...] o deputado federal, naquele mandato constituinte, se fosse candidato a vice-prefeito, não perderia o mandato. E, aí, eu fiquei como deputado federal e não quis receber o salário de vice-prefeito. Eu trabalhei voluntário quando eu trabalhei; trazia dinheiro para ele fazer escola, por isso ele fez esse monte de escolas. Trazia tanto para o Ministério da Saúde quanto o Ministério da Educação. Ele fez a Universidade da Criança com dinheiro que eu trouxe, recurso que eu trouxe de lá, os três MEIs que ele construiu — os Módulo de Educação Infantil —, foi com dinheiro que eu trouxe de lá; o bairro Tocantins não existia, eu que trouxe a verba para construir as casas. O bairro Guarani não existia, eu que trouxe as verbas para fazer as casas; o bairro Mansour, o bairro São Jorge IV, o bairro Aurora não existiam eu que trouxe a verba pra fazer. Uberlândia, plaf! Explodiu. [...] Eu queria três secretarias, exigi que fosse a Educação, a Ação Social e, aí, pode falar que foi nepotismo (AZEVEDO, 2020).

Em outras entrevistas, Afranio Azevedo foi citado como membro da equipe de transição que passou a ser secretário de Saúde e, depois, foi anunciado como o secretário de Educação por indicação do irmão, o vice-prefeito. Como se lê, Francisco Azevedo aceitou o cargo de vice-prefeito em condições que, como um tipo de voluntário, ele se viu com forças para fazer exigências. Jesus (1999, p. 27) fornece elementos para clarificar a organização dos partidos de oposição que levou à formação do Movimento Democrático Uberlandense. Antes das eleições, não foi possível aliança entre o PMDB e PSDB; mas os outros partidos agiram de maneira diferente: “ O PDS, PFL, PL e PDT se uniram e no interior de uma frente chamada MDU (Movimento

Democrático Uberlandense) lançaram Virgílio Galassi (prefeito) e Chico Humberto (vice-prefeito)”.

Após as eleições, a aliança que levou Virgílio Galassi à vitória começou a apresentar divergências.

Aquela aliança havia rendido para o PDT duas secretarias. Afrânio de Freitas Azevedo (irmão de Chico) assumiu a secretaria de Educação e Joel Cupertino a Secretária Municipal de Ação Social. No início, Chico Humberto fez elogios ao MDU e à administração de Virgílio. Com o passar do tempo começaram a surgir divergências administrativas até mesmo com o irmão, porque as medidas propostas por Chico não foram implementadas (JESUS, 1999, p. 32).

As discordâncias não impediram Afranio Azevedo de realizar seu trabalho. Permaneceu como secretário de Educação por mais dois mandatos: 1993—6, no governo de Paulo Ferolla (Partido Trabalhista Brasileiro/PTB), e 2005—12, no de Odelmo Leão (Partido Progressista/PP). Afranio Azevedo afirmou em entrevista nunca ter tido problemas ao lidar com políticos de partidos diferentes. Relatos orais, notícias, atas e outros tipos de fontes levantadas para a pesquisa permitem reconstruir elementos dessa trajetória na secretaria de Educação e na rede escolar municipal.

Ao assumir a secretaria de Educação, segundo fontes documentais e entrevistas, Afranio de Azevedo, planejou suas ações políticas conforme ideais de Anísio Teixeira. Em entrevistas, ele falou sobre o pesquisador e educador, como neste trecho:

Quanto ao MEI é um projeto baseado em uma experiência do professor Anísio Teixeira. Quando Secretário da Educação, na Bahia. Naquela época ele desenvolveu algo muito parecido, porém mais modesto que o nosso. O nosso pega a criança na primeira infância e leva até o ingresso no primeiro grau. [...] Mas que o projeto é nosso, é o sonho de Anísio Teixeira, isto aí é inquestionável e nos deixa muito orgulhosos (AZEVEDO, 2014, p. 5).

Em entrevista para este estudo, Freitas (2019) faz a seguinte análise:

Hoje, vendo tudo que o doutor Afranio idealizou e possibilitou às equipes realizarem, a construção das escolas, tenho certeza que quem viveu o que o doutor Afrânio viveu, o percurso dele como ativista político, o fato dele ter tido uma relação também muito próxima com o Anísio Teixeira, eu não acho que ele não entendia de educação! Ele entendia! E ele vislumbrava já tudo que aconteceu aqui enquanto ele foi secretário. Ele também participou da elaboração do programa de

governo, ele participou e ajudou a idealizar isso tudo. Então, eu acho que uma das metas da educação que ele falava muito era a formação do professor. Acho que bateu aquela vontade de fazer o que não deu tempo do Anísio Teixeira continuar fazendo. [...] Quando ele participava da abertura dos encontros de formação ou participava da abertura de um evento promovido pela S[ecretaria] M[unicipal] de E[ducação] ou mesmo por outros, órgãos na maioria das vezes, ele falava sobre o Anísio Teixeira. Eram ideais bem parecidos, eu acho. De democracia, de escola laica, de escola para todos.

Trecho da entrevista que Pedro Rosa (2019) fez com Afranio Azevedo corrobora Freitas:

O Afranio tinha um discurso oral muito forte em torno do Anísio; ele falava de Anísio Teixeira nas reuniões [...] em algumas delas, eu vi como jornalista, e [em] tudo ele discursava sobre Anísio Teixeira com uma propriedade muito grande e colocava na prática também, ele citava isso, inclusive, nas inaugurações dessas obras que ele fez na periferia, ele trouxe do legado do Anísio.

Em entrevista, Chaves (2019) buscou na memória um momento importante da convivência de Afranio Azevedo com Anísio Teixeira:

O Anísio Teixeira tinha um filho que era colega dele, então o Afranio ia muito à casa do Anísio Teixeira. E o Afranio se encantou com o Anísio Teixeira... Eu não o conhecia, pra dizer a verdade, eu pouco conversei com o Afranio sobre o Anísio Teixeira. O pouco que eu sei é, ele se encantou com o Anísio Teixeira, o Anísio Teixeira era uma cabeça [...] fora do comum sobre educação e tudo. E o relacionamento veio através de um filho do Anísio Teixeira [...] foram colegas [o filho e Afranio], eu não sei se colega de escola ou amigos, ou das unidades estudantis, de representação, ou do partido... Isso aí eu não me lembro direito. Eu sei que eles foram amigos e colegas em alguma coisa também.

Esses excertos dão indícios dos ideais de Anísio Teixeira nos planos de governo de Afranio Azevedo. Mais que isso, suscitam aqui uma compreensão de quem foi esse intelectual cuja ideias ecoaram em Uberlândia nas palavras do secretário Municipal de Educação, um médico, e não um educador, como seria de se esperar.

#### **4.2 Ideais de Anísio Teixeira no discurso educacional em Uberlândia**

Afranio Azevedo conheceu o filho de Anísio Teixeira na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Amizade

estabelecida, o uberlandense passou a frequentar a residência dos Teixeira e a conviver com família, a conhecer a trajetória de Anísio Teixeira como pensador e educador que por quase cinco décadas lutou pela educação pública de qualidade, gratuita e laica .

#### 4.2.1 *Anísio Teixeira: origens, influências e ascensão*

Anísio Teixeira nasceu em Caetité, interior da Bahia, em 1900. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro e estudou em Columbia, estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, onde conviveu com o pedagogo e pensador da educação John Dewey. Conheceu as ideias que pregam a validade de uma doutrina apontada pelo seu bom êxito prático, ou seja, as teses do pragmatismo norte-americano.

A educação de Anísio Teixeira foi católica, repleta de leituras dos escritos de São Tomás de Aquino e Santo Inácio e em meio à defesa da família como instituição moderna. Foi preciso resistir às pressões paternas e à autoridade da Igreja para não seguir o sacerdócio. Ou seja, formou-se advogado a contra gosto. No ano de 1924, teve a oportunidade de assumir a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, ocupando cargo na inspetoria geral do ensino, na cidade de Salvador. À época, ele tentou ampliar a participação da Igreja no estado laico (NUNES, 2001). Ao assumir a secretaria, não fazia ideia que os rumos de sua vida mudariam. Nos anos 1924—9, organizou a reforma da instrução pública baiana.

Segundo Nunes (2001), no cargo de inspetor-geral, Anísio Teixeira teve a oportunidade de viajar para os Estados Unidos e a Europa. Lá, entrou em contato com uma bibliografia da área da pedagogia e um sistema público de educação que ele desconhecia. O que conheceu era muito diferente da organização, da cultura e das competências docentes nas escolas onde ele estudou. Passou a refletir sobre a situação da educação de sua cidade natal — o despreparo dos professores, a corrupção no sistema público, a falta de recursos humanos e materiais, os salários insatisfatórios dos professores... Tudo o fez repensar sobre sua religião, pois o catolicismo lhe dava poucas respostas às suas inquietações; sobretudo aquelas derivadas do conhecimento da filosofia pragmatista e do estudo da teoria pedagógica de Dewey e Kilpatrick.

Dewey pensava na educação como uma ação prática que articula o conhecimento e o exercício da democracia. Com base nessa premissa, iniciou sua ação em defesa de uma escola pública de qualidade, laica, gratuita e para todos, pois só por meio da educação seria possível promover novos caminhos rumo ao desenvolvimento do mundo moderno. Para Teixeira (1930, p. 57), a educação, assim concebida, rege “[...] cada homem para ser um indivíduo que pense e que se dirija, por si, em uma ordem social, intelectual e industrial eminentemente complexa e mutável”.

Santos (2017, p. 11) faz uma análise do pensamento pedagógico de Anísio Teixeira. Ela procurou

Analisar o pensamento pedagógico de Anísio Teixeira alicerçado na história da educação do Brasil e na sua própria história de vida. Deste modo, essa pesquisa pretende verificar a contribuição pedagógica e democrática deste educador brasileiro, apresentando-o como uma das personalidades mais marcantes e mais influentes no processo de instauração por uma nova postura e mentalidade educacional no Brasil no século XX.

Anísio Teixeira foi traduziu obras de Dewey no Brasil. A primeira, datada dos anos 1930, referia-se a dois ensaios que, reunidos, receberam o nome de *Vida e educação*. No ano de 1931, aceitou o convite do prefeito Pedro Ernesto Batista para assumir a diretoria da instrução pública do Distrito Federal, então o Rio de Janeiro, cargo que lhe possibilitou conduzir uma reforma da instrução pública, que compreendia desde a escola primária até a universidade. Tal reforma o projetou nacionalmente (NUNES, 2000). Quando abdicou do cargo de inspetor de instrução pública, começou a ministrar aulas de Filosofia e História da Educação na Escola Normal de Salvador. Anísio Teixeira se demite do cargo, por pressões políticas, num momento em que o autoritarismo ganhava força no Estado e na sociedade.

Em 1932, com outros intelectuais, tornou-se signatário do *Manifesto dos pioneiros da educação nova*, na crença de que, dentre todos os problemas do país, nenhum era mais urgente e importante que a educação. Queriam uma escola pública, laica e obrigatória. Pública — pois deveria ser dever do Estado e direito de todos os cidadão; laica — pois não estaria presa a nenhuma doutrina religiosa e seria de iniciativa do Estado — também laico; obrigatória — pois deveria abranger toda a população. Conforme o *Manifesto dos pioneiros* (1932, p. 19),

A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação são outros tantos princípios em que assenta a escola unificada e que decorrem tanto da subordinação à finalidade biológica da educação de todos os fins particulares e parciais (de classes, grupos ou crenças), como do reconhecimento do direito biológico que cada ser humano tem à educação. A laicidade, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas, alheio a todo o dogmatismo o sectário, subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas. A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por um privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebê-la. Aliás o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito. A obrigatoriedade que, por falta de escolas, ainda não passou do papel, nem em relação ao ensino primário, e se deve estender progressivamente até uma idade conciliável com o trabalho produtor, isto é, até aos 18 anos, é mais necessária ainda "na sociedade moderna em que o industrialismo e o desejo de exploração humana sacrificam e violentam a criança e o jovem", cuja educação é freqüentemente impedida ou mutilada pela ignorância dos pais ou responsáveis e pelas contingências econômicas. A escola unificada não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo outras separações que não sejam as que aconselham as suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições "a educação em comum" ou coeducação, que, pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua graduação.

Anísio Teixeira trabalhou em outras áreas que não a educação, por exemplo, na “[...] exploração e exportação de manganês, calcário e cimento, à comercialização de automóveis e à tradução de livros para a Companhia Editora Nacional” (NUNES, 2000, p. 11). Em 1946, aceitou o convite do primeiro secretário executivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura para assumir o cargo de conselheiro de Ensino Superior, que ocupou por pouco tempo. Após esse período, até 1950, foi secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, a convite do governador Otavio Mangabeira. Nesse mandato, realizou

[...] a construção do Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, popularmente denominado de Escola-Parque, no bairro da Liberdade. A Escola-Parque, inaugurada em 1950, procurava fornecer à criança uma educação integral, cuidando de sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho e a cidadania. Esta obra projetou-o internacionalmente (NUNES, 2000, p. 11—2).

Em 1964, Anísio Teixeira voltou aos Estados Unidos, dessa vez com professor visitante na Columbia University; em 1965, na New York University; e, em 1966, na University of California. Ao assumir a Secretaria Geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, transformou-a em órgão atrelado ao Ministério da Educação. Foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, até 1964. Proferiu conferências por todo o país e participou das discussões para criar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961. Publicou dois livros: *A educação e a crise brasileira* (1956) e *Educação não é privilégio* (1957). Foi o principal idealizador da Universidade de Brasília, onde foi reitor, em 1962. Em 1971, quando aceitou o convite para se candidatar à Academia Brasileira de Letras, sua vida foi interrompida de forma trágica (NUNES, 2000).

Anísio Teixeira vivenciou momentos de acusações e perseguições, até da própria Igreja Católica. Em 1958, os bispos escreveram um memorial com o intuito de acusá-lo de ser *extremista* por defender estratégias para o acesso de *todos* à educação (NUNES, 2000, p. 15); o que gerou a reação contrária de educadores, professores e cientistas, dentre os quais 529 assinaram um abaixo-assinado. A Igreja solicitava ao governo federal que ele fosse demitido; mas, ante o abaixo-assinado, Juscelino Kubitschek, então presidente da República, manteve o baiano no cargo. O que torna o curso de sua trajetória admirável “[...] é a persistência na defesa da democracia e da educação para a democracia, que constituiu o motivo central de devotamento da sua vida” (NUNES, 2000, p. 13).

#### 4.2.2 *O pensamento de Anísio Teixeira na voz de Afranio Azevedo*

As propostas e os estudos de Anísio Teixeira ecoaram na publicação *Caderno do Centenário de Uberlândia*, que veio a lume em 31 de agosto de 1988, que apresentou ações do projeto de desenvolvimento da educação do então secretário de Educação, Afranio Azevedo. Incluíam erradicar o ensino multisseriado, investir na alimentação, na saúde e no lazer escolares; aumentar os salários; oferecer cursos de capacitação docente; garantir a liberdade de opinião e escolha de chefias de órgãos da educação; discutir a construção do estatuto do magistério; reformar escolas que não tinham prédios próprios e construir unidades escolares. Em suma, tratava-se de:

Oferecer o que há de melhor em educação aos alunos da rede pública municipal. Para isso, o secretário Afrânio de Freitas Azevedo procurou desde o início orientar sua equipe no sentido de que todos os funcionários da pasta passassem a trabalhar por um ensino sério e competente, que estivesse acima de qualquer ideologia político partidário (CADERNO DO CENTENÁRIO DE UBERLÂNDIA, 1988, p. 5).

Como Anísio Teixeira, Afranio Azevedo se preocupou com erradicar o analfabetismo e construir escolas no meio rural. Foi criado um convênio com a Fundação Educar e a Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, para alfabetizar duzentos funcionários da prefeitura e trezentos de empresas da cidade. Segundo Afranio Azevedo,

Dentro do programa estabelecido em convênio com a Fundação Educar e com a Aciub. Na primeira etapa de implantação estamos atendendo a 200 analfabetos funcionários da Prefeitura e a 300 empregados de empresas. Na seguinte, a partir de agosto/setembro ampliaremos o atendimento das empresas, atendendo-as em grupos e iniciaremos a abertura de salas de alfabetização nos bairros, setorialmente, já num programa de massa. Temos nossa estrutura da Divisão de Jovens e Adultos e dentro das possibilidades vamos utilizá-la. Além disso, cada cidadão que tenha o 2º grau ou o esteja cursando vai poder fazer o treinamento em apenas 10/12 horas e alfabetizar até em sua própria casa, sob nosso controle (O MUNICÍPIO, 1990, s. p.).

O programa da gestão municipal teve repercussão em todo o país. Secretarias de outros estados adotaram a proposta. Pannunzio (2020) afirma que Afranio Azevedo aprendeu a ser professor com Anísio Teixeira. Aos domingos, este subia os morros de favelas do Rio de Janeiro com alunos da universidade para cuidar de pessoas que ali residiam; se dividiam em equipes para orientar a comunidade sobre práticas de higiene e de saúde; além de promoverem ações de contação de histórias, alfabetização, música e outras. Cada equipe atuava em dada área. Com essa experiência, Afranio Azevedo teria desenvolvido o gosto pela área da educação.

Ele era peixinho da casa do Anísio. O Anísio era espírita, o Anísio velho, Teixeira. Ele falava assim “Menino, você já foi meu pai ou meu filho na outra encarnação, porque eu gosto demais de você! [...] domingo nós vamos lá, eu vou mais cedo, quero saber se vai chegar todo mundo”. Era o Durval Viana Filho, o Guarnieri, pessoal do teatro, da música, sabe? Foi aí que surgiu o Centro Popular de Cultura, o CPC. Eles foram militantes do CPC. Era assim, a turma que canta, canta! Quem sabe ensinar a tocar violão, ia ensinar a tocar violão! A

turma que era da Medicina ia ensinar primeiros socorros, curativos, botar um braço no lugar, fazer um parto de urgência... [...] O Fanoca era apaixonado por esse Anísio Teixeira, você não acredita que figura que era aquele Anísio... como é que ele entende gente pobre, não é que ele tem dó, não! Ele tem respeito! [...] “Vamos alfabetizar”, aí todo mundo era alfabetizado! Não tinha hora de parar, b-a-ba, b-e-bé, b-i-bi [risos] Vamos lá... Vovó viu a uva! [risos] Como é que era a cartilha? Vovô viu a uva, sei lá. Era coral de alfabetização... ele adorava o Rio de Janeiro, o Anísio. Então, o Fanoca ficou médico com o Pitanguy, com o tio Josias, e educador com o Anísio Teixeira! Só tinha que dar um “quindim” né! [...] Ele era da casa do Anísio, almoçava lá domingo.

Pelo depoimento de Pannunzio (2020), foi possível perceber a admiração e o respeito de todos os entrevistados, e do próprio Afranio Azevedo, por Anísio Teixeira. Ela disse “[...] que com Anísio Teixeira Fanoca aprendeu o verdadeiro comunismo. Anísio tinha um coração pra entender pobre, pra aceitar pobre, pra respeitar pobre... foi o aprendizado de comunismo maior que eu tive na minha vida. Ele não era comunista mas ele era só coração” (PANNUNZIO, 2020). Como secretário de Educação por cerca de dezesseis anos, fatos e ações, atitudes e gestos, sobretudo a convivência com pessoas e a atuação na secretaria de educação, tudo é revelador de aspectos da vida de Afranio Azevedo.

#### 4.3 O contexto educacional

Pensar na educação em Uberlândia no período histórico focado neste estudo supõe conhecer o contexto educacional em Minas Gerais e no Brasil. Foi uma época marcada por mudanças como o golpe de Estado militar com aquiescência civil e o governo em regime de exceção de 1964 a 1985. Tal movimento levou o Brasil a transformações socialmente necessárias à política, à economia e à educação que redundaram na redemocratização. Desse contexto destaque legislações importantes nas instâncias federal, estadual e municipal entre 1980 e 2012. Isso porque a área de educação acompanhou as mudanças do momento de redemocratização, em especial no que se refere à legislação. Com efeito, a década de 1980 foi marcada pela ação de movimentos populares em busca do encerramento do ciclo de governo militar. De acordo com Nery (2010, p. 73), “[...] o regime estava em crise devido, entre outros fatores, à crise econômica que se abateu sobre o país a partir de 1974 [...]”, o que levou seus apoiadores a se voltarem contra a ditadura.

Conforme Ricci (2003), a década de 1980 foi marcada por reformas educacionais em todo o mundo. Tiveram como base a concepção liberal ditada por organismos internacionais como o Banco Mundial (GUIMARÃES, 2015). Ocorreram em virtude do desenvolvimento tecnológico e do crescimento econômico no leste asiático; com projetos multiplicados em países periféricos, direcionados às exigências de um novo perfil profissional. Esse período foi marcado pela “[...] tentativa de formação de um corpo técnico de nível médio no Brasil [...] a tônica da reorganização do sistema de ensino” (RICCI, 2003, p. 106).

Em uma leitura crítica, afirma-se que as mudanças principais ocorridas, desde a década de 1980 até o início do século XXI, estão inseridas no contexto no qual se difundiu a nova pedagogia da hegemonia (SANFELICE, 2014). Em função disso, foram feitas mudanças como a introdução de disciplinas semiprofissionalizantes no Ensino Fundamental e Médio. De acordo com Ricci (2003), foram introduzidas, também, novas concepções pedagógicas na Educação Infantil, como o construtivismo. Ainda segundo esse autor, houve, também, a desarticulação de famílias porque os pais passavam mais tempo no trabalho; ou seja, a escola passou a ter a responsabilidade de cuidar e educar os filhos para além da educação escolar, mesmo sem preparo para isso.

Como disse Saviani (2004), a transição do regime de governo militar ditador e a redemocratização foi um período lento. Começa em 1974, durante o governo de Ernesto Geisel, com a abertura democrática progressiva após 1979, no governo Figueiredo, e culmina, em 1985, na eleição indireta de Tancredo Neves, que morreu antes da posse. Assumiu José Sarney.

A “transição democrática” se fez, pois, segundo a estratégia da conciliação pelo alto, visando a garantir a continuidade da ordem socioeconômica em consonância, portanto, com a visão dos grupos dominantes, à frente a burguesia, que interpretam a “transição democrática” na linha da estratégia da conciliação, reduzindo-a a um mecanismo de preservação, numa forma que incorpora o consentimento dos dominados, dos próprios privilégios (SAVIANI, 2004, p. 292).

O deputado federal Dante de Oliveira apresentou a proposta de emenda à constituição 5, de 1983 — também chamada Emenda Constitucional Dante de Oliveira.<sup>7</sup> Corroborou-se a reivindicação de movimentos sociais: volta da democracia com regime de governo através de eleições diretas para presidente da República. No ano de 1984, o povo foi às ruas com o movimento Diretas já,<sup>8</sup> formado sob influência da ementa Dante de Oliveira. Conforme Martins e Luca (2006), a campanha começou timidamente, mas teve apoio popular crescente em 1984, a ponto de reunir mais de um milhão de pessoas em comício do Rio de Janeiro. A campanha contou com o apoio do jornal *Folha de S. Paulo*. Cidades inicialmente envolvidas na campanha incluíram São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde houve vários comícios (NERY, 2010).

De acordo com Nery (2010, p. 72), a Diretas já surgiu da insatisfação de setores e foi “[...] canalizada, em parte, para a luta parlamentar — Câmara dos Deputados e Senado — e para os executivos estaduais — eleições de governadores”. Os governadores cumpriram papel importante à frente da organização da campanha, ou seja, através da produção de materiais e da facilitação do acesso da população. Em São Paulo, conforme o autor exemplifica, o metrô teve suas catracas liberadas pelo então governador no dia do comício. Líderes políticos atuantes no movimento incluíram:

Franco Montoro e Tancredo Neves do PMDB, respectivamente governadores de São Paulo e Minas Gerais e Leonel Brizola, do PDT, governador do Rio de Janeiro. Nas apresentações dos comícios duas figuras se destacaram: Ulysses Guimarães e Luís Ignácio da Silva (Lula), o primeiro, deputado federal pelo PMDB, e o segundo, líder do PT (NERY, 2010, p. 72).

---

<sup>7</sup> O dia 25 de abril de 1984 ficou marcado na história do Brasil. Era para ser de festa, mas foi de frustração e revolta. Em uma sessão cercada de tensão, com galerias da Câmara dos Deputados cheias e acompanhada por milhões de brasileiros, por apenas 22 votos, os deputados rejeitaram a proposta de emenda à Constituição que previa eleições diretas para presidente da República após vinte anos.

<sup>8</sup> Segundo Kinzo (2001, p. 6), “Com o objetivo de obter apoio popular para a aprovação da emenda, os partidos de oposição partiram para a mobilização da população. O resultado da campanha das ‘Diretas Já’ foi uma impressionante mobilização popular com milhões de pessoas participando de comícios em todo o país. Observando-se aquela mobilização, a impressão era de que a sociedade civil, que havia mostrado sua existência nos movimentos sociais surgidos em 1978, tinha decididamente despertado e, finalmente, alteraria o curso da liberalização. Essa foi, na verdade, a percepção de alguns setores da oposição democrática, mas a emenda foi derrotada no Congresso, uma vez que a pressão popular não foi eficaz o suficiente para fazer frente a todas as manobras usadas pelo governo para evitar sua aprovação”.

A proposta de emenda tramitou por quatro sessões na Câmara dos Deputados. Mas foi recusada, ou seja, não conseguiu o mínimo de votos. Apesar da derrota e do alvoroço que causou, a base governista ficou dividida e ainda havia a pressão da mídia. Em estudo sobre o poder político em Uberlândia entre 1982 e 1996, ou seja, sobre mudanças e permanências, Jesus (1999, p. 21) faz a seguinte afirmação:

No Congresso a movimentação foi grande. Os políticos contra e a favor das eleições diretas se movimentaram, arregimentando apoios. Apesar do enorme movimento, dos milhões de pessoas que foram para as ruas, o Congresso se reuniu no dia 25 de abril de 1984 e rejeitou a emenda Dante de Oliveira. Assim as eleições para presidente, realizadas em 1985, ainda se deram via colégio eleitoral.

Tancredo Neves era defensor das eleições diretas e se candidatou ao cargo de presidente da República. Segundo Amorim (2009, p. 18), “A solução parecia ser a entrega da Presidência da República a um político conservador, o mineiro Tancredo Neves”. Porém, mesmo eleito, não assumiu o cargo, por motivos de saúde. Por fim, veio a morte. Como diz Amorim (2009, p. 18): “[...] o cargo mais importante do país foi entregue a um tradicional aliado dos militares, o Senador José Sarney, candidato à vice na chapa eleita”. Eis como Martins e Luca (2006, p. 115) sintetizam tal contexto:

O ciclo militar encerrou-se com a posse, em 1985, de José Sarney, vice-presidente na chapa liderada por Tancredo Neves, que, por motivo de doença, não assumiu o cargo. Para a imprensa abriu-se um novo período cujo desafio não estava em superar restrições e constrangimentos, mas em assumir de fato, o papel que sempre se atribuía: o de quarto poder, atento defensor dos interesses coletivos.

Então presidente, José Sarney criou planos econômicos — Cruzado, Bresser, Verão e Cruzado Novo — para combater a inflação. Houve congelamento de preços; como resultado, houve empresários que deixaram de produzir e mercadorias, o que causou crise de abastecimento. Segundo Amorim (2009, p. 19), com “[...] o fracasso do Plano Cruzado, outros se seguiram com fórmulas similares e nenhum alcançou sucesso no combate à inflação”. Como se lê em Pinto (2021), a equipe econômica criou o Plano Cruzado em 1986, quando a inflação chegava a mais de 235% ao ano.

[...] o Plano Cruzado teve sucesso, garantindo à população uma melhoria nas condições de vida, e por outro lado trazendo popularidade ao presidente, que além de transformar a população em “fiscais” de preços, conseguiu uma expressiva vitória eleitoral em 1986. A melhora das condições foi efêmera, pois já nos últimos meses de 1986 havia falta de mercadorias nas prateleiras, empresários conseguiam burlar as tabelas de preços e vender por preço maior (ágio), falta de carne em face da recusa dos pecuaristas em vender pelos preços tabelados. Frente a esta situação, Sarney foi obrigado a buscar apoio político entre os grupos conservadores do país para a aprovação de novos planos econômicos (Plano Cruzado II em 1986, Plano Bresser em 1987, Plano Verão em 1989), com o objetivo de controlar os gastos públicos, conter a forte inflação e renegociar a dívida externa. Uma nova moeda surgiu, o Cruzado Novo, mas as medidas não foram suficientes para a estabilidade econômica, já que não houve mudanças estruturais na economia, e em março de 1990 a inflação alcançou o recorde 84,23% ao mês e um índice acumulado nos doze meses anteriores de 4.853,90% (PINTO, 2020, s. p.).

Como se lê nesse excerto, o presidente Sarney e sua equipe econômica não conseguiram combater a inflação. Deixaram o problema para o presidente seguinte. Ainda em 1986 houve eleições para o Congresso Nacional. Foram eleitos 559 membros, dentre deputados e senadores, os quais formaram a Assembleia Constituinte, que elaborou nos anos 1987—8 a Constituição Federal. Nesta, estabeleceu-se o sistema presidencialista de governo com voto direto — inclusive para a faixa etária 16—18 anos; o fortalecimento do Judiciário; a melhoria dos direitos trabalhistas — incluindo as licenças laborais para mães e pais, e direitos sociais como educação, saúde e moradia.

No cenário educacional, segundo Vieira (2007), o governo de Sarney foi um período de indefinição de rumos e cujo legado pode ser resumido à convocação da Assembleia Nacional Constituinte, que, resultou, após intensa discussão entre vários segmentos da sociedade civil e política, na promulgação da Constituição. Entretanto, em relação à organização do campo educacional, Saviani (2004) destaca que a década de 1980 foi um períodos mais significativos do século XX.

Os anos de 1980 inauguram-se com a existência da Associação Nacional de Educação (Ande), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), criados, respectivamente, em 1979, 1977 e 1978. Mas, além dessas entidades destinadas a congregar educadores independentemente de sua vinculação profissional, a década de 1980 também se inicia com a constituição de associações,

depois transformadas em sindicatos, aglutinando, em âmbito nacional os professores dos diferentes níveis de ensino e os especialistas nas diversas habilitações pedagógicas (SAVIANI, 2004, p. 401).

Professores de escolas públicas de 1º e 2º graus se filiaram à Confederação de Professores do Brasil, resultando em 29 associações estaduais no ano de 1986. Em 1989, a confederação teve seu nome mudado para Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação. Em 1990, criou-se a Confederação Nacional de Funcionários de Escolas Públicas, a Federação Nacional de Supervisores Educacionais e a Federação Nacional de Orientadores Educacionais, as quais passam a representar mais de dois milhões de profissionais da educação.

Com a aprovação da Constituição de 1988, funcionários públicos puderam se sindicalizarem; e os sindicatos puderam compor uma instituição sindical nacional, a Central Única dos Trabalhadores. Contudo, como explicita Saviani (2004, p. 402), esse movimento intenso de organização dos profissionais da educação não trouxe apenas união, mas também problemas, seja a contradição, seja a ambiguidade. Disse o autor:

Boa parte de suas lideranças traria a marca da origem e visão de mundo pequeno burguesa. Daí certo radicalismo de suas posições na defesa de interesses de caráter corporativo, justificados, porém, em nome da instauração de relações democráticas contra o autoritarismo, transpondo mecanicamente a relação patrão x empregado (burguesia x proletariado) para as relações educativas; professor x aluno; Estado-patrão x professores-empregados. Assim, acabavam deflagrando greve- prolongadas nas escolas públicas, acionadas como mecanismo de pressão Estado-patrão cujas consequências, entretanto, recaíam principalmente sobre a formação dos alunos.

Dessa forma, Saviani (2004) defende que a década de 1980 foi marcada, de um lado, pelas lutas social e política de entidades de cunho acadêmico-científico em prol de uma escola pública de qualidade para a população; e, por outro lado, protagonizada pelas entidades sindicais, com caracteres econômico-corporativo e reivindicativo, expressados, sobretudo, pelas greves iniciadas no fim dos anos 1970, que se intensificaram na década de 1980. Conforme Bonamino (2003, p. 256), no decênio de 1980, mesmo com a mobilização da sociedade civil, de educadores e demais profissionais da educação e de políticos, as políticas sociais se desenvolveram de forma tímida. “Em concreto, essa experiência se pautou pelo incremento de programas

emergenciais e assistencialistas, implementados com fins eleitoreiros e clientelistas pelo Governo Sarney”. O mesmo não ocorreu nos estados e municípios.

Desde as gestões municipais oriundas das eleições de 1976, passando pelos governos estaduais surgidos do restabelecimento das eleições diretas para governadores de estado em 1982, as iniciativas de política educacional voltada para crianças e jovens das camadas populares multiplicaram-se [...] Em nível estadual, diversos governos de oposição ao regime militar, eleitos em 1982, ensaiaram medidas de política educacional de interesse popular, destacando-se: Minas Gerais, com o Congresso Mineiro de Educação, o combate ao clientelismo e a desmontagem do privatismo; São Paulo, com a implantação do ciclo básico, o estatuto do magistério, a criação dos conselhos de escola e a reforma curricular; Paraná, com os regimentos escolares e as eleições para diretores; Rio de Janeiro, com os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), apesar de seu caráter controvertido (SAVIANI, 2005, p. 34).

Essa realidade mostra uma tendência de descentralização na educação, que predominou até o fim da década de 1980. A partir da Constituição, aprovada em 5 de outubro de 1988, a educação foi definida como “direito de todos” e “dever do Estado e da família” e responsabilizada pleno “desenvolvimento da pessoa” para o “exercício da cidadania” e para sua “qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). O Ensino Fundamental foi estabelecido como obrigatório e gratuito, inclusive para quem não teve acesso à escola na idade própria; em relação ao Ensino Médio, a obrigatoriedade foi definida como progressiva, ou seja, conforme o passar do tempo, ela iria se estabelecer. Outro fator importante se deu na organização dos sistemas de ensino; em regime de colaboração entre a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios (Art. 211), da seguinte forma:

§ 1º A União organizará e financiará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, e prestará assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória. § 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e pré-escolar (BRASIL, 1988).

Dessa forma, de acordo com Saviani (2005, p. 36), a Constituição de 1988 “[...] consagrou várias aspirações e conquistas decorrentes da mobilização da comunidade educacional e dos movimentos sociais organizados”. Também de acordo com Costa, Cunha e Araújo (2010, p. 20):

A Constituição de 1988 ampliou a faculdade de se governar dos Municípios e dispôs para eles no campo educacional uma relativa autonomia. No entanto, somente a partir das diretrizes gerais estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, ficou explícita a possibilidade de livre organização de seus sistemas de ensino à União, aos Estados e aos Municípios, obedecendo as suas prioridades, estabelecendo ainda para os municípios a atribuição de integração de seus órgãos e instituições oficiais às políticas e planos educacionais da União e dos Estados, ressaltando a integração entre os sistemas mediante regime de colaboração.

No período em que o presidente Sarney esteve em exercício, o país teve alguns ministros da Educação, segundo Gois (2018): Marco Maciel, Jorge Bornhausen e Hugo Napoleão; mas antes de passar o cargo para o próximo presidente, em 1990, o José Sarney tirou, de Hugo Napoleão, o comando da Educação e o passou ao deputado federal do PMDB da Bahia Carlos Correa de Menezes Sant'anna, que comandou a pasta até março de 1990.

O país vivia a primeira eleição direta para presidente após o regime de governo militar. No ano de 1989, aconteceu a primeira eleição, quando Fernando Collor de Mello foi eleito presidente da República. A população estava ansiava e estava esperançosa por mudanças. O eleito tinha um discurso persuasivo, moldado conforme os anseios do povo, como afirma Gois (2018, p. 60):

Jovem, com um discurso moderno e tendo construído a imagem de caçador de marajás do serviço público, o ex-governador de Alagoas derrotou políticos tradicionais como Aureliano Chaves, Leonel Brizola, Ulysses Guimarães e Mário Covas. Disputou um segundo turno acirrado contra um candidato que também representava novidade na época: Luiz Inácio Lula da Silva.

A um discurso promissor durante a campanha equivaleu a efemeridade do governo: Fernando Collor ficou pouco tempo o cargo por não cumprir suas propostas de governo e por ter sido denunciado por corrupção pelo próprio irmão, Pedro de Mello. De um lado, o Congresso criou uma comissão parlamentar de inquérito, de outro a mídia mobilizou a opinião pública nacional, o que levou ao *impeachment* dele. Assumiu o vice, Itamar Franco. O governo Franco durou até o ano de 1995 e teve Murílio Hingel como ministro da Educação. Contudo, teve seis ministros da Fazenda, o último

Fernando Henrique Cardoso, criador do Plano Real, que previa a desvinculação de recursos da União, fato com que Hingel não concordou, pois afetava sua pasta.

Vale a pena destacar que, durante o governo de Itamar Franco, foi elaborado o Plano Decenal de Educação para Todos, fruto da participação do Brasil, em março de 1990, na Conferência de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, convocada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e pelo Banco Mundial. Hingel, em depoimento registrado no livro de Gois (2018, p. 101), disse que se orgulhava dos estados e municípios por elaborarem seus próprios planos para a Educação, a ponto de indagar: “E por que não cada escola?”.

Nas eleições de 1994, o candidato eleito foi Fernando Henrique Cardoso, cuja popularidade aumentou após a criação do Plano Real; por meio deste, conseguiu derrubar a inflação, que permanecia desde a década de 1980. Fernando Cardoso governou por dois mandatos consecutivos, tendo Paulo Renato Souza como ministro da Educação. Com mais representatividade no congresso, seu governo aprovou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, responsável pela distribuição da verba federal para educação.

Porém, conforme Gois (2018) — à luz do que disse Maria Helena Guimarães de Castro, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação à época —, não foi tranquila a aprovação, pois alguns governos estaduais perderiam recursos com a nova forma de distribuição da verba. O maior número de alunos matriculados era da rede escolar municipal e os recursos, a partir de então, migraram para o novo sistema. Gois (2018) cita ações do mandato do ministro Paulo Renato Souza como a aprovação da LDBEN, em 1996, que tramitava no Congresso Nacional desde 1991; e a promoção de avaliações da aprendizagem em larga escala. A equipe do ministro detectou, logo no início de seu governo, que a fragilidade maior das políticas educacionais era a falta de dados do setor.

Com efeito, em 1995, foi implantado o sistema de avaliação da Educação Básica, o qual tinha como objetivo comparar os resultados da aprendizagem ao longo dos anos e avaliar a qualidade, por meio da aplicação de testes de língua portuguesa e matemática. O Brasil participou, também, da primeira edição do Programa Internacional

de Avaliação de Estudantes, avaliação com testes de ciências, linguagem e matemática para alunos na faixa etária 15 anos e promovida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Esse teste avaliou não só o Brasil, conforme Gois (2018, p. 107):

Em uma lista de 32 nações — a maioria desenvolvida — o Brasil ficou no último lugar do ranking de 2000. Na edição de 2016, o Pisa já abrangia 70 nações, e o Brasil ficou na 63ª posição em ciências, na 59ª em linguagem e na 65ª em matemática. O texto aprovado teve forte influência de Darcy Ribeiro, senador pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) do Rio de Janeiro, que faleceria meses depois da promulgação da lei, e da própria equipe do Ministério da Educação (MEC).

No governo de Fernando Henrique Cardoso, foi implantado o plano nacional de educação, “[...] previsto na LDB com o objetivo de estabelecer metas e estratégias a serem perseguidas pelo poder público para o setor” (GOIS, 2018, p. 109). No livro *Quatro décadas de gestão educacional no Brasil — políticas públicas do MEC em depoimentos de ex-ministros*, de Gois (2008), os relatos referentes ao ministro Paulo Renato Machado foram cedidos por Maria Helena Guimarães de Castro, sua assessora, pois, quando o autor fez a pesquisa, Machado já havia falecido.

Foram muitos os desafios na área da educação, dentre eles, destaca-se a valorização dos profissionais, compromisso que o presidente Itamar Franco fez na Conferência Nacional de Educação junto com o presidente Fernando Henrique Cardoso. À época, Maria Helena Castro era presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação e, também, assinou o documento que selou o compromisso.

Como se ele em Gois (2008, p. 114),

Em novembro de 1994, o presidente Itamar Franco [1992—5] assinou um termo de compromisso de valorização dos profissionais da Educação. [...] O grande desafio era como tratar da implementação daqueles dez compromissos que estavam na Conferência Mundial de Educação, que tinham sido reforçados na 1ª Conferência Nacional de Educação e que basicamente se resumiam na universalização do acesso ao Ensino Fundamental de oito anos — porque nós não tínhamos, estávamos muito longe disso. Outro era como garantir a inclusão das crianças de baixa renda nas escolas de Ensino Fundamental. Outros compromissos eram a formação de professores e a alfabetização de jovens e adultos — porque havia um grande número de jovens e adultos analfabetos e um grande número de pessoas que entravam nos cursos de jovens e adultos e não concluíam.

[...] Já existia uma preocupação com a ampliação do acesso à Pré-Escola, à Educação Infantil. [...] descentralização de algumas ações do Ministério da Educação [MEC], como a merenda escolar. [...] Nossas prioridades foram caminhando primeiro para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [LDB], que tramitava no Congresso Nacional.

A partir de 2003, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva tinha como objetivo-chave erradicar a fome, para isso criou o programa Fome Zero, que recebeu críticas de pessoas do próprio governo; isso o fez promover o programa Bolsa Família, junto ao Fome Zero, ao Bolsa Escola e outros. O ministro da Educação, Cristovam Buarque, não concordou com a iniciativa de manter o Bolsa Escola junto aos outros programas no Ministério do Desenvolvimento Social, isto é, fora do Ministério da Educação; também porque se tratava de uma iniciativa sua, da época em que era governador do Distrito Federal (1995—8).

Outro compromisso do governo era erradicar o analfabetismo em quatro anos, promessa de outros também. A proposta de Cristovam Buarque para isso envolveria parcerias com coordenações do terceiro setor, bem como com a sociedade civil. Dentro do programa Brasil Alfabetizado, o governo propiciaria recursos de acordo com o número de pessoas a serem alfabetizadas, mas tal programa gerou desavenças no próprio governo, bem como questões não esclarecidas, a exemplo de qual método usar, do tempo de alfabetização (quatro/seis meses), dentre outras que escapam ao escopo deste trabalho.

Ante tais insatisfações e divergências, Cristovam Buarque se demitiu do Ministério da Educação. Tarso Genro assumiu o cargo, mas por pouco tempo. Durante o período no ministério, ele falou sobre aspectos, registrados no livro de Gois (2008). Tarso passou a incentivar a formação de professores por meio de convênios com as secretarias de Educação. De forma análoga, Cristovam Buarque queria investir no ensino superior, pois alegava ser a parte complementar da educação básica. Da mesma forma, Tarso Genro se desligou do ministério por motivos políticos.

Fernando Haddad assumiu a pasta e permaneceu até o primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2012; quando finda, também, a trajetória de Afranio Azevedo como secretaria de Educação. Após sua reeleição, em 2006, Luiz Inácio Lula da Silva pediu a Haddad a descrição do plano de desenvolvimento da educação. Entre acertos e desacertos, produziu-se tal plano, base do plano nacional da educação, apresentado em

2010 (GOIS, 2008, p. 158). O plano de desenvolvimento abrangeu da creche à pós-graduação, com metas para todas as etapas.

Segundo relato de Fernando Haddad, as metas foram cumpridas nos seis anos em que esteve a frente do ministério, dentre elas: reformas para o Ensino Médio, desenvolvimento do ensino técnico e em universidades, financiamento da educação básica etc. Como disse, na transcrição de Gois (2008, p. 158),

[...] houve um aumento no número de campi universitários, de institutos federais, de escolas técnicas, de creches, as metas do Ideb [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica], a criação do piso nacional [do magistério], tudo foi rigorosamente cumprido durante seis anos. Depois, estamos tendo algumas dificuldades de cumprir algumas metas de qualidade do Ensino Médio, sobretudo.

Com essa síntese de Haddad, finda a apresentação das políticas educacionais dos ministros da Educação, as quais repercutiram nos estados e municípios. Para este estudo, essas informações ajudam a analisar como foi a repercussão na educação de Uberlândia e como o secretário Afranio Azevedo aderiu e desenvolveu ações implementadas pelos ministros. Assim, convém compreender como foi sua administração da secretaria de Educação.

#### **4.4 A gestão de Afranio Azevedo na secretaria de Educação, 1989—96**

Quando Afranio Azevedo assumiu a secretaria de Educação pela primeira vez, a convite do prefeito Virgílio Galassi, cabe lembrar, ele já pensava em como desenvolver tal função, como se infere do que disse em 1999: “Quando assumimos a Secretaria, convidados pelo prefeito Virgílio Galassi, tínhamos em mente um Plano Integral de Educação, que abrangia desde o atendimento da alfabetização [...] até a profissionalização do cidadão” (EDUCAÇÃO NOTA 10, 1991, p. 4). Como os demais secretários, ele assumiu em 2 de janeiro de 1989. No discurso de posse, o prefeito eleito disse que precisava “[...] preparar a Uberlândia do ano 2000” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1989, 3 jan., p. 8). Fica implícito que o trabalho a ser realizado era pensando nessa caminhada rumo ao futuro simbolizado pelo ano 2000, a ser seguida pelas decisões na pasta de Educação, a julgar pelo que foi possível compreender pela pesquisa.

Convém ressaltar que, em momento algum, o objetivo do prefeito eleito e de sua equipe transpareceu ser o de desqualificar o governo anterior, desmerecer ou não aprimorar projetos iniciados. Ele tinha clareza das demandas da população, dados os anos de governo democrático aberto à participação popular. Era improvável que não fosse ouvir o que o povo solicitava. Eis o que disse o novo prefeito:

[...] reconhece que volta a governar a cidade numa época diferente da dos outros governos anteriores, mas declarou que está preparado para conviver com a nova realidade sindical do País e com os avanços sociais da classe trabalhadora. Entende que o trabalho deve ter suas vantagens sobre o capital mas ele não deixou de assinalar que é preciso que haja um mínimo de entendimento entre as duas partes envolvidas no procedimento de produção para que seja estabelecida (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1989, 3 jan., p. 8).

O então recém-eleito prefeito compreendeu que o povo aprendeu a reivindicar direitos como exercício de cidadania, ou seja, como atitude e gesto da vida em sociedade que paga impostos e luta para ter condições mais favoráveis de vida (moradia com conforto, recursos públicos para assegurar saúde no tempo necessários, escolas para educar não só para o trabalho, mas também para outras esferas da vida, como as relações sociais e o respeito ao outro, ao diverso, dentre outras necessidades etc.). Como secretário, a ação de Afranio Azevedo seguinte à posse foi conhecer a secretaria de Educação: organização e equipe; o que manter e o que não; dentre outros ajustes necessários. A equipe organizada por ele foi composta, em sua maioria, por profissionais atuantes na gestão anterior, pois acreditava que sabiam como funcionava a estrutura na secretaria e respeitava os feitos obtidos por adversários políticos. A forma como Afranio Azevedo se reuniu com a equipe que já atuava se delineia nas palavras de Tavares (2020), em entrevista:

[...] ele pediu que cada um indicasse umas pessoas para estar junto com ele para fazer a gestão da rede municipal, então, nessa ocasião [...], cada um indicou uma pessoa. Aí, ele pegou as cinco pessoas mais indicadas [...] ele chamou para trabalhar com ele, [...] na época eram: a Sônia Garcia, que assumiu a direção da escola Afranio, que era a única escola do [Ensino] Fundamental; [o] Guilherme Saramago, que foi trabalhar com ele [Afranio Azevedo] na secretaria como assessor pedagógico dele, e eu, que... é... ele me convidou para essa proposta de fazer essa proposta da Educação Infantil, de criar essa atividade de atendimento de 0 a 6 anos [de idade]. Então das cinco pessoas, ele escolheu essas três para desenvolver esse trabalho específico, do

Fundamental a Sônia, eu na Educação Infantil e o Guilherme como assessor pedagógico dele para estar direto dentro da secretaria.

Também Freitas (2020), em sua entrevista, referiu-se à equipe pedagógica formada pelo novo secretário de Educação. Em suas palavras,

Tinha uma equipe de assessores que já iniciou com ele, e as assessorias pedagógicas ele escolheu com os profissionais de cada divisão: divisão de educação Pré-escolar, divisão de Ensino Fundamental e divisão de Educação de Jovens e Adultos. Eu lembro como se fosse hoje, ele [se] reuniu com cada equipe, eu fazia parte da equipe de Educação de Jovens e Adultos, nossa coordenadora era a Leninha [Maria Helena Gervásio], na Educação Infantil a coordenadora era a Olga Lara. Aqui, abro um parêntese porque, antes, eu falei que começamos um processo de estudos com a equipe da Escola Afranio, mas quando iniciamos, em 1984, na Educação Infantil, já estudávamos muito sob a coordenação da Olga Lara. Ela também idealizou uma Educação Infantil... Falo que ela conseguiu juntar a fome com a vontade de aprender, porque gente tinha um processo de estudo muito grande na Educação Infantil, era um processo diferenciado, e eu fiz parte da Educação Infantil por muito tempo. Naquela época, a Olga Lara já conseguia colocar toda a equipe para estudar e conseguia também reunir com todos os professores para estudar porque o calendário de 186 dias letivos possibilitava esses encontros. Então quando o Dr. Afranio chegou, eu estava na Educação de Jovens e Adultos e ele fez a reunião para conhecer todas as equipes, cada coordenação com a sua equipe. Nessa reunião foi relatado todo o trabalho desenvolvido até o momento. Depois já sem a participação das coordenadoras que eram cargos de confiança da administração anterior ele fez outra reunião com os profissionais de todas as divisões e solicitou que fizéssemos dentro de cada equipe uma lista tríplice. Dessa lista tríplice ele escolheria as novas coordenadoras. Essa reunião foi tensa porque ainda não acreditávamos que ele realmente iria aceitar nossas indicações inicialmente não conhecíamos o Dr. Afranio, não conhecíamos a equipe de assessores dele. Eu não o conhecia. Conversamos muito na época para ver quem gostaria de participar e, na nossa equipe, achamos melhor votar em formar a lista tríplice, não foi fácil para nós, naquele momento se candidatar pra assumir o lugar das nossas coordenadoras que estavam saindo. Eu fui uma das escolhidas, eu, a Isildinha e a Eliana. Na entrevista que ele fez com cada integrante da lista tríplice já ficamos conhecendo um pouco mais o que ele pretendia fazer como Secretário de Educação. A Eliana Leão foi a escolhida por conta de ter mais tempo na Divisão, eu até me lembro dele falar comigo, que não iria me escolher, por que eu era a mais nova na equipe. Então, democraticamente ele iniciou fazendo o contrário do que imaginávamos e isso deu até um respiro de alívio pra gente.

É curioso observar algumas possíveis contradições desse processo. No contexto de redemocratização pós-1985, Uberlândia elegeu um prefeito de características conservadoras cujo secretário era cirurgião plástico de extração comunista, livre para escolher a equipe de trabalho — inclusive com funcionários do governo anterior — e a fim de atuar conforme princípios da Democracia Participativa — ouvir as demandas da população. Tal atitude pode ser interpretada como “estratégia de sobrevivência”. Apesar de não conhecer sua equipe, de início sabia bem aonde queria chegar. Para isso, deu um passo de cada vez. Chaves (2019) disse, em entrevista, que o secretário compôs sua equipe sem interferência do prefeito.

[...] Jeová Gomes Ferreira, o Saint' Clair [...] ah, o Guilherme Saramago. Essa era a equipe, vamos dizer assim, de comando, né? Porque na realidade era, vamos dizer assim, em vista do que foi depois, era muito fácil você tocar a secretaria de Educação. Era fácil. A burocracia na prefeitura era muito menor, não tinha esse monte de coisa que tem hoje. Um monte de entraves e terrível. Então foi uma gestão, vamos dizer assim, o Afranio selecionou toda a equipe dele. Não houve de maneira nenhuma, não houve nenhuma injunção do Virgílio pra nomear esse ou aquele. Ele escolheu a equipe dele e ele tocou os quatro anos do Virgílio... Deixa eu ver, [19]89, 90, 91 e 92. Aí veio o Ferolla, 93, 94, 95 e 96.

Todos os entrevistados que trabalharam com Afranio Azevedo disseram que ele teve autonomia para escolher sua equipe na secretaria. Seu primeiro assessor foi Wladimir Queirós. Ele afirmava que tinha compromisso com a secretaria de Educação, e não com o prefeito, diretamente. Como afirmou em entrevista a Pedro Rosa (2020), “Eu sou secretário de Educação de Uberlândia e não de um governo”.

De acordo com o jornal *O Triângulo* (1989), Afranio Azevedo, ao participar de reunião promovida pela Secretaria Estadual de Ensino, em Belo Horizonte, demonstrou interesse pela municipalização do ensino, pois Uberlândia tinha condições para isso; mas precisava que o estado repassasse recursos financeiros adequados para arcar com encargos referentes ao funcionalismo. Ao retornar, ele criticou o deputado estadual Geraldo Rezende, por falar em uma emissora de televisão que a municipalização estaria sendo feita sem a devida seriedade. Como consta no jornal *O Triângulo* (1989, 4 fev., p. 3),

Afranio fez duras críticas ao governo estadual, “que ameaça cortar verbas para os municípios que não aceitarem o projeto de municipalização, que o Estado quer fazer à sua maneira”. O projeto do governo do Estado prevê que os municípios devem assumir parte do quadro de pessoal contratado, o que vai contra a determinação do prefeito Virgílio Galassi, que quer uma ampla discussão do assunto com todos os segmentos interessados: professores efetivos, contratados, UTE, Câmara Municipal e Secretaria Municipal de Educação.

Ainda na reunião de Belo Horizonte, Afranio Azevedo apresentou, ao secretário estadual de Educação, Aluisio Garcia, projetos de reformas de cinco escolas estaduais de custo elevado e esclareceu que não eram de responsabilidade da pasta de Educação de Uberlândia, e sim da Delegacia de Ensino e dos deputados. Em geral, a discussão sobre a municipalização acontecia havia tempos. Teixeira (1957, s. p.) já falava sobre essa necessidade:

Restaria, para melhor caracterizar a nossa tese de *municipalização do ensino primário*, indicar detalhes de organização e distribuição de atribuições técnico-pedagógicas, entre os Municípios, Estados e União, e salientar os aspectos da expansão educacional brasileira que justificam, não só teórica mas praticamente, o plano aqui proposto. [...] A municipalização do ensino primário não é uma reforma administrativa nem pedagógica, embora também seja tudo isto: é, principalmente, uma reforma política e o reconhecimento definitivo da maioria de nossas comunidades municipais. E o princípio que reivindica é, acima de tudo, o princípio da autonomia municipal (grifo no original).

A municipalização do ensino, segundo o autor, seria uma maneira de descentralizá-lo, isto é, de haver uma distribuição das atribuições entre municípios, estados e União. Afranio Azevedo lutou para efetivar essa política; só no início de seu mandato, foi a Belo Horizonte três vezes, pois não concordava com as propostas do estado para a Educação. Discordava, em especial, da responsabilização dos prefeitos pelo financiamento dos salários de funcionários, bem como por outras questões do funcionalismo, de foram impositiva, por meio de um convênio e com repasse de um terço, somente, das verbas estaduais para o município. Ele expôs ao jornal *Triângulo* (1989) as barreiras para municipalizar a educação — então motivo de confronto entre governador e prefeitos. Ressaltou a necessidade de os recursos financeiros estaduais chegarem aos municípios e disse que, em Minas, estava “[...] havendo uma falta de

lisura da administração”. Outro ponto crítico foi a merenda escolar. A verba destinada advinha do governo federal, quando deveria proceder do governo estadual. Afranio Azevedo ressaltou, também, a necessidade de haver um vice-diretor no quadro de funcionários das instituições escolares, pois era preciso ter um quadro de pessoal mínimo para o atendimento eficaz às comunidades (O TRIÂNGULO, 1989, 21 fev., p. 5).

Nesse cenário de confrontos, os membros da Associação dos Dirigentes Municipais de Ensino de Minas Gerais rediscutiram a proposta de municipalizar a educação que trouxe a seguinte consequência, segundo Afranio Azevedo: “[...] o governo Newton Cardoso não teve outra alternativa a não ser a suspensão do processo de municipalização que ele queria implantar” (O TRIÂNGULO, 1989, 23 fev., p. 5). Ele, então, solicita que o estado assumisse sua parte na municipalização, de acordo com a legislação, e, por outro lado, também o governo de Uberlândia.

Enquanto a discussão sobre a municipalização da educação ficou suspensa, Afranio Azevedo continuou a desenvolver seu trabalho. Uma de suas ações foi conduzir, democraticamente, a votação de educadores e especialistas na eleição do gerente da divisão de ensino de 1º Grau. Para Corrêa (2000, p. 10),

[...] a eleição do diretor pode ser um primeiro passo para a gestão democrática e que, como todo processo de mudança, carrega desafios e superações da prática, o que requer uma certa atenção ao debruçar sobre a temática em voga. Ele fala da importância que tem a eleição ter um caráter provisório, isto é, por tempo determinado, para que o gestor não se sinta seguro a tal ponto em que se iniciam os abusos e o autoritarismo, ao invés da autoridade de um líder, cuja autoridade é compartilhada com a gestão colegiada.

Não por acaso, a eleição para gerente de divisão do ensino foi objeto do noticiário, como se vê na figura a seguir

FIGURA 6. Notícia de jornal sobre eleição para gerente da divisão de ensino da secretarie de Educação de Uberlândia, 1989



Afrânio Azevedo é o primeiro da direita para a esquerda

FONTE: *O Triângulo* (1989, 26 jan., p. 3)

O entrevistado Chaves (2019) disse do primeiro ano de Azevedo à frente da secretaria de Educação:

[...] o primeiro ano não houve quase nada, o primeiro ano foi em [19]89, foi um ano de... sei lá, de ver como é que estava a coisa. Uberlândia não tinha escola praticamente... Tinha uma, se não me engano, era a Afrânio Rodrigues da Cunha, e eu não sei se tinha outra, era a Boa Vista, algo assim. Tinha muita escola rural. Então, o que foi feito foi: nós iniciamos os projetos das escolas municipais urbanas e acabamos com um monte de escola rural, nucleamos as escolas, então é aí que a coisa começou a andar. Mas, pra você ver, a primeira escola que foi construída e inaugurada — em 91 que ela foi inaugurada? — é a Professor Leôncio do Carmo Chaves, no [bairro] Planalto, que coincidentemente era meu avô.

No meio rural, havia salas de aula multisseriadas em instalações precárias — muitas sem sistema de abastecimento de água. Em uma de suas ações, Afranio Azevedo assegurou a “[...] construção de um poço artesiano na Escola Municipal Costa e Silva e de quadras esportivas em seis núcleos escolares municipais, beneficiando aproximadamente 400 alunos” (O TRIÂNGULO, ago. 1989). Ele deixou claro que, até o fim de 1989, o objetivo era construir quadras esportivas em mais seis escolas rurais. Além disso, no mesmo jornal, o assessor de Afranio Azevedo professor Wladimir Queirós anunciou que, até o fim do ano de 1989, as salas de aulas multisseriadas da área rural deixariam de existir — ao todo, eram vinte salas de aula nessa situação. Em reportagem de agosto de 1989, o jornal *O Triângulo* afirmou que foram eliminadas quinze salas e que restavam apenas cinco, aguardando a conclusão de obras e ampliações (O TRIÂNGULO, ago. 1989). Uma escola que havia vivenciado o ensino multisseriado era a rural Emílio Ribas, na régia chamada Floresta do Lobo. Ficou com quatro salas de aula, um laboratório, sala de supervisão, biblioteca, cantina e capacidade para 350 alunos de 1ª a 4ª série do 1º grau (O TRIÂNGULO, ago. 1989).

Alguns assuntos polêmicos envolvendo a secretaria de Educação surgiram na primeira gestão do prefeito Virgílio Galassi. Um deles se trata do anúncio do prefeito de que só faria novas contratações na prefeitura mediante concurso público e que iria demorar a acontecer. Outro ponto se relaciona com a falta de merenda escolar. Em março de 1989, o secretário Afranio Azevedo desmentiu publicações as quais afirmavam que algumas escolas não estavam recebendo mantimentos nem mesmo alimentos básicos como açúcar e fubá (O TRIÂNGULO, 1989, 2 mar., p. 1). Durante a

campanha eleitoral, o candidato Virgílio Galassi prometeu melhorar a qualidade da educação.

Para cumprir a promessa de campanha, uma das primeiras ações de Afranio Azevedo como secretário da Educação foi enviar um ofício à presidenta da Associação dos Orientadores Educacionais de Minas Gerais, Isabel Gervásio de Faria, solicitando ajuda para instituir o cargo de orientador educacional na secretaria. Outra preocupação dele foi com as quase cinco mil crianças fora da escola, inclusive com matrículas recusadas. Uma vez que havia salas ociosas e profissionais efetivos disponíveis do magistério estadual, o secretário fez um documento solicitando ao secretário de Educação do Estado, Aloisio Garcia, que olhasse para essa situação “com carinho”, isto é, com atenção e prioridade (O TRIÂNGULO, 1989).

Dito isso, é possível inferir que a atitude de Afranio Azevedo ante os problemas apresentados leva a crer na importância da educação que ele assumiu durante sua campanha, priorizando a qualidade. O trecho da entrevista de Tavares (2020) descreve bem o que é uma boa educação para o prefeito e o secretário.

Então, tanto o Doutor Afrânio como o Virgílio, acho que essa ideia assim da estrutura das escolas, sabe, de melhorar as condições do atendimento da educação, isso era meta do governo municipal. Então, tanto o Doutor Afrânio quanto o Virgílio sempre tiveram essa ideia assim da qualidade da estrutura, da escola organizada, da escola em condições favoráveis pro atendimento, Doutor Afrânio falava muito disso! Ele falava muito assim que... Eu me lembro de ele falar que a criança tinha que ter... É, o professor, tanto o professor tinha que ter condições, né, no atendimento, como o aluno também tinha que ter a qualidade do atendimento. Então, essa qualidade era uma rede física, dos materiais, você vê, os laboratórios, tanto o laboratório de ciências como o laboratório de informática. Isso era cuidado que ele tinha, de ter uma educação de qualidade. Assim, tudo que a gente tinha de ideia, falava, ele falava “olha vocês são os pedagogos, vocês têm que saber o que precisa, eu tô aqui pra viabilizar.”. Tudo o que a gente falava “isso é importante, isso é importante”, ele dava esse... E lógico que o senhor Virgílio, sendo ele um gestor bem adiante dos tempos, tudo que a gente falava de ideia que ia melhorar as condições de atendimento à população, nossa, ele não tinha nenhuma forma de falar assim “isso não vai fazer”... Não tinha! Tanto que as escolas, o tanto de escolas que foram criadas, tanto o senhor Virgílio como o Paulo Ferolla, e depois, na mesma linha de gestão, o Odelmo (TAVARES, 2020).

Em 1989, Afranio Azevedo anunciou, no jornal *O Triângulo* (1989), que as escolas seriam desativadas temporariamente para ser ampliadas e melhoradas, assim como anunciou mais recursos para escolas rurais, como a escola Emílio Ribas. Essa escola oferecia do Pré-primário ao então Primeiro Grau e teve sua capacidade de atendimento aumentada por iniciativa do secretário. A ampliação eliminou salas seriadas e multisseriadas. Melhoria semelhante ocorreu na escola de Sucupira. Outra escola beneficiada com salas de aula e quadra poliesportiva iluminada foi a de Água Limpa. A quadra poliesportiva da Escola Municipal Afranio Rodrigues foi beneficiada com sistema de iluminação.

Após um tempo, o secretário Afranio Azevedo retomou a discussão sobre a municipalização, mas dessa vez comunicou que os novos administradores mineiros se uniriam numa chapa para a direção da ADIMI, com membros indicados das cidades de Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba e outros (*O TRIÂNGULO*, 1989). Ele venceu a eleição para assumir a presidência da ADIMI; mas, por causa de dificuldades de deslocamento para Belo Horizonte, preferiu deixar o cargo para a professora e secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte e ficar na vice-presidência. Na ocasião, disse: “[...] a ADIMI conseguiu que o governo estadual protelasse o processo de municipalização do ensino, que será feito de forma gradual” (*O TRIÂNGULO*, 1989, p. 1).

Ainda no ano de 1989, ano do aniversário de 101 anos de Uberlândia, muitas ações foram cumpridas, dadas as promessas de campanha. Não foi possível localizar o plano de governo na íntegra, mas alguns textos de jornais deram uma medida de seus objetivos, como se lê:

[...] Galassi esclareceu que o grande objetivo do seu governo “é criar emprego e construir a casa própria para trabalhadores”. E explicou: “Talvez com isto resolveremos dois dos problemas sociais mais graves da população de Uberlândia”. Ele também destacou que os planos de creches e de saúde pública são expressivos e respeitáveis e que todos eles serão cumpridos em sua administração. Declarou ainda o prefeito Virgílio Galassi que criou a Secretaria de Agricultura, também com a finalidade de cuidar do meio ambiente, porque “o meio ambiente requer uma postura muito elevada e as atenções devem se voltar mais para a zona rural do que para a zona urbana” (*CORREIO DE UBERLANDIA*, 1989, 3 jan., p. 1).

Com o terceiro mandato de Galassi, era presumível que ele mencionasse seus feitos passados na administração, a exemplo das quatrocentas salas de aula abertas e a prioridade dada à educação. O prefeito disse ao jornal *O Triângulo* (1989, 15 abr., p. 1) que “A Secretaria de Educação está tratando de avaliar as reais necessidades da cidade no setor educacional e tenho certeza que nossa administração apresentará boas soluções para o nosso povo, ávido por um aprendizado melhor”. Com efeito, reportagem de *O Triângulo* (1989, 5 out., p. 4) exaltou promessas de campanha do prefeito: “[...] muitas de alcance social, e não há como deixar de executá-lo, uma vez que ele tem plena aprovação da população de Uberlândia”. A população, segundo o próprio Galassi, aprovava os feitos de sua administração — e mesmo que não fossem voltados às necessidades da população, uma de suas preocupações.

No campo da Educação, o prefeito pretendeu, até 30 de agosto de 1989, aniversário da cidade, inaugurar escolas já construídas pela gestão e escolas reformadas. Outro anúncio tratou da construção dos módulos educacionais — onze ao todo, para atender de crianças da Educação Infantil até jovens de 18 anos. Essa iniciativa trouxe a perspectiva de continuidade da aprendizagem escolar desde o momento da creche e a mudança da ideia acerca desta como “depósito de crianças”, ou seja, como lugar que serve para liberar as mães para o mercado de trabalho. Para isso, contaram com anúncio de recursos federais de início; porém, ficaram no anúncio. Afranio Azevedo confiava na chegada de tal recurso, uma vez que o vice-prefeito de Uberlândia, Francisco Humberto, era deputado federal e se empenhava junto a ele.

Outras promessas de campanha foram: a construção de uma escola no bairro Tocantins — com estrutura metálica de ponta em formato da letra U — e a reforma da escola municipal Domingas Camim, no distrito de Miraporanga. Em 1989, foram muitas as reformas e construções de escolas, na cidade e no campo. A discussão sobre a municipalização do ensino permaneceu, pois os governos estadual e municipal não conseguiram chegar a um consenso até 1989. A Secretaria de Estado da Educação promoveu um curso de formação em que trabalhadores da educação puderam estudar e discutir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; os participantes “[...] assistiram ao vídeo com a fala de eméritos educadores mineiros sobre a formação e a valorização dos profissionais da educação” (*O TRIÂNGULO*, 1989, 25 out., p. 3).

Segundo Rocha (2005, p. 4), é notável a exaltação que os jornais davam à educação, pois:

[...] as notícias veiculadas mereciam enorme destaque, pois a imprensa diariamente acompanhava os acontecimentos do contexto escolar; com destaques a construção de novas escolas; início de matrículas; nomeação, transferências ou afastamento de professores; elogio ao trabalho de diretores, professores e alunos; a divulgação de processos e resultados de avaliação; informação do início e término do ano letivo; relatos de exposições, de formaturas, comemorações, bem como inferências ao poder público.

Graças à imprensa, foi possível acompanhar o período em que Afranio Azevedo foi secretário de Educação. Por exemplo, o jornal *O Triângulo* (1989, 7 nov. , p. 1) retratou a inauguração de escolas antes do aniversário da cidade, em agosto, bem como nos meses seguintes, por causa do atraso nas obras (FIG. 7).

FIGURA 7. Notícia do jornal *O Triângulo* sobre reformas e inauguração de escolas em Uberlândia, MG, 1989



FONTE: *O Triângulo* (1989, 7 nov., p. 1)

Prefeito, vice-prefeito e secretário de Educação davam satisfações à população sobre o cumprimento de suas ações. No momento da entrega das unidades escolares, Afranio Azevedo afirmou que “[...] seu projeto para a educação e de sua equipe não inclui apenas a reforma e ampliações de salas, mas uma nova mentalidade em ensino, com vistas a formação integral”. O vice-prefeito (e deputado federal), Chico Humberto, frisou que o prefeito estava “[...] cumprindo o preceito constitucional de 25% do orçamento municipal na Educação” (O TRIÂNGULO, 1989, 7 nov. p. 2). Outros assuntos noticiados em 1989 foram a parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, para atendimento médico a quase dois mil alunos da rede escolar municipal, com a doação de óculos para os mais necessitados; a elaboração e votação da Lei Orgânica Municipal; a abertura do edital para o primeiro concurso municipal para professores de 1ª a 8ª séries, o que, além de ser obrigação constitucional do município, era reivindicação do sindicato.

De fato, o concurso foi realizado no mês de fevereiro e não apresentou número suficiente de candidatos aprovados; igualmente, houve aumento significativo no número de alunos. De acordo com *O Triângulo*,

[...] [a prefeitura] realizará um novo concurso para o suprimento de educadores no magistério local, em 09 de julho. [...] a demanda de alunos aumentou e a meta para este ano do atendimento de aproximadamente 12 mil alunos, contra 8.400 do ano passado. [...] as vagas a serem oferecidas no novo concurso são para educadores de pré-escola, de 1ª a 4ª série de jovens e adultos de geografia, educação artística e matemática (O TRIÂNGULO, 1990, 5 abr., p. 1).

Outros assuntos da área da educação foram discutidos em textos de jornal, quais sejam: dois concursos públicos para contratar professores em 1989; aumento do número de servidores municipais no geral; a denúncia de um vereador de fraude relacionada com a lei que obriga aplicar 25% da receita municipal na educação. No ano de 1990, Afranio Azevedo tinha duas preocupações: a construção do módulo de Educação Infantil e erradicar o analfabetismo. O bairro Luizote de Freitas foi o primeiro a se beneficiar do projeto dos módulos. Notícia de 10 de junho de 1990 explica a estratégia de efetivação do projeto e a proposta de funcionamento, bem como a visão subjacente a esse nível da educação:

De acordo com o projeto elaborado pela Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o MEI terá O formato de “L”, apresentando em sua estrutura 4 módulos de creches, um de pré-escola e um administrativo. Cada módulo de creche terá três salas de atividades, um berçário equipado, sala de coordenação e varanda, Todos darão acesso ao refeitório. Ao todo serão 2382 metros quadrados construídos. O secretário Afranio Azevedo acentua que o MEI será uma iniciativa pioneira e experimental. Lembro que a intenção inicial da pasta era a construção de 10 unidades, mas em função das inovações que terá, precisará de uma unidade pioneira para avaliação dos resultados. Destinado a crianças de 0 a 6 anos, o MEI terá em seu corpo de funcionários pedagogos, psicólogos, atendimento médico e estimulação motora desde a primeira infância. Seu funcionamento prevê pré-escola em período integral para pais que tenham ocupação comprovada e em dois períodos manhã e tarde — para as famílias que podem ficar com as crianças uma parte do dia. O Secretário da Educação frisa que o MEI será um rompimento definitivo com a assistência oferecida pelas creches. Segundo ele, além da denominação “que já se tornou pejorativa e significa depósito de crianças, elas nada oferecem em termos educacionais. Nos MEIS o processo educacional será introduzido precocemente de modo a oferecer as crianças pobres tudo o que as ricas tem, disse. Afranio Azevedo disse que uma das maneiras de acabar com o assistencialismo será o envolvimento dos pais das crianças no funcionalismo dos MEIS. No ato de matrícula eles deverão assumir parte da responsabilidade educacional, oferecendo um dia de trabalho por mês à escola, segundo o projeto do secretário. Com isso, teremos Clubes de Mães eficientes e a comunidade corresponsável pelo eficiência das escolas disse” (O TRIÂNGULO, 1990, 19 jun., p. 3).

Esse contexto leva ao que disse Chaves (2019), em entrevista, ao se recordar de feitos de Afranio Azevedo: “[...] eu não me lembro se começou em [19]89 duas coisas marcantes na administração do Afranio... uma, o MEI Luizote, que é aquele... EMEI muito grande”. Segundo o relato, todas os projetos para melhorar a educação eram criados por ele com auxílio de Joel Cupertino, que atuava em outra secretaria. Outro feito foi o “[...] CEMEPE... Agora, realmente eu não me lembro...” — disse, referindo-se ao significado dessa sigla e ao nome atual do módulo do bairro Luizote: EMEI. Outro relato nesse sentido é o de Tavares (2020), que atuou em frentes diversas da secretaria de Educação; em entrevista, rememorou como foi pensado o primeiro módulo de Educação Infantil.

Eu fui a fundadora, criei o projeto [...] Na época, era denominado MEI, Módulo de Educação Infantil, no bairro Luizote. Foi a primeira escola de tempo integral no atendimento de crianças de 0 a 6 anos, porque antes só tinha o atendimento da pré-escola. Com a chegada do doutor Afranio, iniciou-se o atendimento também da creche. Com a Constituição de 1988, logo já estabeleceu a Educação Infantil de 0 a 6 anos. Já de imediato, o município já começou este trabalho com a primeira escola, de atendimento de 0 a 6 anos em tempo integral, no bairro Luizote. Então, a princípio, era MEI [...] que posteriormente houve a mudança para as EMEIs, escolas municipais de educação infantil, mas no início o projeto foi todo estruturado para o atendimento, que foi uma inovação né?! O atendimento da Educação Infantil, o atendimento de 0 a 3, que era o atendimento da creche, que tanto o atendimento da creche como o da pré-escola fazendo o atendimento da Educação Infantil. Eu fui a coordenadora dessa equipe para montar a primeira unidade desse atendimento no bairro Luizote.

Ao ser questionada sobre quantos módulos de Educação Infantil existiram, eis sua resposta:

A princípio, nesta unidade no bairro Luizote, uma unidade muito grande, nós, na época, atendemos em torno de mil alunos de 0 a 6 anos. Ainda tinha a pré-escola de atendimento de 6 anos, logo em seguida, foi traçada pelo doutor Afranio e a equipe a abertura de mais quatro unidades MEIs, uma em cada ponto da cidade. Então, logo em seguida, teve a sequência de construções e inaugurações [...] MEI no bairro Santo Inácio, que hoje é a EMEI Edna, no bairro São Jorge, que hoje é a EMEI Maria Luiza, no bairro Industrial, que hoje é a EMEI Maria Beatriz, e no Bairro São José, que hoje é a EMEI São José, EMEI Maria Claro. Então, uma em cada canto da cidade. Assim, foram as primeiras unidades do atendimento de 0 a 6 anos que antes eram denominadas MEIs e, com a expansão, houve a mudança para EMEI (TAVARES, 2020).

Sobre a permanência de tais instituições com oferta de escolarização em tempo integral, sua resposta foi que:

Todas funcionam, continuam tendo o atendimento de tempo integral. Hoje, tem tanto na [E]MEI Luizote [...] Na época, tinha atendimento de meio período integral, mas tinha também o meio período. A pré-escola tinha atendimento na época, quando iniciou tinha o atendimento da pré-escola em tempo integral e meio período, então, é! Me lembro bem que lá a estrutura tem os blocos, de divisão por cores. Então, nós tínhamos, na época, quatro anos integral e quatro anos meio período, cinco anos integral e tínhamos cinco anos meio período, seis anos integral e seis anos meio período também (TAVARES, 2020).

As origens desse projeto foram comentadas pela entrevistada no que se refere a chegar às EMEIs:

Partiu da Constituição, quando estabeleceu a Educação Infantil, né, o atendimento da criança de 0 a 6 anos. Então, o ponto de partida foi a Constituição de 88. A partir desta, da Constituição, da ideia do atendimento, porque, em Uberlândia, tinha o atendimento da creche pela Secretaria de Desenvolvimento Social, então, tinham as creches, elas tinham um caráter mais assistencialista. Na época, o módulo de Educação Infantil foi criado com o objetivo de ter o atendimento educacional. Assim, a gente tinha uma proposta socioeducativa. O que era diferente do que acontecia nas creches do Desenvolvimento Social. Então, na época, os módulos eram todos constituídos por equipe de professores, a equipe pedagógica toda estruturada, e, no início, nós não tínhamos como buscar referência, pois era uma situação nova no Brasil como um todo. Desse modo, é um projeto que foi pensado, tinha uma assistente social, a Valdete Nasser Caetano, e uma psicóloga, Anaurisa, eu como pedagoga. Basicamente essas três pessoas que sentaram e pensaram como poderia ser uma unidade educacional para o atendimento de educação infantil. Então, foi um projeto escrito e criado a partir da realidade do município de Uberlândia. Tudo era muito novo: a situação de atendimento de berçário, com professores. Por isso, teve todo um cuidado na capacitação destes profissionais para trabalharem com essas crianças. Nós fizemos um trabalho bem integrado desses profissionais da área da assistência social, porque o Luizote é um bairro muito grande. Na verdade, com a criação do módulo de educação infantil, as crianças vieram das creches que tinham no bairro, elas tiveram uma forma diferenciada de atendimento, tinha todo um cuidado de planejar este projeto para ter estas crianças no atendimento educacional (TAVARES, 2020).

Tavares foi a primeira diretora do módulo de Educação Infantil, situado no bairro Luizote de Freitas, escolhido em razão da demanda da própria comunidade. O terreno para a construção foi doado por Luizote de Freitas, irmão de Olympio de Freitas, avô de Afranio Azevedo.



A planta da escola foi desenhada pela primeira coordenadora, Célia Maria Tavares do Nascimento, após visitas da equipe da secretaria de Educação a escolas da cidade de São Paulo com o objetivo de conseguir subsídios para criar o módulo de Educação Infantil. Não demorou até que o projeto se concretizasse, com vigor e solidez. Essa criação foi pioneira. Foi fruto da iniciativa de Afranio Azevedo para o desenvolvimento de uma educação em tempo integral para crianças de famílias carentes. Marcou e modificou a educação municipal a partir de 9 de outubro de 1991. O projeto se baseou “[...] na experiência do professor Anísio Teixeira” (ALTERNATIVO, 1991, p. 3). Em entrevista à repórter Eliane Huguene, do jornal *Alternativo* (1991, p. 5), Afranio Azevedo conta como surgiu o módulo:

A idéia do projeto do MEI, partia de quatro primícias inseridas num programa de governo por mim elaborado: da consciência da necessidade de estabelecer um processo de âmbito social tão grande que possibilitasse a eliminação do paternalismo assistencialista de atendimento de creches no governo anterior; da possibilidade de oferecer uma educação de zero a seis anos para as crianças pobres melhor do que recebiam as crianças ricas, nos maternais, nos jardimzinhos e nos prezinhos particulares; substituir o atendimento despreparado, incipiente e puramente assistencialista das creches por um processo sócio pedagógico que garantisse um futuro digno às crianças desde o berçário atendidas por educadores, ampliar e aplicar o princípio educacional de Anísio Teixeira quando diz que “A educação começa na primeira idade”. [...] O único problema que tivemos foi a ausência de experiências aqui e no exterior de projeto sequer semelhante. Tivemos que traçar com nossos educadores as diretrizes sócio pedagógicas para MEI, uma vez que as políticas-pedagógicas já haviam estabelecidas. Durante um ano discutimos essas diretrizes com a Célia Maria Nascimento Tavares, que foi indicada coordenadora pedagógica e Valdete Caetano, assistente social com quem muitas vezes discuti tal projeto no período pré eleitoral, como coordenador político de campanha e elaborador do programa de governo. [...] Mais de duzentos profissionais da Secretaria de Educação participaram das discussões a respeito do MEI. Por uma razão: o MEI era apenas uma parte do processo inserido no atendimento educacional por profissionais, desde o berçário passando pela pré-escola, até a oitava série previsto constitucionalmente como responsabilidades do município. E em contrapartida, Uberlândia somente atendia de maneira insignificante a zona rural, a pré-escola urbana inadequadamente, e de primeiro grau apenas havia na zona urbana a Escola Afrânio Rodrigues da Cunha, localizada no jardim Brasília. [...] Quando Collor assumiu o poder, dois anos depois de assumirmos a Secretaria Municipal de Educação, nosso projeto do módulo já se encontrava em processo de edificação e implantação da primeira unidade localizada no bairro Luizote de Freitas (ALTERNATIVO, 1991, n. 1, p. 5).

Afranio Azevedo tinha clara sua visão de desenvolvimento da educação do município; é o que as entrevistas sugerem. De início, mesmo sem conhecer sua equipe de trabalho, teve segurança em suas ações por acreditar nos ensinamentos e nas experiências vivenciados por ele com Anísio Teixeira. Eis o que disse sobre escolher a educação, visto que era médico atuante:

Durante toda a minha vida sempre fui um ser político atuante, seja nos tempos de colégio, seja na universidade, o que me deu uma visão crítica e universal a respeito dos fatos, das crises e do universo. Tendo assumido a responsabilidade de dirigir politicamente a campanha de Virgílio/Chico em 88 e de elaborar um programa de governo moderno e de grande alcance social, lancei mão de minha experiência de vida, cultura e convivência fraterna que durante nove anos tive com Anísio Teixeira, o homem que traçou as diretrizes do Brasil do próximo século através da educação. [...] Sou daqueles que vêem grandes vícios no processo político-administrativo, porque as grandes lideranças despreparadas, julgam que para governar bem é preciso indicar para cada cargo de governo especialista da área. E os especialistas geralmente tem um a visão circunscrita ao âmbito corporativo de sua atuação e de sua capacitação. Creio que este fato talvez, seja o grande responsável pela mediocridade de atuação em postos administrativos de nomes respeitáveis em sua área de atuação. Recebi um espaço para administrar, queria que eu fosse para saúde, escolhi a educação, e o fiz com a consciência e a visão de que tinha que construir algo que dignificasse minha passagem pelo poder e principalmente aos profissionais ligados a área sob minha responsabilidade e começamos, nos quase oito anos, a construir o futuro de nossas crianças, resgatando junto com nossos companheiros, sua cidadania . As crianças de Uberlândia certamente terão UM FUTURO, e junto delas nessa cidade. [...] O que fizemos pela educação em Uberlândia é apenas uma parcela do que estamos preparados para fazer pelo país (ALTERNATIVO, 1991, p. 5, n.1 edição especial).

O módulo educacional tinha proposta pedagógica de orientação “interacionista-constructivista”, que supõe que criança vá “[...] vivenciar novas descobertas para o enriquecimento de seu processo de construção de conhecimento” (ALTERNATIVO, 1991, p. 8). O objetivo central dos módulos de Educação Infantil era, então, alfabetizar. Outros foram construídos ao longo do governo Virgílio Galassi, tendo Afranio Azevedo como secretário da Educação.

Com efeito, com base no censo de 1980, Uberlândia contava com cinquenta mil analfabetos. Não por acaso, a secretaria de Educação criou um programa para alfabetizar funcionários em seus ambientes de trabalho. As aulas aconteciam meia hora antes do término do expediente, em salas de aula nas empresas parceiras. Sobre programas para erradicar o analfabetismo como esse, Afranio Azevedo projetou estes resultados: “[...] ao final da atual administração municipal vai registrar êxito e que milhares de analfabetos de agora estarão lendo e escrevendo bem” (O TRIÂNGULO, 1990, 19 jul., p. 5).

Para cadastrar pessoas nos programas de alfabetização, a secretaria de Educação contou recursos humanos do 36º Batalhão de Infantaria Motorizada; vinte soldados preparados para a função pela coordenadora do departamento de programas educacionais, Eliana Leão, foram conduzidos para fazer entrevistas e seleção (O TRIÂNGULO, 1991, 7 maio, p. 1). A preocupação era promover uma educação de qualidade para todas as crianças matriculadas na rede escolar municipal, como um “[...] modelo educacional para Uberlândia, para Minas e para o Brasil” (O TRIÂNGULO, 1991, 27 jun., p. 3). Afranio Azevedo se referiu ao trabalho da secretaria e rememorou como era antes de assumirem o governo: havia “[...] 4300 vagas e hoje esse número já foi ampliado para 25 mil. A média é chegar a 50 mil vagas para crianças e jovens no final do governo”.

Um ensino de qualidade passa não só pela melhoria do espaço escola; ainda é preciso investir na formação docentes. Nesse sentido, em março de 1991, foi inaugurado o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (CEMEPE), que funcionava em prédio alugado no bairro Lídice. Como existia a preocupação em promover ensino de qualidade, foi preciso incentivar os professores a se qualificarem para tanto. Segundo Leão (2005, p. 91),

[...] a SME/UDI aceitou a proposta de pagar para os educadores estudarem fora do horário de trabalho, sendo um avanço a Prefeitura Municipal de Uberlândia realizar um empreendimento deste tipo. Essa descoberta foi feita pelo Professor Guilherme Saramago, que naquele período era assessor do Secretário de Educação.

Oliveira (2021), assessor de Afranio de Freitas em 1991, disse como foi esse incentivo à formação de docentes:

O CEMEPE desenvolveu excelentes ações formativas. Inclusive quem era cursista do CEMEPE recebia 1/22 (um/vinte e dois avos) do que recebia de salário no cargo que possuía. Então se um professor recebia de salário, por exemplo, R\$ 1.000,00, dividia-se esse valor por 22, e cada dia de estudo dele nas ações formativas desenvolvidas pelo CEMEPE, ele recebia a mais o dinheiro equivalente. Então, a pessoa recebia para estudar. Muitos professores tinham um cargo concursado e o outro cargo estável. Então recebiam um bom incentivo.

A formação dos professores era gradual e segundo as vontades e possibilidades de cada um. Mas, com o CEMEPE, veio a oferta de vinte e um cursos de aperfeiçoamento que, segundo sua diretora, foram ministrados por pedagogos das redes municipal, estadual e particular e da Universidade Federal de Uberlândia, além de contar outros convidados. Alguns cursos foram descritos como ensino da matemática elementar em perspectiva construtivista, aritmética e geometria, escola de tempo integral, ler e escrever na escola, ensinar a alfabetizar e outros (O TRIÂNGULO, 1991, 20 jul., p. 7). Sobre a inauguração do primeiro módulo no fim do ano — já com os professores preparados, em outubro de 1991 —, a então coordenadora do departamento de ensino urbano da secretaria de Educação Mirlene Ferreira Macedo Faria, em reportagem do jornal *O Triângulo* (1991, 1º out., p. 6), disse que

[...] os alunos da pré-escola antiga do Bairro Luizote de Freitas aproximadamente 150 serão transferidos automaticamente para o MEI onde já serão alvo do complexo de assistência dado pela instituição e que passa pela estimulação psicomotora, alimentação. Atendimento médico, psicológico, odontológico e assistência social. O MEI atenderá 650 crianças e conta com 72 professores, um assistente social, um psicólogo, um orientador educacional, quatro supervisores pedagógicos, uma diretora e nove merendeiras. Esses profissionais receberam treinamento na Secretária de Educação.

Nesse mesmo jornal foi publicada notícia sobre a inauguração da primeira grande escola de Primeiro Grau, para alunos da pré-escola à 8ª série. Trata-se da Escola Municipal Professor Leôncio do Carmo Chaves, no bairro Planalto. Outro acontecimento que registra as ações desse ano foi a realização de mais um concurso para preencher vagas para docência na pré-escola. No fim de 1991, o jornal *O Triângulo* (1991, 31 dez., p. 11) fez um balanço das realizações da secretaria de Educação:

No início da administração Virgílio Galassi a rede municipal de ensino atendia a 4.300 alunos. Hoje são 27 mil vagas distribuídas entre a zona rural e a urbana, e até o final de 92 serão 50 mil vagas. Além do aumento com a qualidade também ganhou espaço: além ensino profissionalizante na zona rural, foi criado o Cemepe (centro de pesquisas) onde são estudadas novas formas de se educar com eficiência e competência. Entre os projetos inovadores foi criado o MEI — Módulo Educacional Infantil que serviu de modelo para os Ciacs do Governo Federal e a Universidade da Criança. O Mei já está em funcionamento em tempo integral, e a Universidade da Criança está em fase final de construção. O transporte rural, feito por 134 culos da Prefeitura, tem garantido a frequência nas escolas e diminuiu consideravelmente a evasão. Mensalmente são percorridos 600 mil quilômetros de estradas para levar e trazer das escolas.

Para o ano de 1992, o prefeito Virgílio Galassi prometeu mais por Uberlândia. Para educação, afirmou que iria construir mais escolas e promover mais ações de qualificação (O TRIÂNGULO, 31 dez. 1991). Segundo Oliveira (2021), quando ele foi convidado pelo próprio Afranio Azevedo para assessorá-lo, já havia diretrizes.

Baseado em informações a respeito das necessidades de escolarização da população da cidade, tipo índices de analfabetismo, crianças em faixa etária da pré-escola, alunos do ensino fundamental e outros, ele tinha a intenção de: melhorar as condições de oferta das escolas já existentes, principalmente rurais, construir escolas de educação infantil e ensino fundamental em locais estratégicos da cidade, desenvolver ações de formação dos profissionais de educação e valorizar a carreira de professores, realizar concursos públicos, dotar as escolas de corpo técnico pedagógico, desenvolver programas eficientes de alimentação, transporte e material pedagógico, dentre outros. Para isso, o Afrânio constituiu uma equipe bastante organizada e articulada. De maneira geral, tinha o responsável pela parte pedagógica, o responsável pelo programa municipal de alimentação escolar, o responsável pelo transporte escolar, o responsável pelo material didático, o responsável pelas construções e reformas.

O ano de 1992 se inicia com expectativas para o secretário de Educação: oferta de trinta mil vagas para alunos da rede escolar municipal; concursos para professores e a promessa de investimentos em recursos humanos. Ele disse que Uberlândia seria exemplo de ensino de qualidade e eficiência para todo o país; afirmou, também, que o município passaria a assumir a rede escolar estadual, pois o governo de Minas Gerais não estava tendo condições para tanto. Além disso, tratava-se de ano de eleição, fato que — sabe-se — acelera as ações dos governos (O TRIÂNGULO, 1992, 4 jan, 1992,

p. 4). Portanto, foi um ano de campanhas políticas. Para que o candidato da situação tivesse mais competitividade na eleição, Virgílio Galassi teve de concluir obras prometidas; enquanto a população cobrava a construção de escolas. Reportagem de *O Triângulo* (1992, 6 fev., p. 5) fez um balanço das ações do governo pré-eleições:

Falando do que já foi realizado e daquilo que ainda está por realizar até o final do seu mandato, Virgílio Galassi disse que a sua administração esta multiplicando muitas vezes o compromisso político assumindo inicialmente com a população, lembrando que isto tem sido possível sem realizar milagre nenhum que não seja o trabalho com competência, com obstinação e com honestidade.

Virgílio Galassi fez questão de frisar, para as mídias, que seu governo era íntegro e fazia mais do que havia prometido à população uberlandense. Em seu terceiro mandato, ele apresentou a maior obra de sua administração: o centro administrativo; projetado para atender uma população de cinco milhões de habitantes; o objetivo era inaugurá-lo em agosto de 1992, quando Uberlândia completaria seu 104º aniversário.

Em março de 1992, o secretário Afranio Azevedo se reuniu com a comissão que representava as creches da Ação Social, para ouvir reivindicações como piso salarial, convênio médico, pagamento efetuado no primeiro dia útil e outras. A resposta do secretário a essas demandas foi publicada no jornal *O Triângulo* no mês de maio. Ficou definido que, a partir daquele momento, novas construções de creches ficariam a cargo da secretaria de Educação; as anteriores continuariam sob incumbência do programa Ação Social. As creches que a Educação assumiu passam a ser educacionais, ou seja, a ter o status de *escola municipal*. Como disse Azevedo a *O Triângulo* (1992, 14 maio, p. 3), “[...] a proposta da creche educacional é trabalhar com a criança, desde o nascimento a nível pedagógico preparando-a para o ensino formal”.

Na mesma época, Afranio Azevedo e sua equipe promoveram, em Uberlândia, o I Congresso de Educadores de Minas, para um público de três mil professores de todo o estado. Os palestrantes eram professores, mestres e doutores renomados, tais como Lino de Macedo, Moacir Gadotti, José Eustáquio Romão, Ester Buffa e outros. As temáticas eram voltadas ao objetivo de promoção da educação de qualidade. Com duração de três dias, foi divulgado pelo jornal *O Triângulo* (1992, 10 jul., p. 3) nestes termos:

Tem início hoje no Uberlândia Clube, estendendo-se até o próximo dia 10, o Congresso Estadual, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, que discutirá nesse período o tema “A Escola”. O objetivo, segundo o secretário Afrânio Azevedo é discutir as principais questões ligadas às práticas escolares, desde a autonomia da escola, até o compromisso político do professor, a postura pedagógica do professor, a avaliação qualitativa, o livro didático, o aluno-cidadão e a construção do conhecimento. De acordo com o secretário, “essa é uma grande oportunidade para os professores da rede municipal e também estadual conhecerem o que se está fazendo em termos de educação no restante do país. É uma forma de trocarem experiências a nível de Brasil. Pedagogos dotados de muita experiência estarão participando, mostrando os avanços do processo educacional. Por outro lado, os nossos professores, da rede municipal vão estar divulgando o que está sendo realizado em Uberlândia pela educação. Hoje nós podemos mostrar alguma coisa. Temos o que mostrar”.

A então coordenadora do CEMEPE Sônia Garcia, em entrevista ao jornal *O Triângulo* (1992, 11 jul., p. 3), afirmou o seguinte sobre o evento:

A partir de agora é um compromisso pedagógico de cada professor. Esse encontro teve como objetivo modificar a visão de cada profissional. Mudar as concepções e criar novos projetos de trabalho. [...] É preciso mudar os conceitos dos professores para que isso seja revertido aos alunos. [...] A verdade que cada um pensava ensinar caiu por terra, durante o congresso pudemos verificar que as pessoas estão abertas para todas as mudanças, não só nos seus conceitos, mas nos dos outros.

No tocante às eleições de 1992, o prefeito Virgílio Galassi convidou Paulo Ferolla para se candidatar, por meio da sua coligação partidária, tendo como candidato a vice Leonídio Bouças. Mais seis candidatos participaram do pleito: Geraldo Rezende, com Marco Paulo Teixeira Paiva; Badue Morum Bernardino, com Luís Antônio de Oliveira; Francisco Humberto de Freitas Azevedo, com Elmo Silles; Nilson Dias, com Ércio Cândido Queiróz; Gilmar Alves Machado, com Paulo Roberto Franco; e Márcio Antônio Ribeiro da Silva, tendo como vice Jorge Luís Alves Natal. Antes das eleições de outubro, as ações da secretaria de Educação continuaram a ser veiculadas nos jornais, tais como: a preocupação do secretário com a erradicação da verminose infantil; as propostas para alimentação nutritiva e adequada às crianças; criação de convênio com a empresa Golden Cross, para que os alunos pudessem fazer consultas oftalmológicas e adquirir óculos, caso precisassem. Outro evento importante feito pelo CEMEPE foi o

segundo seminário voltado à educação escolar da pessoa com deficiência — o primeiro foi em 1991 —, composta por três módulos e para um público de 350 profissionais.

Entretanto, um ponto polêmico na gestão de Afranio Azevedo foi o Estatuto de Magistério: ficou “parado” na Câmara Municipal por um tempo, isto é, sem ser votado. Em setembro, após o primeiro turno das eleições para prefeito, *O Triângulo* divulgou que o estatuto foi votado sob pressão pelos educadores, os quais compareceram em peso à Câmara.

No cenário político, a cadeira do prefeito Virgílio Galassi seguiu para disputa no segundo turno, entre Paulo Ferolla e Geraldo Rezende. Dias antes das eleições, Ferolla deixou claro que “[...] mais que eleger um candidato, a população de Uberlândia vai eleger um projeto. Um projeto de conquistas futuras tanto nas obras físicas quanto principalmente, nas obras sociais” (O TRIÂNGULO, 1992, 14 maio, p. 3). Ferolla se elegeu; e pretendeu continuar o trabalho com alguns secretários do governo anterior, inclusive Afranio Azevedo. O primeiro mandato deste à frente da Secretaria Municipal de Educação se encerrou com aumento de vagas nas escolas: de cinco mil para cinquenta mil. Passaram a funcionar mais de quinhentas novas salas de aula; foram criados os módulos educacionais; houve a inauguração do CEMEPE e outras ações. Em entrevista ao jornal *O Triângulo* (1992, 14 maio, p. 3) à época, Afranio Azevedo afirmou suas ideias: “O que queremos é a educação plena, porque são as crianças de hoje que governarão o município num futuro próximo. Precisamos garantir que elas tenham acesso à boa educação para que possam dar continuidade ao nosso trabalho”.

#### 4.5 Novo prefeito, mesmo secretário de Educação, 1993—6

Antes de entrar na segunda gestão de Afranio Azevedo à frente da secretaria de Educação, recordamos mudanças do campo educacional no âmbito do seu primeiro mandato, quais sejam: aumento significativo no número de vagas em geral (quase cinquenta mil matrículas); aumento no número de escolas construídas e reformadas; concursos para efetivar profissionais da educação; vagas oferecidas no ensino fundamental e de algumas creches como responsabilidade da secretaria, com a mudança de finalidade destas, isto é, a de preparar as crianças para o processo de leitura e escrita desde a Educação Infantil; criação da Educação de Jovens e Adultos; organização do ensino no meio rural; e criação do ensino alternativo.

O segundo governo municipal se iniciou com a vitória de Paulo Ferolla para prefeito. Em 2 de janeiro de 1993, ele, o vice-prefeito, Leonídio Bouças, e os vinte e um vereadores foram empossados. Na ocasião, o novo prefeito disse: “[...] não há vencedor nem vencido” (O TRIÂNGULO, 2 jan., 1992) e pediu a colaboração de todos para governar, até mesmo da oposição. Eis parte da entrevista:

*O Triângulo* — Muito bem, já falamos sobre saneamento, cultura. Agora vamos partir para a Educação. O senhor manteve o médico e professor Afrânio Azevedo frente à pasta. Não podemos negar a obra realizada nesses quatro anos, por aquela secretaria, mas e agora temos mais quatro anos, pela frente, quais as novidades?

Ferola — Olha, o Afrânio tem um projeto para a Educação em Uberlândia, dos mais ousados e dos mais modernos, que ele iniciou e hoje com uma base sólida constituída. Foram construídas 518 salas de aula. Tínhamos 5,6 mil vagas nas escolas municipais em 1988, hoje temos 56 mil vagas no ensino fundamental - primeiro grau -. O secretário Afrânio tem um projeto para deixar Uberlândia sem que ninguém fique sem escola, sem que nenhuma criança de Uberlândia não tenha facilidade de ter vaga nas escolas sobre a responsabilidade da prefeitura. Estamos construindo escolas da maior grandeza. Com espaço para tudo e instrumental de primeira qualidade, com área para lazer e esporte, biblioteca. A Prefeitura oferece lanche de primeiríssima qualidade. Mas o mais importante de tudo a qualificação dos nossos professores, hoje todos concursados...

*O Triângulo* — E o salário?

Ferola — O salário dos nossos professores hoje chega a quase o dobro do professor da rede estadual. Não vou te falar que seja um excelente salário, mas é um salário dos melhores que o poder público paga para os que trabalham no ensino fundamental. Agora, mandamos para a Câmara do Estatuto do Magistério, a fim de valorizar mais ainda a mão-de-obra...

*O Triângulo* — Houve uma confusão qualquer nesse assunto...

Ferola — Fizem tanta emenda no projeto original, que não tinha condição, pois ele ficou totalmente inviável. Ele ficou difícil de ser implementado. Retornou ao prefeito, que vetou e remeteu novamente para a Câmara que soube compreender a razão do Veto, que é dar, realmente, ao setor educacional um projeto correto, coerente, objetivo, que projeta o professorado e os profissionais da educação, sem fazer paternalismo exagerado. Câmara reconheceu esse trabalho aprovou o veto, e ao mesmo tempo entrou um outro projeto, até que mais burilado do que o primeiro. Eu tenho confiança de que os nossos vereadores, conscientes com suas responsabilidades para com a cidade, vão aprovar esses dois projetos. Isso que Uberlândia está fazendo em termos de educação, desde as creches educacionais, que deixaram de ser depósito de criança para ser educacional, com a criança recebendo ensinamentos. Os pré-escolares, o ensino de primeiro grau. Tudo isso faz com que Uberlândia sirva de exemplo para o Brasil todo. Tem muita gente vindo à cidade para conhecer esse

trabalho e ficam encantados. Vamos agora completar com novas escolas...

*O Triângulo* — Então quer dizer que serão construídas novas escolas? Ferolla — São mais sete, se não me engano, além de mais doze creches educacionais e partir para o ensino profissionalizante, que é de enorme importância para o jovem e para as famílias (O TRIÂNGULO, 1993, 2 jan., p.4).

As palavras do então novo prefeito apontam sua intenção de dar continuidade aos projetos do ex-prefeito. Outro pronunciamento foi feito por Afranio Azevedo, representando todos os secretários:

Estamos convictos de que em nenhum momento de nossa administração frente a secretaria de educação, deixamos de cumprir com o que nos foi incumbido pelo prefeito Virgílio Galassi. Ele sempre pôde contar com todos os seus auxiliares diretos porque é um exemplo de competência e trabalho. Como Virgílio contou conosco, o prefeito que ora é empossado, poderá contar com o nosso esforço, sempre” (O TRIÂNGULO, 1993, 2 jan., p. 4).

Ferolla manteve secretários cujo desempenho foi de qualidade no governo de Galassi, com participação e com respeito. Essa afirmativa pode ser inferida de notícias e entrevistas em jornais, segundo as quais os secretários eram considerados competentes e participativos. Antes de ser prefeito, Ferolla já atuava como secretário e era amigo de Galassi. Por isso, também manteve ações do governo anterior e as concluiu. A gestão de Ferolla iniciou seus trabalhos educacionais com edital para concurso público destinado a professores de pré-primário a quarta série; depois anunciou aumento de 20% nos salários do funcionalismo, com o objetivo de reparar perdas em função do índice de inflação. No jornal *O Triângulo* do mês de janeiro de 1993, foram anunciadas atividades da secretaria de Educação como as inscrições para creche educacional do bairro Brasil (capacidade para 224 crianças), trabalho pedagógico voltado ao pré-escolar na mesma instituição (com o objetivo de suprir a demanda elevada), abertura de inscrições para seleção de alunos do pré-escolar (4—6 anos de idade) e de 1ª a 4ª série na Universidade da Criança. Nesse último caso, usaram-se os seguintes critérios: “[...] zoneamento, alunos transferidos de outro município; hoje residentes no bairro Brasil, transferidos de escolas localizadas em bairros distintos” (O TRIÂNGULO, 1993, 22 jan., 1993, p. 5). Outra modalidade de ensino na Universidade da Criança foi a escola de 1º grau, com 630 vagas para a 1ª série vespertina, 270 para a 2ª matutina, 180 vagas para a 3ª e 4ª

matutinas e para o 2º grau, além de cursos de formação para o magistério e secretariado escolar. Outro anúncio foi a formação de professores no CEMEPE (O TRIÂNGULO, 1993, 22 jan.).

Afranio Azevedo relatou, em entrevista, que a procura pela rede escolar municipal tinha aumentado muito e alertou que um dos motivos poderia ser o empobrecimento da classe média — por esse motivo, possivelmente, os filhos estavam migrando de escolas particulares para as municipais e estaduais. Outro ponto que o secretário salientou foi o salário: considerava o melhor salário docente do país, fato que lhe permitiu cobrar qualidade e eficiência da categoria; mas, como afirmou, tinha consciência de não ser o valor de salário ideal (O TRIÂNGULO, 1993, 22 jan.). Na nova gestão, Afranio Azevedo continuou a discutir melhorias de programas iniciados no governo anterior, como a erradicação do analfabetismo, reiniciado em março de 1993 — com participação de um total de 44 escolas e creches as quais funcionaram como núcleo do programa. O método pedagógico aplicado ficou a critério de cada coordenador pedagógico e professor da instituição. Desde a implantação do programa, foram mais de 14 mil pessoas alfabetizadas. O programa foi destaque em vários estados, como o Paraná (O TRIÂNGULO, 1993, 2 mar.).

O debate sobre a municipalização do ensino continuou em pauta; e Afranio Azevedo se posicionou contra a atitude do governo estadual mais uma vez, qual seja: a de deixar toda a responsabilidade da administração da educação para o município. Para o ano de 1993, ele relatou que o projeto era construir mais três escolas e, depois, se tudo caminhasse como planejado, mais duas escolas, além de concluir quatro em fase de acabamento. Ele expressou o desejo de investir em uma escola profissionalizante, pois, até aquele momento, tinha “olhado” para a classe pobre e precisava dar atenção, daí por diante, também à classe média, que estava empobrecendo (O TRIÂNGULO, 1993, 2 mar., p. 3).

Para que o ensino permanecesse com qualidade elevada, a secretaria de Educação, com a equipe do CEMEPE, investiu na formação dos profissionais escolares (pessoal da merenda, pedagogos, orientadores e professores). A coordenadora do CEMEPE, Sônia Garcia, esclareceu alguns pontos sobre isso:

[...] explica que as oficinas foram montadas de forma a atender desde os ingressantes na rede municipal de ensino, concursados pela Prefeitura de Uberlândia até profissionais com mais de oito anos de experiência e que já participaram de outros cursos da Prefeitura. Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação, cerca de 830 profissionais já se inscreveram para as oficinas, entre professores, orientadores, supervisores e diretores de escola. [...] Nas oficinas serão estudados todos os métodos de alfabetização, as áreas do conhecimento (disciplinas curriculares), a avaliação do processo de alfabetização e a teoria interacionista construtivista. Os profissionais pretendem também discutir o currículo das escolas de alfabetização e das primeiras séries das escolas de 1º grau. Estas oficinas terão continuidade através do II Congresso dos Educadores de Minas, que a Secretaria Municipal Educação promove em julho próximo (O TRIÂNGULO, 1993, 29 abr., p. 4).

Existiu uma preocupação com os profissionais que ingressavam e os que já atuavam; ou seja, com oferecer a cada um a formação necessária e no tempo de atuação de cada um. Outro fator importante foi atualizar os professores sobre as temáticas que estavam em destaque na área da educação, pois era preciso que os docentes tivessem acesso a esses conhecimentos para desenvolverem um trabalho com a qualidade que o município pretendia oferecer. O projeto “Ensino alternativo” foi relevante para a educação de Uberlândia. Consistia “[...] na integração do deficiente no ensino regular e sua escolarização. Direcionado para alunos que possuem dificuldades de aprendizagem e deficiências, físicas, visual ou auditiva este programa acontece efetivamente em nove escolas do município” (O TRIÂNGULO, 1993, 9 mar., p. 4).

Cabe destacar que o trabalho desenvolvido na educação municipal ganhou notoriedade em outros município e estados, a ponto de o secretário Afranio Azevedo preferir palestras para mais de duzentos secretários de Educação sobre políticas feitas em Uberlândia. Em uma delas, ele apresentou o que foi desenvolvido até aquele momento e falou do futuro da educação municipal e da “[...] nucleação rural, o atendimento de zero a seis, o apoio ao deficiente na escolarização” (O TRIÂNGULO, 1993, 9 maio, p.16). A secretaria de Educação foi solicitada a realizar cursos de formação nos municípios vizinhos; e, para isso, o CEMEPE reuniu uma equipe de consultores educacionais na área de interdisciplinas didático-pedagógicas.

Visando aprimorar cada vez mais a formação dos professores, a secretaria de Educação promoveu, em 1993, o 2º Congresso de Educadores de Minas, que, no ano anterior, havia tido sucesso de público. O secretário de Educação tinha como objetivo

preparar os professores para o século XXI, como o próprio tema do evento indica: “Educadores se Projetando para a Virada do Século — Gente que faz”. O congresso aconteceu no salão de convenções do Center Shopping, na Universidade da Criança e em outras escolas municipais. Contou com quase dois mil profissionais da educação (*O Triângulo* 1993, 6 out.).

Outra ação importante da secretaria foi a melhoria da qualidade da merenda escolar. Pannunzio (2020) falou das ações de Afranio Azevedo; sobre o quanto ele queria que “*tudo* desse certo”, pois os frutos seriam colhidos no futuro. Em suas palavras,

Tá muito claro pra mim que a educação de classes menos favorecidas só tem um caminho: dar tudo! Merenda boa, uniforme bom, professora boa, sala boa, ventilada, fresquinha, transporte! [...] “Não interessa, isso não é custo, é investimento! Educação não é custo. O senhor não vai aproveitar, mas daqui a vinte anos outro vai aproveitar, é o país que está aproveitando”. A gente não tinha essa visão, sabe? Pensava assim: “Nossa, que desperdício, que caro! Pra quê que precisa ser a escova de dente mais cara?”. Por que não? Ela vai durar mais!

O relato de Pannunzio leva a pensar que ela e Afranio Azevedo tinham diferenças em relação à educação da pessoa da classe menos favorecida, como se não tivesse direito à educação, à escola, a alimento de qualidade. Com efeito, Freitas (2019) diz que Afranio Azevedo “Abraçou a educação um pouco para viver essa vontade de realizar um pouco das coisas que o Anísio não pôde fazer”.

No jornal *O Triângulo*, Afranio Azevedo falou da educação em Uberlândia: construção das escolas; atenção às demandas da população, como a viabilização de unidades escolares em grande parte dos bairros; a discussão que leva o secretário de Educação a Brasília para realizar a inauguração dos CAICs [centros de atenção integral à criança e ao adolescente] — os quais eram de responsabilidade do governo federal; assuntos sobre merenda escolar — como o boato de que poderia faltar e que o secretário desmentiu, dentre outros. Após alguns meses, a polêmica em relação à inauguração dos CAICs foi resolvida: o ministro Murilo Hingel veio a Uberlândia inaugurar as unidades dos bairros Laranjeiras e Guarani III, em 18 de junho de 1994.

Mesmo com as melhorias feitas na educação municipal — construção e reformas de escolas, concursos, formação de professores, congressos, seminários e estudos —, os profissionais da área estavam insatisfeitos e reivindicavam salário

maior; lutaram por seus direitos realizando paralisações com duração de quase oito dias. Porém, não houve acordo com a secretaria de Administração. No fim de 1994, instituiu-se o plano de cargos e salários a ser realizado a partir de janeiro de 1995.

Foi construída uma creche com capacidade para trezentas crianças a ser destinada aos filhos de servidores do centro administrativo. Erguida em frente à Câmara Municipal, também era demanda da população do bairro onde foi construído o centro, cujos funcionários também passaram a ter a mesma necessidade (O TRIÂNGULO, 1994, p. 7). Nos moldes como foi pensado — para acolher crianças em estabelecimento com atividades recreativas e pouco pedagógicas —, o CAIC não corroborava os propósitos educacionais de Afranio Azevedo. No jornal *O Triângulo* (1995, 3 fev.), o ministro da Educação Renato Souza anunciou o fechamento das construções dos CAICs; Afranio Azevedo concordou com a medida, pois desde o início das discussões sobre o assunto ele se posicionou contra a ação do ministro de não promover educação de qualidade em tais instituições. Dessa forma, os CAICs construídos passaram a fazer parte da Secretaria Municipal de Educação, com os mesmos modelos das escolas municipais. Não por acaso, o ano escolar de 1995 se iniciou com ele falando aos diretores das escolas sobre os novos projetos que seriam implementados na rede municipal de ensino.

FIGURA 9. Afranio Azevedo fala a diretores escolares sobre de projetos a serem criados na rede escolar municipal de Uberlândia, 1995



FONTE: *O Triângulo* (1995, 3 fev., p. 5)

Em 1995, as escolas passaram a contar com o conselho e a caixa escolares. Conforme o Ministério da Educação (BRASIL, 2004, p. 37), conselho é “a voz” e é “o voto” dos agentes atuantes na educação escola, dentro e fora desta. Atuantes na deliberação de construção e gestão de projeto político pedagógico, os conselhos escolares são

Órgãos colegiados compostos por representantes das comunidades escolar e local, que têm como atribuição deliberar sobre questões político-pedagógicas, administrativas, financeiras, no âmbito da escola. Cabe aos Conselhos, também, analisar as ações a empreender e os meios a utilizar para o cumprimento das finalidades da escola. Eles representam as comunidades escolares e locais, atuando em conjunto e definindo caminhos para tomar as deliberações que são de sua responsabilidade. Representam, assim, um lugar de participação e decisão, um espaço de discussão, negociação e encaminhamento das demandas educacionais, possibilitando a participação social e promovendo a gestão democrática. São, enfim, uma instância de discussão, acompanhamento e deliberação, na qual se busca incentivar uma cultura democrática, substituindo a cultura patrimonialista pela cultura participativa e cidadã (BRASIL, 2004, p. 34).

Com essa política pública, as escolas passaram a contar com a participação da comunidade escolar para melhorar a qualidade das ações escolares. Famílias acompanharam as decisões da escola de maneira participativa, ou seja, democrática. Outras ações aconteceram, como a inauguração de escolas em bairros carentes de serviços educacionais; a formação de diretores, vice-diretores, inspetores escolares e assessores, num total de 130 pessoas; o encontro regional de educação, com o tema a ética e o educador; enfim, um concurso público para professores (O TRIÂNGULO, 1995). Portanto, o ano de 1995 terminou com expectativas em relação ao prefeito que assumiria em 1996; ou seja, o ano de 1996 se iniciaria com planejamento para construir mais quatro escolas, incluindo um MEI (para filhos de funcionários da prefeitura, cabe frisar).

Como 1996 foi ano de eleição para prefeito, especulava-se desde logo que Virgílio Galassi iria pleitear o quarto mandato. O colunista de jornal Sérgio Martinelli dialogou com o secretário de Educação Afranio Azevedo sobre sua possível continuidade no cargo; o secretário disse que não continuaria, pois já havia trabalhado durante duas administrações; por outro lado, demonstrou interesse em ser vice-prefeito de Galassi, caso fosse convidado (O TRIÂNGULO, 1996, 11 abr., p. 10). Em meados

desse ano, iniciaram-se os debates dos candidatos que pleiteavam o cargo de prefeito, dentre os quais, Chico Humberto, irmão de Afranio Azevedo, com seu vice, Antonio Naves.

Após Afranio Azevedo anunciar seu interesse pelo cargo de vice-prefeito, o anúncio foi publicado no jornal *O Triângulo* (1996). Mas outras reportagens noticiaram sua desistência do cargo de secretário, tendo como sua substituta Sebastiana Silveira Pinto, convidada pelo prefeito, Paulo Ferolla. Segundo Chaves (2019), Afranio Azevedo atuou como secretário de Educação nas duas primeiras administrações, desde 1989, durante sete anos e meio. Em suas palavras, “[...] [19]89, 90, 91 e 92. Aí veio o Ferolla, 93, 94, 95 e 96. Aí ele saiu. O Afranio saiu em julho de 96. Por isso é que eu falo que são sete anos e meio, entendeu? Aquela Sebastiana ocupou a secretaria naqueles seis últimos meses do governo do Ferolla, aí depois veio a irmã Ilar”.

Chaves (2019) não conta por que Afranio Azevedo se demitiu. Mas a entrevistada Santos (2020) dá pistas dos motivos:

Na história da educação, o Afranio foi o único secretário a ocupar o cargo por dezesseis anos e houve um período em que ele saiu, houve um período em que ele saiu, nessa época ele queria ser prefeito, sabe? Ele teve muita vontade, ele falou: “Vou revirar essa cidade, eu vou revolucionar a cidade!”. Queria... fez até um churrasco na fazenda para todos os secretários, os professores e tal. E eu falava para ele: “Amor, não mexe com isso, isso não vai dar certo”. Nessa época, já era senhor Paulo, e nós fomos um dia no Parque do Sabiá, tinha um encontro de idosos, e eu fui com ele, como eu ia em tudo. Aí, chegando lá, ele falou assim: “Eu vou ali conversar com o Paulo, eu quero pedir o apoio do Paulo [Ferolla] para mim”. Aí, nós não sabíamos se alguém já tinha... A gente não sabia de nada ainda [se alguém já tinha pedido apoio]. Ele tá falando as coisas, conversando lá por trás, sozinho. Aí, ele virou para o senhor Paulo e falou assim: “Paulo, eu tô pensando em ser candidato a prefeito. Eu vim aqui para te pedir seu apoio”. Aí, o senhor Paulo, que era muito firme também, disse: “Afranio, eu não posso te dar meu apoio, porque eu já apoiei Virgílio, ele já me pediu isso!”. Aí, ele ficou muito magoado com aquilo, mas muito magoado... sabe? Ele ficou aborrecido demais e falou para mim: “Ah, amor! Desgostei, sabe?, de trabalhar, trabalhar e não ter esse apoio do Paulo, o Virgílio já foi prefeito e tal, podia ter deixado pra mim... E eu falei para ele: “Continua como secretário, é isso que você sabe fazer, faz muito bem feito!”. Aí, ele resolveu fazer uma carta, entregou para o senhor Paulo e foi embora, e depois disso começaram as campanhas e tal tio, Virgílio candidato.

Santos (2020) deixa entrever o que levou Afranio Azevedo a se demitir do cargo de secretário: teria sido o reconhecimento que achou que merecia e que não teve. Porém, essa não foi a realidade. Houve desconforto ante o irmão e o amigo Paulo Ferolla. O jornal *O Triângulo* publicou nota de tom afirm a essa questão, como se lê:

Notícias no final da tarde de ontem do comitê eleitoral do PDT, davam conta de que os irmãos Chico Humberto e Afrânio Azevedo teriam reatado a amizade, estremecida por motivos políticos. Comentário daria conta de que “Fanóca” não afinou com a Setembro e vai pilotar trezininho do irmão. Só resta confirmar (O TRIÂNGULO, 1996, 9 ago., p. 2).

Em que pese o tom satírico da nota, ela sugere que houve conflitos políticos entre os irmãos. Ainda assim, não encontrei outras fontes relativas a 1996 que se referissem ao desejo de Afranio Azevedo de ser prefeito ou vice-prefeito.

Virgílio Galassi foi candidato a prefeito, tendo Niza Luz como vice. Zaire Rezende foi candidato novamente, com Paulo Sérgio Ferreira como vice, dentre outros. No dia 5 de outubro de 1996, a população votou, pela primeira vez, usando urnas eletrônicas; os votos situaram a disputa entre Galassi e Rezende no segundo turno. Enquanto isso, foi inaugurada a nova sede do CEMEPE, denominada Julieta Alves Diniz, em 28 de outubro. *O Triângulo* (1996, 2 abr., p. 11) informou números da educação: a rede escolar contava com “54 escolas, sendo 13 na zona rural e 41 na zona urbana”. No dia 15 de novembro, o novo prefeito foi eleito: Virgílio Galassi, com 110.795 votos, ante 110.070 de Zaire Rezende. Vitória apertada.

Embora o prefeito eleito tenha sido Galassi, Afranio Azevedo, como visto, não repetiu a decisão de 1989, pois Ilar Garotti foi quem assumiu a secretaria de Educação (1997—2000).<sup>9</sup> Esse fato levar a cogitar que, na nova gestão, Galassi não convidou o antigo secretário para tal cargo. Ou seja, se Afranio Azevedo havia sido o secretário nos dois governos anteriores, por que a troca? Não foi possível explorar a fundo essas circunstâncias em razão do escopo da pesquisa; mas vale o registro para problematizações futuras. Segundo Carvalho (2007, p. 79), Ilar Garotti assumiu a secretaria a pedido do reitor da Universidade Federal de Uberlândia, então Gladstone

---

<sup>9</sup> Carvalho (2007) explora a fundo o período que Afranio Azevedo não era secretário de Educação. A leitura de seu estudo — a dissertação de Mestrado *Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade* — oferece uma compreensão sistematizada da situação.

Rodrigues da Cunha. Reportagem de jornal sobre a cerimônia de posse dela e a saída da antecessora, Sebastiana Pinto, mostra que estavam presentes o reitor e a diretora da Superintendência Regional de Ensino, então Ângela Maria Gonçalves da Cunha. Na ocasião, um assunto predominou nos discursos, qual seja: a integração da educação às instâncias federal, municipal e estadual, com ênfase na necessidade de mais participação da esfera federal. Ilar Garotti salientou que “[...] esse relacionamento é importante e essencial para a desenvoltura educacional do município” (O TRIÂNGULO, 1997, 3 jan., p. 4).

Como reitor e superintendente de Ensino tinham a mesma posição, é possível, portanto, outra compreensão do contexto: Afranio Azevedo não teria permanecido como secretário de Educação, segundo análise das fontes, por não dialogar, suficientemente, com os representantes da educação no âmbito federal.

#### **4.6 Retorno de Afranio Azevedo à secretaria de Educação, 2005–8**

Nas eleições de 2004, o ex-deputado federal Odelmo Leão foi eleito, no segundo turno, para o cargo de prefeito de Uberlândia, até então ocupado por Zaire Rezende. No momento de sua posse, em 1º de janeiro de 2005, Odelmo Leão afirmou que existia um “choque de gestão”. Isto é, para superar contradições, seria necessária a autonomia da administração, em especial para reformas pôr em prática nos primeiros 120 dias de seu governo (CORREIO, 2005, 2 jan., p. A4). Ele especificou ações previstas: unir secretarias e extinguir outras, além de reduzir o número de cargos comissionados; além de anunciar construção da indústria de laticínios Itambé em Uberlândia, o que geraria cerca duzentos empregos. Odelmo Leão apresentou seu secretariado, que incluía Afranio Azevedo para o seu terceiro mandato como secretário Municipal de Educação.

A população esperava que houvesse melhorias na educação, saúde, segurança pública e no trabalho. Entretanto, Odelmo Leão não tinha apoio financeiro dos governos estadual e federal; mas, ao mesmo tempo, era político experiente e influente (CORREIO, 1º jan. 2005, p. A2). Após iniciar as atividades e realizar um balanço dos anos anteriores, o novo prefeito e sua equipe se depararam com uma dívida alta, não declarada pelo governo que o precedeu. Diante disso, anunciou um possível atraso no pagamento de férias dos servidores públicos, bem como a proposta de reduzir 20% dos gastos em cada secretaria (CORREIO, 1º jan. 2005).

O ano de 2005 começou com tensões na área da educação. No mês de janeiro, antes de se iniciar o ano letivo, o assessor de Educação Mauro de Freitas afirmou que havia defasagem no quadro de professores, estimada em cerca de 2,7 mil docentes. Segundo ele, à época, “[...] a maior parte das contratações é para substituições de efetivos. Só de diretores, por exemplo, são 96 que não vão dar mais suas aulas até o fim do ano para assumir o cargo eletivo” (CORREIO, 1º jan. 2005, p. 5). De fato, em 2004 houve casos de estudantes que ficaram sem professores, e Odelmo Leão, em reportagem, afirmou que, até aquele momento, o quadro docente se aproximava de mil professores e que isso era preocupante, porque o prazo máximo do contrato seria até 20 de dezembro de 2006. Enquanto isso as escolas estaduais da região central do município se encontravam com vagas ociosas.

Outro ponto é que alguns servidores tinham investido em cursos de formação profissional — especialização, mestrado ou outras graduações —, bem como cursos para fazer provas de concurso para cargos com salários mais elevados e com mais perspectivas de crescimento. Carecidos de remuneração maior, alguns funcionários efetivos — e não somente da educação — demitiram-se de seus cargos em busca de oportunidades mais promissoras, também em empresas privadas ou até no exterior. Cada vez mais eram exigidas qualificações dos servidores, porém os salários continuavam insatisfatórios. Assim, quase duzentos funcionários saíram de seus postos num período de um ano, apenas (CORREIO, 2005, 22 maio, p. A4). Diante disso, é possível supor que a remuneração dos professores estava aquém de um teto salarial justo se comparada à de outros profissionais com o mesmo nível de formação e grau de instrução. Com efeito, como diz Pinto (2001, p. 117),

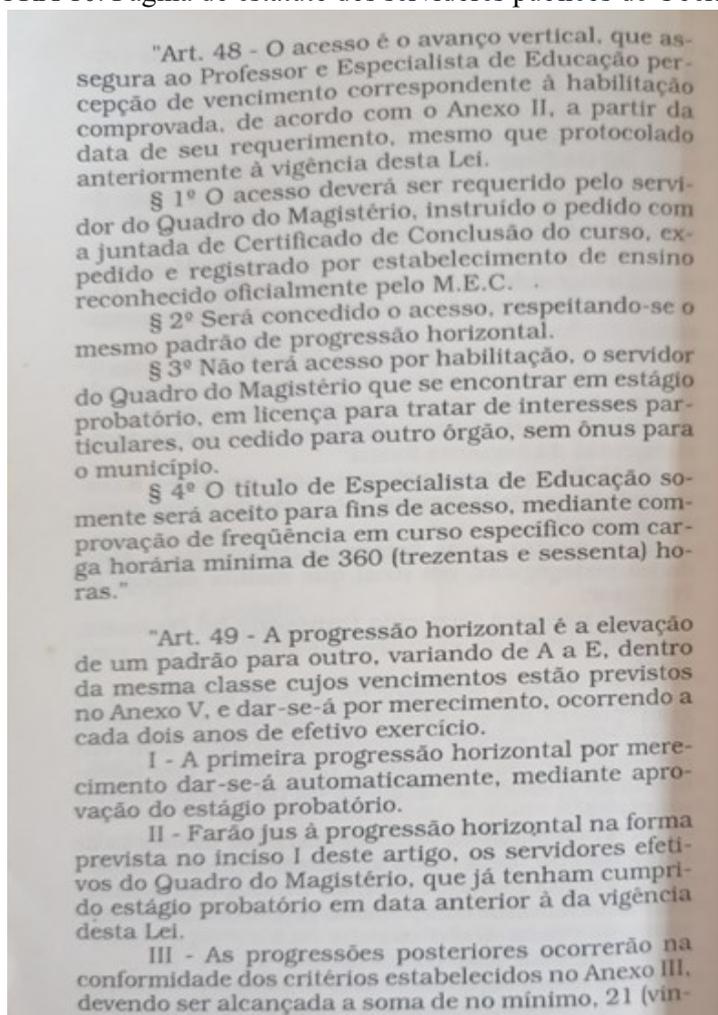
[...] os professores brasileiros ganham menos que outros profissionais do setor público do País, bem menos que seus colegas de outros países de renda per capita equivalente, possuem uma estrutura de carreira pouco estimulante a permanecer na profissão e constata-se uma grande discrepância salarial entre Estados da Federação e entre redes de ensino.

Nesse cenário, pode-se levar em consideração que a carreira de professor é pouco atrativa, como avaliam Gatti e Barreto (2009, p. 239—40):

[...] embora atualmente seja comum, em certos meios, o discurso que aumento de salário não garante maior qualidade, é preciso lembrar que carreiras pouco atraentes do ponto de vista salarial acabam por não ser objeto de procura entre as novas gerações, e especialmente não se mostram atraentes para aqueles que se consideram em melhores condições de domínio de conhecimentos, ou com melhores chances em outras atividades.

Em 1995, o governo do prefeito Paulo Ferolla implementou o estatuto dos servidores públicos de Uberlândia (autarquias, fundações públicas, Câmara Municipal) e plano de carreira do magistério do município. Com ele, os professores passam a receber seus provimentos de acordo com comprovação de sua habilitação profissional (FIG. 8).

FIGURA 10. Página do estatuto dos servidores públicos de Uberlândia



Artigos 48 e 49 se referem às relações entre salário e habilitação para os professores municipal de Uberlândia

FONTE: Uberlândia (1995, p. 118)

Os valores apresentados no estatuto estimulava o servidor a buscar uma formação profissional tendo em vista que o salário mínimo do período era de R\$ 100. Segundo o documento, se compararmos o salário mínimo do professor de *nível I*, que recebia em torno de quase dois salários e meio, com a passagem para o *nível III*, que compreende a formação com licenciatura curta, esse professor passaria a receber quase três salários e meio, com aumento de quase 67,5%. Como o estatuto é de 1995 e a LDBEN foi reformulada em 1996, é possível que a lei que assegurava a remuneração do servidor da educação fosse a LDB (5.692/71), cujo artigo 39 garante que

Os sistemas de ensino devem fixar a remuneração dos professores e especialistas de ensino de 1º e 2º graus, tendo em vista a maior qualificação em cursos e estágios de formação, aperfeiçoamento ou especialização, sem distinção de graus escolares em que atuem (BRASIL, 1971).

Com a análise do estatuto, é possível deduzir que alguns professores foram em busca de habilitações específicas, pelas quais pudessem ter salários mais elevados, mas nem todos tinham tempo para se dedicarem ao trabalho e aos estudos, além de o investimento financeiro ser uma dificuldade, em geral. A opção para muitos, deduz-se, foi buscar por faculdades que oferecessem uma formação mais resumida e rápida. O ensino a distância, dessa forma, era uma alternativa, bem como aulas presenciais quinzenais, por meio de transporte coletivo próprio de Uberlândia para outro município.

Entretanto, algumas faculdades emitiam diplomas e os vendiam a funcionários da prefeitura, sem que o curso fosse realizado; fraude que chegou à Secretaria Municipal de Educação por meio de denúncia. Quase duzentos servidores municipais foram acusados de apresentar diplomas falsos para aumentarem seus salários. O fato aconteceu em 2004, não teve grande repercussão e a punição aos trabalhadores foi branda. José Eugênio Diniz Bastos era o secretário de Educação à época. Ao contrário, Afranio Azevedo, após assumir a secretaria de Educação, no mesmo ano, volta a discutir essa questão e declara que os profissionais que compraram diplomas ou que estudaram em instituições não confiáveis “[...] tem que perder todos os direitos e titulações” (CORREIO, 2005, 2 mar., p. 8).

No período de oito anos em que Afranio Azevedo não foi secretário municipal de Educação, houve desgaste do patrimônio físico de escolas — carteiras escolares — e falta de manutenção predial, que causou danos nos prédios com o tempo. A população uberlandense estava acostumada com o governo anterior: fazia denúncias e era ouvida ou atendidas em relação aos seus anseios na medida do possível; o que não dava certo era divulgado na mídia para conseguir melhorias nos espaços que eles achavam necessários. De acordo com esse contexto os filhos ao chegarem em casa relataram a seus familiares a falta de mesas e cadeiras; os pais logo chamaram a televisão e denunciaram a situação, que foi logo resolvida de maneira tranquila, com a providência de nocecentas carteiras e uma nova licitação para o ano de 2006 para que a situação não se repetisse. Outro fato conflitante que chegou à mídia foi à falta de professor na Escola Municipal Leôncio localizada no bairro Planalto; os alunos voltaram para casa porque estava faltando professor de Artes, Ensino Religioso, Matemática, História. A situação foi resolvida com a abertura de um processo seletivo em caráter de urgência para contratação de professores destas áreas (CORREIO, 16 e 19/3/2005).

A ação do prefeito Odelmo Leão e de Afranio Azevedo continua a mesma em relação à construção de escolas, porém em uma proporção bem menor, pois a verba para este fim foi reduzida. A formação dos professores não podia parar, agora com a modalidade de troca de experiências, quando um professor pode apresentar ao outro um trabalho realizado e bem-sucedido. Seis meses após sua posse, Odelmo Leão fez um balanço das ações do seu governo (FIG. 11).

FIGURA 11. Balanço das ações do governo Odelmo Leão, Uberlândia



Os bairros citados no texto da figura já aguardavam a construção da escola havia anos, e Odelmo Leão afirmou ser prioridade, mesmo com a situação econômica desfavorável  
FONTE: Correio (2005, 13 jun., p. A4)

Para sanar a falta de vagas nas escolas municipais, a solução da secretaria de Educação foi criar, em espaços alugados, escolas denominadas *anexas*. Contudo, tanto a comunidade de pais como os docentes da rede consideravam essa tentativa de solução inviável, pois não garantia o desempenho das crianças; as salas de aula eram pequenas e pouco ventiladas; os imóveis não tinham espaço externo para momentos de recreação; a cantina era inadequada; dentre outros fatores.

O ano escolar de 2006 tinha começado, e Afranio Azevedo já se deparou com situações adversas em relação, especialmente, a concursos, salários, escolas e vagas para alunos. Na entrevista concedida ao jornal *Correio de Uberlândia* (2006), falou sobre sua administração durante os quatro anos da sua gestão anterior e afirmou que estavam preparados para abrir vagas para sete mil crianças naquele ano. Ao ser perguntado quais seriam as metas para a educação para a gestão 2005—8, respondeu que seriam várias e explica que, segundo a LDBEN, todas as crianças de 3 anos de idade e aquelas em idade de estar na 8ª série deveriam ser matriculadas na escola até 2009.

Outra questão era relacionada com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Sendo aprovado, o município passaria a receber recursos proporcionais ao número de alunos na educação básica. Sendo assim, segundo Afranio Azevedo, com o fundo aprovado e regulamentado, o município passaria a receber R\$ 700 *per capita* (CORREIO, 2006). Ele acreditava que deveriam ser criados outros fundos específicos para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois os custos com a Educação Infantil eram maiores. O assessor de política educacional da secretaria de Educação, Eduardo Macedo de Oliveira, disse à época que “[...]o fundo repassou ao Município R\$ 42,4 milhões; com as mudanças previstas no Fundeb, este valor cairia para R\$ 28.4 milhões. Se isto acontecer será um caos” (CORREIO, 2005, p. 5).

Afranio Azevedo relatou ao jornal *Correio* (2006) que, para atender as crianças da Educação Infantil, foi feito um *anexo* próximo a EMEI do bairro Luizote. No bairro Morumbi, além da construção da escola de Ensino Fundamental, iria ser construído uma EMEI, mediante parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social, com o intuito de as crianças ficarem um turno nessa escola e um no centro de convivência; foram disponibilizadas trezentas vagas abertas para a Educação Infantil. Afranio Azevedo disse ainda que em 2005 mais de sessenta unidades escolares receberam grandes ou

pequenos reparos, como pintura; além de investimentos na melhoria da merenda, com um trabalhado, segundo ele, análogo ao “milagre da multiplicação dos pães” (CORREIO, 2006, 5 fev., p. A4).

Para desenvolver a educação que Afranio Azevedo almejava, o primeiro passo seria a matrícula do maior número possível de crianças, fato que não foi condizente com a realidade apresentada nas reportagens publicadas no *Correio de Uberlândia* (2006). Um exemplo é o anúncio da falta de vagas no EMEI Cora Coralina — com cinquenta crianças aguardando vagas e mais uma lista de espera. Para tentar amenizar a situação, o município fez uma parceria com a Superintendência Regional de Ensino e conseguiu salas na escola estadual para receber essas crianças. Os pais demonstraram insegurança, mas ficaram tranquilos após tomarem ciência de que o corpo docente, a metodologia e a merenda era toda custeada pela prefeitura. Também a população do bairro Guarani se encontrava revoltada, não só com a falta de vagas para as crianças até quatro anos de idade (então em torno de dez mil), mas também com o descaso dos políticos pela educação, creche, limpeza urbana; os moradores se sentiam excluídos. A Escola Municipal Stella Saraiva Peano funcionava no prédio que foi construído para um dos CAICs. A situação era delicada, também, no bairro Tocantins. A comunidade e os professores estavam revoltados porque quase crianças assistiam às aulas em uma espécie de porão de igreja presbiteriana. Na visão da comunidade escolar, era impossível a criança ter um aprendizado em uma sala escura, sem ventilação, sem espaço, com refeitório usado, também, para recreação.

Dadas essas situações, Afranio Azevedo afirmou sua ciência da situação calamitosa, como disse em entrevista:

O local onde funciona o refeitório muitas vezes é adaptado para a realização de atividades pedagógicas extraclasse como jogos, recreação e atividades físicas. Afranio de Freitas reconhece a calamidade da situação e culpa a administração anterior “Quando assumi a pasta recebi escolas sucateadas. Já fiz mais de 70 intervenções como ampliações e reformas priorizando o mais urgente. Ainda assim, há o déficit de 3.5 mil vagas. Infelizmente a verba da secretaria não contempla todas as necessidades”, disse. O secretário explicou ainda que já esteve no anexo da igreja do bairro e considera o lugar uma “pocilga”. Disse que tentou também alugar uma casa decente nas proximidades para transferir os alunos, mas alega que não encontrou e que ali as crianças “pelo menos estão sendo alimentadas” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2006, 7 set., p. 7).

Segundo Afranio Azevedo, a situação poderia ser resolvida com a construção de três salas na EMEI Jean Piaget, no bairro Dona Zulmira, até o final de 2006. Com a infraestrutura apresentada, era pouco provável que o rendimento da criança estivesse de acordo com sua faixa etária.

Ciente de que a partir de 2007 as escolas municipais receberiam crianças de 6 anos de idade no Ensino Fundamental, a assessora pedagógica da secretaria de Educação, Tânia Toledo, aderiu ao programa da Secretaria de Estado da Educação que faz parte do Ciclo Inicial de Alfabetização para diagnosticar o aprendizado de tais crianças ingressantes. A avaliação censitária foi elaborada pela Universidade Federal de Juiz de Fora e consta de dezenove questões de múltipla escolha de Português. Foram consideradas 46 escolas do meio rural e do urbano, ou seja, 5.421 alunos na faixa etária 7–8 anos.

Em 2007, um misto de medo e coragem, alegria e tristeza assombrou as escolas municipais, pois os docentes passaram a receber alunos de 6 anos de idade no 1º ano do Fundamental. De acordo com IBGE (2000), 81,7% das crianças com tal idade estavam na escola, das quase 38,9% frequentavam a Educação Infantil, 13,6% as classes de alfabetização e 29,6% o Ensino Fundamental. O Ensino Fundamental passou a ter nove anos para incluir mais crianças no sistema. A prole das classes média e alta ingressavam mais cedo no sistema (BRASIL 2004). O Ensino Fundamental passa a contar, então, com os alunos na faixa etária 6–14 anos. A situação era preocupante, pois os professores do Fundamental estavam habituados com alunos de outro ritmo de vida e aprendizavam; agora precisariam repensar nas práticas e metodologias, além de readministrar o tempo. Era preciso pensar na formação do professor que iria atuar com esses alunos mais precoces nas etapas básicas da escolarização.

Com a demanda desses ingressantes, o município se depara de novo com o problema das vagas para os demais alunos que ocupariam espaços dos que ingressam no Fundamental. Afranio Azevedo procura tranquilizar a população. Mas a expressão do secretário de preocupação com a situação (FIG. 12).

FIGURA 12. Notícia do *Correio de Uberlândia* sobre o problema da falta de vagas, 2006

02 | CIDADE

EDUCAÇÃO

# Município promete mais salas para ensino infantil

Secretário diz que demanda por vagas é maior do que a revelada pelo 0800

PRISCILLA MUNDIM [REPORTER]  
primundim@correiodeuberlandia.com.br

A rede municipal de Uberlândia vai ganhar 85 novas salas de aulas no próximo ano, sendo que 39 vão para os alunos do ensino fundamental e as outras 46 para a educação infantil. As ampliações fazem parte das ações do governo para amenizar a falta de vagas no Município que não consegue atender toda a população. A discussão sobre o problema – que se arrasta há anos – voltou à tona com a divulgação na semana passada do “0800 Escola”. O relatório sintético da Secretaria de Educação constatou que a cidade possui uma demanda reprimida 1.865 vagas para o ensino fundamental e outras 4.582 vagas para crianças de quatro meses a 5 anos.

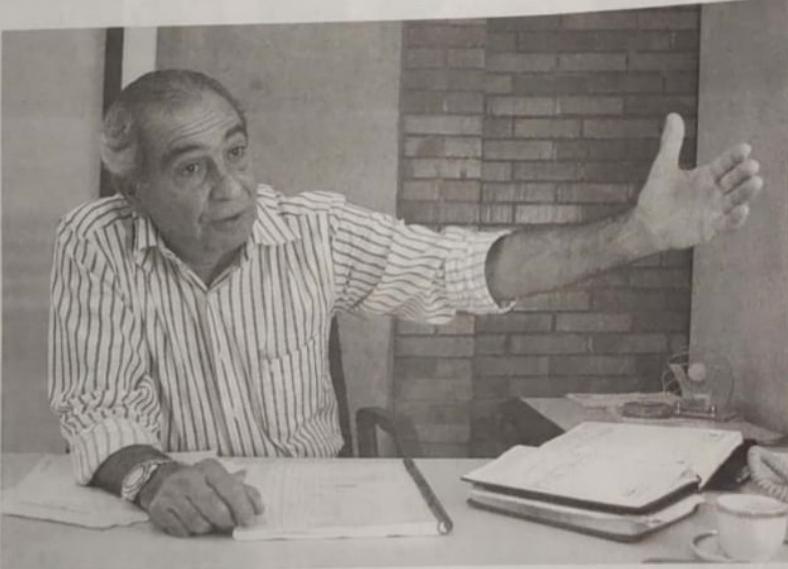
Com as ampliações, mais de 400 crianças da educação infantil terão a oportunidade de ingressar no sistema municipal em 2007. As vagas serão oferecidas na nova escola do bairro Morumbi e no prédio onde hoje funciona o Lar de Amparo e Promoção Humana, no bairro Dom Almir. A estrutura é de propriedade da Prefeitura e foi recentemente requisitada pela administração. “Pedimos a devolução para criar mais uma uni-

dade educacional em Uberlândia. Queremos oferecer vagas para crianças de seis meses a 5 anos. Além das reformas e adaptações, vamos construir outras duas novas salas de aulas”, adiantou o secretário Afrânio de Freitas Azevedo.

A partir do próximo ano, todos os investimentos da Secretaria de Educação serão destinados para a educação infantil. Isso porque, ao contrário do que constatou o “0800 Escola”, estimativas apontam que mais de sete mil crianças de seis meses a 5 anos estão fora da escola. “Esse número pode não ser verdadeiro, mas, com certeza, não é menor do que isso”, afirmou o secretário. O ensino infantil custa três vezes mais caro quando comparado ao fundamental. Segundo Afrânio de Freitas, enquanto um aluno da terceira série, por exemplo, custa em média R\$ 180 por mês para o Município, uma criança de 4 anos custa algo em torno de R\$ 540.

**Fundamental**

Embora apresente uma demanda reprimida na rede municipal, em geral, o ensino fundamental em Uberlândia não apresenta problemas. Todos os alunos que procuram por vagas desde a série introdutória até a oitava série são atendidos. A responsabilidade da modalidade é do Município em parceria com a rede estadual, que por sinal possui várias escolas com salas ociosas. Ou seja, excesso de vagas. “A qualidade do ensino e dos profissionais é a mesma nas duas esferas. Acredito que a única diferença é a situação dos prédios que faz com que a população prefira o Município. Os edifícios são mais bonitos, organizados, conservados e com aspectos de novos. Estamos fazendo o possível para aumentar a oferta, mas sem ajuda do governo federal fica quase impossível mudar esse cenário. Os recursos do Município são finitos. Enfrentamos limites”, ressaltou Afrânio de Freitas Azevedo.



MURIEL SOARES

AFRÂNIO RODRIGUES anuncia 85 novas salas de aula para ensino fundamental em 2007

FONTE: *Correio de Uberlândia* (2006, 12 dez., B02)

Havia vagas ociosas em prédios estaduais, mas a população não queria matricular seus filhos nos anexos. Fato este que gera transtorno. Outro ponto importante é o critério utilizado para inserção dos alunos nas creches municipais, pois as inscrições eram realizadas via internet; as famílias que omitissem o endereço acabavam usando as vagas dos mais carentes, muitos pais com poder aquisitivo melhor tem ocupado as vagas da rede pública e mães que precisam da vaga não conseguem (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2007). Ainda no quesito vagas, o campus municipal de educação especial aumentaria a capacidade de vagas e ampliaria sua rede física para atender os deficientes severos incapazes de frequentar o ensino regular para 890 crianças especiais. O campus passa a contar “[...] com três salas, dois banheiros adaptados, uma varanda de 30 metros quadrados, e um refeitório [...]”; sem falar no número de vagas que passa a sessenta, podendo chegar a cem. Não só o campus teve de se adaptar, mas também as escolas municipais, estaduais e particulares, que passam a fazer adequações necessárias ao atendimento especial.

Porém, duas reportagens do *Correio de Uberlândia* (2007) levam a crer que agradou à população. O prefeito, Odelmo Leão, com apoio do deputado federal Gilmar Machado, conseguiu reaver verba do Ministério de Ciência e Tecnologia dada por quase perdida no valor de R\$ 3.350.000 para o programa Digitando o Futuro. Leão a solicitou por meio de emenda parlamentar quando deputado estadual.

O programa prevê a construção de 49 salas multimídia equipadas com computadores ligados a internet, câmera fotográfica digital e impressora. A implantação dos laboratórios modelos está programada para 47 escolas municipais de ensino fundamental inclusive a zona rural, CEMEPE e Biblioteca Municipal (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2007, 4 jan., p. B2).

Com o acesso à informatização, os alunos sem acesso à tecnologia em seus lares puderam realizar pesquisas *on-line* na escola e, assim, ampliar seus conhecimentos, incluindo o uso da máquina. Afranio Azevedo, desde seu ingresso na política em 1989, pleiteou uma merenda de qualidade para as crianças, pois alegava que muitas alimentavam bem somente na escola. Então, no ano de 2007, o prefeito Odelmo Leão recebeu o prêmio de Gestor Eficiente da Merenda Escolar, enquanto a merenda da rede escolar municipal foi considerada a melhor do Brasil pela Fome Zero, organização não governamental. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação, aprovou um projeto

estimado em R\$ 2.100.000 para construir três novas EMEIs, ou seja, nos bairros Taiamam, Jardim América e São Jorge, considerados mais carentes e ocupados por famílias trabalhadoras que, de fato, necessitavam de lugar para deixar os filhos pequenos enquanto trabalhavam. A aprovação do projeto foi mediada pelo deputado Gilmar Machado; na oportunidade, o prefeito Odelmo Leão aproveita para criticar deputados que não se empenharam como Machado; do contrário, seriam seis EMEIs, que e abrandariam mais o problema de vagas para seu público-alvo.

A ação seguinte para garantir uma vaga foi o cadastro escolar, por meio do qual a secretaria de Educação conseguiu mapear a necessidade da demanda nas escolas e bairros; mesmo assim, algumas famílias não fizeram o cadastramento no limite de tempo, com isso ficaram à mercê de vagas remanescentes, muitas vezes em escolas longe de suas residências e após o início do ano letivo.

Houve polêmica em torno dos professores derivada de uma indignação de nível nacional com o piso salarial do servidor. O governo federal anunciou que seria de R\$ 950,00 para uma jornada de quarenta horas semanais. A prefeitura de Uberlândia manifestou tranquilidade em relação à situação; de acordo com Mauro de Freitas,

[...] os servidores que ingressavam na rede antes do Plano Municipal de Cargo e Carreiras da Educação, criado em 2004 e que modificou as faixas salariais. Diferentemente dos novos professores que recebem R\$ 838,56, os que ingressam na rede municipal antes de 2004 têm um salário base de R\$ 501,63 para 20 horas, um valor acima do piso nacional de 950,00 para 40 horas (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2008).

O salário que Afranio Azevedo almejava para os professores ainda não foi viabilizado; e a consolidação de um plano de cargos e carreira e de um piso nacional unificado parece caminhar lentamente como melhoria salarial para o professorado perante as leis que regulam a educação e discorrem sobre o que o profissional merece receber.

O ano de 2008 foi de eleições, e o prefeito Odelmo Leão tentaria se reeleger. Uberlândia estava com população estimada (em 2007) em quase 610 mil habitantes, dos quais 396 mil votantes. Leão tinha como concorrentes Weliton Fernandes Prado, João Bittar Júnior, João Batista da Fonseca, Gilberto Adeniê Cunha e Maurício Lúcio Mendes. Mas foi reeleito, no primeiro turno, quebrando a lógica posterior ao momento

em que chegou a duzentos mil o número de eleitores na cidade; depois desse fato, ninguém havia tido vitória no primeiro turno (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2008).

Os dados apresentados a seguir são referentes ao quadro geral da educação da rede municipal (meio rural e urbano). Nota-se a construção de oito novas escolas, mas com oscilação do quadro de alunos para mais e para menos. Ao final do mandato, o número de discentes era estimado em 51,6 mil; e o de professores aumentou em 1.056 ante 2005, quando a prefeitura passou às mãos de Odelmo Leão.

TABELA. Dados do quadro geral de educação municipal em Uberlândia, 2004—8

**Quadro Geral Rede de Ensino Municipal (Rural + Urbano)**

<b>Anos</b>	<b>Total Escolas</b>	<b>Educação Infantil</b>	<b>Ensino Fundamental</b>	<b>EJA</b>	<b>Total Alunos</b>	<b>Total Professores</b>
2004	93	10.680	36.070	-	52.845	3.289
2005	95	11.689	41.815	-	53.543	3.276
2006	95	11.792	36.153	4.155	52.100	3.309
2007	102	10.057	38.739	3.750	52.546	3.348
2008	103	11.197	36.019	3.556	51.694	4.332

FONTE: Uberlândia (2009) Banco de Dados Integrados — v. II, 2009

Ao que tudo indica, a redução na quantidade de alunos de 2005 a 2008 pode estar relacionada com a aceitação dos pais em relação à qualidade oferecida pela rede escolar estadual e pela municipal. Os professores estavam se qualificando mais, de modo que isso se refletiu em mais qualidade para o ensino. Além disso, pais que têm filhos no Ensino Médio e no Fundamental em razão de idades distintas tendem, por facilidade, a matriculá-los numa única rede escolar.

#### **4.7 Novo mandato de Afranio Azevedo como secretário, 2009–12**

No quadriênio 2009–12, continuaram os mesmos prefeito e secretário de Educação. Odelmo Leão diz não ter ficado surpreso com o resultado, pois acreditava que a reeleição era consequência do trabalho desenvolvido havia quatro anos. A entrevista que concedeu ao jornal *Correio de Uberlândia* (2008) deixa claro que para ele todas as áreas eram prioridades, inclusive a segurança com a Guarda Municipal. Polícia Militar e Corpo de Bombeiros são constitucionalmente deveres do estado, mas

ele iria procurar fazer interações com essas áreas porque foi o governo que mais investiu em segurança pública.

Como a pesquisa em questão retrata a educação municipal, o ano de 2009 não foi muito diferente do que os outros em alguns quesitos, como vagas para alunos com idade de até 5 anos, concurso para substituir professores contratados etc. Nesse ano, algo inusitado aconteceu não só em Uberlândia: a suspensão das aulas por causa da gripe H1N1. Houve tomada de medidas de proteção: uso álcool gel, máscara de boca e nariz e distanciamento social, eventos foram suspensos, para se ter segurança.

A secretaria de Educação tinha outros projetos que buscavam ampliar o conhecimento dos alunos, como o projeto PROCON, que apresentava às crianças seus deveres e direitos como consumidor por meio de gibis e cartilhas com o mote “formando consumidor consciente”. Outro projeto desenvolvido foi a parceria com a editora Abril, pela qual secretaria de Educação — via CEMEPE — viabilizou o fornecimento de revistas como *Superinteressante*, *Veja*, *Boa Forma*, gibis e livros publicados para ampliar as fontes de pesquisas e de leitura discente em escolas participantes do projeto. Uma demanda recorrente do município é a falta de professores, em fevereiro foi realizado um concurso para suprir a demanda de vagas e substituir as contratações, mas somente 260 concorrentes foram aprovados ficando mais de mil vagas sem ser preenchidas com funcionários efetivos. Para a educação foi destinada 1,5 mil vagas das 2,1 mil, porém o concurso foi anunciado em agosto, mas não aconteceu.

Parece que a Legislação determina o ensino do conteúdo do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e história e Cultura Afro-brasileira, nas escolas, para isto o ministério público entrou com liminar para fazer valer a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN (lei 9.394/96) nas escolas do estado, município, particular e federal. Estado e município não quisera cumprir a lei. A imprensa entrou em contato com a secretaria a fim de entrevistar Afranio Azevedo; mas ele não atendeu à reportagem. O não cumprimento das instituições podia gerar multa mensal de 50 salários mínimos. A negligência foi verificada pelo juiz da infância e juventude quando estado e município na época não cumpriam as leis 10.639/2003 e 11.525/2007. A lei 10639/2003, tornou obrigatório o ensino “História e Cultura Afro-brasileira” no fundamental e médio nas escolas oficiais e

particulares. E a Lei 11.525/2007 obriga o ensino do conteúdo “Estatuto da Criança e do Adolescente” (ECA) (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2009).

Houve promessa de inauguração de escolas, uma para alunos de 1<sup>a</sup> ao 5<sup>o</sup> ano, no bairro Jardim Patrícia, com vagas para 568 crianças; outra para crianças na faixa etária 3–5 (cem crianças) na EMEI Vera Anita. A inauguração aconteceu em abril de 2010. O prefeito disse que estava na “[...] cidade da educação e vamos investir cada vez mais na construção, ampliação e reforma das nossas escolas” (CORREIO DE UBERLÂNDIA, abr. 2010, *on-line*). O ano escolar de 2010 mal começou, e oitenta professores suspensos em 2009 fizeram uma manifestação para conseguir apoio do Ministério Público na demanda de realização de concurso e resolução da situação que então viviam. Após a suspensão do contrato em dezembro, a secretaria publicou uma lista de nomes de professores para ocuparem vagas de não concursados; mas sem explicar nada para os demais, ou seja, a prefeitura não deixou claro o porquê da ação.

O problema em relação à contratação dos novos professores não impediu a secretaria de aderir ao programa Mais Educação, do governo federal, com doze escolas. O programa, de acordo com o decreto 7.083, de 27 de janeiro de 2010, em seu artio 1<sup>o</sup>, visou “[...] contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.” As escolas que aderiram ao programa ofereceriam atividades nos dois turnos na tentativa de diminuir desigualdades sociais. Mas só duas iniciaram o programa na data prevista, 25/6, pois a verba do ministerial via programa Dinheiro Direto na Escola não chegou.

Alguns programas foram elaborados com o intuito ampliar o aprendizado e o tempo a permanência do alunado na escola. Resultado do índice de desenvolvimento da educação básica de 2009 e a posição da assessora de Ensino Fundamental municipal Ana Beatriz Caires. Ao todo foram 172 escolas, dentre municipais e estaduais, que participaram do índice; 77 estão abaixo da média: 44 estaduais, 33 municipais. Na avaliação da coordenação o investimento a ser feito é na formação dos professores. Ana Beatriz disse que além dos cursos de reciclagem para coordenador pedagógico e professores é preciso mais investimento em materiais pedagógicos, contratação de

professores, dentre outras medidas para que estas escolas alcancem o índice nos próximos anos. Correio de Uberlândia (2010).

A pauta não muda quando se trata das vagas para as crianças de creche a procura não diminui, segundo a assessora da Educação Infantil Célia Tavares aumentou em 177%. A procura por vagas nas creches parecia interminável, mas com o aumento do repasse pelo governo federal poderia ser que o investimento realizado no ano de 2011 amenizasse a falta de vagas das crianças de até 3 anos de idade. Como o ano se inicia e as demandas da prefeitura de Uberlândia em relação a área da educação continuam praticamente as mesmas, a população reclama da falta de vagas, de professores e de escolas.

Em 2011, já em janeiro, Célia Tavares, assessora pedagógica da secretaria de Educação, falou ao jornal que até março daquele ano a EMEI do Bairro Tocantins teria sede nova. Com a nova sede, passa-se a atender crianças de 4 meses a 2 anos de idade. As novas instalações incluíram “[...] um sistema de varandas para as crianças brincarem. As salas foram projetadas com duas portas, uma para acesso interno e outra para acesso externo, [...] os banheiros também foram adaptados para receber cadeirantes” (CORREIO DE Uberlândia, 2011, jan. *on-line*). A Emei foi inaugurada em maio de 2011. A unidade oferece 253 vagas, das quais sessenta novas, destinadas a crianças na faixa etária 1—2 anos e berçário. O público anteriormente era da faixa etária 3—4 anos.

À época, o prefeito Odelmo Leão disse:

Nós temos pessoal especialista que fez os levantamentos necessários e estamos entregando à comunidade uma obra com o menor custo”. Sempre que inaugura uma escola o SME de Uberlândia Afranio Azevedo ou o Prefeito Odelmo Leão faz um pronunciamento e apresenta as novas unidades a serem inauguradas. As próximas Emeis a serem entregues serão nos bairros Shopping Park e São Gabriel, na zona sul; Taiaman, na zona oeste, e Jardim América, na zona norte (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2011, *on-line*).

Outra inauguração foi no bairro Jardim Célia, com A EMEI Jornalista Luiz Fernando Quirino, com vagas para crianças de até 5 anos de idade (até 3 e de 3 a 5). A EMEI possui salas de aula, fraldário, refeitório com palco, cozinha, despensa e lactário para preparo da alimentação dos bebês.

O investimento na Educação Infantil e nas creches pode modificar reprovações futuras nas escolas, pois os anos iniciais precisam ser trabalhados de maneira a despertar o interesse, a curiosidade, o desejo de fazer, a imaginação, precisa levar esse aprendiz a contribuir para a construção de seu conhecimento. O índice reprovação ainda preocupa. O censo escolar de 2010 apresentou resultados do índice de reprovação na rede escolar pública municipal e estadual: era maior que nas particulares (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2011).

Dito isso, o caminhar da educação, às vezes, cruza estradas tortuosas; pelo menos é o que se nota ante avaliações aplicadas pelo Ministério da Educação para ver se

[...] as políticas públicas para os três primeiros anos do ensino fundamental — Provinha Brasil, literatura infantil, Pró-Letramento, que forma os professores — têm dado resultado” diz a secretaria de educação básica do Ministério da Educação, Maria do Pilar Lacerda (BRASIL, 2021, *on-line*).

Nesse sentido, a prova aplicada aos alunos que concluíram o 3º ano do Ensino Fundamental foi a ABC, que faz parte do programa Todos pela Educação. Em 2011, o resultado da avaliação apresentou um índice baixo no aprendizado em leitura esperado. De seis mil alunos, alguns não dominam bem atividades como localizar informações em um texto ou temas de uma narrativa. Na avaliação de Matemática, 42% mostraram ter conhecimento adequado. A prova foi aplicada na rede escolar estadual, municipal e particular (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2011). Não por acaso, o ano de 2011 termina com o anúncio de oito novas EMEIs; a verba para efetivá-las era repasse do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Bairros beneficiados incluíram o Planalto, o Jardim da Palmeiras II, o Morumbi e o Jardim Sucupira.

Com efeito, o ano de 2012 se iniciou com propostas de construção de escolas, de mais alunos, mais professores, mais gestores e, sobretudo, de foco em metodologia: como educar crianças de maneira que consigam ler e escrever; como compreendê-las. Ao mesmo tempo, houve anúncio do prefeito, Odelmo Leão, sobre não antecipação de pagamento das férias para os professores. O prefeito justificou que, na transição 2004–5, ocorreu da mesma maneira. O ano de 2012 foi um ano de eleições municipais novamente. Os candidatos foram Gilmar Machado, Luís Humberto Carneiro e Gilberto Cunha. Gilmar Machado ganhou no 1º turno. Um balanço dos movimentos na educação do município no período 2005—12 pode ser visto na tabela a seguir:

TABELA. Números da educação em Uberlândia, 2005—12

Número Total de Alunos da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia							
Modalidade de Ensino	Número Total de Alunos da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia 2004-2016						
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Educação Infantil	10.680	11.689	11.792	10.057	11.264	13.241	13.666
Educação Fundamental	42.165	41.815	36.153	38.739	36.850	36.727	36.643
EJA	0	0	4.155	3.750	3.580	2.825	2.405
<b>Total</b>	<b>52.845</b>	<b>53.543</b>	<b>52.100</b>	<b>52.546</b>	<b>51.694</b>	<b>52.793</b>	<b>52.714</b>

Modalidade de Ensino	Número Total de Alunos da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia 2004-2016					
	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Educação Infantil	13.977	15.839	17.322	18.398	18.531	19.404
Educação Fundamental	36.560	35.917	36.483	36.081	35.424	35.750
EJA	1.963	1.960	2.045	1.950	1.967	1.897
<b>Total</b>	<b>52.500</b>	<b>53.716</b>	<b>55.850</b>	<b>56.429</b>	<b>55.922</b>	<b>57.051 *</b>

Fonte: INEP – [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br) e D.O.U (2004 a 2016)  
Considerando a somatória do Ensino Regular com o Ensino Especial do Município

FONTE: Banco de Dados Integrados, 2017

O governo do prefeito Odelmo Leão terminou em dezembro de 2012, assim como o período de Afranio Azevedo como secretário de Educação. Não foi possível levantar registros da vida dele nesse momento para oferecer uma compreensão das circunstâncias e condições em que ele encerra sua contribuição. Seu nome ficou raro na imprensa escrita; alguns entrevistados deixaram implícito algo sobre possível doença. São frases curtas, sem detalhes, sem muita exposição, o que me leva a acreditar sua ausência possa estar ligada à saúde. Como disse a viúva dele, “O Afranio não dá conta, vai fazer feio lá, vai ser ruim para ele” (SANTOS, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a pesquisa apresentada nesta tese, no ano de 2017, a proposta não presumia a história de vida de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo. Em 2019, a professora Sônia Maria dos Santos assumiu a orientação de minha pesquisa, e nesse momento repensamos o trabalho, pois precisávamos ir para qualificação. O caminho que estávamos percorrendo teve mudanças significativas sugeridas com muito zelo pela banca da qualificação, foi solicitado estudar a vida de Afranio Azevedo, e não só a secretaria municipal de educação. Dadas algumas instabilidades nos anos anteriores, tive só dois anos para desenvolver a pesquisa. Mesmo assim, as demandas de construção desta tese foi conduzida por muitas descobertas quanto ao nosso objetivo, ampliou a compreensão das relações entre vida e família, política oligárquica no município de Uberlândia; sobretudo, a lógica e a influência política da família Freitas Azevedo.

Durante a busca pelas fontes no Arquivo Municipal, encontrei um acervo muito rico em relação à família, a trajetória de Afranio Azevedo na educação, registrada via jornais, revistas locais, jornais de outros sobre momentos de sua vida. Outra descoberta foram os registros que existem via teses, dissertações, livro, jornais de Uberaba que relatam a importância do senhor Afrânio Francisco na área da educação, pecuária e agricultura.

Os encontros, as conversas, a busca por documentos, fotografias, no momento das entrevistas, tudo foi riquíssimo, pois como pesquisadora eu tinha uma história a ser construída, e os informantes, uma a ser contada. Os relatos foram carregadas de sabedoria, reminiscências, saudade, aprendizado... Se tratava de uma entrevista que buscava conhecer a vida de uma pessoa que foi importante não só na educação, mas ainda na família, na medicina, em seus relacionamentos. Uma história de vida que mereceu ser contada. Construir o acervo sobre Afranio Azevedo para compor a tese levou um tempo considerável da pesquisa. Não foi uma construção fácil. Mas foi grandiosa, cheia de achados. Nesse período de visitas ao arquivo, à secretaria de Educação, a residências para fazer entrevistas, aprendi muito com todos e concluí que o tempo era pouco para analisar um acervo riquíssimo como este, precisava fazer escolhas. Tarefa essa árdua, pois durante o processo da tese o mundo foi acometido pelo

Coronavírus e desencadeou a doença covid-19, que ameaçou a todos, nos distanciando fisicamente e emocionalmente das pessoas que convivíamos. Foram muitas perdas, muito pânico. Não tinha como não afetar. Esse fato retardou toda a construção da tese, pois o arquivo foi fechado, as entrevistas foram remarçadas para seguir novo cronograma de estudos. Mas todos os achados ratificaram que Afranio Azevedo pode ser considerado um intelectual de seu tempo, pois transitou por várias facetas desde sua infância, fez poesia, na música, leu clássicos, fez esportes, viagens internacionais, curso medicina no Rio de Janeiro, especializando em cirurgia plástica com Ivo Pitanguy, lutou contra a ditadura, foi preso por realizar a cirurgia no guerrilheiro Carlos Lamarca, constituiu família, foi professor de universidade, produziu vários artigos científicos na área da medicina e foi secretário municipal de educação.

Uma faceta central na história educacional de Afranio Azevedo é a dos acordos e arranjos político-partidários que subjazem à escolha de titulares para secretarias municipais. Como o pressuposto é que a indicação de nomes segue não necessariamente os atributos de competência, experiência e conhecimento, mas sim os de filiação política e de alinhamento na lógica do grupo político eleito, a constatação é que com frequência se nota incoerência entre secretário e os assuntos da secretaria. Exemplo dessa possibilidade está na trajetória de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, que ficou à frente da secretaria de Educação de Uberlândia por quatro mandatos, sendo cirurgião plástico e não sendo educador, pedagogo ou coisa que o valha. Mais importante, não tinha a vinculação político-partidária necessária com o grupo político que retornou ao poder.

Nesse sentido, a pesquisa aqui descrita procurou compreender elementos da vida de Afranio Azevedo a fim de entender o processo em que se envolveu na política e chegou à secretaria de Educação. A pesquisa procurou saber em que circunstâncias Afranio Azevedo se tornou secretário Municipal de Educação de Uberlândia. As circunstâncias compreendem sua volta para Uberlândia, no ano de 1988, quando se envolveu na campanha de Virgílio Galassi a pedido de Paulo Ferolla, amigo de infância do médico. Embora não tenha ganhado reconhecimento pelo feito, foi ele quem conduziu e orientou a campanha. O irmão, Francisco Humberto, era candidato a vice-prefeito. Uma vez eleito, Galassi convidou Afranio Azevedo para assumir a secretaria de Saúde. Ele recusou. Achou que poderia ser mais útil na Secretaria Municipal de

Educação, onde tentaria pôr em práticas o sonho de Anísio Teixeira, influência marcante nas ideias que Afranio Azevedo tinha da educação. Assim, a indicação de seu nome dependeu da força política do vice-prefeito, que tinha direito a três secretarias. Ele exigiu a secretaria de Educação ao irmão poucos dias antes da posse do secretariado.

Afranio Azevedo veio de uma educação familiar que se preocupava com o bem-estar de seu próximo, que defendia direitos iguais a todas as pessoas. Foi o que seu pai sempre ensinou. Durante a faculdade de Medicina, teve vivências desses ensinamentos quando pôde ir a favelas do Rio de Janeiro auxiliar Anísio Teixeira em trabalhos sociais como alfabetizar crianças, ensinar higiene às mães para cuidar de seus filhos e oferecer boa alimentação, dentre outros pontos. Essas experiências parecem ter firmado um ideal de educação que lhe deu convicção suficiente para encarar o desafio de gerir a educação municipal em todas as suas facetas. Além disso, é provável que tenha se apoiado em seus atributos intelectuais para sustentar não só sua atuação como secretário de Educação, mas também sua indicação.

Com efeito, Afranio Azevedo teve uma educação familiar que priorizou a leitura e a escrita como atividades cotidianas em casa. Os pais ofereciam condições como biblioteca com livros variados e mapas. O pai — Afrânio Francisco — estimulava a escrita de poemas e debatia livros lidos. Quando viajava a trabalho, deixava tarefas voltadas à leitura de autores como Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Jorge Amado etc. Ao retornar, fazia torneio de poesias, músicas. Houve muito estímulo intelectual no lar. Assim, a bagagem intelectual do médico deve ter sido fator de identificação com Anísio Teixeira ao ter a oportunidade de conhecê-lo. Com um defensor da escola nova, Afranio Azevedo pôde conhecer princípios da educação para todos, laica, de qualidade e de tempo integral. Parece ter abraçado os ideais de Teixeira, que não via futuro promissor para um país sem investimento em educação.

Quando foi para o Rio de Janeiro estudar medicina, Afranio Azevedo deixou Uberlândia com cem mil habitantes. Quando retornou, na década de 1980, a população era de quase duzentos mil. O crescimento foi significativo. O cenário educacional era de escolas funcionando em casas alugadas e adaptadas para alunos do ensino pré-escolar, média de cinquenta. No meio rural, a escola era multisseriada, com prédios adaptadas ou cedidos por fazendeiros. No meio urbano, existia uma escola de Ensino Fundamental, a Afranio Rodrigues da Cunha. Diante disso, Afranio Azevedo e sua

equipe construíram escolas em quase todos os bairros, de modo que de 1989 a 2012 o alunado municipal chegou a 33,6 mil matriculados; no ano de 1996, havia cinquenta escolas municipais. A merenda escolar nesse período teve status de uma das melhores do país. A formação dos professores foi estimulada com a progressão salarial. O analfabetismo foi reduzido, mas não eliminado, como almejava desde o princípio. As escolas passaram a contar com supervisor, diretor e vice-diretor, sala de laboratório de informática, salas de atendimento educacional especializado em quase todas as escolas. A preparação de alunos da Educação Infantil para a alfabetização foi ampliada.

Afranio Azevedo assumiu a secretaria de Educação em um momento de transição educacional, com a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o plano Educação para Todos, que estipulou prazos para investimentos na formação do professor e a redução do analfabetismo. Para que ações exigidas por lei fossem efetivadas, a educação contou com verbas do município e verbas derivadas de uma articulação política efetiva em que se podia contar, nos primeiros anos, com o apoio do deputado federal Chico Humberto.

Afranio Azevedo foi muito respeitado por Virgílio Galassi, Paulo Ferolla e Odelmo Leão, seus prefeitos. Foi sábio ao agir. Recém-chegado ao contexto educacional do município, procurou ter aliados. Mas em dado momento a ambição e a vaidade falaram mais alto, e ele desejou ser indicado para o cargo de prefeito da cidade. Acreditou que Ferolla o apoiaria em 1996; mas se decepcionou, a ponto de deixar a secretaria seis meses antes de terminar o mandato de 1996. Mais que isso, no governo de Galassi no período 1997—2000 Afranio Azevedo não se manteve como secretário de Educação, talvez por não dialogar bem com o governo estadual e federal. Tanto o é que quis conduzir a municipalização educacional. Assim, esse fato pode não só ter frustrado suas intenções de ser prefeito, como também arrefecido seus ideais de educação à frente da secretaria.

À frente da secretaria de educação, Afranio Azevedo teve momento de glória e percalços, pois nos dois primeiros mandatos contava com o apoio de seu irmão, vice-prefeito e depois deputado federal que tinha relacionamentos sólidos com os parlamentares. Esse fato facilitava para que as verbas federais chegassem ao município de Uberlândia com mais facilidade; nos outros governos, isso já não foi possível, pois o diálogo já não acontecia. Era preciso usar a verba do município e aguardar o repasse do

governo federal, que demorava e cujo valor nem sempre cobria as necessidades da educação. Então, o terceiro e quarto mandatos foram tumultuados. Nos últimos anos da gestão de Afranio Azevedo, ele não se apresentava em público e não concedia mais entrevistas relacionadas à educação; esse fato não fica claro na narrativa de Santos (2020) quando fala “com todo problema que ele teve de doença e perda de memória, era muito positivo em tudo”. Esta narrativa me leva a concluir que Afranio Azevedo estava com sinais de saúde fragilizada. Continuar a pesquisa sobre Afranio Azevedo é plano futuro. Sua história de vida é insigante.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da história. 2. ed. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). In: \_\_\_\_\_. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. *A formação continuada na rede municipal de ensino de Uberlândia (1990–1995): com a palavra os professores*. Dissertação (mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2007.
- ALVES, Lidiane A.; RIBEIRO FILHO, Vitor. Os mercados públicos e a cidade: as transformações do Mercado Municipal de Uberlândia (MG). *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 12, n. 39, p. 209–25, set. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16515/9219>. Acesso em: maio 2020.
- ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. *Dimensões*, v. 32, 2014, p. 292–13.
- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Revista História*, v. 14, p. 125–36, 1995.
- AMORIM, Ricardo L. C. A. CF/88: economia e sociedade no brasil In: A CONSTITUIÇÃO brasileira de 1988 revisitada: Recuperação Histórica e Desafios Atuais das Políticas Públicas nas Áreas Econômica e Social. Volume 1. 2009
- ANDRADE, Alessandra A. *A presença feminina na “Escolinha do Parque”*: trajetórias de via de ex-alunas de Guignard. 2008. 254 f. Dissertação (mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- ANJOS FILHO, Zenir R. *Lamarca: mito e história*. 1999. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) — Universidade Federal de Uberlândia.
- ARAÚJO, Osmar Ribeiro. *Modos de leitura de alfabetizadoras: história, memória e representação*. 218 f. Dissertação (Mestrado em educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.
- ARAÚJO, Maria P. Nascimento. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- ÁVILA, Rebeca C. Formação das mulheres nas escolas de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica* [on-line], v. 38, n. 1, p. 142–9, 4 ago 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000100019>. ISSN 1981-5271.

<https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000100019>. Acesso em: 29 jul. 2021.

BARBOSA, Maria Fernanda Silva. *Ser professor na ditadura militar brasileira (1964–1985): histórias, experiências e narrativas de docentes de Mariana–MG*. 2017. 133 f. Dissertação (mestrado em Educação) — Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

BONAMINO, A. M. C. O público e o privado na educação brasileira inovações e tendências a partir dos anos de 1980. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Autores Associados, n. 5, p. 253–76, jan.–jun. 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006.

BRASIL. *Legislação informatizada*, lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: mar. 2021.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: mar. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Direito à memória e à verdade: histórias de meninas e meninos marcados pela ditadura*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: ed. UNESP, 2005.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980

CAPELATO, Maria H. R. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/ed. USP, 1988.

CARVALHO, Cleide F. *Ilar Garotti: vida, formação e religiosidade*. 2007. 170 f. Dissertação (mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Uberlândia.

CARVALHO NETO, Edmundo P. *Projeto de restauro: residência Olympio de Freitas Costa*. 2017. Monografia (graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design) — Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Uberlândia.

- ROMERO, Márcia Cicci. Política de incentivo à leitura no governo Zaire Rezende 1983-1988. 2016. 272 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.196>
- CORRÊA, J. J. As eleições para diretores enquanto instrumento de democratização da gestão escolar: uma análise da experiência implantada na rede municipal de ensino de Ponta Grossa. *ENSAIO: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v. 8, abr.–jun. 2000.
- COSTA, Cléria B. Memórias compartilhadas: os contadores de histórias. In: COSTA, Cléria B.; MAGALHÃES, Nancy A. *Contar história, fazer história, história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001, p. 73–84.
- COSTA, J. M. A.; CUNHA, M. C.; ARAÚJO, R. M. B. Federalismo cooperativo brasileiro: implicações na gestão da educação municipal. *Jornal de Políticas Educacionais*, n. 8, p. 14–23, jul.–dez. 2010.
- CUNHA, Charles M. *Memórias de professores: convocações do presente*. 2010. 211 f. Tese (doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.
- DECLARAÇÃO Mundial sobre Educação para Todos. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000108.pdf> .
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: ed. USP, 2009.
- DUTRA, André de Freitas. *Memórias de educadoras sobre a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo*. 2016. Tese (doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016.
- FERNANDES, Orlanda R. *Uberlândia na imprensa: a década de 1960 nas páginas de jornal*. 2008. Dissertação (mestrado em história) — Universidade Federal de Uberlândia
- FERNANDES, Arthur. Um Homem muito orgulhoso da Vida. In: *Uberlândia de Ontem & Sempre Almanaque*, ano 7, n. 13, p. 54–6, agosto , 2017.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. vii–xxv.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1986
- FLEURY, O. G. Movimento demografo-sanitario de Uberlandia em 1939. *O Triângulo*, Uberlândia, MG. A

- FLEURY, Sabino Fortes, Emancipação de municípios: um exame de indicadores. *Revista do Legislativo*, n. 37, jul.–dez. 2003.
- FONSECA, A. A. *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins* [online]. São Paulo: ed. UNESP, 2012, p. 45–123. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/bg29q/pdf/fonseca-9788539302680-04.pdf>. Acesso em: set. 2020.
- FREITAS, L. C. B. P. *As elites brasileiras e a escola superior de guerra, São Paulo*. 1985. Tese (doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.
- GOIS, Antônio. *Quatro décadas de gestão educacional no Brasil: políticas públicas do MEC em depoimentos de ex-ministros*. São Paulo: Fundação Santillana, 2018. Disponível em: [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/santillana/4\\_decadas\\_de\\_gestao\\_educacional.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/santillana/4_decadas_de_gestao_educacional.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.
- GONÇALVES, Ana Cristina Rocha. *A experiência educacional da administração popular em Porto Alegre/RS na perspectiva de seus secretários municipais de educação (1989–2004)* 2013. 420 f. Tese (doutorado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- GONTIJO, DEBORA V. T. M. *O ofício de ser professor de licenciatura a partir das narrativas de histórias de vida*. 2018. 174 f. Dissertação (mestrado Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: ed. Unicamp, 2003.
- GUIMARÃES, Claudivan S. *A educação no Brasil após a redemocratização (1985–2002)*. *Fundamentos*, Teresina: Universidade Federal do Piauí, v. 2, n. 1, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JESUS, Wilma F. *Poder político em Uberlândia: mudanças e permanências (1982–1996)*. 1998. Monografia (graduação em História) — Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia.

JESUS, Wilma Ferreira. *Poder político em uberlândia* — mudanças e permanências 1982–1996. 1999. Monografia (graduação em História) — Departamento de História Universidade Federal de Uberlândia.

JESUS, Wilma Ferreira. *Poder público e movimentos sociais: aproximações e distanciamentos/Uberlândia* — 1982–2000. 2002. Dissertação (mestrado em História) — Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia.

KINZO, Maria D. G. A democratização brasileira um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 15, n. 4, out.–dez. 2001.

LEÃO, Eliana. *História e representações sociais: o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais “Julieta Diniz” — CEMEPE na visão dos educadores da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia: (1991–2000)*. 2005. 188 f (dissertação de Mestrado) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia.

LE GOFF. *História e memória*. 5. ed. Campinas: ed. Unicamp, 2003.

LEPICK, Vanessa. *Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro* — 1963 a 1973. 2013. 265 f. Dissertação (mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: ed. Unesp, 1992.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: ed. UNESP, 1992.

LIMA, Michelle C.; SANTOS, Sônia M. Fontes orais para a historiografia da alfabetização. In: SANTOS, Sônia M.; ROCHA, Juliano G. (Org). \_\_\_\_\_. *História da alfabetização e suas fontes*. Uberlândia: ed. UFU, 2018.

LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

MANIFESTO dos pioneiros da educação nova nova, 1932. *HISTEDBR On-line*.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania R. *Imprensa e cidade*. São Paulo: ed. UNESP, 2006.

MARTINS, Christian Alves. *Diálogos entre passado e presente: “Calabar, o elogio da traição” (1973) de Chico Buarque e Ruy Guerra*. 2007. 203 f. Dissertação (mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Uberlândia.

MATTOS, Marcelo B. *Pesquisa e ensino*. Pensar & Fazer. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998.

MEDEIROS, Ana Cláudia Jacinto Peixoto de. *Análise das políticas de inclusão digital da rede pública municipal de ensino de Uberlândia no período 1999–2012*. 2013. 207 f. Dissertação (mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

MEIHY, José C. S. B. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

NERY, Vanderlei E. Diretas Já: a busca pela democracia e seus limites. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 24, p. 70–7, 1º sem. 2010.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: A defesa da educação como direito de todos. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 73, dez. 2000.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ed. Autores Associados, n. 16, jan.–abr. 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782001000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782001000100002). Acesso em: 15 nov. 2020.

NUNES, Radamés V. *Francisco Ayres, lembranças de um Porvir*: Porto Nacional e a modernização no norte de Goyaz. 2016. 344 f. Tese (doutorado em História) — Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17850/1/FranciscoAyresLembrancas.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

OLIVEIRA, Guilherme L. *Propostas curriculares de educação física de Minas Gerais (1970–2004)*: presença e participação da professora Eustáquia Salvadora de Sousa. 2017. 178 f. Dissertação (mestrado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PAIVA, Paulo H. A. A. *Entre as memórias do Campo das Vertentes*: uma história da formação de professores de Matemática da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI) no período de 1987 a 2001. 2016. Dissertação (mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PATRIOTA, Rosangela; GOMES, Aguinaldo R.; MENEZES, M. A. A frânio Marciliano de Freitas — o cirurgião de Carlos Lamarca narra suas experiências durante a ditadura militar. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 93, n. 4, p. 83–98, 1999.

PEREIRA, Diego Carlos. *Ser bacharel e professor formador de professores*: narrativas, formação e identidade. 2016. 190f. Dissertação (mestrado em Educação) — Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

- PINHEIRO, Welbert F. *Garimpeiro de memórias: práticas educativas de Ozildo Albano — Piauí — (1952–1989)*. 2018. 492 f. Tese (doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.601>. Acesso em: set. 2021.
- PINTO, Willian Antônio. Planejamento educacional em Minas Gerais: concepções políticas e ideologia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2000.
- PINTO, J. M. de R. Relatório do grupo de trabalho sobre financiamento da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 82, n. 200–2, p. 117–36, 2001.
- PINTO, Tales dos Santos. Governo Sarney — economia. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-sarney.htm>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- PITANGUY, Ivo. *Viver vale a pena*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: Leya, 2014
- PRANTO, Aliny Dayany Pereira de Medeiros. Os acampamentos da campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as relações dialógicas com a comunidade local. Natal. 2018.
- RICCI, Rudá. Vinte anos de reformas educacionais. *Revista Ibero Americana*, n. 31, p. 91–120, abr. 2003.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: ed. Unicamp, 2007.
- RIQUIERI, Alzira. *Afranio Azevedo: o médico que mudou o rosto de Lamarca*, 2014. Disponível em: <https://gazetadotriangulo.com.br/noticias/afranio-azevedo-o-medico-que-mudou-o-rosto-de-lamarca>. Acesso em: dez. 2017.
- ROCHA, R. C. L. Imprensa, educação e civilidade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR — “Tecnologia e Civilização”, 9., 2005, Ponta Grossa.
- RODRIGUES, Ricardo. Os anos de sangue. *Manchete*, Rio de Janeiro, RJ, n. 1.907, ano 37, 5 nov. 1988.
- ROMERO, Márcia C. *Política de incentivo à leitura no governo de Zaire Rezende 1983 — 1988*. Uberlândia: 2016. Dissertação (mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.
- SANFELICE, José Luís. História e historiografiadas instituições e das políticas educacionais. FERREIRA, Antônio C. et al. (org.). *Histórias da Educação Brasileira: experiências e peculiaridades*. João Pessoa: ed. UFPB, 2014, p. 171–90.

SANTOS, S. M.; ARAUJO, O. R. História oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, v. 6, jan.–dez. 2007. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>. Acesso março 2019.

SANTOS, Carlos M. S.; CARDOSO, Heloisa P. Democracia Participativa em Uberlândia — significados das experiências dos moradores do bairro Nossa Senhora das Graças. *Horizonte Científico*, p. 1–30, n. 1, v. 1, 2007. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/3838/2843>). Acesso em: 10 dez. 2017.

SANTOS, R. M. *Estado da arte e história da pesquisa em educação estatística em programas brasileiros de pós-graduação*. 2015. 348f. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em:

[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305010/1/Santos\\_RodrigoMedeirosdos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305010/1/Santos_RodrigoMedeirosdos_D.pdf). Acesso em: 19 jan. 2021.

SANTOS, Denise Tosta. *Anísio Teixeira: vida e pensamento pedagógico*. 2017. 237f. Tese (doctorado en Educación y Sociedad) -- Facultat de Educación Universidad de Barcelona Barcelona, 2017.

LIMA, Michelle Castro; SANTOS, Sônia Maria dos. Fontes orais para a historiografia da alfabetização. In: SANTOS, Sônia Maria; ROCHA, Juliano Guerra (Org). *História da alfabetização e suas fontes*. Uberlândia: ed UFU, 2018.

SAVIANI, D. A escola pública brasileira no longo século XX (1890–2001). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO — Sessão de Comunicação Coordenada: “O século XX brasileiro: da universalização das primeiras letras ao Plano Nacional de Educação (1890–2001)”. Curitiba, 7–10 nov. 2004.

Disponível em:

<<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/483.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

SAVIANI, D. A política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H. C. (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol. III — século XX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 30–9.

SILVA, M. L. *Mulheres negras em movimento(s): trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte-MG*. 2007. Dissertação (mestrado em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOARES, M. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOUSA, Jane B. *Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos*. 2009. 236 f. Tese (doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação*. Porto Alegre: ed. PUC-RS, 2006.

SOUZA, Alcione Wagner de. *Formação continuada de gestores em Minas Gerais: um estudo a partir da experiência do progestão no município de Uberaba de 2003 a 2006*. Dissertação (mestrado em educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

SOUZA, Tiago Zanquêta de. *Arquivos da história e histórias de vida: diálogos com a educação popular*. Dissertação (mestrado em educação) — Universidade de Uberaba., 2012.

DE SOUZA, A. B.; LOPES, F. H. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 26–37, 2012. DOI: 10.15848/hh.v0i9.473. Disponível em: <https://revistahh.emnuvens.com.br/revista/article/view/473>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SOUZA, Angelica Riello de. Resistência e desistência: os conflitos na experiência de Paulo Freire como secretário municipal de educação de São Paulo (1989–1991). Dissertação (mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

TEIXEIRA, Anísio. Porque “Escola Nova”. *Boletim da Associação Bahiana de Educação*, Salvador, Livraria e Typographia do Comércio, n. 1, 1930, p. 2–30.

TEIXEIRA, Anísio. A municipalização do ensino primário. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 66, p. 22–43, abr.–jun. 1957. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/fran/artigos/ensino2.html>. Acesso em: nov. 2020.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros no Brasil central — história da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Gráfica Uberlândia, 1970.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, 2002

TÔRRES, Raquel M. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951–1963)*. 2019. Tese (doutorado em História

Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. *Estatuto dos servidores públicos do município*. Uberlândia: prefeitura de Uberlândia, 1995, brochura.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. Secretaria de educação. *Banco de dados integrados* — v. II. Uberlândia, 2009.

VACCARINI, Emmanuelle D. *Quem vivenciou o quê? Memórias e histórias de infância em Rio Novo*. 2009. Dissertação (mestrado em Educação) — Universidade Federal de Juiz de Fora.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

VASCONCELOS, Maria C. C.; VASCONCELOS, M. C. C. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. *Educação em Questão*, v. 28, n. 14, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4463>.

VIEIRA, José R. (Org.). *Vinte anos da Constituição Cidadã de 1988: efetivação ou impasse institucional?* Rio de Janeiro: Forense, 2007.

VON SIMSON, Olga. Memória e identidade sócio-cultural. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, 10<sup>th</sup>, *Proceedings*. v. 3, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 1998.

WAGNER, Roberta Afonso Vinhal. *O coronelismo despótico de Uberaba (MG): dos coronéis da “Princesa do Sertão” aos coronéis do Zebu na nova configuração hegemônica das elites uberabenses no período de 1960 a 2007*. 2013. 283 f. Tese (doutorado em Geografia) — Universidade Federal de Uberlândia.

#### ■ Fontes jornalísticas — edições consultadas

ALTERNATIVO. Uberlândia, MG, 1991, n. 1. Entrevista à repórter Eliane Huguenev.

AZEVEDO, Afranio M. F. [Entrevista] 1988. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1988, p. 95–100). Entrevista concedida a Ricardo Rodrigues.

AZEVEDO, Afranio M. F. [Entrevista]. In: POPÓ, Pedro. Nome do texto. Afranio Azevedo: o médico que mudou o rosto de Lamarca. *Gazeta do Triângulo*, Uberlândia, MG, 1º maio 2014. Disponível em: <http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/edicao-uberlandia/afranio-azevedo-o-medico-que-mudou-o-rosto-de-lamarca/>. Acesso em: jan. 2018.

BOENTE, Fernando. Morre o ex-secretário de Educação de Uberlândia Afrânio Azevedo. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 2015, “Cidade e região”. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-eregiao/morre-o-ex-secretario-de-educacao-de-uberlandia-afranio-azevedo/>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CORREIO DA MANHÃ. Concurso de habilitação da faculdade nacional de medicina. Rio de Janeiro, RJ, 12 mar. 1960, n. 2.539, “2º caderno”.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Caderno do centenário de Uberlândia. Uberlândia, MG, 1988.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 15 abr. 1988.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Virgílio*: o dia da revirada. Uberlândia, MG, domingo, 20 nov. 1988, n. 6, “Correio de Domingo”.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *A vitória de uma campanha feita com técnica e talento*. Uberlândia, MG, 4 dez. 1988a, “Correio de Negócios”.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Alguns nomes do secretariado de Virgílio já são conhecidos*. Uberlândia, MG, domingo, 4 dez. 1988b, “Opinião”.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Virgílio define seu plano de governo*. Uberlândia, MG, domingo, 25 dez. 1988, ano 0, n. 11, Política”

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Secretariado do prefeito Galassi. Uberlândia, MG, sexta-feira, 30 dez. 1988, n. 15.036.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Galassi apresenta seu secretariado e começa a governar*. Uberlândia, MG, domingo, 3 jan. 1989, “Cidade”.

CORREIO. Uberlândia, MG, 1º jan. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 2 jan. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 5 fev. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 2 mar. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 16; 19 mar. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 22 maio. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 13 jun. 2005.

CORREIO. Uberlândia, MG, 5 fev. 2006.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 7 set. 2006.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Município promete mais salas para ensino infantil*. Uberlândia, MG, 12 dez. 2006.

- CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, 4 jan. 2007.
- CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 2008.
- CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 2009.
- CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, abr. 2010, *on-line*.
- FERNANDES, Arthur. Um homem muito orgulhoso da vida. *Uberlândia de ontem & sempre*. Almanaque, ano 7, n. 13, p. 54–6, ago. 2017.
- EDUCAÇÃO NOTA 10. Uberlândia, MG, n. 1, 1991.
- FLEURY, Othon G. Movimento demografo-sanitario de Uberlândia em 1938. *O Triângulo*, Uberlândia, MG, 1938. G1 TRIÂNGULO MINEIRO. “Colaborei com a sociedade”, diz médico de MG preso na ditadura. Uberlândia, mar. 2014, “Notícia”. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/03/colaborei-com-sociedade-diz-medico-de-mg-pres-na-ditadura.html>. Acesso em: jul. 2016.
- MASSON, Stela, Médico que fez plástica em Lamarca ganhou pacientes após deixar prisão. *Folha de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 17 maio 2014, “Poder”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1455827-medico-que-fez-plastica-em-lamarca-ganhou-pacientes-apos-deixar-prisao.shtm>. Acesso em: jun. 2020.
- NAVES, Jales. Afranio Marciliano de Freitas Azevedo: cirurgião plástico que operou o rosto de Lamarca e a educação em Uberlândia. *A Redação*, 2020, “Notícia”. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/138935/cirurgiao-plastico-que-operou-o-rosto-de-lamarca-e-a-educacao-em-uberlandia>. Acesso em: jan. 2021.
- O MUNICÍPIO. Uberlândia, MG, 1990.
- O TRIÂNGULO. *Educadores especialistas elegem gerente de divisão*. Uberlândia, MG, 26 jan. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 4 fev. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 21 fev. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 23 fev. 1989.
- O TRIÂNGULO. *Secretário desmente falta de merenda*. Uberlândia, MG, 2 mar. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 15 abr. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, ago. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 5 out. 1989.
- O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 25 out. 1989.

O TRIÂNGULO. *Prefeitura entrega duas escolas a comunidade*. Uberlândia, MG, 7 nov. 1989.

O TRIÂNGULO. *Eleição da ADIMI*. Uberlândia, MG, nov. 1989.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 5 abr. 1990.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 7 maio 1991.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 14 maio 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 19 jun. 1990.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 27 jun. 1991.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 19 jul. 1990.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 20 jul. 1991.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 1º out. 1991.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 31 dez. 1991.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 2 jan. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 4 jan. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 6 fev. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 14 maio 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 10 jul. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 11 jul. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 15 nov. 1992.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 2 jan. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 22 jan. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 2 mar. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 9 mar. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 22 mar. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 29 abr. 1993.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 9 maio 1993.

O TRIÂNGULO. *Educadores mineiros terão um seminário em Uberlândia dia 17*. Uberlândia, MG, 6 out. 1993, “Cidade Geral”.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 1994.

O TRIÂNGULO. *Afranio Azevedo fala a diretores escolares sobre de projetos a serem criados na rede escolar municipal de Uberlândia*. Uberlândia, MG, 3 fev. 1995.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 2 abr. 1996.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 11 abr. 1996

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 9 ago. 1996.

O TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 3 jan. 1997.

RODRIGUES, Rodrigo. *Eu Mudei o rosto de Lamarca. Manchete*, Rio de Janeiro, RJ, 1988. n 1907.

#### ■ Fontes orais

AZEVEDO, Francisco Humberto de Freitas. Uberlândia, MG, 15 de fevereiro de 2020. Tipo de arquivo [mp3]. 2 horas e 44 min. Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

CHAVES, Sérgio. Uberlândia, MG, 16 de julho de 2019. Tipo de arquivo [mp3]. 1 hora e 2 min. Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado.

FREITAS, Aparecida Jesuína Nogueira de. Uberlândia, MG, 1 de agosto de 2019. Tipo de arquivo [mp3]. 1 hora e 9 min. Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

OLIVEIRA, Guilherme S. Uberlândia, MG, 8 de junho de 2021. Arquivo digital (.doc). Entrevista concedida a mim.

PANNUNZIO, Marta A. Uberlândia, MG, 3 de abril de 2020. Tipo de arquivo [mp3]. 3 horas e 9 min.; 3 horas e 25 min. Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

ROSA, Pedro D. Uberlândia, MG, 20 de maio de 2019. Tipo de arquivo [mp3]. 50 min e 47 segundos. Entrevista concedida no escritório do entrevistado.

PINTO, Uberlândia, MG, 29 de julho de 2021. Tipo de arquivo WhatsApp. 10 min. Entrevista concedida a mim via áudio.

SANTOS, Eliane Hugueney. Uberlândia, MG, 7 de outubro de 2019. Tipo de arquivo [mp3]. 1 hora e 16 min. Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

TAVARES, Célia Maria N. Uberlândia, MG, 26 de junho de 2019. Tipo de arquivo [mp3]. 1 hora e 31 min. Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

#### ■ Acervos consultados

Escola Municipal de Educação Infantil do Bairro Luizote de Freitas, Uberlândia, MG  
Marta Pannunzio

APÊNDICE 1 — Autorização para uso dos dados das entrevistas



Universidade Federal de Uberlândia  
 Faculdade de Educação  
 Programa de Pós-Graduação em Educação  
 E-Mail : [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)

---

Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica—Bl. “G”. CEP 38400-

902 Uberlândia-MG. Fone/fax0XX 034 3239-4

**Termo de autorização para o uso da pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas entrevistas, gravadas nos dias, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019, para a aluna de Doutorado Maria Cristina Santos de Oliveira Alves, orientanda da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia para usá-la integralmente, ou em partes, sem restrições de prazos ou limites de citações, desde a presente data.

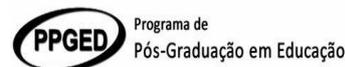
Sei que a entrevista faz parte de um trabalho que tem por finalidade colher as memórias dos sujeitos que trabalharam juntamente a equipe de Afrânio Marciliano de Freitas Azedo, no período em que o mesmo atuou como Secretário Municipal de Educação na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa. Sei que não receberei nenhum pagamento por esta participação. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Uberlândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Colaborador (a) da entrevista

## APÊNDICE 2 — Autorização da pesquisa



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-Mail : [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica—Bl. “G”. CEP 38400-902**

**Uberlândia-MG. Fone/fax0XX 034 3239-4**

### AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ofício.

À diretora do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz  
 -CEMEPE

Att: Divina Lúcia de Souza

Assunto: Solicitação de pesquisa

Eu, Maria Cristina Santos de Oliveira Alves, professora na Rede Municipal de Ensino, lotada na Escola Municipal Inspetora France Abadia Machado Santana, nesta cidade sob número de matrícula 4412-1, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação/ Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>ª</sup> Sônia Maria dos Santos, solicito à V. S<sup>ª</sup>. autorização para coleta de dados, fotografias, documentos, atas de reuniões, informações junto aos órgãos regidos pela Secretaria Municipal de Educação.

Devo salientar que tais informações se referem às atividades propostas e desenvolvidas pela Assessoria Pedagógica, serviço de Inspeção Escolar, Gestores de Escolas Municipais, Centro de Estudos, sendo que as mesmas serão analisadas em minha Tese de Doutorado intitulada: **A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO SOBRE A ÉXIGE DE AFRÂNIO DE MARCILIANO DE FREITAS AZEVEDO: 1989 A 1996 - 2005 A 2012**, recebendo, portanto, tratamento próprio de um trabalho acadêmico.

Ressalto ainda, que tais informações serão subsídios necessários e imprescindíveis para a elaboração e conclusão da dissertação a ser apresentada ao término do programa mencionado acima.

Colocando-me a disposição de V. S<sup>a</sup>. Para quaisquer esclarecimentos, aproveito para reiterar meus ensejos de elevada estima e consideração.



---

Discente Maria Cristina S. de O. Alves Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos

---

Diretora CEMEPE — Divina Lúcia de Sousa

## APÊNDICE 3 — Roteiro das entrevistas

**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-Mail : [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica—Bl. “G”. CEP 38400-902 Uberlândia-MG. Fone/fax0XX 034 3239-4212**

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA SOB EGIDE de AFRÂNIO AZEVEDO  
1989-2012

Nome:

Endereço:

Email:

Telefone:

Tempo de trabalho com AFRÂNIO AZEVEDO:

- 1- Fale um pouco de você, seu nome, sua formação,
- 2- Como foi seu ingresso no município, (concurso, cargo de confiança, contratado)
- 3- Como você chegou na 1ª equipe de Afrânio Azevedo? Quais funções voce assumiu e quanto tempo ficou nas mesmas?
- 4- Como foi gestada a educação municipal no primeiro mandato de Afrânio de Freitas a frente da SME. Quais as metas estabelecidas pela equipe. Quem compôs a equipe? Você lembra as funções de cada um? (Paulo Galassi, Jeová, Wladimir)
- 5- Como era a Educação Municipal em 1989? (Educação Infantil, Zona Rural, 2 escolas na zona urbana)
- 6- Como e quais foram as decisões do 1º concurso público da SME realizado em 1990?
- 7- Qual foi o papel e a função do recém-criado CEMEPE, para o 1º concurso? (cursos para o concurso, Gratificação para estudar)
- 8- Nas reuniões da equipe realizadas com Afrânio Azevedo, quais eram os objetivos e metas dele e do governo Virgílio Galassi (1989-1992) a educação de Uberlândia?

- 9- O que muda na equipe de Afrânio Azevedo do Governo Virgílio Galassi (1989-1992) para o governo Paulo Ferolla (1993-1996)? Quem sai? Quem entra? Muda alguma meta?
- 10- Depois de 8 anos na secretaria municipal, qual foi a avaliação da equipe gestora? Quais foram as metas atingidas no final de 8 anos?
- 11- Você fez parte da equipe de Afrânio Azevedo no 3º período de gestão no Governo Odélmo Leão Carneiro (2005-2008)? Quais foram as marcas desse período para a Educação municipal? As metas para a educação municipal mudaram?
- 12- Você fez parte da equipe de Afrânio Azevedo no 4º período de gestão no Governo Odélmo Leão Carneiro (2009-2012)? Quais foram as marcas desse período para a Educação municipal? As metas para a educação municipal mudaram? A equipe mudou?
- 13- Na história da educação municipal de Uberlândia Afrânio Azevedo foi o ÚNICO secretário a ocupar o cargo por 16 anos, para você houve nesses anos um período ascensão, estagnação e decadência da educação municipal?
- 14- Quem foi Afrânio Azevedo para a Educação Municipal?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

- 1) Nome completo. Data de nascimento. Profissão
- 2) Residência e endereço da entrevista.
- 3) Nome completo dos pais? Formação escolar e profissão dos pais?
- 4) Quantos irmãos vocês eram? Local e ano de nascimento? Nome de cada um em ordem cronológica.
- 5) Como foi a infância de vocês em especial a de Afrânio?
- 6) Como foi a educação familiar que Afrânio recebeu? (religião, regras gerais)
- 7) Como se evidenciou a formação religiosa recebida pelos seus pais?
- 8) Como era Afrânio como irmão?
- 9) Afrânio ingressou na escola com quantos anos? Qual o nome da escola? A senhora lembra o nome da professora de Afrânio? Como os professores o viam como aluno?
- 10) A senhora lembra-se de alguma passagem da vida escolar da infância de Afrânio? Tem cadernos ou algum registro?
- 11) Ele gostava de ler? Que tipo de leitura mais lhe chamava a atenção?
- 12) Tinha algum livro que gostava mais?
- 13) Quais as brincadeiras que ele mais gostava?
- 14) Tinha muitos amigos na infância? Conte alguma passagem que a senhora se lembre.
- 15) Afrânio estudou em Uberlândia até que série? Em que escolas?
- 16) Quando vocês eram adolescentes ganharam uma viagem para o exterior? Que lugar vocês foram? E quanto tempo ficaram lá? Como foi viver esta experiência para você e seus irmãos em especial para Afrânio?

17) Em março de 1960, foi publicado no Jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro a aprovação de Afrânio para o curso de Medicina da Faculdade Nacional de Medicina. Como foi para família e para ele receber esta notícia?

18) De todos os irmãos somente você não cursou Medicina. Por que? Era exigência de seus pais que os homens fizessem Medicina?

19) Sobre o exercício da medicina o que sabe sobre Lamarca?

20) Houve alguma perseguição? Onde e como? Quanto tempo isso durou?

21) Sobre o processo de anistia? O que sabe? Como e onde?

22) Na reportagem publicada no Jornal Correio de Uberlândia de 2011, Afranio relata que morou no Rio de Janeiro com o tio Josias de Freitas por seis anos “Um dos melhores cirurgiões que o Brasil conheceu...” a senhora acredita que o tio Josias possa ter influenciado na escolha de Afranio para cursar a Medicina?

23) No Jornal Manchete do RJ de 1988 tem uma matéria que diz assim [...] Na universidade, imprimia um jornal e era representante de turma: entre os 164 alunos, integrava um grupo de seis, conhecidos como Vermelhos” (Jornal Manchete, 1988, p.100) A senhora se lembra quem era os componentes do grupo? O que eles faziam?

24) No ano de 1964 Afranio se casa, antes de concluir o curso de Medicina. Sua esposa era da mesma área? O sogro de Afrânio concordou com o casamento? Quem era a noiva? Quem era pai da noiva?

25) Quando Afranio conclui seu curso de Medicina em 1965 ele passa a integrar a equipe de Ivo Pitanguy. Como se deu o ingresso dele nesta equipe?

26) Na entrevista ao Jornal Manchete de 1988 ele diz que ao terminar a Universidade havia computado três prisões, uma em defesa de Cuba, a 2ª foi pela operação que realizou em Carlos Lamarca e a Terceira?

27) Vamos falar um pouco sobre a cirurgia que ele realizou em Carlos Lamarca no ano de 1969. Após ler algumas reportagens fica uma dúvida se ele sabia ou não que era Lamarca. Ele sabia ou não sabia? Comente um pouco sobre este período da cirurgia, a prisão de Afranio, o reencontro com a família e as filhas. Como foi viver este período?

28) No período da Universidade o filho de Anísio Teixeira o Teixeirainha (Anísio Teixeira Júnior) foi “companheiro de atividade política e meu calouro da faculdade” (Afrânio, 2011). Neste período eles se reuniam na casa de Teixeirainha para ouvir Anísio

Teixeira “O pai da educação na América Latina” disse Afrânio na mesma entrevista ao Jornal Correio de Uberlândia em 2011. Como foi a relação que Afrânio construiu com Anísio Teixeira? Esta convivência influenciou Afrânio a se interessar pela área da Educação?

29) Entre os anos de 1966 a 1979 Afrânio foi professor da Escola de Medicina e Cirurgia. O que representava para ele ser professor? Ele se realizou como professor? Ele comentava se os pensamentos de Anísio Teixeira estavam presentes no Ensino Superior?

30) Afrânio durante sua graduação demonstrou muita responsabilidade e um espírito de liderança, foi escolhido para ser orador da turma, representante, imprimia o jornal da Universidade dentre outros feitos. Para você e sua família, ele era um líder nato?

31) Afrânio teve uma experiência muito rica com o irmão Carlos Augusto vice-presidente da União Metropolitana de Estudantes - UME da década de 60, depois ele filia no Partido Democrata Trabalhista — PDT e vocês também? —

32) Você e Chico Humberto criam quase cinquenta diretórios do PDT. Afrânio foi um estrategista da campanha de Francisco Humberto a Câmara Federal, foi diretor do Sindicato Rural de Uberlândia de 1986 -1987?

33) Quando Afrânio retorna a Uberlândia? Ele afirma em uma de suas reportagens que retornou a Uberlândia em 1988, mas de acordo com as reportagens dos jornais da cidade me pareceu que ele retornou antes? Quando ele retorna a Uberlândia? Por que?

34) Ele foi o articulador da Campanha do ex-prefeito Paulo Ferolla? Como foi este período?

35) Quando Afrânio retorna a Uberlândia, o candidato a Prefeitura de Uberlândia era o Sr. Virgílio Galassi. Qual a participação de Afrânio nesta campanha?

36) O que instigou um médico cirurgião-plástico renomado a se interessar pela Educação e posteriormente convidado a ser o Secretário de Educação?

37) O que pode dizer sobre a vida política assumida por Afrânio. Como trabalhar num governo dito de direita com interesses políticos de vida tão diferentes?

38) Como ele conseguiu ser Secretário de Educação por quatro governos?

39) Para você e sua família, Afrânio tinha ideias ousadas para época?

40) Sabe o que aconteceu após dois anos como Secretário de Educação no governo do Sr. Virgílio Galassi e o Sr. Paulo Ferolla, no período de 1997 a 2000? No terceiro mandato Sr. Virgílio é reeleito, mas não convida Afrânio para ser o Secretário. Por que?

41) Afrânio em uma de suas entrevistas diz “Fiz uma plástica na educação de Uberlândia”. Não acha um exagero essa afirmação?

42) Afrânio conversava muito com a senhora respeito de seus projetos educacionais? O que discutiam?

43) Na história da educação municipal de Uberlândia Afrânio Azevedo foi o ÚNICO secretário a ocupar o cargo por 16 anos, para você houve nesses anos um período ascensão, estagnação e decadência da educação municipal?

44) Em 2015 na ocasião do falecimento de Afrânio você dá um depoimento ao Jornal Correio de Uberlândia dizendo que “Vocês tinham os mesmos sonhos políticos, os mesmos sofrimentos” Comente um pouco esta afirmação.

45) Nesta mesma reportagem a senhora comentou o lado artístico de Afrânio. O que ele gostava de cantar e tocar nas reuniões de família?

46) Afinal quem foi Afrânio para a família AZEVEDO e para a Educação Municipal?

**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-Mail :ppged@faced.ufu.br**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica—Bl. “G”. CEP 38400-902 Uberlândia-MG. Fone/fax0XX 034 3239-4212**

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

A EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA SOB EGIDE de AFRÂNIO  
 AZEVEDO  
 1989-2012

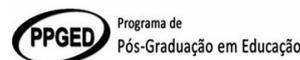
Nome:  
 Endereço:  
 Email:  
 Telefone:  
 Tempo de matrimônio com Dr. Afrânio.

Explicar a pesquisa.

- 1- Como e quando  
você conheceu o Dr. Afrânio?
- 2- Ele teve quantos  
irmãos? E filhos?
- 3- Conte-me o que  
você sabe sobre sua infância, adolescência, juventude, período de faculdade de  
medicina e secretária de educação.
- 4- O que ele gostava  
de fazer nos momentos de ócio?
- 5- Gosto por músicas,  
filmes e leituras. Qual leitura preferida? Livro de cabeceira?
- 6- O que o levou a  
enveredar para educação?
- 7- Você chegou a  
assumir alguma função durante as gestões de Afrânio? Qual?

- 8- Nas reportagens que encontrei ele mencionava muito Anísio Teixeira, mas não com detalhes. Você poderia nos contar sobre a importância de Anísio para Afrânio Azevedo.
- 9- Afrânio Azevedo ficou muito conhecido devido à cirurgia que realizou em Carlos Lamarca. O que você sabe a respeito?
- 10- E do período em que ele foi exilado?
- 11- Na história da educação municipal de Uberlândia Afrânio Azevedo foi o ÚNICO secretário a ocupar o cargo por 16 anos, para você houve nesses anos um período ascensão, estagnação e decadência da educação municipal?
- 12- Quem foi Afrânio Azevedo para a você? E para a Educação Municipal?

APÊNDICE 4 — Autorização para uso dos dados das entrevistas



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica— Bl. “G”. CEP 38400-902**

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**FREITAS-** Aparecida Jesuína Nogueira de Freitas

**PESQUISADORA:** Maria Cristina

**LOCAL-** Residência da Aparecida Jesuína Nogueira de Freitas

**DATA-** 01/08/2019

**PESQUISADORA:** O roteiro é só para ter direcionamento, um norte, mas como você não ocupou cargos de confiança, mas como supervisora, pedagoga, por diversas vezes você participou de equipes de coordenação, pode estar retratando seu olhar nesses períodos de acordo com os cargos que ocupou ou fez parte de equipes de coordenação, direção e como você via o que estava acontecendo na secretaria nesses momentos.

**FREITAS:** Meu nome é Aparecida Jesuína, sou pedagoga de formação, formada na UFU, com especialização em filosofia. Meu ingresso na secretaria de educação deu-se em 1984, na educação Infantil mesmo na gestão do então prefeito Dr. Zaire Resende. Nessa administração houve um aumento muito significativo do atendimento para crianças nos diversos bairros da cidade — Educação Pré-escolar. Para ocupar as vagas de professores foi feito um processo seletivo e fomos contratadas em regime Celetista. Trabalhei como professora no Pré-escolar do Bairro Roosevelt e depois foram escolhidas algumas professoras para fazer parte, na SME, como auxiliar de Supervisão. Fiz parte desta equipe coordenando, juntamente com a Supervisora, um roteiro. Cada roteiro era formado por várias escolas. Antes do primeiro concurso trabalhei também como auxiliar de supervisão na Divisão de Educação de Jovens e Adultos. O primeiro concurso em 1990, já na administração do Dr. Afranio, pra mim foi um marco na educação. A partir do concurso houve a possibilidade de poder formar uma equipe com funcionários estáveis, o que também possibilitou a continuidade da formação. Como em 1990 eu já trabalhava como pedagoga na Escola Municipal Afrânio

Rodrigues da Cunha, situada no bairro Jardim Brasília — na época a única escola municipal que oferecia do Pré-escolar, 1ª a 4ª série, e Educação de Jovens e Adultos na zona urbana —, eu prestei o concurso para Supervisora, mas iniciei como professora da Educação Infantil.

**PESQUISADORA: O primeiro concurso foi em janeiro de 1990, e a posse foi em agosto.**

**FREITAS:** De 1984 a 1990 eu tive a oportunidade de ver grandes mudanças na educação. A confiança que o Dr. Afranio depositava nas equipes de coordenação fazia com que nós desejássemos crescer e ver as coisas acontecerem nas escolas.

**PESQUISADORA: E durante todo esse período você esteve como supervisora?**

**FREITAS:** Sim, durante esse período eu era supervisora, mas participei de comissões de coordenação por diversas vezes.

**FREITAS:** Depois que saí do Afrânio em 91, fiquei por seis meses na direção do CEMEPE para a Sônia assumir a escola de magistério que estava sendo idealizada. Ela participou da organização da documentação, de todo o processo de criação da escola. Eu assumi o CEMEPE por seis meses porque, atendendo a um pedido do Dr. Afranio, prometi que ficaria 6 meses porque estava grávida e assim que meu filho nascesse eu iria mudar para o Ceará e fiquei de LIP. Saí em maio de 1992 e voltei em setembro de 1994.

Quando eu retornei do Ceará, eu retornei para o meu cargo de supervisão. Na época ainda trabalhávamos oito horas, então fiquei na E. M. Otávio Batista — Universidade da Criança, à tarde e à noite. Me lembro que um dia eu estava lá à noite, o Dr. Afranio chegou, ele brincou que tinha ido me apresentar à noiva dele, ele ainda não tinha casado. Na verdade a visita era para me convidar para assumir o CEMEPE, e aí eu infelizmente não pude aceitar. Meu filho estava com dois anos, o tempo pra ele já era pouco trabalhando oito horas por dia e eu sabia que assumir o CEMEPE e toda a demanda desse centro de formação, que era a “menina dos olhos” do Dr. Afranio, seria uma responsabilidade muito grande e também uma dedicação de tempo exclusiva. Aí foi quando a Eloá assumiu o CEMEPE, e eu continuei como pedagoga. Acho que foi em 1995 que recebi o convite para participar com Eliana Leão e Wilma Portilho da elaboração da Proposta Pedagógica para o município. O projeto chamava Definindo Caminhos e teve muito apoio do Dr. Afranio. Depois assumi outros cargos, trabalhei na Assessoria Pedagógica juntamente com uma equipe coordenada pela Célia do Nascimento Tavares. Mas meu maior percurso foi dentro da escola.

**PESQUISADORA: O CEMEPE foi criado em 91? Quando inaugurou o prédio que temos hoje? O CEMEPE foi criado antes da rede própria física, ele começou lá na José Vital Carrijo. Não foi na escola Afrânio?**

**FREITAS:** Então, a gente fala que começou no Afrânio, porque montamos um grupo de estudos lá, quando quase não se fazia formação no Ensino Fundamental por questões de cumprimento de carga horária dos alunos, (e) começamos a estudar com a equipe de professores. Ainda não era com esse enfoque de CEMEPE, pelo menos na minha concepção não. A gente pensou em estudar com a equipe, porque a equipe que a gente tinha, como era a única escola de zona urbana que atendia educação infantil, ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos, era muito grande e tinha muita gente boa que poderia contribuir com os estudos e que estava a fim de estudar. Eu sempre acredito que quando juntamos educação infantil com a educação fundamental para estudar dá uma mistura muito boa, porque a visão dos professores do Ensino

Fundamental da escola Afranio, naquela época, era uma visão mais crítica. A equipe topou fazer esse grupo de estudo e a gente começou a estudar, a gente estudava meio período na sexta-feira, acho que era quinzenal. Isso criou um movimento na SME, começamos a pensar em encontros que pudessem atender mais professores, contamos com a grande contribuição do professor Tiago Adão Lara. Acho que aí começa a ser idealizado o centro de formação, então daí que surgiu o CEMEPE.

Nesse começo dos estudos contamos muito com o apoio do Dr. Afranio, acho que lá no fundinho, no coração, ele já tinha idealizado essa escola, de um lugar para o professor estudar. Eu me lembro que, quando ele convidou a gente para a primeira reunião, eu trabalhava na Divisão de Ed. de Jovens e Adultos com a Maria Helena Gervásio. Assim que ele tomou posse ele brincava que iria mandar a gente estudar na Sorbonne.

Outra coisa que me fez acreditar muito no potencial e caráter do Dr. Afranio foi quando ele pediu para que fizéssemos uma lista tríplice dentro de cada Divisão para que, a partir da lista e de uma entrevista, ele e sua equipe escolhessem as novas assessoras. Quem ficaria nos cargos das coordenações. Na época ficamos muito apreensivas, na verdade ficamos muito bravas de pensar que eles iriam assumir a SME e mandar todo mundo embora, porque a gente não era concursada. Ele fez o contrário do que a gente imaginou que ele ia fazer, ele escolheu dentro da equipe, e ele falava isso o tempo todo: Eu sou médico, vocês são da educação, então eu acredito que vocês sabem o que precisa ser feito para a educação de Uberlândia.

Hoje, vendo tudo que o Dr. Afranio idealizou e possibilitou as equipes realizarem, a construção das escolas, tenho certeza que quem viveu o que o Dr. Afranio viveu, o percurso dele como ativista político, o fato dele ter tido uma relação também muito próxima com o Anísio Teixeira, eu não acho que ele não entendia de educação, ele entendia e ele vislumbrava já tudo que aconteceu aqui enquanto ele foi secretário. Ele também participou da elaboração do programa de governo, ele participou e ajudou a idealizar isso tudo. Então eu acho que uma das metas da educação que ele falava muito era a formação do professor. Acho que bateu aquela vontade de fazer o que não deu tempo do Anísio Teixeira continuar fazendo.

Pra mim casou a vontade do Dr. Afranio com o movimento que já estava acontecendo na escola Afranio. Nós conseguimos fazer um encontro grande, que foi muito bonito, lá na Universidade, na escola Afranio já não caberia tanta gente. Foi incrível ver o movimento e a disposição de toda a equipe no planejamento e organização desse encontro. Desse encantamento com a possibilidade da formação, acho que surgiu a vontade de uma coisa maior, de criar um espaço, de construir um espaço e aí, enquanto não construiu, ficou nos espaços alugados. Até nisso as ideias do Dr. Afranio eram grandes: construir escolas diferenciadas, se compararmos com os modelos arquitetônicos das escolas da época, e até para as construções atuais. Então o CEMEPE foi construído e pensado num complexo centro de formação, que ele chamava de Casa do professor, e as 3 escolas.

**PESQUISADORA:** Então, você fala de como ele escolheu a equipe, a primeira equipe dele, essa lista, quem fez essa lista, foram vocês, como é que foi?

**FREITAS:** Tinha uma equipe de assessores que já iniciou com ele. E as assessorias pedagógicas ele escolheu com os profissionais de cada Divisão: Divisão de Educação Pré-Escolar, Divisão de Ensino Fundamental e Divisão de Educação de Jovens e Adultos. Eu lembro como se fosse hoje, ele reuniu com cada equipe, eu fazia parte da equipe de Ed. de Jovens e Adultos, nossa coordenadora era a Leninha (Maria

Helena Gervásio), na Educação Infantil a coordenadora era a Olga Lara. Aqui abro um parêntese porque antes eu falei que começamos um processo de estudos com a equipe da Escola Afrânio, mas quando iniciamos em 1984 na Educação Infantil já estudávamos muito sob a coordenação da Olga. Ela também idealizou uma educação infantil de qualidade, falo que ela conseguiu juntar a fome com a vontade de aprender, porque a gente tinha um processo de estudo muito grande na Educação Infantil, era um processo diferenciado, e eu fiz parte da Educação Infantil por muito tempo. Naquela época a Olga já conseguia colocar toda a equipe para estudar e conseguia também reunir com todos os professores para estudar porque o calendário de 186 dias letivos possibilitava esses encontros.

Então, quando o Dr. Afranio chegou, eu estava na Educação de Jovens e Adultos e ele fez a reunião para conhecer todas as equipes, cada coordenação com a sua equipe. Nessa reunião foi relatado todo o trabalho desenvolvido até o momento. Depois, já sem a participação das coordenadoras, que eram cargos de confiança da administração anterior, ele fez outra reunião com os profissionais de todas as divisões e solicitou que fizéssemos dentro de cada equipe uma lista tríplice. Dessa lista tríplice ele escolheria as novas coordenadoras. Essa reunião foi tensa porque ainda não acreditávamos que ele realmente iria aceitar nossas indicações. Inicialmente não conhecíamos o Dr. Afranio, não conhecíamos a equipe de assessores dele. Eu não conhecia.

Conversamos muito na época para ver quem gostaria de participar e, na nossa equipe, achamos melhor votar para formar a lista tríplice. Não foi fácil para nós, naquele momento, se candidatar pra assumir o lugar das nossas coordenadoras que estavam saindo. Eu fui uma das escolhidas, eu, a Isildinha e a Eliana. Na entrevista que ele fez com cada integrante da lista tríplice já ficamos conhecendo um pouco mais o que ele pretendia fazer como secretário de Educação. A Eliana Leão foi a escolhida por conta de ter mais tempo na Divisão, eu até me lembro dele falar comigo, que não iria me escolher porque eu era a mais nova na equipe. Então democraticamente ele iniciou fazendo o contrário do que imaginávamos e isso deu até um respiro de alívio pra gente.

**PESQUISADORA: A questão de respeito também, né, porque ele chegou, vocês já têm uma história que já estava em construção, respeitou os que estavam, porque quem escolheu, entre vocês?**

**FREITAS:** Eu penso que nas primeiras reuniões com as equipes o Dr. Afranio percebeu também que a gente tinha ciúmes do nosso trabalho, era uma equipe que realmente trabalhou muito e sentíamos prazer de fazer parte da Secretaria, de fazer as coisas acontecerem. Acho que ele percebeu aquela garra, por isso ele falou para a gente: Quem vai trabalhar são vocês, eu vou ser o secretário, mas quem vai me falar os caminhos e dizer o que tem que ser feito são vocês, porque sabem de tudo das escolas e de tudo da secretaria, eu vou aprender com vocês. Então assim ele conquistou e teve um respeito muito grande da equipe.

**PESQUISADORA: A equipe, então, essa primeira equipe fica entre vocês mesmo que já atuavam nessas escolas. Aí no início vocês tinham só a escola Afrânio, de Ensino Fundamental, na zona urbana, e na zona rural tinha algumas escolas, mas de fundamental, na zona urbana, apenas o Afrânio.**

**FREITAS:** A Educação Infantil já existia em praticamente todos os bairros da periferia, as escolas funcionavam em espaços alugados ou cedidos por associações, igrejas, e também já existia a escola Criança Feliz no centro. A Educação de Jovens e Adultos à noite, muitas salas em escolas estaduais, igrejas. Já existia atendimento na zona rural. A construção e idealização das escolas de zona urbana e da zona rural foi de

iniciativa dele. O que ele idealizou, o que ele quis fazer, o que ele planejou, o que era meta ele fazia. Por isso acho que ele tinha muito dessa coisa, de já ter pensado como proposta de um plano de governo que ele ajudou a elaborar, o fato dele ser muito respeitado pela administração possibilitou fazer muito. Ele tinha muita abertura, eu falo que ele não tinha que ficar pedindo muito a benção, o Dr. Afranio falava eu vou fazer e fazia, então eu acredito que ele tinha um respeito muito grande dos administradores e da sua equipe.

**PESQUISADORA:** Então, e essa questão política, da história política dele, e o que ele encontra aqui depois que ele retorna para Uberlândia, ele nunca falou que atrapalhou e tudo, você acha que se deve a que todo esse respeito que as pessoas tinham por ele? Ou você não conhecia, essa história era desconhecida?

**FREITAS:** Assim que ele assumiu, as pessoas começaram a comentar que ele era o médico que tinha operado o Lamarca. Eu já sabia quem era o Lamarca, então tentei saber mais sobre quem era o Dr. Afranio. Descobri muita coisa bacana sobre ele, sobre a família dele. Mas eu acredito que para a maioria das pessoas que trabalhava na época essa militância política era desconhecida e não teve muita relevância. Ele também não ficava falando sobre isso. Ele na verdade falava muito do Anísio Teixeira, acho que em todos os discursos.

**PESQUISADORA:** Porque, assim, eu mesma, durante todo esse período, eu vim tomar ciência disso agora, no projeto do doutorado, que eu encontrei reportagens, não sei se de 2011 ou 2014, que ele cede uma entrevista, que eu fui andar atrás e aí eu encontrei. Mas, até então, enquanto funcionária do município, eu desconhecia a amizade dele com o Anísio Teixeira, essa questão dele, da militância, de ter os ideais pautados em Anísio.

**FREITAS:** Quando ele participava da abertura dos encontros de formação ou participava da abertura de um evento promovido pela SME ou mesmo por outros órgãos, na maioria das vezes ele falava sobre o Anísio Teixeira. Eram ideais bem parecidos, eu acho, de democracia, de escola laica, de escola para todos.

**PESQUISADORA:** Agora, hoje, por exemplo, depois que eu li sobre Anísio Teixeira e o que foi acontecendo no município, aí você fala: Poxa, realmente as ideais, está tudo aqui assim, os módulos de educação infantil, de onde vem essa ideia, essa questão do professor, porque eles investiram muito na questão da nossa formação. Na própria construção das escolas e da comunidade. Então, aí você começa igual você falou, mesmo com as informações um pouco diluídas, quando você olha com um olhar mais profundo você começa a entender. E aí, Cida, você, no primeiro governo que foi do seu Virgílio, todos eles, você estava na supervisão. Eu queria que você, se você conseguir se lembrar, a questão desse primeiro governo de 89 a 92, o que você lembra e acha que foi relevante nesse período, e depois na próxima eleição, (quando) a gente tem o seu Paulo Ferolla (como prefeito).

**FREITAS:** Eu entrei de licença em 1992 e fiquei 2 anos e 6 meses fora de Uberlândia. Então peguei praticamente o final da administração do Ferolla.

**PESQUISADORA:** Então, quer dizer que você também encontra, na sua volta, a prefeitura... (Quero saber) se você percebeu que tinha alguma coisa bem diferente daquilo que você deixou, no caso.

**FREITAS:** A impressão que tive foi que na primeira administração ele praticamente conseguiu concretizar quase todas as metas, a construção das escolas, iniciar a formação dos professores, investir na formação dos profissionais, a formação

remunerada, o professor estudava, mas tinha um incentivo financeiro, tipo uma ajuda de custo. A equipe do CEMEPE era uma equipe muito boa, profissionais muito comprometidos e que queriam fazer a diferença. Então eu acho que o que ele idealizou foi praticamente concretizado. Quando eu voltei, achei a SME muito diferente, inclusive no número de escolas. Eu voltei e senti que muita gente que tinha assumido as escolas tinha virado meio que dono da escola, algumas diretrizes tinham se perdido. Assim que voltei tive que ir na secretaria para ver onde seria minha lotação, ver em quais escolas tinha vaga, porque quando saí de LIP eu estava no CEMEPE. Daí comecei a trabalhar na Universidade da Criança. O que percebi é que a gestão estava muito centrada no diretor. Acho que foi uma perda nesse processo de tentativa de construir uma gestão mais coletiva, acho que algumas pessoas que assumiram se sentiram, assim, meio que donos da escola, apegaram demais à escola. Talvez o fato da Rede ter crescido muito tenha dificultado a continuidade da formação. Antes acho que, por o grupo ser menor, percebíamos mais o trabalho em equipe, mais coletivo, a gente tinha muito isso, mas aí a secretaria já tinha crescido tanto, tinha tomado uma dimensão tão grande que também não sei se dava para continuar com os princípios de antes. Acho que até hoje a secretaria não conseguiu ter uma diretriz que unificasse pelo menos as diretrizes político-pedagógicas. Cada escola faz as coisas acontecerem cada uma do seu jeito e muitas vezes com concepções muito contraditórias.

**PESQUISADORA: Então, você falou, Cida, da questão da remuneração dos profissionais e que os professores tinham, inicialmente. Você lembra como isso aconteceu, ou alguma coisa nesse sentido?**

**FREITAS:** Não me lembro. Foi bem no início, e não durou um tempo grande. Eu lembro que era uma ajuda de custos para que o professor estudasse fora de seu horário de trabalho. Não me lembro como foi que tramitou o projeto e quando foi que parou de pagar.

**PESQUISADORA: E aí você fez o concurso de 90 para supervisão, e quando você sai, não você ainda participa da elaboração do concurso de 91 e 92, você ainda estava em Uberlândia. Você participou dessa organização desses concursos?**

**FREITAS:** Participei da organização, e também fazíamos a correção das provas. Não me lembro como foi a elaboração das provas.

**PESQUISADORA: E você falou outra coisa bem no início, de um projeto, Definindo Caminhos?**

**FREITAS:** O Definindo Caminhos, quando eu voltei, já estava acontecendo. A Eliana Leão e a Wilma Portilho coordenavam o projeto que tinha o objetivo de construir uma proposta de educação para o município. Estava fazendo muita falta ter uma diretriz para as escolas, uma proposta, que chegasse nas escolas para contribuir. A proposta foi construída por um grupo de professores das escolas, que depois seriam os multiplicadores das concepções em cada escola, professores da UFU e de outras instituições, mas a maioria era da UFU mesmo. Os encontros foram riquíssimos e o empenho dos grupos de cada área foi muito grande. Eu participei com a Eliana e Wilma por um tempo. A proposta foi concluída, mas não conseguimos que fosse colocada em prática nas escolas. E a proposta ficou excelente. Ela foi feita totalmente de forma interdisciplinar, e foi elaborada bem antes dos parâmetros curriculares.

**PESQUISADORA: Mas ela foi com o Dr. Afranio na gestão.**

**FREITAS:** Foi um trabalho que contou com o apoio do Dr. Afranio. Inclusive essa proposta chegou nas escolas, e aí o que faltou foi passar por um processo de

estudos, então realmente fazer a proposta acontecer, mas ela era muito, muito avançada para a época. Eu lembro que sentava o Irineu da Geografia, a Selva da História, a professora Antônia de Ciências e os professores representantes das escolas e iam pensando as disciplinas de forma totalmente integrada. Conseguiram elaborar uma proposta interdisciplinar, você pegava a proposta de Geografia, História e Ciências, Matemática, Artes, Português e percebia como era importante pensar o conhecimento de maneira integrada e nela era possível ver a integração. Mas não chegou também a ser uma proposta que aconteceu nas escolas, muito em função da formação, de investir na formação, e de realmente ter uma equipe dentro da escola que pudesse fazer a proposta acontecer.

**PESQUISADORA: Você sabe se teve alguma escola que seguiu?**

**FREITAS:** A elaboração contou com representantes de todas as escolas, por isso não pensamos em uma escola piloto ou algumas escolas piloto, pensamos que, como ela foi construída com um grupo grande de professores de todas as áreas, que todos seriam multiplicadores e aconteceriam as formações e aí que eu acho que foi o entrave. Mas sabíamos de algumas escolas, por desejo mesmo dos professores, que estavam trabalhando com a proposta.

**PESQUISADORA: Uma das coisas que você falou também, que eu penso também, é isso: essa questão, hoje, nossa, do município, de ela ter uma diretriz, e eu não sei se justifica só pelo tamanho da rede. Claro que quando ela é menor é mais fácil, porque quando vocês eram pedagogas de roteiros conseguiam fazer a formação porque os roteiros eram menores e tudo. Mas eu não sei se hoje também essa formação não poderia ter sido feita. O que falta, talvez, é ver como vai estruturar essa formação para que ela aconteça in loco. Porque, assim, a formação dos 200 dias pode ter mexido, mexeu, mas tinha que ter pensado uma forma, porque essa questão da formação do professor, ela é fundamental para que o trabalho seja desenvolvido de uma forma diferente, com um olhar mais crítico, tanto do professor, porque se o professor não tiver esse olhar, ele não vai conseguir levar a criança a perceber o que precisa ser percebido. Então, a gente tinha essa facilidade de sentar, mas, mesmo assim, na hora que sentava tinha 30, 30 na mesa para discutir o livro que era lido.**

**FREITAS:** As iniciativas de formação sempre aconteceram no Ensino Fundamental, na Educação Infantil, na Educação de Jovens e Adultos durante o tempo em que o Dr. Afranio foi secretário e também na gestão de outros secretários. A criação das Coordenações de Área também favoreceu as formações. Os módulos foram criados para estudos e planejamentos. Quando você falou da formação in loco, eu acho que ela acontece se a equipe da escola, direção, pedagogo, professores tiverem essa concepção de estudos e formação e se os módulos forem pensados para favorecer os estudos. Então dá pra ver que as iniciativas nunca pararam. Só que a formação parece que nunca chega da forma que deveria ao professor. Como você falou, 30 pessoas para estudar um livro, impossível considerar estudar assim. Muitas vezes não tínhamos nem o livro, muitos chegavam com o xerox na mão, e teve uma fase que nem todo mundo tinha xerox. A formação aconteceu, mas acho que não conseguimos fazer o estudo virar um hábito de formação in loco. A formação in loco possibilita um olhar mais crítico sobre a própria prática, discutir os problemas da escola e encaminhar possibilidades. É a formação que deveria acontecer na escola realmente.

**PESQUISADORA: É, na construção do CEMEPE, quando ele inicia, já com o foco na formação do professor, você sabe contar um pouco essa questão da**

**função mesmo do CEMEPE, da construção dele, quando ele passa para a Av. Prof. José Inácio de Souza, e que aí ele se constitui mesmo como CEMEPE, as ações que aconteceram ali, o que você lembra desse período?**

**FREITAS:** Nesse início na sede própria, eu já estava na escola, mas participei como pedagoga, às vezes como formadora dos processos de formação no CEMEPE. Por um bom tempo acho que o CEMEPE cumpriu a sua função. Todos nós, professores, pedagogos, gestores, setores administrativos, enfim todos os funcionários da Educação íamos muito para o CEMEPE, eram oferecidos bons cursos, até em parceria com a universidade e outras instituições. Depois, acho que com o aumento do número de escolas e de profissionais, não deu conta de cumprir muito bem essa função. Várias tentativas de sucesso aconteceram e acho que as falhas aconteceram muito em função da estrutura de investimento na educação que sabemos que não favorece a formação. A formação foi ficando muito repetitiva e já não atendia a demanda.

**PESQUISADORA: É porque realmente o pessoal fala muito, né? Porque, igual eu, antiga hoje, imagina dar uma formação para mim hoje, não vai ser a formação do professor iniciante, não tem como.**

**FREITAS:** Para o CEMEPE fazer a formação já não era muito fácil, a equipe não conseguiria fazer a formação de toda a rede, então acho que daí que começou a se pensar também na formação in loco.

**PESQUISADORA: Nossa! E aquela formação da Educação Infantil, in loco, foi uma formação muito positiva, eu participei.**

**FREITAS:** Foi, e foi boa porque, além do envolvimento da equipe das escolas, ela teve uma sequência, a gente fez a formação em Artes Visuais, Leitura pelo professor, Matemática. Tivemos um tempo maior para estudar e com a participação do diretor, do vice-diretor, do pedagogo, todos estudando juntos e com o compromisso de fazer a formação com a equipe de profissionais da escola. Essa formação realmente foi muito significativa.

**PESQUISADORA: É esse projeto, ele foi elaborado por quem?**

**FREITAS:** Essa formação da Educação Infantil que você falou, ela foi específica da Educação Infantil na época porque a Célia do Nascimento e sua equipe fizeram um projeto de formação que foi selecionado. Esse projeto teve na verdade o financiamento de algumas empresas e acontecia em diversas regiões do Brasil, não só em Uberlândia. A nossa região foi financiada pelo Instituto C&A. Com a participação do Instituto Avisa Lá. No início eu não estava nessa equipe diretamente, depois que eu fui para trabalhar com as ONGs como coordenadora de roteiro e formadora. Inicialmente participei como pedagoga. Era feito todo um planejamento junto com o Instituto Avisa Lá. Esse projeto foi financiado, acho que por 2 anos. Depois a Secretaria assumiu financeiramente e a equipe continuou com o planejamento, organização, execução e avaliação das formações.

Os estudos hoje também não acontecem dessa forma nas escolas. Para continuar ou perder o foco depende muito da diretriz de formação da SME e do CEMEPE.

**PESQUISADORA: E uma coisa que você falou muito importante também, eu acho que é o que atrapalha um pouco, é essa questão do diálogo, que no início tinha da Educação Infantil com o Fundamental por ser no mesmo prédio. E esse diálogo eu acho que também faz muita falta, é legal que tenha escola de Educação Infantil, é legal, mas como a rede é um seguimento, então esse diálogo tinha que ter essa continuidade: então vamos começar estudando isso na Educação Infantil, depois para dar o seguimento o professor do Fundamental vai estudar isso, né?**

**FREITAS:** Me referi à Escola Afrânio, que na época atendia desde a pré-escola, crianças de 6 anos, até a quarta série, hoje quinto ano. Na escola, estar junto Educação Infantil e Ensino Fundamental possibilitava um olhar diferenciado até para planejar as formações. Mas eu sempre penso que a Educação Infantil precisa de ter seu espaço próprio, as equipes é que precisam estudar juntas. E isso sempre foi uma das metas da secretaria, para que houvesse uma continuidade da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Algumas equipes tentaram fazer a integração tornar mais natural a passagem da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Mas não dá pra falar que conseguimos alcançar esse objetivo.

**PESQUISADORA:** **É, depois, Cida, no segundo governo dele, você ficou só um ano e pouquinho, você já falou, depois nós temos dois governos, um que ele não fica, porque é a irmã Ilar, e depois o outro que aí retorna a outra equipe, e depois em 2005 retornam novamente. E aí já se passaram oito anos, e, quando retorna, o que você acha? Houve mudanças na organização das equipes, do trabalho desenvolvido? Pois o secretário de educação continuava o Dr. Afranio. Na sua visão de supervisora, como você avaliaria a educação nesse período de 2005 a 2012?**

**FREITAS:** Nessa fase eu fiquei um pouco distante, eu praticamente não participei muito das equipes de coordenação, quando ele retorna... eu não sei te falar desse retorno. Mas o que percebi, estando na escola, é que nas escolas parece que tudo vai acontecendo de acordo com o desejo e o compromisso da equipe da escola com as crianças, com a comunidade. Estamos nas escolas como profissionais da educação e isso não muda em função desse ou daquele Secretário. A figura do Secretário faz diferença quando ele dá autonomia para a equipe trabalhar e investe nessa equipe, acredita no seu potencial. Acho que cada Assessoria abraçou a sua causa. Quando eu volto para trabalhar na Assessoria com a Celia, foi para trabalhar com as ONGs, como eu já falei, e também foi nessa época que aconteceram as formações. Eu fiquei muito interessada em conhecer o trabalho das ONGs e depois fiquei encantada com o trabalho que algumas já desenvolviam.

**PESQUISADORA:** **E aí, lá você era supervisora? Toda vida supervisora, quando você foi compor a equipe do CEMEPE, a de formação de professores coordenada pela assessora Celinha?**

**FREITAS:** Quando fui para a Secretaria, assumi a função de coordenadora de roteiro, passando a trabalhar com as ONGs. A Assessora era a Célia e a equipe de coordenadoras de roteiro ficava no CEMEPE para reuniões, estudos e planejamento da formação. Fazíamos visitas às escolas e tínhamos uma parte mais burocrática, mais administrativa, que dependia também da equipe da secretaria, então as reuniões aconteciam na secretaria e outras vezes no CEMEPE. As formações aconteciam quase sempre no CEMEPE, às vezes no Cícero Diniz e em outros espaços. E quando fazíamos os encontros com toda a Educação Infantil, reuníamos na Shalon.

**PESQUISADORA:** **Aí, então, quando você fala isso, no início a equipe foi escolhida entre vocês. É superinteressante, né, no início da gestão do Dr. Afranio vocês escolherem entre vocês, e depois, na de 2005 a 2012, tem equipes, mas com outra roupagem, como você falou agora, tinha a equipe de Educação Infantil que ficava no CEMEPE, e tinha os coordenadores que eram responsáveis pelas escolas, e o Fundamental também tinha isso. Me fala um pouco disso: como foi essa organização, essa estrutura, como ela foi pensada? Você participou?**

**FREITAS:** Isso eu não sei te falar. Na Educação Infantil eu me lembro porque eu era pedagoga da educação infantil. Não sei te falar como foi feita a do Ensino Fundamental. Mas, assim como na Educação Infantil, no Fundamental aconteceram também as formações. E as Coordenações de Área continuaram a se reunir com os professores do Fundamental no CEMEPE.

**PESQUISADORA:** Mas aí, no caso, sim. O Fundamental era por coordenação de área. A formação do Fundamental passava muito pelo coordenador de área. Quando eu passei pela Educação Infantil, cada coordenador, no caso igual a você, ficava na coordenação da Educação Infantil e a gente tinha os roteiros. Vocês tinham um número de escolas.

**FREITAS:** Exatamente. No meu caso era de ONGs. Comecei com ONGs e depois assumi algumas EMEIs no roteiro.

**PESQUISADORA:** Vocês eram responsáveis pela formação daquele roteiro.

**FREITAS:** A gente participava de todo o planejamento, de todo o processo, a gente conseguiu fazer um trabalho bem bacana que foi fazer a formação com todos os coordenadores das ONGs e o pedagogo junto com a equipe gestora das escolas de Educação Infantil, com diretores, vice-diretores, pedagogos. Assim como acontecia nas EMEIs, nas ONGs também aconteceu a formação in loco. As coordenadoras das ONGs participaram com muito compromisso e fizeram a formação in loco.

**PESQUISADORA:** Mas esta formação foi muito rica por volta de 2008. Eu digo 2008 porque eu estava na Educação Infantil neste período, então eram leituras científicas, pesquisas, o grupo se reunia, tinha as questões que tínhamos que responder para entregarmos na data certa.

**FREITAS:** A gente tinha um planejamento de estudos, roteiro de estudos, tinha também a participação e acompanhamento da equipe do Instituto Avisa Lá, que também solicitava os registros, por isso a necessidade das tarefas. Depois que encerrou o projeto a gente ainda manteve um vínculo muito grande com a equipe de SP. Depois iniciamos também a estudar os referenciais curriculares, tentamos fazer um link com os estudos anteriores.

**PESQUISADORA:** No caso, o de vocês era todo voltado para Educação Infantil?

**FREITAS:** Voltado exatamente para a Educação Infantil.

**PESQUISADORA:** O projeto, eu achei assim, eu não conheci todo o projeto, mas o que eu pude participar enquanto docente eu achei de uma riqueza muito grande, mas com o mesmo questionamento: e o Fundamental? Porque, quando a criança chega no Fundamental, aí não tem este diálogo, então, assim... no Fundamental a gente teve uma formação, mas não sei se foi neste período 2005 a 2012, não lembro. Estou igual a você, não posso afirmar o período, mas não consegui, assim... pelo menos em meu pensamento não consegui atingir o professor como foi a Educação Infantil. Eu considerei uma formação muito organizada.

**FREITAS:** A formação da Educação Infantil foi mesmo dirigida, e percebemos, na época, que, por ser mais dirigida, teve muita gente que criticou. Mas tínhamos uma intencionalidade com o projeto e avalio que valeu a pena, mesmo com todas as dificuldades, como a que você falou que às vezes era um livro para um grupo de 30, mas também contamos com materiais que considero até hoje muito bons, que valeu a pena estudar. Eu pelo menos aprendi muito.

**PESQUISADORA: Eu tenho a minha pasta de 2008. É um tufo de pasta com vários textos.**

**FREITAS:** Se você pegar, são textos muito bons que a gente estudava, você voltava da reunião de estudos no CEMEPE e já começávamos a organizar a formação nas escolas porque dependíamos dos módulos. E o rico é que muitas vezes dava para estudar com mais de um professor durante os módulos, então a troca de experiência era boa. E não era só professor que estudava, envolveu educador, até os oficiais administrativos, as ASGs, na época todo mundo participava e acontecia até um trabalho com a comunidade também. Como estávamos sempre colocando a produção das crianças para fora da sala, e realmente era a produção das crianças nos estudos, falamos o tempo todo na valorização da produção da criança e não dávamos muito espaço para os estereótipos. Uma das metas era começar a valorizar muito o que a criança produzia, por isto trabalhamos tanto com a questão da arte. Então, quando você trazia todo esse trabalho para fora da sala, você começava a contagiar a comunidade. Então foi um trabalho muito rico. Hoje eu não sei.

**PESQUISADORA: Outra coisa também, Cida, que eu acho que vocês conseguiram, foi a questão da teoria e da prática. O professor tem mania de querer desvincular a teoria da prática. Ela é integrada e a gente nem percebe, porque, quando você está em constante formação e tudo, você não para pra pensar qual teórico está ali, é uma coisa automática, a hora que você vê, você já está fazendo a prática de alguém que você está estudando. Eu penso que a formação da Educação Infantil teve muito esse resultado, né, de vocês verem na prática o que estavam estudando**

**FREITAS:** Isso eu acho que foi muito em função dos objetivos do projeto mesmo. O que o projeto visava era a formação in loco. Acho que conseguimos quebrar essa coisa de que estudar era só lá no CEMEPE. Parece que quando você fala “eu estudo no CEMEPE e volto para a escola” parece que você esquece a pastinha no caminho, né? (risos). E com a formação in loco tínhamos uma segurança de ações: vamos estudar um texto, ver um vídeo, um filme, ler um livro ou capítulos de um livro com o olhar voltado para minha prática, para o que estava acontecendo na escola. Nós estamos estudando é o teórico mesmo, igual o que você falou: mas o que esse teórico tem a ver com a escola? O que estamos fazendo em sala de aula que está escrito aqui dentro deste texto? O que estamos fazendo que não tem nada a ver com o texto? Então, realmente era você parar e ter um diálogo sobre sua prática. Foi lento, vagaroso, você via passos pequenos, mas que valiam a pena. Alguns professores tinham um interesse muito grande, alguns iam além de toda a equipe. Mas eu falava muito com as meninas: você acredita nisso que estamos fazendo? Então, vamos fazer. Aí, outro que não acreditava, eu trabalhava com esse professor, mas eu investia muito mais no outro que topava, porque eu acredito muito numa coisa que Freinet falava: que as mudanças na escola têm de acontecer por contágio. Não dá pra ser de cima para baixo. Aí, quando o professor que estava meio resistente via o outro fazer com aquela garra, ele queria começar a fazer (ia contagiando, né), ele queria começar a fazer, então a gente viu isso acontecer na equipe, cada um em seu tempo, no seu processo histórico de estudos, de vivência, de análise da prática mesmo, mas a gente viu muita coisa acontecer, muita coisa boa acontecer.

**PESQUISADORA: Na história da educação do nosso município até agora, Cida, em todas as pesquisas que eu fiz, a única secretaria de educação que teve um único secretário de educação por tanto tempo foi a nossa de Uberlândia. Eu não**

consegui achar. Eu achei Secretaria de Educação que teve o mesmo partido político por 16 anos, porém com secretários diferentes. A nossa não, o mesmo secretário por quatro governos. Vamos pensar, talvez uma rotatividade entre eles, né? Mas para você, que viveu esse período desde 84 até o final do Dr. Afranio em 2012, o que você colocaria que você poderia dizer não? Isso iniciou, permaneceu e tudo, isso valeu a pena realmente? Está aqui até hoje, foi fundamentado, foi no período do Dr. Afranio, foi uma coisa que foi pensada por ele ou não, ou aquilo que você fala assim: isso aqui foi pensado, nós pensamos com ele. Igual o que você falou do projeto “Definindo Caminhos” que era um projeto muito bom, que foi no período da administração dele, porém foi um projeto que não teve esta receptividade por parte das pessoas. Então, assim, como você vê isto? Você acha positivo ou...

**FREITAS:** Eu acho que, pra educação de Uberlândia, o fato do Dr. Afranio ter assumido a secretária por tanto tempo foi um ganho muito grande. Tendo em vista a autonomia que tivemos para trabalhar, o que ele nos possibilitou pensar e fazer. A forma que ele enxergava a própria secretaria. Eu tenho certeza que seria diferente se tivesse assumido um outro secretário que tivesse trazido toda uma equipe, que não tivesse valorizado aquela equipe de profissionais que já desenvolvia o trabalho. A partir do momento que Dr. Afranio enxergou esse potencial dentro daquela equipe que estava ali, ele empoderou a equipe e, pra secretaria de forma geral e para as escolas, acho que foi um jeito diferente de administrar. Acho que as equipes de coordenação sempre respeitaram muito o Dr. Afranio. Se ele acreditava na equipe, então pensamos em dar o nosso melhor. E isso foi um ganho para a SME. Penso que esse sentimento permaneceu, as pessoas que trabalharam ao lado do Dr. Afranio tinham uma admiração muito grande por ele. Ele dava espaço para a apresentação dos projetos, ele acreditava que nós sabíamos o que tinha de acontecer nas escolas. Então, querendo ou não, isto dava um poder de decisão para a equipe querer fazer, de ir atrás de planejar, propor mesmo. Um exemplo é o Definindo Caminhos. Ele não foi pensado pelo Dr. Afranio, foi uma equipe — Eliana Leão, Wilma Portilho, Gesimeire Araújo, eu participei um tempo nessa equipe —, então, como eu disse, o projeto não saiu da cabeça do Dr. Afranio, mas sabíamos que quando chegasse nele tinha respaldo e abertura. Podia até não acontecer da forma como imaginávamos, mas tínhamos abertura para fazer. E eram ideias muito boas. Essa coisa dele acreditar na equipe foi um diferencial, foi um divisor de águas. Pra mim, o Dr. Afranio ter passado por estas administrações foi, sim, positivo. O que eu vejo de positivo foi isso mesmo, ele valorizar, acreditar em cada profissional que estava lá dentro que ele sabia que poderia dar continuidade no trabalho. O que eu acho que atrapalhou um pouco foi essa coisa da vaidade que eu brincava com ele: “Dr. Afranio o senhor está ficando vaidoso”. Ele ria. Mas acho que a vaidade não foi só dele, a vaidade foi também das pessoas que assumiam as escolas e a escola começava a ser “meio minha”, isso eu acho que foi uma perda.

Mas a avaliação é positiva e a educação caminhou muito. Uberlândia foi referência de educação por muito tempo, então eu acho que foi mais ganho do que perdas.

**PESQUISADORA:** Você lembra de algum projeto, Cida, que foi... que ele tenha passado para vocês? Que ele tenha pensado e apresentou ao grupo para que vocês pudessem pensar juntos?

**FREITAS:** Não. Como eu não fiquei o tempo todo em coordenação, isso aí eu não sei te falar. Eu sei, sim, das metas dele enquanto secretário e do plano de governo.

Eu sei que ele gostava muito do CEMEPE, o CEMEPE pra ele era a menina dos olhos. Quando a Sônia assumiu, aquela vontade danada da Sônia de trabalhar e junto com ela uma equipe muito boa. Uma das coisas que eu sei que a gente brincava, e já pensando na vaidade, foi a questão da construção das escolas. Isto foi uma das grandes metas desde o início, idealização dele. Mais para o final da gestão dele nós conversávamos, não me lembro se cheguei a conversar sobre isso com o Dr. Afrânio, mas achávamos que as escolas tinham sido construídas grandes demais. Que o número de alunos, de professores, da equipe como um todo também era muito grande. Talvez, se as escolas do Fundamental fossem um pouco menores, os problemas também seriam. Mas não dá pra pensar assim também em uma cidade desse tamanho, com uma demanda gigantesca para ser atendida. Depois fomos avaliando (que) se ela fosse um pouco menor, talvez, daria para estudar mais, mas isto também é difícil e eu acho que não é um processo só de Uberlândia, é nacional.

**PESQUISADORA: Acho que é da população mesmo que vai crescendo muito, vai tendo muitas demandas.**

**FREITAS:** Exatamente, não tem como algumas coisas você dar conta, você querer segurar.

**PESQUISADORA: Se faz menor, não dá conta da demanda do bairro, aí tem que fazer mais escola e gasto maior.**

**Cida, nossa última pergunta aqui é: quem foi o Afranio para a SME?**

**FREITAS:** Então, para mim, o Dr. Afrânio foi o melhor secretário que tivemos. Foi, como eu já disse, um divisor de águas, pelas concepções políticas, de vida, pela postura política. Eu fico até emocionada. (Neste momento a emoção toma conta. Pausa)

É estranho pra mim hoje falar que o melhor secretário de educação que tivemos em Uberlândia foi um médico, e hoje eu não tenho problema nenhum em falar nisso, antes eu tinha. Depois que eu fiquei conhecendo como profissional, como pessoa, eu passei a respeitar e admirar também o respeito que ele tinha pela equipe de profissionais. (pausa emocionada)

**PESQUISADORA: O que levou ele, assim... nas matérias dos jornais (informam que) ofertaram a ele a secretaria de saúde, mas ele não quis, mas também ele não conta por que não quis. O que ele tinha com a educação?**

**FREITAS:** Olha, eu não sei, hoje eu penso que talvez a paixão pelo Anísio Teixeira pode ter sido uma das razões. Talvez ele pensou que poderia contribuir mais na educação, contribuir mais com a comunidade fazendo uma educação de qualidade.

**PESQUISADORA: Ele fala em uma reportagem que “Anísio Teixeira é o pai da educação”.**

**FREITAS:** Ele citava o Anísio Teixeira sempre. Às vezes contava até histórias sobre o Anísio.

**PESQUISADORA: E não existe mudança...**

**FREITAS:** Sem passar pela Educação. Se você pensar o que o Anísio Teixeira fez naquela época, por todas as instâncias da educação que ele passou, também viveu as mazelas da ditadura. Então é vanguarda, um cara que tinha uma cabeça muito à frente de seu tempo e, se você pensar, hoje ainda tá à frente, principalmente hoje, agora, né. Então o Dr. Afranio teve oportunidade de conviver com tudo isso e tinha essa visão à frente também. Então eu acho que foi isto. Abraçou a educação um pouco para viver essa vontade de realizar um pouco das coisas que o Anísio não pôde fazer. Ele falou: vou fazer um pouco disto então, lá em Uberlândia (risos). Nunca me falou isso não, mas eu penso que foi isto. Sabe, ele era muito inteligente.

**PESQUISADORA:** Cida, então é isto. Muito obrigada! Caso você se lembre de algo ou documentos que possam contribuir com a pesquisa eu agradeço. Agora irei transcrever a entrevista, enviar para você realizar uma leitura, concordando, discordando, acrescentando ou retirando partes. Após, você assina um documento autorizando a publicação.



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
 Email: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)

---

Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica — Bl. “G”. CEP 38400-902

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

A entrevista de Célia Maria do Nascimento Tavares assessora de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo aconteceu em sua residência, foi realizada por mim no período da noite do dia 26/06/2019.

**PESQUISADORA:** Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves

**TAVARES:** Célia Maria do Nascimento Tavares

**Endereço:** Residência

**Data:** 26/06/2019

**TAVARES** — Quando ele chegou na Secretaria Municipal de Educação, ele reuniu a equipe, né?! E fez a seleção de algumas pessoas. Essa parte da história você já pegou?

**PESQUISADORA:** Já. Aqui oh! Quer ver? Porque, assim, desta vez agora, o que acontece?! Aquela vez que você contribuiu conosco no mestrado é... eu estava vendo a questão dos concursos. Eu estudei, mas estudei via concursos. Então, eu peguei os concursos de 90, 91 a 1995, que foi quando começou a organizar a PMU, né?! Pós LDB os concursos e tal. Agora, para o doutorado, a

gente quer é... estudar a Secretaria Municipal de Educação - SME, durante os governos do Dr. Afrânio. Os quatro governos dele. Então, a gente quer, ao final, conseguir escrever essa história da secretaria, mas sob os feitos dele. Então, assim, por isto, irei precisar muito das memórias de vocês, porque em termos de documentação mesmo, está muito difícil achar documentos. O que ele assinou, para no final a gente ver o que ficou, o que modificou.

**TAVARES-** Como ele organizou a secretaria já foi falado.

**PESQUISADORA:** Não.

**TAVARES-** Porque essa parte é muito interessante.

**PESQUISADORA:** Então, é isso que a gente precisa. Nós organizamos algumas questões, um roteiro para, mais ou menos, a gente tem um norte, mas não que tenhamos que seguir o único exclusivo, mas essas são algumas perguntas.

**TAVARES-** Vamos fazer assim: se eu achar interessante acrescentar alguma coisa...

**PESQUISADORA** E aí, assim, a gente não precisa preocupar de terminar hoje, que eu acho que não tem nem como terminar, né?! Porque é extenso. Eu também tinha pensado que podemos ir realizando a entrevista e o assunto que achar interessante você vai contribuindo.

**TAVARES-**Eu já fiz assim também, principalmente quando eu estava na Secretaria e não tinha tempo, eles deixavam o roteiro, eu gravava a entrevista e enviava o áudio para a pessoa. Eu já fiz muito isto, porque eu tinha tempo a hora que chegava em casa. Então, o que não conseguirmos podemos fazer assim.

**PESQUISADORA:** Depois eu transcrevo e, quando você for fazer sua leitura para autorizar o uso, você verifica se ficou de acordo ou não. Caso necessite retirar ou acrescentar algo, é nesse momento.

**TAVARES-** Para hoje, não preocupe (risos)

**PESQUISADORA:** Até mesmo porque é grandinha. Você pode fazer a introdução, nome, formação, telefone...

**TAVARES-** Então, faz assim: leia todas as perguntas para eu ter o cuidado de não responder uma na outra e depois ficar confuso até para você transcrever. A introdução do que será falado.

**PESQUISADORA:** Qual o tempo de trabalho na equipe de Afrânio de Freitas?

**TAVARES-** Eu trabalhei com ele desde... Meu contato com Dr. Afrânio iniciou em 1989, na ocasião eu era coordenadora pedagógica. Na primeira gestão dele, na verdade, na primeira e na segunda gestão dele, eu atuei como diretora de escola. Foi à época que nós iniciamos o atendimento de Educação Infantil, o atendimento de 0 a 6 anos, que foi uma inovação, uma marca na gestão dele, mas eu atuava como diretora escolar. Então, meu contato com ele era mais enquanto direção de escola com o secretário.

**PESQUISADORA:** Nesse primeiro período, você foi diretora de qual escola?

**TAVARES-** Eu fui a fundadora, criei o projeto da... Na época, era denominado MEI - Módulo de Educação Infantil, no bairro Luizote, foi a primeira escola de tempo integral no atendimento de crianças de 0 a 6 anos, porque antes só tinha o atendimento da pré-escola. Com a chegada do Doutor Afranio, iniciou-se o atendimento também da creche. Com a Constituição de 1988, logo já estabeleceu a Educação Infantil de 0 a 6 anos. Já de imediato, o município já começou este trabalho com a primeira escola, de

atendimento de 0 a 6 anos em tempo integral, no bairro Luizote. Então, a princípio, era MEI- Módulo de Educação Infantil, que posteriormente houve a mudança para as EMEIS- Escolas Municipais de Educação infantil, mas, no início, o projeto foi todo estruturado para o atendimento, que foi uma inovação né?! O atendimento da Educação Infantil, o atendimento de 0 a 3, que era o atendimento da creche, que tanto o atendimento da creche como o da Pré-escola fazendo o atendimento da educação Infantil. Eu fui a coordenadora desta equipe para montar a primeira unidade deste atendimento no bairro Luizote.

**PESQUISADORA: Quantos MEI's existiram aqui em Uberlândia? Você se lembra?**

A princípio, nesta unidade no bairro Luizote, uma unidade muito grande, nós, na época, atendemos em torno de 1.000 alunos de 0 a 6 anos. Ainda tinha a pré-escola de atendimento de 06 anos, logo em seguida, foi traçada pelo Dr. Afrânio e a equipe a abertura de mais 04 unidades MEI's, uma em cada ponto da cidade. Então, é... logo em seguida, teve a sequência de construções e inaugurações da, na época, antes não vou falar MEI, no bairro Santo Inácio, que hoje é a EMEI Edna, no bairro São Jorge, que hoje é a EMEI Maria Luiza, no bairro Industrial, que hoje é a EMEI Maria Beatriz, e no Bairro São José, que hoje é a EMEI São José, EMEI Maria Claro. Então, uma em cada canto da cidade. Assim, foram as primeiras unidades do atendimento de 0 a 6 anos que antes eram denominadas MEI's e, com a expansão, houve a mudança para EMEI

**PESQUISADORA: E não tem mais nenhuma destas em tempo integral?**

TAVARES- Todas funcionam, continuam tendo o atendimento de tempo integral. Hoje, tem tanto na MEI Luizote e, agora, hoje a hoje a EMEI. Na época, tinha atendimento de meio período integral, mas tinha também o meio período. A pré-escola tinha atendimento na época, quando iniciou tinha o atendimento da pré-escola em tempo integral e meio período, então, é! Me lembro bem que lá a estrutura tem os blocos, né, de divisão por cores. Então, nós tínhamos, na época, quatro anos integral e quatro anos meio período, cinco anos integral e tínhamos cinco anos meio período, seis anos integral e seis anos meio período também.

**PESQUISADORA: A ideia deste projeto vocês embasaram em qual projeto maior ou foi vocês que criaram? Como foi esta gestão para poder chegar nestas MEI's?**

TAVARES- Partiu da Constituição, quando estabeleceu a Educação Infantil, né, o atendimento da criança de 0 a 6 anos. Então, o ponto de partida foi a Constituição de 88. A partir desta, da Constituição, da ideia do atendimento, porque, em Uberlândia, tinha o atendimento da creche pela Secretaria de Desenvolvimento Social, então, tinham as creches, elas tinham um caráter mais assistencialista. Na época, o módulo de Educação Infantil foi criado com o objetivo de ter o atendimento educacional. Assim, a gente tinha uma proposta socioeducativa. O que era diferente do que acontecia nas creches do Desenvolvimento Social. Então, na época, os módulos eram todos constituídos por equipe de professores, a equipe pedagógica toda estruturada, e, no início, nós não tínhamos como buscar referência, pois era uma situação nova no Brasil como um todo. Desse modo, é um projeto que foi pensado, tinha uma assistente social, a Valdete Nasser Caetano, e uma psicóloga, Anaurisa, eu como pedagoga. Basicamente essas três pessoas que sentaram e pensaram como poderia ser uma unidade educacional para o atendimento de educação infantil. Então, foi um projeto escrito e criado a partir da realidade do município de Uberlândia. Tudo era muito novo: a situação de atendimento de berçário, com professores. Por isso, teve todo um cuidado na

capacitação destes profissionais para trabalharem com essas crianças. Nós fizemos um trabalho bem integrado desses profissionais da área da assistência social, porque o Luizote é um bairro muito grande. Na verdade, com a criação do módulo de educação infantil, as crianças vieram das creches que tinham no bairro, elas tiveram uma forma diferenciada de atendimento, tinha todo um cuidado de planejar este projeto para ter estas crianças no atendimento educacional.

**PESQUISADORA: Então, neste período, as creches da ação social deixam de existir e a educação assume?**

**TAVARES-** Só no bairro Luizote.

**PESQUISADORA: Depois, os outros bairros constroem os MEI's, aos poucos as creches vão deixando de existir? Ou não?**

**TAVARES-** Nos outros bairros, não. Porque, na verdade, houve uma demanda de atendimento, crescimento desta demanda, mesmo o Luizote é... a primeira unidade, que foi a construção do módulo, chegou a um ponto que não atendia toda a demanda de 0 a 6 anos, daí houve a necessidade da construção... hoje, é a Escola Municipal Mário Alves, mas, no início, a Mário Alves fazia parte do Módulo. Foi uma necessidade de ampliação para o atendimento, desse modo, as crianças da pré-escola eram atendidas lá na unidade Mário Alves, mas a Mário Alves fazia parte do módulo. Depois que ela foi criada, posteriormente, a gente teria de confirmar a data que ela foi transformada no atendimento do fundamental. No início, a Mário Alves era ligada ao Módulo do Luizote.

**PESQUISADORA: Quando eles saíam do atendimento do Módulo eles passavam para Mário Alves?**

**TAVARES-** Eles faziam a Pré-escola no Mário Alves, ela era uma extensão do Módulo, como se fosse uma ampliação. Então, essa demanda foi crescendo, o bairro foi crescendo e tudo, houve esta necessidade. Nos outros bairros, igual o São José, era um bairro novo na época, e pela posição, o Dr. Afrânio, na época, lembro-me dele conversar muito isso, ele posicionou uma unidade em cada ponto estratégico da cidade para iniciar este trabalho.

**PESQUISADORA: Você já falou que seu ingresso com o Dr. Afrânio foi em 1989, né... Sua convivência com ele, mas você ingressa antes no município de Uberlândia?**

**TAVARES-** Sim

**PESQUISADORA: Você ingressa anterior aos concursos?**

**TAVARES-** Sim. Bem antes. Com registro na prefeitura em 1985, a minha contagem oficial na prefeitura inicia em 85, como professora. Eu era professora, e nesse mesmo ano, eu concluí a faculdade de Pedagogia e fiz uma seleção interna para atuar como pedagoga. Nessa época, em 85, não tínhamos a estrutura que temos hoje: diretor, pedagogo. Na escola, éramos coordenadores pedagógicos. Assim, eu, como professora, fiz uma seleção interna e passei a atuar como coordenadora pedagógica, que era a função de gestora da unidade, a gente fazia o papel do diretor, do pedagogo, do secretário e ... Eu era coordenadora de três escolas. A princípio, eu era coordenadora da unidade do Santa Mônica, Saraiva e do Lagoinha. Aí, depois, eu fui ser coordenadora do Luizote, que tinha é... não tinha denominação de EMEI's. Na época, era Pré—Escolar Municipal, porque era só atendimento da pré-escola, isto em 85. Então, essas coordenadoras eram denominadas coordenadoras de roteiro, porque não era uma escola, só que elas tinham a gestão. Quando era uma escola muito grande, por exemplo, quando eu fui ser coordenadora no Luizote, era só o Luizote, porque era uma escola muito

grande. Quando eu atuei no Santa Mônica, Saraiva e Lagoinha, eram unidades menores. Por isso, eu era gestora das três unidades, porque eram menores. Então, eu iniciei professora, depois fiz uma seleção interna e passei a atuar como coordenadora pedagógica, fazendo esse papel da gestora dentro dessas unidades. E aí, quando o doutor Afrânio chegou em 89, é, nós éramos, nós tínhamos um grupo dessas coordenadoras, pedagogas, é... éramos em torno de 12 a 15, mais ou menos. Era uma quantidade assim, não passava disso. Nessa época, tínhamos o Guilherme Saramago, tínhamos a Sônia SANTOS:, é... um grupo... a Lúcia Gama, a Simone. Então, quando o doutor Afrânio chegou, ele reuniu essa equipe. E um detalhe: nessa época tinha a zona rural e...do fundamental urbano só tinha a escola Afrânio, do Jardim Brasília. Então, não tinha nenhuma outra escola do Ensino Fundamental. E da Educação Infantil, em 89, tinham em torno, eu posso até depois nomear assim, que eu consigo lembrar, mas em torno de 12 a 15... eram poucas pré-escolas. Era Pré-Escolar Municipal do bairro... Santa Mônica, Pré-Escolar Municipal do bairro Saraiva, Pré-Escolar Municipal do bairro Tubalina, do bairro Jaraguá, do bairro Industrial. Então, os pré-escolares não tinham nomes, eles tinham a denominação do bairro. Assim, cada, os bairros principais, tinha do bairro Luizote... Então, tinha o pré-escolar municipal. Aí, tinham esses coordenadores, que eram os gestores dessa unidade. Quando o doutor Afrânio chegou, ele fez uma coisa muito interessante, lembro direitinho. Ele reuniu a equipe e pediu que dentre a equipe cada um indicasse umas pessoas pra estarem junto com ele fazendo a gestão da Rede Municipal. Então, nessa ocasião... aí vamos pensar né, dessas 12... acho que eram mais ou menos 12, depois eu posso até contar, cada um indicou uma pessoa, aí ele pegou as cinco pessoas mais indicadas, e essas pessoas ele chamou pra trabalhar com ele. Essas pessoas, na época, eram: a Sônia, que assumiu a direção da escola Afrânio, que era a única escola do fundamental; Guilherme Saramago, que foi trabalhar com ele na Secretaria como assessor pedagógico dele; eu, que ele convidou pra essa proposta de fazer o trabalho da Educação Infantil, de criar essa unidade de atendimento de 0 a 6 anos. Então, das cinco pessoas, ele escolheu essas três para desenvolverem esse trabalho específico: do fundamental a Sônia, eu no infantil e o Guilherme como assessor pedagógico dele pra estar direto dentro da Secretaria. E daí que nós começamos a desenvolver, né, aí que eu fui ser a pessoa responsável pela criação do projeto e assumi a direção, porque não tinha diretor de escola, como eu disse, antes eram esses coordenadores. Aí eu assumi a coordenação da criação desse projeto, a Sônia assumiu a direção da escola Afrânio e o Guilherme assumiu a coordenação pedagógica dentro da Secretaria. E aí, a partir dessa decisão, né, dessa proposta, que ele lançou de trabalhar com esse grupo, aí veio a proposta de ampliação das unidades, né. A necessidade de construir novas escolas, de organizar a zona rural, porque a zona rural na época, ela não tinha uma estrutura de atendimento escolar. Na época, assim, as salas de aula elas eram improvisadas em paióis, em espaços totalmente inadequados. Aí fez todo um estudo pra fazer a nucleação dessas escolas e construir as escolas mesmo, né? Com sede própria para a escola do... rural. Então, onde não havia condições mínimas, foi feita a proposta de construir as escolas. Assim, organizou a zona rural, nucleou essas escolas e organizou de forma pra ter condições do atendimento. E no urbano, as metas foram essas de expandir o atendimento com a qualidade na estrutura física também. Onde não tinha condição, ou reformava, quando o espaço era próprio, fazia uma adaptação, ou construía uma unidade nova. Aí, dessa situação, as pré-escolas passaram a ser denominadas EMEI's: Escola Municipal de Educação Infantil. Assim, aquele pré-municipal deixou de existir porque com a criação do módulo, os cinco módulos né,

Luizote e os outros quatro, iniciou o atendimento da educação infantil, como MEI's. Quando foi logo em seguida, organizando também o atendimento das pré-escolas municipais, é... elas passaram a ser denominadas EMEI's, porque aí nós fomos organizando não só pra atender a pré-escola, mas pra atender também o atendimento à creche, de 0 a 3 anos. Desse modo, foi feita uma adaptação em cada uma e a coisa aconteceu muito rápido. Então, hoje, quando a gente pensa, assim, nesse período, é... pouco mais de 30 anos de uma escola do fundamental urbana, hoje nós temos mais de 50. Foi tudo muito rápido, e uma equipe assim, que trabalhava bem integrada, tanto na parte administrativa de construção, de ampliação, de localizar essas demandas, e a parte também pedagógica de formação, de capacitação. Daí a questão do concurso, de estruturar essas equipes, né? Foi, assim, um divisor de águas, o que era a educação municipal antes, do que passou a ser com a chegada do Doutor Afranio e a equipe.

**PESQUISADORA: É... e aí você entra, então, nesse processo desde o início, desde o primeiro governo dele de 89, né? Com Virgílio Galassi...**

**TAVARES-** Isso! E nesse período, eu estava na coordenação desse projeto da educação infantil, mas como diretora da unidade Luizote.

**PESQUISADORA: Ah, você ficou com as duas frentes?**

**TAVARES-** É, eu... porque, assim, junto, né?! Com a assistente social e psicólogo, eu coordenei a criação do MEI e aí eu fui a primeira diretora lá do Luizote.

**PESQUISADORA: Depois que ele ficou pronto, o módulo, né? E você fica lá quanto tempo na direção do módulo?**

**TAVARES-** Eu fiquei (pausa)... Ah, não sei! (risos) É porque do Luizote, da direção, eu fiquei depois um ano no CEMEPE. Então, eu teria que ver, né? Mas assim, montei toda a estrutura, tive um tempo na gestão, a gestão da unidade. Aí, depois, eu fui pra fazer parte de uma gestão integrada do CEMEPE. A Sônia também, ela... Porque aí ela como diretora lá do Afrânio, também assumiu a responsabilidade de criação do CEMEPE, do Centro de Estudos. Depois, eu... a direção do Luizote ficou com uma pedagoga que já trabalhava lá, a Zeila, e eu fui integrar a direção do CEMEPE, junto com a Sônia.

**PESQUISADORA: Então, isso acontece nesse primeiro governo, de 89 a 92?**

**TAVARES-** Foi! Então, esse primeiro foi dividido, né, nessas duas ações. Porque, logo em seguida, da direção, da equipe de direção do CEMEPE, aí o doutor Afrânio me deu outra tarefa, que era planejar a construção, a criação do MEI - ainda era denominado MEI, não tinha se transformado em EMEI ainda -, do MEI Maria Pacheco. Porque das quatro aí surgiu mais uma unidade, que foi da... foi... hoje, a EMEI Maria Pacheco. Na época, ela foi idealizada como uma escola para os filhos dos servidores da prefeitura, porque aí ele construiu o centro administrativo, aí veio a proposta, a ideia de fazer uma escola com atendimento de creche para os filhos dos servidores. O doutor Afrânio me chamou, eu estava na coordenação, né, na direção do CEMEPE, na equipe de direção do CEMEPE, aí ele me chamou pra montar essa unidade do Maria Pacheco. Ela foi denominada MEI, tanto que na placa lá de inauguração, a denominação era Módulo de Educação Infantil Maria Pacheco Rezende, que foi criada com a intenção de atender aos filhos dos funcionários do centro administrativo, então atendimento de 0 a 6 anos. Sendo assim, foi a sexta unidade de atendimento de 0 a 6, que foi a Maria Pacheco. Aí eu fui convidada pra montar toda a estrutura, que era diferente, que era todo um processo diferenciado pra atender os filhos dos servidores, é... em termos de horário, diferenciado nesse sentido. Porque o funcionário trabalhava seis horas, por isso, nós tivemos o atendimento parcial. Então, lá tinha o atendimento integral, tinha o

atendimento meio período e o parcial também, porque tinha que atender um público de seis horas. Era toda uma dinâmica diferenciada de entrada, de saída de criança, então uma turma tinha criança que ficava o dia todo, tinha criança que ficava só parcial. Ele pediu pra montar uma estrutura que atendesse a essa demanda, né?! Assim, no começo, foi feito dessa forma. E aí eu fiquei na direção do Maria Pacheco até o final do governo.

**PESQUISADORA: De 92?**

**TAVARES-** Não, de quando entra o governo do Doutor Zaire.

**PESQUISADORA: Ah, então você ficou esses dois... Até 96.**

**TAVARES-** É. Aí eu fiquei até o final do governo.

**PESQUISADORA: Isso, é... Porque eu mais ou menos dividi assim, porque como a gente tem dois governos, é... Intermediário...**

**TAVARES-** Aí era Paulo Ferolla, né?

**PESQUISADORA:É, porque a gente teve o Virgílio e o Paulo Ferolla, aí você ficou nesse, que se a gente for pensar direto é 89 a 96... aí depois entra o...**

**TAVARES-**Zaire.

**PESQUISADORA: Não, acho que é o Odelmo primeiro, só que aí o Doutor Afrânio não é Secretário...**

**TAVARES-**Não é, é a Irmã Ilar... ah, então, não.

**PESQUISADORA:Aí depois o Zaire entra...**

**TAVARES-**Tá certo. Aí eu continuo, quando a Irmã Ilar foi Secretária, eu fiquei na direção. Esse período todo eu fiquei na direção do Maria Pacheco.

**PESQUISADORA:Ah, então você ficou ainda de 96 a 2000?!**

**TAVARES-**Esse tempo todo, esse tempo todo da Irmã Ilar eu estava na direção do Maria Pacheco.

**PESQUISADORA:Isso. Porque aí, depois, a gente tem o Zaire, e depois 2005 que ele retorna.**

**TAVARES-** Aí foi dessa forma, fiquei na direção do Maria Pacheco, quando entra a gestão do Doutor Zaire, aí eu saí da direção e assumi... eu já era concursada como pedagoga. Aí eu saí da direção, assumi meu cargo de pedagoga e fui trabalhar na escola Hilda, no fundamental, né, do sexto ao nono... na época, da quinta à oitava série (risos). Eu trabalhei quatro anos no fundamental como pedagoga, aí depois, quando o doutor Afrânio retornou, ele me chamou pra assessora dele, assessora pedagógica da Educação Infantil.

**PESQUISADORA:Em 2005...**

**TAVARES-** Em 2005. Aí, nessa ocasião, o marco foi a vinda das creches do desenvolvimento social para a Educação.

**PESQUISADORA:Ah, então foi na gestão de 2005?**

**TAVARES-** 2005. Isso aconteceu em 2004, na saída do doutor Zaire, aí nós chegamos e organizamos a... a... aí vieram as UDI's, as Unidades de Desenvolvimento Infantil. As UDIs, de certa forma, estavam assim: tinham as EMA's, que eram as Escolas Municipais de Alfabetização, as que anteriormente eram denominadas pré-escolar municipal, que não tinham atendimento de 0 a 3, passaram a ser denominadas EMA, Escola Municipal de Alfabetização. Elas mudam de PEM (Pré-Escolar Municipal) pra EMA.

**PESQUISADORA: É igual aquela no Tubalina? Tem a EMEI São Francisco, mas na ruazinha assim tem, lá na frente, perto da Getúlio Vargas, do lado esquerdo, uma que eles falam que é creche de 0 a 3...**

**TAVARES-** UDI. Aham, elas eram as UDI's, ela era UDI. Então, nessa ocasião, a gente estava com essa situação, a gente tinha as EMEI's, que já tinham mudado o nome de MEI pra EMEI, nós tínhamos as EMA's, que eram as Escolas Municipais de Alfabetização, as antigas pré-escolar municipal, né, do bairro, que passaram a ser denominadas EMA's, e as UDI's, que vieram do Desenvolvimento Social. Aí tinham essas três denominações. Nós fizemos, quando eu assumi a assessoria, uma das primeiras ações que a gente trabalhou foi pra organizar as UDI's, porque elas não tinham o reconhecimento do sistema de ensino, e por isso não tinham o processo de autorização na superintendência. Então, elas não poderiam mudar pra EMA nem pra EMEI, porque não tinham, elas eram assistencialistas, elas não tinham caráter socioeducativo. Aí a gente foi organizando uma por uma. Todas que vieram a gente foi, passo a passo, organizando, encaminhando à Superintendência. E assim, aí todo aquele processo de vistoria né, do espaço pra ter autorização. Aí, durante esse período, o que foi necessário fazer: adaptação física, toda a estrutura física foi feito pra transformar aos poucos as UDI's, não foi tudo de uma vez. À medida que elas tinham condições de ter aprovação na superintendência, foram sendo criadas como unidades educativas. Aí a partir do momento que elas foram criadas como unidades educativas, passaram a ser denominadas de EMEI's. Hoje, todas, né, são EMEI's, todas. Daí essa denominação, né, que antes eram três - EMEI, EMA e UDI — hoje, todas têm denominação de EMEI's, porque todas têm regulamentação da superintendência.

**PESQUISADORA:** Ah, mesmo as que são de 0 a 3?

**TAVARES-** Uhum. Todas! Todas, todas são EMEI's.

**PESQUISADORA:** Então, agora é só uma nomenclatura.

**TAVARES-** É uma nomenclatura só. É, e aí, nessa época, teve esse grande desafio dessa organização dessa estrutura, dessa denominação, é, a gente trabalhava nessa parte estrutural mais administrativa, e a parte pedagógica, acho que era um equilíbrio muito marcante. As coisas deram certo porque houve, aí o CEMEPE, já tinha a estrutura do CEMEPE né, pra dar sustentação na formação, e essa parte dessa expansão, porque a cada concurso era uma quantidade muito grande de gente que chegava. Então, o CEMEPE cuidava toda daquela preocupação de ter os cursos de novato, a estrutura do CEMEPE a gente tinha uma estrutura de trabalho de formação dos novatos, dos intermediários e dos avançados. Por isso, tinha que ter essa diferenciação na formação também. Desse modo, teve essa diretriz tanto na formação como na ampliação do atendimento da estrutura do atendimento. Assim, isso foi bem marcante mesmo.

**PESQUISADORA:** É, teve uma parte assim bem organizada, né? Então, essa educação que a pergunta de como ela foi gestada tendo à frente né, o doutor Afrânio, então essa forma que você foi colocando, na medida que ele chega... uma coisa que eu achei interessante é quando você fala que até você falou que era interessante mesmo, é ele juntar toda a equipe e entre vocês, vocês mesmos escolhem quem é que vai dar seguimento né?

**TAVARES-** Nossa, foi muito interessante! Muito mesmo.

**PESQUISADORA:** Então, assim, pra você ver que naquele período a gente estava encerrando uma ditadura, né?! Estava em um período de redemocratização do ensino, e tudo, e ele com essa abertura, né?

**TAVARES-** É uma pergunta que você fala, né, o fato de ele ser cirurgião, uma fala que ele sempre tinha conosco era que nós éramos os pedagogos. Ele estava ali pra

dar apoio, pra dar condição de concretizar os nossos planos pedagógicos. Então, o tempo todo, ele trabalhava nessa busca das condições de... (pausa).

**PESQUISADORA: Relação de muito respeito, né?**

**TAVARES-** É por isso que eu falo que essa participação do Sérgio Chaves foi fundamental. Ele, enquanto engenheiro, ajudou toda essa articulação de construção dessas escolas, participou de todos os processos, acompanhou passo a passo as construtoras, todos os processos de licitação. Então, nessa parte administrativa, a colaboração dele foi fundamental.

**PESQUISADORA: É uma relação muito boa...**

**TAVARES-** É, e uma coisa assim, fundamental no doutor Afrânio, ele tinha inteira confiança em nós, na equipe que estava com ele. Então, me lembro bem, eu estava com, quando foi pra montar né o projeto do Módulo de Educação Infantil do Luizote, eu estava grávida! É, e assim, trabalhei o projeto todinho, viajei bastante pra procurar referências, a gente não tinha, fiz contato, é... como é que chama? Na época, era denominado Crecheplan, porque como a gente ia iniciar um trabalho de atendimento de creche, e o que a gente tinha de creche era o modelo assistencialista, e a gente vislumbrava um atendimento diferenciado, né?! Uma proposta socioeducativa. Assim, a gente buscou, pesquisamos muito, na época não era essa facilidade que a gente tem hoje de entrar na Internet e ver o mundo, né? Era muito difícil! Era... telefonava numa Secretaria, telefonava pra uma pessoa, a gente chegava a ligar mesmo pros autores dos livros que a gente estudava na faculdade e pedia referência. Assim, eu me lembro de procurar telefone de autores e ligar e falar “olha, eu tô pesquisando isso, eu tô fazendo isso, me dê uma orientação, me dê uma indicação de quem que eu posso procurar, algum local que eu possa visitar...”. Diante disso, nessa época, eu visitei a Creche Plan, em São Paulo, da Silvia Pereira de Carvalho, é uma pessoa, assim, no Brasil, ela é a pioneira nesse trabalho socioeducativo. É assim, os primeiros passos do atendimento na creche no espaço educacional. Aí eu fui à cidade de São Paulo várias vezes conversar com ela, não tinha o que a gente ver, assim, não tinha modelo pra gente falar “ah, eu vou visitar tal Unidade que já funciona assim”, não tinha, eram mais grupos de estudos que estavam, sabe, pesquisando, era essa ideia. Então, a Silvia ajudou muito na orientação da proposta pedagógica, quando a gente montou o projeto, porque a gente tinha que montar tudo, da cozinha industrial, porque imagina a cozinha pra trabalhar, pra atender crianças, mil crianças, e assim, bebê e tudo. Faixa etária diferente, então o próprio projeto mesmo era uma coisa que a gente foi testando aos poucos, o que dava certo, lavanderia industrial, nós montamos uma lavanderia industrial que a gente tinha modelo só hospitalar, então eu visitei o hospital da UFU na época, como que eu consegui montar? Eu precisava de uma cozinha diferenciada, aí eu visitava, por exemplo, uma cozinha industrial, eu visitava a cozinha da Souza Cruz, eu visitei cozinha em São Paulo, de fábricas, pra ver como que funcionava uma estrutura de, porque era café da manhã, era lanche, era mamadeira, era lactário, então era uma coisa que não existia, não tinha. Você falar assim “ah, vai em tal lugar que você vai ver isso funcionando”, não tinha. Assim, eu visitei, lembro bem, cozinha da Souza Cruz, cozinha do hospital da UFU, lavanderia do hospital da UFU, em São Paulo nos lugares que a Silvia me levou, ela me levou em vários lugares pra me falar assim “olha, pra essa situação você pode pegar uma referência dessa maneira”. Então, eu visitei uma creche lá que tinha dentro de um hospital também, mas era... não era o que a gente queria, era muito hospitalar, uma coisa assim, tipo, não é isso que a gente quer, a gente quer uma coisa mais livre, pra crianças e tudo. Aí eu visitei muitos lugares, e grávida (risos).

Andava pra baixo e pra cima grávida, tanto que a criação do Luizote, da EMEI, foi inaugurada, o Lucas nasceu em Setembro, foi um mês, a diferença foi exatamente um mês, assim, que a gente organizou tudo, aí o Lucas nasceu em Setembro e ela foi inaugurada em Outubro. Aí quando o Lucas nasceu, quem assumiu os primeiros dias da escola foi a Valdete, a Valdete Naves, que era, na época, que fazia parte da equipe, era assistente social. Aí os quatro meses, né, na época, eram quatro meses de licença, aí eu acompanhava, amamentava pra lá pra cá, pra lá pra cá (risos), aí assumi a direção, assim que da licença maternidade, os quatro meses, aí eu já assumi direto a direção, e fiquei um tempo lá, até que, depois, fui fazer parte da equipe do CEMEPE. A Zeila assumiu. Mas a criação da escola foi uma coisa interessante porque não tinha, não existia! Não existia. Na época, nós tivemos muitas visitas... nossa! A gente teve visita tanto no Luizote... Porque as pessoas vinham, que começaram a surgir outras iniciativas no Brasil, né, por vários cantos. E aí as pessoas vinham visitar, nossa, muita visita, a gente tinha visita assim, toda semana! Toda semana tinha! Porque as pessoas não sabiam como acontecia, falavam assim “ah, tal lugar tem uma estrutura assim”, aí eles vinham pra visitar. Então, todos, da época do Luizote, até o Maria Pacheco, a gente tinha muita visita. Nesse sentido né, de como a prática né...

**PESQUISADORA: Porque era algo inovador, né?**

**TAVARES-** Pioneiro mesmo, foi uma ação pioneira. Muito interessante!

**PESQUISADORA: Nossa, muito grande! E assim, se você parar pra pensar, poucas cabeças pensando, né?**

**TAVARES-** Basicamente, a (incompreensível). Porque quando criou a estrutura lá do Luizote, a gente foi adaptando, então tinha uma parte que a gente, era uma responsabilidade muito grande a quantidade de bebês que a gente atendia. Porque a gente tinha dois berçários grandes. Dois berçários grandes, então, são, era diferente de você falar assim que era uma creche que atendia em domicílio, em uma casa, né, em uma estrutura de uma casa... era uma unidade muito grande. Assim, quando nós iniciamos, a gente tinha o apoio também de uma enfermeira e uma assistência médica, que dava esse apoio pra gente no início. Desse modo, nos primeiros anos no Luizote, tinha uma enfermeira, porque era uma quantidade muito grande de medicamentos, bebê! Assim, então como o professor já estava iniciando o trabalho, trabalhar e ter esse cuidado todo... como era uma estrutura muito grande, no início, tinha a enfermeira que dava esse apoio nessa parte de medicamento.

**PESQUISADORA: E o número de funcionários também era muito grande, né?**

**TAVARES-** Era! Porque o professor quatro horas, né? Quatro horas e meia. Então, era uma estrutura muito grande! Muito grande! Assim, eu era diretora de uma unidade pra mais de... eu posso dizer mais de 180 funcionários. Era muito grande!

**PESQUISADORA: Nossa, Deus! Você tinha quantas vices lá?**

**TAVARES-** Duas, só duas. É, a Zeila, né, que depois assumiu, e a Naurisa. E a assistente social, que era a Valdete. No início, era só a Valdete, como, ela era diretora nessa parte da assistência social e Anaurisa, porque Anaurisa ela, como sendo pedagoga, ela era psicóloga e pedagoga. Assim, ela era a diretora pedagógica e a Valdete ela trabalhava nessa base da assistente social. Porque a gente fazia tudo, ficha, até ficha de anamnésia, a gente teve que criar tudo! Tudo, tudo assim! (risos)

**PESQUISADORA: E será que esse projeto ainda tem ele na Secretaria?**

**TAVARES-** Nossa, gente, podia tanto ter! Ele é uma coisa que eu gostaria tanto de ter em mãos porque, nossa, foi muito interessante, muito! Ele, ele... são três pastas,

porque é tanta coisa, tudo que a gente pesquisava... e a gente não tinha a facilidade de hoje, assim, de fotografar... não tinha, era tudo escrito! Você fazia uma visita, é... vou pegar o exemplo a visita na cozinha da Souza Cruz, você tinha que fazer um relatório! Você não tinha como tirar foto (risos), não é dessa época!

**PESQUISADORA: Por isso que não pode, né gente, quem que tem todas essas memórias? Porque foi um período...**

**TAVARES-** Era tudo relatório, a gente fazia uma viagem pra São Paulo... era relatório! Pra gente não esquecer, a gente tinha que relatar. Porque não tinha outra forma de ter a memória, né? Então, por isso, assim, eram pastas e pastas de papéis, de papéis...

**PESQUISADORA: Ah, tinha que localizar isso!**

**TAVARES-** Pois é, eu acho que essas coisas, você teve contato com a Eliana, a esposa do Doutor Afrânio?

**PESQUISADORA: Ainda não! Eu quero entrevistá-la, mas ainda não fui.**

**TAVARES-** Então, eu acredito... e nessa época, você pegou alguma fita gravada?

**PESQUISADORA: Não. Quem me falou que tem material dele gravado é o Pedro Popó. Eu conversei com ele, então ele ficou de...**

**TAVARES-** Uhum! Ele estava escrevendo um livro dele, né?

**PESQUISADORA: Sim. Aí diz ele que vai parar por enquanto, porque, na verdade, ele queria escrever as biografias dessas pessoas que foram importantes pra Uberlândia, né? Então, ele tem muita coisa do Doutor Afrânio por conta disso, mas parece que o filho da Martha Pannunzio está escrevendo esse livro, que é cineasta...**

**TAVARES-** O Fábio.

**PESQUISADORA: Isso, o Fábio. Parece que ele está escrevendo, né? Mas aí o Pedro me orientou a conversar com a Eliane, ele falou “olha, a Eliane vai ter assim, muitas coisas mesmo que vão poder te ajudar muito”.**

**TAVARES-** Tem, com certeza!

**PESQUISADORA: Porque assim, a ideia é a gente começar, a gente elencou algumas pessoas, né, pra começar as entrevistas, mas que vocês que participaram desse momento e que viveram a Secretaria Municipal de Educação com uma proximidade maior, então que vocês, igual você me indicou o Sérgio, então vocês têm esse conhecimento.**

**TAVARES-** É, eu acredito que lá no Luizote... porque quando nós... como a gente recebia muitas visitas, foi feito um vídeo institucional. E o vídeo, eu até queria ter cópia dele, porque ele conta essa história, e assim, eu acho que as coisas vão se perdendo, sabe? Se não pegar esses registros que são oficiais... Tem que pegar registro mesmo de como a coisa aconteceu, né?! Então, lá no Luizote deve ter as fitas, nós na época, nós produzimos uns três vídeos institucionais.

**PESQUISADORA: Eu vou ver se consigo, eu ainda não fui lá também. Assim, ainda tô começando devagar.**

**TAVARES-** Tanto tem no Luizote, como no Maria Pacheco também tem vídeo institucional. Eu lembro bem que até quem fez a narração do vídeo do Maria Pacheco foi até a Gilda Rizzo, a gente foi pro estúdio, foi assim, um vídeo profissional mesmo. (incompreensível) O vídeo é interessante porque ele relata a história. Acho que vai te ajudar muito, até se você localizar eu queria uma cópia.

**PESQUISADORA:**Tá, tá, eu não esqueço não. Eu vou andar atrás disso também pra ver se eu consigo. Mas, assim, nessas reuniões de vocês e tudo, em algum momento vocês pensavam “pode não dar certo”, tinha algum momento de fragilidade, de querer desistir? Como que era?

**TAVARES-** De jeito nenhum! (risos) Nossa, de jeito nenhum, é engraçado! As coisas aconteceram tão rápido, tão rápido, e assim, deu tudo tão certo, que eu não lembro... você imagina, eu estava grávida! Eu acordei pra ir trabalhar e meu filho nasceu! Eu trabalhei até o dia... eu acordei... realmente, aconteceu isso! É, nós estávamos preparando a inauguração da escola, a escola já estava pronta no dia que o meu filho nasceu. Nós estávamos preparando a inauguração e... ele nasceu 5 de setembro, nós participaríamos do desfile de 7 de setembro. Então, a escola ia pra avenida mostrar o projeto. Aí ele nasceu no dia 5. Então, assim, dois dias antes do desfile... estava tudo pronto! Eu trabalhei até no dia assim, levantei pra ir trabalhar, e a bolsa estourou de manhã e o Lucas nasceu. Por isso que eu falo assim, foi uma coisa tão envolvente que a minha gravidez... eu viajava, eu peguei enchente em São Paulo viajando pra buscar referência, buscar alguma ideia que pudesse acrescentar ao projeto, eu peguei enchente em São Paulo na Pinheiros, eu andei das 4 horas da tarde até as 10 da noite, grávida!

**PESQUISADORA:**Meu Deus! E nem sentia...

**TAVARES-** É, pra você ver! E nem sentia, nem... grávida, debaixo de chuva, imagina a Marginal Pinheiros, eu atravessei a Marginal...

**PESQUISADORA:** Era novo, né?! E muito envolvente! Vocês estavam muito envolvidos, né?

**TAVARES-** É, nessa viagem pra São Paulo, nessa específica da enchente, a Maria de Lourdes... Maria de Lourdes, ela é, ela foi a primeira pedagoga do Luizote.

**PESQUISADORA:**Essa eu não me lembro dela não...

**TAVARES-** Maria de Lourdes. Ela é irmã da Maria da Conceição. Ela é mais, assim, ela já aposentou há mais tempo. Maria de Lourdes. Ela foi a primeira pedagoga lá, e em São Paulo, nesse dia, ela estava comigo, no dia da enchente! Então, por isso, assim, a gente trabalhava e buscava uma coisa assim, que eu lembro bem que tudo que a gente foi montando, igual a lavanderia industrial, gente, a lavanderia... as máquinas, eu fiz curso de operação da máquina de lavar! A máquina de lavar era enorme! Uma lavava... enorme! A outra secava e a outra passava (risos). A Calandra passava! Era, assim, só um hospital que tinha esse tipo de equipamento, então, como que isso ia estar dentro da escola? Aí eu fiz curso pra que... por exemplo, tava lá, desce uma merendeira na época lá ia lavar as roupas, se desse um problema, quem que ia (incompreensível)?

**PESQUISADORA:**Quem que ia operar essa máquina? (risos)

**TAVARES-** Então, assim, tudo, cozinha, a parte da cozinha... nossa, gente, a gente...a gravidez do meu filho eu posso dizer que eu não lembro, porque era trabalhando, viajando! Trabalhando, viajando, trabalhando, viajando, né...o tempo todo! (risos)

**PESQUISADORA:**Um envolvimento muito grande! Gente... que bom! E aí, assim, as metas que vocês traçaram pra esse início, pra essa construção...

**TAVARES-** Era ampliação do atendimento e a questão da qualidade do atendimento, tanto da estrutura física, quanto do atendimento pedagógico também. E da parte pedagógica passava pelos concursos, né, a constituição do quadro de funcionários e a formação desse quadro, que aí entrou o CEMEPE dando esse suporte na formação. Então, isso pra gente era muito claro! Não era só...

**PESQUISADORA: E era tudo...**

**TAVARES-** Não era só a escola, construir o prédio. A gente tinha que ter essa estrutura dentro dessa escola pra ter esse atendimento.

**PESQUISADORA: Gente, muito interessante!**

**TAVARES-**Muito, muito! Por isso, assim, e o Doutor Afrânio, ele sempre falava “você são os pedagogos, eu estou aqui pra dar esse apoio”, então a gente tinha muita autonomia.

**PESQUISADORA: Aí, assim, depois que vocês elaboraram esse projeto da MEI, que vocês reuniram, elaboraram e tudo, ele participava dessas reuniões com vocês, dessas discussões todas, também depois ele começou a dar ideia no projeto que vocês tinham pensado ou não, por conta da própria área?**

**TAVARES-** Eu sempre relatava, porque como disse, a gente não tinha foto, não tinha assim, a gente fazia as anotações né, e sempre que eu voltava de alguma visita, igual eu ia a São Paulo, aí eu chegava, eu conversava com ele, falava: “Doutor Afrânio, eu vi isso assim, assim”, mas ele deu total autonomia pra montar o projeto. Tudo, assim. Imagina você montar uma cozinha, listar material de compra, seria muito interessante a gente ter essas pastas porque era tudo escrito a mão, a gente ia listando, listando o que precisava, e comprava, e fazia as licitações, então, quando inaugurou a escola, estava todinha equipada! Tudo, tudo!

**PESQUISADORA: Gente, era um trabalho de muita confiança, né?**

**TAVARES-**Muita! Então, foi isso que aconteceu, quando ele pediu indicação do grupo e ele falou, né, a Sônia assumiu o Afrânio e vai montar o centro de estudos, o Guilherme foi assessor pedagógico dele, e eu pra montar essa estrutura do infantil. E ele: “toma que a tarefa é sua!”

**PESQUISADORA: Ele tinha ideia do que ele queria no município, mas como que ia desenvolver, eram vocês que iriam elaborar...**

**TAVARES-** É, ele não sabia, na verdade ele falava isso claramente, que ele não era da área pedagógica, né?! Nós que éramos pedagogos, então, era por nossa conta, a gente que ia tomar conta. E a gente dava conta porque... ele foi criando as situações, assim, porque não existia, né, não tinha como copiar modelo de ninguém, a gente tinha que fazer! Fazer, aprimorar e depois avaliar...

**PESQUISADORA: E vocês acabaram que foram modelo pra muitos outros lugares depois, né?**

**TAVARES-**Muitos lugares!

**PESQUISADORA: É, bom, os nomes a gente já viu aqui, né, da equipe... então, essa estrutura que você falou agora ela era então do período de 89 a 92, né? E tem também, você falou da zona rural, né? A zona rural o... a coordenadora da zona rural também do grupo de vocês? De pedagogos, vocês também que indicaram? Entre as pedagogas que vocês tinham...**

**TAVARES-** Então, porque aí (pausa) tinham os diretores das escolas, porque foi nucleando, e cada escola passou a ter um diretor, né?! Porque aí veio a figura do diretor.

**PESQUISADORA: A figura que você tá falando da direção, a figura do diretor ela foi indicação?**

**TAVARES-** Foi no começo foi.

**PESQUISADORA: E aí vocês que já estavam...**

**TAVARES-**Aí nós permanecemos...

**PESQUISADORA: E vocês indicavam outras pessoas?**

**TAVARES-** Aí, à medida que surgia necessidade, a gente foi buscando no grupo, né? A gente foi buscando as referências do trabalho. E isso também, o Doutor Afrânio nunca interferiu na indicação de um diretor, nunca! Ele falava que quem conhecia a equipe éramos nós, então, essa era uma responsabilidade muito grande, assim, de a gente buscar uma pessoa que a gente sabia que daria conta do serviço, né, do trabalho assim, daquele desafio.

**PESQUISADORA:** Ah, e aí, você que teve conhecimento na época e tudo, como que ele chegou na Secretaria de Educação sendo da saúde? Porque ele chega, em 89, como Secretário, né?

**TAVARES-** Então, o irmão dele, o Chico, na época, era muito atuante politicamente. E como o Virgílio buscou o nome dele, realmente isso eu não sei, o Sérgio vai saber essa resposta. Mas, assim, na época, o Chico Humberto ele era muito influente.

**PESQUISADORA:** O Chico foi até candidato, né?

**TAVARES-** Foi. Ele foi deputado, né?! Ele foi deputado estadual. Então, essa situação como ele chegou realmente eu não sei.

**PESQUISADORA:** E aí as decisões para o primeiro concurso, vocês também fizeram parte? Porque ele ingressa em 89, logo em 90 a gente já tem o primeiro concurso, tanto pra pedagogo como pra professor também. Não, o primeiro foi só pra pedagogos, né?

**TAVARES-** Eu sou do primeiro concurso, né?! Eu sou pedagoga. É... não, porque aí montou uma equipe específica pra organização dos concursos, tanto que nós participamos do concurso, então, a gente não teve nenhuma...

**PESQUISADORA:** Vocês não puderam fazer parte da organização, né?

**TAVARES-** Não, não, a gente participou assim, concorrente mesmo, né?

**PESQUISADORA:** Uhum, do concurso de 90...

**TAVARES-** É, do de 90.

**PESQUISADORA:** E aí tem um período, eu fazendo as buscas, é... quando eles criam o CEMEPE, tem um período, não sei se você tem alguma memória disso, que os funcionários, os professores, eles recebiam uma remuneração pra investir neles na formação. Você lembra alguma coisa desse...

**TAVARES-** Lembro... é, mas quem vai ter esses dados bem específicos é a Sônia, porque foi um período que ela estava na estrutura do CEMEPE, que depois eu fui pra coordenação também, mas já estava em uma outra época... porque, mas a Sônia vai saber, assim...

**PESQUISADORA:** Porque o CEMEPE também é criado no governo também logo no início, né?

**TAVARES-** Foi, bem no comecinho.

**PESQUISADORA:** Porque ele entra em 89, que é o primeiro CEMEPE aquele da José Vital Carrijo. Não, o primeiro na verdade ele é lá na escola, né?

**TAVARES-** Na escola, né? Porque ela foi como diretora e já montando a estrutura, eu também, quando eu montei a estrutura do Luizote, eu não fiquei com conta de escrever... eu era a diretora do pré-escolar municipal do bairro Luizote, que na época funcionava na associação. Então, eu era a diretora lá e responsável por...

**PESQUISADORA:** E já pensava no projeto do EMEI e acompanhava a construção... (risos)

**TAVARES-** E estava grávida! E tava grávida! (risos)

**PESQUISADORA:** Nossa, Deus, era muita coisa! (risos) E, assim, vocês ainda tinham outra responsabilidade que era a formação dos professores, né? Porque eu me lembro que o Guilherme ia muito... até estava olhando os materiais lá em casa. Então, cada roteiro que vocês eram responsáveis vocês eram responsáveis por fazer a formação de todos aqueles profissionais ali, né?

**TAVARES-**Todos! Todos, todos! A gente estudava muito!

**PESQUISADORA:**Era muita coisa, né? A gente estudava muito mesmo, porque na verdade também essa proposta pedagógica também estava sendo criada também tudo ao mesmo tempo, né?

**TAVARES-**Tudo ao mesmo tempo! Tudo, tudo ao mesmo tempo!

**PESQUISADORA:**Eram as escolas que estavam sendo construídas, né, de acordo com as demandas...

**TAVARES-** Por isso que quando se fala em diretriz, isso pra mim era muito claro, né, assim, era a estrutura física, mais o corpo pedagógico. E a sustentação dessa base pedagógica. Então, isso tudo tinha que acontecer ao mesmo tempo, né? O que é muito claro, na época, as condições financeiras do município eram mais favoráveis. Disso, eu tenho muita clareza. Porque a experiência que eu tive de estar à frente da Secretaria de Educação agora, a diferença que a gente tinha na época das possibilidades pra aquisição do que a gente tem hoje. Então, assim, são outros tempos, totalmente diferenciados. Quando fala de montagem da equipe, quando foi pra montar o projeto da Maria Pacheco, eu tive condição de trabalhar a equipe antes de começar a escola. E, hoje, a gente vê que é o maior sufoco pra montar a equipe de profissionais pra começar o ano letivo. Então, assim, disso eu tenho muita clareza, são outros tempos, outras condições financeiras do município.

**PESQUISADORA:** E também o numero, hoje, de docentes, de pedagogos, é muito grande, né? Acho que até mesmo da própria Secretaria...

**TAVARES-**Muito grande! Eu sou da época na rede que a rede toda, os profissionais, eu digo, a reunião inicial do ano ela era feita numa sala de aula! Pra você ver a quantidade de professores era uma quantidade muito... isso eu falo quando eu era professora. Aí a gente não tinha alocação. Todo ano a gente tinha indicação de um local de trabalho.

**PESQUISADORA:**E as pessoas conseguiam se conhecer, né? A gente sabia...

**TAVARES-** É, a gente tinha... a gente reunia... eu lembro de reuniões na época que eram feitas na ABRACEC, não existe mais, né? Reunia em uma sala! Aí organizava, falava “Cristina, você vai trabalhar no pré-escolar municipal do bairro Alvorada...” “você vai pra tal lugar”, cada ano você ia pra um lugar. Não tinha essa alocação, a alocação veio com o concurso.

**PESQUISADORA:** E os concursos também... é... demanda pós LDB também né?

**TAVARES-** Foi, tanto que, nessa ocasião anterior, antes de ter alocação, eu trabalhei no Tibery, eu trabalhei no Saraiva, Santa Mônica, Luizote... cada ano eu estava em um lugar! (risos)

**PESQUISADORA:**Nossa, gente, eu lembro quando eu entrei! Oh, meu deus, foi difícil!

**TAVARES-**Você entrou em qual ano?

**PESQUISADORA:**Eu entrei em 87. Você falou Alvorada, eu lembrei... Entrei em 87, fiquei seis meses no Alvorada... nossa, aquilo ali foi a escola do “ou você continua ou você larga”! Nossa, Deus, aí depois eu fui pro seu roteiro.

**TAVARES-** No Santa Mônica, né?

**PESQUISADORA:** Santa Mônica! Aí, quando eu fui pro roteiro... não, aí no final do ano eu falei que eu não queria de jeito nenhum, que eu ia abandonar, porque pro Alvorada... não dava! Em hipótese alguma! Aí eu fui pro roteiro do Santa Mônica, fiquei lá no Santa Mônica, e aí, nessa época, você já estava, Santa Mônica, Saraiva e Lagoinha, né? Que a gente juntava as três numa sala de uma escola! A gente juntava todo mundo...

**TAVARES-** Aham! Uma merendeira que fazia né, a limpeza...

**PESQUISADORA:**É! Uma secretária! E você correndo nas três! (risos)

**TAVARES-** É, a Beth! Era! (risos)

**PESQUISADORA:** E era interessante, a gente conseguia fazer tudo, né? Assim, conseguia ser pedagoga, conseguia ser o gestor, conseguia olhar... e, parece que não tinha estresse, né? Todo mundo...

**TAVARES-** Não tinha! Gente, meus filhos, eu digo hoje né, meus filhos formados, aí no doutorado... dava pra conciliar tudo, gente! A casa, o trabalho, eu estudava muito... muito, muito, como a gente estudava! E as coisas, assim, as relações interpessoais né, no espaço da escola, nossa gente...

**PESQUISADORA:** Era muito sadio, né? Todo mundo era muito... Tanto é que as pessoas que têm um vínculo muito grande, você conhece as pessoas...

**TAVARES-** Conhece as pessoas que vêm dessa época!

**PESQUISADORA:**É, é... e, hoje em dia, parece que não, parece que tá igual...

**TAVARES-** Mas distanciou muito, a cidade cresceu, os problemas sociais aumentaram, as dificuldades da questão do aluno, sabe, a questão de limite, de como... a palavra é da base mesmo, de educação familiar... isso hoje é muito difícil! Essa relação professor-aluno, sabe? É... escola-família... é muito diferente! Muito!

**PESQUISADORA:** Aí você, você pega todo... vamos pensar, você pega todas essas etapas né? Porque você ingressa, a gente tá terminando uma ditadura, você pega um tipo de gestão. Aí depois, logo que você inicia como pedagoga, já temos outra gestão, você já assume outros compromissos... então, assim, você conseguiu vivenciar...

**TAVARES-** Aham, tudo muito rápido! Tudo muito rápido. Nesse período na rede, eu tive a oportunidade de ser professora, eu fui pedagoga, assim, eu atuei nesses espaços, né? Tanto da docência como da gestão. E também a oportunidade de estar na educação superior. Foi muito bom, foram 15 anos paralelos que, pra mim, era uma vivência integrada, porque a segurança que eu tinha nas aulas da faculdade, de ministrar as aulas na faculdade, vinha mesmo da prática, né?! E da base teórica, da formação teórica que sempre eu tive.

**PESQUISADORA:** Isso, isso.

**TAVARES-** Então, o estudo que eu tive com a prática, pra dar aula era tudo de bom! (risos)

**PESQUISADORA:** E acabava que era um lugar que você buscava fôlego também, né?

**TAVARES-** E a possibilidade que eu tive, igual, eu trabalhei do berçário à educação superior. Todos os níveis!

**PESQUISADORA: Você passou por todos!**

**TAVARES-**Passei por todos os níveis!

**PESQUISADORA: Tanto na teoria como na prática. E eu acho que isso é interessante e é um diferencial, né, na vida do profissional docente...**

**TAVARES-**E o período que eu estive como pedagoga, na época de quinta à oitava série, na época foi um período muito interessante, porque eu vinha de uma formação e uma área de estudo muito específica da educação infantil, e aí, de repente, eu me vi no fundamental de quinta à oitava! Nossa, foi maravilhoso! Maravilhoso!

**PESQUISADORA: Gente! Mas aí é começar, tipo assim, começar de novo, né? Do zero. É outro aprendizado, né?**

**TAVARES-**Nossa, foi muito muito bom! Foi muito bom! E o fato né, da faculdade, das aulas na faculdade... E hoje, eu pego... assim, que foi muito interessante, muitos alunos da faculdade eram colegas na rede! Então, Doutor Afrânio falava muito isso, às vezes a gente saía em uma escola, a gente ia em alguma escola, eu chegava na escola, aí “professora, professora, professora!”, ele falava “nossa, mas quantos alunos você já teve?”, eu falava “Doutor Afrânio, muitos, aqui ó”. Eu falava assim, aqui, e hoje, hoje nem tanto que muitos estão aposentando, mas teve época que eu chegava numa escola tinham, no mínimo, umas 5, 8, 10 pessoas...

**PESQUISADORA: Eram alunos! Foram alunos seus na pedagogia!**

**TAVARES-**Foram! Então, isso era interessante, porque eu sabia que em cada lugar tinham pessoas que eu conhecia, que conheciam a formação, né?

**PESQUISADORA: Gente, é muito interessante!**

**TAVARES-**Tudo muito interessante, muito, muito interessante! Por isso que (incompreensível)

**PESQUISADORA: Você pegou uma oportunidade muito abençoada, né? De poder vivenciar todos esses espaços**

**TAVARES-** Nossa! Da docência, gestão, né?! E a formação de professores!

**PESQUISADORA: Sim, sim! E conseguir, assim, como que eu te falo?! Acompanhar todos, né? Porque foram mudanças em todos os períodos, e todas mudanças muito significativas, e que você teve que acompanhar todas essas mudanças, né? Igual, pensa, 2005 a 2012... 2005 a 2009 acho que ainda estava mais ou menos, ainda tinha muita coisa nova, mas 9 a 12, né?**

**TAVARES-** Essa parte, 2005 a 2012... então, é muito marcante a parte da formação, né? Porque, nesse período, eu fiquei mais direcionada ao infantil, eu fazia aquela assistência ao Doutor Afrânio na parte da imprensa, né, basicamente porta-voz dele nas entrevistas e tudo, e acompanhava a educação infantil. Então, a formação, toda aquela estrutura que a gente teve do formar em rede, rede de formação... foi muito bom. Porque a gente conseguiu dar sustentação à rede como um todo. Então, nossa, foi... Aí de novo eu falei, no início a gente teve assistência da Silvia Pereira de Carvalho, e depois a gente veio pro Instituto Avisa Lá e reencontrei a Silvia! Reencontrei a Silvia no Instituto! O Crecheplan transformou em Avisa Lá!

**PESQUISADORA: Ah, foi? Gente! Eu participei das formações da educação infantil em 2008... 2008, 2009 eu estava na EMEI São Francisco aí eu peguei uma parte da formação da educação infantil.**

**TAVARES-** Eu falo, nacionalmente, gente, a Silvia ela é referência na educação infantil nacional! Nossa, os primeiros estudos, assim, a iniciativa mesmo a partir da Constituição... olha, a educação infantil deve muito a ela! O Brasil como um todo! MEC... ela foi consultora do MEC em vários momentos.

**PESQUISADORA: Muito bom, né?**

**TAVARES-** Não, e foi assim de muita alegria, tanto que a nossa relação com o Instituto foi uma chamada pública de projeto, na internet! A gente viu que tinha a possibilidade de inscrever o Município e concorreu com mais de 200, acho que eram 250 e tantos municípios, e desses 200 e tantos, nós mandamos o projeto e o nosso município foi selecionado. Daí que eu vi que reencontrei a Silvia. (risos) Foi muito interessante!

**PESQUISADORA: Gente, que legal! E era uma formação muito grande, né? Muito grande, bastante gente...**

**TAVARES-** Era. Do Brasil, eram 11 municípios. De 258 inscritos, selecionaram acho que 11, e nós fomos selecionados! Nossa, aí foi uma parceria... (risos) Muito grande e excelente!

**PESQUISADORA: Muito grande! E foi um período que voltou o movimento todinho, né? Leitura...**

**TAVARES-** Era o prazer pela formação!

**PESQUISADORA: E isso é muito importante! E eu penso que o diferencial da educação é esse. Se não tiver essa formação, se essa leitura não for uma leitura comum a todos, é muito difícil!**

**TAVARES-** Cada um vai pra um lado... E desestimula!

**PESQUISADORA: Muito, muito! Porque acaba que você fica solto, né? Você fica solto, então, você fala “ah, e agora?”. E quando você tem, igual, a forma que você estruturou a formação da educação infantil, que tinha leitura dos textos, depois tinham as discussões dos textos, né, aí tinha o momento de o palestrante vir pra poder discutir, que encontrava toda a equipe inteira da educação infantil... então, aquilo ali é algo que fez uma diferença muito grande na equipe da educação infantil. Que nós do fundamental não tivemos. (risos). Então, o CEMEPE, a função dele era basicamente, nesse período, estar formando mesmo esses professores. Me lembro que o início teve muitos congressos também, né, Celinha?! Na... 89 não, 90, 91, 94...**

**TAVARES-** A base inicial do CEMEPE é... Porque a rede ainda tinha condição de reunir a rede em um congresso, hoje não tem mais! Pra você reunir a educação infantil, você não tem espaço em Uberlândia que comporte. Não tem! Tanto que a gente reuniu, toda aquela jornada nossa lá na Shalom, tinha que dividir em dois turnos. E era lotado!

**PESQUISADORA: Sim! Muito grande já hoje. Eu lembro que, em 80 e... não, como que era? 94, 95, a gente ainda conseguia ir ao Praia, né? Reunia no ginásio. Mas era o ginásio, já estava grandinha já, né? Já tinha dado uma... E, assim, aumentou muito também a questão de número de vagas com a criação das escolas. Um salto muito grande...**

**TAVARES-** Eu sempre penso dessa forma, assim, o numero de alunos no município cresceu muito! E outra coisa também, a rede de ensino, a quantidade de funcionários, com a... Quando implantou um terço, a jornada né, os dois terços de regência. Porque aí o regente dois... É um terço né? Então, ampliou muito! Muito, muito.

**PESQUISADORA: E foi proposta também mais recente, né? Tem o que?**

**TAVARES-** Foi 2000 e... É, foi com a lei 11.741, 2011.

**PESQUISADORA:** Foi os dois terços, foi desde 2011?

**TAVARES-2000** e... Quer ver, ou 2007. Eu sei que a lei, teve a lei e logo a gente... Primeiro no fundamental, depois passou pro infantil também. Eu acho que é 2007.

**PESQUISADORA: Porque 2007... Onde que eu estava em 2007? 2007 eu estava no Luiz Rocha?**

**TAVARES-** Alguma coisa aconteceu em 2007. E alguma coisa importante.

**PESQUISADORA:** Não foi o módulo não?

**TAVARES-** Então, a jornada... É... (pausa) depois eu vou olhar o número da lei que a gente vê o ano direitinho...

**PESQUISADORA: É, foi, 2007 foi o módulo, o módulo 2, não é? Foi 2007. Antes de 2007! Porque eu estava no mestrado e eu lembro que eu ia pegar liberação e a Maria Beatriz falava assim: “não, você tem um módulo de onde melhor lhe convier”, então se você esta usando ele na UNICAMP, então você vai usando ele lá. Assim, foi nesse período, 6, 7...**

**TAVARES-** Que era só no fundamental?

**PESQUISADORA: Isso!**

**TAVARES-** Então, nessa situação aí que aconteceu a questão do aumento do número de funcionários. Um terço, né? Dividiu um terço, e um terço.

**PESQUISADORA: Nossa, é muito funcionário!**

**TAVARES-** 30% né?

**PESQUISADORA: Porque, pra você ver, quantas escolas que nós temos, né? E aí todas essas escolas quantos professores? E aí naquele dia tem 3, 4 especializadas, né? Dependendo de como organiza o horário, né? Num módulo de cada um.**

**TAVARES-** Então, tudo isso, a implantação, sabe, do um terço. Né... isso tudo foram conquistas, alterações que foram acontecendo a partir... Uma coisa que a rede... rede, quando eu falo a Rede de Uberlândia, diferente do que eu tive oportunidade de conhecer outras redes, o que vir da determinação legal logo em seguida já tinha a implementação. Então, as coisas, assim, a questão dos seis anos, né?! Tão logo a lei mudou já veio também a... o começo, né?! Foi 2007 mesmo. Porque 2011 já estavam quase no final do outro mandato e já, já...

**PESQUISADORA: Já estava (incompreensível) 9 anos, não já?**

**TAVARES-** Já! Acho que foi 2007 mesmo. 2006 pra 2007. Foram muitas mudanças, né?

**PESQUISADORA: Muitas, e tudo muito rápido assim, eu penso que... Não sei nem se deu tempo de vocês perceberem, né, como que foi... As coisas mudavam muito.**

**TAVARES-** Não, não tinha!

**PESQUISADORA: E foi tudo muito automático, parece, né? A gente, de repente, estava numas escolas que eram uma casinha, aí você já começava o ano já estava naquelas escolas imensas com aquele tanto de aluno, aquele tanto de funcionário...**

**TAVARES-** Não, e o concurso né? Aquele tanto de gente, e formação daquele tanto de gente.

**PESQUISADORA: É, foi tudo muito corrido mesmo. É... Tem uma... Nesse período que a gente tá, ainda nesse primeiro aqui, das reuniões da equipe realizadas com o Afrânio Azevedo, quais eram os objetivos e as metas dele e do governo Virgílio Galassi para a educação? Ele tinha, assim, o senhor Virgílio,**

**enquanto prefeito, ele também tinha alguma meta junto com o Afrânio, de se pensar a Educação, ou o Afrânio pensava essas questões só com a equipe dele de educação?**

**TAVARES-**Eu vejo, o senhor Virgílio, ele foi um homem muito adiante do tempo dele. Então, tanto o Doutor Afrânio como o Virgílio, acho que essa ideia assim da estrutura das escolas, sabe, de melhorar as condições do atendimento da educação, isso era meta do governo municipal. Então, tanto o Doutor Afrânio quanto o Virgílio sempre tiveram essa ideia assim da qualidade da estrutura, da escola organizada, da escola em condições favoráveis pro atendimento, Doutor Afrânio falava muito disso! Ele falava muito assim que... Eu me lembro de ele falar que a criança tinha que ter... É, o professor, tanto o professor tinha que ter condições, né, no atendimento, como o aluno também tinha que ter a qualidade do atendimento. Então, essa qualidade era uma rede física, dos materiais, você vê, os laboratórios, tanto o laboratório de ciências como o laboratório de informática. Isso era cuidado que ele tinha, de ter uma educação de qualidade. Assim, tudo que a gente tinha de ideia, falava, ele falava “olha vocês são os pedagogos, vocês têm que saber o que precisa, eu tô aqui pra viabilizar.”. Tudo o que a gente falava “isso é importante, isso é importante”, ele dava esse... E lógico que o senhor Virgílio, sendo ele um gestor bem adiante dos tempos, tudo que a gente falava de ideia que ia melhorar as condições de atendimento à população, nossa, ele não tinha nenhuma forma de falar assim “isso não vai fazer”... Não tinha! Tanto que as escolas, o tanto de escolas que foram criadas, tanto o senhor Virgílio como o Paulo Ferolla, e depois, na mesma linha de gestão, o Odelmo.

**PESQUISADORA: O Odelmo... É porque nos jornais, que eu também tô fazendo pesquisa neles, quando aparece o senhor Virgílio sempre fala isso, né, que eles tinham uma meta pro município de Uberlândia, e essa meta ia ser cumprida. Então, eles já projetavam, no caso nosso da educação, quando se inaugurava uma escola, eles já anunciavam qual o próximo bairro que já tinha ganhado a demanda e que já ia ter outra escola.**

**TAVARES-**E essa época da gestão, da administração municipal do senhor Virgílio, é... Pensa assim, o Luizote, um grande bairro, esses bairros eles estavam crescendo! A grande... Gente, o número da população cresceu muito! Então, tinha que acompanhar todo esse crescimento. E conseguiu. Conseguiu, assim, o tanto de escola! Nossa, por ano, gente, inaugurava quantas e quantas escolas! Muitas, nossa!

**PESQUISADORA: Não, uma atrás da outra!**

**TAVARES-** É, quando eu estava na assessoria, é assim, cuidava da formação, cuidava da inauguração das escolas, cuidava de uma coisa e de outra, né?! As coisas aconteciam muito rápido!

**PESQUISADORA: Eu acho que não deu muito tempo nem de vocês verem...**

Universidade Federal de Uberlândia



Universidade  
Federal de  
Uberlândia



Faculdade de Educação



Programa de  
Pós-Graduação em Educação

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)

Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica— Bl. “G”. CEP 38400-902

**Transcrição entrevista:** Eliane Hugueneu SANTOS:

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**PESQUISADORA:** Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves

**NOME DA ENTREVISTADA:** Eliane SANTOS: Hugueneu

**LOCAL:** residência de SANTOS:

**DATA:** 07/10/2019.

Após me receber, nos apresentamos, pois não nos conhecíamos, e conversamos um pouco sobre a pesquisa antes de a iniciar. Em seguida, Eliane iniciou sua narrativa falando da perda de sua mãe.

**SANTOS:** Eu perdi a mamãe agora e a mamãe já estava doente. Eu sou a única filha mulher que podia cuidar dela e o que aconteceu foi que eu estava correndo de casa para casa da mamãe e da casa da mamãe para casa e o Afrânio começou com Alzheimer e ele se perdia na rua. Eu pedia para ele, por exemplo: “Amor, vai no supermercado para mim, compra 2 kg de batata”. Mas aí ele chegava com cinco, seis pães. “Amor! Você já comprou pão hoje!” E ele falava: “Ah, é mesmo!” E ele voltava com pão de novo. Então estava muito complicado. Nesse dia, [estava] na mamãe, eu cheguei em casa, quando eu cheguei em casa estava esse médico, só que eu procurei saber o nome dele e eu sou péssima para nome. Depois desse episódio aí que eu falei, vou tirar isso da minha mente. Aí esse médico falava: “Nós estamos aqui para levar o Dr. Afrânio para fazer uma palestra na UFU”. Mas aí eu chamei ele no particular e falei: “O Afrânio não dá conta, vai fazer feio lá, vai ser ruim para ele”. Porque o Afrânio falava muitas vezes para mim: “É um absurdo eles exporem o Zé Olímpio assim desse jeito, porque o Zé Olímpio foi um homem que foi que fez essa universidade, quem fundou essa cirurgia plástica”. Então eu lembrava disso. Eu pensava: eu não posso expor o Afrânio, porque (é) um homem culto, inteligente demais da conta, conversava sobre todos os assuntos, qualquer coisa ele entendia, mas foi piorando, piorando e esse dia eu falei para esse médico: “Você vai me desculpar, mas o Afrânio não dá conta disso”. Ele falava: “Não! Ele dá conta sim, eu tô gravando aqui com ele já têm muitas horas e ele está falando muito bem”. Mas aí eu falei para ele: “Mas é diferente você fazer uma palestra e você conversar com essa pessoa, porque a pessoa, mesmo ela esquecendo, a outra fala assim: ‘Uai, mas não foi assim, eu fiquei sabendo que era assim’”.

**PESQUISADORA:** Hummm, vai ativando a memória!

**SANTOS:** O Afrânio era muito inteligente, ninguém achava que ele tinha Alzheimer. Eu falava dentro da minha família, meu irmão falava assim para mim: “Você tá doida, o Afrânio não tem nada, o Afrânio conversa com a gente”. E eu falava para ele: “Não é assim, eu que sei lá em casa, não é assim, sabe?” A mamãe falava comigo: “Mas o Afrânio parece que não tem nada”.

Eles só perceberam quando ele fez 70 anos, quando nós fomos passar os 70 anos dele em Araxá. Eu queria fazer uma festa para ele e ele falava: “Eu não quero festa, eu não quero ninguém aqui, eu só quero ir para Araxá”.

Aí eu falava: “Então tá bom, nós vamos para Araxá”. A mamãe, a minha tia e a minha neta que mora comigo aqui em casa, nós fomos nós cinco, a gente viria embora na segunda-feira. Ele falou assim, eu estava arrumando as coisas, falou: Vamos lá para piscina quente?” “Ah! Não, amor, deixa eu acabar de arrumar aqui?” “Não, eu quero ir agora. Vamos agora!” E eu falei: Agora eu não posso ir, você vai com a Ana Vitória, aí quando eu acabar eu desço”. “Ah! Mas a Ana Vitória tá aqui?”

Aí eu disse: “Está amor, ela veio conosco!” Aí eu liguei para o quarto dela, liguei, ela veio e foi com ele. Uma meia hora depois ele já estava de volta. “Uai amor, eu nem acabei e você já está de volta?!” “Ah, é muito ruim ficar sozinho, sem ninguém na piscina”. E eu falei: “Mas você estava com a Ana Vitória!” Aí ele falou: “Ana Vitória! Que Ana Vitória aí?” Ele falou assim: “Não! A Ana Vitória não foi comigo não”. “Foi, amor, ela foi com você sim, você se esqueceu?” Então isso tudo foi firmando, aí à noite, na mesa de jantar, eu falei assim: “Ana Vitória, você não foi com seu avô para piscina?” “Lógico que eu fui, né, vó?!” “Ah, porque acho que seu avô esqueceu, ele falou que você não foi com ele”. Aí na hora ele falou: “Você não foi, você saiu comigo, mas você foi para outro lugar!” “Que é isso, Vô! Nós ficamos na piscina, não tinha ninguém, só tinha nós dois!” Aí a mamãe e a tia Zoé falaram: “Não é mesmo!” Então aí esse dia eles tinham me ligado, e o Popó tinha me ligado muitas vezes e tal, e eu falava: “Popó, eu tenho que estar perto dele, olha, ele pode fazer, mas eu tenho que estar perto dele para eu ir retificando as coisas que ele for fazer”.

#### **PESQUISADORA: Huuummm.**

**SANTOS:** Não! Ele me chamava de doutora. “Não, doutora, não preocupa não, a senhora vai ficar perto dele”. Eu não sei de onde que ele tirou esse doutora, aí esse médico lá em casa insistindo, insistindo, aí depois disso ele saiu. E eu falei para ele [Afranio]: “Amor, não vai lá, sabe para quê? Depois você ainda vai ser questionado lá com esse tal desse Lamarca, porque o povo acaba que quer falar tudo é disto e vai aparecer os comunistas e vão questionar por que que você mudou de time”. “Ah, não, pode questionar, não tem problema.” Eu sei que no final ele aceitou. Então tá bom! E nós fomos lá para medicina, foi nesse mesmo dia dessa do Popó, e falei assim: “Às vezes a gente demora um pouquinho, porque pode ser que lá atrase um pouco, né!” Falei com o médico: “Nós não podemos nos atrasar porque o Afrânio tem outro compromisso às tantas horas”.

Chegamos lá, nos sentamos lá atrás, aí veio o médico, sentou e tal, aí eu falei para ele: “Eu estou preocupada”. Ele falou: “Nada, não senhora, tá preocupada à toa, bobagem, tem tudo gravado aqui, eu sei o que que ele precisa falar”. Eu falei: “Então tá bom!” Aí encheu lá, todo mundo, aí chamou o Afrânio para ele ir lá para frente como convidado e tal, aí ele foi, aí esse mesmo médico falou: “Nós estamos aqui com o Dr. Afrânio, cirurgião plástico, ele veio conforme os alunos da cirurgia plástica pediram para contar para nós sobre a realidade e as mudanças que houve na cirurgia plástica, a história da cirurgia plástica, de quando ele formou até os dias de hoje”. Aí o povo bateu palmas, sabe o que que ele falou? “Boa noite, muito obrigado pelo convite, por vocês terem vindo, por ter me convidado, por estar aqui. Muito obrigado, boa noite!”

Eu fiquei olhando no fundo do olho desse médico, sabe, e falando assim: “Como assim! Eu disse que não podia, que ele não dava conta”.

Na prefeitura, eu não sei se você percebeu, mas os últimos discursos dele, nas últimas inaugurações em escola, era mesma coisinha que ele falava, que ele tinha gravado, aqui um professor da escola que ele estudou, ele agradecendo, ele tinha feito isso a vida inteira, a vida inteira ele estudou na escola do governo e ele estava ali era para pagar. Isso aí, sabe, ele só falava isto! Lá eu tenho a impressão de que ele pensou assim: Que eu tenho para falar aqui? Nada, né, eu nunca vim aqui.

**PESQUISADORA: É o ambiente, né!**

**SANTOS:** Sim. Um ambiente desconhecido, sem memórias, porque a pessoa, quando tá com Alzheimer, [se] ela sai do local conhecido, ela fica doida!

**PESQUISADORA: Geeente!**

**SANTOS:** Ele fica sem... assim, totalmente inseguro, então ele estava desse jeito. Nós viemos para casa do meu irmão no domingo às vezes almoçar, sei lá, para comer qualquer coisa, e ele ficava assim: “Amor, vamos embora, amor, vamos embora”. O tempo todo, amor vamos embora, até que eu largava tudo, às vezes eu saía até sem almoçar. Né, perdia total...

**PESQUISADORA: É porque ele perde essa noção do tempo e você não esquecia?**

**SANTOS:** Não, pelo contrário, a segurança dele era só em mim, meu filho mais velho na época morava em Uberaba e a gente ia quase todo final de semana para lá. Ele roubava os brinquedos dos meninos, punha dentro da sacola dele e falava: “Não, isso aqui é dos meninos lá de casa. A gente tinha que ir lá e tirar da sacola e guardar. Ria, achava bom até, era desse jeito, mas é muito triste, triste, sabe a tristeza minha é ter exposto o Afranio a essas coisas.

**PESQUISADORA: Que você sabia que não iria dar certo, né?**

**SANTOS:** É, tinha certeza, porque quando estava só em família a gente ria, brincava em família e tal e falava: “Nossa, amor, você esqueceu”. Mas é muito difícil, assim, eu falo que eu dou graças a Deus que levou ele tão rapidamente sem ser por causa de doença, porque a família dele inteirinha tem. Os únicos que não tiveram foi o Mário Augusto, que teve um aneurisma, né, sei lá aqui, no estômago, sei lá como é que chama, e a Martha, que ele mesmo brincava com ela: Ah, não, a Martha nunca vai ter Alzheimer, ela já nasceu com Alzheimer rrsrs

Susto !!!!! Barulho no ambiente.

**SANTOS:** A vida inteira ele falava isto, a Martha é muito conversadeira, muito brincalhona e tal ...

**PESQUISADORA: Conta uma história, né?**

**SANTOS:** Então ele vivia falando. Mas ele tem uma prima dele, que era dona do CCAA, Maria Odete. Você conhece Maria Odete? Foi nossa professora, minha, né, de inglês, de francês, de matemática, aulas particulares, uma mulher cultíssima, falava não sei quantas línguas. Estava com Alzheimer, tem mais de 20 anos na cama, muito mais, uns 30 anos na cama, um bichinho desse tamanho. Então eu falava: “Meu pai do céu...”

**PESQUISADORA: É triste, ninguém tem vida, né?**

**SANTOS:** José Olímpio ficou quantos anos lá na cama, quantos anos!

**PESQUISADORA: Porque ali, além da questão da memória, também [tem] a parte motora!**

**SANTOS:** Tuuuudo! É, a pessoa esquece de andar, não sabe como que anda, o Zé Olímpio ia lá em casa, não sabia nem entrar nem sair do carro. A Aline ia muito lá com ele lá em casa porque ele gostava, ele gostava muito de ir lá porque ele distraia,

sabe! Não sabia, não sabia nem descer nem sair do carro, era a maior dificuldade. Sabe, eu falo que eu dou graças a Deus, de Deus ter levado antes dele ter ficado assim... muito triste.

**PESQUISADORA: Eu acho assim porque, sabe, a pessoa esqueceu tudo, ele não sabe o que tá acontecendo, e o que fica ali na lida diariamente...**

**SANTOS:** Eu até fiquei muito aborrecida agora no 7 de setembro, não sei se você viu, apareceu uma foto dele de uma das escolas.

**PESQUISADORA: Ah, eu sei, minha escola desfilou, mas eu não vi.**

**SANTOS:** Meus filhos, apaixonados com ele (emociona-se nesse momento,) sabe, porque ele foi pai mesmo, foi avô mesmo, então meu filho levou o menino dele mais novo e aí fotografaram uma escola, uma foto do Afrânio, uma foto dele sentado numa cadeira lá em casa, assim, e já muito acabado, muito magro. Se não engano foi numa entrevista para um filme que a UFU estava fazendo [há] muito tempo... a UFU fez isto. E puseram em baixo o nome dele: Afrânio Rodrigues. Mas aquilo me matou! Sabe, aí eu falei para o meu filho: “Não, Neto. Que coisa horrorosa. Afrânio Rodrigues! Numa escola, deixar sair isto!” Numa escola, num Sete de Setembro! Quem foi Afrânio Rodrigues? Que eu saiba, foi um prefeito aqui de Uberlândia de muuuuuuitos anos atrás, que eu era ainda menina, Afrânio Rodrigues da Cunha, ponto!

**PESQUISADORA: É o nome de uma rua.**

**SANTOS:** Mas a foto não era dele, não era dele, era do Afrânio... Marciliano de Freitas Azevedo, né, e eu liguei para o Sérgio e mandei a foto para o Sérgio. Aí o Sérgio: “, eu não acredito, aposto que foi a escola tal. Pode deixar que eu vou averiguar”. “Sérgio, eu estou muito triste porque o Afrânio deu sangue para essa prefeitura...” Afrânio ficou pobre dentro da prefeitura, porque todas as vezes que ele foi secretário, ele largava o consultório para dedicar...

**PESQUISADORA: O Sérgio falou...**

**SANTOS:** É... então o Sérgio, passou uns dias, ele me ligou assim: “, já tô sabendo, foi a escola tal, a diretora tal, e ela foi chamada e deram um rala nela lá na secretaria”. Mas desfilou na rua, com o rala na mão pedindo desculpa, fazendo a correção? Aí o Sérgio ria e falou assim: “Mas, você é brava demais!” “Não, não sou brava não!”

**PESQUISADORA: Tinha que se retratar, né, gente!**

**SANTOS:** Isso é uma retratação, sabe, a um homem que fez tudo para Uberlândia na área da Educação. Eu falo que Uberlândia é antes, na educação, e depois do Afrânio, porque antes não existia educação aqui. Quando o Afrânio assumiu a secretaria, ele mudou tudo, ele fez ... ele falava assim pra mim: “Não, amor, é porque você é minha esposa e você me elogia”. Eu falava: “Não, né não, amor”. É porque falava que na época a gente tinha muito dinheiro, uai, ótimo, mas se fosse outro tinha posto dinheiro no bolso.

**PESQUISADORA: Mas não é por conta do dinheiro, né, é por conta do ideal, da clareza de onde quer chegar, né, que quer aplicar aquilo ali...**

**SANTOS:** O que que ele quer fazer para a sociedade!

**PESQUISADORA: Porque, assim, eu achei interessante, sabe, SANTOS:, porque na pesquisa a gente tem que distanciar muito, ainda mais eu, que sou funcionária da rede.**

**SANTOS:** Uai, tá doido, lógico, né, você tem que ser totalmente neutra.

**PESQUISADORA: O que eu penso dele da secretaria eu tenho que ficar fora. Gente, eu falo, é muito difícil fazer este distanciamento. No mestrado eu tive**

muita dificuldade de distanciar das coisas, ainda mais porque foi na área de formação de professores, então eu sofri mesmo. E meu orientador falava assim: **Você tem que distanciar, você não tem que achar nada, nada!**

**SANTOS:** Você tem só que colher dados!

**PESQUISADORA:** É, eu vou distanciar, dessa vez agora eu já tô achando o exercício mais fácil porque já é na segunda formação e a gente vai ficando no meio e vai aprendendo. É incrível, esses dias, na semana passada eu retornei lá no Pedro Popó para ver algumas coisas com ele e eu falei o seguinte: “Ó, Pedro, eu tô quase mandando ressuscitar o Doutor Afranio. Uai, eu tô sentindo que eu devia ter conhecido ele de sentar, bater papo, nem como secretário, mas como ser humano, porque assim é muita coisa legal que a gente escuta. Então eu acho que é algo muito bom!”

**SANTOS:** É maravilhoso, maravilhoso, a gente só vê coisas boas! Mas...

**PESQUISADORA:** **Aí, assim, o que eu vejo que é um erro, que é um erro mesmo, não foi um lapso não, foi um erro, uma escola que não fez uma pesquisa, antes! Porque...**

**SANTOS:** O Sérgio até falou que ela até queria vir e trazer uma retratação por escrito pra mim, eu acho que ela não tem que retratar não é a mim, ela tem que retratar é à cidade, as pessoas que estavam assistindo ao desfile.

**PESQUISADORA:** Tinha muita gente esse ano, sabe, SANTOS:.

**SANTOS:** Eu não sei, eu não fui. Ela tem que fazer uma retração é a ele, pedir desculpa de joelho: Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Porque isso é um erro que não tem conserto!

**PESQUISADORA:** **E outra é... se aconteceu o desfile, teve um trabalho antes e com os alunos...**

**SANTOS:** Sabe o que que ela falou para ele: “Sérgio, você sabe a vida de diretora como é que é!” O Sérgio falou: “Não, você não venha falar para mim não, que você tem muito assessor, tem muito assessor para fazer as coisas, o desfile é programado com antecedência, quem foram os homenageados desse ano, fulano, fulano e fulano. Como é que fulano chama, como que é história dele, vão falar alguma coisa!”

**PESQUISADORA:** **Você tem que estudar no mínimo, que ela não leu nem as entrevistas que tinha na internet!**

**SANTOS:** Ela não sabia o nome do secretário dela, porque ela está na prefeitura há mais de 20 anos, ela foi professora na época dele. Que é isto?

**PESQUISADORA:** **Ah não, gente! Tem como errar não!**

**SANTOS:** Não tem desculpa. “Ela quer ir aí te levar uma retração.” Falei: “Não quero ser retratada! Por nada não, ela não fez nada para mim, fez pra ela, para a sociedade, sabe, muito feio”.

**PESQUISADORA:** **Ensinou os alunos tudo errado!**

**SANTOS:** Ele me falou assim: “O que que eu falo?” Eu disse: “Fale o que você quiser, Sérgio”. Ele falou: “Tá bom, vou falar para ela trazer essa retratação para mim, que eu a guardo aqui”. Eu falei: “Então tá, pode ser”. (risos)

**PESQUISADORA:** **Até porque não vai apagar o que passou na avenida.**

**SANTOS:** Não, não apaga...

**PESQUISADORA:** **Não vai apagar, e não vai apagar o que deve ter ensinado para as crianças, parte do princípio que tem de ter ensinado alguma coisa...**

**SANTOS:** Será que ensinou? Não ensinou porque ela não sabe nem o nome da pessoa.

**PESQUISADORA:** Nossa, gente, é muito complicado.

**SANTOS:** É muito feio!

**PESQUISADORA:** Horrível, uma diretora não sabe o nome do secretário de educação. Foram 16 anos, 4 governos do mesmo secretário. O que mais chama atenção, quando eu apresento, eu já apresentei, eu levei minha pesquisa para apresentar em um Congresso no Uruguai, levei o nome dele no Uruguai, e depois eu apresentei em Goiânia, no evento que teve, em Belo Horizonte, agora teve um aqui em Uberlândia. Acho que já tem umas cinco publicações que eu já fiz, né, falando dele, tudo, e apresentando o projeto. Tem que ter muito cuidado quando você falar, né?

**SANTOS:** Quando você vai falar de uma determinada pessoa você tem de ter segurança. É como eu te falei. Que que você quer saber de mim, né? Eu fui mulher dele, só isso, companheira, né, então!

**PESQUISADORA:** Ninguém escuta mais que mulher, né, Eliane? Tem alguém que escuta mais do que uma mulher? Não tem!

**SANTOS:** Não tem.

**PESQUISADORA:** Nossa, eu fico muito feliz. A gente, eu fiz um roteiro de entrevista para o pessoal que trabalhou diretamente com ele, lá na secretaria, depois elaborei umas outras para você, mas mesmo assim eu quero que você veja a anterior. Ele [Popó] comentou alguma coisa com você, pensou em alguma coisa...

**SANTOS:** Sim.

**PESQUISADORA:** ...para a gente poder conversar. Desculpa porque eu não consegui te enviar antes, né, aí eu enviei para minha orientadora, mas ela fez uma cirurgia, estava de atestado e não conseguiu me retornar, né, nem sei se ela estava bem ou não. Mas aí a gente faz assim: Quando você conheceu o Dr. Afrânio?

**SANTOS:** Eu já conhecia o Afrânio há muitos anos, mas conhecia superficialmente. A família dele era muito amiga da família do meu avô, eles viajavam juntos, curtiam a família juntos, apesar de uma diferença política, eram amigos o pai dele e os meus avós. E então eu já conheci o Afrânio há muito tempo. Eu separei, eu trabalhava na prefeitura, que aqui inclusive tá perguntando, eu entrei pra... quando a minha tia Maria Luiza Galassi assumiu o PRONAVE. Ela nunca trabalhava, nunca, ela detestava política, mas aí naquele determinado ano ela resolveu assumir o PRONAVE, tá bom! Aí ela me chamou e falou: “Eliane, você que vai trabalhar comigo”. Uma vez ela teve uma loja aí de Arraiolos, me levou para ficar junto com ela e tal. Então ela gostava muito de mim e eu dela, aí eu entrei na prefeitura dessa maneira. Fiquei uns 4 anos com ela, logo depois entrou o seu Paulo Ferolla com a dona Aparecida. E aí Lione, que é marido da Regina, filha da tia Maria Luiza, falou: “Não, você não vai ficar com Aparecida não, você vem para a Secretaria do Meio Ambiente comigo”. Era Educação e Meio Ambiente. Preciso de gente de minha inteira confiança e tal, pa-pa-pa, aí eu fui. Mas antes de eu ir, um belo dia nós estávamos lá no PRONAVE, Dona Aparecida e eu, e o Afrânio chegou lá, aí foi conversar sobre escola com ela, com mais não sei o quê. Na hora que ele estava saindo, ela falou assim para ele: ‘Você separou’. Ele tinha separado há pouco tempo. “Você está separado, sozinho, morando na roça, a SANTOS: é separada, vocês podia juntar os dois”. Eu olhei para ela e falei: “Dona Aparecida!!!”

**PESQUISADORA:** DIRETA!! (risos)

**SANTOS:** É!!! “Não, é que eu gosto muito de vocês e vocês são tudo família conhecida.” Porque o Sr. Paulo Ferolla trabalhou anos e anos com papai, com o tio Virgílio, sabe, então, assim, todo mundo conhecia todo mundo ali. E aí ele falou assim: “Eu tô indo para uma pescaria, quando eu voltar eu converso com ela”. E foi assim, eu nem aí, nunca mais vi o Afrânio. Aí, um belo dia eu fui representar o Leone, numa inauguração, uma festividade com o corpo de bombeiros, longe, fora da cidade, aí eu vi o Afrânio lá de longe. Eu achei ele bonito, estava muito bem vestido e tal. Aí eu estava conversando com um rapaz que na época trabalhava lá na televisão, tinha um programa lá, aí ele [Afrânio] falou assim: “Sai daqui que quem quer conversar com essa menina agora sou eu”. Ele me chamava só de menina. E aí conversando, conversando, ele virou para mim e falou assim: “Escuta aqui, você quer namorar comigo?”

**PESQUISADORA: Gente, que povo direto! (risos)**

**SANTOS:** Eu achando que era tudo brincadeira, eu sou muito brincalhona, e na hora eu falei: “Quero!” E ficou por isso, chegou gente, continuamos conversando e tal, e peguei o carro com motorista, acabou o evento, fomos embora, e de repente estou ouvindo uma buzina tatatatata. Mas gente, que que é isso, que homem apressado é esse, né? Aí o motorista falou assim: “É o Doutor Afrânio”. Eu falei: “Que que foi, será? Deixa ele passar.” Aí ele queria falar era comigo. Aí ele falou: “Me dá seu telefone”. Eu falei: “Não, eu não tenho telefone não, tem o mesmo até hoje, liga da secretaria”. “Não, eu quero da sua casa!” Disse não, e isto era um sábado de manhã, e ele disse que ficou o final de semana inteiro me procurando, onde tá, que mais não sei o que, disse que procurou meu pai, onde papai morava para saber, tá. Aí na hora eu falei para ele: “Você é louco, procurar minha família para..., né, não pode de jeito nenhum”. Tá bom, aí depois começou nos encontrando e ele trabalhava lá dentro na secretaria também do prédio, então estamos juntos até o dia que ele morreu, infelizmente, muito cedo, mas foi assim. Mas foi um tempo muito bom.

**PESQUISADORA: Ele teve quantos irmãos?**

**SANTOS:** são cinco irmãos, José Olímpio, Martha e Mário Augusto, Afrânio e Francisco Humberto, que é médico também, mora em Brasília. São cinco irmãos. Ele tem duas filhas, Aglaia, Isabela, a Isabela é a mais velha.

**PESQUISADORA: O que você sabe sobre a infância adolescência e juventude, o período de faculdade, Secretaria de Educação.**

**SANTOS:** Bom a infância dele! Ele era bem mais velho que eu, 11 anos, eu acompanhei pouco, mas eu sei que a família dele era muito amiga dos meus avós. Como eu falei, viajavam sempre junto e daqui para Araxá, tinha que ficar um mês lá, porque era, assim, uma semana para chegar em Araxá, né, e depois de uma semana para voltar. Alugavam lá o hotel e ficava lá mais ou menos um mês, para passar as férias lá. Adolescência, eles logo mudaram para Goiânia, o pai dele mudou para Goiânia, então ele começou a adolescência dele em Goiânia, estudando lá. Depois voltou para Uberlândia, passou a juventude aqui, formou aí no Museu [Escola Estadual de Uberlândia], né, ele estudava lá, e depois foi fazer um cursinho em São Paulo. Mas ele não queria morar em São Paulo, detestava São Paulo, não fez cursinho coisa nenhuma porque a Martha já morava e estudava lá em São Paulo. E ele falou: “Não, eu quero ir para o Rio”. Aí, quando ele foi para o Rio é que ele estudou para valer mesmo e que entrou na faculdade, que era faculdade também Federal, que hoje ela existe, mas é outra faculdade, porque, por causa da época de revolução e comunismo, eles derrubaram até o prédio que é o tal do Fundão. Faculdade de Medicina. O que eu sei dele é só que ele começou assim, passou muito bem, ele começou a trabalhar no hospital muito jovem

porque tinha o tio dele que era o braço direito e esquerdo da família na área médica, que era o Dr. Josias, e então Dr. Josias, logo que ele entrou na faculdade, chamou ele para trabalhar junto com ele, ser assistente, e Dr. Josias ensinou tudo que ele sabe porque à época Dr. Josias, toda a América Latina conhecia o Dr. Josias como o melhor cirurgião, tanto que o Afranio aprendeu a mesma agilidade que o Dr. Josias, abrir um paciente, fechar um paciente assim em segundos, sabe? O Afranio aprendeu com ele, os outros irmãos que não trabalharam tanto com Dr. Josias não tinham a mesma agilidade dele. Então foi assim, o Dr. Josias era tudo na vida dele, até hoje as pessoas, familiares que o conheceu lembram com saudade do Dr. Josias. Já a época de secretário, eu o conheci já na segunda administração dele, ainda era na do tio Virgílio, mas eu ainda não estava com ele, quando, peraí, espera um pouco, começamos a ter um relacionamento, ele já tinha separado dessa mulher, dessa última dele até então. Eu até brincava com ele quando a gente ia para os encontros da turma dele de medicina: “Mais uma, Afrânio?!” (risos) Aí ele falava: “Não, mas esta é a última”. E eu falava: “Não, eu sou a única que ele teve de verdade”. Mas aí, lá na secretaria, quando nós começamos a namorar, aí que eu acompanhei o trabalho dele. Foi ainda na primeira administração, mas do meio para o fim já.

Mas lá dentro ele era uma pessoa muito querida, muito estimada, porque a pessoa chegava perto dele, diretor, professor, gente lá dentro da secretaria: “Dr. Afrânio, precisa disto!” “É para o bem da escola, para o bem da cidade?” “É.” “Então pode fazer!” Então, assim, ele realmente abraçou a SE, porque ele foi convidado para trabalhar na Secretaria de Saúde, ele falou, foi quando ele fez essa campanha do tio Virgílio, e depois da campanha ganhou tudo, ele que fez a campanha, ele fez uma campanha muito diferente e tal, aí o tio Virgílio o convidou para trabalhar na saúde. Ele falou: “Não sei nada de saúde, sei atender meus pacientes, eu sei operar, mas eu sei tudo de educação, eu aprendi com o Anísio Teixeira”. Ele foi colega do filho do Anísio Teixeira. Então o tio Virgílio até estranhou: Como assim?! “Não, Anísio Teixeira me ensinou tudo. A primeira coisa, nós não podemos ter escolinha, nós temos de ter ESCOLA, escola BOA, a criança pobre tem que ser muito mais bem tratada do que o menino rico da escola de rico, porque a criança pobre tem de estar no mesmo patamar de quem pode pagar uma escola boa, tem que ter tudo lá dentro, tem que ter alimento”. Porque as crianças não tinham nada antes dele, sabe, “tem que ter comida boa, tem que ter escola boa”. Botou à língua de sinais, um primo foi trabalhar com ele, que era surdo-mudo. A família dele toda falava na língua de sinais por causa desse primo, então todos aprenderam. Ele levou esse primo, ele implantou essa língua de sinais, ele implantou as rampas nas escolas, então, assim, o governo foi o que eu te disse, Uberlândia na área de educação é antes e depois do Afrânio, antes era zero... Depois do Afrânio não vou falar que foi 100 porque fica muita coisa para trás.

**PESQUISADORA: E também é muita coisa para fazer, né!**

**SANTOS:** Quando você acaba de construir uma escola e põe as pessoas lá dentro, capaz, competente para administrar aquele monte de menino lá dentro, já tem outro bairro que já foi inaugurado que já tá cheio de menino lá dentro e que ainda não tem escola, ainda não tem saúde, então, assim, o dinamismo é muito grande, eu sei que o Afrânio foi, Uberlândia deve muito à pessoa de Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo, NÃO Afrânio Rodrigues...

**PESQUISADORA: Nossa, Deus, é esse eu nunca... (risos)**

**SANTOS:** NÃO Afrânio Rodrigues. O que ele gostava de fazer nos momentos de ócio, fazenda e pescar. Todos os anos ele ia para a pescaria, todos os anos. Ele

falava: É lá que eu relaxo, que eu fico sujo, que eu fico barbudo, que eu falo bobagem, que a gente desabafa, fala mal das mulheres...

**PESQUISADORA: (risos)**

**SANTOS:** Porque as mulheres [é] que falam mal dos maridos. Já era pescar, ir para fazenda, a gente ia para fazenda todo final de semana. Na época eu fazia jornalismo, um período eu tive aula no período da tarde, de fotografia, eu já ia deixar as coisas prontas em casa, depois ele passava e me pegava lá na Unitri, na época era Unit, e me pegava lá e de lá a gente já ia para fazenda, sabe? Então era assim, era onde, que nem a gente falava, ficava de pé no chão mesmo, sentindo a terra, cuidando da terra que nem ele falava, falando bobagem, brincando e tudo mais...

**PESQUISADORA: Sem preocupar, né?**

**SANTOS:** O ócio dele era este, o gosto por música, filme, leitura, com a leitura, a leitura preferida, o livro de cabeceira. O Afrânio não tinha outro livro de cabeceira a não ser a vida de Anísio Teixeira, era Anísio Teixeira. O próprio Odelmo, hoje atual prefeito, ele brincava muito comigo nos finais de tempos do Afrânio na prefeitura, porque ele já estava doente e o Odelmo me falava assim: “Lá vem o discurso do Anísio Teixeira, vem, professor Anísio, falar”. Sabe, mas era a vida dele, ele ficou com isto na cabeça, porque a Anísio Teixeira para ele foi um homem de muito valor, sabe. Livro, ele adorava ler, então era isso, livro, uma revista, ele me ajudava a fazer trabalho de faculdade, porque ele lia com tanta rapidez e a cabeça dele era tão boa que ele lia e falava para mim, ele esmiuçava aquele livro e falava: “É isto que você tem de escrever...”.

**PESQUISADORA: Gente, é uma capacidade admirável, né!**

**SANTOS:** Ele era uma pessoa extraordinária, fora do comum mesmo. O que levou a enveredar para a educação? Ele falava que era o seguinte: ele, a vida inteira, estudou em escola do governo, então que essa era a maneira dele pagar o que o governo havia feito para ele, que o que era? Era dar para ele o ensino que ele pode ter. Então a maneira dele retribuir era cuidar das crianças que, como ele, um dia precisou do governo, então era essa...

**PESQUISADORA: Nossa, mas que cabeça! As reportagens que encontrei ele mencionava muito Anísio Teixeira, é o que nós acabamos de falar, mas não com detalhes! Contar a importância.**

**SANTOS:** Foi isso, ele foi muito amigo do filho do Anísio Teixeira e ele convivia dentro da casa do Anísio Teixeira, então o Anísio... é, ele falava que Anísio Teixeira tinha ensinado tudo para ele, como lidar, com as pessoas, então por isso que ele tinha tanta capacidade de envolver as pessoas em todos os sentidos, todo mundo gostava dele porque ele era carismático, ele era agradável, mas por trás tinha toda uma psicologia não só dos ensinamentos de Anísio Teixeira, como também da parte da medicina, porque ele, como cirurgião plástico, ele tinha de fazer um histórico psicológico da pessoa. Por que você quer mudar? Por exemplo: Por que você quer mudar o seu rosto? Por que você quer mudar sua mama? Tá te fazendo mal por quê? Você quer mostrar para outra pessoa que você é bonita, mais bonita, mais isso, mais aquilo, ou é para você? Porque se for para você eu vou te operar, mas se não for para você eu não te opero. Ele perdeu N clientes, N clientes por conta disso. Ele era muito franco, então ele falava isso: “Você quer emagrecer e você vem fazer lipoaspiração! Não, não faça! Você quer emagrecer você para de comer, vai fazer dieta!”

**PESQUISADORA: (risos)**

**SANTOS:** Depois... falava assim na bucha, eu falava assim, eu ainda brincava: “Amor, você não pode falar isso!” “Não, eu tenho que falar isso, as pessoas têm de saber que eu não faço mágica!”

**PESQUISADORA: Dar um tcham na pessoa!**

**SANTOS:** (fala de Afrânio) “Eu posso tirar essa gordura que tá aqui agora, daqui um mês ela vai falar: ‘Não prestou para nada, porque eu estou gorda do mesmo jeito.’ Mas ela não parou de comer.” Então esse era o Afrânio.

**SANTOS:** (Leitura da pergunta) Afrânio ficou muito conhecido devido à cirurgia do Lamarca. O que você sabe disto?

Bom, o que eu sei eu vou voltar a te dizer, eu sei tudo o que ele me falou, que um belo dia ele estava no hospital e chegou uma pessoa lá que era da base política dele e falou para ele, chegou no consultório dele: “Você vai operar uma pessoa aqui!” “Mas cadê a pessoa?” “Não, a pessoa não pode, a pessoa vem só no dia!” “Não, mas eu não faço isso, tem que fazer exame, eu tenho que ver a pessoa, como é que eu vou fazer uma cirurgia se eu não conheço a pessoa e não sei quem é? Não, então você tem que me contar quem é a pessoa!” “Não, não posso contar por que se eu contar você não vai operar.”

Eu sei que ele conversou muito com esse Fulano, que era do partido, aí o fulano falou: “Isso tem que morrer conosco, olha, é o Lamarca. O Lamarca precisa fugir, o Lamarca vai morrer, ele precisa fugir, precisa ir embora.” “Tá bom.” Então ele ligou no determinado hospital que ele trabalhava, que era no hospital de freiras, e marcou a cirurgia lá neste hospital e falou para ele: “No dia tal, às tantas horas da **noite**, você leva esta pessoa lá para essa pessoa ser operada.” Botou o nome de uma determinada pessoa, inventaram o nome, profissão cabeleireiro, e chegou o dia ele estava no hospital. Foi a primeira vez que ele viu o Lamarca pessoalmente, ele conhecia o Lamarca por ouvir dizer, nunca tinha visto. Operou o Lamarca, falou: “Agora vai para o quarto, vai ficar lá”. Quando ele entrou no quarto, para ver e dar medicação e, né, conversar com a pessoa que o tinha levado, que o havia levado, ele escutou um barulho dentro do guarda-roupa. A história é muito antiga porque na época era guarda-roupa que tinha nos hospitais, não armário. E aí ele abriu a porta e viu que era a companheira do Lamarca na época, e falou para ela: “Fulana, pode sair daí, eu sei que você está aí, pode sair.” Abriu a porta e tirou de lá. “Ele vai ficar aqui dois dias, depois tem que voltar” “Ele não vai fazer nada!” Esse companheiro falou: “Ele não vai fazer nada, ele vai sair daqui agora e depois nós mesmo tiramos os curativos e pontos!” “Mais não pode, isso vai ficar tudo defeituoso, vai ficar muito feio!” “Não tem importância, ele já é feio mesmo.”

**PESQUISADORA: (risos)**

**SANTOS:** Então o que que ele fez no Lamarca? O nariz do Lamarca era o nariz tipo tucano, que eu não sei o nome clinicamente falando, ele consertou o nariz, tirou, só arrumou isto aqui, não fez nada, ele tinha muito sulco, esse tal do bigode chinês, ele tirou isto, e ele tinha um fundo muito grande aqui de ruga de expressão e ele aliviou esta ruga, tirou totalmente. Só por conta destss pequeninas três intervenções ele mudou totalmente a aparência do Lamarca, tanto que demorou, acho que mais dois anos, parece, quase três anos, para ser morto porque ele ficou totalmente desconhecido. A mesma pessoa que levou, que levou Lamarca para ser operado, essa pessoa foi presa dois anos depois e levaram o Lamarca para fazer uma foto nesses lambe-lambe, desses que existia lá no Rio de Janeiro, na época, achavam que tinha pego todas as fotos, mas ficou uma foto lá, e esta foto foi que descobriram como era a fisionomia do Lamarca, como ele tinha ficado. E aí o Afrânio estava dentro do hospital fazendo... não foi assim

não, ele ia operar na manhã seguinte, a polícia bateu na casa dele à noite: O senhor vai ter que nos acompanhar por conta disto e disto e disto, a cirurgia do Lamarca já sabemos que o senhor fez. Porque as pessoas eram presas e torturadas e algumas não davam conta de segurar a coisa. Ele só tinha contado para o irmão dele, o Mário Augusto, nem o tio Josias sabia disso. Dr. Josias, ninguém, ninguém, ninguém. só o Mário Augusto (sabia). E ele falou para o Mario Augusto: “Eu fiz isso, e se alguma coisa me acontecer é por conta disso, que aconteceu, eu operei com nome de fulano, cabeleireiro e tal e ele sumiu!” Bom, aí ele falou para polícia: “Não, eu não posso, (isto era de noite) não, eu não posso acompanhar vocês agora porque eu tenho uma cirurgia para fazer amanhã cedo, seis horas eu tenho de estar no hospital.” Ele (o policial) falou: “Tá bom, nós vamos esperar o senhor.” Eles passaram a noite na porta do apartamento dele, acompanharam até o hospital, ficaram de prontidão. Ele acabou a cirurgia, entregou a paciente e ele foi preso. Ele foi preso com a roupa de centro cirúrgico, suja de sangue e a primeira coisa que eles fizeram com ele foi raspar a cabeça dele, quer dizer, a única humilhação que ele passou foi esta, não teve tortura, não teve pressão, nós sabemos, mas ele dormiu no chão de cimento, só tinha água e pão. Mas tinha uma pessoa que gostava muito dele, um dos policiais gostava muito dele e levou a primeira coisa que ele leu dentro da prisão, que ele devorou foi a Bíblia. Ele sabia tudo da Bíblia, ele ficou setenta e oito dias preso e nestes setenta e oito dias preso ele falava que ele tinha lido a Bíblia umas dez vezes. Ele sabia a Bíblia de frente para trás de trás para frente, todo jeito, tudo que é versículo e passagem e era muito contrário a tudo que vinha de Deus totalmente é... ateu, não acreditava em nada, nada, nada, ele acreditava só na ciência...

**PESQUISADORA: Provável!**

**SANTOS:** É, Matemática, ciência pura, é isso, dois e dois são quatro a vida inteira, não tem lógica, não tem jeito de mudar, agora o resto, essa historinha de Deus, alminha... Onde é que fica esse monte de menininho que vai nascer? Onde é que fica esse monte de gente que morre e vai para o céu? Tem uma nuvem ali cheia de defunto, sabe!? Então, quando ele morreu lá dentro do hospital, me chamaram lá, a gente estava lá de fora, né, e a pessoa me chamou, eu falei: “Não, pode falar, minha filha, eu sei que ele já morreu.” Ela falou: “Já sim.” Eu falei: “Eu quero entrar para conversar com ele.” Ela falou: “Agora não!” Eu não vou fazer escândalo porque tinha dois defuntos lá dentro da UTI. Eu falei: “Não precisa preocupar, eu não vou gritar, não vou espernear, eu quero só conversar com ele.” Aí, na hora, foi a primeira coisa que eu falei para ele: “Amor, eu vou ter muitas saudades, mas eu sei que você vai ser muito bem assistido, você agora está com sua família, agora você vai acreditar que existe aquelas alminhas lá em cima.” Rindo, brincando com ele, sabe, mas falei isto, mas **dei conta! (emocionou-se nesse momento)**

**PESQUISADORA: Nossa, que bom, Eliane!**

**SANTOS:** É, porque ele não acreditava em nada. Eu posso não entender nada, mas eu sei que tem que ter outra vida!

**PESQUISADORA: Mas, olha, para você ver, não acreditava, mas a Bíblia sustentou ele ali dentro, mesmo ele não acreditando!**

**SANTOS:** A vida inteira, a vida inteira ele foi o sustento

**PESQUISADORA: Não é? Olha o livro que ele foi ler ali dentro!**

**SANTOS:** Pois é, só este, setenta e oito dias! Bom, então, período de exilado! O Afrânio não foi exilado!

**PESQUISADORA: Então foi essa prisão que as pessoas...**

**SANTOS:** A prisão, quem foi exilado foi o pai dele, que era Afrânio também, o Sr. Afrânio se autoexilou! Mas não foi exilado também!

**PESQUISADORA:** Ahhhh, tá!

**SANTOS:** Na história da educação, o Afrânio foi o único secretário a ocupar o cargo por dezesseis anos e houve um período que ele saiu, houve um período que ele saiu, nessa época ele queria ser prefeito, sabe, ele teve muita vontade. Ele falou: “Vou revirar essa cidade, eu vou revolucionar a cidade.” Queria, fez até um churrasco lá na fazenda para todos os secretários, os professores e tal, e eu falava para ele: “Amor, não mexe com isso, sabe, isso não vai dar certo.” Nessa época já era Sr. Paulo, e nós fomos um dia no Parque do Sabiá, tinha um encontro de idosos e eu fui com ele, como eu ia em tudo, aí, chegando lá, ele falou assim: “Eu vou ali conversar com o Paulo, eu quero pedir o apoio do Paulo para mim.” Ai, nós não sabíamos se alguém já tinha...

**PESQUISADORA:** Se alguém já tinha ditado (pedido apoio)

**SANTOS:** A gente não sabia de nada ainda, ele tá falando as coisas, conversando lá por trás sozinho, aí ele virou para o Sr. Paulo, falou assim: “Paulo, eu tô pensando em ser candidato a prefeito, eu vim aqui para te pedir seu apoio.” Aí o Sr. Paulo, que era muito firme, também disse: “Afrânio, eu não posso te dar meu apoio, porque eu já apoiei Virgílio, ele já me pediu isto!” Aí ele ficou muito magoado com aquilo, mas muito magoado, sabe?

**PESQUISADORA:** Que foi o outro mandato do Virgílio depois do Sr. Paulo (Ferolla)!

**SANTOS:** É. Mas aí ele ficou aborrecido demais e falou para mim: “Ah, amor, desgostei, sabe, trabalhar, trabalhar e não ter esse apoio do Paulo, o Virgílio já foi prefeito e tal, podia ter deixado pra mim, tá tá tá... E eu falei para ele: “Continua como secretário, é isso que você sabe fazer, faz muito bem feito.” Aí ele resolveu, fez uma carta, entregou para o Sr. Paulo e foi embora. E depois disso, aí teve... começaram as campanhas e tal, tio Virgílio candidato, eu viajei, ele ficou aqui em Uberlândia, eu fui para o sul fazer um passeio no sul e tal e (suspiro) eu havia (viajado) com Estela, mulher na época do Sérgio Chaves. (Ela falou) no telefone: “Nossa, mas não é possível, vixe, vai dar rolo”, não sei o quê. Eu disse: “Isto é rolo do Afrânio.” Mas eu saía do quarto. Quando eu comeci a escutar isso eu saí do quarto, porque estávamos nós duas no mesmo quarto e deixei ela sozinha lá. Aí, mais tarde, a mesma coisa, mais tarde a mesma coisa. Aí eu falei: “Estela, eu sei que isto é rolo do Afrânio tá fazendo lá, deve ser rolo político, né?”

Aí ela falou: “Não é nada não, bobagem, é rolo da família, minha família é cheia de problemas, da família do Sérgio também.” Mas eu fiquei com aquilo na cabeça. Quando eu cheguei aqui, a primeira coisa que o Afrânio me falou: “Amor, seu tio me convidou para ser secretário e eu aceitei!” Eu falei: “Já sabia! Eu tinha certeza que era isto. Você perdeu o seu consultório, perdeu dinheiro demais...” Porque daí ele ficou louco, ele que não tinha consultório mais, porque ele saiu quase que no final do mandato, ele não tinha consultório mais...

**PESQUISADORA:** Por que esse período que ele ficou de secretário, os dois primeiros governos, ele fechou a clínica?

**SANTOS:** Ele não fechou, mas ele abandonou... Tanto que, quando desta administração do tio Virgílio, que ele voltou e aceitou, ele fez um pacto com tio Virgílio: “Eu só trabalho no período da tarde, no período da manhã eu vou ficar no consultório, eu não posso mais perder a minha clínica.” Porque o dinheiro, porque, na época, hoje eu não sei quanto que ganha um secretário, mas na época era muito pouco

para sustentar uma fazenda, sustentar a família, tinha as filhas que ele ajudou a vida inteira, né! Então era uma coisa complicada. Aí ele fez esse pacto com o tio Virgílio e ele: “Não, pode ficar, sem problema, você dá conta de tocar a secretaria até de longe. Não precisa disso.” Então foi por esse motivo que ele deixou o período, porque ele ficou aborrecido, ele ficou triste, ele queria ser candidato, mas eu acho que foi sorte não ter sido, porque eu acho que ele ia ficar mais aborrecido ainda do que ele ficou este dois, três meses, não sei quanto tempo.

(Lendo a pergunta da PESQUISADORA) Quem foi Afrânio para você?

O Afrânio foi tudo para mim, foi tudo, foi marido, foi companheiro, foi amigo, foi mestre, foi tudo, tudo, não tenho palavras, como eu te falei (choro) foi um pai para os meus filhos, (choro) é vivo ainda, meus filhos estão vivos aí, é gente muito conhecida, fotógrafo, hoje, profissional Jorginho (Paul) Jorge Henrique (Paul), mas o que o Afrânio fez para os meus filhos e para os meus netos eu não pago nunca...

**PESQUISADORA:** Nossa, que bom, Eliane!!!!!!

**SANTOS:** Um homem de peso e medida, um homem que só tinha uma única palavra, com todo problema que ele teve de doença e perda de memória, era muito positivo em tudo, tudo, aceitava tudo que eu falava, sabe, ele era um homem muito simples, muito simples. Ele falava assim para mim: “Por que que mulher tem mania de usar preto? Mulher fica tão bonita com a roupa colorida!” Eu falava assim: “Amor, é porque parece que a gente tá mais magra.” Ele falava: “Bobagem, mulher é bonita de qualquer jeito, sabe?” Então, ele era assim, sabia cativar a gente. Quando nós começamos a namorar, meus filhos ficaram muito bravos e revoltados, ciúmes, né, três homens.

**PESQUISADORA:** Nossa, Deus!

**SANTOS:** Três homens, então, quer dizer, era ciúmes da mãe, né? E ele falava assim para mim: “Amor, não se preocupa não, eles vão comer aqui, ó! Sabe! Você vai ver, eu vou ser muito bom para você, vou ser muito bom pra eles.” Porque eu tinha tido uma vida muito difícil, muito triste, muito sofrida, então não preocupa não, então foi tudo na minha vida, tudo! Minha vida é igualzinha à educação em Uberlândia: antes e depois do Afrânio, é isso aí. E para a educação? Eu já falei muito, né? Já tá mais que...

**PESQUISADORA:** E essa aqui eu achei que não tinha colocado, mas eu coloquei aqui em cima, né?

**SANTOS:** (Lê a pergunta novamente) Qual é o tempo que ele afastou, é exatamente isso né?

**PESQUISADORA:** É do tempo que ele afastou, que você me falou. E aí, Eliane, tem uma dúvida que eu fiquei, que quando você traz, porque, assim, quando eu iniciei o projeto, eu queria, uma das coisas que eu queria na pesquisa...

**SANTOS:** Aceita? (Oferece suco)

**PESQUISADORA:** Só um pouquinho, tá uma maior delícia este suco.

...era saber se os ideais do Anísio Teixeira tinham sido implantados na educação de Uberlândia.

**SANTOS:** Totalmente!

**PESQUISADORA:** Porque, assim, muitas coisas que a gente, quando a gente lê o Anísio... e observa as coisas que aconteceram em Uberlândia, é muita... quem conhece fala assim: “Gente, é muita semelhança!” Assim, as coisas que a gente vê, tudo, as escolas de tempo integral, né.

**SANTOS:** Muita semelhança. Exatamente!

**PESQUISADORA:** Os módulos de educação, que foram sendo feitos...

**SANTOS:** Meninos precisam sair da rua...

**PESQUISADORA:** Isso!

**SANTOS:** Menino precisa brincar e estudar e ele não precisa estar na rua para brincar, porque a rua só tem coisa ruim, onde tem que ter coisa boa é dentro da escola.

**PESQUISADORA:** Olha, gente! E ele fala, né, porque tem uma reportagem...

**SANTOS:** A diretriz da vida dele era Anísio Teixeira, tanto que quando ele ficou, né, “desmemoriado” entre aspas, ele só falava de Anísio Teixeira, a vida dele era falar... porque aquilo gravou tanto, foi tão importante, na vida dele de jovem, de estudante, de médico e depois de Secretário, e envolvimento aí com educação, era tudo para ele! Tudo!

**PESQUISADORA:** Eu fiquei pensando que ele fala, numa matéria, que o Anísio era o pai da educação né?

**SANTOS:** Pai da educação.

**PESQUISADORA:** E que não havia mudança se não passasse pela educação, né, que é uma coisa que me chamou muita atenção. E a outra que ele falou, que ele não fez plástica só no Lamarca, que ele fez uma plástica na educação de Uberlândia...

**SANTOS:** (Risos) Isto ele falava mesmo...

**PESQUISADORA:** Tem uma reportagem dele, que ele colocou, né, achei muito interessante aí, quando eu entrevistei os meninos amigos dele (Pedro Popó e Sérgio), os dois, eles falaram [isso].

**SANTOS:** Ah, o Popó. Nossa! O Popó era apaixonado nele.

**PESQUISADORA:** Inclusive ele falou para mim que queria escrever um livro sobre ele, falou que estava muito feliz de saber do meu trabalho: “Eu vou te emprestar as minhas fitas”.

**SANTOS:** Pois ele foi dois dias ou três dias lá em casa a tarde inteirinha, eu assando pão de queijo, fazendo suco e perto do Afranio, e falava: “Amor, não é assim, amor, vamos lá, vamos pensar.” Aí o Popó parava lá e falava: “A doutora sabe das coisas...” (risos) Porque ele era muito agradável...

**PESQUISADORA:** Ele falou para mim que teve uma entrevista que você acompanhou, né, que você ficava preocupada...

**SANTOS:** Eu ficava preocupada demais...

**PESQUISADORA:** Porque então você ficava do lado e tudo, mas que para ele não incomodava porque, além de tudo o que tinha Afranio, ele falou: “Eu me tornei um grande amigo do Afrânio.” Então, assim, foi muito bom. Até ele me mandou mensagem sexta-feira, falando: Doutora, eu lembrei de mais algumas coisas do Afranio, que ele falava do Anísio e que ele pensava para educação.” Eu falei: “Não, então depois a gente agenda e volta e o senhor complementa a entrevista, não tem problema.” Mas, assim, foi uma entrevista muito boa, tanto a dele quanto a do Sérgio.

E agora estou, assim, entrevistando o pessoal que trabalhou com ele mesmo na educação, né? Quero ver se eu localizo a Martha. Até se você puder me ajudar a falar com ela depois, porque eu mandei uma mensagem para ela, mas ela não me respondeu.

**SANTOS:** Ah, Martha é na fazenda. Então você tem o telefone dela?

**PESQUISADORA:** Não, não tenho mais, eu mandei no.... Whatsapp, Facebook!

**SANTOS:** A Martha é péssima com telefone, atender telefone. Péssima, péssima. Detesta!

**PESQUISADORA:** Ahhh Aí eu não consegui localizá-la. Eu queria ver se você tem algum documento... Eliane...

**SANTOS:** Tudo que eu tinha eu dei para o Sérgio, foi uma revista que o Celso Machado foi fazer, é uma pequena homenagenzinha que ele fez para Afrânio e ele queria a Manchete da revista que saiu contando a história do Lamarca e eu entreguei para o Sérgio, porque este menino foi até muito, é, sem educação, porque, ao invés dele me ele ligar, ele ligou para o Sérgio para o Sérgio pedir para mim.

**PESQUISADORA:** Aaaahhhhh

**SANTOS:** Eu falei: “Sérgio, eu vou dar porque é para você. Se fosse para outro que tivesse me pedindo eu não ia dar.” Aí o Sérgio demorou, ele não entregava essa documentação para o Sérgio de volta, não entregava para mim. Aí um dia eu liguei para o Sérgio e falei: “Cadê a documentação do Afrânio?” Ele falou: “Eu vou pegar com o fulano!” Eu falei: “Pode pegar e você fica com ela.”

**PESQUISADORA:** Ah, tá! E aí, Eliane, tem uma outra coisa, no trabalho, na minha pesquisa nós estamos numa dúvida, que é o seguinte: na secretaria e tudo, o Dr. Afranio sempre foi chamado por todos de Doutor Afranio e tal, né? Nós, lá na educação, a gente tem aquela coisa, né, de quem é doutor fez doutorado e tudo, aquela encrenca que você já sabe, né. E aí o Dr. Afranio, ele fez doutorado, mestrado, essas coisas, ou ele só especializou com o Ivo Pitanguy mesmo...

**SANTOS:** Especialização com o Ivo Pitanguy. Então, foi professor lá cinco anos, e quando o professor, e todo, todo ano que tinha festa ele ia para o encontro da turma deles, e quando o professor Ivo, na última homenagem que ele teve, ele ainda falou inclusive no livro, ele fala que, do Afranio, e ele falava que o Afranio tinha sido o melhor....

**PESQUISADORA:** Na biografia do Ivo Pitanguy?

**SANTOS:** É, o melhor aluno que ele teve, foi é... o Afrânio. Inclusive ele queria que o Afrânio ficasse lá com ele. O Afrânio falou para ele: “Eu não dou conta mais de morar no Rio de Janeiro, se eu continuar aqui eu vou morrer, eu vou infartar, eu tenho que ir para roça. Minha criação foi na roça, com o pé no chão, eu tenho que ir para Uberlândia, lá que eu vou, lá eu tenho tudo, eu fiquei muito rico! Mas as mulheres tomaram tudo.” (risos)

**PESQUISADORA:** Ai, você tinha de ter aparecido mais cedo, Eliane (risos)

**SANTOS:** Eu falava pra ele: “Por isto que eu sou a última”. (risos)

**PESQUISADORA:** E única (risos)

**SANTOS:** Mas ele não fez, ele fez esta especialização!

**PESQUISADORA:** É você acha que se fosse para a gente pedir para ele escolher se ele queria ser chamado de Afrânio de Freitas ou Afrânio Azevedo, que que você acha que ele iria preferir?

**SANTOS:** Ele a vida inteira na verdade foi conhecido como “Fanoca”, né, no meio de amizade aqui em Uberlândia, depois que virou Afrânio Freitas, porque a família Freitas era muito conhecida em Uberlândia como é até hoje, uma família muito grande, a família Azevedo era uma família menor, uma família que veio de fora. O pai dele veio de fora, foi buscar a mulher dele, o avô dele foi buscar a mulher em Uberaba, ele estava... o avô estava é contratado para casar com a fulana de tal, e um belo dia ele ia levando uma tropa para o estado de São Paulo e tinha uma mulher lavando roupa no rio, e ela falou pra ele, fez uma falta de educação muito grande com ele, que ele estava

sujando a água e que era para ele ter passado por baixo, que ela precisava de água limpa. Aí ele falou assim, foi lá na casa do pai dela e falou: “A minha mulher é aquela que tá lá. Não sabia nem o nome.”

**PESQUISADORA: Ah, não!**

**SANTOS:** É, é aquela que está! Essa era a avó do Afrânio, que eram Freitas.

**PESQUISADORA: Gente, e ele estava contratado para casar com a outra?**

**SANTOS:** Com a outra, com a irmã. Que que ele fez? A família dessa mulher morreu, ele trouxe para Uberlândia os irmãos todos, ele que criou lá dentro da fazenda... Essa mulher dele tinha 13 anos...

**PESQUISADORA: Jesus!**

**SANTOS:** Jesus!

**PESQUISADORA: Gente, que legal!**

**SANTOS:** Hoje seria pedofilia, mas foi assim a história, sabe?

**PESQUISADORA: Ahaamm, então a gente ficou....**

**SANTOS:** E a família Freitas... muito conhecida, então ficou Afrânio de Freitas, Martha de Freitas, Mario Augusto de Freitas, todo mundo é Azevedo, menos a Martha, porque a Martha tem o nome do marido, mas todos eles são, o Chico era Chico, Francisco de Freitas, então ficou, sabe, o Freitas, que é muito mais conhecido como Afranio de Freitas.

**PESQUISADORA: É porque até na minha qualificação a banca questionou, né, eu e a Sonia, porque que nós estávamos referindo a ele, né, como Afrânio de Freitas e não como Doutor Afrânio. Eu e a Sônia justificamos, né, por conta de que ele era o doutor por conta do título e tal, mas, né...**

**SANTOS:** Na época todo mundo que fazia medicina era doutor.

**PESQUISADORA: Ou advogado, que é uma lei que existe. Aí a gente falou: “Não, nós vamos optar, porque nós não estamos tratando da vida dele como médico, nós estamos trabalhando com Afranio secretário de educação, né? Então, assim, lá ele não era um médico. Então eu optei, quando eu me referia a ele como médico, aí eu colocava Dr. Afranio e quando eu me referi a ele como secretário era Afrânio de Freitas. Então eu falei: “Sônia, eu vou conversar isto com a Eliane, ela vai poder nos ajudar.”**

**SANTOS:** O problema é só este, a família Freitas sempre foi muito mais conhecido na cidade por causa dos antepassados e Azevedo era o pai dele, então, por este motivo.

**PESQUISADORA: E outra coisa, Eliane, é a questão que não vai ser bem o que eu vou estar retratando, mas não tem como eu não colocar nada, é a questão política mesmo, porque a origem dele a formação, do pai... e tudo!**

**SANTOS:** Comunista!

**PESQUISADORA: Isto! É, mas aí ele trabalhava 4 mandatos, 3 governos, porque o Odelmo repete, é que não são, e que ele lida muito bem naquele meio...**

**SANTOS:** Ele nunca foi comunista, ele, Afranio, nunca foi comunista...

**PESQUISADORA: Aaahh!**

**SANTOS:** O Afranio convivia com os comunistas, mas convivia com todos os outros que ele falava, era aprendizado de Anísio Teixeira, que era comunista, mas ele falava: “É, a mais-valia é o ser humano, nós temos que pensar no ser humano, e não no partido, o partidão que vai não sei o quê. Tanto que, quando eu estava na faculdade, que as pessoas descobriram que eu estava casada com o Afrânio, aaahhhhh!, porque isto tá

tá tá, eu falava: “Gente, o Afrânio não é isto que vocês estão falando.” “É, mas ele operou o Lamarca.” E daí? Ele operou, dessa maneira que eu estou te falando.

**PESQUISADORA: Uma pessoa, mas se ele é cirurgião!**

**SANTOS:** É. Sabe, ele não se... é, não fugiu da... tanto da responsabilidade da cirurgia, aspas escondida, que ele fez, mas também ele não fugiu da necessidade de uma pessoa ser operada, como ele atenderia qualquer um outro, se essa pessoa, ele falava isto, se o Lamarca tivesse chegado no meu consultório e dito pra mim: “Eu quero operar porque eu estou muito feio, que mas não sei o quê”, ele tinha marcado a cirurgia daquele homem que ele nunca tinha visto, que ele não conhecia. Ele conhecia o Lamarca, porque antigamente foto era muito difícil, assim, né, não existia, ele conhecia da história do Lamarca, que vivia fugindo, roubando, que era mais não sei o quê, eu queira tudo para mais-valia, que era tudo para ajudar o próximo, acabava que era tudo para os bolsos, a verdade é essa que o PT está aí para provar isso. Então o pai do Afrânio era comunista, mas era um comunista espírita, que fazia sessão de espiritismo dentro de casa, rezava, a mãe era super católica e ia para igreja todo dia e o pai todo dia fazia oração de Espírita dentro de casa, e ajudava todo mundo!

**PESQUISADORA:** Haaamm. Ele cresceu com esta questão da caridade!

**SANTOS:** Exatamente! Sabe, então eu falava o Afrânio era comunista, não, não era, sabe?

**PESQUISADORA: Ah, entendi!**

**SANTOS:** Porque ele não era, o negócio dele era servir as pessoas! Era muito diferente do tal de comunismo de antigamente.

**PESQUISADORA: É. Porque eu sempre pensava: gente, como que uma pessoa, né, de direita pensa desse jeito, pensa tanto no pobre?!**

**SANTOS:** Quando ele estudava, eles contavam que ele ia para as confusões e passeatas e brigava com a polícia, e tomava lambada demais da conta. Uma vez eles compraram um monte de bolinha de gude, né, e jogaram na rua. A cavalaria caiu toda e ele fugiu da polícia, essas coisas. Fazia discursos envolventes e eloquentes, fortes demais e tal, quando a gente ia para as festas de turma.... aí ele era o comunista...

**PESQUISADORA: Ahaam!**

**SANTOS:** Né! E parte da turma dele, que era uns cento e tantos, numa sala de aula ele, a outra parte era tudo direita que mais não sei o que brigava, o ano inteiro a vida inteira dele na época de escola. Quando nós começamos, eu comecei a frequentar com ele as reuniões, né, de turma de medicina, o povo falava: “Cadê aquele comunista que fazia aqueles discursos para gente? Agora tá trabalhando lá em Uberlândia com os PSDB, UDN da vida. Sabe, então era o caso do meu avô, que eu te falei no começo, meu avô era udenista roxo, o pai dele, o avô, era totalmente o contrário e viviam juntos, faziam negócios juntos.

**PESQUISADORA: Parece que não tinha, não existia essa guerra de poder, porque, assim, antes eles olhavam, era igual o próprio Afrânio falava, né!**

**SANTOS:** Não existia isso que tem hoje, não existia!

**PESQUISADORA: Que ele não trabalhava para a política!**

**SANTOS:** Ele trabalhava para o ser, para a cidade!

**PESQUISADORA: Então hoje não, as pessoas trabalham para o umbigo delas, elas não olham o que é para ser legal para a população, né, é isto que eu penso que fazia muita diferença!**

**SANTOS:** E a vida dele foi isto aí, a vida inteira!

**PESQUISADORA: E é o que deveria ser, né?**

**SANTOS:** O pai dele morreu paupérrimo, porque doou as fazendas, tudo que tinha, para quem, sabe, amigo dele que estava precisando na época, e passava escritura para pessoa conseguir dinheiro no banco, sabe, e aí quando a pessoa morria, aí os filhos falavam assim: “Não.” Nove!! Foram desse jeito, nove fazendas, não era sitiozinhos, FAZENDAS, então ele falava: “Eu sou igual meu pai, eu quero é fazer o povo feliz.”

**PESQUISADORA:** Com certeza foi mais feliz do que quem fica ligado e preocupado.

**SANTOS:** Com certeza!

Universidade Federal de Uberlândia



Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)

---

Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica — Bl. “G”. CEP 38400-902

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**NOME DO ENTREVISTADO:** Francisco Humberto de Freitas Azevedo, irmão caçula de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, reside atualmente em Brasília, local onde exerce sua profissão de médico.

**LOCAL:** A entrevista foi pela própria pesquisadora e sua orientadora

**DATA:** 15/02/2020 período da manhã, no escritório de propriedade da professora Dra. Sônia no período da manhã.

Antes de iniciar a gravação da entrevista Chico Humberto conversou sobre alguns assuntos que ele pediu para que não constasse na transcrição.

**PESQUISADORAS:** A tese dela era só sobre o Afrânio secretário.

**AZEVEDO:** Que isso!!!

**PESQUISADORAS:** Aí, na qualificação, o povo falou: han, han... Nós queremos secretário inteiro, desde que ele nasceu cirurgião plástico, estudante e secretário. Só secretário não configura o intelectual que ele foi.

**AZEVEDO:** Mas isso é uma visão deles.

**PESQUISADORAS:** Sim.

**AZEVEDO:** Eu acho o seguinte: primeiro, eu que tenho o maior carinho pelo meu irmão, pela minha irmã Martha, que foi outra mãe que eu tive e tenho porque Graças a Deus está viva, e espero que conserve assim por longa data, apesar de seus 83, quase 84 anos.

**PESQUISADORAS:** E está ótima, por sinal.

**AZEVEDO:** Felizmente, espetacular, vai ficando corcundinha, com dificuldade para andar, mas está com a cabeça maravilhosa, mas, assim... não sei até que ponto isso entendeu... seria... Que ele se notabilizou, veja bem apesar de ter sido um excelente

cirurgião plástico, maravilhoso como médico, como irmão, como pai, como... ele se notabilizou mesmo, se revelou foi em uma outra coisa que não tem nada haver com a profissão dele. Foi quando ele pôde ter a condição de exercer a secretaria eu levei ele, porque eu era vice do Virgílio, entendeu?! E então, eu exigi na minha cota, eram três secretarias para nomeação, então, eu exigi que fosse meu irmão. É nepotismo, não sei o que.

**PESQUISADORAS:** Já respondeu para nós a pergunta.

**AZEVEDO:** Ele só virou secretário porque eu era deputado federal.

**PESQUISADORAS:** Nossa pergunta era: como um desconhecido cirurgião plástico. **AZEVEDO:** Aceitei. Você lembra do Homero SANTOS?: Homero SANTOS:, vice-presidente da câmara dos deputados, chama a mim e ao Virgílio, dizendo: “é preciso dar um basta naqueles comunistas lá de Uberlândia”, que era Zaire Rezende com a tropa dele. Que não é tropa dele nada. Zaire era um bobão que deixava o povo aproveitar, tanto é que ele tá, coitado, quebrado, arrasado, arreventado de saúde, não sei o que, devendo e processado, porque deixou o povo roubar. Aí é que tem a questão do gestor. Homero chamou ao Virgílio e a mim, e falou:

— Oh! Ou vocês se juntam - e eu tô aqui para apoiá-los, mas eu não vou disputar nada - o Virgílio tem mais chance que você, Chico. Ele entra na cabeça chave e você entra como vice dele.

— Mas eu vou perder meu mandato de deputado por causa de uma vice?

Ele (Homero) falou:

— “Não. Nós vamos passar uma lei, e passando, se conseguirmos aprovar, onde o deputado federal naquele mandato constituinte, se for candidato a vice-prefeito, não perderá o mandato.”

**AZEVEDO:** E aí eu fiquei como Deputado Federal e não quis receber o salário de vice-prefeito, eu trabalhei voluntário quando eu trabalhei, trazia dinheiro para ele fazer escola e, por isso, ele fez esse monte de escola. Trazia tanto o Ministério da Saúde, quanto o Ministério da Educação. Ele fez a Universidade da Criança com dinheiro que eu trouxe recurso, que eu trouxe de lá. Os três MEI's que ele construiu, os Módulos de Educação Infantil, foi com dinheiro que eu trouxe de lá. O bairro Tocantins não existia, eu que trouxe a verba para construir as casas; o bairro Guarani não existia, eu que trouxe as verbas para fazer as casas; o bairro Mansour, o bairro São Jorge IV e o bairro Aurora não existiam, eu que trouxe a verba pra fazer. Uberlândia: plaf, explodiu!

**PESQUISADORAS:** E essa foi uma das questões que a gente levantou, né, na nossa qualificação, um membro da banca perguntou. Será que ele chegou à Secretaria de Educação por quê? Será porque o irmão dele era vice de seu Virgílio ou por quê?

**AZEVEDO:** Eu queria três secretarias, exigi que fosse a Educação, a Ação Social, e aí pode falar que foi nepotismo, mas outro secretário que não deixou nada a desejar chama Joel Cupertino, dentista, não tinha nada a ver com a profissão dele. Cá entre nós, foi melhor que a Niza Luz como secretário.

**PESQUISADORAS:** O que o senhor pensou quando falou: “não, a Secretaria de Educação vai ser do Afrânio”?

**AZEVEDO:** Menina, eu só trabalho com gente de extrema confiança, não trabalho com estranhos, eu não viro as costas para quem eu não conheço, eu parto desse princípio. Eu quero dormir sossegado. Primeiro, primeiro critério: honestidade. Eu nunca manchei o meu nome. Vão me chamar de corcunda fedorento, catarrento, caspento, qualquer coisa, menos de bandido, menos de safado, menos de ladrão, eu deixo meu nome honrado. Olha que eu já passei muita coisa ruim, podia ter mandado a

mão, né?! Nunca! Vivo do meu dinheiro, do meu salário, meu suor, o que eu aprendi com meu pai. Você conheceu meu pai, minha mãe: “Meu filho, faz tudo certo que você faz uma vez só”.

**PESQUISADORA:** Nome?

**AZEVEDO:** Francisco Humberto de Freitas Azevedo.

**PESQUISADORA:** Data de nascimento?

**AZEVEDO:** Nasci em 29 de Janeiro de 1946.

**AZEVEDO:** Sou médico, com muito orgulho, praticando a medicina de alta tecnologia.

**PESQUISADORA:** Nome do seu pai e de sua mãe completos?

**AZEVEDO:** Meu pai: Afranio Francisco Azevedo; minha mãe: Joaquina de Freitas Azevedo.

**PESQUISADORA:** Eles estudaram?

**AZEVEDO:** Meu pai fez até o segundo ano de ginásio e não pôde continuar, porque não tinha dinheiro para pagar os estudos. Ele estudava no colégio Diocesano de Uberaba, e aí ele ficou órfão de mãe e teve que trabalhar para ajudar o pai a custear a casa. Depois de dois anos, o pai dele morreu e ele se tornou arrimo de família. Seu pai sustentava os irmãos, a mãe, deixou a tia Alice muito novinha, deixou o tio Sebastião- o Tião. Ele formou os dois: Tião formou-se em engenharia e a tia Alice, naquele tempo era normalista, não se falava professora, mas ele conseguiu formar os dois. Ele não teve condições de se formar, nem o tio Chico que era mais velho, barbeiro de profissão. Ele foi prestar um concurso para o Banco do Brasil — BB, não, primeiro, Banco Hipotecário, depois, Banco do Brasil, e interessante é que ele, funcionário do BB, foi destacado na agência número 9, em Uberaba, para abrir a agência em Uberlândia. E aí ele veio para fazer o cadastro dos moradores de Uberlândia e abrir a agência do Banco Brasil aqui, de número 91, aqui em Uberlândia. Aí conheceu a minha mãe e eles se casaram. Tá aí a história toda da família.

**PESQUISADORAS:** Sua mãe é uberlandense e seu pai uberabense.

**AZEVEDO:** E o pior... minha mãe estudou, dos 11 aos 19 anos, em Uberaba, no colégio das freiras, Colégio Nossa Senhora Das Dores (discutimos o nome do Colégio de Nossa Senhora da Lágrimas ou das Dores), durante nove anos. Voltou com 19 / 20 anos, conheceu o meu pai e se casaram, mas meu pai não tinha formação nenhuma.

**PESQUISADORAS:** Sua mãe foi do lar e seu pai funcionário do Banco do Brasil?

**AZEVEDO:** Meu pai funcionário do BB, tempos depois virou fazendeiro e.... tocou a vida como fazendeiro .

**PESQUISADORAS:** Ele aposentou no Banco do Brasil?

**AZEVEDO:** Não, não, não. Em casa, a única aposentadoria, eu tenho aposentadoria do INSS e ganho 1.600,00 reais.

**PESQUISADORAS:** E quantos irmãos vocês são?

**AZEVEDO:** Nós somos cinco. José Olympio, o mais velho, casado com a Aline; Mário Augusto, que já faleceu e era gêmeo da Martha; Martha; Afranio e eu.

**PESQUISADORAS:** Todos vocês fizeram medicina?

**AZEVEDO:** Os homens, sim. A Martha também queria fazer, mas o tio Josias não deixou. Ele era o grande mentor da família, Josias de Freitas. Naquele tempo, o homem falava e ninguém chiava, não tinha aquela coisa, não, não tem. Aqui, eu mando e pronto e acabou. Não, era o esquema quem manda é o mais velho, pronto e acabou.

**PESQUISADORAS:** O tio Josias era irmão?

**AZEVEDO:** Da minha mãe, Josias de Freitas.

**PESQUISADORAS:** Vocês nasceram todos em Uberlândia?

**AZEVEDO:** Todos. Com exceção do Afranio, que meu pai foi chamado de volta ao banco do Brasil de Uberaba e ele nasceu lá. Só o Zé Olympio que nasceu lá. Os outros todos nasceram aqui.

**PESQUISADORAS:** Então, Afranio e o Zé Olympio nasceram em Uberaba?

**AZEVEDO:** Não. Só o Zé Olympio. Afranio nasceu aqui em Uberlândia.

**PESQUISADORAS:** O mais velho, José Olympio?

**AZEVEDO:** O mais velho, José Olympio, depois Mário Augusto e Martha, gêmeos, Afranio e eu, temporão.

**PESQUISADORAS:** Como foi a infância de vocês?

**AZEVEDO:** Maravilhosa! Na casa da vó Augusta, Tiradentes, 77, com muita fartura e muita gente. Na casa da vovó Augusta, moravam: papai e mamãe, com cinco filhos; tia Mariinha e tio Célio, com mais cinco filhos. Do lado de cá, quatro homens e uma mulher. Do lado de lá, quatro mulheres e um homem.

**PESQUISADORAS:** Você lembra de alguma coisa especial da infância de Afranio?

**AZEVEDO:** Briguento, relento, brigão, inteligente como o diabo, jogava basquete bem demais, jogou aqui no Uberlândia Tênis Clube-UTC durante muito tempo, depois foi embora, passou em medicina e largou todo o esporte. Mas era briguento, relento, estopim curto. Pra você ter uma noção, na inauguração do Uberlândia Clube tiveram três bailes. Teve um baile a rigor, todo mundo de black taylor, smock. Eu não fui porque era garoto demais, mas lá pelas tantas, no baile, um cidadão resolveu beber mais do que devia e começou a fazer besteira e, nessa história, tomaram atitudes para poder segurar o cidadão: pediram para ele ir embora, porque estava tumultuando. Nessa história da discussão, estava perto da mesa do meu pai e aí meu pai levantou e falou: põe pra fora!!! No põe pra fora, ele era o dono da Metal Gráfica, que tinha aqui, não vou citar nome porque não precisa. No tal põe pra fora, “põe pra fora ocê filho da puta”, Fanoca levantou e comeu no braço: Bam, bam, bam... saíram rolando no chão. Estopim curtinho, não tinha pessoa melhor para você conviver.

**PESQUISADORAS:** Depois nós vamos voltar nisso.

**AZEVEDO:** Mas se pisasse no calo dele ou dos seus... Sérgio Chaves tá aí: amigo, filho do Otom Chaves lá da livraria Chaves. Os dois, desde o primário juntos, ginásio juntos, o Sérgio foi fazer engenharia e ele medicina. Quando voltaram, juntaram novamente e nunca se desligaram, nunca, nunca abriram mão.

**PESQUISADORAS:** Depois vamos voltar nisto, porque se o Afranio, na infância e juventude, era impetuoso, brigão, na maturidade ele se revela extremamente equilibrado e elaborado.

**AZEVEDO:** Ele era brigão, muito amoroso, não podia era tocar nele e nos dele, ele não levava desaforo para casa, mas ele não procurava não, nunca procurou, ele não levava. Podia ser do tamanho que fosse, ele virava o bicho.

**AZEVEDO:** Naquele tempo, podia fazer o que ele gostava de fazer: serenata. Saía com o violão na mão, cara limpa, fazia serenata a noite inteira, para as namoradas, para os amigos. Tempo bom, né, a gente podia sair na rua. Hoje, a gente não pode mais.

**PESQUISADORAS:** Pensando do Afranio e em vocês também- os filhos, como foi a educação familiar? Você lembrando lá das recomendações e das orientações que seu pai e sua mãe contavam. Essa história que você contou de preservar o nome, eu sou fulano, não tinha ficha no CDL, SERASA.

**AZEVEDO:** Não tinha nada disso, né, você não tinha nem transação quase bancária. Tinha conta em banco quem?! Os coronéis, os pais, os patrões, mais nada. O cidadão comum, eu não me lembro de ter. A primeira coisa que eu fiz agora, há pouco tempo, foi abrir uma conta para o meu neto, porque com 16 anos passou na faculdade, recebe o cartão bonitinho. No meu tempo, não tinha isso não, mas a formação foi de uma família normal, comum, em que se respeitava até as diferenças religiosas. Era espírita, foi quem trouxe Chico Xavier de Pedro Leopoldo para Uberaba, fez a casa do Chico Xavier, construiu a casa da sopa do Chico Xavier, fez 17 centros espírita pro Chico Xavier... O Afrânio pai. minha mãe, católica mariana, devota de Santa Terezinha, igual eu sou também, mas era a mais harmônica possível dentro desses critérios de respeito de avô, avô é avô. Meu avô chegava em casa, escutava o mosquito voar porque sumia com os meninos tudo: chegou o Coronel Olímpio de Freitas!!! Ele almoçava sem ninguém na mesa, era o Coronel que estava almoçando, você escutava mosquito voar. Era a mesma comida sempre: ele comia arroz na papa feijão pagão, uma tacinha de vinho, tomate maduro, carne de panela e mandioca cozida. Isso foi, eu me lembro do vovô Olímpio comendo isso a vida inteira e não comia outra coisa. De noite, uma sopa ou leite com mandioca, ou leite com goiabada; e na casa da vó sempre teve muita fartura, ela se trocava, a mesa sujava, ela começava no café da manhã cinco da manhã em diante. Depois, ia virar almoço, depois virava lanche da tarde, depois virava janta, depois virava o lanche da noite, a menina tudo comia.

**PESQUISADORAS:** Vocês almoçavam antes do avô ou depois?

**AZEVEDO:** Não. Primeiro, meu avô. Ele levantava muito cedo e gostava de tirar leite. Naquele tempo, ele tinha uma chacinha, que hoje é o Tabajara, aqui para baixo, mas ele ia tirar leite na chácara dele e voltava, tipo, 8:30, 9 horas, e já sentava para almoçar. Saía de casa 4 horas da manhã, voltava 8 / 9 horas, e já sentava para almoçar. Primeiro ele, depois servia o almoço mais cedo para quem estudava de tarde, para quem chegava da escola mais tarde. Então, tinham três refeições na casa direto, para isso tinha a madrinha Regina e a Delmira, eram duas para cuidar da cozinha, para dar conta do recado. A comadre da minha avó dormia no quarto de frente ao dela, tinha o corretor, a porta do quarto dela, aqui da madrinha Regina, aqui (mostrou na mesa) uma levantava de manhã, a hora que arrastava o chinelinho no chão, raspava a garganta, a outra já escutava o chinelinho cantar e “upa”, já pulava fora.

**PESQUISADORAS:** Como seu pai era espírita e sua mãe católica, vocês iam aos dois? Seu pai levava e sua mãe?

**AZEVEDO:** Não! A gente frequentava numa boa, não tinha problema. Mamãe também frequentava com ele, mamãe foi companheira, uma mulher fenomenal, e a vovó chamava, lógico, a farinha para o lado dela, ela não questionava porque respeitava muito o papai, mas tinha a tia Terezinha. Lá em casa era muito assim, eclética. E eu acabei que, quando eu saí de Uberlândia para estudar, fui estudar em uma escola evangélica, em Juiz de Fora. Então, eu tive acesso às vezes, numa boa, mas continuo católico.

**PESQUISADORAS:** e o Afrânio?

**AZEVEDO:** Não. Ele ficou meio que agnóstico, igual à Martha. Eles são meio agnósticos, não quiseram fazer opção por nada. José Olympio não, ele se tornou espírita. Mário Augusto também não quis. Então, Mário Augusto, Martha e Afrânio eram agnósticos, eles não tinham religião.

**PESQUISADORAS:** Mas respeitavam a escolha de vocês?

**AZEVEDO:** Sim. Sempre respeitavam, sempre.

**PESQUISADORAS:** Você começou a falar de uma coisa que é muito importante, a gente queria saber mais o Afrânio irmão.

**AZEVEDO:** Nó! Shih! Atencioso, carinhoso, gentil, educado tudo de bom, não tinha, assim, você falar não... gênio maravilhoso daqueles de botar panos quentes nas coisas. Era aconselhador, escutava, ponderava.

**PESQUISADORAS:** como você era o caçula, ele nunca te bateu?

**AZEVEDO:** Não. Nós brigamos por causa dessas coisas de menino, brigamos por causa de uma rede (risos), tinha uma rede na fazenda eu queria a rede, ele estava deitado na rede eu joguei ele no chão (risos). Ele pegou, me (fez gesto com a mão de soco), coisa de molecagem. Nós nunca tivemos assim... foi a única vez. Lógico, ele é muito mais forte que eu, mais velho que eu, eu era garoto, mas eu fiz molecagem, eu merecia apanhar, mas é assim porque, aquela história, você não vai dar birra. Eu cheguei, tava andando a cavalo, que eu cheguei ele estava na rede, estava lendo e eu: “Ah, você está na minha rede!”. Era a única rede, não tem minha, era de todo mundo. “Eu cheguei primeiro!”. “Ah, é?!”. Peguei do lado da rede e virei ele, ele levantou (gestos com a mão de soco), ele não levava desaforo para casa, mexeu com ele pronto, mas fora daí ele dizia para todo mundo que eu era dos irmãos o mais inteligente por causa dos livros. Eu escrevo livros sobre o que eu faço, então, eu tenho um livro sobre hormônio peroxidogênio venoso, nutrição para câncer. E ele vibrava com isso: “você é o mais inteligente lá de casa, você doou tudo do papai”. Aquelas coisas de... entendeu?!

**PESQUISADORAS:** Quando o Afrânio entrou na escola? Você lembra? Onde ele estudou?

**AZEVEDO:** Não, não lembro. Eu era bem mais novo que ele. Não lembro, são oito anos de diferença, né?! Eu lembro, em Goiânia, quando o papai morou lá um tempo, ele estudava no Colégio Estadual e eu estava no Instituto de Betânia, mas quando que ele começou, eu não sei. Eu me lembro que ele teve uma ama seca, naquele tempo usava-se uma babá para cada filho e a dele tinha o nome da mamãe Joantina e a outra era Joana. Era uma preta velha que ele adorava, adorava, Fanoca adorava essa preta velha, chamava Sá Joana e aí a minha mãe ciumenta com isso tudo iniciou discussões homéricas por causa, porque ele preferia ficar com ela do que em casa com a mamãe e a mamãe ficava uma onça pintada ciumenta, né, mas dormia com ela, andava enganchado nela, adorava Sá Joana.

**PESQUISADORAS:** Naquele período, era muito comum as crianças serem alfabetizadas em casa, os pais contratavam alguém. Seu pai e sua mãe nunca contaram isso não?

**AZEVEDO:** Sim. Eu, inclusive, chamava Iraci, minha professora, em casa. Ela ia em casa lecionar. Dona Iraci, ela foi professora da escola da tia Lia, lá no Colégio Brasil Central, depois das quatro da tarde, ela lecionava para mim, a Jussara do tio Célio, Vera Lúcia irmã do Paulo Ferola, que já faleceu, faleceu e eu que tive a honra de tratá-lo nos últimos três anos, Marisa, minha prima, e quem mais que tinha?!... Éramos cinco ou seis, só primos, mas éramos educados em casa, minha alfabetização foi feita em casa, a dele também foi.

**PESQUISADORAS:** A possibilidade é grande se ele é anterior, né?!

**AZEVEDO:** Com certeza que foi. Eu não sei dizer com quem foi, mas que foi, foi.

**PESQUISADORAS:** Uma coisa importante que você contou e que a gente não sabia é que ele estudou em Goiânia também. Isso é importante.

**AZEVEDO:** Durante um tempo, papai foi deputado estadual em Goiânia, na época do Pedro Ludovico. O papai, por conta disso, nós nos mudamos para Goiânia, nós moramos lá entre o período de 1953 e 1959.

**PESQUISADORAS:** O tempo do mandato dele como deputado estadual.

**AZEVEDO:** Depois voltamos para o Uberlândia

**PESQUISADORAS:** A escola era privada?

**AZEVEDO:** Não, não, só eu estudei em escola privada.

**PESQUISADORAS:** O Afrânio estudou em escola estadual?

**AZEVEDO:** Sim. Ele estudou na estadual de Goiânia- Escola Estadual de Goiânia — EEG.

**PESQUISADORAS:** Igual aqui, Escola Estadual de Uberlândia — MUSEU.

**AZEVEDO:** Sim. Lá era Escola Estadual de Goiânia.

**PESQUISADORAS:** Você lembra se o Afranio contava alguma coisa dessa escola, se ele gostava das práticas dos professores?

**AZEVEDO:** Sim. Era atleta de basquete. Jogava, participava, a mulherada ficava doida com ele. Esperto, menor que todos nós, ele era um menorzinho de todos, mas, assim, um foguetinho bom atleta de basquete.

**PESQUISADORAS:** Ele larga quando ele entra para medicina?

**AZEVEDO:** Exatamente. Ele abandona o basquete quando vai para medicina fazer o vestibular. Naquele tempo, não tinha cursinho, então, você fazia o terceiro científico puxado, que aqui era excelente, e ele passou na Nacional de Medicina. Ele e o Mário Augusto.

**PESQUISADORAS:** O que os professores falavam do Afranio enquanto aluno?

**AZEVEDO:** Eu não tive a convivência com os professores dele não.

**PESQUISADORAS:** Mas seu pai e sua mãe, às vezes, na roda em casa, não diziam: “o professor falou isso do Afranio”?

**AZEVEDO:** Não. Não. Eu não poderia te relatar, eu venho de outra geração que eu não tenho, sei que ele saiu e foi direto, ele foi saindo daqui, foi direto e passou na Nacional de Medicina, tanto ele quanto o Zé Olympio. Não tinha cursinho, os dois fizeram Nacional. Mário Augusto não, mas os dois fizeram na Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha.

**PESQUISADORAS:** A sua mãe guardava os cadernos de vocês?

**AZEVEDO:** Nada. Na verdade, só mesmo pessoal. Com cinco filhos em casa, como é que faz para guardar, tem que ter muita atenção nas coisas.

**PESQUISADORAS:** Por conta da história.

**AZEVEDO:** Mas não tem nada da família. Não temos nada da família, de nenhum de nós.

**PESQUISADORAS:** Não tem nenhum registro da escolaridade e da infância?

**AZEVEDO:** Não. Não

**PESQUISADORAS:** Do ginásio?

**AZEVEDO:** Não. Não creio que vá achar, não fez para mim, não fez para os outros em casa, ela tratava todo mundo em condições de igualdade.

**PESQUISADORAS:** Além do basquete que ele gostava, o que mais (corte pelo entrevistado)

**AZEVEDO:** Ele gostava, gostava de basquete. Davam quatro horas da tarde, podia estar chovendo canivete, ele ia para quadra jogar. Era o horário dele com os amigos do basquete.

**PESQUISADORAS:** Ele gostava de ler?

**AZEVEDO:** Gostava de ler. Eu não me lembro do que ele lia, mas como eu era o caçula, sabe aquela história de ficar assim... Eu viajava nas histórias dele, nós dormíamos no mesmo quarto, dormíamos eu, ele, o Mário Augusto, o Zé Olympio e, às vezes, algum primo, na casa. Zacarias sempre tinha um outro primo, era um quarto grande na casa da vó Augusta, era o quarto da frente, na Tiradentes, na rua Tiradentes, que hoje tá lá a casa, então já foi o Colégio Anchieta, e ele saía para os bailes quando chegava, lógico, faz barulho, eu acordo, toda vez eu acordava. E aí ele falava: “eu dancei com a fulana, namorei com a cicrana”. Sabe aquele assunto de pós festa e aí eu viajava com eles, né, chegavam umas três, quatro horas da manhã, contavam o que tinha acontecido, um contava para o outro e eu acordava outra vez. Assim, eu não me lembro nem da literatura que ele usava, nem nada disso, mas ele gostava muito de ler.

**PESQUISADORAS:** Quais as brincadeiras que o Afranio mais gostava de fazer, além de tocar violão que você já contou?

**AZEVEDO:** Dançar. Dançava bem demais da conta, pé de valsa. Naquele tempo, se dançava valsa, bolero e músicas românticas.

**PESQUISADORAS:** Os aniversários dele, quando eram feitos na secretaria, ele dançava muito?

**AZEVEDO:** Ele gostava. Dançava muito bem, ele nunca esteve em uma escola de dança, nada disso. É porque ele dançava bem, gostava de dançar. Ah! Ele gostava de pescar, caçar. Nossa, herdou do papai! Eu detesto ficar no meio de mosquito, ficar caçando no meio do mosquito. Ele não. Ele ia para as pescarias, amarrava uma rede e dormia no galho do poste, ficava esperando o bicho passar, chamava pongar, naquele tempo podia, hoje não pode mais caçar, naquele tempo podia. Ele atirava bem, atirava muito bem.

**PESQUISADORAS:** Além do Sérgio, ele teve mais algum amigo?

**AZEVEDO:** Iiiiiih! Tem muitos. Vou lembrar aqui. Oh, o Pico já morreu, que era dentista, o pai dele tinha um hotel, onde hoje é o Bretas, na praça onde é o colégio estadual, era ali o hotel dele.

**PESQUISADORAS:** Espera aí que vamos descobrir.

**AZEVEDO:** O Fernandes, o sobrinho dele, foi colega do Afranio. É o Antônio Carlos Fernandes, o Ferrinho. O cunhado dele foi dono das churrascarias, aí era sócio do Navarro, montou duas churrascarias aqui. O pai do Ferrinho da Luiza, como o pessoal era mais velho, esqueço o nome deles, mas era... esqueci o nome do Pico, que era dentista, Joel Cupertino, também já faleceu. O Sérgio SANTOS: não sei se está vivo, que era o pessoal do basquete. Os amigos dele era o pessoal do basquete, o Paulo, que casou com a Julieta, que é meu primo, jogava basquete também da turma deles; o Márcio, que foi juiz do trabalho; também o pai do Marcelo Marquez, que eu não sei como chama. O pai do Marcelo Marquez, até o Marcelo teve preso agora, por causa de emprestar dinheiro.

**PESQUISADORAS:** O Marcelo trabalhou com gente?

**AZEVEDO:** É.

**PESQUISADORAS:** Marcelo Marques a gente chamava de Marques.

**AZEVEDO:** Mas era Marquez.

**PESQUISADORAS:** A Cristina não lembra, ela é mais nova que eu. Ele já estava com problemas e o Afranio trouxe para perto para orientar. O Afranio tinha muito essa história.

**AZEVEDO:** Tinha. Ele era um paizão. Você quer um exemplo.

**PESQUISADORAS:** Até que série o Afranio estudou aqui em Uberlândia?

**AZEVEDO:** Até o 3º científico.

**PESQUISADORAS:** era científico?

**AZEVEDO:** Naquele tempo, era primário admissão, ginásio, científico. Aí ele já estava galinho garnisé (risos) e ele queria ir embora fazer o vestibular para poder entrar na faculdade.

**PESQUISADORAS:** Quem pôs esse apelido nele?

**AZEVEDO:** Não sei. Já peguei com o apelido pronto.

**PESQUISADORAS:** Porque isso chega na secretaria também e a gente nunca chamou ele de galinho garnisé. Mas ficou todo mundo assim: quem será que pôs esse apelido nele?

**AZEVEDO:** Nossa, ele não gostava nem do apelido que era apelido de família, entendeu, carinhoso?! Porque tinha o Afranio pai e Afranio filho. Então, ficou Afranoca, e ele, que era petitinho, virou Fanoca. Ele detestava o apelido, aceitava. Ele detestava o apelido.

**PESQUISADORAS:** por que foi a família?

**AZEVEDO:** porque foi família.

**PESQUISADORAS:** Fanoca ele gostava muito.

**AZEVEDO:** Não. Não gostava. Ele não avançava de educado que era, mas nunca gostou. Isso eu cansei de ver, tinham pessoas que chegavam, porque os tios chamavam Fanoquinha, Fanoquinha, Fanoquinha; se chegava outra pessoa, ele falava: Dr. Afranio- assim, seco.

**PESQUISADORAS:** como era um apelido carinhoso, né, e da família!

**AZEVEDO:** Ele só admitia a família chamar ele por apelido.

**PESQUISADORAS:** Já pensou? E lá no município tinha pessoa que referia a ele não é?

**AZEVEDO:** Às vezes, os mais velhos ele aceitava. Por exemplo: ele teve a Sá Joana como babá dele, e eu tive a tia Fia Branca que é viva até hoje, tinha a Fia Preta, que era babá da Martha, cada um que nascia tinha uma babá, ama de leite que eles chamavam.

**PESQUISADORAS:** Era.

**AZEVEDO:** Eu me lembro que dona Fia Branca, que ele não tinha intimidade com ela, ele foi embora e eu fiquei. Um belo dia, ele chegou e ela: “Fanoquinha, estou com um pé não sei o que”. E ele: “Dr. Afranio”- assim, na bucha. Então, é mais coisa de família.

**PESQUISADORAS:** Quanto tempo ele morou no Rio?

**AZEVEDO:** Ele foi para fazer faculdade e ficou por lá por muito tempo, ele veio do Rio depois que separou da Isabel.

**PESQUISADORAS:** Que foi a primeira esposa. Seu pai e sua mãe viajavam com vocês ou não?

**AZEVEDO:** Todas as férias, férias de julho, ia para roça canal de São Simão, ficava um mês caçando, pescando. E férias de dezembro para correr o mundo, alugava Quississana hotel em Poços de Caldas passava um mês, passava um mês em Caraguatatuba, levava a família inteira. Ele levava, assim, um comboio, um trem de ferro. Meu pai, nesse ponto, era mão aberta, ele não tinha... Nós saíamos para ficar um mês inteiro na praia só passeando, no mês de janeiro.

**PESQUISADORAS:** Você foi para o exterior?

**AZEVEDO:** Não. Foram só eles. Eu não fui, eu tinha 11 anos.

**PESQUISADORAS:** Você tinha vontade ter 19?

**AZEVEDO:** Tinha um festival que chamava Festival da Juventude, foi em 1957, e meu pai mandou os quatro. Eles ficaram seis meses passeando na Europa, sem o meu pai.

**PESQUISADORAS:** E você ficou só com a Fia (risos)?!

**AZEVEDO:** Não. Mamãe e papai ficaram. Foram os quatro.

**PESQUISADORAS:** O que eles contaram para você? Você sempre foi o escutador. **AZEVEDO:** Eles escreveram um livro sobre isso, tem um livro deles.

**PESQUISADORAS:** Sobre essa viagem?

**AZEVEDO:** É. Tem um livro deles, chama-se, não sei, é “a volta em dois mundos”.

**PESQUISADORAS:** Martha que publicou?

**AZEVEDO:** Não, os quatro. Bom você consultar.

**PESQUISADORAS:** Onde se acha esse livro?

**AZEVEDO:** A Martha tem, eu não tenho não, mas, eu não sei se é “a volta em dois mundos”, mas é alguma coisa assim.

**PESQUISADORAS:** Ela falou para mim que tem algumas coisas que ela vai deixar, como que ela falou, ela falou assim: eu deixo você ler, não te empresto, não te alugo (risos), porque são meus. Eu falei: não, Martha, pode ficar tranqüila!

**AZEVEDO:** Pega pelo zap!

**PESQUISADORAS:** Como se diz: “é meu, não empresto, não vendo, mas deixo você ler”. Beleza, que bom! Isso ai vai ter muitas história deles.

**AZEVEDO:** Esse livro chama “a volta em dois mundos”.

**PESQUISADORAS:** Mas a gente localiza com ela. Depois que você conseguiu maior idade, vocês conseguiram viajar com todos os irmãos juntos ou não?

**AZEVEDO:** Não. Eu sou de outra geração, do rock and roll, do twist, eles não pegaram isso, Elvis Presley, Beatles. Eles entraram no final da fase romântica, eles pegaram o que Agostinho dos SANTOS:, Carlos Gardel, aquele menino, aquele cantor brasileiro que foi famoso, Orlando Silva. Geração deles é essa época.

**PESQUISADORAS:** Serestas, não é?

**AZEVEDO:** É.

**PESQUISADORAS:** 1960 foi muito importante para o Brasil, foi o ano em que o Afranio passa em Medicina, tem publicação no jornal, o que isso significou para a família, menino do interior ir fazer medicina no Rio Janeiro?

**AZEVEDO:** Pra nós, não significou muita coisa não. Nós já tínhamos o José Olympio fazendo medicina e Mário Augusto fazendo vestibular para medicina. Então foi mais um, e o tio Josias forçava a barra. Você sabe quantos Freitas médicos tem na família? Hoje, mais de sessenta, todos orientados pelo Josias. De um lado, vovô Lino, tio Josias; do lado do tio Luizote, filhos médicos: Fausto, Euclides, Moisés e Ulisses, todos médicos; os netos e os bisnetos e aí vem você: a coisa é tão séria.

**PESQUISADORAS:** Exercia bastante influência.

**AZEVEDO:** Dos meus três, eu não deixei o mais velho fazer medicina. Burrice, devia ter deixado. Ele fez economia, é economista competente, tá bem em São Paulo e tal, mas eu carreguei comigo o remorso. Se ele ficar mal alguma vez na vida, tô ferrado.

**PESQUISADORA:** (caíram na gargalhada)

**AZEVEDO:** O meu caçula chegou pra mim um dia e falou: Oh pai, eu vou ...você faz a opção: ou eu vou ser médico, ou eu vou ser nada na vida. Eu falei bem democraticamente: você me deu tantas opções, você vai ser médico.

**PESQUISADORAS:** (gargalhadas)

**AZEVEDO:** (risos) Cardiologista.

**AZEVEDO:** Então, assim, os netos da Martha são médicos, Gilbertinho, Sofia, um da Adriana e outro do Edu. Dois do José Olympio, um da Eliane, um da Marina e assim vai a coisa. Vocês pegam, por exemplo, Dr. Fausto de Freitas, que você, conheceu filho do Luizote de Freitas, Ricardo é médico, Luizotinho é médico e o que morreu era médico pediatra, todos não tiveram muita opção na família.

**PESQUISADORAS:** Ou era médico ou era médico?

**PESQUISADORAS:** As mulheres foram professoras.

**AZEVEDO:** Renato de Freitas engenheiro. Advogado tem muito também. Dr Osvaldo puxou a moçada para a advocacia, mas pouca gente. Na casa do, Dr Osvaldo, por exemplo: Osvaldinho médico urologista, os filhos todos são médicos; o Marcelo é advogado, tem dois filhos médicos. Então, assim, as coisas vão e voltam lá no início, não tem muita saída, só medicina.

**PESQUISADORAS:** Isso é bom.

**AZEVEDO:** Então, não teve o Fanoca, o fato de ele passar em medicina, não teve nenhum.

**PESQUISADORAS:** Para vocês, o normal era passar em medicina, o anormal era não passar, né?

**AZEVEDO:** Não tinha outra escolha, você tinha que passar, o papai exigia muito da gente: “faça bem feito que você vai fazer uma vez só”.

**PESQUISADORAS:** Falar em faça bem feito, pelo que a gente já leu da medicina no Rio, ele teve como professor um dos ícones brasileiros, que foi Pitanguy.

**AZEVEDO:** Foi. Foi. Ele trabalhou com o Pitanguy muitos anos, mais de dez anos, mais de dez anos, com certeza.

**PESQUISADORAS:** Então, teve uma situação que marcou a medicina?

**AZEVEDO:** O Josias preparava a gente para cirurgia geral. E o Pitanguy, muito vivo amigo do Josias, opa!, quis casar até o Afranio com a filha dele, com a filha do Pitanguy, mas ele corria igual o diabo corria da cruz. hahahahahaha

**PESQUISADORAS:** Então, é nessa história da medicina e do sucesso?

**AZEVEDO:** Existia uma coisa todo homem, né... Mas, o Afranio não, não tinha essa coisa de mulherada, era uma de cada vez. O vovô Lino foi um inferno, vovô Lino tem filho, história maravilhosa de família (risos). O que tem de gente do vovô Lino por aí e nós consideramos primos e irmãos maravilhosos, e não tenho nada com isso lá para trás, mas o Afranio não, ele respeitava, foi a Izabel, depois da Izabel, foi como ela chama a ex-mulher do Jadson Magalhães. E ele se casava.

**PESQUISADORAS:** Ele casava mesmo, né?

**AZEVEDO:** Ele não brincava.

**PESQUISADORAS:** Ele casou seis vezes?

**AZEVEDO:** Não sei quantas, não me aperta não, mas a última foi a querida Eliana: carinhosa, dedicada, amorosa. Sou fã da Eliana.

**PESQUISADORAS:** A Cristina a entrevistou.

**AZEVEDO:** Inclusive, foi um relacionamento maduro. Não tinham cobranças, entendeu? Só tinha lá entre os dois que a gente não via.

**PESQUISADORAS:** Não tinha não, ele falou que ela era a última.

**AZEVEDO:** Eu escutei várias vezes a sogra falar que tinha ganhado um presente dos deuses. Ele tratava a sogra como uma rainha. Nesse ponto, ele era bom, nunca conheci um desafeto dele que ele tratasse mal. Com peão na roça, com qualquer um.

**PESQUISADORAS:** A filha dele é do 1º casamento?

**AZEVEDO:** Ele só teve as duas filhas do primeiro casamento, a Isabela, mais velha, acho que as duas estão morando em Florianópolis-SC, e a Gaia.

**PESQUISADORAS:** A Gaia teve aqui, trabalhou na secretaria da cultura.

**AZEVEDO:** A Gaia é a cara dele, é o Fanca de saia. Ela detesta isso, mas fazer o que? Parece com o pai, parece, uai. Falei com ela: você está achando ruim de que?

**PESQUISADORAS:** É filha do pai.

**AZEVEDO:** É melhor ser filha do pai do que ser filha da puta. Falei na cara dela: para com isso, não gostava, não é que não gostava vai tomar tipo. Uai!

**PESQUISADORAS:** Então, o Afranio ficou muito conhecido e algumas pessoas estudam só essa parte da vida dele, que a história do Lamarca, que ele opera o Lamarca em um período extremamente complicado no Brasil. E a gente queria saber: o que você sabe sobre essa cirurgia? O que te contaram você sendo o mais novo?

**AZEVEDO:** Sei tudo. Eu estava no Rio nessa época. Eu vivi isso.

**PESQUISADORAS:** Interessante. Isso eu não sabia.

**AZEVEDO:** O Lamarca se apresenta como cabelereiro gay que queria modificar as faces, porque estava se achando velho. Tem as correções, hoje, chamadas cirurgias estéticas, cirurgia que qualquer pessoa faz hoje, e que não queria se expor, porque ele era um cidadão famoso, né, Cabelereiro?! E aí ele é operado na casa de saúde Santa Teresinha, corrige as rugas, esse bigode chinês que a gente chama aqui, esse sulco nasolabial, e no pós-operatório ele sai para fazer novas fotos num fotógrafo ao lado do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI). O Lamarca era instrumento para servir, digamos assim, para introduzir meio naquele tempo da guerrilha, para seguir com a guerrilha, só que tempos depois ele passou a ser uma pessoa que não interessava mais, era um arquivo vivo. Então, foi cassado para ser exterminado.

**PESQUISADORAS:** Ele era um arquivo vivo e precisava ser exterminado, ele não era cabeleireiro, ele mentiu?

**AZEVEDO:** Ele nunca foi. Ele era coronel do exército e estava comandando a guerrilha. Ele é que mudou de lado, só que depois disso tem, isso é comum no lado de lá. Não servia mais nem pra eles, e eles exterminam, eles queimam arquivo, a esquerda queima arquivo, não fica ninguém. Então, o Lamarca foi tirar essa foto para tirar passaporte novo para vazar, ir embora. Antes que acontecesse, avisaram pra ele: “Dá no pé agora! Seu povo quer te pegar”. Essas fotos do cidadão são entregues para, naquele tempo, DOICODE. E aí, o que ele fez? Foram atrás e entregaram o Dr. Afranio. Foi aí que pegaram e ele amargou 50 e tantos dias de solitária.

**PESQUISADORAS:** Ele chegou a ser preso então?

**AZEVEDO:** Preso 50 e tantos dias na solitária.

**PESQUISADORAS:** Isso não aparece nos estudos, aparece que residiu na fazenda que ele ficou escondido.

**AZEVEDO:** Chegou não. Não teve nada disso de fazenda, ele respondeu, respondeu o processo todo, ele não corria não. Esse não, meu irmão não.

**PESQUISADORAS:** Então, ele não ficou escondido na fazenda do seu pai?

**AZEVEDO:** Não teve nada disso, nunca teve escondido em lugar nenhum, ele não era homem assim não. Ele enfrentava, esteve preso no Rio de Janeiro, o sogro dele na época era general de exército.

**PESQUISADORAS:** Eu realizei uma pesquisa e foram 73 dias?

**AZEVEDO:** Não. 53 dias, pode anotar aí. 53 dias que ele teve de solitária. Se não me engano, era Aldo de Souza Pinto o nome do general sogro dele, não tenho

certeza se é Aldo, mas Souza Pinto eu sei. Tinha servido no Canal de Suez, muito respeitado na época, e não moveu uma palha para liberá-lo, mas ele respondeu todos os inquéritos, todas as coisas. Ele não corria de nada.

**PESQUISADORAS:** E o Pitanguy não foi acionado nesse período?

**AZEVEDO:** Foi e foi, inclusive, testemunha de defesa dele. Fez uma brilhante, maravilhosa para processo dele, que ele respondeu inquérito, inquérito policial militar - IPM.

**PESQUISADORAS:** Ele já era casado?

**AZEVEDO:** Já! Já tinha as duas meninas.

**PESQUISADORAS:** Ele já era casado e já tinha as duas?

**AZEVEDO:** Já.

**PESQUISADORAS:** Ele saiu da prisão e continua no Rio? Ele continua lá, só vem para Uberlândia depois que ele divorcia?

**AZEVEDO:** Ele saiu e aí começa a coisa, e o casamento dele acabou poucos meses depois, por conta, talvez, eu não sei, não participei da vida íntima dele.

**PESQUISADORAS:** O sogro dele poderia ter intervindo?

**AZEVEDO:** Por mais que, foi um tempo depois, foi um tempo depois não foi de imediato não, lá em casa nós temos esse costume, por mais que a gente tenha amizade, intimidade, entendeu?! A vida íntima dos meus irmãos e a minha também, nunca, quando você é acionado a gente entra e participa, fora daí, eu não tenho, me lembro da mamãe fazer, coitadinha, novenas, trienas, quinzenas, dezenas e tudo quanto é promessa possível para liberar meu irmão, porque ele ia ser trocado pelo Giovanni Enrico Bucher, embaixador da Suíça época, ele ia sair com Gabeira, José Dirceu naquela leva, ele estava preso incomunicável.

**PESQUISADORAS:** Aí ele ser trocado?

**AZEVEDO:** Sim. Pelo embaixador, ele e os outros todos, eu estou te falando isso porque uma ex-namorada minha foi trocada naquela época, chamava-se Maria Augusta, morava no Rio de Janeiro. A gente morava junto, no mesmo apartamento, porque quando ele estava fazendo medicina, eu saí de Juiz de Fora em internato e fui morar no Rio de Janeiro com eles. José Olympio já estava casado, morava no apartamento de cima e embaixo morávamos: eu; Mário Augusto; Afranio; o Bechara, que é de Brasília, médico; o Edmundo de Souza, que é de Uberlândia e depois mudou para Brasília; também o Aigo, primo, e o Jonas, meu primo.

**PESQUISADORA:** O Aigo morou com o Afranio?

**AZEVEDO:** O Aigo vocês conheceram. O Aigo era inteligente, surdo-mudo. O Aigo cozinhava, costurava.

**PESQUISADORA:** Não sabia que ele era primo.

**AZEVEDO:** Sim. Primo de 1º grau.

**PESQUISADORA:** Ele pediu para gente não contar por causa da história do nepotismo, aí ele falava assim: “Sônia, eu confio muito em você, pela sua formação de família, então, não conta isto para ninguém não”. É coisa que morreu comigo.

**PESQUISADORAS:** Mas isso é muito bom, é questão de confiança mesmo, ele elegeu você.

**PESQUISADORAS:** E ele me contou dessas habilidades que o Aigo tinha.

**AZEVEDO:** Muito inteligente. Surdo-mudo.

**PESQUISADORAS:** Ele costurava, cuidava da roupa dos meninos, não deixava eles saírem rasgados.

**PESQUISADORAS:** Na verdade eu me lembro do Aigo com a Mirlene.

**PESQUISADORAS:** Sim.

**AZEVEDO:** E o Aigo praticava esporte tão bem quanto o Fanoca. Eles gostavam de basquete, faziam rachinha os dois, de basquete. Eu não sei, eles tinham uma afinidade muito grande. O Aigo era três ou quatro anos mais novo e três ou quatro anos mais velho que eu, então, ele estava no intervalo, tem uma passagem ótima lá em Goiânia. O papai, nas férias, levava todo mundo para dentro de casa e de tarde a gente ia pescar. Todo dia tinha que arrancar minhoca e levar a minhoquinha, e aí “vamos pescar, vamos pescar”, falava para o Aigo. Falei baixinho para ele buscar minhoca, passou a mão foi lá no fundo do quintal, para arrancar as minhocas e nós fomos embora e o Aigo ficou. Aí fomos embora e depois voltamos, ele ficou esperando na porta e estava onça com as minhocas na mão, vai convencê-lo depois que foi esquecimento!!! Ficou três dias emburrado, e quando ele emburrava com a gente, falava assim: “não falo mais com você”, e virava as costas. Acabou, não falava mais com você. (Risos)

**PESQUISADORAS:** Eles emburram. Na história do Lamarca, então, a gente precisa desmitificar essa coisa de que ele ficou escondido.

**AZEVEDO:** Nunca, nunca, isso nunca existiu. Isso não existiu.

**PESQUISADORAS:** Também vou passar um pouquinho para frente e voltar no mesmo assunto, a anistia demorou muitos anos.

**AZEVEDO:** A anistia foi depois, a anistia foi agora.

**PESQUISADORAS:** Eu vi você e a Martha na UFU, onde recebeu a comissão de anistia e o Afranio não foi.

**AZEVEDO:** Aí é que tá.

**PESQUISADORAS:** Você sabe me contar isso?

**AZEVEDO:** Ele não concordava com essa história da anistia, não concordava com os então, entre aspas “companheiros”, nunca foi guerrilheiro.

**PESQUISADORAS:** Sim.

**AZEVEDO:** Nunca.

**PESQUISADORAS:** Ele foi um cirurgião pra operar uma pessoa que mentiu.  
**AZEVEDO:** Eu acho que ele foi tapeado, não o Lamarca que mentiu não, acho que o Lamarca entrou nessa com outro papel.

**PESQUISADORAS:** Para proteger.

**AZEVEDO:** O pessoal que envolvia, tinha um anestesista que eu não guardei o nome, mas ele era chamado de “o sujeito”, “o sujeito”, e ele gostava. Ele telefonava e falava “oh! é ‘o sujeito’”, ele já mudava o nome dele de propósito, que fazia parte da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR Palmares), nome da organização deles ele era carne e unha do Fanoca, carne e unha, o Fanoca toda vida teve essa coisa. Eu tenho um colega meu, Dalton, que se forma e foi fazer residência com ele e nunca mais largou o Fanoca.

**PESQUISADORAS:** Igual minha amiga Cesária.

**AZEVEDO:** O Fanoca o tratava como filho. Ele não teve filho homem, o Fanoca tinha disso: ele adotava as pessoas. O Dalton.

**PESQUISADORAS:** Ele está em uma praia aqui perto com uma pousada.

**AZEVEDO:** Aqui perto não, ele tá lá em...

**PESQUISADORAS:** Ta aqui no Sul da Bahia ou então ele mudou.

**AZEVEDO:** Sinceramente, eu não sei. Sei que ele foi para uma praia que é distrito da cidade, que era membro da prefeitura para atender pessoal, já tinha três ou quatro casas. Isso quem falou foi um sogro dele aqui. Depois que separou da Cesária, ele acabou casando com a secretária.

**PESQUISADORAS:** Secretária, é?!

**AZEVEDO:** Aí eles deram no pé.

**PESQUISADORAS:** Sou muito amiga da Cesária.

**AZEVEDO:** Quando o Fanoca fez minha pálpebra, eu tinha excesso. Tô precisando tirar outra vez, isso aqui pesa o Dalton operou um lado ele operou o outro.

**PESQUISADORAS:** (risos)

**AZEVEDO:** Fui operado pelos dois. Era muito engraçado, falavam assim: “eu sei quantas vacas você tem, você não deveria ter voltado, deveria ter avisado para nós, mas foi muito bom”.

**PESQUISADORAS:** Então, nessa história da anistia, o Afranio foi indenizado, como é que foi, para gente entender melhor?

**AZEVEDO:** Foi.

**PESQUISADORAS:** Ele também não quis essa indenização?

**AZEVEDO:** Não, ele recebeu, não sei, montante.

**PESQUISADORAS:** Recebe é no papel o anistiado. O que vocês foram fazer na UFU houve algum documento?

**AZEVEDO:** Não.

**ENTREVISTADOR-** Foi como político?

**AZEVEDO:** Não tinha mais cargo nenhum, entendeu?

**PESQUISADORAS:** Porque tinha representante de todas as famílias aqui em Uberlândia.

**AZEVEDO:** Toda. Eu fui por causa disso, mas ele não quis aparecer.

**PESQUISADORAS:** Teve que assinar algum documento para falar que a família esteve lá presente?

**AZEVEDO:** Não.

**PESQUISADORAS:** Não?

**AZEVEDO:** Não. Lá foi só uma demonstração de força, e como o secretário do Ministério da Justiça era de Uberlândia, foi criado dentro de casa e é filho do maior relento aí dos (bate na mesa), como é que ele chama ...nome do pai é... Abraão

Paulo Abraão. A família toda morava na Quintino Bocaiuva com a Floriano Peixoto, máximo Cesário Alvim, e eles saem daqui, ele faz direito e é levado pelo gaúcho, ex-governador do PT (não lembro o nome), para o Ministério da Justiça, e vira secretário geral do ministro. Ele vem e faz aquela festa maluca, mais uma festa.

**PESQUISADORAS:** Depois que o Afranio veio para Uberlândia e divorciou da primeira esposa, ele conversa com vocês sobre as marcas que operar o Lamarca deixou na vida dele?

**AZEVEDO:** Nunca tocou com ninguém. Nunca, nunca, nunca.

**PESQUISADORAS:** porque tem muita tese sobre Lamarca que põe palavra na boca do Afranio, que o Afranio nunca falou.

**AZEVEDO:** Eu sei.

**AZEVEDO:** Nunca falou, nunca tocou no assunto, ele matou e enterrou e acabou. Às vezes, a gente falava e ele dizia: “isso é um risco que eu assumi e acabou.”

**AZEVEDO:** Eu me lembro uma vez que a gente estava na fazenda e foi servido um prato, um cozido, o que mais oferecia na cela. Ele não quis comer porque lembrou algo que ele não quis dizer.

**PESQUISADORAS:** Uma coisa que para nós também é relevante a gente tirou do jornal Manchete, em 1988, e é muito importante. Eu não sei se você sabe, esse jornal

tem uma matéria que diz que na universidade que o Afranio estudava, ele imprimia um jornal?

**AZEVEDO:** Ele era presidente do diretório acadêmico lá na Nacional de Medicina. Foi sim.

**PESQUISADORAS:** Ele sempre foi.

**AZEVEDO:** Ele foi militante estudantil na época, foi presidente do diretório. Em 1974, ele estava na presidência do diretório.

**PESQUISADORAS:** Nesse período, eles eram conhecidos como? Os Vermelhos?

O jornal traz isso.

**AZEVEDO:** Lá no rio eu não sei.

**PESQUISADORAS:** Era. O jornal, o jornal traz isso.

**AZEVEDO:** Veja bem! Eu tive dois períodos no Rio, morando com eles. Um foi esse em 1959 até 1960, o outro foi quando eu me casei e fui fazer residência no Rio lá com ele, o tio Josias e o Mario Augusto, na Tijuca, para aprender cirurgia. Entendeu? Eu tive dois períodos convivendo intimamente com eles.

**PESQUISADORAS:** E ele contava algo sobre esse jornal?

**AZEVEDO:** Naããããã. Ele matou isso, encerrou e nunca mais abriu a boca com ninguém. Nada,nada,nada! Ele não abria a boca. Muito reservado. Os erros dele assumia, e não, não pedia perdão para ninguém. Não tinha papo.

**PESQUISADORAS:** Em 1964, ele casa antes de concluir medicina e a esposa dele era da mesma área?

**AZEVEDO:** Não. Isabel não. Você me apertou. Não sei de que área ela era.

**PESQUISADORAS:** Mas ela trabalhava?

**AZEVEDO:** Não sei te informar, porque em 1964 eu estava em Uberlândia, eu não estava mais lá.

**PESQUISADORAS:** O sogro dele, você falou que, era general?

**AZEVEDO:** Aldo Souza Pinto.

**PESQUISADORAS:** Ele foi no casamento. Ele concordou?

**AZEVEDO:** Foi. Era filha única, filha única de tudo, não tinha nem irmão, nem nada.

**PESQUISADORAS:** Então, foi o casamento.

**AZEVEDO:** Tanto que, na minha família tinha uma brincadeira, como vão chamar seus filhos. Vão chamar Afranio Pinto, Afranio Souza Pinto Azevedo ou Afranio de Freitas Azevedo Filho ou Pinto de Azevedo, fica um nome bonito hahahahaha, mas ele nunca botou Pinto no nome das filhas, mas a Izabel chamava Izabel Pinto de Azevedo.

**PESQUISADORAS:** O tempo que ficou no Rio trabalhando com o Pitanguy, você acha que isso ajudou o Afranio na medicina aqui em Uberlândia? Porque Pitanguy foi sempre uma referência. Ele veio aqui em Uberlândia nas primeiras cirurgias? Eles faziam cirurgias juntos? Ele veio aqui ou foi só o Dalton que veio com ele?

**AZEVEDO:** Não, não. Quando ele veio, só o Dalton que veio com ele. Pitanguy veio aqui não.

**PESQUISADORAS:** Pitanguy nunca veio?

**AZEVEDO:** Não. Eu conheci o Pitanguy no Rio e o Pitanguy foi prestar depoimento no processo dele lá no exercito, no inquérito policial dele, que ele respondeu na prisão. Depois, ele respondeu e foi absolvido, mas ele foi testemunha dele no processo lá. Porém, o pitanguy nunca veio em Uberlândia, a não ser que pode ter

vindo operar outras pessoas, aí eu não sei. Pitanguy nunca veio a Uberlândia, nem para visitá-lo. Depois que ele se forma ele faz residência em cirurgia e vai para cirurgia plástica e fica com Pitanguy até sair do Rio mais ou menos 12 anos ou sei lá quanto tempo, mas foi muito tempo.

**PESQUISADORAS:** Então, tem uma entrevista que a gente não sabe se é verdadeira, de 1988, na qual o Afranio disse que, ao terminar a Universidade, ele tinha computado três prisões: uma em defesa de Cuba, a segunda pela operação do Lamarca, e a terceira?

**AZEVEDO:** Mentira. Ele só foi preso uma vez.

**PESQUISADORAS:** Ele nunca foi preso por outra coisa?

**AZEVEDO:** Só pela do Lamarca.

**PESQUISADORAS:** Esse jornal, então...

**AZEVEDO:** Eu falo que essa do Lamarca ele entrou de gaiato, entendeu? Porque o médico não pode rejeitar um doente, você é obrigado a receber o cara com Corona Vírus ou com hepatite, ou qualquer coisa. Aí é aquela história: você concorda ou não com a cirurgia. Eles pagaram a cirurgia do Lamarca, aí você fala “não, não vou operar”, e o anestesista deve ter xavecado no ouvido dele antes.

**PESQUISADORAS:** Sim.

**AZEVEDO:** E se eu chegar aqui e falar “olha, nós vamos lá para a fazenda da minha irmã, mas você toma cuidado, ela esta meio idosa”, você vai chegar lá cheia de não me toques com ela. Se eu não falar nada, você vai chegar normal. Se eu chegar e falar “lá tem uma baita fera”, você já vai prevenida. Então, acho que foi tudo preparado.

**PESQUISADORAS:** Para o desconhecido.

**PESQUISADORAS:** Então, esse jornal é mentiroso, não é? Porque coloca que o Afranio esteve três vezes na prisão.

**AZEVEDO:** Tem que fazer sensacionalismo, jornalista faz sensacionalismo de tudo para dar ênfase na matéria e eu vejo com tranquilidade, porque quem é que não opera alguém que deve ser operado? Eu te pergunto.

**PESQUISADORAS:** É igual a história, abrindo um parêntese, igual povo está metendo o cacete no Papa porque ele recebeu o Lula. Gente, Jesus morreu no meio de dois ladrões, quem somos nós para condenar Papa? Todo mundo condenando o Papa.

**AZEVEDO:** Aí eu faço só uma observação para você: se o Papa não soubesse quem é, eu tinha a mesma ideia sua, mas o Papa sabe que é um bandido, condenado em segunda instância como um porteiro, aí eu não aceito. Ai, o meu Papa não é esse, meu Papa é outro esse aí é um argentinozinho sem vergonha, não, sinto muito, eu sou católico e eu posso falar dele, eu sou Francisco muito antes que ele, eu tenho 74 anos que sou Francisco, e ele agora quatro anos, não tem moral, sério, esse é comunista safado, bandido. Sabe por que ele só recebeu o Lula? Porque Lula tem bilhões no banco do Vaticano, ideias do Maduro é esse o Papa, não, esse não é meu Papa que vai benzer, um fascista, igual o Maduro que mata criancinhas de fome, enquanto está aí empanturrado de dinheiro. Eu não aceito esse argumento seu não. Me desculpe a franqueza.

**PESQUISADORAS:** Não, tudo bem!

**AZEVEDO:** Eu não aceito que o Papa benza um cidadão vagabundo, processado condenado. Isso não o papel da Igreja, nunca foi. Ele está ajudando a quem? Está incentivando o que? O Cabral está pedindo benção para o Papa. Você vai dar? Ele vai benzer o Cabral também. O Cabral você conhece, o governador do Rio, ele vai ter que receber agora, é só o Cabral mandar dinheiro para o banco do Vaticano. Esse Papa é

safado, sem vergonha, outro dia ele estava recebendo os ditadores todos da África, e aí porque tem dinheiro no banco do Vaticano, bilhões, aí ele tem que receber. Ele é empregado da instituição financeira, esse não é santo não, ele recebeu o Lula, sabendo quem é Lula ele é. Igualzinho ao Lula esse papa. Não tem conversa, diga com quem andas, que eu direi quem tu és, não é assim? Então, vamos para frente.

**PESQUISADORAS:** (risos)

**AZEVEDO:** Eu sou intransigente com minhas coisas, eu não tenho rabo preso, nunca pedi um emprego para mim, nunca pedi um emprego para filho meu, nunca pedi emprego para um parente meu. No serviço público, podia ter pedido todos, podia estar todo mundo empregado aí. Minha filha mexe com loja de roupas, você pode entrar no coisa dela, Inês Naves, só roupa fina, cada um tem sua atividade. Meu filho é economista no Rio, não São Paulo, mais velho; o mais novo é cardiologista em Campinas. Não tenho o menor vínculo no serviço público com nada.

**PESQUISADORAS:** Depois, quero conversar isso com você, porque hoje eu conversei com meu irmão, meus irmãos têm a mesma opinião sua. Eu, por ser estudiosa, sempre vejo todos os lados, não é? E não sou dona de coisas. Pode ligar o ar condicionado.

**AZEVEDO:** Não precisa, não. Vou abrir a porta só para correr uma arzinho aqui.

**PESQUISADORAS:** Você aceita uma água?

**PESQUISADORAS:** Eu tenho neutralidade, as pessoas precisam tomar posições, e aí as pessoas, tanto de direita quanto de esquerda, elas são muito radicais. E a gente, não sei se você vai concordar comigo, você pode ser exceção, como o Adriano Zago, que não foi preso agora com os vereadores, porque a escola política que a gente tem no Brasil, ela é a pior que existe em termos de modelo... todos.

**AZEVEDO:** Primeiro que não tem escola.

**PESQUISADORAS:** A escola que eu falo é, você foi deputado e aprendeu lá, o vereador aprende no exercício. Muitas vezes, o prefeito aprende no exercício, a escola que a gente fala é essa escola política que, às vezes, você tem. E aí o que a gente vê é uma escola brasileira extremamente deteriorada, porque a história, ah! O Maluf rouba, mas faz. Isso foi desde o nosso primeiro presidente, desde que o Brasil foi descoberto a gente tem né, e aí nós precisamos ter políticos mais honestos, que esta história que você esta falando sobre a sua família, de não apossar do dinheiro dos outros. Nós precisamos ter orgulho, né?! Por exemplo, minha dentista aqui, a Dr<sup>a</sup> Flávia, nós falamos para ela: “você não precisa disto pede para sair”.

Tem uma coisa que nos interessa muito, eu conversava muito isso com Afranio. De 1966 a 1979, ele foi professor da escola de Medicina.

**AZEVEDO:** Ele não lecionou aqui, ele lecionou lá.

**PESQUISADORA:** E ele contava isso com muito orgulho. Inclusive, ele contava para nós que ele foi muito amigo do filho do Anísio Teixeira.

**AZEVEDO:** Esse período eu não. Não.

**PESQUISADORAS:** Porque Anísio Teixeira foi um educador muito importante, que influenciou muito a educação.

**AZEVEDO:** Mas esse, eu não posso te falar nada desse período, porque é o período que eu estava aqui. Entendeu?! Uma coisa que causou o distanciamento dele e eu foi quando ele se separa da Izabel eu fui inventariante do meu pai quando ele faleceu, resolveu o problema o Dr. Osvaldo de Freitas, que era uma pessoa brilhante. Fez o acordo em sessenta dias e a Izabel, não sei por que cargas d’água, forçou a barra em

cima de mim, porque ela queria saber o quanto o Afranio tinha recebido de herança. Eu falei: sinto muito, minha filha, você vem cá nos cartórios procurar. Ela falou “não”. Primeiro que você foi minha cunhada e hoje você não é mais nada minha. Você é mãe de duas sobrinhas e eu sinto muito, e eu vou ficar do lado do meu irmão, tudo que você quiser saber dele, você vem aqui saber dele e não sou eu quem vai te informar e ponto final. Nunca mais ela me ligou. Assim também a Luiza, mulher do Mário Augusto. Quando ele morreu, ele não tinha separado dela e já tinha uma segunda, uma terceira, e filho com a outra, mas está bom.

**PESQUISADORAS:** E você, como caçula, perdeu as viagens, mas teve que ajudar. (risos)

**AZEVEDO:** Eu fiquei com meu pai, minha mãe, mas foi bom. Eu fui o último a sair de casa, eu fui confidente do meu pai. Meu pai me contava tudo, até as palhaçadas dele com a mulherada, ele contava.

**PESQUISADORAS:** A sua família é uma família que tem uma liderança nata e você pelos documentos que nós temos. O Mário Augusto foi presidente da UME e você vice dele, na década de sessenta, e depois ele filia ao PDT e vocês também? Martha cria o PDT?

**AZEVEDO:** A verdade foi o seguinte: Martha se candidata a vereadora junto com o Renato e não consegue se eleger, mas a gente já esperava. Por ser professora o trabalho dela e tal, ninguém ligou para coisa, e aí fizemos uma reunião da família lá na fazenda dela, na fazenda do Afranio, por sinal, e todo mundo estava machucado naquele momento e tal, como é que fazer, quais foram os erros e tal, uma reunião só dos irmãos, e lá ficou acertado que o Afranio seria, entraria na política e seria candidato a deputado federal. Mário Augusto não seria nada, porque não queria, e a Martha continuaria lutando pela posse, porque era suplente, pelas próximas eleições. E eu fiquei encarregado de formar um partido para isso, porque os partidos aqui já estavam ocupados. Naquele tempo, tinha o MDB na mão do Ronam Tito e do grupo do Zaire; tinha a ARENA1, que estava na mão do VirgílioGalassi; ARENA 2, na mão do Homero SANTOS:, que depois virou PFL. O PT estava na mão dos que estão aí até hoje. Não tinha espaço, sobrava um partido que chamava PDT, que o Brizola estava abrindo. Então, eu fui buscar essa legenda, fui encontrar com o Zé Maria em Belo Horizonte e trouxe, e montei aqui 53 diretórios na região, e a Martha me ajudou muito. E a história é: quando eu chegava, nós tínhamos candidato a deputado federal e, dois anos depois, cadê o candidato a deputado federal? Chamei a reunião da família de novo: mandou fazer, eu faço. Cinquenta e três diretórios e você não aparece? Ele estava recém-casado com a Testa. Lembra? O casamento que ele teve, eu não me lembro o nome dela.

**PESQUISADORAS:** Eu lembro, mas deixa quieta a menina.

**AZEVEDO:** Você lembra a Testa? A mais novinha delas foi casada com o... como chama o primeiro marido dela? O Della Penna. Ele falou: “estou recém-casado, não quero saber de política, vou mexer com isso não.” Aí eu fiquei meio sem graça com os diretórios que eu tinha montado, eu falei que tinha candidato, que nós tínhamos um candidato. Você se lembra do Augustinho? O Augustinho lutador de judô. Era casado com uma prima sua, por sinal, Tannus.

**PESQUISADORAS:** Sim. Beatriz Morum.

**AZEVEDO:** Vizinho do seu Cícero. Eu estou na porta ali, vizinho do seu Cícero e o Augustinho chegaram, eu lutava judô com ele e nós ficamos ali fora conversando. Falei para o Augustinho que eu estava em uma sinuca de bico: eu preciso arrumar um candidato para deputado federal, porque eu prometi para o meu partido que tinha e não

tenho. O Augustinho amarelou, ajeitou a roupa dele, ele era muito jeitoso, e falou: “Eu tenho um”. Que legal! Quem é?. “Você”. Você pirou da cabeça, cara? Tem um negócio chamado constituinte, você vai ser isto. Meu pai tinha sido constituinte, meu pai foi que nem você. Começamos a campanha ali, Augustinho me ajudou demais. Comecei a correr os diretórios todos e não deu outra: fizemos uma eleição bonita, levantamos o trenzinho do Chico Humberto, explodiu, ganhamos a eleição.

**AZEVEDO:** Aí nós ficamos de fora, conversando, e eu conto pro Augustinho... que eu lutava judô com ele e tal, falei assim: tô numa sinuca de bico, eu preciso arranjar um candidato a deputado federal! Ele falou: “eu tenho o homem certo”. Falei “que legal! Quem que é?”, falou “você!”. Eu falei “você pirou da cabeça!”. Ele falou “não rapaz, tem um negócio chamado constituinte, você vai ser isso!”. Meu pai tinha sido constituinte! Então, eu também vou ser! Meu pai foi, eu também vou ser! E começamos a campanha ali, comecei a correr os diretórios todos: “sou eu o candidato!”. E não deu outra! Começou bonita a campanha, levamos o trenzinho do Chico Humberto, explodiu, ganhamos a eleição por causa da organização que fizemos! E eu tô aqui agora é pra isso, é pra montar minhas coisas todas nos bairros... não tem diretório mais, eu vou pelo PTB, do Roberto Jefferson, que aqui é o Felipe Attiê. Felipe Attiê que me entregou a legenda, ele você conhece, né?

**PESQUISADORA Cristina-** Deixa-me tirar uma dúvida aqui: Sônia, nessa matéria da Manchete, o Chico, que a Martha odeia essa matéria, né, vai começar com um parágrafo maior pra você compreender o que era: “Na Universidade, imprimia um jornal e era representante de turma. Entre os 164 alunos, integrava um grupo de seis, conhecidos como Vermelhos. Morava, na época, com o irmão mais velho, Mário Augusto, vice-presidente da UNE...”.

**AZEVEDO:** Isso sim. Mário Augusto era muito mais participante da vida estudantil do que ele.

**PESQUISADORAS:** “Terminada a Universidade, havia computado três prisões, uma em defesa de Cuba, quando houve a invasão de Guantanamo, ‘coisa sem consequência’”, ele diz né, o Afrânio.

**AZEVEDO:** Olha, eu não estava nesse período no Rio, mas em 59 eu estava. Não me lembro dele ter sido preso, não teve essa prisão de Cuba. Não teve isso. Ele foi preso por conta da cirurgia do Carlos Lamarca, ficou 53 dias na solitária, inclusive. Fora dele, acho que isso é fantasia do articulista, pra poder dar valor né, “olha o militante!”, nada disso!

**PESQUISADORA Sônia:** Aí ele comenta que o jornal é extremamente sensacionalista né...

**PESQUISADORAS:** Aí aqui, só pra gente chegar aqui nos 50 diretórios, aí eles vêm dizendo assim: “o Afrânio se casou em 64, foi morar no apartamento do sogro, trabalhou com o Ivo Pitanguy, foi professor da Escola de Medicina e Cirurgia”.

**PESQUISADORAS:** Aí tem um fato aqui que nós não localizamos. Ele fala que o Afranio tinha trabalhos publicados na área de Cirurgia Plástica, mas nós não conseguimos localizar.

**AZEVEDO:** Ah, teve muito. Procura na Revista Científica que você vai achar, mas vai ser difícil demais, você vai ter que entrar no index médicos pra achar aquela data, ih, é complicado! Isso aí é coisa médica... você vai achar só que é complicado. PubMed, aí você vai e... eu se fosse você, não ia atrás não, porque isso aí não soma nada à história do...

**PESQUISADORAS:** Sim, sim. Aí aqui oh “há três anos, filiou-se ao PDT e tornou-se o principal estrategista da campanha” da sua né...

**AZEVEDO:** Perfeito, aí tá tudo certo.

**PESQUISADORAS:** “O irmão deputado que notabilizou-se na Assembleia Constituinte pela tentativa frustrada de separar o Triângulo Mineiro do restante das Gerais. Afrânio orgulha-se por ser considerado o richelieu do partido na cidade”. Isso é fato né? Frequentador de leilões e tal... Aí aqui vem... “ele fundou com os irmãos”, que são você e a Martha, “mais de 50 diretórios do PDT, em 1985”, que é o que você estava contando pra nós, então é isso, pra você ver o que o jornal trouxe pra gente...

**AZEVEDO:** Quem que assina isso, o Azambuja?

**PESQUISADORAS:** Não, esse jornal, essa matéria aqui ela é do Jornal do Rio né...

**AZEVEDO:** Então tá... Lá eu não sei quem é então bola pra frente...

**PESQUISADORA Sônia-** Uma coisa que interessa pra nós, que a gente começou a entrar já na vida adulta do Afrânio, de vocês, na campanha do Ferolla ele é considerado um articulador político, é ele ou foi você, da campanha do Ferolla para prefeito?

**AZEVEDO:** Para prefeito, é. Ele fez a campanha do Ferolla. Ele fez a eleição, aí eu perdi para o Ferolla.

**PESQUISADORA Sônia:** Pois é, mas aí o Afrânio fez campanha pro Ferolla e não fez pra você? Nós queremos entender isso.

**AZEVEDO:** Nós tivemos uma distensão, foi o único tempo que nós tivemos afastados um do outro por problemas pessoais, e aí ele fez a campanha do Ferolla, ele estava na secretaria na época. Ele foi o mentor de tudo da vitória do Ferolla, inclusive. E aí ele paga o preço depois. Eu avisei. Ferolla tira todo o dinheiro da cultura e passa para a educação, e aí foi o primeiro embate com o Ferolla, ele foi obrigado a ceder porque “eu vou embora”. O Ferolla foi obrigado a ceder. Ele acabou com os festivais de dança da cidade, era muito mais importante que os festivais de Santa Catarina! Eu vou voltar com isso, eu vou botar pra quebrar na cultura, é o turismo que nós temos!

**PESQUISADORA Sônia:** Sim, é igual a história da gastronomia, que a minha filha faz, né? Uberlândia não tem cachoeira, não tem... mas tem a nossa feira gastronômica com comidas mineiras, com comidas do Brasil.

**AZEVEDO:** Você imagina o seguinte: a gente promover, o Brasil não tem isso, um mês de gastronomia pro cidadão, todo mundo come um prato, estipula-se um preço médio, vamos supor, dá pra fazer um prato por 35 reais, dá, que ele escolhe o prato, e a gente vai fazer tipo um concurso, o cidadão que vai comer vai dar nota e vai botar no próprio restaurante.

**PESQUISADORA Sônia:** igual o Comida de Buteco

**AZEVEDO:** Exatamente, fazendo duas vezes por ano, incentivando o gasto com... fazer a corrida com os garçons, é a coisa mais gozada do mundo! Só pra garçom! A inscrição é gratuita, se inscreve quem quiser, e tem um prêmio em dinheiro, um prêmio bom pro garçom, e ele tem que correr com a bandeja cheia de copo com bebida! Então, faz essa maratona, a corrida é uma maratona, começa na Sérgio Pacheco, ou aqui na Tropeiro... primeira parada, Barolo, ele tem que sair correndo da Tropeiro e chegar na Barolo, e aí tem a comissão lá julgando quanto que ele derramou, e lá ele tem que tomar um gole, se é chopp ou se é cachaça, não interessa! Aqui, ele pega outra bandeja e vai, digamos, pro Mel, lá na João Naves, é outra parada, lá tem o julgamento, e ele vai embora! Mas você morre de rir! Os garçons chegam trolados, bêbados de tudo (risos). É

muito bom, você movimenta a cidade! Você trazer o cidadão nas coisas do esporte, que não tem em Uberlândia, trazer campeonato, pode chamar campeonato regional, campeonato estadual, não interessa... nem interclasse tem mais aqui! E você faz, e nós temos hotel pra acomodar esse pessoal todo.

**PESQUISADORA Sônia:** Nós temos uma escola de gastronomia só em Uberlândia que é o IGA, que é uma franquía, é uma área que tá crescendo muito e não tem em nenhuma universidade.

**AZEVEDO:** Brasília tem quatro...

**PESQUISADORA Sônia:** Brasil tem muitas, mas a maioria...

**AZEVEDO:** O IESB tem, o iceube tem...

**PESQUISADORA Sônia:** O Afrânio fez campanha só pro Ferolla, ou na anterior ele fez campanha pro Virgílio?

**AZEVEDO:** Não, ele era um *homuspoliticus*. Ele participava de todas que era chamado, todas, ele nunca rejeitou fazer, ele nunca se negou a participar, sem cobrar nada, ele gostava, ele era...

**PESQUISADORA Sônia:** E ele escrevia muito bem, né? Nos textos que a gente lê, parece que é a cara do Afrânio, não é do prefeito, porque quando o prefeito abria a boca, a gente falava: não, não é isso que tá escrito aqui!

**AZEVEDO:** Não, ele escrevia as coisas do Virgílio, ele que escrevia! O Virgílio não sabia falar! Sempre escreveu. Ele era um estrategista, sim. E ele participava de todas as campanhas, todas! Era só chamar, fazia tudo! Gostava!

**PESQUISADORA Sônia:** Na sua opinião, o que instigou o Afrânio, médico, cirurgião renomado, respeitado, a se interessar pela política primeiro e chegar na educação?

**AZEVEDO:** Pela política, a criação que ele teve dentro de casa, todos nós fomos direcionados a vida inteira, meu pai sempre discutia política, fazia política, meu pai foi deputado federal constituinte pelo Goiás e a gente vivia a política no sangue 24 horas. A família toda é de política, os Freitas todos de política, donos do Coió e do Cocão, tinha um tio meu que era chefe do Coió e chefe do Cocão, daí o Aristides de Freitas foram pro PSB, com Toninho Resende, JK etc, e fica a UDL na mão do Tião, que faleceu marido da Imaculada, e o ramo dos Freitas, que fica aqui acompanhando o Tião. O Tião era o mais bonito da família. Tião tem um quadro dele bem lindo, pensa num artista bonito que você conhece (risos), quem você conheceu antigo bonito? Nariz afinado, aquele cabelo lisinho... Você conheceu um artista chamado Tom Bix? Alan Led? Que eram artistas de cowboy do tempo antigo.

**PESQUISADORAS:** Ah, eu não sei nome, eu assistia filme de cowboy com a minha mãe, mas eu não lembro os nomes...

**AZEVEDO:** tinha uma foto dele de perfil mais um santo Antônio, até eu que sou homem (risos) nossa senhora, vai ser bonito! Por conta disso a família toda, você vê que tem Renato de Freitas, Rondon Pacheco casado com a prima Marina...

**PESQUISADORA Sônia:** Então, a política...

**AZEVEDO:** tá no sangue da família! Ele não aprendeu isso depois não, foi dentro de casa, desde que nasceu!

**PESQUISADORA Sônia:** mas você contou que chegar à educação foi uma exigência sua... que daí não foi pelo Virgílio nem...

**AZEVEDO:** Quando nós fizemos o acordo lá em Brasília, Homero SANTOS:, Virgílio e eu, eu falei tá bom, mas eu quero 3 secretarias, eram 9 naquele tempo, o Homero indicou 3 e o Virgílio ficou com 3, tá? O Homero indicou o menino da saúde

que foi embora, não tá mais em Uberlândia, como é que era o nome? Bonzinho, educadinho, esqueci o nome... parece que obras, e eu não sei a outra secretaria. Eu fiquei com a educação, com ação social, e a FERUB então eu trabalho com os meus, não quero nem saber... porque as vezes é o seguinte, é honesto, é de bem, tem ficha limpa? Acabou, vai! Então se eu ganhar, a primeira indicação minha, ela não vai topar, que ela já falou, já brigou comigo, chama-se Martha Pannunzio, você conhece alguém mais gabaritada pra ser secretaria de cultura do que a Martha? Professora na cidade por mais de 40 anos, não, não quero, já brigou comigo, “eu não vou ser secretária de cultura, que eu já to com 80 e tantos anos”, tá bom Martha, então você me indica alguém que seja competente igual a você. Pronto, e eu acho difícil achar alguém com o gabarito dela, escritora laureada, premiada... tem um livro dela chamado “o Veludinho”, você conhece? Você sabe quantos mil? Não... ela já tá na centésima nonagésima edição! 190 edições! Para com isso! Ela foi à única pessoa que conseguiu botar uma peça teatral que teve parece que 70 mil expectadores de escola municipal. Isso não existe no mundo! Tem alguém com gabarito que uma mulher dessas pra ser secretaria de cultura? Você já pensou em fazer um festival de teatro aqui? Um mês ou dois com o pau quebrando, as praças tudo ocupadas, com palco, com tudo de graça, a prefeitura vai bancar isso! É lógico com as premiações de melhor peça, essa coisa que tem pra tudo quanto é lado. Vem gente do mundo inteiro pra apresentar em Uberlândia!

**PESQUISADORA Sônia:** Sabe uma coisa que intriga muito pra nós estudiosos? Por exemplo, a formação de vocês política e a do Afranio pelo o que você conta, tem uma história que pra nós na academia é muito interessante de entender e discutir é que vocês tiveram uma formação numa escola familiar de princípio, e aí vocês herdaram isso como princípio básico como dignidade, honestidade. A outra coisa, vocês têm uma escola política de escolha de partido, vocês escolheram um lado, que a gente chama isso na academia né, vocês escolhem um lado, uma posição. Mas o discurso de vocês, pensando na história do Afranio, é um discurso extremamente de esquerda, vocês pensam no povo, vocês pensam... e isso fica confuso pra nós da academia entender, porque assim “Afranio, como é que uma pessoa com princípio igual você tem trabalha pra direita?”. Nós estamos interessadas nisso, porque isso é história, entendeu?

**AZEVEDO:** Vou te contar a história então. Apesar do meu pai ser uma pessoa brilhante, dinâmico, inteligente, com mais energia que nós todos somados e multiplicados por 10. Papai tinha um raciocínio violentíssimo, tá? E o papai acreditava muito nas pessoas, ele achava que a coisa mais bonita do mundo... papai era cristão, espírita, papai não era materialista não, a Martha é, o Mário Augusto que morreu era. Eu sou, creio na criação, eu sou católico apostólico romano, devoto de santa Terezinha e ativo. Papai era maçom. Pra ser maçom tinha que acreditar em alguma coisa, tem que acreditar em alguma coisa, você não pode ser materialista, muito bem. Papai me deu liberdade de escolha, o Zé Olympio é espírita, casado com a Aline que você conhece, a Aline é espírita, levou o Zé Olympio para espiritismo ele rezava todo dia com a gente. Os três do meio ficaram meio que agnósticos, meio que... como a Martha que se diz né. O Mário Augusto falava que era ateu, na hora de ele morrer estourado com aneurisma, dor pavorosa, perguntou: e aí, meu irmão, como é que cê fica? Ele continuou ateu até o último minuto, e eu falei eu vou rezar por você. (se emociona). O grande problema é o seguinte, não tinha outro partido, nós não tivemos opção. Porque os que estavam em Uberlândia já estavam ocupados, o Virgílio não ia abrir espaço pra gente na UDN, que virou Arena, e que virou depois PSD, não é? PSD não, virou PDS não é? O não é isso? não ia abrir no PMDB, o Homero não ia abrir no PFL, o PT já estava ocupado e

não admitia nem Martha nem ninguém, o PT era radical, não queria a gente no meio deles, sempre nos excluiu.

**PESQUISADORA Sônia:** Por que eles tinham medo de vocês?

**AZEVEDO:** Não sei, sei lá...

**PESQUISADORA Sônia:** Porque você cresceu assustadoramente no PDT.

**AZEVEDO:** Não, eu fiz o PDT, é diferente. Tanto é que depois que eu sai o PDT acabou, o que é o PDT hoje em Minas Gerais? Nada! Eu comandava o diretório, as assembleia, fazia tudo!

**PESQUISADORA Sônia:** E depois que a irmã dele morreu, a irmã Odécia, isso piorou porque ela brigava muito, ela segurava. Eu trabalhei muitos anos na prefeitura, eu sei bem como que é.

**AZEVEDO:** Exatamente! Então, o meu resgaste, eu não tenho filiação partidária, não tenho nada. E era o que sobrou do PDT, não tem nenhum amor pelo Brizola, PDT não tem teoria, não tem filosofia, não tem nada! Agora, existe um princípio que meu pai sempre pregou que é o cristão, ame ao próximo como a ti mesmo, isso eu aprendi dentro de casa.

**PESQUISADORA Sônia:** Seu pai era considerado um comunista, ele dava fazenda, dava comida né...

**AZEVEDO:** Ele foi deputado em Goiás pelo Partido Comunista e presidente da Assembleia Legislativa! Se elegeu com o maior número de votos! Ele era compadre do Prestes, o Prestes é padrinho da Martha de casamento! Ele se vangloriava disso. Na pureza dele ele achava o Prestes brilhante. Uma vez nós hospedamos o Prestes em São Paulo, eu era garoto, a Martha estudava, nós mudamos pra São Paulo e quem se hospedava lá? Carlos Marighella! Famoso Marighella! Um belo dia no café da manhã o Marighella dizendo que ia fazer revolução, que bababá, que ia recrutar todos os jovens, não sei o que, que todos iam pra guerra pegar em fuzil! (risos) Minha mãe saiu da cozinha, mesa posta, uma maravilha, que você sabe como que é a família de Freitas, e disse ‘como que é essa história doutor Carlos?’, ele era chamado de doutor Carlos, que ele era engenheiro, ele hospedado lá em casa, tinha uma meia dúzia de puxa saco lá desse povo, ‘como que é essa história, o senhor vai recrutar a juventude?’, ‘é, tem que fazer a inscrição agora!’, ele falou ‘mas eu tenho 3 filhos que fazem medicina no Rio de Janeiro se preparando pra ser profissionais amanhã, pra poder...’, ‘esse negócio de estudar é uma bobagem, tem que pegar em armas pra derrubar a ditadura!’, minha mãe passou a mão na toalha e fez assim TCHÁ! ‘Fora da minha casa vagabundo! Você vai desviar filho dos outros, eu não pus filho no mundo pra...’, pergunta, a Martha te conta isso! A Martha, nós moramos em São Paulo, essa história... enfiaram o rabo entre as pernas e vazaram de casa, tava Carlos Marighella, Zé... como que chamava o outro gente? E o Prestes... Botou pra fora de casa! Então assim, meu pai na pureza dele, eu não sei se ele não sabia ou se ele não acreditava que tivesse convivendo aquele tempo com aquele tipo de gente. Meu pai foi do Partido Comunista de Goiânia, papai foi constituinte goiano e foi presidente da Assembleia Legislativa goiana, recebeu homenagem do Costa Júnior, linda homenagem, ele fez pra todos os presidentes da Assembleia, foi uma festa bonita lá, nós fomos, mamãe ficou toda emocionada, toda chorosa, como toda viúva né, mamãe nunca quis ninguém mais que meu pai, então ficou assim cativa, devota

**PESQUISADORA Sônia:** Então, vocês pra nós, quando a gente olha o Chico Humberto, o Afrânio, em termos de história do que vocês construíram, vocês têm muito mais princípios que nós estudamos na academia como princípios de esquerda, princípios

que, por exemplo, é uma coisa que é inaceitável pra nós, pra quem... eu não sou petista, mas pros petistas, filiado, Lula não podia ter roubado, era o único partido que não podia ter roubado era o PT. Ninguém pode roubar, mas o PT era o único que... como princípio, e aí a gente enxerga esses princípios em vocês. Afrânio ficou 16 anos na Educação...

**AZEVEDO:** Aposentou com 1800 reais! (risos)

**PESQUISADORA Sônia:** Foi o Secretário que não formou na área da Educação e que ficou mais tempo na Secretaria de Educação. E ele pega Uberlândia pequenininho e entrega Uberlândia imenso né! Com escolas físicas construídas, ele pega Uberlândia com casas alugadas, com casas onde as crianças estudavam. Então assim, as pessoas que olham pra prática do Afrânio, pra prática do Chico Humberto, de toda a família, da história do seu pai, enxergam vocês com princípios de partidos de esquerda...

**AZEVEDO:** Então vamos lá. Primeiro que falar isso do PT é falácia, não existe, nunca existiu, eles nunca tiveram como princípio respeitar o próximo, é eles pra eles e por eles. Segundo eu acho que dessa parte que você diz aí dessa política, é a questão de berço que eu te falei. Eu costumo dizer ‘quem teve pai e mãe dentro de casa não se prostitui’. E nós não nos prostituímos em política, em política você tem que aprender entre transgredir e transigir, nós transigimos e jamais transgredimos. A família inteira. Porque nós fizemos do nosso trabalho, é do princípio, eu ensinei meu filho foi a cultivar, a plantar. Você vai colher ou não dependendo do que você plantar. A petralhada não, eles querem seu voto, tá pronto, sem produzir merda nenhuma, eles vendem uma imagem e a prática é outra, tá? Nós não precisamos vender imagem nenhuma, eu não tenho que provar nada pra ninguém, eu sou honesto e ponto, não acha nada na minha vida, eu volto pra Uberlândia e me chama de caduco, de chulezento, não interessa, mas ninguém fala que eu sou bandido ou que eu sou desonesto. Não tem um negócio, não tem uma pessoa que pode dizer que já fez um negócio comigo que diz ‘olha, ele deu mal, ele estava com outras intenções’, você escuta isso ‘oh fulano é...’, comigo nunca teve esse pedaço, nunca teve. Eu não preciso disso menina! Eu sou feliz do jeito que eu sou, minha família é feliz do jeito que é, então não tem por que, ou faz ou desocupa, porque não tem sentido você ocupar um cargo como esse e ficar lá posando de bacana quando não é nada ou quando é ladrão e aí tá lá por outros interesses. Essa que é a verdade, nós não temos outros interesses escusos que o pessoal acha que viver da política, primeiro é a viúva, é o dinheiro da viúva, eu vou aproveitar...

**PESQUISADORA Sônia:** eu não sei se o Afrânio comenta com você, porque você falou que ele é extremamente discreto nos assuntos pessoais dele, ele faz uma campanha belíssima pro Virgílio de 97 a 2000, no terceiro mandato, Virgílio é reeleito e não convida o Afrânio pra ser secretário. O que acontece nesse período?

**AZEVEDO:** Teve isso? Não. Quem que foi o secretário do Virgílio?

**PESQUISADORAS:** Foi a Irmã Ilar e a Sebastiana, a que morreu, a que caiu lá, teve um dos períodos que...

**AZEVEDO:** Não, nesse período eu estava fora, eu fui pra minha profissão.

**PESQUISADORAS:** O Afrânio foi Secretário 8 anos, 4anos, depois 4anos com Ferolla, Virgílio volta, e quando o Virgílio volta quem era a secretária era a Irmã Ilar que era amiga da Irmã Odécia que é amiga pessoal e depois houve tantas críticas que ela sai e entra a Sebastiana que era uma professora antiga, e ela cai e morre lá na Secretaria, que é tudo de vidro a prefeitura né, ela escorrega de uma cadeira, aí no outro mandato o Afrânio volta...

**AZEVEDO:** Sinceramente, eu não... porque, veja bem, como eu fui me dedicar ao que eu faço hoje, eu sou um ponto fora da curva, as Universidades do Brasil não têm o que eu faço, a UFU não tem, sinto muito. Eu projetei o Brasil em 142 países com o que eu faço com a medicina alternativa, eu tenho trabalho em 140 países, quer dizer eu não sou... ninguém no Brasil, tá? Aqui pelo contrário, eles querem extraditar minha máquina! Lá fora eu sou chamado, sou convidado, fui pra Grécia esse ano com tudo pago, fui aplaudido de pé. Canadá, Estados Unidos, França, Japão, Alemanha, União Soviética, China... me aplaudindo de pé. E aqui não foi ninguém!

**PESQUISADORAS:** E você apresentou seus estudos no início deles, né, você veio e apresentou os resultados das suas pesquisas.

**AZEVEDO:** Sim... então, assim, me dediquei, sou referência internacional hoje no que eu faço, com toda humildade, eu não vendo isso, to falando disso aqui pra você agora porque você tocou nesse assunto, foi o tempo que eu fiquei fora total da política, me desfiliei, fui cuidar da vida, fui cuidar da ciência. Não tenho nada contra a UFU que me formou, agradeço demais a minha segunda casa né, que me preparou, o básico deles, tudo, vários professores passaram... limitadinho, sabe? Não tem coragem de dar um passo pra frente! Com medo de ser demitido ganhando salarinho

**PESQUISADORAS:** A expressão que nós usamos que a cidade cresceu, mas a mentalidade de Uberlândia ainda é provinciana. Ela precisa crescer!

**AZEVEDO:** É verdade! Vou te dar um dado. Quando eu perdi a eleição, que eu nunca aceitei dinheiro de ninguém, eu gastava do meu, muito bem. Eu quebrei e fui à lona, fui a zero nessa campanha que o Paulo Ferolla ganhou, eu enfrentei a tudo e a todos, eu quase que nunca chego no final da campanha, fiquei devendo e até pagar isso foi um custo, mas paguei.

**PESQUISADORAS:** Afranio falou em uma das entrevistas dele, não sei se você sabe, e a gente queria saber sua opinião sobre essa afirmação, porque ela pra nós ela pareceu certo exagero quando ele afirma “fiz uma plástica na educação de Uberlândia”. Pra você o que ele queria falar?

**AZEVEDO:** Ele mudou totalmente a educação de Uberlândia. Ele transformou isso aqui, gente!

**PESQUISADORAS:** Não tem nada a ver com estética?

**AZEVEDO:** Nada, muito pelo contrário, aquela história “por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, o que ele fez foi na raiz! E tá aí a obra dele maravilhosa né. Com isenção, com prazer de estar fazendo, com prazer de conviver com as merendeiras dele, babavam um ovo por conta dele! Onde passava... era um negócio assim espontâneo o jeito dele ‘oi broto!’, quantas vezes ele cumprimentava as mais jovens com essa expressão, ‘oi broto!’, que era o carinho que ele tinha por todas elas. Não conheci ninguém, nem quando ele vivo, nas escolas que a gente ia fazer campanha e tal... e na época me lembro que a gente ia em muitas escolas pra visitar porque as diretoras estavam do outro lado né, não me deixavam entrar, mas não tem importância não, eu entendia aquilo... não sei como que vai ser agora, porque eu vou procurar as escolas, as diretoras todas pra fazer campanha, e sei que vou ficar muito constrangido com essa história, mas paciência! Eu vou fazer meu papel, eu não tenho nada com a pressão que elas estão sentindo que vão tomar.

**PESQUISADORAS:** Se você olhar Uberlândia, ela teve uma estagnação, inclusive é uma das questões que a gente vai falar, depois do Afrânio, existe o antes de Afrânio e depois de Afrânio e aí houve um boom na educação municipal e na última administração...

**AZEVEDO:** Deixa eu te contar uma história, estou fazendo uma palestra no Encontro Maçônico em Brasília, e a maçonaria em Brasília é muito concorrida, é muito bem frequentada, e era um simpósio que tinha pra formação, a Maçonaria tem 3 etapas: você tem aprendiz, aí tem o eterno aprendiz, depois você é companheiro e depois você é mestre. Eu sou eterno aprendiz, apesar de já ter cumprido todas as etapas. To lá fazendo a palestra sobre alimentação, que eles incluem por conta de fazer parte, você não é nada se você não se alimentar, e tá no auditório um juiz e também maçom e que viu quando eu abri o slide na tela eu botei Francisco Humberto de Freitas Azevedo, ele viu o nome, abriu-se as perguntas ele se apresenta, diz quem é, dá o nome dele, o que ele faz na vida profana, o cargo dele na maçonaria e ele pergunta “eu conheci em Uberlândia um médico que foi secretário ou que é não sei e que fez um trabalhobrillantíssimo tô vendo sua palestra aqui e o senhor tem... já vi uma palestra com ele antiga e o senhor tem uma certa semelhança com ele, o senhor é parente dele?”, não tem nada a ver com a minha palestra, onde é que estava o assunto do trabalho dele feito aqui de Uberlândia? (risos). Lá, o pessoal lá de Planaltina e Formosa, quer dizer, a coisa repercutiu fora, o que ele fez aqui repercutiu fora! Entendeu? E para o bem, que é importante!

**PESQUISADORAS:** Sim, nós temos uma visão claríssima disso, ela foi professora naquele período, é professora até hoje e a gente consegue enxergar esse trabalho, porque quando o Afrânio entra como Secretário 99% da rede física era alugada e aí ele pega uma educação extremamente capenga e começa um projeto de reconstrução da educação municipal.

**AZEVEDO:** Você sabe quem foi Secretário antes dele né? Foi aquele Nelson Bonilha... o cara fez um estrago... mas deixa pra lá, que Deus o tenha. Tá vivo?

**PESQUISADORAS:** Tá morto, nós temos entrevista com ele também, porque como eu trabalho com história oral a gente tem muitas entrevistas, e eu trabalhei com ele na prefeitura e foi a época em que a educação cresce na época do Bonilha em termos de formação de professores. Os professores eram jogados antes do Bonilha, e aí como ele era professor ele investiu muito na formação profissional e não pensou no espaço físico pra receber criança. Quando o Afrânio entra ele faz uma leitura extremamente interessante, ele traz os assessores de fora, um monte, pra área técnica, mas ele deixou os assessores na área técnica, na área pedagógica ele faz uma reunião grande conosco, escuta e começa a escolher. Aí ele me mandou na época pro Afrânio, que era a única escola grande que a gente tinha física. Afrânio Rodrigues da Cunha, lá no Jardim Brasília, que era uma escola imensa. Depois ele me trouxe pro CEMEPE e eu criei o centro de estudos da Prefeitura e foi considerado a melhor administração do Afrânio, a primeira, porque ele teve uma sensibilidade de não trazer ninguém de fora como era historicamente. Ele trouxe os amigos pra área técnica, e o pedagógico, como ele não era da área, ele falou ‘vou deixar fazer quem sabe fazer’. E ele era extremamente rápido, se você fez mal, troca! O que um educador teria dificuldade de fazer. Então ele era humano, mas prático, não deu certo, troca por outro, entendeu? E aí a área pedagógica, que a gente chama de pedagógica, da educação ele deixou na mão de quem era formado em educação, não trouxe ninguém de fora! E nos jornais, nos relatos que a gente tem, na memória da educação municipal nesses 16 anos que ele foi secretário aparece Afrânio como um gráfico né, que fez a Secretaria ser reconhecida nacionalmente, com isso que você reporta, depois tem uma estagnação, que é quando não colocam ele como secretário, e aí no último mandato, claro, só de 4 anos, ele não consegue mais voltar o crescimento, e você conta que na entrevista dos embates políticos de tirar verba. Então a

secretaria deixa de crescer também, porque para as construções, porque não tem mais o seu apoio financeiro, não tem mais apoio do prefeito

**AZEVEDO:** E nem da representação política lá fora, que era o Odelmo o deputado lá fora! Ficou restrito, Uberlândia perdeu representatividade! Em 86 a 92 éramos eu, Homero SANTOS:, Luís Alberto e o Virgílio. O Virgílio sai pra ser prefeito, fica Roman Tito senador, Luís Alberto, eu e Homero. Eu não consegui reeleição, ficou Odelmo Homero. Luís Alberto não conseguiu também se reeleger, Uberlândia começa a perder daí. Odelmo agora faz a besteira de apoiar a mulher achando que ia fazer alguma coisa, arrebenta, não tem ninguém! Como que pode uma cidade do porte de Uberlândia não ter representação política lá fora?

**PESQUISADORAS:** A grande briga dele com o Attiêque nós conseguimos ler foi essa, porque o Attiê tinha a chance de ganhar, não ganhou porque...

**AZEVEDO:** O Afranio fez uma excelente gestão porque sabia que tinha lá o irmão pra mandar verba! Ele não passava falta! Ele falava ‘vou fazer o módulo de educação infantil’, ‘quanto você precisa?’, ‘eu preciso de 600 pau’, ‘tá bom!’.

**PESQUISADORAS:** Você sabe que isso não tem registro né? Por isso que a história oral...

**AZEVEDO:** Nenhum! Vou te contar porque não tem registro: ordens pessoais de Sérgio Ribeiro Cunha quando nós ganhamos a eleição. O nome de Chico Humberto não pode aparecer em nenhuma placa de Uberlândia junto com Virgílio Galassi. Morreu aqui. Morreu na eleição. Você não acha um local que conste da gestão. Meu nome, não tem! O próprio plano que o Lélío fez, foi publicado, nós fizemos um calhamaço de coisas e não foi publicado, foi impresso, foi pra Secretaria com meu nome! Prefeito de Uberlândia, vice-prefeito Chico Humberto... não tem! Você não acha meu nome em lugar nenhum! Foi orientado por quê? Se eu apareço minha filha, eu ia arrebentar a boca do balão! Quem é que ia tirar de mim? Porque eu fazia! Não fazia pra roubar. A Secretária tem 2 prédios de 4 andar na cidade dela, secretária de obras! Acorda! Tá na hora de mudar essa coisa!

**PESQUISADORAS:** E esses 25% pra educação vinha pra educação né!

**AZEVEDO:** Vinha pra educação, eu que tinha aporte! 25% era da cidade! Eu mandava de lá mais dinheiro! Pra fazer casa...

**PESQUISADORAS:** Por exemplo, onde precisava ser aplicado estava sendo aplicado, né!

**AZEVEDO:** Você viu a entrevista do senhor Ivanzinho Pereira esses dias? “eu construí 14 mil casas em Uberlândia!”, mas como? De onde que veio essa verba? Como é que você construiu? Rapaz, vamos botar nome aos bois! Fala que a verba que eu trouxe pra cá, pelo menos né, você fez as casas, veio carimbado fazer as casas, mas conta quem trouxe! Conta quem puxou de lá de cima, isso não veio de graça! Ou você acha que os belos olhos da cidade eles mandam 14 mil casas pra Uberlândia? Isso é o trabalho de um idiota lá, conta o nome do idiota! Falei não rapaz, tá errado! Se você for assim pra sua campanha — ele vai ser candidato a prefeito — se prepara porque eu vou te peitar! É o mínimo que você tem que fazer é reconhecer quem mandou a verba, porque não foi você que buscou! Ou foi? ‘não, não...’, e ele foi mandado embora pelo Virgílio por causa dessa ação de dinheiro né? Seu Ivan Pereira foi mandado embora da Secretaria pelo Virgílio, por causa de nota fria que ele tirou da secretaria das casas que ele construía, então ele desviou dinheiro! E aí o cara fica nesse... você tem que dar nome aos bois cara, você tem que dar a paternidade pra criança! Foi você que... você só executou! Ele ficou muito...

**PESQUISADORAS:** Além da construção das escolas, o que era projeto do Afranio, ele te pedia recursos pra outros projetos? Porque por exemplo quando eu coordenei o CEMEPE...

**AZEVEDO:** Não, não. Fanoca era autoritário o suficiente, ele fazia o projeto e dizia “oh, eu preciso disso aqui”, ele não consultava. Não, não...

**PESQUISADORAS:** Não consultava? Não perguntava ‘que que você acha’?

**AZEVEDO:** Não. Ele fazia o projeto e mandava pra mim. Eu nem questionava, vinha dele! Vamos buscar a verba!

**PESQUISADORAS:** porque nós conseguimos fazer enquanto o Afranio era secretário e eu coordenei o CEMEPE, o centro de estudos, um dos maiores congressos brasileiros aqui em Uberlândia, e gastou muito dinheiro... no Ferolla.

**AZEVEDO:** Aí eu já não estava mais. Porque quando entrou o Ferolla eu saí pra cuidar da minha vida, cuidar da minha profissão, eu já não estava mais.

**PESQUISADORAS:** Foi em 91 né? 90... o CEMEPE foi criado em 90...

**AZEVEDO:** 90 eu estava... De 89 a 92 eu estava. Na época do Ferolla que eu não estava.

**PESQUISADORAS:** Então foi. Porque em 90 a gente cria o CEMEPE, eu saí lá do Afranio do Jardim Brasília e venho pra José Carrijoali perto dele onde era a Secretaria...

**AZEVEDO:** Você sabe quem fez a Irmãos Freitas Azevedo? Eu na minha fazenda o prefeito era o Renato de Freitas. A escola nasceu na minha fazenda aqui na Agua Limpa! Depois que ele a traz e vira aquele colosso de coisa, até vou lá visitar!

**PESQUISADORAS:** É, imensa, tá grande até, eu fui lá. Então, provavelmente você participou de verba pra esse grande congresso, foi de 90 a 92. Porque em 93 você vai pra Brasília trabalhar e eu vou pra UFU...

**AZEVEDO:** Eu fiquei na verdade, na verdade eu fiquei aqui em Uberlândia. Eu fui pra Maringá fiquei cinco anos em Maringá e depois fui pra Brasília em definitivo. Quando eu separei em fui pra Maringá.

**PESQUISADORAS:** Então, nós saímos mais ou menos no mesmo período, porque eu passo no concurso da UFU em 93, aí o Afranio pede pra mim ficar até 94, eu fico até 94, aí a UFU falou ‘você tem que decidir, ou cá ou lá, os dois não dá’. Aí eu fiquei só na Universidade. Ele me manda uma carta linda, eu tinha essa carta até pouco tempo... então, o que que você tem pra falar pra nós que na história da educação municipal o Afranio foi o único que ficou 16 anos como secretário. Você tem noção do tempo, do trabalho e da importância do seu irmão?

**AZEVEDO:** Primeiro, o amor que ele tinha pelo o que ele fazia, sempre foi assim! Ele não fazia nada que não fosse para o deleite pessoal, ele fazia bem feito! Segundo pela competência dele! Não quero desprezar ninguém não, mas Uberlândia não tem nenhum secretário competente igual ele na educação. Eu acredito que antes com certeza, e depois eu não sei, porque eu não participei mais da vida daqui, mas eu acredito que não tenha tido nenhum. Não tenha existido não, sinceramente...

**PESQUISADORAS:** Você considera o Afranio um secretário arrojado?

**AZEVEDO:** Muito! Topetudo, arrojado, não respeitava... entendo que ele respeitava muito todos, mas quando ele queria uma coisa... sai debaixo! Ele tinha argumento pra tudo pra peitar qualquer um! Essa que era a vantagem dele. Ele se preparou profissionalmente e aquilo deu a ele bagagem suficiente e respaldo pra ele poder fazer o papel dele. Porque ele não tinha essa oportunidade, ele não teria essa oportunidade na profissão. A medicina não daria isso a ele. Ele não seria chamado

Secretário de Saúde por ser um médico meio que... a própria especialidade dele era elitista, né? Então não tem, não era uma coisa de povão. Não era como eu que fui plantonista de pronto socorro 11 anos, um embate com o sofrimento humano direto e reto. Recebia no pronto socorro quebrado, mutilado, arreventado, bagaçado, sem cabeça, aquela confusão... ele não, ele era excelente cirurgião plástico, excelente cirurgião geral mas excelente cirurgião plástico. E ele tinha domínio. Vou te contar uma passagem, tenho que te contar isso, não precisa constar isso não, mas pode constar se quiser. Minha sobrinha, minha afilhada, filha da Martha, a caçulinha, nasce com a fenda palatina aberta, hoje uma excelente atriz em São Paulo, maravilhosa, tá arreventando a boca do balão lá com umas peças, tem um monólogo que ela faz lá de uma hora, show de bola! Martha ficou muito doente, depois do parto da Lavinea ultimo filho parto complicado, dava aula no Museu, dava aula no Rene Gianetti, aula no Bueno Brandão, aquela coisa, era muito dinâmico... e a Martha cai de cama. Ela vira filha criada pela minha mãe, vai pra casa da minha mãe. Aí a aproximação com ela, eu tenho Lavínea como uma filha mais velha que eu não tive, mamãe foi quem criou a Lavínia, e aí vai se corrigir ou não vai se corrigir o palato? Tem duas escolas médicas, uma russa que defende a correção do palato até certa idade, e uma escola inglesa ou europeia ou americana que defende a correção depois dos 18 anos de idade. O Zé Olímpio era cirurgião plástico, meu irmão mais velho, com uma ascendência violenta em cima da família porque o primogênito naquele tempo era respeitado como um paizão (risos) advoga a escola de fazer a correção depois dos 18 anos e o Afrânio advoga e defende a escola de fazer na mais tenra idade. E o Fanoca veio pra operar a Lavínia do Rio de Janeiro, e o Zé Olímpio aqui em Uberlândia... e foi uma guerra de matar um dia inteiro, uma noite inteira por telefone, os dois discutindo técnicas cirúrgicas, discutindo a possibilidade da menina não ser salvada, de morrer uma guerra... e ele hospedado lá em casa, na mamãe, eu ainda era solteiro nessa época, assisti todo esse embate científico dos dois, até que ele disse pra ele são 4 horas da manhã: ‘eu preciso descansar! (chorando) eu vou operar minha sobrinha amanhã!’ Vá para porta do hospital amanhã. E hoje ela está aí, poderosa. Esse era o Afrânio que foi secretário de educação! Ele assumia o que falava porque era homem, ele não era dois, ele era um só! A mesma coisa que ele fazia em casa ele fazia na rua. Faz muita falta pra nós todos, com certeza! (pausa)

**PESQUISADORAS:** Acho que você termina o que a gente ia perguntar né, quem que foi Afrânio pra família Freitas. Porque pra educação municipal nós sabemos, mas quem que foi o Afrânio pra família Freitas a gente não conhecia tanto a intimidade...

**AZEVEDO:** Olha, pena que nós não podemos conviver e desfrutar mais tempo com ele (choro) porque... mas o tempo que nós tivemos oportunidade foi fantástico! Ele era brigão — brigão no bom sentido né, coisa de defender o que ele achava que era... carinhoso, paizão. Assumia todos e defendia todos, os que ele gostava, lógico (risos). Também tinha as opções dele, os problemas dele.

**PESQUISADORAS:** A gente brincava muito com ele que dia 13 de junho é dia de Santo Antônio né, que é o santo casamenteiro, e que por isso que ele casou tantas vezes! (risos)

**AZEVEDO:** Ele era casamenteiro, mas Mário Augusto também casou uma pancada! (risos)

**PESQUISADORAS:** A gente brincava muito com ele dessa história...

**AZEVEDO:** Eu já tô no meu quarto, então... (risos) O único foi o Zé Olympio, ficou com a Aline a vida inteira, não queria outra coisa não.

**PESQUISADORAS:** Então, Chico, a gente queria ver se você queria falar alguma coisa que a gente não pegou...

**AZEVEDO:** Não. Já falamos tudo, menina. Que isso, maravilhoso!

**PESQUISADORAS:** E aí depois que a Cristina transcrever ela te manda, e se você quiser cortar alguma coisa, ou se você lembrar alguma coisa, porque quando a gente tá lendo...

**AZEVEDO:** Não, mas olha, é coisa de tempo de caçada... não vai alterar. O garoto que gostava da espingarda pra caçar...

**PESQUISADORAS:** Sua contribuição vai ser muito grande, espero que a da Martha também seja, nós vamos lá... você revela coisas pra nós importantíssimas, como a história do livro que a gente não tinha conhecimento, não teve acesso ao livro físico ainda.

**AZEVEDO:** O livro é escrito por Zé Olympio, Martha, Mário Augusto e ele. Cada um faz...

**PESQUISADORAS:** A gente também não sabia que você tinha ficado de fora dessa expedição (risos), porque quando a gente lê sobre essa viagem ou alguém comenta a gente imagina a família toda né... porque lá fala assim 'os filhos foram pro exterior'...

**AZEVEDO:** Exato. Mas como eu sou temporão, 'os filhos'... tem uma foto maravilhosa: papai, mamãe e os 4! (risos) eu nasci quer dizer. É uma história meio complicada, mas...

**PESQUISADORAS:** Então, vamos te agradecer pela participação, como a Sônia disse eu vou transcrever, vou te enviar aí você faz a sua leitura, tá?

Sônia: e depois a defesa, vai passar por uma banca, vocês vão ser convidados, e depois pra transformar a tese em livro vai passar por outro limpo, tirar tudo que não pode publicar, porque interessa pra academia, pra Cristina ter o título de doutora, ela tá pesquisando a vida do intelectual Afranio, vida até a morte dele, por isso que a gente pergunta tanto da criação, dos irmãos, porque é importante entender quem foi Afranio, como pessoa, como profissional, como estudante... e aí a gente agradece muito mesmo.

**AZEVEDO:** A vida inteira ele só fez somar, eu nunca me lembro dele assim...

**PESQUISADORAS:** Quando ele estava muito angustiado, sabe o que que ele fazia? Ele me ligava! 'você pode vir aqui tomar um café comigo?', 'nossa, mas eu vou dar aula daqui 2 minutos!', 'não, mas seu café vai esfriar', aí eu saía da UFU, ia pra lá, aí ele chorava as mágoas, falava do que estava acontecendo com os assessores dele, e 'por que você não vem trabalhar comigo?', eu falava assim 'olha, é tão bom quando o senhor me chama pra tomar café, eu me sinto tão privilegiada! Porque a gente pode conversar sobre coisas erradas que as meninas fazem, que são minhas amigas, se eu vier pra cá eu não vou poder ajudar, porque aí eu estou com o olhar de fora, já trabalhei aqui muitos anos e agora eu sou uma pessoa de fora que vem tomar café com o senhor!', isso depois de 93...

**AZEVEDO:** Você quer ver uma coisa que você não acha na minha família? É um confidente dele. Nunca teve. Nem eu. Com a Martha também não tem... lá não se chora as mágoas, você tem que encarar! Do lado do meu pai e da minha mãe isso não existe!

**PESQUISADORAS:** Ele perguntava sobre legislação atual, se alguém fez alguma coisa errada, alguma coisa certa... mas foi um período muito bacana quando ele começou a me ligar, que eu saí em 93...

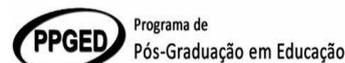
**AZEVEDO:** Vamos falar sobre o livro, me interessa muito. O que eu quero fazer pro meu irmão é apenas juntar a obra dele, documentar com foto, com data, tudo, não vou nem tocar em nada, só vou botar, e os depoimentos. Só depoimentos. Eu falei pro Paulinho — Galassi — ‘Paulinho, você escreve? Meia página, uma página, não quero mais que isso não’, porque eu quero juntar de todo mundo, inclusive de vocês, pra poder constar no livro, então vai ser, digamos assim, um ajuntamento de depoimentos.

**PESQUISADORAS:** Eu tô num grupo da Prefeitura antigo, com todos os trabalhadores, inclusive, a Célia que foi assessora dele na última gestão. Eu estou pedindo fotos, quem tem fotos com o Afranio, pra gente colocar...

**AZEVEDO:** Exatamente, e a gente colocar, por exemplo, esse evento que você falou que foi feito, uma foto desse evento pra gente colocar, entendeu? O congresso tal, a inauguração da escola tal e aí de preferência uma diretora daquela época ou uma merendeira daquela escola conta o que o coração pedir. A Joana vai falar, que a Joana que levava os papéis pra ele assinar, e ele muitas vezes não concordava com o que o Sérgio mandava, e aí ‘assinado sob protesto!’ (risos). Conta isso! Não precisa gastar meia página, uma página, não importa, conta isso! É só contar.

**PESQUISADORAS:** Lá no CEMEPE, tem isso aqui que você falou das plantas das escolas. Eu tirei só a primeira página, mas tem a planta inteirinha de várias escolas lá, que foram assinadas por ele. Agora, no CEMEPE tinha umas imagens lá...

**AZEVEDO:** E eu não tenho pressa...



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica— Bl. “G”. CEP 38400-902**

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina Santos de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria Santos. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

A pesquisa realizada com Oliveira aconteceu primeiramente na reitoria da Universidade Federal de Uberlândia, na sala em que Oliveira trabalha, fizemos duas reuniões, após a transcrição e leitura Oliveira não concordou com a mesma. Devido ao momento que estamos vivendo da COVID 19 eu e minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dra[ Sônia aceitamos a solicitação de Oliveira em redigir sua entrevista.

**NOME DO ENTREVISTADO:** Guilherme Saramago Oliveira

**PESQUISADORA:** Maria Cristina

**DATA:** 08/06/2021

**1- Fale um pouco de você, seu nome, sua formação,**

Sou o Prof. Guilherme, conhecido como Saramago, formado em Pedagogia Direito e Matemática, Especialista em Educação Infantil, Mestre em Ensino Superior e Mestre em Inovação e Sistemas Educativos, Doutor em Educação.

**2- Como foi seu ingresso no município, (concurso, cargo de confiança, contratado)**

Ingressei no município em 1985, para atuar como professor de Educação Infantil, selecionado por processo seletivo e contratado pelo Regime CLT. Em 1987, também por processo seletivo fui selecionado para atuar como Supervisor Escolar da Educação Infantil, contratado pelo Regime CLT. Em 1989 fui aprovado em Concurso Público para Supervisor Escolar do 1º grau, empossado em 1990.

**3- Como você chegou na 1ª equipe de Afrânio Azevedo? Quais funções você assumiu e quanto tempo ficou nas mesmas?**

Cheguei a 1ª equipe de Afrânio Azevedo por meio de convite do próprio secretário. Conheci o Afrânio da seguinte forma: Era início de 1989, estava ministrando um curso para Professor, na antiga Escola Criança Feliz. A janela da sala de aula dava para a rua. Ele chegou até a janela e ficou me olhando e ouvindo. Ficou assistindo a aula durante certo tempo. Eu nem sabia quem era ele. Pensei que era um cidadão que passou e achou curioso e ficou acompanhando. Eu continuei normalmente com a aula. Ele deu a volta e chegou na porta da sala e me falou: Bom dia rapaz! Você é um excelente professor! Respondi então: muito obrigado, mas quem é o senhor? Ele respondeu: Eu sou o Secretário de Educação (sorriu), muito prazer. Estava ele acompanhado do saudoso Professor Sanclair Neto. Ainda

em 1989 teve um concurso público e eu passei em primeiro lugar no concurso para Supervisor Escolar do 1º grau. Em determinado momento em meados de 1990, Afrânio entrou em contato comigo e me perguntou se eu não queria trabalhar com ele na secretaria, para contribuir na implantação de um Sistema Municipal de Ensino. Ele me disse que eu tinha bastante conhecimento da educação municipal, e muito conhecimento de educação demonstrado no concurso público, e ele precisaria do meu trabalho na secretaria de educação. Aceitei o convite. Inicialmente exerci a função de Assessor Pedagógico, depois devido à mudança de nomenclatura, de Assessor Técnico Pedagógico. Trabalhei na equipe de Afrânio Azevedo até 31 de dezembro de 1992. Saí a pedido, para poder exercer melhor a função de professor universitário. Foi um tempo de muito trabalho, muito aprendizado. Muitas realizações, várias escolas criadas e vários cargos criados, como por exemplo, Diretor de Escola, Inspetor e outros, políticas de formação implantadas, Plano de carreira instituído, e outras .

**4- Como foi gestada a educação municipal no primeiro mandato de Afrânio de Freitas a frente da SME. Quais as metas estabelecidas pela equipe. Quem compôs a equipe? Você lembra as funções de cada um? (Paulo Galassi, Jeová, Wladimir)**

Em relação as metas estabelecidas pela gestão, quando conversei, no início do meu trabalho na secretaria, com o Dr. Afrânio, ele me apresentou algumas diretrizes importantes. Baseado em informações a respeito das necessidades de escolarização da população da cidade, tipo índices de analfabetismo, crianças em faixa etária da pré-escola, alunos do ensino fundamental e outros, ele tinha a intenção de: melhorar as condições de oferta das escolas já existentes, principalmente rurais, construir escolas de educação infantil e ensino fundamental em locais estratégicos da cidade, desenvolver ações de formação dos profissionais de educação e valorizar a carreira de professores, realizar concursos públicos, dotar as escolas de corpo técnico pedagógico, desenvolver programas eficientes de alimentação, transporte e material pedagógico, dentre outros. Para isso, o Afrânio constituiu uma equipe bastante organizada e articulada. De maneira geral, tinha o responsável pela parte pedagógica, o responsável pelo Programa Municipal de Alimentação Escolar, o responsável pelo transporte escolar, o responsável pelo material didático, o responsável pelas construções e reformas.

Como era a Educação Municipal em 1989? (Educação Infantil, Zona Rural, 2 escolas na zona urbana)

Em 1989, a gestão da Educação Municipal realizada pela Secretaria de Educação era organizada em divisões; Divisão de Pré-escola, Divisão de Educação de Jovens e Adultos e Divisão de 1º grau. As escolas de Pré-escolar funcionavam, em maioria, em casas alugadas. O ensino de Educação de Jovens e Adultos eram predominantemente desenvolvidos por programas específicos. O Ensino do 1º grau era predominantemente na zona rural; e na zona urbana, se não me falha a memória existia apenas a escola Afrânio Rodrigues da Cunha, no Bairro Jardim Brasília.

**5- Como e quais foram as decisões do 1º concurso público da SME realizado em 1990?**

O primeiro concurso para profissionais de educação ocorreu em 1989. A posse dos aprovados se deu a partir de 1990. Esse concurso foi realizado para atender o disposto da Constituição de 1988. A Constituição estabeleceu que o ingresso no serviço público deve ser exclusivamente via concurso público. Praticamente todos os servidores da época eram contratados, regime CLT. O concurso visou regularizar a situação funcional dos servidores, buscando efetivá-los na carreira do magistério. O concurso foi destinado a todos os cargos, aqueles que existiam a época: Supervisor, Professor de Educação Infantil, Professor de 1ª à

4ª série, Professor de Educação de Jovens e Adultos. Para Inspetor e Orientador, por exemplo, foram concursos posteriores. Não havia na época esses cargos, eles foram criados posteriormente. Muitos dos profissionais que já atuavam como contratados foram aprovados e permaneceram no quadro, outros foram demitidos, porque não passaram no concurso público. A partir de 1990 vários outros concursos foram sendo realizados, com outra finalidade, ocupar vagas novas, oriundas das novas escolas construídas ou ampliadas. Para organização destes concursos o representantes de vários segmentos.

**6- Qual foi o papel e a função do recém-criado CEMEPE, para o 1º concurso? (cursos para o concurso, Gratificação para estudar)**

Dr. Afrânio instituiu uma equipe específica para tal, com

O 1º concurso ocorreu em 1989 e o CEMEPE surge em 1990, a partir da reestruturação da Secretaria Municipal de Educação. As divisões de Educação de Jovens e Adultos, de Ensino de 1º grau e da Pré-escola foram substituídas por Departamentos: Departamento de Ensino Urbano, Departamento de Ensino Rural, Departamento de Projetos Especiais e o Centro de Formação. O CEMEPE, com a função de desenvolver projetos de formação continuada e em serviço, realizou dezenas de cursos. Cursos que abordavam diferentes temáticas e muito bem avaliados pelos participantes. Inclusive cursos preparatórios para concursos destinados aqueles que desejavam realizar novos exames para mudança de cargo. O CEMEPE era um local de aprendizado, não só de conhecimentos teóricos e práticos, para o pleno exercício do magistério, mas um local de socialização. O CEMEPE desenvolveu excelentes ações formativas. Inclusive quem era cursista do CEMEPE recebia 1/22 (um / vinte e dois avos) do que recebia de salário no cargo que possuía. Então se um professor recebia de salário, por exemplo, R\$ 1.000,00, dividia-se esse valor por 22, e cada dia de estudo dele nas ações formativas desenvolvidas pelo CEMEPE, ele recebia a mais o dinheiro equivalente. Então, a pessoa recebia para estudar. Muitos professores tinham um cargo concursado e o outro cargo estável. Então recebiam um bom incentivo.

**7- Nas reuniões da equipe realizadas com Afrânio Azevedo, quais eram os objetivos e metas dele e do governo Virgílio Galassi (1989-1992) a educação de Uberlândia?**

Os objetivos e metas do governo municipal e da secretaria de educação eram devidamente articuladas. Havia clara intenção de expandir a oferta e atendimento da Educação Infantil e do Ensino fundamental. As prioridades eram atender as demandas educacionais crescentes no município. Procurou-se construir escolas de ensino fundamental e ao mesmo tempo escolas de educação infantil. Por exemplo, no bairro Planalto se construiu a escola de ensino fundamental e próximo se construiu a escola infantil que hoje chama Maria José Mamede Moreira. E isso foi o que aconteceu nos demais locais. Na medida em que as escolas iam sendo construídas eram realizados os concursos públicos e instituídos os programas. Participei de algumas reuniões onde os objetivos eram definidos e prioridades elencadas, a partir da participação de todos.

**8- O que muda na equipe de Afrânio Azevedo do Governo Virgílio Galassi (1989-1992) para o governo Paulo Ferolla (1993-1996)? Quem sai? Quem entra? Muda alguma meta?**

Não tenho dados que me permitam falar a respeito deste questionamento

**9- Depois de 8 anos na secretaria municipal, qual foi a avaliação da equipe gestora? Quais foram as metas atingidas no final de 8 anos?**

Não tenho como responder

**10- Você fez parte da equipe de Afrânio Azevedo no 3º período de gestão no Governo Odelmo Leão Carneiro (2005-2008)? Quais foram as marcas desse período para a Educação municipal? As metas para a educação municipal mudaram?**

Não fiz parte

**11- Você fez parte da equipe de Afrânio Azevedo no 4º período de gestão no Governo Odelmo Leão Carneiro (2009-2012)? Quais foram as marcas desse período para a Educação municipal? As metas para a educação municipal mudaram? A equipe mudou?**

Não fiz parte

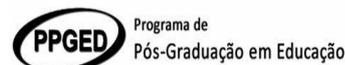
**12- Na história da educação municipal de Uberlândia Afrânio Azevedo foi o ÚNICO secretário a ocupar o cargo por 16 anos, para você houve nesses anos um período ascensão, estagnação e decadência da educação municipal?**

Para responder a esse questionamento é necessário considerar vários aspectos, dentre os quais as condições políticas, econômicas e sociais de cada momento histórico. Por exemplo, nos anos 80, a educação municipal era praticamente restrita ao ensino rural e a educação Pré-escolar; durante significativo espaço de tempo, o governo estadual fez poucos investimentos na educação no município; e Uberlândia se encontrava em crescimento populacional significativo. Logo, no 1º período de gestão de Afrânio Azevedo a frente da Secretaria Municipal de Educação no Governo de Virgílio Galassi (1989-1992), a situação exigia medidas específicas para o atendimento às demandas educacionais. Era necessário um planejamento eficaz para o atendimento educacional da população. Isso foi realizado, articulando as necessidades educativas com a eficiência de uma equipe capacitada. Nesse período a educação evoluiu em vários aspectos, qualitativos e quantitativos. Em outros períodos não tenho informações, dados, conhecimentos que me permitam fazer qualquer análise.

**13- Quem foi Afrânio Azevedo para a Educação Municipal?**

No período em que tive o privilégio de conviver com ele, constatei o compromisso e a responsabilidade com a gestão pública. Em vários momentos deixou claro o conhecimento e preocupações que tinha com as diferentes questões, das diferentes áreas, que permeavam a vida cotidiana da cidade. Mas em especial, sua paixão era sem dúvida a busca de uma educação de qualidade para todos. Afrânio deixou isso bem claro em diferentes momentos, como por exemplo, quando se empenhou em concluir o processo de nucleação rural e melhorar as condições de atendimento educacional na zona rural; quando praticamente criou e construiu uma rede de escolas próprias para atendimento a Educação Infantil, o que ele denominou de MEI — Módulos de Educação Infantil; quando trabalhou para que fossem construídas escolas municipais na zona urbana para atendimento ao Ensino Fundamental; quando apoiou, incentivou a elaboração e aprovação do Estatuto do Magistério, que deu dignidade a carreira com significativas melhorias nos salários dos profissionais da educação. Enfim, foram inúmeras as ações. Afrânio deixou um legado inquestionável, marcante de homem público, que acreditava na capacidade das pessoas, que acreditava na educação como um instrumento de formação e libertação.

Universidade Federal de Uberlândia



Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)

Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica — Bl. “G”. CEP 38400-902

**PESQUISADORA** — Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**PANNUNZIO:** Martha de Freitas Azevedo Pannunzio, irmã mais velha de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, reside em uma fazenda próxima a Uberlândia e tem um apartamento na cidade, local onde foi realizada esta entrevista, pela própria pesquisadora no dia 03/04/2020.

**Ao me apresentar Martha iniciou sua narrativa falando de Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, neste momento eu liguei o gravador para não perder nada.**

**PANNUNZIO** — Decidido com as coisas, sabe! Intemerato, ele via de frente, ele assumia. A gente o chamava sempre de Fanoca: “Você é o menorzinho, meu filho”. (Emociona-se) Eu achava aquilo um heroísmo da parte dele. Desde pequeno. Oito anos depois dele veio o Chico Humberto, mas aí não está no nosso lote daquela coisa de infância, sarampo, catapora. É outra remessa, a gente já era estudante, às vezes até terminando o curso primário da época ou entrando no ginásio. Aí nasceu aquele bebezinho, ficou feito, assim, filho de todo mundo, mais do que se fosse um irmão. Mas o lote bravo foi José Olympio, Mario Augusto, eu e o Afranio, foi da pá virada.

**PESQUISADORA** — **Os quatro primeiros, vocês cresceram juntos, né, mais ou menos a mesma idade.**

**PANNUNZIO** — E assim, entre nós quatro... o parto da minha mãe do meio foi gêmeos, eu e o Mário Augusto, então, em 3 anos 4 meninos cresce tudo junto, muito bom. É bom! Boas lembranças.

**PESQUISADORA** — **Como é seu nome completo?**

**PANNUNZIO** — Martha de Freitas Azevedo Pannunzio. Data de nascimento — 04/02/1938.

Minha profissão, assim, de nascença, foi contadora de histórias. Eu fui professora a vida toda, fui professora de francês primeiro, latim, [e] à medida que o Governo foi tirando do currículo estas matérias eu tive de adaptar, né? Ai o meu diploma era de letras neolatinas, então eu fui para Língua Portuguesa com o transtorno de todas as reformas ortográficas, que o Brasil nunca quietou com a língua, né, vive mexendo, tira acento agudo, tira acendo circunflexo, tira trema, tira não sei o que, essa confusão. Na verdade, nem sei se eu sei escrever mais, se é com hífen, sem hífen. Então fui professora de Português. Aí achei minha vocação, que é ser professora de redação,

conversar com o aluno, estimular o aluno, provocar, desafiar o raciocínio na crítica, na malícia, na esperteza.

**PESQUISADORA — Sua família. Nome de seus pais, formação.**

PANNUNZIO: Minha mãe, Joaquina de Freitas Azevedo, nascida em Uberlândia mesmo. De uma família rural, foi criada com a lida da roça mesmo. Os pais tiveram uma vida de fartura de mesa, farta família, grande, muito irmão, muito primo. Conviveram com os avós. Aquela coisa de um Brasil que passou do trabalho compartilhado. a oração era compartilhada, o lucro era, a seca era compartilhada, tudo era compartilhado. E o meu pai veio de uma família de Uberaba com muita dificuldade financeira. Aos 16 anos, em uma epidemia de tifo, ele perdeu o pai e a mãe e ele ficou, por força da circunstância, ele ficou responsável por tudo, até a última, oitava (filha), que era bebê. Meu pai é muito inteligente, muito inteligente, tinha uma visão de mundo assim... raciocinava rapidamente. Tinha um coração maior que o peito. Nunca ouvi meu pai falando: “Fulano é bandido, é vagabundo e ladrão.” Ele falava: “Ele não teve oportunidade, ele não teve oportunidade”. Eu ficava irritada, falava: “Pai, ele é ladrão, tá preso”. “Não... ele não teve oportunidade.” Ele achava que todo mundo tinha que ter oportunidade. Ele era espírita kardecista do tanto que ele era espírita, a mãe já era no tempo em que os espíritas sofreram muito, né, não deixava as crianças se relacionarem, os espíritas sofreram muito tempos atrás e ele, não confiando no que lia de espiritismo, ele tratou de aprender francês para ler Kardec no original, pois não se contentava com a tradução. Quando eu me lembro disto: aprender uma língua estrangeira só para você ter uma formação! E meu pai era comunista também, mas não é nessa coisa nojenta, ele achava que não pode ter essa diferença entre pessoas, não pode esses meninos nossos dormir numa cama cheirosa, arrumadinha, onde não sei onde tem criança dormindo com frio, com fome, na chuva, com goteira, como que é? Não pode este colchão ser de mola e outro na palha, do lado do cachorro do cavalo. O que é isto? Não pode. Ele era inconformado e eu achava isso muito lindo dele. Ele fez um patrimônio muito bom, tudo o que ele fez de um grande patrimônio, ele mesmo deu fim em tudo. Tudo para o espiritismo, para os espíritas, para a felicidade, para bolsa de ensino não sei onde, para fazenda, para alguém que quer montar uma ideia de uma escola, então tá. Em Uberaba não tem uma escola de datilografia, tem que ter uma. Vamos ver onde é que tem professor de datilografia, vamos alugar um cômodo, vamos comprar umas 10 máquinas, pôr uma placa de datilografia, se não tivesse uma datilografia na década de 1930 não vai para frente. Tem que ter datilografia, é importante, né? E assim, com uma visão de mundo ele se antecipava às coisas, minha mãe ficava muito brava. E eu achava lindo o jeito dele. Minha mãe dizia: “Você vai acabar com tudo”. Ele dizia: “Eu que fiz, eu nasci pelado, o que que tem?” Então é uma coisa linda, eu não vejo nas pessoas esse desprendimento. Eu mesma não sou desprendida, sou ciumenta da minha fazenda, das minhas coisas. Então eu fui criada assim, uma mãe católica, apostólica, romana, obediente e submissa. E um pai super moderno. Dizem os meus tios que eles tinham muito respeito pelo meu pai, “Mas a sua mãe podia ter casado com qualquer primo que estava na fila de espera, mas foi casar com um cara de Uberaba que ninguém sabia quem era, um pé de china e tinha quatro defeitos: maçom, espírita, comunista e pobre”. (risos) Que que é isso? Minha mãe era apaixonada pelo meu pai, mas ela ficava brava com o meu pai. “Eu nasci pelado.”

**PESQUISADORA — Sua mãe estudou?**

PANNUNZIO: Você não vai acreditar. Minha mãe fez até o Normal. Era o que tinha. Ela nasceu em 1914, quando ela fez 18 anos ela terminou o curso do Magistério,

Normalista em Uberaba e as freiras lá do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, então lá só se falava francês, né, mas como minha mãe era muito submissa, muito humilde, uma família enorme, era maiorzinha e a maiorzinha tinha de cuidar do pequeno, tirar o bicho de pé, ver se tinha piolho, fazer papelote para ir à missa, dar banho, pôr para dormir, fazer menino dormir no colo. O maior tinha o quê? Uns oito anos, já tinha de pegar o bebê para cuidar. Aquele tumulto daquela família enorme, aí morre o cunhado com oito meninos, aí traz a cunhada com oito meninos, morre outro, vem a nora. Aquela família com aquele tanto de gente, ela pediu para ir para o Colégio interno. Aí vem para o Natal, volta em janeiro e vai passar um ano, só voltava no outro Natal. Em Uberaba, pertinho, mas o internato era o ano inteiro. Não tinha telefone, para enviar uma carta tinha de passar pela superiora do colégio ler. Ela se submeteu àquilo e aprendia o que as freiras ensinavam, ela bordava lindamente, pintava lindamente. Ela foi considerada a melhor cartógrafa, ela fazia os mapas que iam para o Vaticano. Vinham as instruções, mapas físicos, geográficos, políticos da Europa, ficava ali nas freiras no setor de geografia, seguindo as instruções, recomendações que vinham. E ela era cartógrafa, mãos de fada. Claro, depois casou e nunca mais fez nenhum mapa, mas ela foi professora aqui no Colégio das freiras quando se formou, ficou só um ano. Era professora de Álgebra, Geografia e Matemática. A gente teve uma criação... na minha casa éramos cinco, meu pai viajava muito e a gente tinha conta na livraria. Meu pai falava assim: “Tem um povo escrevendo muito bem aí, são todos comunistas, são os melhores, chama Graciliano, Jorge Amado, não sei o que, são os melhores. Quando eu chegar da viagem vamos fazer uma sabatina quero ver quem leu.” A gente tinha conta na livraria, íamos lá, comprávamos livro, a gente tinha uma biblioteca enorme, todo mundo lia e rodava o livro em casa mesmo. Então, quando chegava livro, era dois amigos de um, três do outro, todos mais ou menos da mesma idade, tinha amigos de um, amigos de outro, éramos muito jovens. A gente lia muito, parecia que éramos meio chatos, pois tínhamos uma cultura diferenciada.

**PESQUISADORA: De onde seu pai herdou essa cultura? Ele era de família pobre, humilde, tinha os quatro piores defeitos.**

PANNUNZIO: Ele era bem engraçado e radical. Primeiro tínhamos que ler os autores comuns, pois são os melhores. Jorge Amado, Graciliano Ramos, primeiro leem esses, depois o resto. Fazíamos torneio de poesia, [...] a gente cantava muito em família. O Fanoca era um cantor maravilhoso, o Afranio. A gente era repentista também, então vamos ver quem tem a rima na ponta da língua. Quando o seu cérebro está assim exercitado em raciocinar, pensar, fazer sucesso, descobrir um jeito, aí você não para mais. Se você tem uma família motivada. E aí a gente era repentista, o José Olympio era o melhor. Fazia umas poesias de pé quebrado, às vezes a rima não dava certo, todo mundo criticava. Eu ficava uma semana pensando... Eu quero fragrância, mas qual que é a rima para essa palavra? Tinha que rimar. Naquele tempo poesia rimava. E na sala da minha casa, na sala de jantar, numa mesona que a gente tinha, tinha dois mapas Mundi, o físico e o político. A gente sabia a capital de todos os países, sabíamos o rio que banha todas as capitais, era um permanente de informação que eu acho que a cabeça de criança é muito boa para acumular isso. Tinha um jornal que chamava Repórter Esso, meio-dia chamava a vinheta, meio dia o almoço estava servido, era um almoço silencioso. Adis-Abeba, não sei o que na Adis-Abeba, papai já virava a cabeça, todos nós virávamos a cabeça para ver a Adis-Abeba, onde era mesmo a Adis-Aeba? Na Arábia. Qualquer um de nós ia lá e dizia. Achei. A gente era muito bom em Geografia, História. Porque era o cotidiano, não era nada assim para estrelar não. O mundo estava aqui. Meu pai falava:

“A gente carrega o mundo na palma da mão”. Tem que ter prontidão para entender as coisas, naquele tempo, sei lá, o mundo estava bem diferente mesmo, né?

**PESQUISADORA: Me fale de seu pai.**

PANNUNZIO: Meu pai era Afranio Francisco de Azevedo, nascido em 7 de setembro 1910. Até o dia que ele nasceu era bom, o dia da Independência, e a minha mãe, 19 de agosto de 1914. Ele era 4 anos mais velho que ela. Meu pai, depois, com o tempo, ele tinha estudado um pouco, ele fez curso de contabilidade. E aos 16 anos ele, já órfão, era entregador de marmita. Trabalho pequeno, mas precisou reagir, tinha um irmão mais velho que já era tuberculoso, na época com 19 anos, ele tinha uma barbearia em casa, esse irmão logo veio a óbito também. Tinha um vizinho que era telegrafista da Mogiana em Uberaba, disse: “Se você soubesse telegrafia, eu ia te indicar para partir o horário comigo. Telegrafia cada jeito que bater é uma letra.” “Mas é bom?” “É muito bom, mas não é para qualquer um, mas assim você consegue ao menos ser espertinho, se conseguisse aprender seria bom.” Imediatamente ele plantou do lado do telégrafo da Mogiana, aprendeu todas aquelas coisas, mas não tinha idade o suficiente para fazer o exame em Ribeirão Preto para ser aprovado ou não para trabalhar na Mogiana e aí, nunca se soube se foi alguém que instruiu, ele foi em uma cidade vizinha, se registrou dois anos mais velho. Ninguém perguntou nada. Ele falou: “Meu pai morreu, tá aqui, e a gente ficou sem registro, meu nome é tal, eu nasci em tal”. E ele ficou com duas certidões de nascimento diferentes e ele falava: “A única coisa feia que eu fiz na minha vida, mas eu precisei, tinham sete abaixo de mim que precisava”. E ele foi telégrafo da Mogiana, e sendo telégrafo que ele começou a estudar francês. Abriu uma escola de contabilidade em Uberaba, aí ele foi ser contador e foi estudando assim. Papai ficou tão observador, ele tinha um português perfeito, mas ele gostava de ler dicionário. Eu aprendi com ele a ler dicionário e eu tenho um filho que lê dicionário. Então ele lia dicionário, ele tinha um português perfeito, não tinha dúvidas em usar ss, ç, x em nada, perfeito! Aí, nesse serviço de telegrafista, ele começou o curso de direito, mas era uma coisa longe, não dava, era difícil demais, mas ele fazia uma petição e entregava para o advogado dele só para protocolar no fórum, ele bastante antenado. E eu tenho uma qualidade que eu herdei dele: a gente tem prazer no diálogo, no contraditório. Não que a gente concorda ou combina com o que estão falando, eu gosto de gente desafiadora, que dá um diálogo, uma réplica, é bastante bom, é bem democrático. Dá um exercício bom, né? O Afranio era muito parecido com o meu pai, o nome era o mesmo, meu pai pretendia despertar nas pessoas o prazer, curiosidade, a militância, tanto no espiritismo como no marxismo. O Afranio não, ele era paciente, mas ele dizia: “Vem comigo que isto é bom.” Mas ele não tinha, ele era tão inteligente na condução de um diálogo, de uma fala, que era difícil você brigar com ele. Ele era prudente, culto, calmo, paciente, não se desesperava. Eu às vezes falava: “Sangue de barata, não vai meter a mão na cara dele não?” Ele falava: “A onça pintada. Calma!” Ele era polido. Isso ele herdou do pai. Era bonito. Gente que usa a inteligência a seu favor. Se você briga, você perde, já perdeu.

**PESQUISADORA: Seu pai também foi professor?**

PANNUNZIO: Não. Mas ele foi um orador maravilhoso. Todo Natal era ele que fazia a palestra. Todo mundo chorava. E assim a gente ficava com vergonha, né? Ele tinha umas cobranças, teve um ano que ele falou: “Eu quero todos terminando ano no primeiro lugar da classe”. Quando ele pedia isso, era uma tarefa, né? Como ele era amigo da funcionária do colégio que preparava todas as fichas da escola, a gente sabia que ela ia enredar para ele e que ele ia lá perguntar. Então vamos correr, não, mas o

primeiro da classe? Tem uma recompensa, isso eu estou falando de 1952, a Segunda Guerra Mundial tinha acabado em 1945. Os efeitos benéficos da guerra estavam chegando no Brasil. Aí chegou a caneta tinteiro, uma coisa fantástica. Hoje a gente escreve com a estereográfica e não dá nem valor. Porque a caneta, você tinha um tinteiro e você tinha um penal, uma pena que molhava lá, escrevia aqui, borrava, tinha o mata-borrão para enxugar, era é complicado demais de tomar, era um horror! Aí surgiu a caneta tinteiro. Como é isto? Não, você puxa assim, ela vai encher e fica cheia. Não, eu não acredito! Eu não vou mais carregar o tinteiro para sala de aula. Não. Não acredito, não acredito, caneta linda! Então ele falou: “Quem for o campeão da classe vai ganhar uma caneta tinteiro”. Isso em agosto. Então nós tivemos o segundo semestre para ser campeão da classe, muito difícil ser o campeão da classe. Nossa Senhora, eu corri muito, porque alguma coisa eu não gostava, mas eu queria a caneta, nós todos queríamos a caneta. Então meu irmão gêmeo era da minha sala, então eu corri muito. Ele falava: “Está precisando de caneta? Tá morrendo por causa de caneta”. E a gente veio para Uberaba passar o Natal, o presente ia ser dado no Natal, e quando nós chegamos em Uberaba tinha muitos primos lá e eles tinham uma vida mais difícil que a nossa, alcoolismo na família, tinha alguns primos na família que lutavam muito e meu pai inteirava na medida do possível. E aí, na hora do Papai Noel, tinha alguém que se vestia, e meu pai trouxe uma caixa e eu sabia que aquela caixa estava cheia de caneta, estava perto dele e ninguém tocava. Era muito pequena a caixa para o tanto de sobrinho que tinha ali. Meu Deus do céu, o que tem naquela caixa? E aí ele perguntou: “Fulano, fulano?” “Tomei bomba, mas sabe por que, tio, eu não dei conta porque também eu adoeci, porque eu mudei de escola, a professora me perseguiu.” Não tinha nenhum campeão da classe. Meu pai deu caneta para todo mundo. Eu fiquei tão brava, mas não na hora. Dias depois meu pai falou: “O que está emburrada, catirina?” “Ah, pai, tem coisas, né... não foi fácil... não foi fácil estudar daquele tanto que eu estudei, uma classe que tinha quase 40 colegas, eles eram muito bons e tinha tudo quanto é coisa lá. Não! Não! Não! E você dá caneta para todo mundo, até para quem tomou bomba”. “Mas você é pequena, hem, minha filha, você é pequena, que coisa feia, você tinha coragem de mostrar sua caneta para sua prima porque ela não deu conta? Que coisa feia! Queria que eu levasse a caneta embora?” Eu me senti um grãozinho, porque eu realmente estava com muita raiva. Ele falou: “Mérito é fraternidade, você sabe que sua prima, apesar dela não ser tão inteligente como você, ser esforçada, ninguém falou para ela que ela podia render mais, por isso ela não rendeu. Se ela soubesse que tinha um prêmio para ela, talvez ela ficasse motivada. Se ela não precisasse trazer o pai para dentro de casa bêbado, mijado, vomitado... Já pensou, na idade dela ir lá à porta da rua ajudar a mãe a pegar o pai? Nunca vai ser a primeira da classe, não tem condição. Então você é muito pequena”. E esse “pequeno” me acompanhou uns vinte anos, mas de vez em quando eu sou cobradora mesmo, eu sou competitiva. Aí eu me lembro dele. Opa! Calma! Não é assim. Ele nasceu em uma família muito modesta, com muita dificuldade, mas teve uma escalada, o casamento também ajudou muito porque o sogro gostou muito dele e não fez do meu pai um fazendeiro: “Vai ser fazendeiro, vou encher a fazenda de gado para você ir aprendendo. Não. Ele foi gerente do Banco do Brasil aqui em Uberlândia, a primeira agência que abriu aqui. O banco trouxe os funcionários todos e ele foi o primeiro gerente. Ele tinha a tarefa de visitar os fazendeiros, os boiadeiros, os coronéis todos, para ver se tira o dinheiro debaixo do colchão e põe no banco. Imagina! Meu avô tinha só gado, nunca trabalhou com dinheiro não. Não tinha. Abriu à toa essa loja aí. Dinheiro eu não tenho, só tem vaca que já pariu ou vai parir aí. Serve? Vai pôr no banco? Não. É

dinheiro. Dinheiro eu não tenho. Mas tem crédito. Crédito? Que moeda é essa? Então, para abrir a primeira agência de banco em São Pedro de Uberabinha foi um esforço louco para convencer aquele pessoal a negociar a troca de dinheiro. Não vai trocar vaca a troca de bezerro, eu te dou uma vaca e você me dá dois bezerros. Não. Não é escambo mais não, eu te vendo vaca, pego o dinheiro, compro bezerro de outro e pago em dinheiro. Esse salto comercial foi o Banco do Brasil que fez. Sempre teve no Brasil inteiro na década de 40, então ele que veio fazer isso aqui. Ele era canhoto, então, lá naquele emprego de telegrafista, ele tinha de fazer o relatório para mandar os telegramas, né, e aí falaram: “Canhoto não serve, canhoto é uma doença, não é bom”. Não tinha funcionário canhoto porque não se aceitava, pessoa escreve torto, usa a mesa torta, faz tudo errado. Aí ele falou: “Me dá um tempo, eu tenho sete meninos atrás de mim”. Deram trinta dias para ele comparecer escrevendo com a mão direita. A caligrafia dele era linda, ele escrevia ao mesmo tempo com as duas mãos, a única pessoa que eu conheci que escrevia com as duas mãos. Tinha vez que a gente fazia um ditado: “Pai, vamos fazer um ditado?” “Vamos embora.” Uma mão escrevia assim e a outra assim (fez o movimento), eu ficava impressionada, a necessidade faz o sapo pular.

**PESQUISADORA: Então seu pai foi o gerente da primeira agência do Banco do Brasil aqui em Uberlândia.**

PANNUNZIO: Foi, da primeira agência. Foi quando ele conheceu a minha mãe. O irmão da minha mãe, aquele todo certinho, recebeu a turma do Banco do Brasil junto com os outros que estavam começando a ser fazendeiros também, mas só que mais moderno, mais bem arrumadinho, já não andava mais a cavalo como o velho pai, mas já tinha um Fordinho, alguma coisa. [E ele pensou:] Está ruim aqui, esse povo vai embora de Uberlândia e não conseguiu nada. Aí fez um jantar na casa, minha mãe estava recém-chegada do colégio das freiras, e ele disse: “Ó, você vai lá porque a Clarinda está de resguardo e eu quero oferecer um jantar para esse povo do Banco do Brasil hoje. Eles não podem ir embora com essa impressão horrorosa aqui de Uberlândia.” Ele chamou os outros: “Vamos jantar lá em casa, me deixa explicar o que é essa coisa de banco, se a gente quer, não quer, quem quer pôr dinheiro no banco.” Porque usava cofre, cada casa tinha um cofre grandão pesado. E ali você guardava seu dinheiro. Vamos acabar com esse cofre. Então Uberlândia vai dar um salto com gente que vem de fora, sempre é assim mesmo. Nessa leva de moderno vem o meu pai, que era um pé de china, não tinha nada, mas uma cabeça boa, e ali ele conheceu a minha mãe e ela ficou maravilhada, porque ele não falava de boi nem de bezerro nem vaca parida. Ele fazia palavra cruzada, não é que resolvia não, ele montava palavra cruzada na horizontal, vertical. Porque é diferente de preencher a palavra cruzada. Ele fazia cada coisa!

**PESQUISADORA — E como ele chegou a deputado em Goiânia?**

PANNUNZIO: Depois que acabou a ditadura de Getúlio, em 45. Getúlio saiu, convocou uma Assembleia Nacional Constituinte para fazer um país moderno. Deixou o Brasil, mas deixou com esta Assembleia e essa Assembleia legalizou os partidos que estavam na ilegalidade. O Partido Comunista do Brasil estava na ilegalidade, comunista era bandido, então legalizou. Meu pai era comunista toda a vida. Então ele fundou o Partido Comunista e gastou o dinheiro dele todo com política e espiritismo. Estava tudo certo. Aí ele fundou o partido Comunista em Goiânia — GO, aquele pouquinho de cidade muito pequena, Rio Verde, Goiás Velho, tinha mudado a capital, estava todo mundo estressado e tal. Daí ele começa a ser fazendeiro e a começa a comprar terras, terra não valia nada, ia visitar uma cidade, já não era mais bancário. Aí ele conheceu o Dr. Pedro Ludovico. Tinha mudado a capital pro Goiás, Dr. Pedro falava: “Gente, me

ajuda, tem de tirar as pinguelas dos rios, tem de fazer ponte para atravessar esses rios, se não Goiás não começa”. Mas era nada, né, matão assim fechado e onça te comendo. Me ajuda! E começa esse Partido Comunista nessas poucas cidades lá, você vai qualificar eleitor, vai preencher a legalidade da coisa, é muito difícil, e ele se candidatou porque tinha que ter um candidato. Tinha um médico que era amigo dele e morava em Goiânia e disse: “Pode contar comigo, mas eu não vou gastar não. Só para preencher, para tapar o buraco, tá? Então, o que eu vou ser?” “Você vai ser candidato também.” O máximo que eles conseguiram foi dois, meu pai e o doutor Paulo Alves, de candidato. Então o Dr. Paulo não foi eleito, mas o voto dele serviu para o meu pai ser eleito deputado.

Mas, como ele já era proprietário de terra em Goiás, o discurso de posse daquela primeira Câmara Constituinte de Goiás, quem é que vai fazer? Todo deputado falava: “Afranio”. Aí aquele discurso que eu não sei, eu era louca para saber, mas tudo ele fazia colocando Alan Kardec e Karl Max, ele fazia uma mistura, mas agradava a todos. E logo no fim de um ano ele falou: “Não, não dou conta. Tenho de cuidar das fazendas, das minhas coisas”. O Dr. Paulo Alves ficou no lugar dele e cumpriu o resto do mandato. Uma vez ele comprou uma fazenda e nós fomos em julho e ele falou: “Mandei fazer uma casa lá, a gente vai ficar nessa casa em julho. Lá é muito frio, e chamava Sibéria, lá é muito frio, essa fazenda vai ficar cara para mim, uma fazenda enorme, nem conheço, comprei porque alguém estava vendendo, nem sei se tem posseiro, como é que é, nem sei se tem a terra, comprei porque era um preço bom”. Goiás não valia nada, as terras não valiam nada, era uma bobagem. “E nós vamos lá. Mandei fazer uma casa grande, as janelas vocês vão estranhar, o banheiro é pequenininho, só duas privadas e o chuveiro.” Minha mãe perguntou: “Por que duas privadas? Uma masculina e uma feminina?” “Não, porque depois eu vou dar outra destinação para essa casa.” E no caminho a gente passou... o nosso carro era cheio porque 5 meninos, e no caminho entrou um professor fedido de CC e tinha um carregamento lá, que amarrou esse reboque em nosso carro lotado de caixa de tanta coisa. Chegando lá foi para instalar uma escola na fazenda. Nossa, a gente ficou maravilhado! Tinha tanta caixa de lápis de cor, tinha até de 24 cor, eu nunca tinha visto isso, caderno, lápis, caneta tinteiro, lousa, a gente escrevia na lousa. Gente, mas que beleza! Caderno de desenho! E aí ele alugou um carro de defunto, funerária, na época eles saíam na roça pegando defunto. Esse carro chamava Bererê, depois ele catava o defunto e levava pra enterrar. Meu pai contratou esse carro e falou: “Vê se não morre gente pelo menos uma semana pra você ficar por minha conta. E esse carro de som saía nas currutelinhas, nas fazendas, nos buracos, chamando gente. Quem quiser ganhar terra vem!

#### **PESQUISADORA: Ganhar terra?!**

PANNUNZIO: Meu pai deu 3000 alqueires de terra. Deu. Deu dado. Não vai ter reforma agrária porque esse governo não anda mesmo, “fé da puta” do Brasil não anda mesmo, então a terra é minha, eu dou. No cartório doou tantos alqueires para um com mato, sem mato, todo mundo com água corrente, três fazendas, ele fez isto. O Dr. Pedro Ludovico, governador, destacou um cartório itinerante para acompanhar o meu pai fazendo registro de nascimento e casamento, e aí minha mãe chamava as mulheres todas, fazia bolo, rebentava pipoca para comemorar o casamento. Quem tiver alambique traz a pinga, eu pago. Vamos comemorar isto aí. Quem tiver limão traz, vamos fazer limonada, vamos cozinhar as mandiocas, matar o boi. Era saudável isto aí, ele fez com uma fazenda que se chamava Sibéria, depois fez com outra fazenda, depois outra fazenda dele aqui no canal de São Simão, meia hora daqui, em Cachoeira Dourada. As pessoas que ganharam terras não cuidaram, meu pai ficou transtornado.

Nossa, aquilo doeu demais, nossa fazenda era na barra dos Patos, uma curva lá, já tinha caído a cachoeira, mais para baixo... mas aquele canal era uma coisa maravilhosa, espetacular. Quando veio a ordem: Daqui a oito anos vai abrir comporta. Não tinha comporta nenhuma. Vai desaparecer o canal de São Simão. Ninguém acreditou. Que é isto? Aí o papai mandou avisar também jornal e rádio e tudo quanto é cidade, de Itumbiara para baixo: “Quem quiser terra, vem”. Tinha garimpo lá, garimpeiro lá só entra com a mulher legítima, puta não. O garimpeiro que tiver família vou deixar a escola pronta, vou deixar um postinho de saúde, vou pagar um médico para vir aqui toda semana, mas vocês podem desbravar esse chão aí porque vai inundar. Aí foi assim, seis meses, todo mundo ia tirar lenha, cada aroeira enorme, ia submergir tudo, né? O governo falou: ‘Pode tirar’. Fez uma serraria gigantesca lá e doou para o pessoal e doou a terra, acho que foram uns dois anos tirando madeira e não deram conta de tirar. Era muita coisa, né? Não tinha estrada, caminhão atolava, rodava e depois começou o garimpo. Pode revirar o chão, tiraram muita pepita de ouro lá. Aí veio a ditadura, nós estamos em 64, Afranio sofreu demais na ditadura. Quando já estava mais asserenada a braveza da ditadura, nós encontramos nosso irmão Chico Humberto. O menor estava sumido tinha dois anos. Tivemos notícias que ele estava vivo. Fomos atrás na Argentina, fomos lá, trouxemos ele de volta. Nossa! Sobreviveu todo mundo. Ninguém acreditava, né, porque tinha jornal que publicava: Procura-se vivo ou morto Afranio Francisco Azevedo e família. Aí papai fretou um avião e falou: Quero ver minha reforma agrária. Papai sofreu muito porque a fazenda dele chamava Sibéria. Esse cara é comunista fanático, até na fazenda ele pôs nome de Sibéria, ele manda dinheiro para Moscou. Então ele fez um voo, ele, o Zé Olympio, o mecânico que era nosso amigo e meu marido. Eles foram às três fazendas. Quando chegou na Sibéria, era 1.800 alqueires, um baita de uma fazendona que perdia de vista.

O avião parou numa estradinha, já veio gente armada: “Não pode parar”. Meu pai falou: “Moço, pera aí, esse chão é meu, era meu”. “Não. Esse chão é do conde Lunardelli, mora na Itália.” “Conde? Não tem mais conde no mundo não, o que que é isto?” “Um cara rico lá na Itália.” “Ele comprou de quem?” “Foi comprando picadinho. Foi comprando.” Meu pai ficou tão abalado com aquilo porque todo mundo que ganhou a terra vendeu. Ele ficou horrorizado. “Levanta esse avião e vamos embora, na cidade mais próxima eu quero saber o que aconteceu.” “O senhor que é seu Afranio? Me falaram que o senhor era meio doido (risos), me falaram que o senhor tinha morrido.” “Morri não. Cadê a povo? Eu passei escritura para eles.” “Passou pra quem?” Foi nas outras fazendas, não, nada mais, já era loteamento pequeno. Aí ele foi no Canal de São Simão, todo mundo que ele pôs lá para garimpar tinha vendido tudo e lá ele não ia aproveitar depois. Mas enquanto não tinha aberto as comportas, quem estava lá tirou mais ou menos o garimpo, mais ou menos a madeira e ainda vendeu tudo. Meu pai enfartou e morreu. Nossa, eu tomei birra de reforma agrária. A gente perdeu o pai nesse desgosto que ele estava. É impossível que a humanidade não conserta, não melhora. O que é isto, gente? Ele ficou profundamente abalado.

**PESQUISADORA: Eu li um artigo que dizia que seu pai abriu um banco com o sogro, Seu Olímpio. Isto procede?**

PANNUNZIO: É, o vovô ajudou, botou um dinheiro lá. Chamava Casa Bancária. Primeiro ele abriu com meu avô, mas ele não entendeu nada o que era aquela coisa, né? **PESQUISADORA: Porque era difícil explicar que vaca física virava dinheiro e guardava no banco.**

PANNUNZIO: Era difícil, tudo era demais, era no escambo. Meu avô tinha 200 éguas em uma fazenda, era demais, era por prazer. Meu avô chorava quando achava uma vaca morta. Então a gente teve essa casa bancária que chamava Freitas Azevedo, mas o vovô não entendia, não tinha interesse, não ia lá nem nada. Essa casa bancária depois quem entrou para ser sócio dele foi Argemiro Lopes, passou a chamar Casa Bancária Lopes e Azevedo.

Depois o sócio próximo, foi o último também, foi um fulano que era patrocinador financeiro do Partido Comunista. Meu pai se dava muito bem com ele, gostava muito dele, Nicomedes Alves dos SANTOS:. O Nicomedes era uma pessoa visionária, inteligente. Ele falava assim: “Esse rio aqui, ó, tem uma correnteza boa e fulano quer fazer uma charqueada. Mas não tem capital. Eu vou dar uma encanada nas pernas dele, aí já joga a barrigada da vaca e a correnteza leva, né”. Ele enxergava longe e era um rico assim ... “Ah! É o Partido Comunista, eu vou ajudar. Ah! É o brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, eu vou ajudar.” Ele foi sócio do meu pai. Aí chamou Casa Bancária SANTOS: e Azevedo. Aí uma filha do Nicomedes começa a namorar um pé de china, filho do açougueiro. Nicomedes vai à loucura: “Minha menina é uma princesa, casar com filho de um carnicheiro”. Não chamava açougueiro, chamava carnicheiro. Um italiano, bronco, grandão, falava tudo errado, a roupa toda suja de sangue, esquartejava as vacas na carnicaria dele. E a menina namorava esse rapaz e o Nicomedes ficava muito bravo. Não quero saber quem é esse cara, cresça e apareça esse cara. Meu pai falava: “Olha, Nicomedes, ensina pra ele o que você quer, as malandragens, traz esse genro e faz ele crescer, ele vai te dar gosto”. “Não. Eu vou mandar essa menina para o colégio interno.” “Sua menina vai pular a janela e depois você vai ter de aceitar ela barriguda e fazer o casamento. Ela gosta dele, ele gosta dela. Deixa casar. Nicomedes, deixa casar, o rapaz é inteligente, é corajoso, ele te enfrentou, foi pedir a mão dela em casamento. Podia ter falado pula a janela que eu estou esperando. Ele está indo do jeito mais tradicional do mundo, aceita esse cara.” Depois meu pai e minha mãe vão ser padrinhos desse casamento. Sabe quem é o noivo? Virgílio Galassi (risos). Depois Virgílio Galassi foi dedo duro, botou gente na cadeia, não conformo. Mas ele aprendeu mesmo, Nicomedes deu uma força pra ele e ele foi bem.

**PESQUISADORA: Martha, me fale o nome dos seus irmãos completo.**

PANNUNZIO: Todos têm Freitas Azevedo. José Olympio é o que está doente, bem acabadinho. Meu gêmeo, Mário Augusto, o Afranio Marciliano e o Francisco Humberto.

**PESQUISADORA: Vocês tiveram outro irmão?**

PANNUNZIO: Não. Nós somos cinco. Não, em Goiânia meu pai teve um filho lá, foi toda ruína da saúde da minha mãe. Esse rapaz foi péssimo, foi delator da gente, era alcoólatra, acho que ele chegou a começar uma carreira qualquer coisa como delegado de polícia, alguma coisa assim, sabe?

**PESQUISADORA: Mas não conviveu com vocês.**

PANNUNZIO: Não. Eu soube que eu tinha este irmão eu tinha 42 anos, minha mãe era uma pessoa de saúde muito frágil e ela vivia assim morre não morre, fraca, ela tinha “moptismo”, será que era tuberculose? Não, não é. Ela tinha uma fragilidade no esôfago e você vai juntando os pedacinhos da conversa, cada vez que ela tinha notícia dessa história ela entrava em falência, muito ruim, mas eu soube eu já tinha 42 anos. Dizem até que ele deixou duas filhas, mas eu não sei nada disso.

**PESQUISADORA: Então, nesse documento que eu encontrei eles falam, mas eu pensei: “Gente, eu entrevistei o Chico Humberto. Ele não falou nada”.**

PANNUNZIO: Marcos. ele chama. Só o Zé Olympio que conviveu com ele, quando ele entra assim em um processo de decadência no alcoolismo. Ele é da idade do Chico.

**PESQUISADORA: O Afranio é de qual ano?**

PANNUNZIO: Nascido? Eu sou de 38, ele é de 39.

**PESQUISADORA: Porque eu não tinha localizado o ano que ele nasceu. Então ele é de 1939.**

PANNUNZIO: Eu sou de 38, ele é de 1939. O Zé Olympio é de 36, ele é o mais velho.

**PESQUISADORA: Vocês todos foram para área da Medicina, exceto você, os meninos.**

PANNUNZIO: Minha mãe teve um irmão, ele era professor de Medicina da Praia Vermelha. A gente adorava esse tio, o tio Josias. Então, ele virou assim um personagem.

A gente achava tão bom aquele tio que... aquela pirralhada toda. Ele era um médico muito interessante, ele era especialista em tórax. Então ele vinha todo ano a Uberlândia em julho, passava julho todo, trazia todos os assistentes dele, ele era professor da academia, trazia 6 a 8 rapazes que já tinham terminado medicina, ficavam hospedados na minha avó e ele mandava avisar pelo rádio, Goiás, Mato Grosso, Triângulo Mineiro: Dr. Josias vai chegar. Quem tiver papo vem cá que ele vai tirar. Todo mundo tinha muito papo, muita gente, porque o sal não era iodado, era uma papeira enorme, horrorosa, era tanta gente papuda! Em julho muita gente ia na casa da minha avó pra ver primeiro o tio Josias e depois... tinha pouco hospital aqui, né, tinha o hospital Santa Clara, Santo Agostinho e tinha a Santa Casa. Como ele operava tudo de graça mesmo... Ele operava com as duas mãos. Tio Josias era muito inteligente, ele era carinhoso, ele era uma pessoa muito boa e, como ele não tinha filhos, ele era tio. Chamava todo mundo pelo apelido: Zezé, Guto, Marcondes, Chepa, fulano. Ele era um tio diferenciado. Depois do tio Josias para cá são 38 descendentes indiretos que são médicos. Eu tenho 11 netos, 5 são médicos. Virou uma preferência, com toda a dificuldade, vestibular e tal, mas vai ser médico.

**PESQUISADORA: E você não quis a medicina ou porque mulher não podia? Como era?**

PANNUNZIO: Eu até falei em uma época: Ah, quero ser médica! Mas não me esforcei na química e na física não. Eu queria contar história.

**PESQUISADORA: Contar história já era seu dom, né, Martha?**

PANNUNZIO: Mas a família não aprovava não. Outras primas mais velhas do que eu tiveram uma barreira. Opa! Poucas mulheres eram médicas naquele tempo e todas renunciavam a um mundo de coisas para ser médica.

**PESQUISADORA: O Chico Humberto foi da primeira turma de Medicina depois que o Zé Olympio trouxe o curso de Medicina para Uberlândia?**

PANNUNZIO: Ele fazia Direito em Uberaba, estava no segundo ano e quando falou: “Vai ter vestibular em Uberlândia”, ele falou: “Vou lá, tenho que prestigiar o Zé Olympio”. Então você corre atrás da Química, Física e Biologia, porque o vestibular vai ser bravo mesmo. Então ele interrompeu o curso de Direito em Uberaba e foi pra Ribeirão Preto fazer o cursinho, porque aqui não tinha cursinho também, né... mas era assim, pra ser o pioneiro, porque tudo acontecia do jeito mais difícil do mundo: não tinha dinheiro, o médico dava aula de graça, trazia gente pra morar aqui,

**PESQUISADORA: Então o José Olympio, o Mário Augusto e o Afranio estudaram no Rio com o tio Josias? E me fala um pouco, Martha, porque você vivenciou muito a infância do Afrânio, né? Como que ele foi enquanto criança?**

PANNUNZIO: Ele era muito inteligente, muito espirituoso, muito miudinho! Então ele conseguia a proeza, coisa que eu não conseguia, eu era gorda, né? Ele trepava na grimpá de uma árvore com a maior facilidade! Até quando caía nunca quebrou nada! Eu caía e já esborrachava... Mário Augusto era molengão, meu irmão gêmeo. Mas aí, ele chamou, a gente ia obedecer! Então a gente foi muito amigo sempre, ele era pro que desse e viesse! Mas assim, eu conto, parece que era uma família de delinquentes... Não, a gente era bem certinho, e tinha que comer de boca fechada, não podia deixar sobrar nada no prato porque tem muita criança que não tem o que comer, minha mãe fazia a gente rezar pro Menino Jesus, pro anjo da guarda: “livrai-nos da peste, da guerra e da fome”. A peste é o que? A gente perguntava... peste, como assim, que que é peste? Era a Gripe Espanhola, que tinha dizimado a humanidade, mas a gente não tinha noção. A gente foi criado assim, no princípio, meu pai nunca impôs nada, mas tem água fluida, tinha que ir ao centro beber água fluida, mas a minha mãe ajoelhava no chão na hora de dormir, vamos rezar pro menino Jesus! Então eu sou ateia de cabeçuda que eu sou, porque a base foi uma base assim, nós quatro tínhamos aquela estampa que eu acho linda que as crianças vão atravessar a... Nossa, eu cheguei em Portugal, não sei qual é a cidade que fui não, uma cidade linda que tem até gondola, no norte, e de repente uma casa na beira daquele lago lá, e uma parede inteira com aquela estampa! Falei: Que que é isso aqui? Quando eu tinha 5 anos no meu quarto tinha essa estampa! É uma estampa comum que tem por aí... de umas crianças que vão atravessar a ponte, parece que tá quebrado, aquele jeito de passar ali, e aquele anjo enorme ali lá por perto. Então a gente teve uma base, só que quando eu fui fazer a primeira comunhão meu pai não deixou: “Minha filha, você nasceu em comunhão com o planeta. Você não vai entender agora, mas você só tá aqui porque foi permitido. Você tem um compromisso que você já sabe, você já falou.

**PESQUISADORA: Bom, a formação religiosa de vocês agora eu já sei. O Afranio como irmão era assim, o quarto, mas tomava conta de vocês tudo?**

**Me fala um pouco da escolaridade do Afranio, com quantos anos ele entrou na escola...**

PANNUNZIO: Foi um aluno brilhante, brilhante! Toda a vida escolar dele... Passou no primeiro vestibular, ele foi vice presidente da União Metropolitana dos Estudantes. Não... da UNE! O presidente era o José Serra, fazia engenharia em São Paulo, na Politécnica, e o vice era o Afranio, que fazia Medicina no Rio. A UNE era bem Brasil, assim, quer dizer, o eixo Rio-São Paulo, né, ele era assim. Eles foram presos em flagrante na Rádio Nacional, fazendo um discurso de apoio ao Jango Goulart: “Presidente, resiste, resiste! Brizola tá apoiando, a UNE tá com você, presidente, vamos pelos estudantes, os futuros médicos do Brasil, os futuros engenheiros estão com você” e tal... De repente apagou a luz do painel, diz que o Serra falou: “Afranio, acho que deu um curto aí!” Eles viraram, tinha uma baioneta no pescoço deles, eles foram presos na Rádio Nacional fazendo discurso! O Jango já tinha pulado a janela pra fugir, e eles foram presos em flagrante! “Força, presidente!”, tudo estudante, não sabia nem dar um tiro!

**PESQUISADORA: Aqui em Uberlândia ele estudou...**

PANNUNZIO: A gente morou em Goiânia né? Ele fez até o ginásio em Goiânia. Depois deve ter feito aqui o segundo grau, mas foi logo comigo pra São Paulo fazer

faculdade, tudo meio assim tumultuado. E depois ele foi pro Rio, passou no primeiro vestibular, passou super bem...

**PESQUISADORA: E tinha cursinho naquela época, Martha?**

PANNUNZIO: Não, não tinha cursinho. Você saía do terceiro ano e já passava, ou passa ou não passa. Não tinha vestibular, tinha a prova de vestibular.

**PESQUISADORA: É, eles falavam concurso, né, eu achei o jornal que ele passou...**

PANNUNZIO: É, eu não sei como que chamava, mas não tinha como fazer, não existia essa modalidade chamada cursinho. Ou a escola era boa e você era um bom aluno, aí você ia lá e brilhava. Esse Estadual de Uberlândia, pessoal saía de lá direto e passava no vestibular! Hoje eu fico pensando: Será que a gente era tão bom professor assim? Mandava aquela remessa de jovem e todo mundo dava conta. Então, aí ele fez Medicina lá. Como ele era muito fuçador, muito fuçador... “Tio Josias, chega pra lá, me passa o bisturi aqui, Tio Josias”. E o Fanoca foi um destrinchador de cachorro e gato quando ele era pequeno, ele queria ver como é que faz. “Deixa que eu abro o frango, peraí. Não, vou tirar aqui na coxa mas não quero quebrar o osso, quero ver na junta como é que é a junta da galinha aqui, será que é igual a gente? Aqui no meu joelho, ó, o da galinha é parecido!” e tal... Ele era curioso pra danar! Era até demais, né, porque tudo que alguém ia falar ele já sabia! Já sabia longamente de falar... Eu lembro que no segundo ano científico eu mudei de Uberlândia pra Goiânia, a ideia era a gente ir pra Belo Horizonte, mas não fomos, porque minha avó estava muito mal, minha mãe queria ficar, aí fomos... Mas na despedida lá o meu professor de química, que era um médico de Uberaba, companheiro de infância do meu pai, dava aula pra gente, ele falou: “Afranio, você vai levar essa menina pra Belo Horizonte, lá é outro departamento! Tem escola, tem farmácia, tem a faculdade de química... então Belo Horizonte vai abrir muitas portas pra esses meninos. E eu acho o seguinte, vamos conversar uma coisa aqui hoje...” Foi o discurso dele de paraninfo nosso de oitava série, oitavo ano: “A gente tem que deixar bem marcado assim onde está a ciência hoje”.

**PESQUISADORA: Porque a ciência tem que desenvolver alguma coisa naquele momento né...**

PANNUNZIO: Esses dias eu fiz a operação, agora tenho que fazer curativo todo dia, o esparadrapo micropore foi desenvolvido na segunda guerra mundial! Porque tinha esparadrapo que tampava tudo, mas tinha que respirar! Então o Afrânio foi assim, sendo líder! Foi um atleta maravilhoso, ele não tinha estatura alta, mas ele foi considerado cestinha no basquete, ele voava assim... tchaaaa... As meninas ficavam loucas! “Fanoca!!!”. E ele cantava lindamente também, seresteiro demais, tocava de improviso, eu ficava humilhada porque eu estudava acordeom olhando lá a música, ele pegava o acordeom e (imita o barulho do instrumento) já vai tirando... (risos) eu falava: “Afrânio, como é que você dá conta?” E ele: “Ah, você é ruim demais no acordeom!” (risos)

**PESQUISADORA: Anos atrás vi Afranio cantando no Praia. Ele foi com um grupo de seresta e cantou. Eu olhei e pensei: “Gente, mas um secretário de educação cantando no Praia! Mas eu era novinha ainda, depois nunca mais vi...”**

PANNUNZIO: Ele fazia a segunda voz, lindo! Quando ele cantava com a minha mãe... a gente foi criado cantando, uma família cantante, né, senão ia viajar e ficava jogando travesseiro um no outro (risos), então vamos cantar! Luar do Sertão, quem sabe? E minha mãe tinha a voz bonita, a voz educada, cantava os hinos das freiras, uma voz bonita! A gente era desafinado... Mas mamãe e Fanoca cantavam, mas era uma Cascatinha e Inhana, coisa mais linda, cantava muito! E ele era pescador, gostava de

pescar de varinha, bebia uma pinguinha e ia pescando... de vez em quando ele se dava o direito de sair pra dar uma pescada. E a turma dele da pescaria toda era da seresta, eles imprimiram um livro só com as músicas que eles cantavam, mas era dessa grossura! Tinha reunião na fazenda dele ou na casa dele, ele sempre gostou de morar bem, tratou as mulheres dele muito bem, casou com todas e era tudo assim, sabe, uma vida elegante. Afrânio viveu uma vida elegante. Ele falava pra mim: “Olha, você é muito esculhambada! Que mulher desarrumada!” Eu falava: “Que você tem a ver com a minha vida?” Ele falava: “Tudo, eu tenho a ver tudo! Vai pintar esse cabelo!” Eu falava: “Não, Fanoca, não vou não!” (risos)

**PESQUISADORA:** É porque a Eliane é um chique, né, gente, uma classe!

**PANNUNZIO:** Ela é toda elegante, toda cheia de joia, cheia de brinco... Mas todas, a Sheila também, a Sheila tinha uma butikue muito boa, ela era também muito elegante. Mas era tudo assim, no casamento dele com a Sheila é que esse grupo de seresta foi se formando, sabe? Juntava todo mundo, a cozinheira era muito boa, ficava fritando não sei o que, assando não sei o que, e a casa era uma festa musical.

**PESQUISADORA:** Mas ele teve quantas esposas, Martha?

**PANNUNZIO:** Nenhuma que presta. Olha, a que o casamento acabou por causa da ditadura, depois veio com a Lucinha Testa, a Lucinha já tinha dado um tiro, ela saiu pra matar não sei quem, marido, sei lá, que era o Della Pena, o rapaz aqui que era despachante, o marido segurou mais forte que ela pra segurar o revólver, não tomou, não tomou, quando ele abraçou a mulher ela puxou o gatilho, o tiro foi nela mesma! Mas ficou... sabe quando não é o dia, né? A bala passou, não sei o que, mas ela chegou um chafariz no hospital. Quem catou no carro foi o Zé Olímpio, ela toda ensanguentada... Mas quando não tem de ser não é, né? Ainda escapou. E depois ele conheceu essa Lucinha Testa e nossa, ele era encantado, a Lucinha era doceira, minha mãe adorava, família da Inês que ele conhece, né, ia pra fazenda e tal. Ela tinha dois filhos desse marido do tiro, e esses meninos se afeiçoaram tanto ao Afrânio! Ele era bom, ele era bom de você gostar dele, sabe... Então ele mandava fazer uma bota pra ele de cano alto e uma bota pro menino. Aí comprou um cinto de fivela larga e mandou fazer um cintinho de fivela também pro menino. O menino era o clone dele, era a cópia, o menino ficou apaixonado nele. E o Della Pena falava “Afrânio, tá em boas mãos, vai... pelo menos tá gostando de você, você tá gostando dele, porque com a mãe dele eu não combino mesmo e tal. A gente casou muito novo, a gente era muito pescoção, então acabamos esse casamento, tá bom demais, Deus te acompanha”. Ele não teve filho, ele teve duas filhas que a mulher segurou, ele conviveu pouco com as filhas dele, mas ele foi um paizão dos meninos das mulheres dele. Quando ele saiu de casa esse menino pirou a cabeça. Mas foi assim muito bom. Então ele tinha esse grupo de seresta que cantou sempre, na inauguração do CEMEPE eles fizeram uma apresentação. Seresta é muito lindo né? Era uma coisa que todo mundo pedia mais, mais, canta mais, canta mais! Acho que ele foi uma pessoa bem feliz. E eu falava: “Me conta da sua prisão!” E ele falava: “Não conto, porque você é linguaruda, faladeira, você aumenta, não é fiel à narrativa! Depois eu morro aí e você sai contando história que eu não te autorizei!” (risos) Eu o adorava! Aproveitei o Fanoca demais! A Sheila falava, a Sheila não, essa última, a Eliane, ela falava: “Gente, vocês não repara não, tem uma cama arrumada ali no quarto, você dorme aqui”. “Não, eu vou pra fazenda hoje”. “Não, não vai não, dorme aqui.” Ela ia dormir, nós ficávamos numa conversa longa... eu adorava! Ele me zangava muito: “Você é pequena demais, menina, sai pra lá!”

“Fanoca, creche de 0 a 6, vocês vão cuidar do menino e ela vai dar a xoxota pro outro e fazer outro! Isso é uma fábrica de menino sem pai, tudo danado, tudo sem pai!” Ele falou: “Que você tem com isso? Que que isso é da sua conta? Tem que dar comida pros meninos sim, já foi gerado péssimo, o útero pobre, não teve pra oferecer, e o governo já fez muito atrasado, vai ser uma maravilha, vai ser um Brasil mais saudável” e tal. “Fanoca, você fica mandando esses meninos escovar dente, chega no sábado e no domingo não vai escovar!” “E que que você tem com isso? Meu problema é escovar de segunda a sexta! Não, Martha, você raciocina tudo errado”. Eu tenho uma raiva dessas mães porca, preguiçosa, com a casa tudo suja! Ele falava: “É isso mesmo, cada um dá o que tem, deixa o menino aqui comigo que nós vamos cuidar!”. Ele era um destaque na Associação, é Associação que chama, dos secretários?

**PESQUISADORA: É a UNDIME né? A União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, uma coisa assim... Ele foi representante, né?**

PANNUNZIO: Ele pegava o microfone, o pessoal falava assim: “Mas o senhor é formado onde?” “Na escola da Praia Vermelha, em medicina, no Rio de Janeiro”. “Não, mas e aqui?” “Aqui não, eu aprendi com o... como é que chamava o homem lá?

**PESQUISADORA: Anísio Teixeira**

PANNUNZIO: Com o meu guru Anísio Teixeira. Subia no morro pra alfabetizar lá na favela todo domingo da minha vida de estudante. Então ele era assim, um patrão amado, sabe? Uma coisa assim, eu, por exemplo, sou odiada, graças a deus (risos), mas ele era amado!

**PESQUISADORA: Ele tinha o passo leve, né?**

PANNUNZIO: Ele chegava ali na fazenda, chegava, abraçava e falava: “Vamos ali, vem cá, tô precisando trocar uma ideia com você... Se tinha bronca, a bronca era doce. Eu sei por informação, porque eu nunca vi, mas lá na Educação nunca ele desqualificou ninguém publicamente, se tinha alguma coisa pra acertar, “Na minha sala, dia tal, vamos lá conversar”. Sempre ele falava assim “Eu achei a diretora assim, sabe que ela até tinha um pouco de razão?” O Fanoca, não sei se ele falava também só pra parar a conversa, mas ele falava: “Não, é porque ela avaliou mal, ela não foi feliz na avaliação, mas a cantineira é muito boa pessoa, não, lá não tem problema nenhum. Quem falou que tem problema? Você é muito faladeira” (risos), “Mas é que eu conheço todo mundo, Fanoca, eu vou às escolas, eu vou na fazenda, eu sei do fuxico”. “Então você para de ser uma central de fuxico! Tá tudo bem”. Mas estava mesmo...

**PESQUISADORA: E o apelido dele veio de onde, Martha?**

PANNUNZIO: Não, devia ser Franoca né, Afranio... Devia ser Franoca, mas uma preta velha chamava ele de Fanoca. E ultimamente as filhas dele: “Mas por que você chama meu pai por esse apelido cretino?” “Porque é meu irmão e eu ponho o apelido nele que eu quiser!”, Fanoca! Fanoquinha na época de...

**PESQUISADORA: Ele não importava?**

PANNUNZIO: Elas falam que ele não gostava, mas ele nunca falou que não gostava. Porque todas as tias, todas as primas... Fanoca, Fanoca. Pra nós não é nada pejorativo.

**PESQUISADORA: Normal! Você lembra o nome da professora dele da infância?**

PANNUNZIO: Iraci Junqueira de Andrade. Ela dá nome a uma escola. Todos nós fomos, porque a gente teve um acidente criança, o carro bateu, esbagaçou, eu e o Zé Olímpio, eu fiquei no chão, nenhum cortado, nem um sangue, nem nada. Meu irmão moeu uma perna dele. Aí cataram meu irmão, minha mãe estava com uma saia de godê

plissado, ela abraçou o meu irmão assim, ó, eu estava bem no chão, alguém gentilmente me catou do chão e me sentou no carro, quando sentou até hoje eu escuto o grito que eu dei, tive 16 perfurações, aí virou aquela coisa. Uma hora eu falei pro meu pai: “Cadê meu pé?”, eu não vi mais o meu pé, barriga enorme, né, inchada. Duas da manhã o médico falou: “Afrânio, se fosse filha minha... ela vai morrer de choque anafilático, qualquer coisa, mas eu não estou aguentando ver esse abdômen, ela tá apodrecendo por dentro”. Aí puseram o osso pra dentro, foi aquela coisa horrorosa, deve ter sido, mas “Se fosse filha minha, você podia me autorizar a operar essa menina com o risco que for”. Meu pai falou: “É sua filha, pode fazer nela o que você achar que precisa”. “Mas ela não vai sobreviver, só que na hora da anestesia ela já vai ter um alívio muito grande, vai ficar inconsciente, ela não vai ver... mas eu preciso ver o que foi que aconteceu, o estrago que o transporte dela foi maior, se ela tivesse sido retirada do chão na maca, mas não, eu não sei como que tá o útero, o ovário, tem que ver isso aí.” Eu tinha 6 anos, aí operou e tal, e minha avó pediu pra assistir a operação. Minha vó falou assim: “Tiraram toda sua barrigada e puseram numa travessinha assim, ó, e foram lavando.” (risos) Eu não sei como que foi, sei que eu sobrevivi. Vaso ruim, né! Mas eu fiquei 6 meses assim, quieta numa cama, mexendo nada, 61 dias em coma, não falava, só respirava sozinha, sem aparelho. Eu dormi. A bela adormecida. Sei que um dia eu acordei, dizem que eu olhei assim, tinha uma pessoa muito feia no meio da cama, eu morrendo de medo, a mão na minha testa, aquela mão gelada, eu morri de medo. Chico Xavier, o meu despertar assim da morte. Meu pai adorava o Chico Xavier, foi buscar o Chico, eu acordei com a mão dele aqui. Aí tinha um doutor em Uberaba, esse eu não lembro o nome, eu gostava desse especialista. O Chico Xavier era feio, né? O Chico era muito feio, eu tinha medo dele, mas ele frequentava às vezes a minha casa. Aí depois fui sarando, aí me puseram em pé um dia pra ver como que estava né, uma perna estava muito menor que a outra, mas ninguém mediu, eu caí assim, na primeira hora que me puseram eu caí, dormi 6 meses, não quebrei nada, aí a minha cura foi com tijolo, um pedacinho de tijolo amarrado numa corda no meu pé, espichava a minha perna (risos). A tração do tijolo, fiquei 6 meses com essa perna, cheguei até a 2 tijolos, assim puxando minha perna. A fisioterapia da época (risos), mas quando não tem que ir não vai, né, foi muito assim engraçado pra gente. Então, nesse momento desse acidente o Afrânio tem 4 anos, eu tinha 6, ele já ia fazer 5, foi dia 3 de maio, 2 meninos de cá pra dar a mão pra minha mãe, 2 de cá, o carro veio por trás, esses dois foram chutados não sei pra onde, um era o Afranio, outro era Mário Augusto, e o carro derrubou minha mãe e pegou a gente, eu e o Zé Olympio. O Afranio só foi entregue lá no hospital dois dias depois, alguém foi lá levar (risos), a minha mãe tinha até esquecido que tinha aqueles outros filhos, estava tão... (risos) primeiro alguém entregou Mário Augusto, ele correu por esse Uberaba gritando... “De quem que você é filho?” “Do meu pai.” “Ah, tá, seu pai...”. E alguém segurou o Afranio na casa, alguém que sabia, naquela época sabia. “Não, o Afranio avisou pro meu pai, mas deixa, a mulher tá cuidando dele bonitinho. E o outro?” Ele falou: “Uai, tem outro? Não sei, não sei de outro”. Mas alguém avisou também que o outro, aí trouxeram esses dois, minha mãe chorava: “Eu esqueci que eu tinha esses filhos!” E ficou todo mundo morando no hospital, né, aquela coisa boa, a gente monopolizou o hospital. E eu acho que esse acidente também dirigiu muito a opção deles pela medicina, sabe. Porque lá eles empurravam a cadeira de roda de doente, tinha criança esperando pra não sei o que, “Não, agora mesmo você vai ficar boa, nós vamos jogar bola lá no quintal”, então eles viveram a vida do hospital um ano,

né, eram os irmãos que estavam lá, eu estava mal e tal, mas eles estavam circulando lá pela cozinha e tudo, o hospital foi muito generoso com a gente.

**PESQUISADORA: Então foi a primeira experiência deles com a medicina mesmo, né?**

PANNUNZIO: Com a medicina sem medo, né? Tinha uma enfermeira lá, uma velhinha, ela falava assim: “Será que o travesseiro chora se a gente der uma injeção nele?” “Por que, travesseiro chora?” “Eu acho que chora, porque menino chora quando toma injeção, não é? Vamos ver se o travesseiro chora? Vamos ver se dói no travesseiro? Você que vai dar!” Fanoca era o rei de dar injeção no travesseiro! “Meu travesseiro não chora, ele é homem!” (risos), então, quando ele ia tomar injeção, ou a gente ia tomar injeção, ele falava “Martha, você é homem, você não chora!” “Ah, é? Mas eu não sou homem!” “Mas você não chora!” Então a medicina entrou na nossa vida por via daquele acidente, daquele um ano de permanência lá dentro. Quando a gente sarou, é aquela foto ali (aponta a foto na mesinha), ó, nós estamos ali saindo do hospital... Eu virei um fermento de gorda, eu fiquei mais alta que o Zé Olímpio, tá vendo? O Zé Olímpio tá com a perna ainda amarrada. Eu virei uma broa, tomei tanta Penicilina, virei um elefante. Aquele perto do Mário Augusto é o Afranio, aquele atarracadinho lá é ele. A mãe tirou assim uma foto comemorativa. Foi nessa época que a minha mãe, ela sofria muito, ela tinha queda de..., tinha o rim, ela não era saudável, não estava segurando bem no lugar, e o médico falou: “Joaninha, você tem que suportar mais uma gravidez pro seu rim ficar seguro, escorado, pra voltar essa musculatura do seu... você tá muito fraca, você deveria ser uma pessoa pra andar de quatro, pra engatinhar! Você não podia ser bípede, você tinha que ser quadrúpede, porque o seu organismo não tá saudável, você precisa ficar um tempo, não dá pra botar uma escora no seu rim com você andando, mas uma gravidez vai te ajudar”. Aí ela engravidou do Chico Humberto. E o Chico, meu pai botou [o nome] por causa do Chico Xavier. Francisco Candido Xavier, que meu pai adorava. E Humberto por causa do doutor Zé Humberto Rodrigues da Cunha. Aí nós saímos do hospital, meu pai nessa época era rico pra danar, o boi dele tinha sido premiado no dia que a gente quase morreu, o boi estava sendo premiado, campeão não sei o que... Aí, quando a gente... o Getúlio Vargas, foi o último ano do Getúlio ditador, 45, estava lá na exposição, porque o Getúlio era pecuarista lá no Rio Grande do Sul, tinha boi, tinha gado... Ele veio prestigiar o de Uberaba. Aí chegou a notícia assim: morreram todos! Chamando Afranio Azevedo, Afranio Azevedo... Meu pai estava no palanque, no dia de quebrar o champanhe no boi premiado! Tinha uma mulher pelada, que tirava toda roupa e enrolava numa cobra, tal, aquele delírio de fazendeiro exótico, né? Aí avisaram, a pessoa que avisou veio toda ensanguentada, teve que ajudar a pegar a gente, “Morreram todo mundo” Meu pai saiu louco, o Getúlio falou: “Quem que é essa pessoa?” “É o dono do boi premiado!” “Oh, que dó, quantas pessoas?” “Não, meia dúzia, um mundo de menino, morreram tudo.” No dia seguinte, isso era um domingo, dia 3 de maio era um domingo, o avião do Getúlio, o avião da Força Aérea Brasileira (FAB) especial ia decolar 10 da manhã de Uberaba, o Getúlio foi lá no hospital pra saber que que tinha acontecido, tal, tal. “É melhor o senhor ir na funerária, que esse povo já morreu, né”. “Não, vê aonde que tá esse povo”. Ele estava hospedado na praça Rui Barbosa, e o hospital era logo do lado, foi lá. Estava tudo no desespero, eu já tinha saído da sala de operação, eu saí muito ruim, fui operada às 2 horas da manhã, saí às 8 horas e fui pro quarto. Aí ele falou: “Eu vim pra te apresentar o meu Ministro da Aeronáutica, João Alberto, tem avião nosso que vai de 15 em 15 dias aos Estados Unidos, é intercambio, vai lá”. E o João Alberto

falou: “Seu Afranio, seguinte, tem um bando de doido lá nos Estados Unidos, que descobriu uma vacina, chamada penicilina, é um trem feito de mofo, não sei de que. Já experimentaram em gato, em cachorro, em rato, diz que tá sendo bom pra infecção, e tão fazendo experiência em humano. É só a pessoa fazer um documento, reconhecer firma em cartório que ela aceita, porque pode ser que mate também. Chama Penicilina, uma coisa super fechada, tá em pesquisa e tal, o senhor vai mesmo perder esses meninos, se o senhor quiser experimentar, vai um avião depois de amanhã”. Zé Olympio perdeu a musculatura da perna, ficou no osso, Zé Olympio ficou em cima de folha de bananeira verde, não podia pôr pano nenhum nele, mosquito voando, açúcar cristal pra ver se cicatriza, aquilo melando, nossa, foi um horror! Perdido por perdido, vamos tentar, né. “O senhor tem coragem de mandar aplicar um remédio? Já aplicaram em gato, cachorro, rato... mas o senhor tem que ir no cartório dar esse documento, o senhor e a mãe dos meninos, se o senhor concordar...” E o doutor Zé Humberto falou: “Vamos, só isso que tem, não tem outra coisa, ou é isso ou nada, Afrânio, eu não posso falar pra você que isso é um caso perdido, eles estão vivos ainda, o caso deles é muito grave, só tem essa chance de ter essa penicilina, porque não tem em lugar nenhum ainda”. O cartório era perto do Jornal do Comércio, ali do lado, meu pai e minha mãe foram lá, fizeram o documento na hora, aceitando, oferecendo a gente como cobaia. Aí o médico deu o laudo da ocorrência, tal, tal, tal, nosso estado e tudo, três dias, quatro dias depois chegou esse João Alberto, veio no avião da FAB pra Uberaba, ele trouxe um tanto, veio dentro de um bloco de gelo, porque não tinha nada térmico pra pegar, então veio trocando esse gelo não sei daonde, para pra abastecer o avião, troca o gelo de novo e tal. A penicilina era o pó e diluía no leite, você tinha que diluir aquilo e imediatamente aplicar porque ela pedrava, né... Vinha médico de Jundiaí, de Franca, de Salvador, não sei o que, pra ver aquela aplicação... “Que é isso?” “É penicilina”. “Mas como que chegou aqui, como que tá reagindo?” Onde aplicava, pedrava a carne da gente, aí tinha que ir pra compressa pra despedrar aquele tecido ali, né? Eu estava morta porque eu só acordei 60 dias depois, mas aí vinha a cada quinzena, chegava uma papelada daquela penicilina pra nós. Sabe que que eu virei? Um fermento, eu virei uma broa de gorda! (risos) Nossa! Pra aplicar aquela penicilina tinha que sair todo mundo do quarto, aquele tanto de médico... “Posso aplicar?” Doutor Zé Humberto falava: “De jeito nenhum, esta responsabilidade aqui é minha, os colegas, sinto muito, mas cala a boca todo mundo, vamos lá” e tal. Demorava a aplicar aquele troço, né... Era pó e diluía daquele tanto, não podia perder nada daquilo lá, a embalagem do líquido, e aí sacudia... A agulha era grossa, a gente ficou muito tempo pedrado. Mas o remédio era bravo, né? Agora você pensa, ter o Presidente da República, ter o Ministro da Aeronáutica disposto a trazer não sabe da onde, não era pra eu ter morrido mesmo, né? Meu pai tinha tanta fé! Ele falava assim: “Não, não vai [morrer]! Se a fé remove montanhas...” Eu falava: “Pai, mas como que o senhor acredita nisso?” Ele falava: “Você é pequena minha filha, você não alcança o que eu estou falando!”

**PESQUISADORA: Na sua casa você tinha falado da questão das leituras, das disputas que vocês faziam das poesias e tal... Tinha algum livro que o Afranio lia que era o que ele gostava mais, que chamava atenção?**

PANNUNZIO: Não, nossa bagagem de leitura foi toda assim, nós e a livraria Bazar Mazaropiioio que chamava, a gente lia o que a gente queria lá. A gente tinha até carimbo de biblioteca, “Irmãos Freitas Azevedo” nessa biblioteca, bonitinho demais né? Aí quem carimbava dava seu autógrafo, o Zé Olympio, Afranio, Mário Augusto... Era uma coisa linda, por isso que a gente fica com essa casa cheia de livro!

**PESQUISADORA: Você ainda tem algum livro desses, Martha, da época da infância?**

PANNUNZIO: Com esse carimbo? Eu tenho dado livro assim, papelada pra Biblioteca, né... Acho que não sei se tenho ainda não, não devo ter não. Aí, assim, como eu cresci toda atrofiada, né, então não era pra eu casar nunca porque meu útero, ovário, trompa, tudo tinha sido esmagado. “Cria essa menina no esporte, na música, na viagem, larga dessa coisa de namorado, não vai dar certo, ela ficou muito prejudicada”. Então, no próximo aniversário, quando eu cheguei a casa, ia fazer 8 anos de idade, aí foi uma grande festa, uma mesa de frutas, uma mesa de doces maravilhosa, um bolo de lata que Mário Augusto tinha indicado pra mim, uma grande festa. Na hora de soprar a vela minha mãe falou: “Traz o presente dos aniversariantes”. Ganhou uma bicicleta de rodinha o Mário Augusto, pensei: “A minha agora mesmo chega, né...”. Meu pai trouxe uma caixinha assim. Falei: “Que que [é] isso?” “O seu presente!” “Não quero! O que que tem aqui dentro? Não quero! Por que que eu não ganhei bicicleta?” “Porque você vai andar na bicicleta dele!” Ele falou: “Na minha não! Ela vai arranhar minha bicicleta, ela é gorda!” Eu fiquei tão enlouquecida que eu puxei a toalha da mesa assim, ó, com o bolo, que caiu tudo no chão! Apanhei no dia do aniversário! Menina do mal, né, ah, era uma caixinha desse tamanho, uma porcaria de caixinha! Aí fiquei de castigo, comemoraram a festa lá, minha mãe muito contrariada limpando aquele chão, cheio de primo, cheio de tia. “Nossa! Coitadinha dela, ela vai ter que cuidar desses meninos de outro jeito! Tá precisando de chicote, de chinelo!” Tinha um pedreiro na minha casa, no outro dia de manhã meu pai foi lá abrir a janela e falou: “E aí? Como é que vai a braveza hoje? Vamos levantar que a gente tem que fazer um passeio agora mesmo!” Eu tinha um cabelão, vamos lá, o café na mesa, aquela mesa... “Não quero! Nunca mais vou comer na minha vida!” Aí todo mundo tomando café, minha mãe brava comigo, meus irmãos todos me olhando assim... aí meu pai chamou o pedreiro e falou: “Preparou o carrinho?” Ele veio dentro de casa com um carrinho de pedreiro lavadinho e tal. “Cadê os tijolos que eu pedi?” Aí ele trouxe acho que 6 tijolos... “Vamos embora! Vamos embora!” Aí meu pai me pôs dentro do carrinho, assim, sentada no tijolo e foi me levando pela rua abaixo, rua Tiradentes com a SANTOS: Dumont, ali, no passeio, à direita de lá era o Santa Clara, de cá era o Correio, o Correio naquela época... nós chegamos lá, eu fui no carrinho, eu e o Fanoça, que ele era menor também. “Desce, desce!” Dona Ismênia, diretora do Correio, veio: “Marthinha, que gracinha! Ela tá tão bonitinha, mas graças a Deus! Que papelão que você fez ontem, né?” Eu já não gostei! Por que que ela tinha que saber da minha vida, né? “Fanoquinha, que gracinha!” Fanoça, todo mundo gostava dele, porque ele era civilizado, né... (risos) Aí meu pai falou; “Não vai perguntar nada?”, “Não.” “Que que a gente veio fazer aqui? Pergunta, benzinho, que que você veio fazer aqui.” “Não pergunto!” Aí meu pai falou Zé Olympio põe os tijolos que você trouxe, assim empilhados, para que eu pudesse subir para alcançar a caixa postal, naquele tempo tinha uma parede assim cheia de caixa postal... Aí ele abriu a caixinha, tinha uma chave desse tamaninho lá, ele falou; “É seu presente!” Falei: “Essa porcaria? Não acredito” O Mário Augusto com a bicicleta de rodinha! Ele falou: “Pode subir!” Dona Ismênia falou: “Olha o número da chave.” Tinha um número na chave, não sei se era 113, sei lá, e a caixinha lá em cima assim. “Sobe! Essa chave é dessa portinha, essa chave magrinha.” Porcaria de chave, né? “Abre, abre!” Aí o Fanoça falou: “Você quer que eu abro pra você?” “Não! Não quero!” Acabei subindo. Quando eu abri, menina, lá dentro tinha um monte de livro! Uberlândia não vendia livro, não tinha livraria! Tinha uma coleção completa dos “Mais Belos

Contos de Fada”, um livro desse tamanho! Tinha umas 8 coleções, Os Mais Belos Contos de Fada chineses, da Rússia, não sei daonde, aquele tanto de livro! Eu fui puxando assim, caía livro, meu pai pegava! E tinha uma coleção completa do que existia até então do Monteiro Lobato, era muito linda aquela caixinha! Eu vi que tinha muito livro lá, eu ia tirando e ia tendo mais! Que isso? Uma caixinha magrinha assim... Aí ele falou: “Então, é pra você!” Aí eu achei bom, né, porque eu era a única menina que tinha uma biblioteca, na minha família ninguém tinha, então as primas iam lá pra ler, meu pai falava: “Larga de ciúme! Empresta pro seu primo! Deixa ele levar, depois ele traz.” Aí tinha uma prima minha que levava, rabiscava, eu reclamava pra mãe, ela falava: “Mas ela desenhou, que lindo que está o seu livro agora!” “Que porcaria essa prima! Não vou emprestar mais!” “Vai, vai sim, fala pra ela desenhar dentro do desenho mesmo, pra não ficar fora”. Mas ela fazia tudo errado! Então assim conduziram tudo, né, mas os meus irmãos ajudaram muito, porque eles ficavam perto de mim: “Conta mais!” O Zé Olympio falava assim: “A Martha mente, essa história não é assim! Não acaba assim!” Mário Augusto mais o Fanoca: “Mas deixa ela contar, porque tá bom!” Eles me ajudaram muito! Um muito bravo e os dois meus jagunços, companheiros, foi uma trinca assim...

Então assim eu acho que, apesar da vida do Afrânio ter sido acidentada, e o casamento não resistiu à... sogro dele era general, né, general do golpe! Nunca que eu consegui, falava mal daquele homem, Afrânio falava: “Não é da sua conta!”. E hoje minhas sobrinhas falam: “Meu pai adorava o vô (incompreensível)”, e eu falo: “Nossa...”. Eu engulo, fazer o que, né? Mas não deu certo...

**PESQUISADORA: Ele casa a primeira vez com quantos anos? Com a mãe das meninas...**

PANNUNZIO: Se casou quando ele era estudante ainda. Ele enlouqueceu de paixão por essa... e ela tinha 3 tias e a mãe, então o Fanoca falava que ele tinha 4 sogras, porque ela foi a única filha dessas... tinha um rapaz, um primo, mas ela foi a única menina de 4 irmãs, então todas as tias... e ele se deu muito bem, ele fez uma casa muito boa na praia pra hospedar essa velharada toda, uma suíte pra cada tio e tia... ele sempre foi muito bom genro, de todas as sogras ele foi, elas gostavam dele. E quando ele se imbricou com a Eliane, meu marido estava mal, estava morrendo... ele apareceu com a Eliane lá no hospital, lá na UFU. Humberto ficou lá 30 dias, depois faleceu, veio a óbito. Ele foi uma noite lá com a Eliane, ela é baixinha, pequenininha, eu conheci a Eliane antes porque ela era casada com o Jorginho que tinha sido meu aluno, ela é neta do Nicomedes, Filha do Ari Alves dos SANTOS:, neta do Nicomedes, gente... sobrinha do Virgílio. “Afrânio, você tá doido? Não tinha outra mulher não pra você arrumar? Sobrinha do Virgílio Galassi!” E olha, ele acabou cativando tanto esse pessoal, porque aí veio a coligação, né, Chico foi vice do Virgílio, eu quase morri de chorar, de ficar brava, eu era presidente do partido, tinha que aguentar aquele Virgílio chegando assim.... nossa senhora! E o Fanoca foi e falou: “Não, eu vou ajudar essa campanha, mas quem vai decidir, coordenar o assunto que eu domino, é a educação! Tá muito claro pra mim que é a educação de classes menos favorecidas, só tem um caminho: dar tudo! Merenda boa, uniforme bom, professora boa, sala boa, ventilada, fresquinha, transporte!” Quando tinha reunião dos dois partidos, o Virgílio ficava assombrado! “Mas que que isso? Isso vai custar quanto?” “Não interessa, isso não é custo, é investimento! Educação não é custo. O senhor não vai aproveitar, mas daqui a 20 anos outro vai aproveitar, é o país que está aproveitando”. A gente não tinha essa visão, sabe? Pensava assim: Nossa, que desperdício, que caro! “Pra que que precisa ser a escova de

dente mais cara?” “Por que não? Ela vai durar mais! Porque não é da sua conta!” Tudo ele falava “não é da sua conta!” (risos).

Quando ele propôs fazer aquele EMEI foi um espanto, né, fazer uma creche pra 600 crianças! Quando der sarampo vai morrer todo mundo, porque 600 meninos com febre! Não dá! Ele falava: “Cadê seu diploma de médica?” Então tá! Vai dar sopinha na boca de 600 meninos? Ele falou: “Eu contrato 600 professoras!” “E as mães tão fulerando lá fora?” “Não é da sua conta! Tomara que ano que vem venha mais!” Quando inaugurou aquele MEI... (pausa- chora de emoção). Foi feito muito rápido, né, rapidamente! Na época, não sei como que tá hoje, mas na época foi uma coisa maravilhosa! Aquele tanto de professora contratada, aquele tanto de cantineira, pessoal tudo uniformizado, a inauguração foi... uma apoteose! Um monte de cidade, gente veio de Goiânia, de Cuiabá pra ver, porque foi um espanto, né! Nossa, que loucura, gente, não pode, esses meninos vão adoecer! Aí foi uma emoção, porque o MEI foi inaugurado com 600 bebês, não sei que idades eles tinham...

**PESQUISADORA: O MEI era de 4 meses até 6 anos. Aí eram os blocos, tinha o bloco de berçário, depois o bloco de educação de 0 a 3, depois de 3 a 6, e até hoje é assim...**

PANNUNZIO: A parte da cantina, da refeição, era refeição escalonada pra criança que tivesse perfil de diabético, criança que tivesse não sei o que, não sei o que... mas que que isso? Tá pensando que a gente tá na Europa? Ele falava: “Aqui é melhor que a Europa!” Então foi tudo visão dele, né. Eu falava: “Fanoca, mas você é cirurgião plástico...” E o Virgílio teve que fazer um compromisso com ele: “Eu vou ajudar na campanha, na parte teórica da campanha”. Ele era estrategista bom, ele falava assim: “Política não é do jeito que a Martha fala, isso é loucura! Política é a arte do diálogo, dialogar!” O Chico era jovem, bonito, deputado federal, o Virgílio já estava decadente. Então é o seguinte: diálogo! Uma câmara harmoniosa. Eu falei: “Eu vou fazer oposição!” “Não vai! Você não vai!” Então saiu a constituição nova, né, que falava que 20% do orçamento era pra educação. Eu falei: “Eu vou vigiar dia e noite esse dinheiro aí”. Foi bom porque a Nilza também era vereadora, a gente era a mulher do (incompreensível), Virgílio ia implorar na Câmara, entrava na sessão, pedia a palavra, falava: “Eu venho pedir encarecidamente pros vereadores da oposição, aliás, as vereadoras de oposição! Eu quero voto pleno, toda a Câmara de acordo, me dá 8% desses 20%, é muito dinheiro pra educação!” Aqui, ó, pra você, cara! De jeito nenhum! Então ele pôde fazer esse monte de escola, porque dinheiro estava vindo, nunca deixamos nenhum um tostão desviar pra nada! Aí tinha panelas maravilhosas, tinha tudo maravilhoso, tinha uniforme, tinha touquinha pra cozinheira! Uberlândia nunca tinha visto isso!

**PESQUISADORA: Nessa época do primeiro governo você estava de vereadora e o Chico era vice-prefeito e deputado?**

PANNUNZIO: Mas a turma do Virgílio era unanimidade lá, né? Votava tudo do jeito que o Virgílio queria! “Não, mas é importante, porque precisa arrumar a Rondon!” “Ah, arrumar a Rondon, deixa o rio correr na Rondon! Não vai rodar esse asfalto mesmo, não vai! O dinheiro vai pra educação!” “Mas a Educação tá abastecida, Afrânio fica nessa ‘fazeção’ de escola, umas escolas tudo gigantesca, cheia de corredor, cheia de segundo andar, que bobagem! Escolinha faz em qualquer casinha! Fanoca, o bairro só tem pé de chinelo, eles vão arrebentar isso, vão quebrar tudo.” “Não vão!” Hoje o bairro cresceu, mas era uma escola no meio do nada. Você falava: “Que isso? Jogando dinheiro fora!” “Uma escola grande, ventilada, né, um espaço interno enorme, aquela

coisa boa!” Que que isso? E aí fez uma escola que também foi uma inovação. Quando ele propôs isso na UDIME, ele falou: “A escola da minha cidade é escola de segunda a sexta, sábado ela é da comunidade!” Aí festa, casamento, não sabe o que, confraternização, alguma indústria que implantar no bairro, algum comércio do bairro... é para o bairro! “Ih, vai dar errado!” Eu passo nas escolas e fico emocionada de ver, não tem grafite, não tem porcarias, não tem nada. Ele deixou todas lindas, viu, arrumadinhas. O Gilmar foi lá visitar depois da posse, né, não, depois da vitória: “Afrânio, estou visitando todos os gabinetes pra me apresentar, porque eu vou trazer a minha comissão provisória aqui.” Afrânio: “Uai, Gilmar, você não sabe de cor e salteado que que é a cidade e tudo? Você devia ter vindo aqui sempre! Não é só agora não que já ganhou a eleição”. Ele falou: “Não, eu vim só pra te dar os parabéns, doutor Afrânio”. Fanoca gostava dele. “Eu vim te dar os parabéns porque essa é a única secretaria que eu quase não achei problema!”. Fanoca falou: “Gilmar, você não achou nenhum problema! Estou entregando todas as escolas pintadas, alambradas, iluminadas, arrumadas, todos os professores que quiseram reciclar reciclaram, tá todo mundo com a vida arrumada! Na minha secretaria você não acha. Nunca tive um movimento de greve, nunca tive um motim, nunca tive... não tive nada! São temporadas de gestão minha de absoluta concórdia. Pessoal da cidade disputa vaga nas escolas municipais! Não deixa cair essa peteca não!”. Ele falou: “Então, é a única secretaria que tá mais ou menos, né?” Ele falou: “Gilmar, eu vou te acompanhar na porta porque você não pode me fazer uma visita assim... melhorzinha... melhorzinha? Cuida! Aqui tem 20% do recurso do município sagradamente, não mexa nisso, as minhas professoras são amigas dos alunos, amigas minhas, isso é pra sempre. Não mexe nisso não”. Aí, quando entrou, foi a Gercina que entrou? A Gercina já veio dando chute no balde! Ele nunca cedeu nada. Aquele CEMEPE é uma universidade, eu não sei se eles tocam dentro do CEMEPE.

**PESQUISADORA: No meu olhar eles pensam muito na formação de quem ingressa. Eu, por exemplo, que tenho 32 anos de município, eles não fazem formação pensando nesse professor... e aí eles querem que a gente frequente [a formação]. No período que cursei mestrado, eu falei: “Olha, eu não venho mais fazer formação no CEMEPE, porque eu preciso desse tempo de vir pro CEMEPE pra eu focar em outras áreas”. Eles não queriam, porque só aceitavam formações que eram feitas lá ... os cursos pequenos, de 40 horas, 80, que o CEMEPE oferece. Anteriormente eles enviavam às escolas uma agenda mensal com todas as formações para acontecer no dia do módulo de cada ano. Era muito bom porque os docentes se inscreviam antes e o formador sabia quantos inscritos para se organizar.**

PANNUNZIO: A estrutura do CEMEPE é muito boa, as salas são mal ventiladas, eu acho, algumas. Mas tem muito espaço de trabalho...

**PESQUISADORA: Mas o CEMEPE tem uma rede física muito boa. Eu acho que podia ser ainda melhor aproveitado. Eu acho que Uberlândia, Martha, tinha condições de ter uma universidade municipal, usando o espaço do CEMEPE. Uberlândia tinha que ter uma universidade municipal.**

PANNUNZIO: Eu acho que o pessoal tá saindo da UFU muito fraco. Pelo menos na redação das coisas que eles redigem... português horroroso!

**PESQUISADORA: O que vocês gostavam de brincar na infância?**

PANNUNZIO: A gente foi criança roceira, né... tudo de brinquedo de loja a gente teve, mas a gente gostava era de brincar de boiada, com manga, andar de cavalo e cair do cavalo, beber leite no curral, infância rural! Bem misturados com filho de peão,

a gente chamava os ‘nego’ da fazenda tudo de tio, tudo criado num ambiente bom. Olha, eu fiquei sabendo que teve escravidão no Brasil quando eu fui pra escola, que a minha mãe ficou neurótica depois do acidente, “não pode sair de casa”, então colocou dona Iraci em casa, deu aula pra mim, pro primo mais novo, pro mais novo... Lecionou pra nós todos, pegou o Zé Olympio, que já tinha 8 anos, aí a gente ficava em casa desenhando ali, não existia pré, jardim de infância, não tinha nada, você ia pra escola com 7 anos. Quando a gente foi fazer exame de admissão que eu vi sala de aula, aquele monte de aluno, né... Mas o Zé Olympio abriu as portas pra gente entrar, porque ele chegou primeiro, depois eu e Mário Augusto, depois o Afrânio... o Afrânio abriu as portas pra depois fazer o maior sucesso (risos)

**PESQUISADORA: Ele ingressa em qual escola, aqui em Uberlândia ou em Goiânia?**

PANNUNZIO: Não, ele já foi de Goiânia, ele ingressou no Liceu de Goiás. Até então a gente estudava em casa com dona Iraci de Andrade Junqueira. Dona Iraci era assim, uma divindade, a família fazia o maior luxo por ela, o maior respeito por ela... O lanche que minha mãe levava na sala era requeijão derretido na hora com açúcar mascavo! Mas era bom! (risos) Aí é banana, com queijo não sei o que, queijo fresco, rosca, pão de queijo, aquele manjar! Tudo porque minha mãe tinha medo, ficou traumatizada. Eu nem sabia que tinha sala com tanto menino! Minha primeira sala de curso de admissão foi o Eurico Silva, que eu morria de medo dele, que era um manco, não tinha educação nenhuma... “Dona moça gorda!”, eles faziam bullying com a gente! “Esse aqui devia chamar ginásio dos Freitas, porque só nessa sala temos que tolerar 8!” Na verdade tinha 8 porque um monte de primo da mesma idade... gente, mas a cidade era pequena! De outra família Bernardes tinha uma porção! De outra família Pereira também tinha uma porção, porque o povo só fazia filho, né... a gente nunca tinha visto uma sala! Eu lembro de chegar em casa e falar: “Nossa, senta dois na mesma carteira!” Era tão engraçado! Tinha um buraco de pôr o tinteiro assim, né, e dois... era muito engraçado assim o choque cultural! E aí ele vai pra Goiânia pra cursar o primeiro ano do ginásio lá. O Afrânio tocava tarol na banda da escola!

**PESQUISADORA: Primeiro ano do ginásio?**

PANNUNZIO: Hoje seria o quinto ano né. O primário tinha 4 anos.

**PESQUISADORA: Ah, tá, então até o quarto ano primário ele estudou em casa?**

PANNUNZIO: Em casa! A gente fazia todo o primário em casa com dona Iraci!

**PESQUISADORA: Mas aí ela tirava o boletim de vocês por uma escola?**

PANNUNZIO: Não, não tinha boletim naquela época... não me lembro, não tinha isso não, até o primeiro ano do ginásio. De certo no grupo até tinha, né, não sei que exceção foi aquela, mas tinha muita gente que estudava em casa...

**PESQUISADORA: Então, quando você foi pra Goiânia, você já estava... o quê?, na sétima série, oitava?**

PANNUNZIO: Eu já ia fazer o segundo ano do ginásio, que seria hoje o sétimo ano, ou sexto... eu não sei como que é era agora... eu tinha 12 anos né, com 11 eu fiz o primeiro, com 12... mas aí eu já estava descolada, já era muleca...

**PESQUISADORA: Então aquela fase de criança no grupo, de baderna, de correr, de brincar, vocês não tiveram?**

PANNUNZIO: Não. Porque a família Freitas era muito grande, era um tempo que todos da família estavam criando menino, era uma ninhada de primo! E a gente morava na rua Tiradentes esquina com a Vigário Dantas, tem até hoje o casarão amarelo

lá, um sobrado, muito derrubado, muito quebrado, mas era uma coisa suntuosa. Então ali na Tiradentes morava um tio, outra tia... a outra tia fez a casa da minha vó aqui, aqui morava um outro tio, uma outra tia, outra tia, um outro primo... então a gente chamava “Zacarias!”, gritava daqui, ele de lá falava “Tô indo!” (risos) no grito! Porque era tudo ali assim... Mas era bom demais, não lembro da gente brigar, a gente brincava no porão, falava: “Seu avô tá chegando”. Meu avô vinha gigante, com a espora passando, a gente morria de medo dele. Minha vó falava: “Corre que seu avô tá chegando!” Corria pra casa, coração acelerava! A gente morria de medo, ele nunca fez nada com a gente, mas ele era tão grande, tão... aquela espora, né, o barulho da espora... eu nunca conversei com meu avô, estou escrevendo a história dele, mas assim...

**PESQUISADORA: O respeito naquela época era muito.**

PANNUNZIO: É, eu nunca ouvi a voz do meu avô. Mas então alguém tinha passaporte azul, né (risos), o Zé Olímpio tinha e o Afranio também tinha. Ele passava no meio de todo mundo assim, ó, e saía lá... “Vó, essa pipoca de doce, sabe o que que ela está? Supimpa!” Minha vó: “Onde você arranjou essa palavra meu filho?” “Tão falando essa palavra por aí! Supimpa é mais do que melhor!” Minha mãe falava: “De onde você tirou isso, menino? Você fica inventando...” “Mãe, tão falando isso, é uma palavra já.” Ele era assim! E ele era rebelde também. Quando a gente voltou de Goiânia, ele tinha 13 anos, ele tinha feito 14 dia 13 de junho, né, então a gente veio de mudança em junho pra ir pra Belo Horizonte. O Zé Olímpio já estava na hora de entrar pra faculdade de medicina, então ele ia entrar pro terceiro ano científico. Mas era muita gente na mudança, apesar do meu pai ter dado tudo da casa, nós viemos com a roupa do corpo... Ele veio na frente, passou um primo e falou: “Estou indo, meu carro tá vazio, põe um pouco de mala no meu carro, um pouco de caixa, se quiser ir algum menino comigo também eu levo”. Na hora que esse primo mais velho passou, só o Afranio que estava acordado, então ele veio de carona com o primo, a gente sobrou. Ele chegou dois dias antes aqui em Uberlândia. Todo mundo: “Ah, a gente vai segurar você aqui, não vamos deixar você ir pra Belo Horizonte não.” “Não, mas o papai falou que aqui não tem escola.” “Mas pra que ficar estudando tanto, vamos aprender a apartar boi e tal, né?” (risos) “Não, a gente vai estudar mais.” “Não, mas se for estudar nunca mais volta...” Ele chegou à frente. Uma prima estava separando do marido, chifre, ela pegou no flagrante e tal, mandou o marido ir embora... Era uma prima largada do marido. Naquele tempo uma mulher largada do marido era uma coitada, né, não ia pra lado nenhum, ninguém fazia roda, ficava lá enclausurada, envelhecendo, murchando lá. Tinha essa prima, largada do marido... bonita ela, com nenenzinho no colo ainda, já tinha menino, mas o casamento ficou lá em Uberaba e ela veio embora. Essa prima, a gente gostava muito dela, ela tinha 20 anos, a gente tinha 13, era muita distância, né, ela estava passando por outros problemas. O Afranio veio, ficou na casa da vovó, e essa prima nessa casa, a irmã do Zacarias. Quando nós chegamos veio um monte de gente cochichar, falou: “Vixi, tio Afranio, você vai ficar tão bravo!” Falou pro meu pai: “Aconteceu uma coisa!” “Não quero saber, não gosto de fuxico.” “Não, mas aconteceu uma coisa.” Aí sempre tem um fuxiqueiro que acaba contando: “O Fanoca foi batizado na Igreja Católica!” Meu pai virou uma arara! “Como assim? Mas como assim?” Nenhum de nós era batizado, né? “Batismo pra quê? Batismo pra tirar pecado? Não foi nenhum feito com pecado! Que bobagem é essa? Já tá batizado porque ganhou a vida, já tá pronto.” Papai ficou calado assim, não sei se era pra contar, se não era... Mas tinha uns 3 contando: “O Fanoca foi batizado! Ficou com dó da Augustinha porque ela tá largada do marido, aí ela falou Fanoquinha, deixa eu ser sua madrinha.”

**PESQUISADORA: E ele foi católico quanto tempo?**

PANNUNZIO: Tempo nenhum! (risos) Mas ficou aquela coisa assim, palavra de homem não volta atrás! Augusta foi lá muitas vezes: “Tio Afranio, queria pedir desculpas...” “Não, minha filha, você não me deve desculpas não, cabeça dele é que tá fraca! A gente não faz favor assim, a gente não pede isso pra alguém e não aceita! Isso aí você passou da conta.” “Mas tio Afrânio, só um batizado...” “Não, uma bobagem! Batismo da igreja católica é botar água na bacia? É bobagem, bobagem! Ritual, paganismo, coisa de pagão! Ele sabe que isso é bobagem, pra que fazer? Só pra te contentar, e me descontentou, então tudo tem consequência!” Então a gente já falava: “Nossa, o Fanoca, ele é peitudo, né?” Porque, olha, religião na nossa casa era um assunto muito sério, o papai respeitava: “Você não quer tomar essa água fluida? Então não toma. Porque, se você beber debochando da água, você tá se prejudicando e tá me magoando profundamente. Você só vai beber essa água se você achar que alguma coisa aqui é boa e vai te fazer bem.” Então a gente... mas meu pai morreu sem saber que eu era atea (risos). Virou tudo ateu lá em casa!

**PESQUISADORA: Martha, eu li algo sobre vocês terem feito uma viagem pro exterior, vocês quatro, os quatro filhos. Como foi a estadia do Afranio por lá? Depois parece que vocês escreveram um livro?**

PANNUNZIO: Foi assim, o Partido Comunista pediu pro meu pai custear uma passagem, essa passagem era de um camponês de Goiás, alguém da zona rural que meu pai indicasse pra ir passear em Moscou. Quando meu pai chegou contando, falou: “Olha, vai ter uma festa em Moscou, primeira vez que a Rússia vai abrir as portas pra receber estrangeiro, é uma festa pra comunistas no mundo, então o Brasil vai levar 300 pessoas.” Eu fiquei maravilhada! Eu só conhecia cinco comunistas, então 300... (risos) o avião era pequeno, acho que o avião carregava 70 passageiros, então vários aviões iam ser fretados pra deixar os brasileiros em Zurique. De lá a gente acabava de chegar, mas tinha que chegar com documento clandestino, porque o Brasil não tinha relação diplomática com a Rússia, então você desaparecia na Suíça e você acabava de chegar com passaporte do governo russo, você era convidado, hóspede da Rússia. Aí papai contou aquela história, a gente foi olhar o mapa: “Nossa, mas é longe, hein!” Eu já fazia o segundo ano de faculdade, Mário Augusto ainda pelejando no vestibular, não passava, Fanoca estava no primeiro ano, Fanoca passou na frente de Mário Augusto, que ele tomou uma bomba, e o Zé Olympio estava no quarto ano de medicina. Aí o Zé Olympio falou: “Pai, não quero ir pra Rússia. Você quem tem que ir, pai, você é apaixonado nas coisas de lá, é a sua vez!” Meu pai falou: “Não, não vou não porque estou cheio de negócios, não vou não. Você vai, você arranja mais uma passagem pra mamãe, vocês nunca viajaram fora do Brasil.” Zé Olímpio era mais culto do que nós... “Vai, vai, vai!” Meu pai falou: “Não vou, não vou.” Aí Mário Augusto e o Afrânio falaram assim: “Então por que não manda um de nós? O Zé Olímpio, que é o mais velho. Que era da União da Juventude Comunista, militante, né, quer dizer, o Zé Olímpio era mais militante, falou: “Não, não vou não, se tem lugar que vá o papai.” “Mas eu não vou”, ele falou. “Então tudo bem, você dá uma passagem pra esse camponês que não vai aproveitar nada dessa viagem, briga lá no Partido Comunista, você só tá querendo uma vaga, você mesmo vai pagar!” Essa conversa foi passando, Zé Olímpio não queria, janeiro foi passando, fevereiro, de vez em quando meu pai falava... Aí o Mário Augusto falou: “Eu quero ir também! Estou pensando, bem, e é uma chance de ir pra Rússia, né?” Que a Rússia era fechada, não entrava ninguém. Eu falei: “Não, eu também quero, uai, como que é? Você vai e eu não vou? Não sou sua gêmea? Eu vou também!” (risos).

Aí pegamos no pé do meu pai pra ele arranjar passagem pra nós. “O Zé Olímpio não quer ir, bobão, fica aí, mas nós vamos, né, Mário Augusto?” Aí Mário Augusto falou: “Por que o Fanoca não vai também conosco? A gente leva um violão, nós vamos cantar daqui até lá!” E a gente embarcou nessa ideia, atazanamos tanto meu pai que ele foi pedir autorização pra delegação brasileira pra incluir a gente na viagem, gastou umas três fazendas nisso aí, foi caro demais! Eu nem fiquei sabendo na época, fiquei sabendo só depois. Aí o Partido Comunista cobrou do meu pai que ele mandasse um operário da construção civil de Belo Horizonte, então ele bancou 6 passagens! Do operário, do camponês e dos filhos. Foi um escândalo nossa presença lá no festival, porque eu era bem arrumadinha, né? “Quem que é essa capiau aqui?” “Ah, é da roça! Do Goiás.” (risos) “Não sei não, mas o pai dela tá bancando isso aí” e tal. Não sei como ele conseguiu, deve ter sido a duras penas, né. E nós viajamos pra Rússia.

Lá em Moscou acaba que a gente fez muito sucesso, porque a gente usava um crachá enorme que tinha um mapa mundi marcado o país que era Moscou e o país que você veio, as pessoas pegavam aquele crachá e falavam: “Nossa!” Todo delegado, todos os países tinham um crachá todo identificado, né, o número da gente, tal país. A pessoa olhava, do tamanho desse bordado aí da sua blusa, era enorme o crachá! A pessoa olhava, porque era a primeira vez que estava abrindo, no ano 57, tudo destruído da guerra, quarteirões todos destruídos da guerra e tal. Aí então tinha toda informação. Então falava assim... uma tarde lá na praça, Praça Vermelha, uma praça enorme! Aí abre o portão do grêmio aquela coisa lá, aquele barulho, abre um portão enorme assim e saia uns velhinhos baixinhos andando, era um pelotão, um monte de gente de azul marinho, vestidos de terno azul marinho e uma gravata vermelha, todos. E um velhinho de branco no meio. E eles vieram andando, andando, fizeram uma roda em volta da praça, e a gente cantava a música do festival, e dançava naquela roda pra lá, e trocava de par, era uma roda, rodava para lá, trocava de par e dançava ali no meio da praça, um tocava violão, outro tocava flauta, coisa mais linda! Veio aquele pessoal andando, andando, e a dança parou, todo mundo parou de cantar. E quando passou por nós eu olhei e falei, é camarada Tavares em russo, sabe? Eu olhei e falei: ““Tavares Voroshus?””, (Nikita Khrushchev) era o primeiro-ministro da Rússia, aí aquele monte de gente veio em cima de mim, ele botou a mão, ele veio andando pra mim assim, aquela roda assim, estarrecida! E lá as meninas cumprimentavam de um jeito lindo, um pezinho pra trás assim, faziam reverência, eu aprendi isso lá! Todas as meninas da Áustria, da Polônia, de tudo. Eu era muito abrutalhada, né, mas eu achei lindo aquele jeito delas assim, aí eu fiz aquele cumprimento, ele botou a mão no queixo, chegou aquela... uns 50 homens, acho que tudo jagunço, guarda costas, né, aquele pessoal, chegou perto de mim, pegou o meu crachá, e falou: “Mara?” Eu falei: “Não, Martha!” Aí ele falou: “Da Brasília?”, pegou o crachá, olhava e falava: “Da Brasília!” Aí o Fanoca, também meu guarda costas, ficou perto, Mário Augusto também, aí ele disse: “Da Brasília!” Aí olhou minha idade, e ele perguntou se eu estava feliz em Moscou. Falei: “Muito! Cada rapaz lindo que tem aqui!” E ele achou graça, não sei por que, e começou a rir assim, apartando os homens! Aí perguntou o que eu estava fazendo lá. Falei: “Ué, estou no festival, agora estou dançando, né?” Aí perguntou se eu já tinha conhecido o Rio, tá achando Moscou bonito? Falei: “Ué, tá meio derrubada de bomba, né?” Ele falou: “Mas nós não tivemos tempo ainda, nós vamos arrumar!” Aí falei: “E aqui mulher também trabalha muito! Eu nunca tinha visto guindaste, mas aqui é cheio de guindaste, e tudo mulher pilotando guindaste, subindo parede inteira de prédio, eu nunca vi isso no Brasil.” Naquele tempo a gente usava anágua, você rodava, aparecia a

calcinha, né, na roda! Quando nós paramos de dançar, ele afastou de mim, chamou alguém lá, tirou uma foto e falou (fala em russo): “Graciosa, bonita!” Aí eu falei: “Obrigada!” Eu já sabia meia dúzia de frases, me dá um beijo, você é bonita e tal... Aí ele falou: “Quer conhecer o Palácio aqui?” Eu falei: “Quero!” Não estava previsto entrar no Kremlin. Ele falou: “Amanhã às 5 horas estou te esperando.” Ele falou pra turma: “Amanhã às 5 horas é pra pegar essa menina e levar na minha sala!” O Zé Olímpio, meu irmão: “Não aceita!” Eu falei: “Eu quero sim! Mas eu tenho três irmãos comigo!” “Três? (risos) Quatro pessoas da Brasília?” “Da Brasília!” Aí marcou, 5 horas amanhã conhecer o Kremlin, né, eu enlouqueci! “Vou conhecer o Kremlin!!!” No outro dia, na primeira página: Garota brasileira dança com premier da Rússia! Foto linda que ficou. Eu era muito metida nesse tempo, né, achei muito bom (risos). No dia seguinte nós fomos pra Praça Vermelha, 3 da tarde, Fanoca levou o violão, ficamos tocando violão até dar 5 horas, vai chegando gente, chegando gente, um festival lindo! Aí o pessoal falava: “Vocês vão entrar lá? Cuidado, eles vão prender vocês lá dentro, não vai não, se fosse você eu não ia.” (risos) Parecia que tinha 50 pessoas com ele, nós fomos entrando, Zé Olímpio não foi, (“não entro não, isso é uma cilada!”), nós fomos, eu toda assanhada. Aí chegamos lá na sala, tinha uma mesa posta, um lanchinho mais simples, maçã verde, maçã vermelha, umas balas de arroz, bala goma lá, algum biscoitinho não sei do que lá, e um presentinho pra mim, pra minha mãe e pras namoradas dos meus irmãos, a boneca russa, aquela que você abre e vai saindo... Ele mandou preparar uma pra cada uma pra gente trazer de lembrança! Aí conversou, conversou, ele falou, tinha intérprete de espanhol e francês pra falar com a gente: “Mas como que vocês estão aqui?” Fanoca estava com o violão. “Vocês são artistas, musicistas?” “Não, exatamente não, ele estuda medicina, eu estudo letras, o outro tá preparando pra medicina, o outro não veio, ficou lá fora.” “Mas que que vocês estão fazendo aqui?” “Ué, tinha passagem, meu pai comprou a passagem e a gente veio.” Ele levantou assim, quieto: “Comprou passagem pra quatro? Mas tem tão poucas passagens no mundo inteiro! Como que seu pai comprou quatro passagens?” “Ué, meu pai é rico.” “Mas o seu pai faz o quê?” “Meu pai já foi deputado do Partido Comunista, mas ele deixou, e meu pai é fazendeiro.” “Fazendeiro, como assim?” “Ah, numa fazenda ele planta café, na outra fazenda é só pra criar o gado, na outra fazenda tá derrubando pra fazer...” Ele não entendeu nada, falou: “Como? De quem é a terra?” “Do meu pai!” “Mas o seu pai tem isso tudo de terra?” “Tem, no Brasil as pessoas têm terra” “Deles?” “É! Meu avô também tem!” Samba do crioulo doido! Ele ficou tão desnorteado, ele disse pra mim (fala em russo): “Nós fizemos uma revolução aqui, nós cortamos o pescoço do czar e da czarina pra acabar com essa terra grande na mão de pouca gente. Como que é o partido comunista no Brasil? Se o seu pai tem muita terra que é dele, isso pode? E seu pai é comunista? Por que ele tem essa terra?” Falei: “Não, ele custou pra comprar, ué, custa caro, não é assim não, se ele não fosse rico ele não teria mandado tanta gente pro festival!” “Mas como, comunista rico?” “É! O senhor acha que tratar do Luís Carlos Prestes é barato? É caro! Meu pai custeava o partido comunista de Minas Gerais, que não existe, e o de Goiás também. Não é brincadeira não, é sala, diretório, foguetório...” Aí ele falou: “Mas nós fizemos uma revolução aqui na Rússia pra acabar com a burguesia!” Eu falei: “No Brasil vocês dão graças a Deus de ter comunista rico igual meu pai, se não nem tinha partido comunista! Vamos cair na real, o senhor vai me desculpar, mas vamos falar francamente.” E o Fanoca era bom, o Mário Augusto também, e a gente naquela falação, naquela alegria de estarmos ali, nós achamos uma maravilha. Nunca tinha atinado com isso, que era uma discrepância, né, meu pai era latifundiário e era

comunista. Depois que eu falei: “Gente, mas que coisa engraçada, né!” Mas era na boa! Aí ele ficou assim assombrado e falou: “Eu gostei muito de conhecer vocês, vocês são uma enciclopédia! Do avesso de tudo. Eu nunca mais vou esquecer o Brasil!” Eu falei: “Olha, e se o comunismo der certo lá, o senhor pode explicar pra todo mundo: foi graças a gente que tinha dinheiro no banco, tinha terra, até pro senhor ter que esconder comunista, as vezes a gente precisa esconder um companheiro, ainda bem que tem uma terra pra esconder” Ele não entendeu nada, ficou muito passado, aí ele meu deu um monte de jornal de nós dois na capa do jornal: “Você já viu?” Falei: “Eu já vi, eu já soube, mas eu não tenho” “Eu sabia que você não tinha, então eu mandei comprar pra te dar, pra você levar, pra você lembrar que um dia uma menina brasileira assombrou o premier da Rússia!” Aí me abraçou, abraçou apertado e tal. “Fica um pouco aqui.” Falei: “Eu vou contar uma coisa pro senhor, o seu pessoal é muito mal educado! Eu uso roupa linda, quer ver, minha combinação bordada, olha aqui, minha roupa é muito linda, o pessoal na rua fica levantando minha saia pra ver como que é minha roupa!” Eles eram uma curiosidade, sabe, assim, quer ver como que é seu sutiã e tudo, seu relógio, e tal, eu achei muito esquisito. Mas eu falei assim: “Eu trouxe quatro dessa aqui, ó, bonitinha, e já doei, é tudo combinada com a calcinha, chama combinação isso aqui e tal, eu já doei pra indústria de vocês fazer assim” Ele falou: “Nunca! Nunca vamos poder fazer assim, aqui são milhões de pessoas, o que é pra um é pra todos, nunca vai ter, mas eu agradeço. Deu pra quem?” “Ah, eu dei lá pro setor de confecção que eu fui, porque todo mundo fica querendo virar minha roupa pra ver como que é, então eu dei.” Foi um encontro assim tão divertido, sabe? A gente foi falando bobagem, né, depois nós saímos lá fora, ganhamos um monte daquelas bonecas... Aí ele falou pro Fanoca que se ele fosse russo ele se chamaria Afranovitch, que é o Afrânio filho do Afrânio, né... Afranovitch. Aí ele perguntou o que nós sabíamos tocar, nós soltamos uma Ave Maria do Morro, tão linda, ele chorou assim (risos), falou: “Mas tá falando do quê?” Eu falei: “É isso aí mesmo, é só bonito!” Ele ficou encantado! Aí, menina, depois disso ele escreveu num papelzinho e falou assim: “Sempre carreguem isso daqui com vocês, sempre carreguem, não precisem de mim porque eu não vou poder ajudar vocês em nenhum momento, mas esse papel me representa. Peguei lá o papel no envelope, sei lá que que dizia, mas era alguma coisa que dizia que a gente era do bem, que a gente era convidado, que a gente tinha o aval dele pra estar ali... nós ficamos lá até de noite, o Zé Olímpio ficou lá fora esperando, (“Graças a Deus, aposto que vocês falaram só bobagem lá dentro!”) (risos). Mário Augusto falou: “Eu falei muito, mas o Fanoca falou e a Martha também. Uai, você acredita que o cara achou ruim que meu pai é rico? Achou ruim, queria botar banca.” “Mas pra que que você foi falar isso?” “Ele não é bobo! Uma família que não é artista, não é cientista, não é nada de sucesso, não tinha nada que tá fazendo na Rússia.” Eu só não sabia que isso era uma coisa horrível, né, mas não era, né.” Tira meu pai daí pra você ver se esse partido comunista fica em pé! Pra ver se o Prestes não passa fome nos exílios que ele fica...” Então foi assim, um choque, né, mas ele ficou encantado com a voz do Fanoca, quando nós estávamos indo embora, aí ele presenteou o Afrânio com uma porção de disquinho de música do folclore russo. “Mas vai tocar isso em qual aparelho? Lá no Brasil não tem aparelho pra tocar isso, lá é bolachona, né. Mas com o tempo vai chegar lá, pode deixar que vai chegar lá.” Aí aquele monte de artista maravilhoso, parece cantor de igreja, no tempo que a igreja tinha missa, tinha umas vozes assim que aproveitava, né, agora igreja tem que passar filme, tem que ficar fechado, é outra coisa. Depois disso, aonde a gente ia a gente levava aquele envelope, era bom, salvo conduto! Na delegação brasileira isso deu

um ciúme! Uma coisa que a gente não entendeu por que eles ficaram tão azedos assim conosco! Uai, que bobagem é essa, né? (risos). E aí nós começamos a nos apresentar como um grupo cantante, os quatro irmãos cantavam e o Afrânio era o nosso violonista. Ele tocava bem até, fazia aqueles arranjos maravilhosos e tal, mas nós ganhamos tanto dinheiro... (risos) A gente era convidado pra ir à universidade, curso de medicina! Tinha convite pra gente cantar na escola, na universidade do (incompreensível) setor de medicina, só tinha mulher, não tinha quase nenhum homem médico! Não tinha homem na Rússia. Então a gente se apresentava assim, e tinha cachê, pagavam altíssimo! Quando nós saímos da Rússia e fomos pra Leningrado, ficamos uns dias em Leningrado, depois já saímos pra Noruega, aí acabou nossa viagem na Rússia. E a gente tinha que trocar aquele dinheiro Rublo porque em lugar nenhum mais podia trocar, a gente tava rico mas pobre, porque não adiantava nada, né? (risos). Aí lá na fronteira, lá no aeroporto, na saída lá de Leningrado, agora mudou de nome né, chama São Petersburgo, eles falaram: “Ah, mas como que vocês vão comprovar essa renda?” A gente falou: “Mas isso não é renda, isso a gente ganhou porque cantou em muitos lugares.” Mas não tinha um papel dizendo ‘ganhou porque se apresentou aqui’, não, a gente só saiu ganhando... “É perigoso vocês voltarem pro seu país com esse monte de dinheiro.” Falei: “Ah, mas não vamos voltar não, vamos trocar esse cambio aí pra nós, vai!” Porque era uma sacola de dinheiro, era muito! Então, assim, era aquela história, como não sabia que não podia eu fui falando, como eu não sabia que era pra ir eu fui entrando (risos), a gente era assim meio cara de pau! Mas foi muito bom! O jeito de fazer amigos, o jeito descontraído... e isso eu acho que foi graças a uma educação que a gente teve de estar aberta, muita liberdade — “Seu espaço tá guardado, mas você tem que buscar, vai lá!” E a gente ia... muito bom.

#### **PESQUISADORA: E vocês viajaram quantos meses, Martha?**

PANNUNZIO: Foram cinco meses vagabundando! Alugamos carro, rodamos... Na Europa isso é bobagem, né, você sai de manhã da Espanha, de tarde você tá jantando em outro lugar, você sai da França, de repente você já está no sul da Itália! Nós alugamos um carro pra 10 mil quilômetros, rodamos até afrouxar! E ainda tinha quilômetro pra andar, as estradas eram maravilhosas. Mas quebramos a cara muitas vezes, porque nós éramos quatro, a gente tinha que dormir no mesmo quarto pra baratear, mas não podia! Nenhum hotel queria receber, porque nenhum de nós tinha mais de 21 anos, a maioria na Europa é 21, e a gente tinha 19, 20 anos... “Não, mas que é isso? Uma mulher no quarto com três rapazes?” Aí você tinha que ir lá na polícia, levar passaporte, “A gente é uma irmandade, nós estamos viajando em grupo, a gente quer ver o show da mulher que vai fazer strip tease.” “Não, vocês são menores de idade.” Pelo amor de Deus! “Ver a Edith Piaf cantar” era caro o ingresso! “Não, é só pra adulto!” A gente era de maioria aqui, mas lá a gente não era. E na hora da briga, Fanoca e Zé Olímpio falavam: “Mas que país atrasado que é esse! Tem que respeitar a realidade do meu país, lá a gente é maior de idade, se não a gente nem estava viajando assim!” Mas no fim a gente já estava tão cansado, eu já estava entrando pra dentro das igrejas (risos). Mas a Europa era tão atrasada, eu andava de calça comprida, em muitos países eu não podia visitar nem uma igreja porque não podia entrar vestida de homem! Não aceitava! Uma coisa assim, horrorosa, né? E pra baratear, olha o tanto que o Afrânio era obstinado: ele dormia dentro do carro na garagem, no pátio do hotel que a gente se alojava com 3 camas e o Afrânio ficava, o hotel permitia — muitas vezes a gente fez isso — que ele ficasse dormindo no carro! Já era uma diária a menos, hotel não tinha nenhuma refeição, nem café da manhã, a gente tinha que sair, tomar café no

mercado e tal. Mas ele se sacrificou a viagem inteira assim pro dinheiro render! Falava assim: “Não, da minha parte vocês vão lá e eu fico.”

**PESQUISADORA: Isso era 1900 e quanto Martha?**

PANNUNZIO: 1957. Aí a gente voltou, eu arranjei um namorado, queria casar, só depois que entreguei o... o trato era esse: “Vocês vão, eu vou investir nessa viagem (depois é que eu soube que ele investiu três fazendas nisso, mas ele nem estava incomodando com isso) e depois vocês vão escrever um livro.” “Só isso?” “Só!” “Então vamos embora!” Aí eu voltei em novembro, já conheci meu marido na semana em que eu cheguei, em um ano já estava querendo ter marido, ele tinha 31 anos. Falou assim: “Afrânio, eu já tenho apartamento, sou sócio dessa empresa de (incompreensível)... da minha cabeça eu vou me casar com a Martha, qual é o problema?” Ele falou: “Não, aqui não tem essa não... Entregue o livro que eu deixo casar!” “Uai, mas que que eu tenho a ver com esse livro?” “Ah, azar o seu, devia ter arrumado uma namorada que não tivesse um compromisso anterior” (risos). Menina, eu saí louca catando as cartas que eu tinha escrito pra vó, pra tio, pra amigo, fui a Goiânia, a Uberaba... “Gente, me dá o cartão que eu mandei pra vocês, me deixa ver que eu falei de lá!” Porque a gente se reunia... “Que você tem de lembrança de Paris?” “Ah, Paris, um povo muito (incompreensível), não tem educação, o garçom derruba comida em você, tem uns biombos assim, o povo mijá dentro do biombos, uns mictórios abertos, fedidos.” “Não, não vi isso não, em Paris eu vi o Museu do Louvre, eu vi não sei o que, eu vi a Monalisa...” “Não, isso é bobagem.” Então cada um tinha visto de um jeito, nosso livro não acontecia! Meu pai um dia falou assim: “Para com isso! Só tem um planeta Terra! Vocês viajaram no mesmo lugar dentro do mesmo carro, não é possível que vocês não têm um depoimento pra me entregar disso daí!” Aí eu falei: “Olha, vou usar as cartas!” Tinha muita carta falando do mundo comunista e do mundo capitalista. Que a gente viajou pra Rússia e depois foi pra..., mas as cartas são pra lá de Bagdá de bobagem! Só o Zé Olímpio, que sempre foi mais calmo, mais poeta, ele escreve bonito! Eu sou um samba do crioulo doido, porque eu tinha escrito mais lá, sempre gostei de escrever, até no Facebook, então tinha mais cartas minhas... mas aí meu pai ficou tão empolgado, ele fez um prefácio de 30 páginas! Aí o Karl Marx e o Alan Kardec (...) ele ficou muito feliz que os filhos dele que ele criou assim pra cumprir essa missão!

Eu te contei, né, que quando a gente era pequeno e chegava visita e a gente tava no quintal de terra na cabeça, no pé, passava assim, penteava o cabelo mais ou menos, vestia uma roupa por cima do barro mesmo, chegava na sala parecendo soldado, os quatro. “Ah, os meninos do papai, conta pra dona fulana quando vocês crescerem que que vocês vão ser!” Primeiro falava o Fanoca que era pequeno: “Vou ser espírita e comunista!” As visitas: “Nossa, que gracinha! Mário Augusto: “Eu vou ser espírita e comunista.” Zé Olímpio: “Eu vou ser espírita e comunista”, e eu: “Eu vou ser espírita, comunista, médium e psicóloga, que foi o Chico Xavier quem falou.” Eu achava aquilo, sabe, é até difícil falar a palavra... o Chico Xavier, no dia que ele pôs a mão na minha cabeça, meu pai falou: “Ela não tem saída.” Ele falou: “Tem, ela tem um compromisso! Ela vai ser médium e psicóloga.” Aprendi isso... não deu certo, né! (risos)

Até que um dia chegou uma visita horrorosa, foram chamar a gente no quintal, falou: “Oh, o pai do Pedrinho tá aí, vamos lá pra vocês conhecerem.” Mangueira neles, na meninada (risos), vamos lá! O pai do Pedrinho era um monstro de feio! Sobrancelha começava aqui e acabava aqui, chamava Monteiro Lobato, eu fiquei horrorizada (risos), coitado do Pedrinho! O Monteiro Lobato era magro, feio, horroroso, tava fazendo uma campanha pelo petróleo, o petróleo é nosso, ele era comunista. Então, onde ele andava,

se tivesse uma casa de um companheiro comunista, favor de dar um alojamento pra ele e chamar o pessoal falar ‘olha, esse aqui é o Monteiro Lobato’, ele já era conhecido, né, ‘olha, tá lá em casa, vai chegar o Monteiro Lobato’... Quando eu vi! ‘Ah, não... não... no livro o Pedrinho não tem pai! Não tem pai! Tem só avó e a cozinheira! Não tem pai, não falou em pai’, eu fiquei horrorizada. Pessoas mais feias que eu já vi, Chico Xavier e Monteiro Lobato! Ele era muito feio, magrinho, mirradinho, aquela figurinha, com chapeuzinho de coco assim, sabe, roupa apertada, roupa de pobre... Falei: “Nossa, que que isso?” “Escuta, menina, repete comigo: o petróleo é nosso!” A gente repetia... ‘o petróleo é pra que?’, ‘é pro carro do seu pai sair...’, ‘ah, é nosso agora, é? Então tá bom!’. Nós fizemos gasolina semanas, ficamos tão enlouquecidos com isso aí, porque era a segunda guerra mundial e a gasolina tava racionada e aí não tinha como andar com o carro... Inventaram um carro gasogênio, não sei como que era, um trem esquisito. Mas alguém vendia gasolina no contrabando, no mercado negro, era muito caro uma lata de gasolina, dava uma voltinha só no quarteirão pro carro não enferrujar, era caro! E gente contrabandista era muito rica, metida assim, você ficava devendo até favor, né, porque conseguiu gasolina e a guerra lá. Aí (risos) o Zé Olímpio e o Fanoca combinaram... o Zé Olímpio tinha 6 anos, Fanoca tinha 3 né... “Mas e se a gente fizesse gasolina, não era bom?” “Era!” “Mas como que a gente faz gasolina?” “Uai vamos pensar...” “Meu pai sempre fala: ‘A gente pensa e resolve’”. Nós pensamos a manhã inteira, pensamos, pensamos... lá pelas tantas o Zé Olympio teve uma ideia: as primaveras floridas, tinha um caramanchão de primavera... “Com isso aqui dá pra fazer gasolina!” Então o Fanoca, eu e Mário Augusto, a gente subia naquele pé, arranhava tudo, arrancando cachos de primavera, e a minha mãe: “Para com isso! Vocês vão machucar! A gente tudo arranhado, nós arrancamos todos os cachos que tinha naquela trepadeira enorme. E Zé Olímpio apertava naquele espremedor onde fazia pirê de batata (risos), ele apertava, nós fizemos tanta gasolina, sabe! (risos) Chegava visita lá em casa, minha mãe falava: “Olha que menina inteligente essa minha, olha que gracinha: eles tão ocupadíssimos”. Uns meninos tudo de calcinha, de calção, tudo esfolado. “Que que é isso?” “Deixa, eles estão quietos, eles vão descobrir como que faz gasolina, eles estão ocupados!” Meu pai ficou tão orgulhoso daquilo! E o Fanoca era pequenininho, né! Tudo esfolado dos cachos de primavera, arranhando, “Não faz mal não!”. Ele era muito esperto!

Então nós produzimos gasolina a pedido do Monteiro Lobato, ‘o petróleo é nosso’, então tá, né?... fizemos em casa mesmo! (pausa).

**Parte 02 entrevista Martha PANNUNZIO:**

**PESQUISADORA:** Você fica nos dois espaços, né, Martha?

PANNUNZIO: Não, eu moro na fazenda.

**PESQUISADORA:** Aqui [Uberlândia] você vem de vez em quando mesmo.

PANNUNZIO: Não. Eu venho toda semana, mas às vezes eu volto correndo para fazenda, não acho graça viver na cidade.

**PESQUISADORA:** E você que dirige para lá e para cá

PANNUNZIO: Até o mês passado era.

**PESQUISADORA:** Mas vai continuar sendo em nome de Jesus. Sei que você e Jesus não têm muita afinidade não, mas...

PANNUNZIO: Jesus até que eu gosto, sabe, eu acho ele meio preguiçoso assim, ele nunca trabalhou, um dia estava o Divaldo [Divaldo Pereira Franco — Mèdium] censurando... (Martha pergunta para sua ajudante: - Quem Divaldo estava censurando? Bolsonaro?) Quem Divaldo estava censurando que nunca trabalhou? Porque Jesus Cristo nunca trabalhou. Eu nunca vi ele ralar lá na marcenaria com o pai dele (rsrsrs)

PANNUNZIO: Fala algo a respeito de Chico Xavier que dizia que ela é importante (barulho na rua não deixa entender)

**PESQUISADORA: Mas interessante, viu, Martha, você fica esperta com a fala do Chico Xavier, porque vai que você ainda vai psicografar. (Funcionária completa a fala da Martha dizendo que, segundo Kardec, todo escritor é médium)**

**PESQUISADORA: E a Martha tem uma habilidade.**

PANNUNZIO: — (funcionária continua) Como a Martha não acredita, tem escritor que não acredita como a Martha, mas está sendo instruído por algum espírito, a gente acha que vem da gente, mas vem de intuição.

**PESQUISADORA: E ela tem todas as tiradas. Né... (rsrsrsr)**

PANNUNZIO: — Eu gosto de escrever bonito, se for uma escrita feia eu não escrevo, não fico inspirada.

**PESQUISADORA: Eu adoro escrita poética, mas só gosto, pois não consigo escrever.**

PANNUNZIO: Eu escrevi um livro que é fora da norma culta chamado “Bicho do Mato”. Demorei muito para escrever, eu ia para roça, montava a cavalo, ia ao rancho da vizinhança: — Me conta um caso. Não. Roceiro não fala de jeito nenhum, né! Não fala. E depoimento na roda da roça precisa ser muito... Com dezoito anos eu tinha gravado oito rolos, aquele rolão. (inaudível), aí escrevi “Bicho do Mato”, eu adoro ele... “antonti, traz antonti”, eu tinha visto que ia virar um personagem, né... As freiras foram presas, muitas freiras, né, naquela época que recebiam... recebiam... gente lá (inaudível)... aí tinha um mosteiro, que era de uma ordem muito avançada

**PESQUISADORA: Ah, mas é muito sofrido, né, Martha?**

PANNUNZIO: Eu acho... eu acho que... quando afrouxou o sistema, o regime da ditadura, tinha muita freira grávida, grávida de estuprador, né, que que elas fizeram? Fizeram aborto. Não queriam ser mãe de filho de estuprador. Elas fizeram... Muitas foram presas, foram pra prisão, alguém denunciou. Diziam “você fez aborto?” “não, não fiz não...”, mas se tiver que fazer, faz né? Não sei se depois vai amar o filho, uma pessoa que sabe...

PESQUISADORA: Nossa, gente, ainda mais uma freira, que elas não teriam um filho nem por livre e espontânea vontade.

PANNUNZIO: Essa Leda Nagle, falam que ela foi, né, da liga da Dilma. Como que chama a liga, da economista Leitão, Mirian... é... falam que ela foi...

**PESQUISADORA: Foi uma época de muito sofrimento, né, Martha? Uma época de muito sofrimento, muita dor.**

PANNUNZIO: Muito! Agora, eu fiquei triste porque eu votei no Bolsonaro, agora... Como que vamos comemorar 56 anos da ditadura? Que é isso, gente? O Figueiredo, general João Batista Figueiredo, foi quem topou essa anistia total. Ampla, total e irrestrita, então é pros dois lados, né? Vamos passar uma esponja e esquecer isso aí porque a gente é do lado que perdeu, e do lado que perdeu doeu muito. Mas o Bolsonaro é danado pra falar de novo, né?

**PESQUISADORA: É... Comemorar uma época daquela como, gente? Com tanto sofrimento, tanta morte, tanto desaparecido, que até hoje ninguém sabe onde estão essas pessoas, tantos jovens... eu assisti o documentário... tem duas partes, não sei se você já viu o documentário que tem no YouTube? Da época da...**

PANNUNZIO: O Brasil Nunca Mais?

**PESQUISADORA: Não, o Brasil Nunca Mais eu vi. Foi um projeto do Movimento Estudantil, são dois, depois eu vou te mandar o link pelo seu**

WhatsApp... São dois documentários dessa época com as pessoas que sobreviveram contando, tem outro que eles fizeram, daqui de Uberlândia, não sei se você viu, uns estudantes da UFU fizeram um e esse também eu assisti, ficou bem interessante também, desse período, com as pessoas daqui de Uberlândia que sobreviveram à Ditadura.

PANNUNZIO: Ah, mas tem muita gente...

PESQUISADORA: Não, mas as que tinham... Né, as que estão vivas eles conseguiram fazer... E tem também um filme que eles fizeram, do Lamarca, um filme brasileiro, com o... Como que chama aquele cara? Acho que é Paulo Betti? Ele era o Lamarca... Só que a hora que chega o momento em que eles levam o Lamarca para hospital pra fazer a cirurgia, eles não passam nada desse processo... aí já passa pra frente, sabe?

PANNUNZIO: Leva o Lamarca pra onde?

PESQUISADORA: Pra fazer a cirurgia plástica.

PANNUNZIO: Ah, é? Na hora da cirurgia?

PESQUISADORA: É, mas eles não falam, só falam que ele chegou no hospital e tal, mas não conta nada desse período, depois já passa pra frente, como se ele tivesse já passado pelo hospital. No momento que eu assisti a esse filme eu pensei: “gente, de certo que eles falaram com o Afrânio e ele não autorizou o nome dele”, né?

PANNUNZIO: Não, eles não falam nada com ninguém não... Nem sei...

PESQUISADORA: É, depois vou te mandar esse, mas que eu assisti foram esses três, esses quatro, né, dois documentários, e depois esse outro que é daqui de Uberlândia, que eu não me lembro do nome mesmo.

PANNUNZIO: A gente enrolava muito o Afranio pra ele... Fala, fala, fala, pra população... Dessa revista que eu te falei...

PESQUISADORA: A Manchete?

PANNUNZIO: Daí eles fizeram uma reportagem com ele todo... Na cerca do curral... (inaudível) na fazenda, era muita conversa...

PESQUISADORA: Então, você até comentou, né...

PANNUNZIO: Essa revista eu até sei qual é...

PESQUISADORA: A Manchete? Eu a peguei na Biblioteca Nacional, tem ela lá, digitalizada com toda a entrevista.

PANNUNZIO: A revista mesmo ou pegou a filmagem?

PESQUISADORA: O PDF da revista, a gente só consulta ela na própria Biblioteca, aí eu baixei ela pra poder fazer as análises depois. Então eles contam... E tem as entrevistas que ele deu aqui pra Uberlândia, né, algumas tem online, mas de 2011, acho que 2013, por aí, tem umas entrevistas dele que ele fala de quando ele veio pra Uberlândia, ele relata que quando ele foi era uma Uberlândia, quando ele retorna era outra Uberlândia, ele conta dos planos que ele fez, tanto pro Virgílio, quanto pro Paulo Ferolla, como ele trabalhou com o Paulo para que ele pudesse vencer a política, porque o Paulo era muito caipirão, né, não dava conta de falar, como foi o final da campanha dele com o Geraldo Rezende, né, relata da preparação que fez com Paulo Ferolla para o último debate político, que foi quando o Sr. Paulo Ferolla ganhou... Estas entrevistas retratam esses momentos. Aqui, sei que você falou que... Mas aí eu vou te perguntar e você responde se puder. Algumas coisas a gente já conversou, depois eu só coloco no lugar certo,

**né... a questão dele ter sido aprovado em Medicina, que isso faz parte da família de vocês mesmo...**

PANNUNZIO: O Pitanguy, que dedou o Fanoca. Quando o Lamarca foi tirar foto pro passaporte, fazia poucos dias que ele tinha sido operado, ele estava com o rosto muito roxo ainda, muito hematoma, a foto pra passaporte tirava... pra passaporte mesmo, né, e ele pediu urgência naquela foto. O fotografo falou: “Não, eu tenho um serviço aqui, só amanhã ou depois, não sei”. “Não, mas faz...” insistiu, ofereceu pra pagar o dobro, mas foi tudo bem, ele fez e guardou uma foto... Ele foi na Polícia Federal e falou: “Oh, peguei um serviço ontem, não sei se ele brigou, se apanhou, se tá fugindo de algum acidente, sei lá o que aconteceu, ele tá com a cara machucada, pediu pressa numa foto, ofereceu pra pagar o dobro, eu cobrei o dobro, tirei a foto, guardei a foto pra vocês, depois vocês vejam se não é algum inquérito.”

**PESQUISADORA: O próprio fotógrafo?**

PANNUNZIO: Que tirou a foto do passaporte! Aí a polícia... Naquele tempo estava procurando gente loucamente, né? A polícia, não identificando quem era aquela pessoa, foi atrás da sumária autoridade. A polícia pediu uma apreciação do Ivo Pitanguy, mas na hora, né? O Pitanguy falou “Olha, não sei quem é essa pessoa, nunca vi esse cara, mas isso aqui é plástica, fez plástica um dia desses, mas eu sei quem operou essa pessoa. Sabe por que que eu sei? Porque é um assistente meu novinho, recém-formado, cheirando coelho, mas é bom até, mas corta com uma mão de fada...”

**PESQUISADORA: E o Ivo não sabia de nada?**

PANNUNZIO: Não... “Sabe por que que eu sei? Por causa desse nervo que a gente tem aqui, que faz esse sulco, que chama Risório de Santorini”, falou o nome... “Nós vamos pra Austrália daqui a dois meses, eu vou levando as minhas teses, de assistente meu só tem um peitudo que vai provar que é possível fazer uma plástica eliminando o Risório de Santorini, tirando essa prega dos 50 anos, e sem danificar a bolsa, vai continuar sorrindo, vai continuar chorando... mão de fada! Ele já tem, é preciso levar comprovante, seis comprovações de pacientes, seis tá bom, mas no meio tem que ter um homem e uma mulher, e ele já tem três mulheres, com essa cirurgia tá feito, vai brilhar lá na Austrália, tá vendo aqui... tatata... é o doutor Afranio!” Pegaram ele na cirurgia, na sala de cirurgia operando, operando alguém lá, Mario Augusto lá, o Josias, tal, Tio Josias não estava lá não. Pegou ele na sala de cirurgia, cirurgia de pobre, esses hospitais públicos né... “Aconteceu um acidente horrroso com o seu Josias.” Tio Josias era... Levava as mulheres tonto lá, barraqueira, dava tiro, dava facada. Aí falaram “Oh, seu tio Josias tá na beira da morte, tá ruim e quer falar com você”. Ele saiu com a roupa espirrada de sangue, tirou as luvas, tirou a máscara, o avental, e foi embora com essa pessoa. Quando o carro saiu do hospital, eles algemaram “Não, não tem tio Josias não, te pegamos caboclo!” Aí ele passou não sei quanto tempo preso, né? Foi muito tempo... E no dia que ele saiu pra prisão domiciliar, saiu num pátio, imagina, um pátio enorme, parece até maior por causa da hora. Ele tinha ficado muito tempo sem ver sol, num calabouço até incomunicável, aí ele viu o solão danado, ele não conseguiu nem olhar, nem enxergar, aquele pátio acidentado brilhando assim... Ele escoltado, um soldado falou: “Doutor, tá escutando o foguetório?” “Mais ou menos.” “Apura o ouvido, presta atenção.” Que dava pra ouvir o foguetório, mas era longe... “Não quer saber o que foi não?” “Que dia que é hoje?” “Uai, você não sabe que dia que é hoje não, doutor?” Ele riscou com a unha na parede, foi riscando, riscando, aí ele passava a mão já dava muito tempo, muito tempo... Aí ele disse: “Nós estamos em outubro? Não, nós estamos em julho, sei lá.” “Não sabe que é esse foguetório não? Arrisca! É uma coisa

que você queria demais! Você vai morrer de alegria!” Aí ele falou: “O Partido Comunista triunfou?” Voltou pra jaula na hora! (risos)... Era o Brasil que tinha sido campeão da copa do mundo! Era pleno julho!

**PESQUISADORA: Aí voltou pra apanhar mais?**

PANNUNZIO: Pra apanhar mais, pra aprender a largar de ser comunista!

**PESQUISADORA: Mas e o sogro dele, Martha, nessa altura, ele não tinha poder?**

PANNUNZIO: Se tinha não recebeu muito... Mas as minhas sobrinhas filhas dele falavam: “Papai adora vovô Lico”. Na prisão domiciliar, a sogra exigiu pro marido que eles ficassem na casa dela, porque tinha nascido a segunda neta, a Aiga. Ela levou a filha pra casa dela, né, mas foram dias terríveis viu...

**PESQUISADORA: Mas primeiro ele fica preso? Depois que ele fica na prisão domiciliar?**

PANNUNZIO: É, na prisão domiciliar. O endereço que levaram foi o apartamento do sogro, não sei...

**PESQUISADORA: Porque, na entrevista que ele deu, ele fala que ficou preso 73 dias, que ele ficou... E nessa que eu te falei da Manchete ele conta mesmo que voltou pro apartamento do sogro, parece, mas que eles não deixavam ter um relacionamento bom com as filhas. Eu pensei: “Gente, será que eles apartaram ele das filhas dele?”**

PANNUNZIO: A família nega tudo, mas o tio Josias que estava lá, foi visitar muitas vezes, levar cigarro, presente e tal, e eu fui uma vez também... (inaudível) um corredor enorme, lá longe, depois daquela parede de vidro, do lado de lá, um corredor vazio... Uma janelona de grade, assim, ele falava por telefone, mas eu estava vendo... Aí o tio Josias falava que toda vez que a mulher dele era levada pra prestar depoimento, eles desciam a pancadaria nele, ela ficou assim chocada. Ela era militante também, menos que ele, mas era, comia no mesmo restaurante popular, era estudante também, e ele ficou louco por essa moça, louco. Aí depois ela não quis saber, ela foi traíra com ele, que ele escolheu fazer as tarefas do Partido. Meu pai morreu em 76, 77, mês de julho uma tia minha de Belo Horizonte, uma irmã se casou com alguém que foi brilhante na carreira e acabou desembargador, e foi morar em Goiânia, em Brasília, desembargador por Minas Gerais mas foi cumprir o mandato em Brasília. Era um casal muito amigo dos meus pais, doutor Márcio, e ela, irmã da minha tia. E esse doutor Márcio gostava de escutar as conversas do meu pai. Ele falava assim: “Afranio, morrer não deve ser tão ruim assim não, porque olha o nome que beleza, Cristo, um só rebanho um só pastor... isso é vida”. Eles tinham uma visão assim onírica da vida. Aí, quando papai morreu, chegou morto da pescaria, esse doutor Márcio... Correram os outros, tinha uma encomenda que já tinham tentado entregar, mas tinha caído no Correio e ficava lá só até tantos dias. Aí foi ver, era um pacote assim, e era pra minha mãe. Olhei aquilo lá, mamãe nem se interessou, “Mamãe, aqui é pra senhora”, eu abri pra ela ler e tal e dentro tinha uma carta. Minha mãe chamava... mas a família chamava Nanina, e a mulher dele que escreve: “Nanina, o Márcio não teve como chegar até o Afranio primeira via de tudo, e achou esse documento do Afranio, então eu sei que dói muito pra você ler isso tudo e saber de tudo que tá aí, eu não li, nem o Márcio não leu, mas o Exército filmou tudo e tá queimando essa papelada, então o Márcio pode salvar isso aí pra entregar, se você que não tá forte pra ler isso agora porque o Afrânio morreu, deixa pra mais tarde...” Aí minha mãe abriu e começou a ler. Começa assim: “o Afrânio com nove anos de idade em Goiânia, onze anos de idade, na rua, com o jornal Novos Rumos, que era o

jornal do Partido, aí o jornal ia pra nossa casa e tinha tarefa: “vai vender o jornal!” Menino pequeno assim todo mundo compra, acha bonitinho, né? Filho do Afrânio! Ê esses comunistinhas do Afrânio, vendia demais! Aí tem a foto do Fanoca. E minha mãe disse: “Esse aqui é o Afrânio Marciliano, que que isso? Ah, esse aqui é o Grande Hotel de Goiânia, ah, isso aqui é tananana, ué, mas onde arranjaram essa foto?” A gente não sabe, mas o exercito tem, né? Eu não li esse livro, mas a minha mãe começou a ler. Aí tem quando ele vai frequentar a União da Juventude Comunista — UJC, em Goiânia, mas ele era muito novo, então ele foi descartado, não foi aceito, eles aceitaram o Zé Olympio, e iam aceitar o Mário Augusto, mas o Afrânio estava forçando a barra, queria aquela militância e tal... e a minha mãe falou “Gente, isso aqui não é pra mim não, o Afrânio não é o Afrânio seu pai, é o Fanoca, doutor Márcio é porque não leu, não prestou atenção, imagina o seu pai... nem tinha jornal na juventude. Manda isso pro Fanoca, vai lá no Correio e manda pra ele”. Foi a coisa que eu mais vacilei na minha porque eu levei no Correio, eu devia ter ficado com isso. Eu falei “Ó, veio de Brasília, doutor Márcio mandou pra mamãe, mamãe fez uma confusão pensando que fosse do Afrânio nosso pai, mas é sobre você, então, como é seu, faça bom proveito.” Era um calhamaço assim, ó, tudo folha ofício, com foto com tudo, enorme! Ele recebeu, estava no Rio de Janeiro, pelo Correio, e ele vai sair de casa tem um seis meses, depois que ele já tinha saído de casa a empregada contou pro Mário Augusto, nosso irmão, e pro tio Josias que ele chegava do hospital mais cedo do que a dona Isabel, ele chegava duas horas da tarde, ia pro quarto dele, lia esse troço aí e chorava, chorava, chorava, foi um vale de lágrimas, não sei que que tem nesse trem aí. Mario Augusto falou: “Mas que livro que é esse?” Ela falou: “Uai, eu guardei, porque a dona Isabel não quis guardar nem nada, então eu guardei porque uma hora eu podia entregar pro doutor Josias, acho que esse livro só interessa, não sei pra quem que interessa esse livro, mas aqui foi só...” Então, quando ele terminou de ler esse livro, comprou umas malas grandes, desceu, foi pra área do prédio, ela chegou e ele falou: “Isabel, fui.” “Pra onde?” “Fui, acabou, eu não sabia que eu dormia com uma cobra urutu.” Então a gente pensa: que que será que ela pensou lá na hora né? Que tá desesperada, dois filhos pequenos, marido fazendo operação escondido e tal, vai preso, não fala nada que estava correndo risco de ser preso, até entendendo um pouco o lado dela... mas não salvou o casamento, né? Ele tinha ódio dela, ódio, pro resto da vida.

**PESQUISADORA: Ele guardou com este livro?**

PANNUNZIO: Sentiu traído. Não sei o que é que tinha lá, neste livro, mas como as filhas têm maior carinho, a Gaia era mais agarradinha com ele, mas a Isabela era mais hostil: “Martha, você tem a obrigação de me falar, abrir essa caixa preta, qual que é o problema, por que que vocês não gostam da minha mãe?” Falei: “Não, pra mim sua mãe não fede nem cheira, não perco meu tempo gostando da sua mãe, assim babar por ela eu não vou, pergunta pra ela se tem algum motivo”. Pergunta para sua mãe o motivo. Eu não sei.

**PESQUISADORA: E o seu pai, o Afrânio Francisco, ele chegou a ser exilado, preso, alguma vez?**

PANNUNZIO: Meu pai quando começou esse estouro... porque a operação do Lamarca foi muito depois de 64. Meu pai estava no Banco do Brasil em Uberlândia, agora como cliente. Muito depois desse dia aí ele estava no Banco do Brasil, entra o pessoal do Exército na sala do gerente: “Com licença, ordem superior. Nessa lista tem algum cliente do Banco do Brasil? Se tiver o senhor põe o endereço, toda referência que o banco tiver, operações de banco, débito, crédito...” Pessoal fardado, do Exército. Meu

pai estava na mesa e o gerente estava ali e o pessoal do Exército deu na mão do gerente: “Alguém desses aqui é cliente do Banco do Brasil, da sua agência de Uberlândia? Se for, a gente vai esperar o senhor fazer o levantamento total, endereço, movimentação, tudo. Agora!” Aí o gerente do Banco do Brasil... e meu pai tá ali... já era, o golpe já estava estabelecido, falou: “Deixa eu ver, esse aqui é meu cliente, as vezes ele pode me ajudar, porque eu moro aqui há pouco tempo. Passou o papel pro meu pai e falou: “O senhor conhece alguém dessa lista?” Meu pai era o primeiro da lista! Afrânio, A! Meu pai falou: “Não, a gente conhece, aqui todo mundo conhece, cidade é pequena, né? Uai, mas tem tudo isto aqui na lista sendo procurado? Mas o que eles fizeram?” Aí o rapaz, o soldado, falou: “Não, isso é tudo comunista, tudo filha da puta, vai tudo pro gancho! Acabar com essa raça”. Aí ele falou: “Então tá”. Devolveu a folha pro gerente e falou: “Se você quiser ajudar, puder ajudar, né, é ordem, como que faz... eu vou te deixar a vontade, amanhã eu volto pra gente continuar o financiamento”. O gerente deu uma grande colher de chá pro meu pai. Aí ele chegou em casa e falou: “Tô na malha fina...” Chama lista negra, a gente chama assim, lista negra dos indiciados, suspeitos. Afrânio, não sei quem, não sei quem, uma listinha desse tamanho. E embaixo o burro que fez a lista colocou assim: “Informantes”, começa com A de Alceu SANTOS: e termina com V, Virgílio Galassi! Pensa isso, ele esfregava na cara deles todo dia na Câmara: “Você é mulher de reco, sô, você é denunciante, dedo duro! ahhhh, vossa excelência é mulher de reco!” Então meu pai soube imediatamente que ele estava na lista, né, e naquele tempo o Exército aceitava qualquer informação, anônimo, pedacinho de papel, banco ...

**PESQUISADORA: E não averiguava nada.**

PANNUNZIO: Não, vai atrás e pega... e tinha tão pouco comunista no Brasil naquele tempo que a gente mesmo brincava: “O Partido Comunista é tão pequeno que não enche uma kombi!” Nossa senhora! (risos) No Brasil se contenta com isso aí, é o que tem. Mas aí, meus dois irmãos acharam que deviam tirar meu pai da cidade. Meu pai tinha acabado de saber que as fazendas dele tinham sido... As reforma agrária que ele fez tinha sido tudo vendida, estava tudo... Ele entrou numa cachaça, mas ele bebia, mas bebia, fazia discurso na praça, nossa, ele estava explodindo de felicidade. Acabou infartando. Mas aí o Zé Olympio: “Pai, o senhor tem que sair”. Tentaram levar meu pai lá pra uma fazenda de São Simão, que nós somos de lá, né, meu pai foi parando pra abastecer o carro e fazendo discurso: “Ó, se vier aqui algum filho da puta procurando Afrânio, sou eu, já fui, fala pra eles correrem atrás que se não não me pega não”. (risos) E a minha mãe chorando: “Afrânio...” e foi atrás e tirou ele de lá. Aí trouxe pra Uberlândia, meu pai tinha uma fazenda no Peru, estava fazendo uma experiência com uma fazenda lá, chamava “Danadera Peru Brasileña”. Era uma experiência pra ver se o gado nosso indiano se aclimatava naquela altitude louca do Peru, naquele frio louco. Então ele levou um gado de navio, passou pela Patagônia, subiu pelo Pacífico, levou pra lá, pra fazer uma experiência inclusive de cruzamento industrial de raça deles lá, aquele gado baixotinho deles e o gado lindo indiano branco, de couro fino. Então meu pai tinha essa fazenda lá, como ele era proprietário lá ele tinha cidadania no Peru. Aí o Zé Olympio falou: “Mãe, cadê os papéis da cidadania do papai?” Estava tudo bem guardadinho. “Vamos solicitar asilo político, que ele é cidadão do Peru, que ele quer fazer uma pecuária lá pros peruanos mesmo.” Aí se comunicaram com a Embaixada do Peru, com o governo do Peru, que falou: “Bem-vindo! Bem-vindo, é um empresário superimportante pra nós, pode vir!”. Aí ficou marcada a viagem, mas a gente não tinha coragem de ir, estava tudo... a Embaixada do Rio solicitou passaporte, na emergência, tudo foi arrumado. Aí meu pai mandou o Zé Olympio, sempre o Zé Olympio, a gente

não sabia que o Fanoca tinha feito essa cirurgia, sabia que ele era... que ele ia no morro, ia fazer curativo de gente que tomou tiro, que o pessoal chamava pra acudir, emergência e tal, mas que ele tinha feito cirurgia não... O Chico já estava desaparecido, o Chico sumiu, levou dois anos pra aparecer... Aí meu pai falou: “Vai em Uberaba, fala com o Chico que eu espero uma palavrinha dele... tem cinco filhos, tem neto, como eu vou deixar esse povo tudo aqui por medo desses bosta desse Exército aí... como é que eu vou sair? Isso é egoísmo da minha parte, sair e deixar a família toda aqui, né?” Aí o Zé Olympio foi lá... chegou assim meio com vergonha: “Chico, papai mandou perguntar que que você acha, não quer dizer que ele vá fazer o que você achar, mas ele te atende muito, ele gosta muito de você e tal, uma situação de enrosco, porque... muito difícil”. Aí diz que ele pegou uma trovinha de papel, olho fechado igual ele fazia, né, essa trovinha assim “Do Evangelho do Senhor ser devoto e não escravo, eu bonzinho, tu bonzinho, quem é amante de burro brabo?” Leon Denis, é uma trovinha do Leon Denis, foi um espírita importante na França. Zé Olympio trouxe só isso, aí mamãe falou: “Uai, Chico Xavier tá pensando o quê? Ele tá chamando de poesia? Mas pelo amor de deus, rapaz!” Meu pai ficou... “Vamos sair essa noite mesmo! O policiamento vai estar aberto, nós vamos passar sem problema”. Tinha que passar as barreiras Uberlândia/Uberaba, tinha que passar a fronteira Minas/São Paulo, tinha que passar a fronteira São Paulo/Rio, chegar na Embaixada, pegar o avião, pegar o passaporte e ir embora. Aí estava no carro Zé Olympio, meu marido e esse Neidarte, que era amigo demais da gente, foram levando todos pro Rio de Janeiro. Eles passaram por todas as barreiras ainda à noite, a primeira estava fechada já 8 horas, a outra 10 horas estava fechada, a outra 6 da manhã estava fechada... aí foram pro aeroporto, era emergência, né? Aqueles dois lugares em qualquer avião era do governo peruano, convidado especial do governo, então ia de qualquer jeito. Aí diz meu marido que na hora do embarque, saindo já pra sala de embarque, vieram uns quatro policiais, pegaram minha mãe e falaram: “A senhora que é dona fulana? Assina aqui”. Aí foi o doutor João Edson de Melo também, que era advogado, amigo da gente, foi junto na época. Aí: “Assina aqui” Minha mãe falou: “que que é isso?” “Não interessa, assina! Senão a senhora não vai! O Exército não tá atrás da senhora, tá atrás dele, mas a senhora fica!” Que é que era? Aí dizia assim: “Eu, Joaquina, brasileira, tan nam nam, declaro por livre e espontânea vontade que o tiro certo que matou um operário de construção civil em Goiânia num comício, no ano não sei o que, foi disparado por mim, e a arma que eu usava foi comprada clandestinamente, não sei o que, não sei o que, não sei o que...”. Minha mãe falou: “Que que é isso? Eu já morei em Goiânia, mas eu saí de Goiânia em 52, isso aqui é de 64, eu nunca mais voltei em Goiânia, não vou assinar!” Aí tinha outro papel, o outro papel dizia que ela, em Salvador, num motim de gente da Marinha, da Guarda Costeira, ela tinha ficado (inaudível) da Guarda Costeira, caiu e foi esmagado pelo navio que estava ancorado e foi ela. Minha mãe teve um ataque de choro desesperado: “Nunca fui em Salvador, nem conheço Salvador, que que é isso?” “Assina ou não vai na viagem, e ainda vai ficar presa”. Aí o advogado, doutor João Edson, minha mãe chorava, o avião não saía, o avião tinha que sair, tinha que sair, mas estava faltando um passageiro, mas o passageiro do governo do Peru, convidado da companhia peruana. Aí João Edson: “Joaquina, assina. Esse povo não vai ficar no poder toda vida. Mais adiante nós vamos rir de tudo isso. Mais adiante a gente limpa isso aí. Isso é um absurdo! Nunca saímos de Uberlândia, eles vão matar a gente em Salvador, murrar a gente? Que que é isso? Nada a ver. Você não estava em Goiânia, você estava em Uberlândia, cuidando da sua mãe com esclerose. Não... Assina essa porcaria e vai!”

Esse rolo durou mais de uma hora, atrasando o avião. Minha mãe chorava, chorava, diz o Joelson que foi uma cena horrorosa: “Mas eu nunca matei ninguém, nunca matei ninguém...” E o doutor Joelson falando: “Assina!”. Meu pai já estava dentro do avião. Aí ela assinou descompensada, ela era descompensada às vezes, foi embora. Depois voltou, depois meu pai foi anistiado, depois todo mundo que estava preso saiu, aquela coisa toda... Quando a minha mãe esclerosou ela gritava e falava assim: “Eu não matei ninguém!!!” De repente ela tinha aquele surto de dor, sabe? E a gente: “Mãe, calma...” “Não, não, eu não matei ninguém!!!” (gritando)

**PESQUISADORA: E sua mãe faleceu em qual ano?**

PANNUNZIO: 86, depois da nossa eleição em 86... Morreu com Alzheimer total, ela não queria tomar banho, não queria cortar a unha, não queria nada... Mas ela caminhava um pouquinho, a gente falava: “Vai cair, vai quebrar, né?” Não queria comer, não queria beber água... O Estado... Desde que ela soube que meu pai tinha um filho fora do casamento, ela teve um abalo, ela desenvolveu uma doença, que não é uma doença catalogada, é uma síndrome, síndrome de... Síndrome de Raynaud, o pesquisador maior era um médico francês Reno. Ele que catalogou os pacientes. Então era assim: “Todo humor, humor é saliva, é lágrima é... Toda secreção que você tem transpiração que você tem suor, vaginal tal, ela não tinha!” Então vinha da Alemanha um remédio pra ela pôr na boca que tinha sabor de saliva e tinha um Ph igual o da boca. Eu tinha um nojo daquele remédio, parecia gente que cuspiu naquele vidro! (Risos) Coisa horrível! Mas a boca dela trinca assim de seca, não tinha saliva, ela queria chorar, os olhos dela faltavam pular pra fora assim, não tinha uma lágrima. E a unha ficava roxa, roxa, roxa, você tinha que botar umas luvas nela, ligava na tomada, uma luva que fazia transpirar, menina foi uma época muito triste, muito ruim. Síndrome de Raynaud. E o que que aconteceu, ela ficou uns quatro anos assim, e chamou a prima, a vizinha né “corre aqui que a sua mãe tá tendo alguma coisa... Corre agora!” Eu tendo aula, eu tinha um curso de francês né .. “Vem agora que a sua mãe tá morrendo!”. Chegando lá minha mãe, numa mesa assim posta, xícara sem asa, pires quebrado, café destampado, o bolo virado do outro lado, e ela num assunto conversando com as freiras do colégio “não menina, mas você precisa ver o tanto que meus meninos são bonitinhos, não, o Afranio é tudo da boca pra fora, ele gosta demais da senhora. Então ele mandou pintar lá o confessionário! Ah ele é espírita, mas ele gosta da senhora!” ela chegar conversando com as cadeiras, mas assim num assunto longo, sabe? “quer mais café?” e a xícara não tinha asa! (Risos) e a minha prima “meu deus eu não acredito que eu tô vendo isso! Mas a joaninha tão boa, tão amorosa, tão caprichosa...” Baldino falou “oh, é o momento dela, é o que se tem! Deixa ela quieta, deixa ela quieta!” aí ela falou assim “aqui oh essa moça aqui ela vem aqui sempre, mas ela é mexedeira nas minhas coisas, essa moça aqui!” (risos) aí nesse tempo o Chico foi candidato a deputado e o pôster dele era enorme, lindo! Quando nós chegamos lá com o retrato dele ela ficou tão apaixonada! Ela passava a mão no rosto dele e falava assim “mas que moço lindo! Que moço bonito!” aquilo virou um santuário, a sala dela, o quarto, o banheiro, nós pregamos o Chico Humberto por todo lado! E quando a gente queria dar banho nela e ela não deixava a gente falava “mãe, sabe aquele moço bonito?” ela falava “meu namorado! Não conta não!” “ele vai chegar!” e ela “nossa! Ele vai chegar?” “vai chegar agora mesmo, vamos pintar o cabelo?” ela “não, mas depressa!!!” e a gente conseguia tudo dela quando a gente fazia essa chantagem, mas era o jeito né!

**PESQUISADORA: E seu pai lembrava ele?**

PANNUNZIO: Não, o Chico é bem diferente, era uma família bem mulata, bem mestiça, só a cara dele, dentão, o Chico é mais a família a da minha mãe assim, dentão, altão. Mas então ela ficou tão encantada com esse moço bonito que no quarto dela nós pregamos até no teto assim, ela ia e falava “vamos rezar pra Nossa Senhora cuidar de você moço bonito, mas você é lindo demais!” ela passava a mão no retrato dele assim... “o, mas esse moço parece tanto...” ficou namorando aquele moço bonito! E a gente falava “ele vai chegar!” (risos) Ela ficou namorando aquele moço bonito.

**PESQUISADORA: O Chico ia lá visita-la?**

PANNUNZIO: Ela ficava toda tímida! Mãe estou com saudades de você. Ele a carregava no colo “mas que saudade de você!” e ela falava “nossa a minha mãe não pode nem saber disso!” e ele falava “não, depois eu converso com a sua mãe, pode deixar”, dançava com ela, ela ficava muito feliz, ela revivia! Não lembrava nada, mas... Nós convivemos muito bem com a caduquice dela porque ela foi assim, uma pessoa mansa... Mas perdida. Mas mamãe era fácil de lidar, né (não é? Se refere a ajudante que estava na sala). Cuidou muito da mamãe.

**PESQUISADORA: Mas você que era a mexelhona atrevida né Martha? “essa moça vem sempre aqui bagunçar...”**

PANNUNZIO: “ela mexe nas coisas...” (risos), mas ela era calma, assim... E a mamãe achava a família tudo de bom, né? Família você não toca! Quando Mário Augusto saiu de casa, ele arranhou uma namorada fora, ela queria era bater nele! “você não tem vergonha! Que pouca vergonha!” aí lê trouxe a outra pra morar aqui, minha mãe não recebeu: “não, eu não gosto de puta!” (risos) “não, ela é minha aluna mãe, ela tá terminando Medicina, vai fazer residência aqui em Uberlândia...” “não, fica muito mal dito um homem casa andar com filha nova dos outros! Cadê a sua mulher, a outra? Cadê?” “mãe, é essa!” “não é! Eu conheço a outra, não é essa. E você é muito regateiro. Tem que ter mulher, ter filho... Aqui não!”

**PESQUISADORA: Gente! Oh Martha e o Afranio foi anistiado também? O Afranio seu irmão?**

PANNUNZIO: Meu pai foi julgado em Juiz de Fora no quarto exercito. Ele foi julgado a revelia, no dia do julgamento ele não teve direito nem a um advogado, ele foi considerado foragido. “você é foragido né?” e ele falou “não, eu fui convidado pelo governo porque no meu país de adoção... Eu sou empresário lá, sou cidadão peruano” “não, você estava fugindo” ele fala “não, mas eu sou comunista? Então me dá aí... Comunista rico, você já viu? Não sou comunista pra ficar rico, eu já sou! E vou encher de dinheiro quem quiser ser comunista pra acabar com vocês!” aí ele foi julgado em... Onde que eu falei? Juiz de Fora! Lá é o quarto exército que foi ajudar a derrubar o Jango né? É lá em Juiz de Fora, só tem um, depois aqui que teve o trigésimo sexto, mas não tinha. Então ele foi julgado por um jure civil, sete pessoas da sociedade civil ajudando o exército a fazer justiça. E era pra ele ser condenado, teve aquela encenação pra documentar, mas ele calado. Quando os sete se retiraram pra combinar qual era o veredito, meu marido estava lá junto, ele falou: “não, antes de sair pra lá eu tenho que falar: não podemos, nós estamos no século XX, não pode condenar uma pessoa, eu sei qual que vai ser o resultado, mas faz tantos anos que a gente tá nessa peleja, nesse sofrimento, eu tenho que ser ouvido! Não vou aceitar de jeito nenhum julgamento a revelia, não precisava ter me chamado pra me mandar pra cadeia pro resto da vida, não precisava ter me chamado! É uma pantomima isso daqui, eu quero falar, eu vou falar, e eu peço a esse tribunal de Nuremberg que tá aí, com tanta estrela no peito, que respeita o cidadão comunista rico! Já viu um comunista rico? É burro eu? Burro? Porque tudo

que o capitalismo quer eu tenho, por que que eu sou idiota de querer um país que pobre é igual a rico? Faz sentido na cabeça de vossas excelências? Me pergunta por que que eu sou comunista que eu vou explicar! Me dá essa oportunidade. Fica batendo continência, fica cozinhando os miolos, depois não raciocina. Eu vou mesmo pro escambau, que vá! Eu vou falar!” e saiu falando... É só militar que tinha na corporação né? Estava Zé Olympio meu irmão, o doutor João Edison de Melo, isso foi uns quatro anos depois que eles vieram do Peru, estava lá. E ficou falando, falando (bate na mesa) surtou também. Falava “é o seguinte gente, a vida de militar na caverna Não tem volta. O troco não é bom, mas pingam certinho, vocês têm colete a provas de bala, vocês têm arma, vocês torram gasolina a vontade, vocês vivem na vila militar, vocês não sabem nada de nada! Pra vocês não falta mantimento, não falta energia elétrica, não falta escola pra filho, não falta condução pras mulheres fazerem a unha do pé não sei aonde... Não sabem nada vida! Agora pra ser militar ou o cara tem vocação pra ser militar ou é malandro e quer uma vida boa! Quer uma vida boa! Brasil a última vez que lutou foi na guerra do Paraguai, de lá pra cá não aconteceu mais nada (risos) tá só virando general, capitão, não sei o que, a toa né, de graça!” foi falando .. O pessoal foi voltando lá da decisão “esse cara tá doido!” ele falou uma hora e tanto! Na hora que ele estava cansado ele falou “é só isso que eu tenho pra dizer!” sete a zero saiu! Eles voltaram lá da reunião, pediram mais dez minutos, falaram “oh, foi sete a zero!” Aí eles voltaram mais 10 min para reunião. Depois o meu pai recebeu um cumprimento de alguém da mesa, sabe? Alguém que tinha uma patente, não sei se era coronel, não sei que que era lá, que ficou emocionado. Mas aí você não sabe da maior, (risos) antes do golpe meu avô morreu e minha vó foi fazer inventário, ela falou “não quero nada! Vamos passar isso pros filhos” e era muita terra! Meu avô deixou muita fazenda e muito filho, era filho legítimo, filho ilegítimo no mundo... Então vamos fazer isso logo, essa partilha. Eram quatorze irmãos, tinha um monte de fazenda, mas não dava pra separar... “essa fazenda é sua” “não, essa eu não quero, eu quero a outra”, “então fica metade” “não, não quero” Então virou aquele samba do crioulo doido, aí a decisão do Fórum foi a seguinte: “partiu cada fazenda em quatorze pedaços. Depois vocês se viram, aí vocês vão trocar eu com você, ela com você, o outro com não sei quem até acertar com quem que fica!” Aí minha mãe falou “Eu não quero herdar nada, não quero, cansei de ir pros brejos ajudar minha mãe a desatolar vaca, puxar bezerro de dentro de vaca, chuva caindo, raio caindo em cima da gente, mexer tachada de sabão, e fazer garapa virar açúcar, nossa, goiabada 60 kg cada vez, uma semana mata um boi, outra semana mata um capado, outra semana mata outro boi, faz um almoço, faz dois almoços, faz três jantas, eu cansei dessa vida! Não quero nada, nada dessas herança!” aí o advogado falou “uai mas isso não existe! Um patrimônio desse tamanho, você não pode não querer” “e o que que eu posso?” “uai passa pros seus filhos!” “então é na hora!” já fez o documento ali mesmo depois reconhece firma, tô passando pros netos né, do meu avô. Então a gente recebeu uma herança toda espatifada (risos) que a gente nem sabia, estava fazendo faculdade, estava nem sabendo, depois nós ficamos sabendo 'ih sua mãe não quis, sua mãe é custosa, depois vocês vão ter que trocar com os tios” ficou tudo danado! Eram quatorze herdeiros, entra mais cinco, são dezenove!

Aí o Jânio Quadros renuncia... Era o Jânio. E o Jango estava na China, foi pegar arroz, queria plantar isso no Rio Grande do Sul, no Goiás, foi chamado as pressas pra assumir o governo. E o Jango era muito novo, uma mulher bonita que chifrava ele demais, os filhos tudo pequenos ainda né... Mas ele era muito interessante, ele era sobrinho do Getúlio, tinha sido criado naquela coisa dos Pampas, aqueles fazendeirão

de gado, e tal, muito rico. Mas ele não estava pronto, nunca tinha sido nem vereador, nem deputado nem nada, ele era muito companheiro do tio, não tinha ninguém pra ser vice do Jânio Quadros, falaram “quem que o Getúlio indica?” E ele falou “vai esse bosta aqui do meu sobrinho, põe ele de vice” e virou presidente! Ele vacilava muito ne, ele não sabia como que... Ele queria um mundo diferente também, ele tinha amigos que eram socialistas, que eram comunistas, ele foi chamando esse pessoal pro palanque e foi irritando. Mas aí sai lá do Amazonas, sai uma voz assim fulano falando que a terra, que o Brasil é muito grande, que o Brasil tá mal distribuído, que a terra tem que chegar na mão do pequeno, que ama a terra mas que tá lá escravo, não tem um pedaço tal, era preciso fazer um movimento agrário. Tem que ter uma reforma agrária! Meu pai enlouqueceu, meu pai já tinha feito por conta dele, dos três mil alqueires dele, ele falou “não acredito! Vai ter reforma agrária nessa bosta desse país? Não acredito! Nossa, vamos ajudar esse presidente demais da conta, que que isso” e aí vinha passando pelo Brasil fazendo palestras e tal, levantando a sociedade rural e tal como que ele chama? vinha do Amazônia falando repartir a terra, repartir a terra, acabar com o coronelismo do sertão, Ceará, não sei onde, Paraíba, que Lampião falou que não sei o que... (pergunta pra funcionária Liane o nome do personagem da da reforma agrária, mas não lembram). Na passagem de São Paulo pra Goiânia o avião teve qualquer problema e teve que parar no aeroporto de Uberlândia, e vinha com esse fulano! Meu pai ficou sabendo, foi lá no aeroporto, “o avião vai chegar, já chegou, eu vou atrás” armou um palanque pra ele, lá na Praça da Catedral, botou buzinaço pra todo lado chamando “amanhã sem falta vamos ouvir o ... (como que ele chama, gente?) vai falar sobre reforma agrária!” as fazendas aqui era tudo ruim, tudo grande, cerrado muito ruim, o gado não engordava, nem precisava ser fazenda grande, porque o capim era muito fraco, a vaca andava, andava, andava e não enchia a barriga. Então vamos dar essas terras! Vamos dar essas terras pra ele fazer essa reforma agrária logo! Meu pai falava muito bem... Nesse comício meu pai pegou o microfone pra apresentar o visitante ilustre, foguetório, papapapa, ai ele falou “gente, nós temos que botar a mão na consciência, essa terra toda, nós não damos conta! Isso aqui é cerrado, uma vaca precisa de um alqueire de chão, se ela emprenhar precisa de dois (risos) porque o capim é fraco, nós não sabemos cuidar dessa terra, na nossa mão ela não vai virar nada! Quem sabe se ele vai trazer... Francisco Julião!! Foi o nome desse... e aí vamos lá, eu ponho a fazenda do meu sogro, uma parte que ficou pra minha mulher, - e minha mãe no palanque morrendo de ódio - Nanina você concorda da gente doar a fazenda? Nanina nossos filhos estão estudando pra ser médico, tá todo mundo encaminhado! Não tem ninguém pra tocar fazenda, nem sabe onde passa o peito de uma vaca pra tirar um leite. Então o primeiro presente que vai ser oferecido, cinco mil hectares de terra!” A herança nossa, mas o meu pai telefonou pra nós e falava “quem vai voltar pra Uberlândia?” eu fui a primeira a falar, “não vou, eu acabei de casar com um sorocabano mecânico de consertar ônibus e caminhão, ele tem metade de uma firma pequenininha, mas eu já achei ele estabelecido na vida dele, não vou tirar”... eu já era professora da faculdade do Mackenzie, no primeiro ano eu já fui convidada pra ser professora, então da minha parte, gosto demais da fazenda Água Limpa, mas era por uma boa causa né, sabia que ele dava mesmo. E todos os meus irmãos falaram, o Afrânio falou “pai meu gado já tá aqui em Botafogo! Minha clínica é aqui, estou com um consultório lindo, alaranjado e preto e branco, lindo! Você tem que vir conhecer e tal, e o professor Pitanguy, sou o dodói dele, pai, tio Josias me trata super bem pai, então minha parte... quer que o mando uma procuração?” Nós fomos no dia seguinte nos cartório, eu em São Paulo, eles no Rio

e passamos procuração pro meu pai fazer o que fosse de decisão dele com aquela terra. Ninguém chorou nem descabelou nem nada, isso foi em 1962. Aí a história do Brasil vai dar uma capotada em 64, “vivo ou morto, procura-se”, família, não sei o que, terrorista, sanguinário, “acharam um dedo de criança na sopa lá em Cuba, tão comendo as criança, tal”... vivo ou morto. Aí passa, passa, passa, ainda não é a anistia não, mas os militares não aguentavam mais cuidar do Brasil (risos) não aguentava mais, estava louco pra entregar! Em 76... 76, chega pelo correio na minha casa um envelope desse tamanho, muito arrumado, pro meu pai, meu pai já tinha falecido, faleceu em 76, ano em que foi premiado. Aí minha mãe fala assim “seu pai lá do alto (risos)”, chegou esse envelope enorme que era pro meu pai, aí um diploma, eu tenho que achar esse diploma porque eu guardei ele a vida inteira, porque todo mundo que eu falo fala assim “ah, cê inventou isso...”. As armas do trigésimo sexto batalhão, e assim um diploma de mérito agradecendo o espírito cívico de Afrânio Azevedo e família e Joaquina tralalala e filhos, naquela doação magistral do patrimônio territorial rural... agradecendo! E junto tinha um memorial, um documento lindo também, um pergaminho... O trigésimo sexto batalhão, mais ou menos assim, o trigésimo sexto batalhão de infantaria de Uberlândia e tal encontrou no seu acervo patrimonial rural documento através do qual se declara a transferência de uma gleba muito significativa de terra aos cinco mil hectares, papapapa, bairro tatata, terra de Uberlândia, no Distrito Miraporanga tatata, tido por doação ao governo anterior pra que dele se fizesse um assentamento na zona rural, e o Exército tendo mandado analisar esse solo chegou a conclusão de que se trata de um solo pobre, muito ácido, e que seria desrespeitoso enganar essa pessoas ingênuas, desprovidas de conhecimento técnico, iludindo-as com a garantia de que elas sobreviveriam lá, assim sendo, por não ser este o planejamento, sei lá, o 36º Exército de Uberlândia agradece a gentileza da doação e devolve a terra. Recebeu aquela terra tudo e... gente, o que que é isso? Eu já telefonei pros meus irmãos e falei “o Exército devolveu a terra!”... não, pelo amor de deus, não devolve! Não devolve! “gente, eu to com o papel aqui, tem um diploma, e tem um memorial datilografado, tá falando aqui, devolveu pro papai e pra mamãe, porque foram eles que deram né, a gente mandou procuração pra eles, mas é nosso” ah, não acredito! Tá devolvido! O meu marido falou “oh, eu não casei pra dar o golpe não, porque eu nem sabia que vocês tinham esse monte de confusão aí (risos), mas eu não entendo nada de terra, mas eu quero aprender, amanhã mesmo vou comprar os primeiros livros que eu achar aí de pecuária, agricultura, tudo, eu quero aprender!” e aí nós fomos receber essa terra, já tinha marcado uma audiência com exercito né, a mãe falou “não vou lá, sou traumatizada com exército” tive que subir aquela escada lá, bater continência... “A senhora veio representado quem?” eu falei “eu? Ninguém, eu vim eu mesma! Sou filha dessa dona aí, é minha mãe, ela tá com a cabecinha fraca lá, sei lá o que que é, não sei que que é” Papai tinha acabado de morrer... “então é isso aí”, “é só a senhora em Uberlândia?” “só! Não tenho procuração de nenhum irmão, mas o documento é pro meu pai que faleceu recentemente, a minha mãe não tá em condições de vir. Eu só vim dizer que a gente recebeu, e vim pra saber se não é uma pegadinha...” porque também a gente foi tão massacrado, agora receber um papel timbrado dando terra, é pra desconfiar! “não senhora, isso é a decisão nossa mesmo. O exército não é agricultor nem pecuarista, agora se a senhora quiser que a gente vai lá dar tiro com a moçada, não tem onde fazer treinamento de tiro, se puder dar tiro lá a gente quer um pedacinho só pra dar tiro, mas nós não queremos não, ainda mais essa terra que tem aqui, fraca, isso aqui foi um engano do exército naquela época naquele governo do senhor João Goulart, a gente não endossa isso, isso é usurpação”... Voltei pra casa, meu

marido falou “uai, vamos comprar um trator? Por onde que começa isso aí?” (risos) ahhhh, que tanto de peripécia!

**PESQUISADORA: São as terras que você mora hoje?**

PANNUNZIO: Sim. As terras que eu moro hoje! Então nossa terra acabou sendo toda reunida né, meu pai já tinha feito umas trocas e tal, a minha matrícula tem 4 glebas diferentes, uma foi trocada com um tio, outra foi trocada com um primo, outra foi trocada com não sei quem, não sei quem. Eu tenho 4 pedaços pra fazer o meu pedaço. Meus irmãos também têm uma porção de pedaço. Aí se formou um mapa de pedaços! Aí depois passou uma estrada no meio da minha fazenda, minha fazenda é o paraíso de ladrão né, porque é pertinho da cidade, só entrar... Vamos lá! dona Martha. Vamos defender lá um computador, um micro-ondas, umas coisinhas assim só para passar o fim de semana... ao todo 25 assaltos a mão armada eu tenho! Super roubados nós somos, super roubados, já perdi três tratores, duas caminhonetes, mas eu to lá, acho lá muito bom... Não tenho medo de ladrão! “Você já jantou? Não quer comer um mexidinho primeiro?”

**PESQUISADORA: Mas ele ficou muito tempo no Rio né?**

PANNUNZIO: Ele morou com o tio Josias muito tempo... Eles iam pra casa do tio Josias, sabe aquela árvore bondosa.

**PESQUISADORA: Ah! Fala-me uma coisa, em relação ao Anísio Teixeira. Afranio foi amigo do filho do Anísio na universidade, e com isso ele conheceu o Anísio, né? Ele conversava muito com você sobre o Anísio?**

PANNUNZIO: Ele era peixinho da casa do Anísio. O Anísio era espírita, o Anísio velho, Teixeira. Ele falava assim: “Menino, você já foi meu pai ou meu filho na outra encarnação, porque eu gosto demais de você!” O filho dele era meio preguiçoso, ele falava assim: “Sua obrigação, Afranio, é levar esse bosta aqui, domingo nós vamos lá, eu vou mais cedo, quero saber se vai chegar todo mundo”. Era o Durval Viana Filho, o Guarnieri, pessoal do teatro, da música, sabe? E ia... foi aí que surgiu o Centro Popular de Cultura — CPC, eles foram militantes do CPC. Era assim, a turma que canta, canta, quem sabe ensinar a tocar violão, ia ensinar a tocar violão, a turma que era da Medicina ia ensinar primeiros socorros, curativos, botar um braço no lugar, fazer um parto de urgência... Era uma festa quando eles chegavam, o Anísio tinha uma força moral enorme, então o pessoal fazia barreira, não precisava polícia não, naquele tempo o Rio não era tão violento, mas era festa! Aí reunia tudo... eu nunca subi em favela, mas eu acho que favela quando a gente chega lá deve ter um espaço né, algum lugar pra reunir o povo... era festa! O Fanoca era apaixonado por esse Anísio Teixeira, você não acredita que figura que era aquele Anísio... como é que ele entende gente pobre, não é que ele tem dó não, ele tem respeito! Ele chega lá e fala: “Nada disso! (bate palma) nada disso! Desembrulha esse menino aí, tá errado! Turma da Medicina conserta o curativo desse neném, vamos pegar uma bacia, vamos ensinar essa mãe a lavar esse menino rapidinho!” E ele cobrava, assim, cada um na sua função, todo mundo trabalhava muito. “Vamos alfabetizar” aí todo mundo era alfabetizado! Não tinha hora de parar, beaba beebé, beibi (risos) vamos lá... vovó viu a uva! (risos) como é que era a cartilha? Vovô viu a uva, sei lá. Era coral assim de alfabetização, ele adorava o Rio de Janeiro o Anísio. Então o Fanoca ficou médico com o Pitanguy, com o tio Josias, e educador com o Anísio Teixeira! Só tinha que dar um “quindim”, né?

PESQUISADORA: E ele lia aquelas referências do Anísio ou foi a prática mesmo? O aprendizado dele foi na prática mesmo, né, não foi com os livros...

PANNUNZIO: É, ele era da casa do Anísio, almoçava lá domingo. Na verdade o filho do Anísio foi calouro do Fanoca, aí você pega um calouro pra dar um couro nele, né? Acabaram ficando muito amigos! O filho do Anísio é padrinho de uma das meninas do Afranio

**PESQUISADORA: Ele mora na Bahia, né, o filho dele?**

PANNUNZIO: Eu nem sei qual foi o desfecho da vida do Anísio...

**PESQUISADORA: Não, o Anísio morreu em Brasília, foi encontrado morto no fosso de um elevador. Até hoje ninguém sabe por que que ele caiu daquele elevador. Falam que não tinha chão, sabe, porque, quando você entra no elevador, se o elevador não está é um buraco, né, só que onde ele caiu não foi um acidente, porque se ele tivesse caído no buraco o corpo não estava onde encontraram e o corpo tinha que estar muito ferido, muito ensanguentado, e o corpo não estava!**

PANNUNZIO: Ah, ele foi colocado lá, a suspeita é essa?

**PESQUISADORA: Sim, o que suspeita um pesquisador que está fazendo um estudo agora sobre o falecimento do Anísio Teixeira. Diz ele que a única coisa que leva a crer é que esse corpo pode ter sido morto em outro lugar e colocado naquele lugar de acordo com os ferimentos que apresenta e a causa seria por questões políticas.**

PANNUNZIO: Foi colocado com jeito? Que prédio que é, foi prédio público?

**PESQUISADORA: Ele foi visitar um amigo, mas não chegou a ser visto por ninguém no prédio. Dois dias depois ele é encontrado morto no fosso do elevador.**

PANNUNZIO: Não, mas o Anísio não tinha inimigo, ele era tão querido!

**PESQUISADORA: Realmente dizem que ele era uma pessoa muito querida.**

PANNUNZIO: Ele foi ministro da educação?

**PESQUISADORA: Sim. Mas o Anísio não tinha inimigo, mas tinha as pessoas que eram inimigas dele né. Ele não tinha, mas tem quem tinha com ele né. O filho dele que era amigo do Afranio, ele é médico na Bahia.**

PANNUNZIO: Depois, se tiver o contato dele você me passa, eu gostaria de conversar com ele, porque ele conviveu muito com o Fanoca, muito! Nessa história do Lamarca, ele tá junto, sabe? Ele participou, ele ajudou a levar, quem levou o Lamarca pro Fanoca operar foi o pediatra dos filhos dele, que era partidão, desses fanáticos, igual Bolsonaro, ah lalala. E ele falou, combinou com o Afranio e falou: “Ó, meu tio é veado, ele tá cansado daquela cara de veado, foi num cabelereiro em São Paulo...” inventou uma história lá: “É eu falei pra ele, vem cá, que eu tenho um amigo que te opera de graça”, italiano, narigão, começa reformando o nariz, depois tudo que você fizer é lucro pra ele... sabe como que é que viado, né? Você conserta onde você puder. O Fanoca falou: “Só tem uma verdade, é a que eu conto, o que eu vi não é da conta de ninguém... ele conta isso aí, eu sei que é mentira”. Mas ele fala: “Quando eu recebi uma incumbência, era assim: o partido mandou uma tarefa, amanhã tantas horas no centro cirúrgico do hospital das freiras!” Ainda comprometeram umas freiras lá, hospital São José. Quando o Fanoca chegou lá o paciente já estava anestesiado, na mesa, arrumado! E o colega dele pediatra estava lá: “Ahhh, muito bom (gritando), eu já anestesiiei o meu (não sei se é tio, se é primo) vamos lá, vamos lá, tudo que você puder fazer pode, ele nunca vai te pagar, mas capricha aí!” O Fanoca diz que só via que tinha um cabelo ruivo que ele botou pra dentro da touca. Um cabelo meio ruivo, mas eu não acredito. Acredito que ele sabia, conversou com ele antes, mas ele não fala.

**PESQUISADORA:** E depois o Ivo Pitanguy é que depõe a favor do Afrânio, né?

PANNUNZIO: Depois foi! Depois de depois, né? Você tem o depoimento?

**PESQUISADORA:** Não, eu tenho o... na biografia do Ivo, ele conta... assim, que eu comprei a biografia por isso, mas eu não comprei ela em espécie, eu comprei o e-book, então tem tipo umas 10 linhas só que ele fala que ele, Ivo, vivenciou uma história em que ele fez cirurgia em uma pessoa que ele não sabia quem era, depois de muito tempo que ele descobriu, e que esse mesmo fato que aconteceu com ele aconteceu com um amigo dele, que fez uma cirurgia. Aí ele conta o nome do Afrânio, ele fala Afrânio, que o amigo dele, muito amigo mesmo, Afrânio, fez uma cirurgia em um dos maiores desertores políticos, não se o que e tal, e que, no ato dessa cirurgia, ele não sabia quem era e [...] que depois ele veio a saber quem era, mas que no exercício da medicina você não escolhia quem você operava, então todo paciente que chega você tem que fazer cirurgia, então assim... O que o Ivo remete ao Afrânio no livro inteiro é essa passagem, que ele tem uma semelhante, que ele até ele fala o nome da pessoa que ele operou, mas eu não guardei o nome não, era muito difícil, eu ainda não tive tempo de voltar e entrar no Google pra ver quem que é a pessoa que o Ivo operou e que foi a mesma coisa que aconteceu com o Afrânio.

PANNUNZIO: Podia ter sido o Afrânio, depois que tudo passou né...

**PESQUISADORA:** É, então ele conta esse pedaço. Quando eu peguei a biografia do Ivo, eu falei: “Vou ver que mais que tem”, mas na hora que eu busquei por Afrânio só tinha esses dois espaços.

PANNUNZIO: Quando passou tudo, o Afrânio foi fazer uma visita pra ele. O Zé Olympio tinha muita vontade de conhecer o Ivo Pitanguy... ou tinha sido assistente dele também na parte de queimados, não sei. Aí o Ivo Pitanguy os recebeu, o Ivo Pitanguy era bem mais velho que eles, né, e falou assim: “Vocês são uns bostas! (bate na mesa) porque se vocês tivessem isso aqui de esperteza...” (risos) Porque, quando o Fanoca saiu da cadeia e pôde trabalhar... levou quatro anos pelejando, ele perdeu a mobilidade, ele teve todas as digitais cortadas, unha arrancada... “É essa mão que opera? Então tá.” Papapa, martelo na mão! Então o retorno dele pra vida profissional foi muito lento, foi muito dolorosa, foi muita fisioterapia, tio Josias refez o gordinho de cada dedo assim, mas sem aproveitar a digital porque elas estavam estraçalhadas. Foi muito difícil! Aí ele não tinha o tato nas mãos, até voltar isso aí foi um esforço, yoga, não sei o que de exercícios, de não sei o que foram anos e anos, até ele de novo pegar um bisturi e ter segurança pra fazer uma cirurgia. Era um excelente cirurgião plástico, mas custou muito. E o Pitanguy falou assim: “José Olympio e Afrânio vocês são uns bosta! Sabe fazer, mais não são espertos, como pode não ser esperto, fica caçando onça no galho da árvore ao invés de ser esperto, tem que aprender a dar tiro!” (risos) Lá nesse julgamento do meu pai, ele falou: “Olha, eu tenho cinco filhos, só uma mulher. Meus filhos estão tão incompetentes, tão mal preparados, que nenhum deles fez o exército de guerra, não fez... sabe por quê? Porque com 17 anos eles já estavam na faculdade! Tudo estudante muito capacitado, passa em toda prova... então não deu tempo de servir o exército porque eles já eram universitários quando fizeram 18 anos, é uma meninada diferenciada. E outra coisa, eu não criei filho pra massa de manobra, pra sair matando gente. Mão que cura, não é mão que mata. E também uns incompetentes, porque se tiver uma luta armada eles não sabem nem botar bala na agulha, isso que foi o erro que a gente fez (bate na mesa, risos). É mão que cura, não é mão que mata!” Eu sei que meu

pai saiu 7 a 0 lá, já era de noite quando encerraram tudo... E o consultório do Fanoca depois... levou anos, anos e anos, depois ele voltou pro apartamento dele e tal. Consultório dele lotado de madame, mulher do General, mulher do Almirante, velharada toda foi lá. “Doutor, o senhor foi aquele? Ah, então vamos combinar aqui, porque o outro ficou irreconhecível, a gente também quer, que que dá pra fazer aqui?” Ele falava: “Não, aqui dá pra fazer toda mágica que a senhora quiser” Lotado! Ele falava: “Gente, que que é isso, em vez de me hostilizar porque o marido me considerou bandido, a mulherada caiu no meu colo, uai!” Tudo querendo fazer plástica!

**PESQUISADORA: Pois é, ele estava extremamente estabilizado no Rio de Janeiro e aí ele vem pra Uberlândia pra mexer com a questão política... Ele vem só pela política ou ele veio primeiro pelas terras de vocês?**

PANNUNZIO: Não, não, ele ficou muito tempo aqui, só trabalhando na clínica dele, não quis ir pra cátedra, não quis ir na Universidade pra fazer prova nem nada... ele estava assim, muito amassado, né, ele veio assim de mão abanando... Aí foi assumir o pedaço dele na fazenda, aprender que que é boi que que é vaca (risos), como é que faz, fazer o curral, conviver com peão e tal. E o consultório dele foi ficando muito bom, muito bom, muito movimentado e tal, família é muito grande, todo mundo gosta muito dele. E a ida dele pra política foi assim, um acidente, eu sou muito culpada disso aí também e isso me dá uma raiva louca, porque eu fui ser vereadora antes de todos. Eu fui ser vereadora à toa, Um dia o Renato de Freitas chegou na minha sala, ele era meu primo, chegou na minha sala e falou assim: “Gilberto, eu vou levar a Martha pra ser vice prefeita comigo”. Meu marido falou: “Cê tá doido? Mulher brava! Isso não faz um acordo de jeito nenhum, viu? Não, a Martha não, Uberlândia não tem... depois você morre aí e ela vai ser prefeita, ela vai sair dando bordoadas nos outros... (risos) E a Martha conversa demais, Renato, ela larga tudo que tiver pra fazer pra dar prosa fiada, ela conversa demais”. E ele falou: “Não, então é igual eu mesmo, uai, vai dar certinho. Então deixa ela pelo menos ser vereadora, meu palanque tá precisando de mulher vereadora! Vou fazer um teste com ela, ela vai pra um comício e vai fazer um discurso, vamos ver como que é isso”. Chegou lá, baixou o santo, fez um discurso maravilhoso, Renato falou: “Tá eleita!”. E eu entrei na vida política assim...

**PESQUISADORA: Seu primeiro mandato foi quando?**

PANNUNZIO: Meu primeiro mandato foi junto com o Zaire, foi 84... não, o Zaire terminou em... não, eu entrei em 86. 86. Não, peraí, o Virgílio teve o mandato prorrogado...

**PESQUISADORA: 89 foi o dele, que é o que eu tô estudando. Então o Zaire foi 89, 7, 6, 5. 85.**

PANNUNZIO: Isso. Então, no governo do Zaire disputaram Zaire, Renato, Aldorando. De lá, Paulo Ferolla, não sei quem, não sei quem. Então, nesse aí eu não fui eleita, eu fui a primeira de sobra, suplente. Aí era um mandato de 4 anos, teve qualquer problema, o Sarney mexeu os pauzinhos, aumentou o mandato do presidente, aumentou tudo. O governo passou de 4 anos pra 6. Para emparelhar a eleição. Nessa prorrogação, não, no fim de 4 anos teve eleição pra deputado estadual e federal. Foi eleito o Geraldo Rezende que era o vereador do Zaire, foi eleito. Depois dele o primeiro do PMDB era eu, então a Justiça me chamou pra me dar o mandato, eu tive dois anos de mandato, mas aí eu era só suplente. Dois anos... é, foi isso mesmo... e daí teve a outra eleição, o Virgílio veio com o Chico e tal e eu tive o meu mandato de 4 anos. Eu fiquei 6 anos na Câmara, passei toda a raiva que você pensar na vida...

**PESQUISADORA: Então você pegou os dois últimos do Zaire e os 4 primeiros do Virgílio...**

PANNUNZIO: É, briguei com o Zaire o tempo inteiro e briguei com o Virgílio o resto, o tempo todo (risos).

**PESQUISADORA: E aí quando você estava com o Virgílio, o Afranio...**

PANNUNZIO: É, quando a gente fez coligação com o Virgílio, não era pra ser o Chico Humberto, era pra ser outro do partido do PDT. Feita a coligação, era pra ser o Antônio Naves que ia ser... Queimou o filme, porque o Virgílio naquele momento estava desmoralizado, estava abalada, assim... Depois de feita a coligação saiu... Não sei que que o Virgílio fez... Você sabe que fez do Antônio Naves? Não sei... “Ah, prefiro continuar vereador, que o Seu Virgílio é muito competente, não precisa de mim não... vou queimar meu nome, eu tenho eleitorado garantido pra ser eleito e tal, põe outro, põe outro...” Foi cair na mão do Chico! Eu era presidente do PDT, não acreditei que aquilo estava acontecendo, que eu ia cair no colo do Virgílio Galassi, pelo amor de Deus, não!, pessoa que eu odiava. A gente era inimigo assim, de outra encarnação! Não era dessa encarnação, não tinha condição! Virgílio era indecente. E aí... aí não queria coligação mas foi, com o Chico... claro que foi uma eleição fácil, né, eles foram eleitos e tal, mas, no dia da posse, dia 31 de dezembro é a posse, dia primeiro é feriado mundial, depois dia 2 já começa o mandato. Fizemos uma carreata, tananana, tananana. Na segunda-feira circulou o jornal “O Município”, já saiu impresso, abastecendo a prefeitura toda, a cidade toda: “Nomeados os quatrocentos e não sei quantos novos servidores da Câmara Municipal”. O Chico enlouqueceu, falou: “Que é isso? Como que foi nomeado, da onde que saiu esse povo?” O Zaire tinha feito concurso, deixou 2 mil nomes de pessoas aprovadas no concurso pra ser [efetivadas], desde faxineiro, varredor, não sei o que, papapapa, cantineiro, tudo! Uma lista de espera aprovada em concurso interno, 2 mil pessoas! O Virgílio ignorou aquilo e nomeou quatrocentas e tantas. O Chico foi na casa dele, falou: “Virgílio, que que é isso?” “Chico, o galo canta é na primeira noite! Vou te ensinar a ser político! Tem que ser diferente...”, “Virgílio tem duas mil famílias destilando peçonha contra o senhor, não pode fazer isso uai, a cidade... foi edital, foi concurso, foi banca, foi tudo... é lei!”. Ele falou: “Nada... hoje vai ter duas mil pessoas xingando a gente, mas vai ter 450 acendendo vela, rezando, agradecendo terço de louvor... depois a gente vai chamando um ou outro, vai dar um empreguinho aqui, contenta tudo, abre outro concurso! Chico, você liga pra povinho? O Sérgio falou...” Quando falou Sérgio, o Sérgio é genro do Virgílio! “Virgílio, foi uma combinação nossa que o Sérgio não ia aparecer no seu governo”. “É, sinto muito, mas é genro, que que eu posso fazer, né? É um marido bom pra minha filha, ela gosta dele, os meninos são bonitinhos, meus netos... não posso desprezar!” “Seu Virgílio, foi combinado isso! O Sérgio é do mal, seu Virgílio, o Sérgio faz tudo quanto é trambique, o senhor sabe disso, ele não é seu filho, ele é seu genro! O senhor sabe, foi combinado que não ia ter Sérgio nesse governo!” Ele falou: “Ah, então me desculpe, mas eu vou ter que (inaudível), vai pra casa, descansa, toma um banho, esfria a cabeça, vai ser um governo lindo, você vai ver!” O Chico brigou com o Virgílio no primeiro dia do governo dele! (bate na mesa) Falou: “Não é possível, o Sérgio pintou o bordou!” Um dia eu estava fazendo um comício, um discurso na tribuna, o Sérgio tinha o apelido de Sérgio Trintinha, porque ele cobrava 30% de propina sobre tudo... não, não ri não, é verdade! Você vai lotear sua chacinha, quer fazer um loteamento pra passar pela rua tal e tal? Então 30% do lote aqui. O apelido dele que corria era Sérgio Trintinha, um moço muito bonito... Você conhece o Sérgio?

**PESQUISADORA: Não!**

PANNUNZIO: Um moço bonito, da idade do Chico assim... teve um câncer não sei onde, mas não morre. Terrível! Todas as maracutaias do governo do Virgílio que não tinha nome, nem nome nem cara, era ele! Aí eu tô lá, aí ele chegou: “Com licença.” Ele estava de secretário, né, a gente tinha que receber. Ele era secretário do executivo. Quando eu acabei de falar, ele pegou no microfone e falou: “Quero me dirigir especialmente a uma pessoa que eu quero muito bem, que me vestiu de piranha pra todos os bailes de carnaval da minha juventude...” Eu, né? Porque era lá na minha casa a muvuca de pintar menino, botar peito, sutiã, encher o sutiã. Então “...que me ajudou a ter muita alegria na minha juventude, e tal e tal, dona Martha, a quem eu prezo muito, mas ela não gosta de mim... dona Martha, eu quero falar pra todo mundo ouvir e pra constar no diário... eu sei que a senhora me xinga, não com palavra de baixo calão, a senhora acrescenta ao meu nome uma informação pejorativa que eu poderia até mandar prender a senhora, a senhora fala “Sérgio Trintinha”, não é, que a senhora fala? Então, mas não vou processar a senhora, porque eu quero que a senhora viva muito pra senhora saber que eu fui do A a Z, eu estou no A, vai vir alguém futuramente que vai ser quarentinha, cinquentinha, sessentinha... que é isso, dona Martha, aprende a me considerar como uma pessoa da história da cidade, não sou inimigo da cidade não senhora. Eu me chamo Sérgio Ribeiro Cunha, a senhora conhece meu pai, minha mãe... Trintinha, a senhora vai ter saudade!” Uberlândia vai ter saudade. Menina, eu falei “eu quero essa fita! Eu quero a cópia dessa fita, isso vai constar de ata! Tá assumindo que é bandido, que é ladrão, que...” e foi tudo isso! “Veremos se a senhora vai ter essa fita!” Eu fiquei do lado do gravador esperando. Quando terminou a sessão, menina, aquela confusão, desligando coisa e tal, pessoal saindo e tal, o funcionário da Câmara me entregou o rolo, falou: “A senhora quer levar o rolo?” “Não, não vou levar o rolo! Esse rolo na minha mão fica até suspeito, né? Esse rolo vai ficar aqui, nós vamos ouvir agora, nós vamos gravar outra fita com essa gravação, eu vou levar a cópia, o outro, vamos lá!” O rolo era virgem, não tinha nada gravado! Eles consumiram o rolo, aquela ata ficou sem, aquela sessão ficou sem ata! Sem ata! Porque desapareceu misteriosamente o rolo de fita.

**PESQUISADORA: Já estava combinado, né, por isso que ele falou o que ele falou, né?**

PANNUNZIO: Lógico! Mas a Câmara era bandida, né. No dia que terminou a apuração, ah! eu fiquei tão chateada que eu perdi a eleição, nossa senhora. Era a única vez que eu seria uma boa vereadora, era no terceiro mandato, que eu já sabia as manhas da Câmara e tal. Os grupos, as quadrilhas... Cheguei lá na secretaria, as moças estavam num comentário, papapapa. Na hora que eu cheguei o assunto acabou. “Não, dona Martha, a gente tá... é, é... Não, é porque a gente...” “Não, não precisa gaguejar não, porque eu sei que que vocês estão falando. Tô muito chateada de ter perdido a eleição! E não é possível, esses votos que eu tive não é nada! Nem se eu tivesse chegando agora na política, eu sou uma mulher combativa, briguenta, tô todo dia no microfone, na imprensa, e tudo. E paralelamente tem uma escritora aqui, não sou uma pessoa a mais no município, desprezível, eu tenho uma história, uma biografia na cidade, então não podia ter acontecido isso, tão pouca gente achar que eu servia pra ser vereadora na cidade! Tudo bem, fazer o que né?” Aí a menina falou assim: “Olha, dona Martha, porque a senhora é amiga da gente, a senhora vem aqui, a senhora corrige a ata pra nós, a gente não sabe se é com ç ou se é com ss, telefona e na hora a senhora conserta a ata pra nós (risos) a gente gosta de escutar sua fala, a senhora pega o microfone e nossa! a

gente até para o serviço porque é bom de escutar a senhora falar, sua história a senhora conta, de Uberlândia, a sessão fica tão cheia de informação, né, tão bom, os vereadores tudo cala a boca!” Falei: “Não, não tão prestando atenção é nada, só tão de boca fechada, não tão aprendendo é nada (risos)”. “Dona Martha, mas olha, é um lado ruim da senhora perder a eleição, mas, cá pra nós, tem um lado bom também.” Falei: “Claro, tudo tem um lado bom e um lado ruim, mas qual que é o lado bom?” “Agora a sessão vai ficar curtinha, nós vamos datilografar rapidinho (risos) porque ninguém vai pedir aparte pra ficar fazendo discurso de um quilometro (risos)... aí, Dona Martha, graças a Deus, tomara que não entre ninguém aqui que fale igual a senhora!” Tem o lado bom, né? Eu gosto daquelas meninas! Tá tudo certo, é isso mesmo!

**PESQUISADORA: E nessa história, como que o Afranio parou na educação? Você falou que você se sentiu culpada...**

PANNUNZIO: Não, ele ficou, ele, o Mário Augusto e o Joel, eram 3. Todos os 3 comunistas confessos, declarados, já tinham sido presos todos eles. O Joel primo da gente. Então eles foram o cérebro da campanha, campanha foi muito bonita, e o ideário, programa do governo dele, cê falava assim: “Gente, mas esse cara aqui é de esquerda!”. O EMEI pra criançada da periferia, escola de qualidade, 20% absolutamente à disposição do município (bate na mesa), mesmo se houver superávit, abrir escola em todo bairro novo que surgisse, papapa, restrição de loteamento pra igrejas, que cada rua tem 5 igrejas, que que é isso? É uma igreja só pra cada, cada um vira pastor e quer um lote pra fazer, que que é isso, né? Católica também para com isso e tinha umas coisas muito interessantes, e fazer ambulatório médico na periferia, que não tinha né, tinha ali um não sei aonde, um postinho aqui não sei do que... Mas tinha que fazer uma unidade de atendimento na periferia! Começar por onde? Aqui não pode porque é do Renato, aqui não pode porque é num sei de quem, sei o que, ali não pode porque não sei o que, ali não pode porque é do Tubal Vilela, vai fazer aonde? Tem que fazer onde tiver lugar né, onde conseguir! “Não, mas fica caro!” Aí os médicos, a máfia do sapato branco, falou: “Nó, mas fica fazendo isso por aí, o nosso hospital vai dar prejuízo, quem vai pro nosso hospital?”. Tinha 8 médicos, eu falava: “Nossa, mas vocês são a Máfia do Sapato Branco, viu?” (risos) Eles todos de jaleco... não, mas isso aqui é o que? É um pronto-socorro, que que é isso aqui? Médico não tem nada que ser vereador, vai cuidar da clínica, né, particular (risos). Então, a gente brigava, Normi, Nilza e eu brigava por causa de tudo pra ser público, abrir postinho, melhorar não sei o que, tatata, o Zaire tinha deixado todas praças ocupadas com alambrado, com quadra de esportes, tudo bagunçado, aquela coisa, né, quem mandava na praça não era o povo, lá na praça era o presidente da associação de moradores do bairro que tinha a chave do portão! As praças foram morrendo, morrendo. E tá uma bobagem até hoje, né, porque ninguém foi desmanchar aquilo. Então a gente combatia essa coisa assim. E aí o que que eu quero te contar, nem sei...

**PESQUISADORA: Do Afranio.**

PANNUNZIO: Ah, então o Afranio veio com o Mário Augusto e com o Joel pra fazer a inteligência do programa. Virgílio foi muito humilde. Virgílio não tinha cultura nenhuma, nem escolaridade, foi até o quarto ano primário, ficou vendendo carne no açougue do pai dele toda vida. Aí casou com essa moça rica, o pai obrigou, melhor do que pular a janela e morrer, pular a janela e fugir, carniceiro, né, vai ser uma desmoralização, então casa! Homem bonito e tal... então o Virgílio, ele era a pessoa mais esperta que eu já conheci na minha vida. Eu e ele nós éramos inimigos, eu tinha ódio dele e ele de mim, mas quando a gente chegava num evento assim, inauguração

não sei do que, vamos descerrar uma placa do Fórum de Uberlândia, título eleitoral número 200.000, um momento! Hoje tem mais de 400, né? Uma placa de bronze “Município de Uberlândia, duzentos mil eleitores, nossa cidade tal tal”, um evento importante! Eu vereadora, eu acho lindo que a minha cidade tenha duzentos mil eleitores, quer dizer que deve ter umas 350, 400 mil pessoas. Aí a gente chega ao evento lá, quem é que vem emparelhar comigo... Oh! meu deus, mas é um gambá! Em público, Virgílio beija a mão, ele é educado, beijava a mão da Nilza, a minha, da Norminha, um cavalheiro assim, muito cavalheiro né... Então era difícil, o pessoal falava: “Por que você é implicada com o Virgílio, o Virgílio te considera tanto!” Então tá! Podia me considerar menos! E uma vez eu estava na sessão, a sessão era de tarde, e eu estava numa briga louca com o Toninho Jorge Neto, eu num microfone, ele noutra, e papapa, aí de repente a conversa de lá foi calando... eu continuando a falar e ele nada de responder, a Câmara estava toda quieta. Eu olhei pra trás, na primeira cadeira estava o meu marido (risos), ele chegava lá (risos), ai que graça que era! Ele estava na fazenda com trator e escutando no rádio, né, e o Ademir Reis que informava para ele. Ele chegou na sessão assim, ficou aquele silêncio. Um dia ele chegou todo arrumado, quando eu pude eu falei: “Gilberto, que você tá fazendo aqui na cidade?” “Ué, eu vim atender um chamado... vamos comer uma pizza?” A gente não tinha esse recurso de comer uma pizza, não tinha essa cultura da pizza, né... “Não, vamos ali comer uma pizza... você não vai perguntar pra que eu vim pra cidade não?” “Não, pra que eu vou perguntar?” “Tá bom, pergunta, vai.” “Acabou o plantio?” “Não, não acabei não, vou acabar amanhã.” “Uai então por que você não esperou pra aproveitar que não choveu?” “Depois eu falo.” Lá pelas tantas ele falou: “É, eu vim atender um chamado urgente do Virgílio.” Falei “Não acredito. Qual Virgílio?” “O Virgílio Galassi!” Falei: “Ué, o Virgílio manda em você agora?” (interrompida pelo celular que toca) Nós fomos na tal da pizza, comemos a pizza e tal, falei: “Quem te chamou?” Ele: “O Virgílio.” “O Virgílio te chamou e você veio?” Porque o Virgílio é da minha estrada, ele passava na minha porta, “Não acredito, o Virgílio te chamou e você foi feito um cachorrinho?” “Não, feito cachorrinho não, feito um vizinho que preza o outro, eu não sou daqui, eu não tenho nada a ver com as brigas de vocês.” “E aí?” “Não, ele só falou: ‘Gilberto, segura sua onça, eu não estou dando conta’, (risos) todo projeto de lei que eu mando a Martha atrapalha, à toa, as vezes não tem nada que ver, mas ela pede vista, ela demora a devolver, ela cria encrenca, nossa! ela tá me atrapalhando demais!” Falei: “Você escutou isso e não meteu a mão na cara dele não?” “Cê tá doida?” Falei: “Não dorme comigo mais, acabou... ah, atender Virgílio Galassi, pelo amor de deus!” Ele era assim! Um dia teve um acidente na estrada também, o Gilberto chegou tudo sujo de sangue, um menino aprendendo a guiar, muito barro, muita lama na estrada, o carro caiu na pirambeira. Eu, que vinha atrás, vi o acidente, parei. Foi difícil demais tirar o menino, foi mais difícil ainda tirar o Virgílio. O Virgílio deu o carro pro neto guiar, e o neto se atrapalhou no barrão da estrada e acabou capotando, aí foi difícil demais tirar os dois naquela estrada. Ainda bem que logo depois passou umas pessoas que estavam indo pra cidade. Eu acho que quebraram alguma coisa, mas podia ter sido pior. “Mas por que que você não deixou o Virgílio lá? Ora, Gilberto, pelo amor de Deus, por que não deixou o Virgílio lá, você desceu uma pirambeira pra carregar... pelo amor de Deus!” (risos) Então a gente era muito inimigo, muito mesmo, mas ele me chamava de Marthinha, me arrepiava assim, acho que até subia minha pressão... “Martinha...”

**PESQUISADORA: Gente, e como que o Afranio...**

PANNUNZIO: Ele ficou 4 mandatos, com o Virgílio ficou todos, depois com o Paulo Ferolla, mas foi assim, terminada a eleição eles estavam muito amigos. Virgílio gostava de uma cachacinha, Fanoca também gostava, aí tal veio aqui, vamos provar, tatata, e o Fanoca achava que o Virgílio era um cara bom! A gente teve esse desentendimento que só foi piorando, piorando, azedando, mas ele era uma pessoa que sabia escutar... Podia até falar “Olha, interessante”, não estava nem prestando atenção, mas falava “Oh, é mesmo? Oh... depois nós vamos voltar a falar desse assunto, pode ser?” e nunca mais falava, né? Ele tinha um social assim humano. E quando terminou o mandato que ele convidou o Joel, o Mario Augusto e o Afranio, Mário Augusto falou: “Não, eu sou do estopim curto, eu meto a mão na cara dos outros, não jogo nesse time da paciência não... isso é bom é pro Fanoca”. O Joel falou: “Eu topo! Vou cagar na cara dos outros aí”. O Joel era brincalhão, né.

### **PESQUISADORA: Joel Cupertino?**

PANNUNZIO: Joel Cupertino! Ele foi pra associação... Ação Social! Ele falava pras mulheres: “Vocês não lavam esse peito? Peito azedo, fedido, como é que o neném vai mamar nesse peito aí? Vai lá lavar esse peito aí, lava bem lavado pra depois pôr o menino para mamar, subaqueira! Sufocando o neném, para com isso, gente, não! Vou falar pro marido de vocês não dormir com vocês não, não compensa não!” As mulheres ficavam loucas com ele, e, apesar de ele ser desse tipo, o pessoal falava: “Nossa, mas ele é bonzinho, mas ele é joia, né?”, ele é engraçado. Aí o Virgílio falou: “Afranio, como é que lida com pobre?” “Uai, você já foi pobre Virgílio, você sabe como que é! Não precisa me perguntar! Eu nunca fui pobre, eu já nasci com tudo resolvido. Você já foi pobre! Filho de imigrante, que não falava português, era açougueiro, como é que é?” “Não, porque tem que melhorar as escolas, não pode...” era multisseriado, era uma coisa horrorosa, zona rural nem falar. E aí cada professor ia do seu jeito com a bicicleta, ia a pé, não sei o que, era aquela confusão. “Como é que é, dessa favela do Rio de Janeiro que você tanto fala, como é que era lá?” E o Virgílio foi um ouvinte, de muitas vezes perguntar de novo pro Afranio: “Como é que que lá faz? Favela, aquele povão esquisito, como é que faz?” Ele falou: “Uai, eu bebi na fonte do Anísio Teixeira. O Anísio tinha um coração pra entender pobre, pra aceitar pobre, pra respeitar pobre... foi o aprendizado de comunismo maior que eu tive na minha vida. Ele não era comunista, mas ele era só coração. E enérgico, chegava na favela e falava: “Vamos lá, vamos lá, todo mundo arrumadinho, meninada toda, quem mijou na cama vai passar uma aguinha aí na bunda porque se não vai azedar aqui a roda, vamos lá” (batendo na mesa) E o pessoal gostava, tem gente que tem facilidade pra puxar orelha, né? E o Anísio tinha. Ele falou: “Olha, eu vi lá como é que é, eu não sei porque eu nunca estudei num grupo escolar, eu nunca vi um piolho na cabeça da minha irmã nem da... a gente foi de outro departamento. Não tenho a experiência da escola pública pra criança, eu não tive creche nem tive pré-escolar, nunca vi isso. Lá em casa a gente era um coletivo no quintal fazendo arte até inteirar 8 anos, depois ia aprender a ler, não sei. Mas tem um jeito. O jeito é assim: primeiro aceitar tudo, segundo não chamar a atenção, terceiro não desmoralizar publicamente. Acudir, ‘ta fazendo assim porque tá faltando aqui, vamos lá!”. O Zaire tinha feito um governo bem populista, oooooh participativo, aquela coisa, tem que desmontar o esquemão do Zaire, tem que desmontar! Não é nada disso, não é passando a mão na cabeça não. E o Seu Virgílio foi aceitando aquilo passivamente, porque ele também não queria se preocupar. “Mas vai ter muita grana pras escolas?” “Vai.” “E o senhor não vai pegar nem um pedacinho! O Secretário de educação que entrar, eu que vou fazer a cabeça dele.” Aí o Virgílio falou: “Então é você!” “Não, mas

eu sou cirurgião plástico!” “Não, mas onde que eu vou arrumar um secretário assim? Ainda vou te dar trabalho que você vai ter que falar com ele? Então já tá falado!” Nossa, eu dei pulo de duzentos réis, sabe aquele piolho? “Não tem cabimento você ser secretário do Virgílio.” “Mas quem falou que eu vou ser Secretário do Virgílio, eu vou ser Secretário de Uberlândia! Da cidade! Das crianças da cidade!” Eu falei: “Não, Fanoca, você é cirurgião plástico, pelo amor de Deus!” “Eu não vim aqui te pedir sua opinião, eu vim te contar! Ponto, eu vim aqui te contar!” Fizemos uma reunião do partido lá, todo mundo chocado com as escolhas! E o tanto que meu partido ficou bravo? “Ah, então é emprego pra família de vocês! Também quero um emprego, cadê o da minha filha, cadê o do namorado da minha menina, cadê o .... é, sua família entupiu todos os cargos aí, tal.” Nossa, eu tinha vontade de bater nesse Virgílio Galassi, viu?

**PESQUISADORA: É, porque vocês fundaram o PDS, né?**

PANNUNZIO: PDT. É, eu era PMDB, aí acabou a filiação partidária, Chico estava começando, eu já era vereadora, aí eu fui ajudar o Chico a fazer o PDT. Mas ajudar assim, 25 horas por dia! Sabe por que que a gente foi ser do PDT? Não é nem pelo Brizola, eu tinha um fascínio pelo Brizola, porque ele era um figuraço, né, muito inteligente! Mas porque na educação ele trouxe o Darcy Ribeiro. O Darcy foi o Secretário do Brizola, seria o Ministro da Educação, mas ele foi Secretário de Governo no Rio de Janeiro, já começou fazendo sambódromo! Pessoal falou: “Esse cara é louco? Tá na educação e vai fazer gafieira e pingaiada e putaria?” Mandou fazer o sambódromo rapidinho pra já ter o primeiro carnaval lá. A gente não entendeu onde que o Darcy Ribeiro estava com a cabeça, desmanchou tudo que ele tinha falado e mandou fazer espaço pra gafieira? Ah não! No momento você não entende, né? Impossível um troço desses! Não, mas embaixo do sambódromo vai ter sala de aula, não sei o que, vai sambar com elegância, vai ficar gente sentadinha longe, não vai passar a mão no peito das mulheres que estão lá dançando não, vai ter espaço pra sair, pra entrar o outro, vamos organizar isso aí! E olha que beleza que ficou, né? Escola por escola, todo mundo bem, todo mundo fica quieto lá na arquibancada, não caiu a arquibancada (risos) e depois foram fazer o CIEP né? Então, quando o Chico trouxe o PDT pra cá, eu fui de mala e cuia!

**PESQUISADORA: O Chico falou pra nós na entrevista dele que...**

PANNUNZIO: O Chico ajudou muito o Virgílio...

**PESQUISADORA: É, que eles fizeram uma... Uma lei? Que o Chico poderia ser vice-prefeito sem abrir mão... Continuando deputado, né...**

PANNUNZIO: Mas ele foi vice-prefeito depois, continuou deputado lá, nunca recebeu nenhum salário.

**PESQUISADORA: Isso, ele abriu mão do salário, né, só que ele pôde ajudar demais Uberlândia.**

PANNUNZIO: Mas ele ficou 2 anos e ele perdeu a eleição de deputado, aí ele ficou só vice-prefeito, arranjaram uma salinha pra ele, um lugarzinho lá, só uma assessora Raquel, de início. Só tinha uma assessora, e o Virgílio nunca saiu nem um dia assim: “Tô doente, o Chico fica no meu lugar”. Não... Completamente obscurecido. Aí sim ele teria direito a um salário de vice-prefeito, 2 anos né, nem isso repassaram pra ele. Aí foi a luta declarada do Sérgio com a gente. (risos) “Minha querida Dona Martha, a senhora vai ter saudade do Sérgio Trintinha, porque a senhora vai ver aqui quarentinha, cinqüentinha, sessentinha e vai ter saudade de mim!” Vagabundo! Sabe que que o Sérgio fez na rodoviária daqui? Mudou de dono, houve uma licitação, alguém ganhou, mexeu em tudo! Botou escada, não sei o que, fez milhões de lojinhas, umas

porcarias de umas lojas feias lá, pôs um banheiro pra você pagar pra mijar, uma confusão! Um dia eu tô lá, falei: “Gente, essa rodoviária é do Fernando Graça, maior arquiteto de Minas Gerais o Renato chamou pra fazer”, e a (inaudível) Renato falou: “Gente, passa um ribeirão no meio, atravessa na pinguela do Buriti, não tem como comunicar, tem que ter a ponte! Pontilhão é quando... aquele povo não vem aqui tomar esse ônibus, esse ônibus aqui não é pra ir pro bairro não, é pra ir a São Paulo, em Cuiabá, não sei da onde... intermunicipal e interestadual, é outra coisa! Aqui na igreja do centro cabe dois ônibus, três, vamos fazer uma rodoviária grande pra caber dez ônibus!” O pessoal falou: “Tá louco o Renato, dez? que dia que vai precisar de dez ônibus aqui?” Fez com trinta lugares e enche! Renato pensava grande! E aí fica essa guerra ruim e vai ficando todo mundo inimigo, né, vai ficando tudo inimigo, o Chico foi pra pobreza, porque ele nunca fez campanha com dinheiro de ninguém, mas perdendo eleição acabou! Primeiro ano que você perder eleição pode catar o boné e ir embora, né. E aí ele caiu assim num buraco sem fundo. Aí divorciou, teve que ir embora pra Brasília. Ele falou: “Não, morei em Brasília quantos anos, né, vou pra lá começar tudo de novo!” O Chico tem um valor enorme, ele começa de novo, alegrinho, pode tá caindo o mundo na cabeça dele, ele chega, ele é festivo... “Você tá muito magra! Tá precisando de um remedinho aqui!” Ele já traz o remédio, já receita, sabe? “Como é que você chama, tatatabem fazer nada não? Bordar, essa mulherada aqui não borda não? Minha mulher vivia bordando, minha sogra bordava, fazia crochê, não sei nem como que faz aquilo, minha sogra ficava quieta num canto, não amolava ninguém, agora essa mulherada fica à toa o dia inteiro. Que vocês fazem da vida? Me conta. Não vamos melhorar os forrinhos da casa de vocês, e tal...” Comprou uma tonelada de agulha, de linha, linha que estava estocada apodrecendo na cidade, comprou todas, botou a mulherada pra fazer... “Quem que sabe fazer crochê vai ensinar as outras, vou fazer um lanche aqui, toda terça-feira vocês vem fazer crochê! Quem é que sabe fazer bolo? Bolo de que? Bolo pode ser ruim mesmo, enquanto tiver a gente come, vamos lá fazer bolo! (risos) aula de bolo!” ele agitou a mulherada da periferia, viu? Foi muito bom, muito bom!

**PESQUISADORA: Era um pessoal que tinha uma visão empreendedora também muito grande, né, Martha, nesse período que Uberlândia dá uma crescida muito grande.**

PANNUNZIO: Sei que quando eu peguei Uberlândia com 200 mil eleitores foi emocionante!

**PESQUISADORA: É, agora, hoje, imagina quantos que nós estamos...**

PANNUNZIO: Mas por quê? Porque Uberlândia já tinha água, estava garantido em água! O Renato fez a água e o esgoto! Quebrou tudo, a Floriano, a Afonso Pena, rasgou de cima embaixo, aquele barreiro nas portas de todo mundo, “Ah, esse prefeito bagunceiro, ah...” “Cala a boca! Espera que vai...” (risos)

**PESQUISADORA: Pelo menos ele era igual com todo mundo, né? Não tinha pra ninguém!**

PANNUNZIO: Mas a família Freitas adorava o Renato, a gente tinha um orgulho dele!

**PESQUISADORA: Ele era da família da sua mãe, né?**

PANNUNZIO: É, ele era... O pai dele era irmão da minha mãe. Ele era muito legal, muito legal!

PESQUISADORA: Martha, é muita história, né? Tem que escrever seu livro mesmo!

**PESQUISADORA: Martha, você e o Afranio conversavam com Renato sobre os projetos no município?**

PANNUNZIO: Não, ele não me dava a menor confiança! Bom, quando eu não era vereadora... No tempo do Zaire ele não estava na política ainda, né? Ele me chamava muita atenção... “O Zaire é um cara bom, ele é um cara honesto.” Eu falava: “Não, ele é tantã! O Zaire é um retardado. Quem tá governando é a família Gonçalves, a cidade tá chamando Gonçalves, um monte de Gonçalves em tudo quanto é setor, ele tá estragando as praças, ele tá ocupando tudo com alambrado, eu não concordo com isso, ele não cuida... acabou com a escola seriada, mas não construiu nenhuma escola de relevo na cidade, a cidade está crescendo sem parar. E aí vai lá rezar uma missa, um terço não sei aonde...” “Em vez de você ficar culpando o Zaire, ajuda o Zaire, se aproxima dele.” Eu falava: “Nem, não quero nem ver”. Bom, aí veio o Virgílio e ele foi ser Secretário, né, e eu fiquei assim... uma que eu não queria que ele fosse, pra não ajudar o Virgílio. Mas ele me serenou assim: “Não, não vou ser Secretário do Virgílio nem pro Virgílio. Vou ser Secretário da Educação de Uberlândia! A gente é da zona rural, a gente sabe a dificuldade da zona rural, tem que melhorar essas escolas, a condução, precisa dar condição pra buscar cada menino”. Falei: “Mas esses pais são muito folgados da roça, vai condução buscar?” Ele falou: “Vai na porta! E vai entregar na porta! (batendo a mão na mesa) E vai levar professor e vai trazer de volta!” Falei: “Gente, você tá pensando que você tá na Europa?” “Não, eu tô em Uberlândia, e vai ser assim!” Eu não acreditava, sabe? Porque não tem nem estrada, não tem como passar, a ponte caiu, mata burro caiu, uma confusão... Ele falava assim: “Se você não puder me ajudar, não me atrapalha, aqui na minha cabeça tá tudo organizado!” E foi aquele sucesso, né? Mas a Câmara tinha o maior respeito por ele, nunca a Câmara vetou nada que ele pediu. Às vezes o Virgílio ia lá e falava: “Olha, eu vou precisar de um dinheiro, porque aconteceu isso, não sei o que... por favor dona Nilza, vereadora Martha, dá pra compreender?” “Compreender dá, mas aceitar não dá, vou votar contra!”

**PESQUISADORA: É, porque queria que tirasse da educação pra colocar em outro lugar, né?**

PANNUNZIO: Fica sem, passa mais tarde! Criança primeiro! Então o Virgílio teve um governo esplendoroso, porque 20% é muita grana! E ele pingava todo mês 20%. Aí podia fazer uma escola, e fazer outra escola, e começar uma escola planejando outra escola... foi bem interessante!

**PESQUISADORA: E como você acha, Martha... porque foram 4 anos governo do Virgílio, depois 4 anos governo Paulo Ferolla. Outro do Virgílio que Afranio não foi o SME. Aí temos um mandato do Zaire e retorna com o governo do Odelmo por dois mandatos consecutivos e Afranio é o SME novamente. E aí você acha, nos dois primeiros governos teve uma ascensão muito grande, eles fizeram muitas coisas. Já no mandato de 2005 a 2012 não teve mais tanta coisa...**

PANNUNZIO: Eu não acompanhei nada! Eu tinha dificuldade com o CEMEPE, eu já era contadora de história, professora do estado, então, quando ele era o Secretário, a gente tinha completo acesso a organizar no CEMEPE atividades formativas para Literatura Infantil, eu trouxe a Nelly Novaes com ele em Uberlândia, nós fizemos uma reunião maravilhosa para quatrocentas e tantas pessoas, educadoras, pedagogas, psicólogas, enfim. E a Nelly era professora da USP disciplina de Teoria Literária, mas foi ela quem criou a disciplina Literatura Infantil e Juvenil no currículo da USP São Paulo, e foi uma disciplina aberta que aceitava inscrição de todo mundo que ia lidar com criança, médico que fosse pediatra, odonto-pediatra, psicóloga infantil, professor de

educação física, então a USP virou um centro de convergência de discussão, de crescimento pra criança, em sua excelência, sabe? Não é só professor, é todo mundo que vai cuidar de criança. Foi muito bom! Então ela criou na USP a disciplina Literatura Infantil e Juvenil, e claro, em Goiás também aprovaram essa ideia, no Mato Grosso também, no Paraná também... Nas capitais, né. Mas eu conheci a Nelly porque ela foi crítica literária do meu livro, da comissão que premiou livros meus, ela queria muito me conhecer, ela achava que eu não devia fazer mais nada, que eu devia só escrever livros pra criança. “Não, eu tenho que ser vereadora!”, “É, vai perder tempo, para com isso, você escreve bonito, você escreve bem”. Então eu tinha muita proximidade com Nelly e eu a trouxe em Uberlândia e no plenário estava o Gladstone, representando a UFU, estava o Afranio pela SE, dona Cora, pelo conservatório, a Mônica Debs pela Secretaria de Cultura e... tinha alguém do planejamento, não sei quem era... Então uma mesa assim, só de autoridades da excelência, né? Nós fizemos um evento muito lindo, Nelly ficou maravilhada: “Nossa, uma cidade de interior com tanto empenho por uma coisa!” Eu falei: “É... um detalhe, né, pode muito bem ficar sem também.” Eu já era presidente do Instituto que chamava Instituto de Artes do Triângulo — IAT, e ia muito bem em uma parceria com a FIEMG no Conservatório e o décimo primeiro batalhão, sempre fui furona, eu ia atrás: “Eu quero sua banda, eu quero isso, eu quero aquilo”. E nessa reunião a Nelly falou: “Vocês só não vão fazer o que vocês não quiserem aqui. Nossa, uma cidade assim, desperta pra...” Essa mesa, quem estava nessa mesa? Este é federal, este é estadual, este é municipal! Que maravilha! Mas a cidade é pequena, então o pessoal vem. E eu consegui grupos de contadores de história que fizeram um show, foi muito bom pra ilustrar aquele evento. E aí o Afranio, depois que eu não era mais vereadora, já estava derrotada, falou: “Não, nós vamos incrementar”. Ele autorizou as diretoras que quisessem a liberar as professoras do módulo pra não ir ao CEMEPE, para irem a uma reunião nossa, que era na biblioteca. Atividade formativa. Nós chegamos a ter reunião com 50 pessoas! A gente tinha um controle, era um controle nosso, não para dar ao CEMEPE. Nós fizemos muito trabalho! Ocupamos o Parque do Sabiá contando história, ocupamos praça, a gente fez um trabalho muito bom e valorizado. Porque o pessoal fala: “Ah, contar história, bobagem...”, mas o menino tá abandonado, porque a vó não conta, a vó tá dançando forró lá no Fazendão, a mãe tem que arranjar outro marido porque o dela já foi embora, tem que estudar, tem que passar em um concurso, tem que não sei o que... E a presença dele na Secretaria, quando eu não era mais vereadora, não podia ajudá-lo em nada, né, não precisava de mim... Mas ele abriu com a Neide... Não sei se a Neide foi também minha aluna... fui professora dela no Magistério, né, então tinha um intercambio muito bom. No Fórum, tinha juízes lá que também tinham sido alunos meus, todo mundo vinha com muita boa vontade. O Fórum abria: “Você quer fazer uma exposição aqui, quer trazer as bandas pra tocarem aqui, quer usar as paredes, fazer uma mostra de arte, uma coisa assim? Que fazer uma jornada, entregar o prêmio de literatura pras crianças aqui no Fórum, e tal?” A gente entrou assim. O Sindicato Rural falou: “O Sindicato Rural vai bancar a edição do livrinho dos meninos”, “Ah, mas vai ficar em...” “Não sei em quantos vai ficar, tem que ser bonito e bem feito, não quero ele grampeado, quero ele costurado!” “Dona Martha, mas é redação de menino de escola...” “E eu quero papel couché!”, “Dona Martha, mas a senhora é custosa!” “Sou! Você faz, paga a conta e não chia!” Então, assim, dos meus fornecedores da fazenda, eu comprei um trator que ficou 500 mil reais, eu vou levar 8 anos pra pagar, mas eu azucrinava esse Maqnelson! “Nelson, você vai bancar pra mim... qualquer coisa que eu quisesse, isso assim, assim, assim” “Dona Martha, mas que preço

caro que a senhora tá me cobrando!” “Nelson, olha, vamos lá! Eu preciso de 10 ônibus pra levar os meninos pro teatro.” “Dona Martha, mas 10 ônibus! Esses meninos vomitam no ônibus!” “Mas o ônibus não é seu! Você vai só pagar o aluguel, eles vão fazer o frete!” “Mas dona Martha... então eu mando 8!” “Não, você vai mandar 10! E ano que vem quando a gente for ao teatro você vai mandar 12! Porque você vai estar muito mais rico!” “Então tá, mas é ônibus demais, não dá pra repartir com outro não?” “Não, não dá! Você tá muito bem! Você abriu duas agências novas, filial, uma em Rio Verde, uma não sei onde, você tá bem, você vai pagar!” Vai fazer o que, né? Então eu chateei o meu setor de agronegócio, não tinha como, era difícil falar não pra mim, sabe? Nós fizemos evento de literatura, evento de canto, coral, evento de pintura, evento de mostra de tecelagem... a gente fazia o que a gente queria, uma maravilha! E aí começou o Cirandanda também, primeira cidade... Contar história? Mas isso é coisa de Preto Velho, né? Contar história? Até porque menino é um saco, você dá qualquer coisa, um brinquedo pra ele e deixa pra lá! A gente levantou esse olhar pra isso aí, que é contar história, e nós íamos a eventos assim, vai ter o, por exemplo, CDL. O CDL vai fazer uma solenidade especial de não sei o que, não sei o que, só pra lojista, a gente ia lá e oferecia: “Ó, vou contar uma história no seu evento!” “História? Como assim? Contar história?” “Nós somos 20 pessoas! Tem o flautista, tem o violinista, tem não sei o que... eu que contava quase sempre a história, tem eu, tem não sei quem, não sei, tem a turma tatata, tem a turma performática que vai fazer isso aqui.” “Mas história? Contar história? Um evento chique que tem uma contação de história?” Tinha a Marinês Mendonça, que era a Vovó Cachimbó... então nós entramos assim, ó, no Sindicato Rural, na ACIUBE, entrava na... em todo lugar a gente entrou, né? Batalhão vinha, apitava o jogo, trazia cama elástica, fazia brincadeira do saco, primeiro tocava na banda do exército, depois vamos brincar com a meninada em todo lugar. Vamos pra Miraporanga, vamos embora! Vamos pra escola de Tapuira, vamos passar o dia lá! Foi muito bom, foi muito bom! Cada um fazia uma coisa, um pintava, um bordava, outro fazia não sei o que, outro conversava, outro só acompanhava, outro fazia galinhada... “Alfredo, preciso de umas dez galinhas!” “Ah, não! Você não tá me pedindo dez galinhas!” “Claro que eu tô te pedindo, tô precisando!” “Não, vou te mandar logo 20 que da próxima vez você pede pra outro!” “Então manda as 20, tô esperando!” (risos) Quando você é do lugar toda porta abre, né? As pessoas gostam de ver o resultado das coisas! “Você sabe que eu tô te chateando, mas me manda sua logomarca, vamos fazer outdoor, com a marca de todo mundo, Café Cajubá...” Mas eu fiquei muito cansada, fiquei 13 anos nessa atividade. E nesse tempo que o Fanoca estava com outros prefeitos, ele comparecia na Solenidade de abertura, a Eliane comparecia, a Eliane foi uma companheira maravilhosa dele, comparecia, fazia o discurso, pontual, elegante: “Uberlândia é uma cidade que comparece com excelência! Uma cidade que cuida da sua criança, alimentando o imaginário dessa criança. Que evento lindo, isso vai se multiplicar”. Dava uma força pra gente, sabe, que era muito bom! Depois eu perdi o contato da inspetora, uma vez eu fui falar com a Gercina, né... a Gercina falou: “Não, volta outro dia, passa outra hora”. Não voltei lá mais. “Oh, Martha, você tá sumida!” “É, mas eu apareci agora! Vai poder?” “Não, mas sabe que que é? O CEMEPE, não pode mudar as coisas aqui, a diretora tem que vir aqui na quarta-feira cumprir módulo aqui!” “Mas ela pode cumprir lá no Parque do Sabiá comigo.” “Ah, dona Martha, depois a gente pensa, depois a gente fala...” Depois nunca mais, né? Não consegui, no governo do Gilmar não consegui nada! Foi porteira fechada total. Depois eu fui pra fazenda, fiquei ocupadíssima lá recebendo escola, né? O Afranio

falava: “Que dia que você vai voltar pra cidade? Você tá correndo da raia? A viuvez tá pesando? Quem que vai ficar no seu lugar?” “Não sei, nem tô interessada.” “Você brigou lá no CEMEPE?” “Não, Afranio, não briguei não, tô quieta no meu canto arrumando minha cabeça.” Mas eu me ocupei de outra coisa. E eu soube que no fim do Odelmo ele já não estava bem, mas eu nunca vi isso, e eu visitava muito ele, e a nossa convivência era ótima, porque a gente tinha um papo que era só política, a gente tinha um repertório que vazava a noite conversando e dando risada e contado caso e ele zangando comigo e eu zangando com ele e tal. A gente foi assim, ele e Mário Augusto e eu, a gente tinha uma irmandade, então a gente tinha um prazer na companhia um do outro né, um ponto de convergência assim, mas eu tinha uma admiração por ele enorme, porque ele ficava quietinho assim no canto, eu falava: “Afranio, tá cochilando?” Quando ele tomava a palavra, era uma fala... Eu pensava: “Gente, como eu sou feliz de ser brasileira, né? O Brasil precisa de mim, eu tô pronta pra ajudar”. Ele te levantava assim, sabe? “Onde é mesmo que eu tenho que atuar? Agora mesmo, vamos embora, vamos embora!” eu achava isso lindo dele, isso é um dom, né, quando a pessoa é assim, ela fala: “Vamos todos juntos!”, né? Eu não sei como que classifica isso, mas [é], assim, muito bom! Eu acho que não deixou nenhum inimigo o Afranio.

**PESQUISADORA: Eu também, até agora, tudo que eu já pesquisei, todas as entrevistas que eu já fiz, eu ainda não vi, só ouvi o Chico falando que eles brigaram um dia por conta de uma rede!**

PANNUNZIO: Uma rede? Que rede?

**PESQUISADORA: Rede de quando eles eram moleques, deitados na rede! Quase morri de rir! E na ocasião do falecimento dele, do Afranio, você fala em uma entrevista que vocês dois tinham os mesmos sonhos políticos, os mesmos sofrimentos, né?**

PANNUNZIO: Mas ele era muito melhor do que eu. Porque eu sou briguenta, né? Ele não era. Ele pensava melhor do que eu, porque ele tinha uma generosidade com pobre, eu tenho uma briga com pobre, sou enfezada com pobre. Comemorando 10 anos de bolsa família! Toma vergonha, cara, 10 anos, uai, não vai sair disso não? A velhice me fez assim impaciente. E pra ele esse convívio aí não fez, ele ficou sempre doce, sempre otimista...

**PESQUISADORA: Mas essas escolas que ele idealizou, essas vocês tinham o mesmo sonho, né?**

PANNUNZIO: Não, porque apesar de a gente ter vivido um momento de opulência financeira do meu pai, a gente sempre foi aluno de escola pública! A não ser o primário, que eu nem sabia que existia grupo escolar... nunca vi grupo escolar, estudava na sala da casa da minha vó, tinha um monte de primo, um monte de irmão. D. Iraci que dava descobrimento do Brasil pra um, não sei o que pra outro, não sei o que... Na casa da minha vó, na casa da vovó! Tinha uma sala enorme e a gente tinha essa aula lá. E era só primo, ia nascendo menino, ia chegando no ponto de 8 anos e ia incorporando. Não era nada, tinha o que, 10 meninos, 15 meninos? Mas era uma sala, mas não tinha carteira, eu não tinha ideia do que era uma escola... nunca vi, na minha casa tinha um quadro negro, mas no quintal, né, pra gente brincar, quadro negro e tal. Na escola tinha um na porta, com giz, com apagador, professor, tinha um degrau pra subir, professor ficava lá na mesa, e a gente torcendo: ‘Tomara que ele caia’. (risos) Professor era bravo, grosseiro com a gente. Então eu fui ver escola eu tinha 10 anos, eu era tão... uma educação tão ‘passaroca’, que a gente era muito feliz em família, naquela rua, com aquele povão ali, só conhecia aquilo. Mas quando eu cheguei à escola, eu me

lembro do professor falando: “Porque a escravidão... que os negros eram açoitados”. Eram o que mesmo? Açoitados? “Porque as negras sofriam muito, porque o bastardo não sabe o que, porque o capitão do mato...” parecia que eu estava escutando uma história! Que é isso? Isso é a escravidão! Mas qual escravidão? A escravidão! Navio negreiro... Eu fiquei horrorizada! Que é isso? Eu tinha 10 anos! Porque eu mamei leite no peito de uma mãe negra. Minha mãe não dava leite, eu tive uma mãe preta, eu a adorava, adorava... Eu a chamava de mãe também. E minha mãe via isso com toda naturalidade, presenteava, beijava, buscava e tal. Depois a gente teve uma mãe preta velha, que a gente já conheceu bem velha e caduquinha, pegava a gente de manhã, tudo de pijama ainda, cara suja, ia pedir... “Sobrou algum restinho de pão, alguma coisa aí? Esses meninos aqui, a mãe deles é uma porcaria de mãe, não tem nada pra eles comerem.” Aí ia pedindo... qualquer pãozinho de queijo de ontem, de antes de ontem, tudo bem... A gente comia aquele pão de queijo duro, aquele biscoito, sentado na sarjeta, sentava ela e nós 4. A gente era bem pequeno, tinha 2, 3 anos, e saia pedindo! Então assim, Sá Joana era adorada! Na fazenda tinha muito negro na época, mas a meninada molecava com a gente, toda arte que a gente fazia, caiu do galho da mangueira, quebrou o galho, estava todo mundo junto! Então a gente entrava na casa daqueles negros, no rancho de pau a pique, sei lá como que era, mas tinha um pratinho pra gente comer com eles! “Ai, não, mas esse aqui eu não quero.” “Ah, então me dá que eu quero!” Aquela coisa assim. Então, quando falou escravidão, eu falei: “Mas que é isso?”. Mas eu tinha 10 anos, uma cavalona! Eu fiquei muito chocada com aquilo! Muito chocada. Quem que bateu em negro? “Não, isso é história do Brasil!” Mas quem que bateu no negro? Quem que bateu na Sá Joana? “Não, na Sá Joana ninguém bateu não.” Como? Mas ninguém foi lá acudir? Eu fiquei transtornada! Uma cavalona, de 10 anos, né. Pra você ver, uma educação que era... não tinha nada... meu avô comia com a peãozada mesmo, 8 e meia, 9 da manhã, já tirou leite desde as 3 da manhã, vem pra dentro já almoça 9 horas da manhã, o outro almoço pra todo mundo era depois, 11 horas da manhã, meu avô já tinha saído pro pasto pra campear, a conversa dele ‘papapapapapa’ era com os funcionários dele, que eram todos negros. Não tinha salário, não tinha carteira assinada, não tinha nada, morava um num canto da fazenda, outro noutro canto, ali tinha 11 meninos, ali tinha 13, aqui tinha 5, aqui tá nascendo menino... e a gente andava, perambulava nas casas, tudo era dindinha, madrinha, madrinha de fogueira, todo mundo era uma coisa só! O Grande Otelo foi criado na nossa família! A gente faltava o chamar de tio, “Mas eu conhecia esse tio, ele ficou importante!” Ele era muito feio, mas era... Mamou no peito da minha vó! Eu achava isso lindo, natural. Como é que vai falar que bate em negro? Quem que bateu? Lá em casa ninguém bateu, não teve isso. Então era uma educação assim... protegida, que podia ter dado maus frutos, né? Mas não deu não. Mas foi assim, eu fiquei “eu sou responsável pela escravidão”!

**PESQUISADORA:** Martha, e no período de 97 a 2000 foi o terceiro mandato, né, que o senhor Virgílio foi reeleito, mas aí o Afrânio não é Secretário de Educação dele, parece que é a Irmã Odélcia, depois a Sebastiana, não, a Irmã Ilar, a Sebastiana, a Sebastiana tem um acidente, vem a falecer, aí depois a Irmã Ilar. Você sabe por que o Afrânio não foi? Que já tinha ficado dois, um com Virgílio e um com Ferolla.

**PANNUNZIO:** Não, não sei, depois que eu perdi o mandato eu não me interessei mais pela cidade.

**PESQUISADORA:** Nesse período você ficou mais por conta da fazenda, né?

PANNUNZIO: Sabe por quê? Eu tive uma rixa com a irmã Odélcia por causa de Francês. Eu era professora de Francês. (Pede para ligar a televisão).

PANNUNZIO: (começa a prestar atenção no jornal na televisão).

**PESQUISADORA: Pra gente encerrar, Martha, eu quero que você me fale: quem que foi o Afranio pra família e pra educação de Uberlândia? O seu olhar.**

PANNUNZIO: Pra família... a nossa família é enorme... mas era uma referência né? Como médico, ele chegava, ele foi um médico de família, de tirar ponto na casa da gente. Ele foi um cirurgião plástico que, o que pôde, atendeu todo mundo, não cobrou! Tanto que ele não fez o patrimônio da profissão dele, trabalhou desesperadamente pra todo mundo, não só a família. O Afrânio, na rua, às vezes estava com uma pessoa, homem, mulher, jovem, tal, se ele visse alguma coisa que não estava bem, ele parava e falava: “Peraí, essa pinta que você tem aqui, deixa eu ver, eu sou um médico cirurgião, isso aqui pode virar um câncer, tem que tirar! Se você for ao meu consultório, nós vamos marcar e eu tiro lá pra você, não pode ficar, não pode esperar mais nada”. A pessoa falava: “Que é isso, que cara esquisito, né! E onde que é seu consultório?” Ele falava: “Em tal lugar assim, assim. Vai lá, tô te esperando, ou se você tiver outro médico pra fazer isso pra você, por enquanto é uma coisa à toa, vai ficar um sinalzinho do ponto, tal, mas tem que tirar! Pode ser que você ache que deu uma cicatriz e tal, mas tem que tirar!” E ele era assim! Ele se oferecia para o exercício da profissão, né, completo! Como educador foi essa coisa linda que a cidade toda disputou e reconhece. Pensou assim, em cada dia, o que pode acontecer de melhor. Quando a vereadora Liza Prado questionou o preço do uniforme, do material escolar: “Pra que essa mochila desse preço, pra que esse tênis? Tatata”, foi muito difícil, porque até que ele provasse pra aquela Câmara de vereadores que o menino merecia a melhor mochila, o melhor agasalho, o melhor tênis, o melhor tudo que tinha que ser, o melhor caderno, no melhor papel, a Câmara que tinha uma bancada de oposição ao prefeito, foi muito manobrada pela Liza Prado, e houve até um inquérito, houve sindicância, foi um horror! Então ele foi acusado por oferecer o melhor, né, e aquilo foi muito ruim porque eu tinha pela Liza Prado uma admiração, uma mulher guerreira, mas ela foi brigar na hora errada e no lugar errado, com a educação! Porque para ele a educação era intocável. Burra ela, porque ela perdeu muito até como vereadora por aquele passo bobo de querer aparecer cutucando o velho errado. Não levou a nada pra ela e ficou dito claramente que a criança da escola municipal merece o melhor. E o município tem que dar! A gente fala: “Pô, mas eu vou ter que brigar que se propõe a ser vereadora, como que pode ser burra assim, né?” Mas vamos brigar! Se tiver que brigar, vamos brigar! Foi um momento lindo para a educação de Uberlândia, porque foi brigando pelo melhor, e alguém querendo baixar o nível. A mesma história do meu livro: “Pra que fazer 1000 livros, faz só 500, dá 10 pra cada menino, ah, bobagem e tal”. Então tem um pessoal que rema cachoeira acima, uma gente mais burra. Mas fora isso tudo, ele, sempre que ele visitava a Câmara Municipal pra falar com os vereadores, “Estamos pensando para o ano fazer assim, assim, assim, queria saber que que os senhores acham, que bairro os senhores sugerem, vocês que conhecem, que andam mais pela cidade do que eu.” Então ele prestigiava todos os setores, isso era muito bom! Era uma diplomacia. Isso é inato, a pessoa tem ou não tem. E eu acho que ele ajudou muito os dois prefeitos, os três prefeitos com quem ele trabalhou, porque ele fez o meio de campo, ele só brigou com a mulher do Odélmo uma vez (risos), mas foi a única também, o resto ele era da paz. Com a família ele era muito querido, muito querido! Porque ele era, se você perguntasse ele dava a opinião dele, se você insistisse. Se não, aquele assunto não lhe dizia respeito,

discreto demais da conta! Mas também não dava brecha pra ninguém ultrapassar o limite de nada. Muito reservado, apesar da vida sentimental dele ser tumultuada e tal, mas... Com cada companheira ele se casou civilmente, ele era homem de casar mesmo, aí depois, se não der certo, divorcia. Só com a última que não casou, mas a gente queria tanto que tivesse concretizado aquilo, mas ela já era divorciada também: “Não quero saber desse negócio de casamento não, tá bom assim”. Mas a gente, nós convivemos com todas elas, a escolha é de cada um, nós irmãos somos muito cerimoniosos, sabe? Cada um respeita a privacidade do outro, aplaude, ajuda, chora junto, compartilha, ajuda a pagar conta junto, é uma irmandade assim, bem feliz. Nós fomos criados com chinelada na bunda né, não tem dessa não! Foi muito interessante isso daí! Mas eu acho que o Afranio deixou pra todo mundo uma lembrança muito boa. Por quê? Porque ele ocupou só o lugar dele! Ele nunca competiu com ninguém, foi muito bom, desprendido de tudo, foi lindo! Foi lindo! A cidade lucrou bem, bastante com ele. Tomara que não caia esse nível.

**PESQUISADORA: E você acha que, na tese eu estou me referindo a ele como Afranio de Freitas.**

PANNUNZIO: Não, ele era Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, você tem que manter o nome dele.

**PESQUISADORA: Não, eu cito o nome dele todo no início. Mas depois vai repetir o nome dele várias vezes!**

PANNUNZIO: Ele falava Afrânio Azevedo, ele assinava Afrânio Azevedo. Mas a gente é muito mais Azevedo, que é o meu pai, combativo, povão, comunista, solidário e tal, do que a família Freitas, que não teve essa dimensão... família Freitas rural, ali... Aspirações limitadas, né, muito grande, muito fermentada, a gente se bastava ali, a gente adora! Fermentado! Um fala mal do outro, o outro responde, mas... o passo a mais pela humanidade não teve... teve o Zé Olympio que trabalhou pra fazer a escola de Medicina, o Renato que se dedicou muito a Uberlândia resolvendo problema de saneamento básico, água e esgoto pra cidade, foi uma coisa muito importante, mas os Freitas são muito de rodear o umbigo mesmo, sabe... Cada um com a sua família, cada um no seu mundo, cada um com a sua profissão. Não tem esse patriotismo exacerbado que a gente tem. Podemos ser meio desastrados, eu, por exemplo, sou muito desastrada, eu já fico brava demais da conta, eu já tô cobrando e tal, mas a gente tá sempre plugado a uma coisa maior. Eu votei no Bolsonaro e já estou com raiva dele porque ele está me decepcionando. Eu sou passional, mas o nosso lado predominante da nossa conduta, da austeridade, meu pai não dava segunda chance não! Uma chance. “Você entendeu o que eu estou falando?” “Entendi.” “Você acha que tem condição de honrar o que a gente tá falando?” “Vou me esforçar.” “Não, vou me esforçar não me serve. Você vai cumprir? Você tá focado nisso? Então tá’.” E a gente cumpria, né! Era no compromisso mesmo, de pedra e cal. Acho que isso é muito bom, eu não sei se neto meu suportaria essa coisa, ou vai ou vai, não tem alternativa. Mas eu acho que todos nós, de um jeito ou de outro, nessa doação, eu recebo 100 crianças de uma vez na fazenda, duas vezes na semana, semana que vem tem mais, tem mais! Não preciso, não cobro nada, o que eu lucro com isso? Não lucro financeiramente nada. Teve um ano que a minha editora não tinha livro pra fornecer, e era pro projeto que tava aí. Falei pra editora: “Eu vou xerocar meu livro aqui”. “Ah, a gente processa a senhora, momento de quebradeira nacional, nós não vamos fazer seu livro.” Falei: “Precisa não, eu faço aqui na copiadora.” Fui lá, mandei reduzir o livro, levei pra escola grampeado mesmo! Vai ler! Porque senão a coisa não anda, né? Tem hora que a gente é meio assim. Precisa ser assim, então vai ser assim. Tô

correndo risco? Tô. Mas tô feliz da vida. Tem gente que vai, tem gente que não vai, sei lá, cada um faz da vida o que quer. Esse lado, eu gosto muito do lado de audácia. Não preciso saber se você vai me agradecer, não te pedi nada, você não me prometeu nada, mas é o que eu acho que tá bom, se por acaso teve algum mérito, se por acaso acudiu alguém, foi bom, despertou alguém, que bom, né! Mas se não também, vou em frente. Eu não quero patrocínio do cara não, não sou reduzida a valor de patrocínio. Abre a lista de gente que não quer o patrocínio, começa pelo meu nome. Sou meio desafortada, só eu que sou assim, meus irmãos não, todos são um doce, eu que sou áspera. Mas também a gente não muda, né, eu me assumo assim! Pra nós ele é o Fanoca, né!

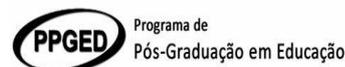
**PESQUISADORA: Martha, então eu vou transcrever essa conversa, recortar algumas coisas...**

PANNUNZIO: De toda essa conversa você vai aproveitar 10 minutos...

**PESQUISADORA: Quando eu terminar, eu te mando. Vai demorar um pouco pra eu escrever tudo de novo já cortando, aí eu encaminho pra você ler.**

PANNUNZIO: Não precisa, já me manda pronto.

**PESQUISADORA: Muito obrigada!**



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica— Bl. “G”. CEP 38400-902**

**PESQUISADORA** — Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**ROSA:** Pedro Divino Rosa (Pedro Popó)

**PESQUISADORA:** Maria Cristina

**LOCAL-** Escritório

**DATA-**

**PESQUISADORA:** E aí, agora já vou começar com você, e aí depois a gente pensou em alguns...

**ROSA:** Minha querida, mas o que eu tenho para acrescentar? Coitadinho de mim!

**PESQUISADORA:** Ah, li sua entrevista, eu vi que você entrevistou ele e tudo, né? E aí eu te liguei e você falou que o conheceu, então, assim, tem algumas coisas... eu fiz um roteiro mais ou menos. Se a gente puder, se você souber de alguma coisa do roteiro, ótimo! Se não, você me conta o que acha que pode me acrescentar.

**ROSA** — Tá, eu te falo... tá, se não tiver, eu falo. Eu acho que eu... tô muito mais no acrescentar sobre ele, do que te dar informação. Porque eu não trabalhei com Afranio.

**PESQUISADORA:** ã-rã

**PESQUISADORA:** Mas estas conversas de amigos, elas rendem muito, né?

**ROSA:** Eu... eu fui uma pessoa, um dos poucos jornalistas que conseguiram quebrar a resistência do Afranio, porque o Afranio não dava entrevistas, a participação dele foi uma... a participação dele na história da esquerda no Brasil é uma coisa de louco um-rum. O Afranio, eu tenho pelo Afranio respeito e um carinho, e admiração muito grande. O Afranio era uma pessoa extraordinária.

**PESQUISADORA:** Aquela entrevista que vocês fizeram com ele no...  
**ROSA** — “Projeto Toda Sexta”.

**PESQUISADORA:** Isso. Aquela entrevista... Ei, você tem aquela entrevista?

**ROSA:** Não. Na época, me parece, alguém gravou o áudio.

**PESQUISADORA:** Áudio...

**ROSA:** O áudio foi gravado. Mas... eu tenho umas quatro fitas cassete, que eu gravei uma vez com ele, parece que foi em 2014. Na época eu usei fita cassete de gravação.

**PESQUISADORA:** um-rum, um-rum

**ROSA:** São do Afranio me dando uma entrevista. Porque eu ia escrever sobre ele, né?

**PESQUISADORA:** Isso. E essa entrevista, como é? Você importa de socializar?

**ROSA:** Socializo...

**PESQUISADORA:** Porque aí, se você não importar...

**ROSA:** Sim, desde que você me dê o crédito, tô passando só para você porque esse material é do meu livro, tá tudo bem?

**PESQUISADORA:** Porque aí, se você não importar, eu peço para passar para CD, para ficar mais fácil da gente trabalhar com ela, né?

**PESQUISADORA:** (Rosa demonstrou insegurança quanto ao fato de passarmos a entrevista para CD.) Não, então deixa.

**ROSA:** Tô passando só para você, porque é material do meu livro, tá?

**PESQUISADORA:** Então eu ouço e te devolvo.

**PESQUISADORA:** Eu quero mesmo o que vai me reportar sobre educação no caso. Ei, então vamos lá. Seu nome?

**ROSA:** Pedro Divino Rosa, conhecido por jornalista Pedro Popó.

**PESQUISADORA:** Pedro Popó. Você é jornalista daqui de Uberlândia, né, Pedro?

**ROSA:** Sim.

**PESQUISADORA:** Durante vários anos?

**ROSA:** Eu comecei no jornalismo aqui em Uberlândia em 1981 como um dos fundadores do jornal Primeira Hora. O primeiro jornal em *off set* do interior do interior mineiro... de Minas e do Sul de Goiás.

**PESQUISADORA:** Certo. Eu também estou fotografando o jornal Primeira Hora no arquivo.

**ROSA:** Ah, tá,,, Que legal!

**PESQUISADORA:** Porque, assim.... na minha pesquisa eu vou trabalhar com a fonte impressa né? E vou trabalhar com a história oral...

**ROSA:** Que beleza!

**PESQUISADORA:** ...e com esses documentos oficiais.

**ROSA:** Que lindo!

**PESQUISADORA:** Então... o que eu não conseguir nos documentos oficiais, a história oral complementa...

**ROSA:** Ah, sem dúvida...

**PESQUISADORA:** ...a história oral vai e complementa para mim. É por isso que eu preciso dessas entrevistas. E aí, você sendo o precursor do jornal Primeira Hora é muito interessante, porque o jornal Primeira Hora, na verdade, ele era de um grupo aqui de Uberlândia. Como é que era?

**ROSA:** Ah, sim, o Primeira Hora, o Primeira Hora fazia parte um projeto idealizado por uberlandenses que pensavam em fazer uma mudança muito grande dentro da cidade. Então, esse grupo se uniu e criou o jornal. Foi o primeiro jornal com jornalistas profissionais mesmo.

**PESQUISADORA:** Um-rum

**ROSA:** Jornalistas vindos de fora e tudo, montaram uma equipe e trouxeram jornalistas da grande imprensa, como Inácio Muzzi, Antônio Furtado, José Maria Furtado, Ivan SANTOS:, e aproveitaram aí algumas pessoas daqui da região também que tinham algum talento e poderiam contribuir para essa transformação. Dentre elas eu tive o privilégio de ter sido um repórter, como um dos repórteres do jornal.

**PESQUISADORA:** Da Primeira Hora. Que joia!

**ROSA:** Da fundação mesmo, 19 anos de idade.

**PESQUISADORA:** E ele encerra quando? Porque ele não circulou muito tempo, né?

**ROSA:** 1988, me parece. Não me lembro mais quando o jornal Primeira Hora encerrou as atividades, mas parece que foi 88.

**PESQUISADORA:** Um — rum ... mas ele era, no caso, do tipo assim... se for pensar, era contrário ao Correio de Uberlândia?

**ROSA:** Sim... sim, era um jornal cujos donos eram identificados com a esquerda, mais de esquerda, como Zaire Rezende, Ronan Tito, Orestes Gonçalves de Oliveira... eram mais de 50 sócios.

**PESQUISADORA:** Ah... É que depois ele deixa de circular, né? Interessante... Eu estou trabalhando Primeira Hora, o Correio... e... ah, e tem mais dois, são quatro jornais que estou trabalhando. Como você teve contato com o Afranio?

**ROSA:** Na Secretaria de Educação. Na época eu trabalhava na Secretaria de Comunicação da Prefeitura e ia no gabinete dele.

**PESQUISADORA:** Ah, que bom! Não sabia desse seu vínculo. Isso foi quando?

**ROSA:** É... foi em 1989. O prefeito eleito Virgílio Galassi assumiu a prefeitura, e tendo como vice-prefeito então Chico Humberto, irmão (do Afranio). Eu já conhecia a família toda e já sabia que o Afranio teve uma participação muito grande na história da esquerda brasileira.

**PESQUISADORA:** Um-rum

**ROSA:** Como médico que operou o Lamarca, então, desde aquela época, por admirar muito o Afranio, foi nascendo daí uma amizade, o respeito entre eu e ele, o Afranio.

**PESQUISADORA:** Um-rum.

**ROSA:** O Afranio não era de dar entrevista sobre o Lamarca; eu fui na época um dos pouquíssimos jornalistas a entrevistá-lo. Foi a partir daí que nasceu uma amizade entre nós, embora de pouca convivência, mas oportunidade muito boa para conhecê-lo, trocar ideias e nos tornarmos amigos.

**PESQUISADORA:** Quando eu fui fazer meu projeto, quando iniciei ele fazendo busca nos jornais e na internet... na verdade não tem publicações dele nos jornais, tem uma coisa outra, essa história dele, Lamarca.

**ROSA:** Tudo no Afranio é muito discreto. Ele teve uma participação importante na história da esquerda no Brasil, mas preferiu o anonimato do que aparecer na mídia.

**PESQUISADORA:** Foi aí então que eu vi no jornal de 2014 que veio a público e ele contar.

**ROSA:** Eu criei um projeto chamado Toda Sexta, já extinto, que a finalidade dele era resgatar e preservar a história e a memória daqueles que fizeram cultura e que participaram da história do Brasil, e o Afranio foi um dos entrevistados deste projeto. Assim que eu o convidei o Afranio, ele aceitou, muito mais pela amizade do que pela vontade dele de falar, e foi um dos mais concorridos programas dentro do Toda Sexta. Lotou que tivemos de arrumar cadeira emprestada.

**PESQUISADORA:** Gente!

**ROSA:** Todo mundo queria ouvir o Afranio.

**PESQUISADORA:** E nas conversas de vocês, Pedro, o que ele falava para você sobre a educação de Uberlândia?

**ROSA:** O Afranio, ele era um discípulo de Anísio Teixeira. Ele fazia questão de valorizar esse legado do Anísio Teixeira. Certa vez eu perguntei para o Afranio: “Você, Afranio, uma pessoa de princípios iguais a esse que você mantém; esse coração de esquerda seu e toda essa... essa luta contra a ditadura e tudo. Você hoje é um secretário de um governo que é chamado de governo de direita, o que que você tem a dizer sobre isso?”. Ele me respondeu: “Olha Popó, eu sou secretário de Educação de Uberlândia e não de um governo”. Esta frase me marcou bastante porque eu vi a grandeza do Afranio. Ele manteve a vida toda os princípios dele, mas em nome da Educação, de fazer um grande projeto de Educação para Uberlândia, ele aceitou ser secretário num governo de direita.

Na verdade, ele foi um grande Secretário de Educação.

**PESQUISADORA:** Ele foi secretário em quatro governos, um do Seu Virgílio, depois Paulo Ferolla e dois governos do Odelmo.

**PESQUISADORA:** Isto que você disse é interessante, chama a atenção, até se você souber um pouco mais, foi bem o que você disse. E pegou três prefeitos de partidos diferentes e os três respeitavam ele.

**ROSA:** Sim, sim, todos os prefeitos dos quais o Afranio foi Secretário, eles tiveram e têm um respeito, um carinho muito grande pelo Afranio. O Afranio era diferente. O Afranio era diferente.

**PESQUISADORA:** Tem uma entrevista dele em que ele fala que fez o projeto de governo do Paulo Ferolla, do Seu Virgílio, né, só que não quiseram dar os créditos para ele, só que aí ele falou não. “Eu é que orientei todos eles para fazer este projeto”. Inclusive ele fala que veio para cá para fazer o plano de governo do Seu Paulo Ferolla, que ele não sabia falar que ele ensinou.

**ROSA:** O Afranio era um apaixonado pelo que fazia. Tudo que ele fazia, ele fazia com paixão, ele extrapolava do tanto que ele era apaixonado por tudo que fazia. Quando ele abraçou a causa se tornando Secretário de Educação, ele não estava Secretário de Educação, ele era também Secretário de Educação; ele não estava só no cargo, ele fazia com amor. Eu conversava muito com ele lá no gabinete dele e presenciava ele trabalhando. Se você visse a paixão que ele tinha em exercer o trabalho dele, você também iria admirá-lo.

**PESQUISADORA:** Ele não via aquilo como status.

**ROSA:** Exatamente. Ele não. Ele não importava com o título. Tanto é que ele era um secretário que ia lá para o cafezinho, sentava pra conversar com todo mundo, ficava lá sentado, batendo papo com todo mundo, e era presença diária na secretaria cumprindo regularmente um horário de qualquer servidor público que estava lá.

**PESQUISADORA:** E aí assim dessa equipe dele. Você falou que conheceu ele em 89, então, 89 a 92 foi o primeiro governo, né, que ele esteve como Secretário de Educação. E aí, você tem alguma lembrança e mesmo nas entrevistas que você conseguiu fazer com ele, dele ter comentado como ele escolheu estas pessoas para estarem com ele ou não? Se ele tinha algum critério? O que ele tentou priorizar. Porque quando ele falava que era apaixonado no Anísio, eu estou na rede municipal desde 87 e não tenho lembranças de estudo ou formações que Afranio o citasse.

**ROSA:** Nós entramos no mesmo ano.

**PESQUISADORA:** Eu peguei o fim do governo Zaire e depois já peguei eles (a equipe do Afranio), né, porque eu fiz meu concurso de 1991 e aí assim eu achei uma surpresa muito grande quando ele fala que estudou com o filho do Anísio Teixeira, conheceu o Anísio e que o Anísio é o pai da educação. E que ele queria uma secretaria porque ele queria fazer os feitos do Anísio para a educação. O que eu acho interessante é que nós professores na secretária nunca lemos nada sobre o Anísio Teixeira. Assim, se você sabe alguma coisa neste sentido... Ele fazia estas leituras e organizava para ele fazer a gestão dele porque às vezes eu fico pensando assim: quando vai aprofundando nas leituras do Anísio e eu começo a lembrar algumas coisas do município eu fico pensando: Gente, parece que isto aqui... aí você consegue perceber algumas ações que você fala: Nossa, era daqui! Quando você vê os Caíques, né?

**ROSA:** O Afranio tinha um discurso oral muito forte em torno do Anísio; ele falava de Anísio Teixeira nas reuniões, assim em algumas delas eu vi como jornalista, e tudo ele discursava sobre Anísio Teixeira com uma propriedade muito grande e colocava na prática também. Ele citava isto, inclusive nas inaugurações destas obras que ele fez na periferia ele trouxe do legado do Anísio.

**PESQUISADORA:** Isso. Porque a escola de tempo integral na Bahia foi muito forte, né? Onde Anísio Teixeira foi secretário também.

O que eu vou construir em minha tese é a história da SE neste período em que Afranio foi governo, foi nosso secretário de educação. Vai ser um trabalho gostoso de fazer, embora vá ser um trabalho que vai demandar tempo porque não tem nada dele, né, então a gente tem de buscar.

**ROSA:** O que eu posso contribuir: vou te fornecer as fitas, vou te fornecer alguns jornais (gracinha, tudo organizado), é (com o) que posso contribuir. Guardei muita coisa assim sobre ele e tudo, né, que pode contribuir. Isso aí depois a gente dá um jeito e eu vou mandar tirar uma cópia para você.

**PESQUISADORA:** Durante o período em que o Afranio esteve doente você acompanhou, Pedro?

**ROSA:** A entrevista que eu fiz com Afranio para o livro foi pouco antes dele morrer. Foi em 2014, se não me engano. Depois teve a entrevista que fiz com ele no Projeto Toda Sexta. Aí ele faleceu, né? (Faleceu em 2015). É... O Afranio morreu em fevereiro de 2015. Eu fiz as gravações no final de 2014. Foi isso.

**PESQUISADORA:** Então você esteve com ele bem próximo, né?

**ROSA:** Na própria Secretaria, na última gestão dele, eu ia muito lá conversar com ele.

**PESQUISADORA:** Ele ainda tinha o mesmo fôlego para estar desenvolvendo o trabalho. O que você sentia?

**ROSA:** Ele sempre foi muito entusiasmado com tudo, embora a idade também vá pesando, não era mais o Afranio da década de 90; ele pegou um Afranio de 2010 pra cá, é obvio que...

**PESQUISADORA:** Já tinha virado o século, né, Pedro, século XXI.

**ROSA:** Já, já, já, só pra lembrança aqui, ele foi o primeiro secretário de Educação do Virgílio, não?

**PESQUISADORA:** Até eu estou dividindo a minha tese: os dois primeiros mandatos que são séc. XX (Virgílio e Ferola) e depois os outros dois, que já é século XXI.

**ROSA:** É. Porque nesses dois primeiros mandatos dele foi assim: que o Afranio era, ainda era o Afranio visto como o homem que operou Lamarca. Depois foi quebrando essa resistência toda e tal. O que ajudou a quebrar isso foi que no próprio governo do Virgílio Galassi, em 1989, tinha muitas pessoas de esquerda dentro do governo dele, ou que tinham vindo da esquerda e ficaram.

**PESQUISADORA:** Mas tinha o respeito.

**ROSA:** Tinha o respeito, era assim como todo mundo olhava o Afranio, embora o Afranio não se definia como um comunista, mas se definia como pessoa de esquerda. Ele sempre se definiu como um homem de esquerda, mas todo mundo tinha pelo Afranio um grande respeito, assim como tinha pelas demais pessoas que eram de esquerda e que trabalhavam na Prefeitura naquela época. O Afranio para mim foi um ícone. Era assim, conduta, postura... Para você ter uma ideia, eu nunca vi o Afranio falar de política dentro do governo municipal dos quais ele foi secretário, o Afranio nunca debateu política nos corredores, o Afranio nunca colocou o pensamento pessoal dele, ele sempre pensava no coletivo: Ele dizia: “Eu sou secretário de Educação de Uberlândia, não do governo”.

**PESQUISADORA:** E assim, quando ele assume a Secretaria, nós estamos saindo da ditadura, né? Ainda era forte.

**ROSA:** Para você ter uma ideia, em 89 já era quatro anos após a Nova República. A Nova República surgiu em 85. Foi em 85 que o Partido Comunista veio à luz do dia e muita gente aqui em Uberlândia e na região assumiu ser do partido, que era clandestino, inclusive eu. Nós assumimos publicamente, o Triângulo Mineiro assumiu o Partido Comunista Brasileiro com muita honra e eu não tenho arrependimento nenhum da minha história de vida de esquerda. O legado que eu levo e vou deixar para os meus filhos é isso: que eu fui comunista, graças a Deus rrsrrsrrsrrsr. Essa frase não é minha: “Eu sou comunista Graças a Deus”, mas gosto de usá-la sempre quando falo sobre isso.

**PESQUISADORA:** E interessante que em 89 a gente tem a primeira eleição pós-ditadura, quando o Collor ganha e acontece aquela revolução em nosso país. E aí o Afranio estava nesta, né?

**ROSA:** O Chico Humberto, irmão do Afranio, que era um cara de esquerda, foi ser o vice do Virgílio Galassi, entendeu? O engraçado era isso, que foi um bombardeio: como é que o filho de uma família tradicionalmente comunista se alia... (não conseguiu expressar). Foi até engraçado esta época. Você viveu isto, você sabe perfeitamente.

**PESQUISADORA:** É interessante mesmo. Uma pergunta que todo mundo quer uma resposta para ela, mas é uma resposta complicada, porque o que explica, porque o Chico era do Movimento Juventude.

**ROSA:** Sim. Ele e também os irmãos dele eram todos de esquerda, de família comunista. Uma história muito bonita. Mas política é assim. Tem muita surpresa.

**PESQUISADORA:** E um dia eu descobri que tem um filme sobre a história do Lamarca, mas, quando chega o momento que ele é levado para o hospital para fazer a cirurgia e tudo, eles pulam, sabe, então, assim, mostra ele entrando no hospital e dali já encerra. Então fiquei pensando: será que a família do próprio Afranio não deixou sair que ele fez a cirurgia? E aí tive de fazer um corte, depois você dá uma olhada. Ficou um filme muito bom, ele é brasileiro. Teve também um documentário feito por alunos do curso de História que se chama Delírios da Ordem, me esqueci de todo o nome, muito esclarecedor.

**ROSA:** O Afranio não gostava de dar entrevista sobre a cirurgia que ele fez. Às vezes, quando você abordava o assunto com ele, ele não gostava de comentar isto, tanto é que a primeira entrevista sobre a cirurgia do Lamarca foi dada para o Ricardo Rodrigues, um jornalista que trabalhou aqui em Uberlândia. Depois, foi para mim. Eu poderia ter guardado muita coisa sobre o Afranio, registrar nossas conversas, guardar as publicações, mas eu só fui interessar em arquivar mesmo depois de 2012, que eu comecei a pensar em guardar algumas coisas. Você acredita? O que eu perdi?!

**PESQUISADORA:** Perdeu muita coisa, mas também você não ia pensar que um jovem assumindo a secretaria...

**ROSA:** Você pensava que o homem ia durar cem anos, né, que vai dar tempo de entrevistar ele, mas aí o homem morre cedo demais. Eu gostava muito do Afranio e sei que ele gostava muito de mim, também.

**PESQUISADORA:** Eu encontrei uma tese em que a pesquisadora, ela pesquisa os quatro governos populares de Porto Alegre e aí ela trabalha, ela entrevista os secretários de educação, né? E nós não, já tivemos o caso de quatro governos com o mesmo secretário.

**ROSA:** De esquerda e os quatro de direita. Nelson Bonilha, que foi secretário de Educação no primeiro governo do Zaire Rezende, que era de esquerda, foi um secretário fantástico. Foi secretário de Educação na mudança. Uberlândia teve duas pessoas assim, sem menosprezar os demais, duas pessoas: Nelson Bonilha e Afranio.

**PESQUISADORA:** Nelson Bonilha foi em 88, nós estávamos entrando e logo ele saiu. Eu falo assim que Seu Virgílio concluiu muitas coisas pensadas no governo anterior.

**ROSA:** Do Zaire Rezende.

**PESQUISADORA:** Porque ele pensou, só que ele não tinha...

**ROSA:** O primeiro governo Zaire foi um governo popular muito bom. Eu gosto muito do Zaire e ele sabe disso. O primeiro governo do Zaire foi fantástico, mas o segundo foi uma lástima.

**PESQUISADORA:** E aí, assim, a gente vê, pelo menos eu, que estou trabalhando com jornais, que preciso tomar muito cuidado. Por isto eu trabalho com jornais diferentes, porque às vezes um repórter é... tende a falar só coisas boas, esta coisa bem positivista, outro pega outro viés para confrontar, critica um pouco mais. Mas o que eu acho interessante é que neste governo de 89 a 92, ou este primeiro de 89 a 96, a gente vê o respeito por algumas ações que foram iniciadas no governo Zaire Rezende.

**ROSA:** Sim, sim, e que foram preservadas pelo governo seguinte do Virgílio Galassi. Eu, quando falo que fui muito respeitado no governo Virgílio Galassi, é porque eu fui mesmo. O seu Virgílio e toda sua equipe tinham um respeito muito grande pelo pessoal de esquerda que tava dentro da prefeitura. Nós já trabalhávamos na Prefeitura e continuamos atravessando os outros governos.

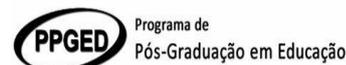
**PESQUISADORA:** Mas isto é o importante, né, e que se perdeu na política. O respeito pelo pensar, pelo agir do outro. Nós temos visto isto claramente aqui em Uberlândia. Que você governa para uma nação e não pelo que você acredita.

**ROSA:** Esta famosa frase do Afranio — “Eu sou secretário de Educação de Uberlândia e não de um governo” —, eu repito ela porque quem fez a pergunta para o Afranio fui eu. Então, eu não ouvi de outra pessoa falando. Não, não, fui eu que perguntei em uma conversa franca, quando eu falei: “Afranio, eu continuo comunista”, ele falou: “E eu continuo mantendo meus princípios”. Logo depois eu fiz a pergunta e ele a respondeu. Essa frase é emblemática. Quando alguém critica que o Afranio era um cara de esquerda que trabalhou com a direita etc., eu falo: Espera aí. Eu conheci o Afranio, então deixa eu te contar primeiro quem foi o Afranio para depois você entender por que ele serviu aos governos os quais você chama de direita. O Afranio era diferente.

**PESQUISADORA:** Sabe, Pedro, eu fiquei feliz em ter feito este projeto e descobrir que tem tantas pessoas interessadas em conhecer a história, saber o que aconteceu na Secretaria. Porque o cara operou o Lamarca, porque quem leu as matérias só consegue imaginar ele pensando como cirurgião de Lamarca, não consegue às vezes imaginar quem é esta pessoa enquanto secretário de Educação. Os grandes feitos na educação ou não. Porque foram feitos em três governos de partidos políticos diferentes, porém como uma pessoa que tinha um ideal político diferente e que conseguiu governar.

**ROSA:** Eu nunca ouvi o Afranio misturar as coisas. A gente se encontrava e falava: “Vamos tomar café? Vamos!” Então saíamos nos intervalos. A gente ia conversando de tudo um pouco e eu nunca vi o Afranio falar de política partidária ou de ideologia dentro da prefeitura, nunca ouvi sair da boca do Afranio alguma coisa que se relacionasse a política e ideologia de esquerda. Eu vou separar as coisas para você. Vou falar com a esposa dele. Ela tem muito material, vou ver com o que mais posso contribuir com você.

**Fim**



**Universidade Federal de Uberlândia**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**E-mail: [ppged@faced.ufu.br](mailto:ppged@faced.ufu.br)**

---

**Av. João Naves de Ávila, 2121 — Campus S. Mônica— Bl. “G”. CEP 38400-902**

**PESQUISADORA:** Sou Maria Cristina SANTOS: de Oliveira Alves, doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia — UFU, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de História e Historiografia da Educação sob orientação da professora doutora Sônia Maria SANTOS:. Minha pesquisa se refere à Afranio Marciliano de Freitas Azevedo, cirurgião plástico e Secretário Municipal de Educação por 16 anos. As pessoas entrevistadas são familiares, amigos e funcionários que conviveram com Afranio Azevedo.

**AZEVEDO:** Sérgio Chaves

**PESQUISADORA:** Maria Cristina

**LOCAL-** Residência do entrevistado

**DATA-** 16/07/2019

**PESQUISADORA:** Bom, sr. Chaves, primeiro eu vou explicar pro senhor o que que é a minha pesquisa. Eu estou fazendo doutorado aqui na Universidade Federal de Uberlândia na área da Educação, na linha de História e Historiografia, e eu sou orientanda da professora Sônia SANTOS:. E a pesquisa que eu estou fazendo, a tese, é a respeito do doutor Afranio, mas sobre os feitos que ele realizou na Secretaria Municipal de Educação. E o nome do senhor foi indicado pela Célia, a Célia Tavares, e também eu vi o nome do senhor em algumas reportagens de jornal [informando] que acompanhou todo o trajeto do doutor Afranio na construção das escolas, e tudo do município quando ele ingressa no primeiro mandato do senhor Virgílio Galassi como secretário de Educação. Então, por esse motivo, o senhor foi uma das pessoas que a gente escolheu pra poder tá contribuindo com esse trabalho da gente, com essa tese. Então nós elaboramos algumas perguntas, não que o senhor tenha que me responder somente essas perguntas, pergunta e resposta, mas se o senhor trouxer na memória alguma coisa, falar “não, isso vai ser importante pra pesquisa dela”, o senhor também pode estar contando pra gente. Depois eu vou transcrever essa entrevista e, antes de ser publicada, os fragmentos dela ser publicados, eu vou mandar pro senhor, pro senhor dar uma lida e dar o aval, se eu posso estar usando ou não, se o senhor quer que eu corte alguma coisa, quer que acrescente alguma coisa, tá? Nada vai ser publicado antes de o senhor dar o aval final, tá bom? Bom, primeiro, a gente elencou 14 perguntas, então primeiro é o nome do senhor, completo.

**CHAVES:** Sérgio Chaves.

**PESQUISADORA:** - O endereço, que eu já tenho agora.

**CHAVES:** Quer que eu fale?

**PESQUISADORA:** Pode falar, pode...

CHAVES: Rua Ipanema, 1180, apartamento 1.

**PESQUISADORA: Qual foi o tempo de trabalho do senhor com o doutor Afranio?**

CHAVES: (contando) 4, 8, 12... 15 anos e meio.

**PESQUISADORA: 15 anos e meio. A função do senhor era...?**

CHAVES: Assessor dele. No início, realmente, nós começamos a execução dos projetos, das escolas, então era acompanhamento e aprovação dos projetos, e depois das construções.

**PESQUISADORA: Uhum. O senhor é engenheiro?**

CHAVES: Sou engenheiro.

**PESQUISADORA: É.. o senhor podia falar um pouquinho pra mim do senhor? Quem é o senhor, formação. O senhor nasceu em Uberlândia, de onde o senhor veio...**

CHAVES: Sim, sou Sérgio Chaves, nascido em Uberlândia, de pai uberlandense, avó uberlandense, avô cearense e os outros dois avós libaneses, e a minha mãe mineira de Guaxupé, e depois veio pra cá... A família da minha mãe é Abdulmassih e do meu pai Chaves.

**PESQUISADORA: E o senhor cursou Engenharia aqui? Em Uberlândia?**

CHAVES: Não, não, quando eu fiz Engenharia aqui não tinha, não tinha a escola de engenharia. Eu fiz em São Paulo, na Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie.

**PESQUISADORA: Como que o senhor chegou até o município, até a prefeitura de Uberlândia? Foi via concurso, convite?**

CHAVES: Fui convidado pelo Afranio.

**PESQUISADORA: Via Afranio?**

CHAVES: Afranio e eu somos, fomos... posso dizer que somos amigos/irmãos. Desde o início de juventude, colegas no Colégio Estadual de Uberlândia, na quarta série do ginásio e depois eu fui pra São Paulo, onde fiquei um ano. Voltei, fizemos o segundo científico e em 1957 fomos para São Paulo estudar sendo colegas outra vez, no terceiro científico à noite... e eu fazendo cursinho pra engenharia e ele pra medicina.

**PESQUISADORA: E aí vocês se separam quando ele vai pro Rio?**

CHAVES: Ele vai pro Rio, onde morava seu tio Dr. Josias de Freitas, que já era professor e um grande cirurgião. Já estavam lá o José Olympio e Mário Augusto, seus irmãos. Formou-se e especializou em cirurgia plástica, trabalhando com o Dr. Ivo Pitanguy.

**PESQUISADORA: Ele volta em 1989, né?**

CHAVES: Não, foi antes...

**PESQUISADORA: 89 não, 88, né? Pelo menos assim, a matéria que eu li dele no jornal...**

CHAVES: É mais ou menos isso...

**PESQUISADORA: Mais ou menos nesse período né... da década de 80, né?**

CHAVES: Eu acho que foi antes de 88, porque em 88 nós fizemos a campanha do Virgílio pra prefeito... ele já estava aqui na época do governo Zaire, então foi antes de 88 seguramente. Porque o Zaire, ganhou a eleição em 82, e a eleição do Virgílio foi em 88.

**PESQUISADORA: Isso.**

CHAVES: Eu cheguei aqui no dia 31 de dezembro de 81, e ele chegou logo depois.

**PESQUISADORA:** Ah, então foi bem no início, assim que ele concluiu então a Universidade, né?

CHAVES: Não, ele concluiu na década de 60, ué.

**PESQUISADORA:** 69... 68, 69...

CHAVES: Colega, eu terminei em 64 e ele eu acho que em 65 ou 66, porque o curso de Medicina é mais longo, tem residência...

**PESQUISADORA:** E a família dele, os irmãos é tudo médico? Exceto a Marta, né?

CHAVES: Só a Marta que não, os outros todos... José Olympio e Mário Augusto, falecido, médico... Chico Humberto médico... e o Afranio médico. E a Marta... A Marta fez, acho que foi Filosofia em São Paulo, não sei o que Línguas, não sei não...

**PESQUISADORA:** E o doutor Afranio, na escala dos filhos, qual lugar ele ocupava, o senhor lembra?

CHAVES: O quarto. Mas sendo o terceiro parto.

**PESQUISADORA:** Ah, tá...

CHAVES: Porque a Marta e o Mário Augusto são gêmeos.

**PESQUISADORA:** Ah, entendi!

CHAVES: Então o Zé Olympio de 36, a Marta e o Mário Augusto, 38 e o Afranio de 39, aí depois o Chico.

**PESQUISADORA:** Ele é mais novo, né, do que o doutor Afranio. Então o senhor chegou nesse cargo juntamente com o doutor Afranio...

CHAVES: É, foi ele quem me convidou.

**PESQUISADORA:** E o senhor podia me falar um pouquinho? Porque o que eu tenho de conhecimento dessa campanha que o senhor disse, da primeira campanha do senhor Virgílio Galassi, é via matéria de jornal que ele dá entrevista em 2014, ele dá uma entrevista em que ele fala que ele fez a campanha do senhor Virgílio, que ele tinha vindo pra fazer a campanha do seu Ferolla, que era amigo dele também, mas que acabou fazendo a campanha do Virgílio...

CHAVES: Não, não, o Ferolla veio depois...

**PESQUISADORA:** É, ele foi depois...

CHAVES: Então ele veio, estava aqui já trabalhando, clinicando e tudo, e foi fazer a campanha do Virgílio. O Chico Humberto era candidato a vice-prefeito junto com o Virgílio. Não é que ele veio pra fazer a campanha do Ferolla não, Ferolla nem era...

**PESQUISADORA:** Não, nem era candidato.

CHAVES: Nem era nem pensava em ser candidato

**PESQUISADORA:** É, porque no jornal...

CHAVES: Porque foi o Virgílio, o Virgílio que levou o Ferolla pra Prefeitura.

**PESQUISADORA:** Sim, é porque ele trabalhava com ele como secretário, né?

CHAVES: Não, lá no sindicato... e aí o Ferolla veio pra Prefeitura e foi secretário do Virgílio, se eu não me engano

**PESQUISADORA:** Isso, isso... É porque tem uma das reportagens, o doutor Afranio fala que ele fez a campanha, né, porém quando saiu e tudo não falaram que ele que tinha ajudado a fazer a campanha. Mas que quem estava por trás de tudo que aconteceu era ele.

CHAVES: Ah, todo mundo sabia disso. Mas isso todo mundo sabia.

**PESQUISADORA:** É porque, como eu trabalho com os jornais e com as histórias, as narrativas de vocês, então eu estou sempre fazendo a comparação.

CHAVES: Não, mas todo mundo sabia, todo mundo sabia...

**PESQUISADORA:** Que era...

CHAVES: Nessa campanha Sérgio Ribeiro controlador financeiro e Afranio com toda a parte política, e a gente auxiliando, ajudando...

**PESQUISADORA:** Era uma equipe grande, né? Era uma equipe grande. A outra pergunta que eu iria fazer pro senhor era essa: como o senhor chegou a essa primeira equipe do doutor Afranio, as funções que o senhor assumiu então. No início o senhor auxilia em toda essa campanha e tudo, depois o senhor acompanha essas construções como engenheiro...

CHAVES: É, o primeiro ano não houve quase nada, o primeiro ano foi em 89, foi um ano de (pausa) sei lá, de ver como é que estava a coisa. Uberlândia não tinha escola praticamente, né... Tinha uma, se não me engano era a Afrânio Rodrigues da Cunha, e eu não sei se tinha outra, era a Boa Vista, algo assim (pausa) Tinha muita escola rural. Então o que foi feito foi: nós iniciamos os projetos das escolas municipais urbanas e acabamos com um monte de escola rural, nucleamos as escolas, então é aí que a coisa começou a andar, mas, pra você ver, (pausa) a primeira escola que foi construída e inaugurada — em 91 que ela foi inaugurada? — é a Professor Leôncio do Carmo Chaves, no Planalto, que coincidentemente era meu avô.

**PESQUISADORA:** Ah é, o Professor Leôncio?

CHAVES: É! (risos) Então nós demos o nome dele à escola, foi a primeira escola a ser construída. E aí veio aquele monte de coisas, né, aquele monte de escolas e, eu acho que eu já comentei isso com você, a grande maioria dessas escolas todas, principalmente as de ensino fundamental, leva o nome de professores nossos, do colégio estadual. Domingos Pimentel, Mário Godoy, é... Eurico Silva, e... Luiz Rocha e Silva.

**PESQUISADORA:** Essas foram as primeiras, né?

CHAVES: É... Depois vieram... Olga Del Fávero, que foi minha professora no curso primário, tinha sido professora do meu pai, agora você vê, e a outra é a Estela Saraiva Peano. O resto das escolas nós fomos dando os nomes dos nossos professores: Horlandi Viollati, Otávio Batista Coelho... Todos eles professores nossos.

**PESQUISADORA:** Gente, que interessante! Eu não sabia a origem dos nomes, porque eu trabalhei no Luís Rocha, né, quando eu ingressei no Município comecei lá no bairro Alvorada, que antes tinha o nome dos bairros, né? Fiquei lá 6 meses, era uma substituição. Quando venceu eu fui pro Santa Mônica, fiquei mais 6 meses. [Quando] ia encerrar os contratos, apareceu [vaga] em uma outra escola, aí a Celinha me convidou, pediu...

CHAVES: Isso em que ano foi?

**PESQUISADORA:** Eu entrei em... 87.

CHAVES: É, a gente já tava lá né?

**PESQUISADORA:** É, eu peguei o final do governo Zaire...

CHAVES: Não, não, não estava lá não, era o Zaire...

**PESQUISADORA:** Isso, eu peguei 87 e 88 o Zaire e depois, né, vocês iniciam. Aí, quando eu fui pro Tubalina, eu ainda fui para uma casa, que era ali na (pausa) Silvio Rugani. Tinha uma casinha que SME alugava, era pra escola do Tubalina.

CHAVES: Sei...

PESQUISADORA: Aí fiquei lá, trabalhei lá acho que 90, 91 não sei, aí em 92 inaugurou a escola grandona que é o Luís Rocha... aí eu fiquei no Luís Rocha uns 15 anos. Depois eu saio de lá e vou pro Jardim Patrícia, que é a Inspecora France, que já era o nome da inspetora, né?

CHAVES: Se você lembrar, bem depois, né?

PESQUISADORA: É, ela é mais recente. Ela tem... acho que 8 anos, 7, 8 anos...

CHAVES: Tem mais...

**PESQUISADORA: Porque eu fui pra lá em... 2012.**

CHAVES: Ah não, já existia.

**PESQUISADORA: Já, mas ela era nova, ela deve ser de 2010, eu acho. A Josiany France no Canaã que é mais velha, que é o nome de uma professora, né?**

CHAVES: É mais velha um pouquinho. É, acho que a Inspecora France, deixa eu ver... O Odelmo saiu da prefeitura em 12 né, que foi o último ano de governo dele daquelas duas gestões. (pausa) 12... não, ela não tem mais do que seis, sete anos...

**PESQUISADORA: Tem mais? É porque eu fui pra lá em 2012.**

CHAVES: Não, já existia antes... Acho que já, sei lá. (risos)

**PESQUISADORA: É, que eu sei do Luís Rocha, ali, que é mais velho, é porque eu peguei, como diz o outro, a pedra fundamental. (risos)**

CHAVES: O Luiz Rocha é das primeiras...

**PESQUISADORA: É, é... foi um ano de muita construção de escolas mesmo, né? Nossa, foi uma organização da casa. É como que foi gestada a educação municipal nesse primeiro mandato, já com Afranio de Freitas à frente da Secretaria Municipal de Educação. E quais as metas estabelecidas pela equipe, quem que compôs essa equipe nesse primeiro governo dele? O senhor lembra as funções que essas pessoas tinham? Quando a gente estava organizando aqui, a gente lembrou do Paulo Galassi, do Jeová, Wladimir...**

CHAVES: Do Marcelo... Marcelo... (pausa) per aí... Marcelo Pacheco Marques, Jeová Gomes Ferreira, o Sa'nt Clair, essa... (pausa) ah, o Guilherme Saramago. Essa era a equipe, vamos dizer assim, de comando, né? Porque na realidade era, vamos dizer assim, em vista do que foi depois, era muito fácil você tocar a Secretaria de Educação. Era fácil. A burocracia na prefeitura era muito menor, né, não tinha esse monte de coisa que tem hoje. Um monte de entaves e terrível. Então foi uma gestão, vamos dizer assim, o Afranio selecionou toda a equipe dele, né? Não houve de maneira nenhuma, não houve nenhuma injunção do Virgílio pra nomear esse ou aquele. Ele escolheu a equipe dele e ele tocou os 4 anos do Virgílio (pausa) deixa eu ver, 89, 90, 91 e 92. Aí veio o Ferola, 93, 94, 95 e 96. Aí ele saiu. O Afranio saiu em julho de 96. (pausa) Por isso é que eu falo que são 7 anos e meio, entendeu? Depois vem a... Aquela Sebastiana ocupou a Secretaria naqueles 6 últimos meses do governo do Ferola, aí depois veio a Irmã Ilar (pausa).

PESQUISADORA: Aí retorna o Zaire, né?

CHAVES: Aí o Zaire ganhou, foi o Zé... (pausa)

**PESQUISADORA: José Eugênio!**

CHAVES: Zé Eugênio o Secretario. Aí o Virgílio...

**PESQUISADORA: Depois retorna o Odelmo, aí já é...**

CHAVES: Já é Odelmo depois?

**PESQUISADORA: É, ele fica de 2005 a 2012.**

CHAVES: Já é Odelmo, com 8 anos. Teve o interregno aí do Gilmar. E agora o Odelmo.

**PESQUISADORA:** Isso, isso. E se o doutor Afranio estivesse aqui estaríamos com ele novamente na Secretaria de Educação, né?

CHAVES: Provavelmente!

**PESQUISADORA:** E agora a gente tá com a Tânia, né? É... A educação municipal em 89? Como ela era... Como era dividida? O senhor falou que a gente tinha mais escolas rurais... E na zona urbana a gente tinha 2, né?

CHAVES: 2 ou 3 escolas só...

**PESQUISADORA:** Isso, isso. E aí esse período de... esse primeiro governo de 89 a 92 é um governo então que fez... que se preocupou mais com essa questão de nucleação da...

CHAVES: De nucleação da zona rural, e a preparação do espaço físico para as novas escolas né, como eu te disse. A primeira escola, se não me falha a memória, foi em 91, que é a Leôncio do Carmo Chaves. Acho que é 91 mesmo porque 25 anos dá 2016, né? Acho que foi os 25 anos comemorado em 2016. Que ainda era o governo do... (pausa)

**PESQUISADORA:** Odelmo? 16? Não, do Gilmar agora!

CHAVES: Não, do Gilmar. E a secretária era a, a... (pausa)

**PESQUISADORA:** A Gercina.

CHAVES: Gercina. Tanto é que eu fui convidado pela Consuelo, que é a diretora lá, né, pra participar da cerimônia do aniversário. Aí eu fiz um discurso dizendo “tatatatata”, falei na frente da Gercina, falei “essa escola foi construída pelo melhor Secretário de Educação que Uberlândia já teve, e não vai ter outro igual” (pausa/risos)

**PESQUISADORA:** E o povo?

CHAVES: (risos) Aplaudiu! Os professores, né, a mesa não!

**PESQUISADORA:** Ah não, a mesa tem que ficar neutra né?

CHAVES: Não, deveria aplaudir também! Que é a verdade!

**PESQUISADORA:** E lá no Luís Rocha o senhor foi também?

CHAVES: Não.

**PESQUISADORA:** Que foi há pouco tempo, né, os 25 anos do Luiz Rocha...

CHAVES: Não fui. Eu só fui nessa do Leôncio.

**PESQUISADORA:** E aí, no ano de 89, o senhor lembra se teve algum... Tirando as escolas e tudo que foi um marco, algum projeto que o senhor fala assim: “não, esse projeto aqui foi um projeto que o Afranio fez e que teve um destaque...”

CHAVES: É, eu não me lembro se começou em 89 duas coisas marcantes na administração do Afranio... uma, o MEI Luizote, que é aquele... EMEI muito grande.

**PESQUISADORA:** Ah sim, como que ele chama hoje, gente?

CHAVES: Eu não sei se ele tem nome... Tem?

**PESQUISADORA:** Tem... mas agora eu não me lembro. Mas tem.

CHAVES: E a outra coisa foi o CEMEPE... Agora, realmente eu não me lembro...

**PESQUISADORA:** É, o CEMEPE foi em 91... o CEMEPE

CHAVES: 91! Foi uma das coisas que ele fez aquilo da cabeça dele e do Joel Cupertino.

**PESQUISADORA:** Esse eu não me lembro... Ah é! Tem ele muito nos jornais!

CHAVES: Ele era Secretário de Ação Social, e muito amigo, primo da mãe do Afranio, primo também, então muito amigo desde... desde moleques também,

companheiro de basquete... enfim, o Joel foi outro que auxiliou muito também, embora em outra secretaria, mas ajudou muito.

**PESQUISADORA: Hmmm, ele ainda é vivo?**

CHAVES: Não. O Joel faleceu também.

**PESQUISADORA: Ah, eu vi mesmo, tem muita matéria dele no jornal, porque teve a questão também das greves, o pessoal ia muito nele... acho que ele era da Finanças, né? Do Recursos Humanos... que que ele era?**

CHAVES: Não, ele era da Ação Social!

**PESQUISADORA: Ação Social? Não, é porque tem muito... ele aparece muito nos jornais!**

CHAVES: Eu não sei se chamava Ação Social não, mas é qualquer coisa assim... É a Secretaria da Iracema hoje...

**PESQUISADORA: Isso! E... depois, em 90 também né, a gente começa a organizar os concursos, né? Então a gente tem o primeiro concurso...**

CHAVES: É, foi o primeiro concurso... foi em 92?

**PESQUISADORA: Não, foi 90 o primeiro... Depois a gente tem em 91... a década de 90, até 95, a gente teve vários concursos, né? De 90 a 95. 90... primeiro parece que é pra equipe de supervisão, né, porque nenhuma era concursada.**

CHAVES: É, não tinha nada! Não tinha quase ninguém concursado ainda, né! Uai, não tinha escola, então não tinha professor! (risos)

**PESQUISADORA: Isso! Aham, a gente era contratada! A gente era contratada! Isso mesmo. Então, o senhor participa também dessa organização dos concursos?**

CHAVES: Dos concursos? Não!

**PESQUISADORA: Ou aí o senhor já fica mais distante?**

CHAVES: Não, aí já era o Guilherme Saramago que tomou a frente da coisa, né? **PESQUISADORA: Da parte pedagógica mesmo, né?**

CHAVES: Da pedagogia. Da parte pedagógica.

**PESQUISADORA: É, o Guilherme, eu me lembro bastante nos cursos de... nas formações que a gente fazia e tudo, né, ele sempre estava...**

CHAVES: Nas formações continuadas né?

**PESQUISADORA: É, é... ele sempre estava. Foi um período em que a gente fez muita formação, né, porque, assim, nós até falamos, não tinha as escolas, aí passa a ter aquele tanto de escola, né, aumenta o número de professor, então a gente tinha que ser formado, né?**

CHAVES: Lógico!

**PESQUISADORA: Então foi um período em que a gente estudou muito e investiu muito nessa formação da gente mesmo enquanto os professores, né... foi uma turma...**

CHAVES: É, essa aí é outra nuance da gestão do Afranio, lógico que sempre muito apoiado pelos prefeitos, tanto o Virgílio quanto o Ferolla depois, pra realmente formar os quadros da Secretaria, em todas as áreas... professorado, inspeção, supervisão, enfim... tudo! A própria merenda escolar, que não existia, foi criada.

**PESQUISADORA: Isso! Porque foi o período de construção do PEMEA, né, que tomava conta da merenda escolar.**

CHAVES: Da merenda? Acho que é, é.

**PESQUISADORA: PEMEA. É, a função do CEMEPE nesse primeiro concurso, a gente ouviu falar e não sei se o senhor chegou a fazer parte disso e**

**tudo, de uma gratificação que os professores tinham pra estudar, pra irnas formações... o senhor tem alguma lembrança disso?**

CHAVES: Não, não tenho. Nessa época das gestões do Afranio lá atrás eu mexia realmente com as construções das escolas. Eu não tinha, aliás, eu até fazia questão de não saber das outras coisas, porque senão... (risos)

**PESQUISADORA: Pra não ocupar muito espaço? (risos)**

CHAVES: É! Eu ouvi falar tal coisa disso lá atrás, né, depois já na época do Odelmo era diferente, aí já foi... Eu já participei mais, substitui o Afranio várias vezes, e tudo...

**PESQUISADORA: Isso, é! Inclusive eu cheguei até o senhor por meio de uma entrevista que li e encontrei seu nome... primeiro né? Antes da Célia indicar, e a Sônica também indicou, pelo Jornal, o Diário Oficial, quando o Afranio tira férias e aí o senhor assume né? Como Secretário.**

CHAVES: É, como eu substituí a Célia também, várias vezes aí...

**PESQUISADORA: É. Depois, nas reuniões da equipe, em várias das reuniões o senhor esteve, por conta das construções dessas escolas, né? Quais eram os objetivos e as metas que tinha o doutor Afranio e o Seu Virgílio? Porque a gente vê muito nas... principalmente nos jornais, que é a fonte que eu estou trabalhando, essa questão política, né, do doutor Afranio ter vindo de uma vertente política... dele ter sido militante... e como eles sempre lidaram...**

CHAVES: Os dois sempre se respeitaram muito. O Virgílio sempre respeitou o Afranio com as posições políticas que ele teve, e o Afranio ao Virgílio também. O pai do Afranio era amicíssimo do Nicomedes!

**PESQUISADORA: Gente! Já pensou?**

CHAVES: E o Nicomedes, sogro do Virgílio! O pai do Afranio era amicíssimo do Nicomedes, amicíssimo do Sr. Zacarias, que era o chefe da UDN aqui, amicíssimo do Toninho Resende, que era o chefe do PSD.

**PESQUISADORA: Então quer dizer que essa, essa... vamos pensar essa divergência política nunca interferiu... e então atribuir isso a questão do respeito mesmo.**

CHAVES: Não, nunca interferiu em nada! Respeito e inteligência, né? O Virgílio sabia com quem estava lidando, da competência, e vice-versa, o Afranio também!

**PESQUISADORA: É, e penso eu a questão do objetivo, né? Qual que era o objetivo dos dois? Não era um objetivo político, né?**

CHAVES: Justamente! Era um objetivo de fazer coisas!

**PESQUISADORA: Isso! Acho que é aí que entra a questão desse respeito, né, porque às vezes, quando a pessoa entra com o olhar egoísta, né, e esquece que o olhar é comunitário... que o bem é social...**

CHAVES: Principalmente agora, né, dos anos petistas pra cá... (pausa/risos)

**PESQUISADORA: Nossa! Sr. Chaves: do céu! Isso dá outra tese! (risos) Dá outra tese, porque eu acho que o respeito acabou, sabe? Não tem o que, por exemplo, esse período que que era? “Não, nós precisamos construir as escolas, né, então como que vai ser a escola? ‘assim, assim, assim’...”**

CHAVES: É, e tudo feito com uma lisura exemplar! Tanto que o Afranio, quando saiu do governo do Ferolla faltando 6 meses pra terminar o mandato, o Afranio passou uns 2 anos apertadíssimo, ele não tinha... a clínica dele de cirurgia plástica tinha acabado!

**PESQUISADORA: Porque ele envolveu... acabou envolvendo com a educação...**

CHAVES: Ele envolveu totalmente com a educação! E ele penou pra refazer a clínica dele. Tanto é que, quando o Odeldo o convidou... no primeiro mandato lá atrás em 2004...

**PESQUISADORA: Isso, 2004.**

CHAVES: Que eu acho que foi a eleição né? Ele me ligou, me chamando outra vez, eu falei “Afranio do céu, você vai enfrentar isso outra vez? E sua clínica?”, ele disse: “Não, eu agora vou ser inteligente, eu não vou fazer aquilo que eu fiz mais não.” Mas eu fiquei... “Afranio, eu to quieto”. Ele disse: “Não, se você não for, eu não vou.” (pausa)

**PESQUISADORA: Pronto! (risos) Aí, como se diz: “Se ele não aceitar, é minha culpa!”**

CHAVES: É...

**PESQUISADORA: É, porque esses 8 anos que ele não fica, ele se dedicou à clínica novamente, né? Que foi o período que o Seu Virgílio ficou com a Irmã Ilar na Secretaria, depois... o Zaire, né?**

CHAVES: O Zaire com o José Eugenio.

**PESQUISADORA: Isso! Então foram 8 anos que ele dedicou de novo à medicina, né?**

CHAVES: É, mas foram 2 anos difíceis para ele. Ele passou dificuldades financeiras! Não, eu tô falando isso porque, pra corroborar... é... (pausa) sem querer jogar farinha no meu tutu (risos) a lisura com que nós tocamos a coisa. Porque era muito dinheiro! Muito dinheiro! O orçamento da educação sempre foi muito grande, e construindo escolas, construindo, construindo, aquilo tinha 3, 4, 5 obras ao mesmo tempo. Vê bem! Se a gente fosse de má índole ou “gatunos”, pegar uma propina aqui, “tatatatata”, outra aqui... Esse negócio hoje, toda essa bagunça infernal aí, de onde saiu dinheiro? Uma grande parte do dinheiro saiu de obras! Que é o jeito mais fácil que existe do vagabundo conseguir!

**PESQUISADORA: Conseguir! Que acaba que circula muito, né, Seu Sérgio?**

CHAVES: É, então eu tô dizendo isso justamente pra corroborar mais uma vez a confiança que o Virgílio tinha no Afranio, e por extensão na gente, em mim, em tudo, na equipe... e vice-versa, a confiança que o Afranio tinha no Virgílio. Tanto que o Afranio saiu da secretaria, vamos dizer assim, pobre! E sem clínica!

**PESQUISADORA: Nossa, aí é triste!**

CHAVES: Ainda bem que ele tinha a fazenda, né?

**PESQUISADORA: Nossa, aí depois ele recomeça, fica 8 anos ali de novo e para tudo de novo? Quando vocês assumem de novo, em 2005...**

CHAVES: Não, não, aí ele não parou não. Foi o que eu falei...

**PESQUISADORA: Aí ele conseguiu levar... Foi onde ele resolveu ser inteligente...**

CHAVES: Ele atendia a clínica dele no período da manhã, né, até as 10... depois ia pra Secretaria e ficava o resto do dia na Secretaria.

**PESQUISADORA: Ele ficou esperto! (risos) Mas é preciso, né?**

CHAVES: E o Afranio sempre teve uma coisa muito... que eu também sempre tive, outras vezes que eu comandeí outras coisas fora daqui, em São Paulo, eu nunca exigi horário de ninguém. Nunca! Exigia as coisas que eram de responsabilidade

daquele determinado engenheiro ou funcionário de tal fábrica. “É isso que tem que fazer, é pra tal dia, pronto, acabou!”. Agora se chega lá 7 horas da manhã ou meio dia pra trabalhar...

**PESQUISADORA: O senhor quer saber que aquilo ali tinha que estar pronto na data...**

CHAVES: Então o Afranio sempre teve isso. Ele confiava nas pessoas, armou uma bela equipe, né, na área pedagógica, do ensino fundamental, da educação infantil, do... do PNAE, da Merenda Escolar, né? Gente sempre muito boa e muito honesta. O PNAE era outro, vamos dizer assim, outra oportunidade de ouro, né, pra... (risos)

**PESQUISADORA: É, tanto que teve os problemas agora, né?**

CHAVES: Agora, agora?

**PESQUISADORA: Não, falo assim, no governo passado, né...**

CHAVES: Ah, teve ué!

**PESQUISADORA: Uns problemas, que era onde estava a merenda, né?**

CHAVES: É, frango, carne...

**PESQUISADORA: Isso, isso! E o que o senhor tá falando, a facilidade e a credibilidade, né, que cada um tem e faz o uso que...**

CHAVES: É, eu entrei nessa coisa somente pra corroborar os motivos do respeito que o Virgílio tinha pela gente e a gente pelo Virgílio. Ele sabia que estava com as coisas... com o Afranio lá e a equipe do Afranio estava tudo ok.

**PESQUISADORA: Tranquilo. É, continuando essa questão das reuniões aqui, que a gente falou agora, primeiro a gente tá vendo a questão desse primeiro mandato aqui...**

CHAVES: Ah, só uma coisa. E o Virgílio nunca interferiu nas decisões da Secretaria. O Afranio chegava lá e dizia “Olha, agora nós vamos construir essa escola, e não sei o que...”. Agora!

**PESQUISADORA: É, trabalhar assim é muito bom, né? Com confiança, né? De ambas as partes... É, tanto é que diziam muito, a gente vê muito na questão das matérias dos jornais, quem trabalhou há mais tempo, né, pegou a história desde o início, fala muito que o Seu Virgílio, ele estava à frente do tempo que a gente está vivenciando, né?**

CHAVES: Ah, sem dúvidas! Tem uma passagem interessante minha com o Virgílio. Eu morava em São Paulo, pois aí derrubaram o Fórum, né, lá na praça Tubal Vilela... lembra? Do Fórum antigo?

**PESQUISADORA: Não... ele era na praça?**

CHAVES: É, onde está a Receita Estadual.

**PESQUISADORA: Sei, sei...**

CHAVES: Lembra do prédio do Fórum antigo? Eu falei “Pô, Virgílio, mas derrubaram aquele prédio, aquele prédio tão bonito...” “Quem gosta de velharia é velho!” (risos)

**PESQUISADORA: Gente! (risos) Tá vendo? (incompreensível) e uma construção moderna, né?**

CHAVES: O Bueno Brandão, que era uma beleza de construção, derrubaram aquilo tudo pra fazer aquele monstro que é hoje o Bueno Brandão...

**PESQUISADORA: Foi, foi... acho que ali o único preservado foi o Museu, né? Assim mesmo, assim né...**

CHAVES: O Colégio Estadual de Uberlândia, né? Eu detesto esse nome Museu, viu?

**PESQUISADORA:** É, é! Por que que chegou nesse Museu? Por conta do tipo da construção?

CHAVES: Sei lá, porque é antigo, né... antigamente era Colégio Estadual de Uberlândia, e o logotipo era dentro de um círculo o C, o E no meio e o U. Aí depois virou “Escola”, Escola Estadual de Uberlândia, já não é mais “CEU”. Aí puseram o apelido... é Escola hoje, né, Estadual de Uberlândia. Daí puseram o apelido de Museu, por causa da antiguidade dele eu acho, né, porque se não me engano ele é de 29, 27, o prédio... tá lá na fachada lá, né...

**PESQUISADORA:** Porque, gente, olha... vários dos nossos políticos aqui estudaram foi lá, né?

CHAVES: Ah, quase todo mundo, uai. Que que nós tínhamos aqui? O Colégio Estadual de Uberlândia, o LICEU, que tinha o curso de contabilidade, o científico, e o Brasil Central.

**PESQUISADORA:** Eram os três primeiros?

CHAVES: Os três únicos. Os três únicos.

**PESQUISADORA:** Eu ainda estudei lá, mas já era ABRACEC, não era Brasil Central, fiz Pedagogia lá! Aí depois, na próxima eleição, no próximo governo, de 89 a 92, o senhor Paulo Ferolla assume, né? Muda muita coisa? Ou não muda? Em termos da equipe do Afranio, projetos...

CHAVES: Não, não, não, continua a mesma coisa... mesma coisa!

**PESQUISADORA:** O senhor acha que teve algum feito nesse período?

CHAVES: Continuou a mesma coisa... no mesmo caminho que vinha no governo do Virgílio.

**PESQUISADORA:** Do projeto de governo, né?

CHAVES: Continuamos a construção das escolas, continuamos os cursos, né, o CEMEPE funcionando, aquele negócio todo, “tatata”. Foi mais ou menos a mesma coisa.

**PESQUISADORA:** Uma outra construção que teve também muito... como que fala?... muito importante e diferente foi o Centro Administrativo, né? No governo...

CHAVES: Ah foi! Sem dúvidas, sem dúvidas. E ele hoje já está pequeno, imagina se não tivesse construído...

**PESQUISADORA:** Pois é, pra aquele período foi... “o ó”, né? De tão grande que ele era, uma construção hipermoderna...

CHAVES: É, e ele foi construído no governo do Ferolla.

**PESQUISADORA:** Sim, sim! Mas já era um... um projeto que veio dando ‘seguimento’?

CHAVES: É, o projeto executivo em si, eu não me lembro como foi... é, foi contratado aí os projetistas, o arquiteto, coisa e tal, foram contratados. Mas isso eu acho que começou, eu não sei se na gestão do Virgílio, anterior, o projeto né, a determinação, e na gestão do Ferolla as obras foram iniciadas e terminadas.

**PESQUISADORA:** A conclusão, né?

CHAVES: E aí quando o Virgílio voltou já assumiu lá.

**PESQUISADORA:** Sim. É porque, assim... Nossa! aquilo lá eu me lembro bem dele. É, essa questão da Secretaria Municipal, né, ela fica 8 anos no mesmo governo, a gente tem 8 anos que o doutor Afranio, que no caso é ele que a gente tá focando, não governa nesses outros 2 anos. O que o senhor avalia que foi conseguido nesses 8 primeiros anos, do que o senhor lembra que foi proposto, e o que não foi?

CHAVES: (pausa) Que deveria ter sido?

**PESQUISADORA: Isso! Teve algo que vocês falam assim “Não, isso era um projeto...”**

CHAVES: Não, não... Aquilo era, realmente, tudo que tinha que ser feito foi projetado e foi executado, nos mandatos do Virgílio e do Ferolla. Aí depois, quando entrou o Zaire, eu acho que eles construíram uma escola só, se não me falha a memória, que é aquela lá no bairro Minas Gerais, no governo do Zaire. Aí veio... depois do Zaire, veio primeiro o Odelmo?

**PESQUISADORA: Foi.**

CHAVES: Foi, né? Veio o Odelmo, nós retomamos algumas coisas, algumas reformas e... algumas construções também de escolas novas, e aí (pausa) vem o Gilmar. Aí foi o caos total, né?

**PESQUISADORA: É, aí deu uma parada... bem grande.**

CHAVES: Não, sucateou, deixou as escolas sem nenhuma manutenção, sem nada, nada, nada. Sem falar do emprego, que nem... não é o caso dessa entrevista, né? Mas as escolas foram ferradas, nós pegamos... Quando o Odelmo voltou, que a Célia foi a Secretária, a Célia me convidou, eu até brinquei com ela “Célia, mas aí eu já tô com... se eu ficar lá até o final do governo do Odelmo eu já vou estar com 81 anos”. (risos) Ela falou: “E daí?” (risos). Mas nós, nós “pererecamos” com as escolas, e tem até hoje, tem... não deu pra fazer tudo nesses...

**PESQUISADORA: Tudo que precisaria, né, ser feito...**

CHAVES: Tudo que precisaria ser feito, principalmente por causa da falta de dinheiro, né? Que existe atualmente, né?

**PESQUISADORA: É, realmente, a questão financeira tá pesando né?**

CHAVES: Tá muito! E muito!

PESQUISADORA: Pesando bastante! Como que era assim, Seu Sérgio, essa questão das reuniões de vocês com o Afranio, de avaliação, de construção de escola, de projetos... A reunião de vocês, ele delegava alguma coisa? Vocês tinham divergências?

CHAVES: Nós nunca tivemos esse lance de reunião, reunião, reunião...

**PESQUISADORA: Não?**

CHAVES: Ele soltava as coisas, “faz e pronto e acabou”. Essa coisa de reunir e “nhenhenhe”... eu tenho uma opinião sobre reunir. Você sabe qual que é a finalidade da reunião? Marcar a data da próxima! (pausa) Se você tiver uma equipe boa, coesa, competente, honesta, tecnicamente perfeita e um Secretario que confia nessa equipe... manda brasa! De vez em quando você fala “Afranio olha, tá assim assim assado, a obra está assim assim, pode marcar, vê com o Prefeito a data de inauguração, essas coisas”.

**PESQUISADORA: Não tinha aquela coisa “E aí, Sérgio, você já concluiu isso, já concluiu aquilo, tá dando conta?”**

CHAVES: Não, não, a gente não tinha reunião não. Eu detesto reunião!

**PESQUISADORA: Gente, que interessante!**

CHAVES: Detesto reunião!

**PESQUISADORA: É, isso é bom, viu?**

CHAVES: E tem gente que vive pra reunião!

**PESQUISADORA: Pra reunião! Tudo é reunião!**

CHAVES: E não se resolve nada! O mesmo assunto atravessado de lá, de cá, de lá, de cá, e aí marca a...

**PESQUISADORA: A próxima pra concluir aquilo que levantou, que na verdade não concluiu, né?**

CHAVES: Não, nem conclui nada! Eu acho que a finalidade da reunião é marcar a data da próxima!

**PESQUISADORA:** Interessante! Gostei! Aí, depois, nessa terceira gestão do Seu Odelmo, que é de 2005 a 2008... aí eu queria ver as duas, olha, agora a gente vai falar da terceira e da quarta gestão. Quais foram as marcas desses dois períodos que se a gente juntar dá esses 8 anos de gestão do Odelmo e do doutor Afranio.

CHAVES: As marcas do Afranio com o Odelmo?

**PESQUISADORA:** É, assim, o que foram os feitos? Porque nesse primeiro... nessa primeira gestão, vamos pensar assim, nesses 2 mandatos, porque ele fica 16 anos? Não. Você disse 15...

CHAVES: 8, não, 7 anos e meio. 7 anos e meio lá atrás, Virgílio e Ferolla, e depois 8 com o Odelmo.

**PESQUISADORA:** 15 anos e meio, né? Isso! Então não é 16. Tem o meio! Foi bom o senhor me atentar com isso. Então nesses dois primeiros de 7 anos e meio a gente tem esses marcos, CEMEPE, tal, tal. E depois, nesses dois últimos, o que que o senhor colocaria que foi algo que realmente foi um feito do doutor Afranio nesse período?

CHAVES: Olha, a única diferença que eu vejo é o tamanho da Secretaria. É o tamanho do corpo docente, do corpo discente, as dificuldades oriundas disso.

**PESQUISADORA:** Dessa formação...

CHAVES: Da formação, da dificuldade que vem pelo tamanho que virou a Secretaria, pela enormidade do corpo docente e do corpo discente, né... são 9 mil funcionários, eu nem lembro direito, da Educação, qualquer coisa assim... 7.5000, 8.000, sei lá, um negócio assim, não lembro, perdi a conta disso. Então a dificuldade que existiu nessa segunda gestão do Afranio lá nos 8 anos do Odelmo foi justamente isso. Agora, o resto tentamos continuar construindo aqui e ali, lógico que num ritmo muito menor, né? Deu-se uma grande ênfase à educação infantil, porque quando nós assumimos com o Odelmo eram 5 mil crianças fora da escola. Nós abrimos acho que 15 mil vagas, se não me falha a memória. Quando nós saímos tinha 10 mil fora da escola!

**PESQUISADORA:** Nossa, um índice muito alto, né?

CHAVES: É! É muita coisa, eu tenho aí aquele cadernão com a fotografia de todas as diretoras!

**PESQUISADORA:** Gostaria de ver este caderno, se puder. Nossa! É, aí, depois, Seu Sérgio, como o senhor descrevia quem foi o doutor Afranio na Secretaria de Educação?

CHAVES: (pausa) Quem foi? Eu volto a dizer, foi o melhor Secretário de Educação que Uberlândia já teve e dificilmente vai ter outro igual! Sem dúvida! Uma visão de mundo aberta, muito inteligente, muito preparado, muito lido, né? Uma parte, vamos dizer assim, muito humana! O Afranio operou meia Secretaria, fazia plástica nas moças lá tudo e não cobrava nada! Só cobrava a parte do anestesista, do ajudante, e só! Não cobrava praticamente nada! Então ele tinha essa visão de mundo, então ele foi uma pessoa assim, ímpar de posturas, de competência, de prudência nas coisas... Não tem nada dele, nenhuma ação dele passando por cima (incompreensível)...

**PESQUISADORA:** Aquelas coisas impensadas, né?

CHAVES: Tudo pensado, jogava as coisas pra gente, os assessores mais próximos dele, discutia com a gente... A tal da reunião que a gente era dois ou três no máximo pra discutir alguma coisa, um plano dele, “que que você acha...”

**PESQUISADORA:** Mais no sentido de ouvir uma opinião de alguém que ele confiava pra exercer aquele serviço?

CHAVES: Teve algumas reuniões sim, mas muito poucas. E eu não ia!

**PESQUISADORA:** (risos) Porque só ia marcar a próxima, e o senhor não queria! É, quando o senhor fala “um homem lido”, o senhor me lembrou de uma dúvida: o doutor Afranio fez Pedagogia ou só a Medicina?

CHAVES: Pedagogia ele não fez não... Porque ele foi professor na escola de Medicina, ele lecionou. Porque o Afranio, quando foi pra lá, o Josias já era, que é o tio dele, né, o Josias de Freitas irmão da dona Joaninha, da mãe do Afranio, já era um senhor cirurgião. O Pitanguí aprendeu cirurgia com o Josias, lógico que depois ele foi pra Paris, foi pra França, e fez a especialidade dele em cirurgia plástica, mas a cirurgia em si ele aprendeu com o Josias. Então, aí o Afranio foi... como que fala? Assistente dele, e deu aula nas escolas onde o Josias dava aula e tudo mais, “papapa”, também deu aula. **PESQUISADORA: E outra coisa também, tem um fato também que chamou muito a nossa atenção, foi a questão das reportagens, né, as últimas que ele deu, ele falava muito do Anísio Teixeira, mas eu não consegui... é, o que que o senhor pode me contar disso?**

CHAVES: Demais! O Anísio Teixeira tinha um filho que era colega deles, então o Afranio ia muito à casa do Anísio Teixeira. E o Afranio se encantou com o Anísio Teixeira... eu não o conhecia, pra dizer a verdade eu pouco conversei com o Afranio sobre o Anísio Teixeira. O pouco que eu sei é [que] ele se encantou com o Anísio Teixeira. O Anísio Teixeira era uma cabeça assim... fora do comum, né, sobre educação e tudo. E o relacionamento veio através de um filho do Anísio Teixeira que foram colegas. Eu não sei se colega de escola, ou amigos, ou das unidades estudantis, de representação, ou do partido... isso aí eu não me lembro direito, eu sei que eles foram amigos, e colegas em alguma coisa também.

**PESQUISADORA: E tem um outro, um outro fato que o jornal traz... no primeiro, quando o Seu Virgílio ganha a eleição de 88, que ele começa a anunciar o secretariado dele, primeiramente ele anuncia o Afranio como Secretário de Saúde, e acho que uma Norma, não sei, como Secretaria de Educação, aí passam-se uns dias...**

CHAVES: Eu acho que eu houve um negócio desses...

**PESQUISADORA: Aí ele inverte, aí o Afranio está na Educação.**

CHAVES: Eu acho que houve esse negócio, eu não me lembro, eu vou te dizer uma coisa que eu não tenho certeza, parece que o Afranio refugou a Secretaria de Saúde... Parece!

**PESQUISADORA: Ah, pela paixão dele com a Educação...**

CHAVES: É, eu não tenho essa certeza não, mas faz tempo demais, né? (risos)

**PESQUISADORA: É, é memória, né, é muito fato pra lembrar (risos)**

CHAVES: Tem 30 anos, né? 30 anos!

**PESQUISADORA: É, 30 anos! É isso aí! Só que eu tô no Município já tem 32!**

CHAVES: É, pois é, 89 pra 2019, 30 anos! Eu não me lembro, parece que o Afranio deu uma refugada na Secretaria de Saúde, teve alguma coisa nesse sentido sim, eu não sei bem... Quem que você falou que seria a Secretaria? Eu não lembro...

**PESQUISADORA: Acho que não sei se era Norma ou Creusa... uma coisa assim, Norma ou Creusa, eu não me lembro muito bem o nome...**

CHAVES: Creusa Resende? Normi também, não?

**PESQUISADORA: Não, a Normi não, era alguma coisa assim que era...**

CHAVES: Não, eu não me lembro disso... Se não me falha a memória, o Afranio deu uma... “Saúde não!”. “Essa eu não quero!”

**PESQUISADORA: Então, no mais, é isso, seu Sérgio. Se o senhor tiver alguma coisa mais pra acrescentar, algum documento importante, o senhor pode falar “Olha, isso aqui vai te auxiliar muito”, ou se depois o senhor achar alguma coisa interessante e quiser me dar uma ligada também, pra tá contribuindo aí, porque tá um trabalho muito gostoso de fazer, porém árduo. Porque são memórias, né?**

CHAVES: Tudo bem! É, memórias! E aproveita porque não tem muita gente! (risos)

**PESQUISADORA: As memórias estão acabando, né? (risos) Então, aí eu vou lá... olha, são 3 jornais, o Correio de Uberlândia, o Triângulo e... tem mais um.**

CHAVES: O Repórter? Não, acho que o Repórter já tinha acabado...

**PESQUISADORA: Não, acho que o Progresso... É o Correio de Uberlândia, o Triângulo e acho que o Progresso. Sei que são 3 porque o Correio acompanha toda a trajetória, né? O outro jornal acompanha metade da trajetória e o outro a metade! (risos)**

CHAVES: Como é que chamava o Jornal do Zaire, da turma do Zaire, que eles fundaram?

**PESQUISADORA: É o Triângulo!**

CHAVES: Não...

**PESQUISADORA: Ah, o senhor fala agora, no último período, que foi só um tempinho curto?**

CHAVES: Não, era um jornal antigo, antes... O Triângulo era do Renato de Freitas. (pausa)

**PESQUISADORA: Não...**

CHAVES: Tem, tem um jornal que a turma do Zaire se apossou, comprou, sei lá, já estava fundado, eu esqueci o nome dele. Última... sei lá, não sei o quê.

**PESQUISADORA: Tem o Última Hora! Eu sei que tem Hora...**

CHAVES: Tem não sei o que, Hora.

**PESQUISADORA: Tem, tem!**

CHAVES: É esse!

**PESQUISADORA: Esse é o que o Zaire comprou? Primeira Hora. Inclusive eu acho que o redator desse jornal morreu agora, tem pouco tempo, que até, se for o que eu tô pensando.**

CHAVES: O pai do cara que era redator?

**PESQUISADORA: É, o que era redator do jornal!**

CHAVES: Como é que chama o rapaz? Sobrenome?

**PESQUISADORA: Não, não sei o sobrenome dele, ele até trabalhou no Município, ele era da EJA... Ele era responsável pela EJA. Acho que era Primeira Hora mesmo, eu vou olhar isso depois!**

CHAVES: É Primeira Hora!

**PESQUISADORA: Porque eu trabalho com esses 3 jornais e as memórias.**

CHAVES: O Triângulo... O Correio de Uberlândia era da UDN, né, do Alexandrino Garcia, na época, depois o Renato... aí lógico que ficou com o Virgílio, né, embora o Virgílio não tenha participação nenhuma com ele, nunca teve. Depois veio o Triângulo, que era do Renato, que era PSD, Partido Social Democrático, UDN era União Democrática Nacional. Aí veio o jornal, depois, da turma do Zaire, que era MDB,

né, PMDB, sei lá que que era. Que o Zaire também é de família que mistura, né? O avô dele, seu Thomazinho, e o tio, Toninho Resende, tudo era PSD forte, o outro tio-avô, seu José Thomas, era Udenista, a Dona Corina, que é tia dele, irmã do pai dele, casada com Seu Zacarias, que era o chefe da UDN... (risos)

**PESQUISADORA: Gente! Gente, vai fazendo uma mistura! Interessante, né?**

**Chaves, muito obrigada por sua colaboração.**

## ANEXO 1 — Dados de atendimento na Educação Infantil



ASSESSORIA PEDAGÓGICA  
 e-mail:  
[educacaoinfantil@uberlandia.mg.gov.br](mailto:educacaoinfantil@uberlandia.mg.gov.br)

### DADOS DO ATENDIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em: 26/12/2012

### SÍNTESE DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA EQUIPE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

#### ABRANGÊNCIA DO ATENDIMENTO EM 2012:

- 116 Escolas, sendo: 62 EMEI, 21 Escolas de Ensino Fundamental com salas de Pré-escola e 33 Unidades da Rede conveniada - ONG
- Aproximadamente .4.000 servidores
- Aproximadamente 19.000 alunos

### EVOLUÇÃO DO ATENDIMENTO DAS EMEI NO PERÍODO DE 2004 ATÉ 2012

Educação Infantil — Rede Municipal de Ensino

Atendimento	004	005	006	007	008	009	010	011	012
Creche (berçário a 3 anos)	.382	.709	.874	.894	.733	.534	.744	.919	.496
Quatro a cinco anos	.459	.108	.217	.163	.531	.707	.922	.058	.343
TOTAL	.841	.817	.091	0.057	1.264	3.241	3.666	3.977	5.839

( Referência: Educacenso)

- *A partir do ano de 2007, as crianças de 06 anos foram incluídas no atendimento do ensino fundamental de 09 anos ampliando o atendimento de crianças de zero a três anos em período integral e ampliando também o atendimento da criança de pré-escola nas idades de quatro e cinco anos em meio período.*

**Evolução do atendimento de crianças de creches ( 04 meses a 03 anos ) e pré-escola ( 04 e 05 anos) nas escolas municipais de Uberlândia no período de 2007 a maio de 2012.**

<b>Ano</b>	<b>Número de crianças atendidas</b>	<b>Ampliação de vagas</b>
2004	5.841	
2005	6.817	976
2006	7.091	274
2007	10.057	2.966
2008	11.264	1.207
2009	13.241	1.977
2010	13.666	425
2011	13.977	311
2012	15.839	1862
<b>Total</b>		<b>9.998</b>

Fonte: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br).

Número de vagas ampliadas no período de 2005 a 2012

**Aumento de 5.114 crianças** no atendimento de creche ( zero a três anos)

**Aumento de 4.884 crianças** no atendimento de quatro e cinco anos ( pré-escola)

**Aumento de 9.998 crianças no atendimento da educação infantil zero a cinco anos nas escolas da rede municipal no período de 2005 a 2012**

**EVOLUÇÃO DO ATENDIMENTO DAS EMEI NO PERÍODO DE 2006 ATÉ 2012**  
**REDE CONVENIADA**

<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
2824	2882	2777	2782	2944	3021	3081

Fonte: metas dos convênios das subvenções

**HISTÓRICO DA AMPLIAÇÃO DO ATENDIMENTO — Período 2005 a 2012:**

**JANEIRO DE 2005:**

eram 46 unidades escolares que atendiam a Educação Infantil ( denominadas: EMEI , EMA e UDI)

**ABRIL DE 2012:**

61 Escolas Municipais de Educação Infantil — EMEI.  
 01 Centro Solidário de educação Infantil / Parceria SERVAS  
 21 Escolas de Ensino Fundamental, com salas de educação infantil.  
 33 Unidades de atendimento de Educação Infantil Conveniadas com o Município (estas atendem 3.246 crianças de zero a cinco anos).  
 116 - Unidades escolares atendem crianças da Educação Infantil

**NESTA ADMINISTRAÇÃO:**

**Educação Infantil**

**Foram criadas 24 novas escolas sendo:**

09 Novas Escolas construídas  
 01 Centro Solidário de Educação Infantil  
 08 Novas escolas instaladas em prédios cedidos, ampliados, retomados e ou alugados  
 06 Anexos  
 22 Escolas ampliadas  
 01 Escola em construção ( Bairros: Jardim América)

**SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE  
 ENSINO DE UBERLÂNDIA:**

**10 construções:**

- ✓ Bairro: Morumbi - EMEI Anísio Spinola Teixeira no Bairro Morumbi — Ano 2007
- ✓ Bairro Seringueiras - EMEI Augusta Maria de Freitas- Ano 2009
- ✓ Bairro Osvaldo Rezende - EMEI Vera Anita Nascimento de Souza — Ano 2010
- ✓ Bairro Jardim Célia — EMEI Jornalista Luiz Fernando Quirino — Ano 2011
- ✓ Bairro Tocantins — EMEI Tocantins — Ano 2011 ( Reconstrução total da escola após queda de árvore)
- ✓ Bairro Shopping Park — EMEI do Bairro Shopping Park 2012 ( Maria Elvira Sabbag)
- ✓ Bairro Taiaman — EMEI Profª Eloah Marisa de Menezes - 2012
- ✓ Bairro São Gabriel — EMEI Profª Rosangela Borges Cunha — 2012
- ✓ Bairro Mansour -EMEI Profª Sonia Aparecida Álvares de Oliveira — 2012
- ✓ Bairro Jardim das Palmeiras — Centro Solidário de Educação Infantil / Parceria SERVAS

**08 novas escolas instaladas em prédios cedidos, ampliados, retomados e ou alugados:**

- EMEI do Bairro Dom Almir
- EMEI do Bairro Mansour
- EMEI Professora Gesimeire de Fátima Araújo ( Bairro Jardim Finotti)
- EMEI Líria Emília Saraiva ( Bairro Lídice)
- EMEI do Bairro Custódio Pereira
- EMEI Hipólita Teresa Eranci com Anexo EMEI Hipólita Teresa Eranci
- EMEI Profª Izildinha Maria Macedo do Amaral ( Bairro Luizote)
- EMEI do Bairro Guarani

**AMPLIAÇÃO DO ATENDIMENTO, ASSEGURANDO A QUALIDADE DO TRABALHO DESENVOLVIDO ATRAVÉS DA MELHORIA DO ESPAÇO FÍSICO.**

**⇒ 10 NOVAS ESCOLAS CONSTRUÍDAS**

- ✓ **EMEI Anísio Spinola Teixeira** no Bairro Morumbi para atendimento de crianças de berçário a 05 anos. Construção nova escola contendo 4 salas de aula, 3 berçários, setor administrativo e de serviço completos.

- ✓ **EMEI Augusta Maria de Freitas** no Bairro Seringueiras para atendimento de crianças de berçário a 05 anos. Construção de nova escola contendo 10 salas de aula, 3 berçários, setor administrativo e de serviço completos.
  
- ✓ **EMEI Vera Anita Nascimento de Souza** no Bairro Osvaldo Rezende para atendimento de crianças de 03 a 05 anos. Construção de nova escola contendo 7 salas de aula, setor administrativo e de serviço completos.
  
- ✓ **EMEI Jornalista Luiz Fernando Quirino** no Bairro Jardim Célia construída com recursos Projeto Moradia )  
Construção de uma nova escola contendo 04 salas, 03 berçários e setor administrativo completo.  
Atendimento de 240 crianças
  
- ✓ **EMEI do Bairro Tocantins — Bairro Tocantins** ( Reconstrução total da escola após queda de árvore)  
Atendimento: 253 crianças de 0 a 4 anos, ampliação do atendimento que antes era apenas para crianças de 3 e 4 anos — oferta de mais 60 vagas.  
Construção de 05 salas de aula, dois berçários com fraldário, área administrativa completa (sala de direção, sala de pedagogos, secretaria, sala de professores, depósito de material) cozinha, amplo refeitório, quiosque, lavanderia, banheiros adulto e infantil adaptados e área de recreação externa.
  
- ✓ **EMEI do Bairro Shopping Park ( Maria Elvira Sabbag)** Atendimento: 233 crianças de 0 a 5 anos.  
Construção de 05 salas de aula, dois berçários com fraldário, área administrativa completa (sala de direção, sala de pedagogos, secretaria, sala de professores, depósito de material) cozinha, refeitório, lavanderia, banheiros adulto e infantil adaptados e área de recreação externa. Em ampliação: construção de mais 06 salas de aula e banheiros infantis.
  
- ✓ **EMEI Profª Eloah Marisa de Menezes - Bairro Taiaman** Atendimento: 236 crianças de 0 a 5 anos.  
Construção de 08 salas, sendo 04 para atendimento de creche e 04 salas de atividades, 01 biblioteca, 01 sala de informática, área administrativa completa (sala de direção, sala de pedagogos, secretaria, sala de professores, depósito de

material) cozinha, amplo refeitório, lavanderia, banheiros adulto e infantil adaptados e área de recreação externa.

- ✓ **EMEI Profª Rosangela Borges Cunha - Bairro São Gabriel** - Atendimento: 230 crianças de 0 a 4 anos.

Construção de 08 salas, sendo 04 para atendimento de creche e 04 salas de atividades, 01 biblioteca, 01 sala de informática, área administrativa completa (sala de direção, sala de pedagogos, secretaria, sala de professores, depósito de material) cozinha, amplo refeitório, lavanderia, banheiros adulto e infantil adaptados e área de recreação externa.

- ✓ **EMEI Profª Sonia Aparecida Álvares de Oliveira — Bairro Mansour**  
Atendimento 120 crianças de berçário a três anos

A PMU reformou as cinco casas anteriormente utilizadas pelo PISC Mansour que estavam desativadas. As novas instalações foram totalmente adaptadas com um projeto arquitetônico adequado para o atendimento de crianças em idade de creche ( zero a três anos). Possui 02 berçários, com fraldário; 05 salas de atividades, banheiros infantis, banheiros para adultos, banheiros adaptados para pessoas com deficiências; cozinha, refeitório; secretaria, sala de direção, sala de coordenação pedagógica, sala de professores, quiosque, lavanderia e depósitos.

- ✓ **Centro Solidário de Educação Infantil / Parceria SERVAS — Bairro Jardim das Palmeiras**

Atendimento: Previsão inicial: 200 crianças

Construção de uma nova escola contendo 02 berçário, 07 salas de atividades, 01 biblioteca, Salas (para atendimento de crianças de berçário a cinco anos) , setor administrativo completo, cozinha, refeitório, depósitos e banheiros infantis e adultos com adaptação para pessoas com deficiências .

⇒ **ABERTURA 08 NOVAS ESCOLAS** — (instaladas em prédios cedidos, ampliados, retomados e ou alugados)

- ✓ - **EMEI do Bairro Guarani** — Construção em parceria com a Associação Feminina do Bairro Guarani para atendimento de crianças de berçário a cinco anos. 04 salas para o atendimento de crianças de berçário a 05 anos.
- ✓ - **EMEI do Bairro Custódio Pereira** — atendimento 04 e 05 anos ( em 2005 as crianças da pré-escola eram atendidas em um anexo da E. M. Osvaldo Vieira )
- ✓ - **EMEI Hipólita Teresa Eranci** — atendimento 02 a 05 anos no Bairro Morumbi (assentamento Zaire Rezende). Com anexo no bairro Celebridade ( estas escolas foram construídas pela missionária Dra Amália Passin e repassadas em comodato para a PMU que forneceu todos os mobiliários , alimentação e funcionários. -
- ✓ - **EMEI Izildinha Maria Macedo do Amaral** — Bairro Luizote de Freitas. Atendimento 03 a 05 anos. Esta escola foi criada para atender a grande demanda do bairro Luizote. A PMU ampliou e reconstruiu uma escola existente que funcionava como anexo da E. M Profª Ceci Cardoso Porfirio.
- ✓ - **EMEI do Bairro Dom Almir** — atendimento berçário a 05 anos. (Esta unidade era cedida para o atendimento do LAR ) Foi ampliada pela PMU para tender mais 100 crianças )
- ✓ - **EMEI Gesimeire F. Araújo** — atendimento berçário a 05 anos ( Esta unidade foi transferida para a PMU pela Igreja Presbiteriana)
- ✓ - **EMEI do Bairro Mansour** integrado às ações do Projeto VIVA MANSOUR
- ✓ - **EMEI Líria Emília Saraiva** — atendimento de berçário a cinco anos ( Esta unidade foi instalada para atender as crianças da creche Maria João de Deus que teve seu atendimento encerrado)

⇒ **Abertura de 06 Anexos**

- ✓ Anexo EMEI Santa Luzia — atendimento 02 a 4 anos — Bairro Granada Ano 2006
- ✓ Anexo - EMEI Hipólita Teresa Eranci - atendimento 02 a 05 anos no Bairro Celebridade — ano 2007
- ✓ Anexo — EMEI Anísio Spinola Teixeira — atendimento 4 e 5 anos — Bairro Morumbi — Ano 2008)

- ✓ Anexo — EMEI do Bairro Patrimônio — atendimento berçário a cinco anos — Bairro Tabajaras — Ano 2009
- ✓ Anexo — EMEI Vera Anita Nascimento de Souza — atendimento de 02 e 03 anos — Bairro Osvaldo Rezende — Ano 2012
- ✓ Anexo — EMEI do Bairro Roosevelt — atendimento de 02 a 05 anos

⇒ **Anexos anteriormente existentes e investimentos feitos pela atual administração**

Identificação do anexo	Investimentos feitos pela atual administração
Anexo — EMEI Maria Pacheco Resende — Bairro Santa Mônica / atendimento da Pré-escola	Mudança de endereço para melhor atender os alunos. Anteriormente funcionava em Rua muito movimentada, foi transferido para a mesma Rua da escola sede
Anexo — EMEI Jean Piaget — Bairro Taiaman — atendimento da pré-escola.	Reforma geral das instalações, construção de banheiros e 01 sala de aula.

⇒ **22 ESCOLAS AMPLIADAS: ( 2005 A 2010 )**

- ✓ - **EMEI Nossa Senhora das Graças** / atendimento 01 a 03 anos  
Bairro Nossa Senhora das Graças  
Construção de 02 salas de aula, banheiros.
  
- ✓ - **EMEI Raimundo Vieira da Cunha** / atendimento 02 a 05 anos  
Bairro Aclimação  
Construção de 02 salas de aula, cozinha, sala de professores banheiros.
  
- ✓ - **EMEI Monteiro Lobato** / atendimento berçário a 05 anos  
Bairro Custódio Pereira  
Construção de 02 salas de aula, sala para professores, secretaria ,  
almoxarifado
  
- ✓ - **EMEI Cora Coralina** / atendimento berçário a 05 anos  
Bairro Ipanema

Construção de 04 salas de aula, banheiros, reestruturação da área administrativa

- ✓ - **EMEI Pampulha** / atendimento berçário a 05 anos  
Bairro Pampulha  
Construção de 01 sala de aula, banheiros, lactário, lavanderia, sala para professores,  
reestruturação da área administrativa,
- ✓ - **EMEI Planalto** / atendimento berçário a 05 anos  
Bairro Planalto  
Construção de 05 salas de aula, banheiros, reestruturação da área administrativa
- ✓ - **EMEI Profª. Maria Beatriz Vilela** / atendimento de 01 a 05 anos  
Bairro Industrial  
Construção de 02 salas, ampliação da cozinha, área administrativa.
- ✓ - **EMEI do Bairro Dom Almir** - atendimento de 01 a 05 anos  
Bairro Dom Almir  
Construção de 02 salas, construção de quiosque e reforma geral.
- ✓ - **EMEI Professora Izildinha Maria Macedo do Amaral**  
Bairro Luizote de Freitas  
Construção de 06 salas, banheiros, quadra, cozinha, área administrativa.
- ✓ - **EMEI Irmã Maria Aparecida Monteiro**  
Bairro: Esperança  
Construção de galpão coberto, banheiro de professores, ampliação do refeitório.
- ✓ - **EMEI Profª. Edna Aparecida de Oliveira**  
Bairro: Santo Inácio  
Construção de 03 salas, 02 sanitários, cozinha, lavanderia, banheiro de serviços e diretoria.

- ✓ - **EMEI Roosevelt**  
Bairro: Roosevelt  
Construção de 03 salas de aula, 03 berçários, 02 sanitários, lactário, quiosque, casa de boneca, parque infantil, diretoria, departamento pedagógico e supervisão.
  
- ✓ - **EMEI Marta Helena**  
Bairro: Marta Helena  
Construção de uma sala de supervisão, secretaria, casinha de boneca, depósito pedagógico, reforma da cozinha, sanitários, muro e pintura geral.
  
- ✓ - **EMEI Maria Aparecida Silva / Berçário a cinco anos**  
Bairro: Jardim Brasília Construção de 04 salas de aula, 02 berçários e 02 sanitários.
  
- ✓ - **EMEI Grande Otelo (2009)**  
Bairro: Patrimônio  
Ampliação dos setores administrativos, de serviços e área de recreação e muro.
  
- ✓ - **EMEI Francisco Bueno Monteiro (2009)**  
Bairro Maravilha  
Ampliação de 3 salas de aula, 1 berçário, 1 brinquedoteca, banheiro para funcionários,  
adequação de setor administrativo
  
- ✓ - **EMEI Profª Cornélia Yara Castanheira ( 2009/2010)**  
Bairro: Segismundo Pereira  
Construção de 02 berçários, 04 salas de aula, setor administrativo, de serviço e área de recreação.
  
- ✓ **EMEI Jean Piaget ( 2009/2010)**  
Bairro: Taiaman  
Construção de 04 salas de aula, reforma do refeitório e construção de 02 sanitários.

Reforma geral do anexo com a construção de 01 sala de aula.

- ✓ **-EMEI Cruzeiro do Sul ( 2009/2010)**  
Bairro Cruzeiro do Sul  
Ampliação de 2 salas ,2 sanitários, construção de refeitório, casinha de bonecas e 1 secretaria
  
- ✓ **-EMEI Maria Terezinha Cunha Silva (2010)**  
Bairro Alvorada  
Construção de 2 sanitários e reforma geral
  
- ✓ **-EMEI Maria Claro (2010)**  
Bairro São José  
Reforma geral da escola com adequação do setor administrativo, cozinha e espaço externos, construção de banheiros e área lavanderia.
  
- ✓ **-EMEI Patrimônio (2010)**  
Bairro Patrimônio  
Reforma geral da escola com adequação do setor administrativo, cozinha e espaço externos, construção de banheiros e área da lavanderia.

⇒ <b>CONSTRUÇÃO EM ANDAMENTO</b>
----------------------------------

<b>Escola — Projeto PROINFÂNCIA</b>	<b>Previsão de vagas</b>
<p>Bairro Jardim América — EMEI Prof. Sérgio Aparecido Silva</p> <p>✓ Atendimento: 230 crianças de 0 a 4 anos.            Construção de 08 salas, sendo 04 para atendimento de creche e 04 salas de atividades, 01 biblioteca, 01 sala de informática, área administrativa completa (sala de direção, sala de pedagogos, secretaria, sala de professores, depósito de material) cozinha, amplo refeitório, lavanderia, banheiros adulto e infantil adaptados e área de recreação externa.</p>	244 vagas

*(\*) Esta previsão poderá ser alterada de acordo com o número de inscrições e matrículas por idade apresentadas em cada unidade e o atendimento de crianças com deficiência.*

<b>23 Áreas foram reservadas para novas construções nos bairros</b>
---

Bairro Canaã (02)  
 Bairro Jardim da Palmeiras (02),  
 Bairro Luizote de Freitas,  
 Bairro Jardim Europa,  
 Bairro Jardim Botânico,  
 Bairro Mansour,  
 Bairro Pacaembu,

Bairro Morumbi,  
Bairro Sucupira,  
Bairro Planalto,  
Bairro Jardim Patrícia,  
Bairro Martins,  
Bairro Santa Luzia,  
Bairro Cidade Verde,  
Bairro Jardim Itália,  
Bairro Morada Nova,  
Bairro Guarani, Aclimação,  
Bairro Alto Umuarama( 02),  
Bairro Shopping Park

## ANEXO 2 — Convênios

## PROGRAMA PROINFÂNCIA — Referência aos Convênios FNDE e SIMEC

**ATIVIDADES DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM OS PROFISSIONAIS  
DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E INSTITUIÇÕES CONVENIADAS  
PERÍODO 2005 A 2012**

<b>Ano</b>	<b>Projeto de Formação</b>	<b>Público Alvo</b>	<b>Quantidade e de participantes</b>	<b>Observações</b>
2005	CEPPEDI — Ciclo de Estudos com Professores, Pedagogos e Educadores Infantis	Pedagogos e Educadores Infantis das escolas de educação infantil	300 profissionais por mês	Realização de oficinas, minicursos, palestras, sendo 02 turmas com 30 participantes em 05 dias
2006	Curso com recursos do FNDE	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis das escolas de educação infantil	1.450	Carga horária de formação: 120 horas
2007	Projeto Formar em Rede. Tema: O Brincar	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de Serviços Gerais das escolas de educação infantil	2.058	Parceria com o Instituto Avisalá
2008	Projeto Formar em Rede. Tema: Leitura pelo professor	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de Serviços Gerais das escolas de educação infantil	2.462	Parceria com o Instituto Avisalá
2009	Projeto Formar em Rede. Tema: Artes Visuais	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de	2.917	Parceria com o Instituto Avisalá

		Serviços Gerais das escolas de educação infantil		
2010	Projeto Formar em Rede. Tema: Matemática	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de Serviços Gerais das escolas de educação infantil	3.068	Parceria com o Instituto Avisalá
2011	Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de Serviços Gerais das escolas de educação infantil	3.279	
2012	Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	Diretores, vice-diretores, Pedagogos e Educadores Infantis Assistentes Administrativos e Auxiliares de Serviços Gerais das escolas de educação infantil	4.000 (aproximadamente)	

**Observações**

Todos os convênios referentes as etapas 01, 02 e 03 foram aditados por 01 ano.

As documentações das etapas 02 e 03 estão completas. Já ocorreram licitações para as etapas 02 e 03, porém, foram desertas.

**Etapa 01 — Convênio FNDE 806080/2007**

<b>Bairro</b>	<b>Endereço</b>	<b>Tipo de Construção</b>
1-Bairro Jardim América	Av. Vinícius de Moraes, esquina com Rua Vivaldi Cunha	Tipo B — Em andamento
2-Bairro Taíaman	Rua dos Taróis s/n	Tipo B — Funcionando com equipamentos da PMU
3-Bairro São Gabriel/Seringueiras:	Av. Serra do Espinhaço, esquina com Rua Serra Santa Helena	Tipo B — Funcionando com equipamentos da PMU

**Etapa 2 Convênio FNDE 710390/ 2008**

<b>Bairro</b>	<b>Endereço</b>	<b>Tipo de Construção</b>
1- Jardim Europa	Rua José Fonseca e Silva com Rua Belgrado e Rua Orvieto — Jd Europa	Tipo C
2- Bairro Jardim Botânico	Área institucional AI.3A, Rua.Raizes, esquina com Rua Turbina	Tipo B
3-Bairro Jardim das Palmeiras II:	Alameda Otávio Rodrigues Oliveira com Al. Jordelina Borges AI 04A (Considerando a Área 04B - sistema viário Rua 01)	Tipo C
4- Bairro Mansour	Rua Rio Jequitinhonha, esquina com Av. José Fonseca e Silva. - - <b>Área:</b> AI. J2 Área institucional	Tipo B
5- Bairro Pacaembu	Rua da Pitanga, entre Rua do Conde, Rua Simão Pedro e Rua Maria Grossi Raniero	Tipo C
6- Bairro Morumbi	Área institucional AI A5A, Rua do Moinho esquina com Rua Jurubeba	Tipo C
7- Bairro Sucupira	Rua dos Araçás com Rua do Ipê Amarelo — AI 03	Tipo B
8-Bairro Planalto	Rua do Feirante esquina com Rua do Ruralista - <b>Área:</b> 37 A	Tipo B

**Etapa 3 — Convênio FNDE 700302/2008**

<b>Bairro</b>	<b>Endereço</b>	<b>Tipo de Construção</b>
1- Bairro Jardim das Palmeiras II	Alameda Rodrigo Pereira de Souza com Alameda João de Almeida e Alameda Deoclesiano Martins	Tipo B
2 - Bairro Luizote de Freitas	Rua Roberto Margonari	Tipo B
3- Bairro Canaã:	Av. Jericó entre as Ruas Queila e Rua Golã	Tipo B

**Etapa 04 - PAC 2 Cadastro SIMEC  
Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle**

	<b>Bairro</b>	<b>Endereço</b>	<b>Tipo de Construção</b>	<b>Referência</b>
1	Jardim Canaã	Rua Gaza, Rua Mileto, Rua Jericó e Rua Betel	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 001
2	Jardim Patrícia	Rua do Óleo, Rua Silex, Rua do Ônix	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 001
3	Bairro Martins	Rua Higino Guerra, Rua Vieira Gonçalves e Rua Arlindo Teixeira	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 002
4	Bairro Santa Luzia	Av. Angelino Favato com a Rua José Divino Cardoso	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 004
5	Cidade Verde I	Quadra 2 — Área Institucional 02	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 006
6	Jardim Itália	Área Institucional 05 esquina com Rua I e com Rua Firenze	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 002
7	Bairro Morada Nova II	Área Institucional situada na confluência da Av. D com as Ruas Marcelino Bertoldo e Cláudio José Bisinoto	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 003
8	Bairro Guarani	Rua do Frevo com a Ria Rancheira e Rua do Congado	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 005
9	Bairro Aclimação	Rua Paineira da Índia com Rua Projetada TN-01 com Área de Recreação Pública e Gleba 1B do Condomínio Terra Nova	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 003
10	Bairro Alto Umarama	Rua Adhemar de Freitas Macedo, Rua Francisco Bueno Monteiro e A.I.01	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 006
11	Bairro Custódio Pereira	Rua Luiz Roberto Alcântara/ José Humberto Alcântara/ Paulo de Frontin/ Conrado de Brito	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola 005
12	Bairro Shopping Park	Rua SP 102, confluência entre Av. SP-118 e Rua Maria Marques da Silva	TIPO B	PAC 2 — creche pré escola MCMV 004

**Atenção:** Verificar situação de cada processo da etapa 04 e providenciar encaminhamentos solicitados nas diligências.

## **ANEXOS**

### **Listas:**

Endereços das Escolas Municipais de Educação Infantil

Endereços das Unidades da Rede Conveniada

### **Quadros:**

**Número de Alunos da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia — 2000 a 2012**

Evolução das Ações Implementadas nas EMEI — Período 2009 a 2012 ( Arquivo Assessoria Pedagógica)

### **Registros em mídia — CD**

Registro fotográfico dos Projetos de Formação — 2005 a 2012

Registro fotográfico das construções e ampliações de EMEI — 2005 a 2012

Registro fotográfico dos cenários das EMEI.

### **Portfólios dos Projetos de Formação**

Formar em Rede e Rede em Formação 2007 a 2012

*Célia Maria do Nascimento Tavares*  
Assessora Pedagógica Educação Infantil / SME  
Dezembro de 2012